OBRAS

DE

D. FRANCISCO ALEXANDRE LOBO.

OBRAS

DE

D. FRANCISCO ALEXANDRE LOBO,

BISPO DE VIZEU.

IMPRESSAS Á CUSTA DO SEMINARIO DA SUA DIOCEZE.

TOMO II.

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DE JOSÉ BAPTISTA MORANDO.
RUA DO MOINHO DE VENTO N.º 59.

1849.

PROLOGO.

Este segundo volume das obras do Bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo contém o *Elogio historico do Bispo Inquisidor Geral D. José Maria de Mello* e a *Memoria historica e critica ácerca* de *Fr. Luis de Sousa* e *das suas obras*, impressas já nas Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa: a *Memoria historica e critica ácerca* do *Padre Antonio Vieira* e *das suas obras*, que já tinha sido impressa em Coimbra em 1823 com o titulo de *Discurso historico e critico*, e que sahe agora com as correcções e addicionamentos feitos pela propria letra do Author; e que são os que elle mandou escrever, no exemplar que offereceo á Academia Real das Sciencias para se verificar huma segunda edição (que se não realizou), com a Advertencia, que neste volume precede a Memoria, e que tambem pos-

suimos de propria letra do Author: a *Resumida noticia da Vida de D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello* sexto Duque de Cadaval, impressa em Pariz em 1837; e em fim o *Resumo da historia da Igreja do Antigo Testamento*, segundo a Edição de Coimbra de 1822.

São as obras historicas que ficárão completas das do Bispo D. Francisco Alexandre Lobo, além da Memoria sobre Camões, e da Historia da Campanha de 1810, já publicadas no primeiro volume.

Não faremos observações sobre cada huma destas producções de tão illustre engenho. Por pouco reflexivo que seja o leitor não deixará de parar de vez em quando para admirar nellas o elevado dos pensamentos, a brandura dos affectos, a amenidade e propriedade do estilo. Arrebatão, dominão, encantão: he necessario respirar por algum tempo a fim de saborear o que escreve este insigne Portuguez.

Em quanto á Historia Sagrada, sem fallar na felicidade da divizão, do bem escolhido dos factos, que se apontão como principaes, no methodo e clareza da narração, observará o leitor que hum certo ar de novidade que se encontra em acontecimentos, aliás tão conhecidos a todo o Christão, medianamente culto, e as reflexões tão bem trazidas sobre cada hum destes acontecimentos, prendem e enlevão por tal modo com a sua, por assim dizer, admiravel magica, que bem a custo se interrompe a leitura do Livro, e bem a pezar se lhe vê o fim.

No terceiro volume, se Deos permittir que se imprima, irá a collecção das Pastoraes, e papeis pragmaticos: collecção de alto merecimento e incalculavel utilidade para ecclesiasticos e para seculares; e assim iremos proseguindo com a publicação deste thesouro de litteratura Portugueza = Em quanto os annos e circumstancias no-lo consentirem. =

No fim vai huma errata, a que pedimos aos leitores queirão recorrer, antes de começar a leitura.

ELOGIO HISTORICO

DO EX.^{MO} E REV.^{MO} BISPO INQUIZIDOR GERAL,

D. JOSÉ MARIA DE MELLO.

A 10 de Setembro de 1756, nasceo na Quinta de seus Pais sita no Lumiar, suburbios de Lisboa, o Senhor D. José Maria de Mello, filho de Francisco de Mello, Monteiro Mór do Reino, e de D. Maria Mascarenhas; Neto pelo lado Paterno de Fernão Telles da Silva, filho segundo dos quartos Condes de Tarouca, e pelo Materno do terceiro Conde de Obidos D. Manoel Mascarenhas. Pouco ou *nada vale*, aos olhos da boa razão, huma ascendencia generosa se lhe não corresponde a educação e aproveitamento dos que descendem. E he neste caso, muito de preferir o nascimento humilde que se encosta a alguma virtude pessoal, ainda que não seja extraordinaria. Porém se os descendentes de illustres maiores recebem delles adquado ensino e o não mallogrão, ou se incitados de esplendidos exemplos domesticos, e ajudados da elevação honesta de animo, que he tanto de esperar nos que vem de nobres *avós, se* propõem seriamente a emparelha-los, ou pelo menos a não os deshonrarem, ninguem dirá que a valia propria se não realça muito com o luzimento da linhagem. He, para me servir de huma comparação, bom lavor e talvez primoroso, assentado em materia de grande preço.

O Senhor D. José Maria de Mello, a quem coube em sorte o descender de todas as Familias mais illustres e an-

tigas deste Reino, enlaçadas ha muito com a dos Mellos, por si só em antiguidade e explendor distintissima, teve tambem a de nascer com a mais feliz indole para a virtude, e de receber desde logo huma educação Civil e Christã, semelhante á com que erão criados os Portuguezes do tempo glorioso, em que a nossa Patria dava exemplos sublimes, e causava invejas ás mais poderosas Nações do Occidente. Aquelles moços, que ao sahir da infancia se tornavão heroes, erão criados com muito desvelo no temor de Deos, na lealdade aos Principes, no amor exaltado da patria e da honra, no desprezo da dôr e da morte, quando a boa razão dictava que a Deos, ao Principe, á Patria e honra se fizesse sacrificio dos commodos e da vida. Não se apagou de todo este sagrado fogo com o correr dos annos e com o desastre da nossa sugeição; n'algumas casas e familias, e maiormente entre as nobres, durou encoberto: e quero crer que dura ainda, para se inflammar outra vez offerecida a occasião, e dar luz de que se tornem a maravilhar as gentes estranhas. Peitos aptos para a virtude nem sempre achão accommodadas circumstancias, porém nunca faltão ás que lhes offerece, quando he servida, a Providencia.

Tal foi certamente a criação que teve na casa de seus Pais o Senhor D. José Maria de Mello; e o natural tão apropriado e bem disposto acceitou e fomentou as sementes preciosas, de que ao depois provierão tantos frutos de pura virtude. Então lançou raizes dilatadas e seguras a piedade sincera, affectuosa, e constante, o profundo respeito ao throno, a jactancia honesta com que se prezava de Portuguez; então o amor intenso de tudo o que era recto e subido, e aversão invencivel do erro e baixeza; então a compostura, o segredo discreto e inviolavel, a compaixão dos desgraçados, o habito de desculpar os fracos; então

finalmente aquella urbanidade delicada, oiro com que sempre he preciso encobrir as desigualdades desta nossa natureza, de que foi, se me he licito arriscar neste ponto a minha opinião, modello consumado, e em que teve alguns iguaes, mas a meu ver não teve superior.

Deo muito cuidado ao principio, a fraqueza da sua constituição, e houve fundado receio de que não medrasse por muito tempo a tenra planta. E he certo que se o esmerado desvelo dos que o criárão chegou a dar remedio á *fraqueza* natural, nunca a venceo de todo, porque teve sempre saude pouco firme ou duvidosa, que por muitas vezes assustou os que o amavão; que forão em todo o tempo tantos como os que bem o conhecião. Veio porém a grangear certa força e a entrar na idade, em que os moços começão entre nós a aprender as letras; e não se demoravão os que governavão a sua educação em lhe procurarem *mestres* de boa doutrina, e puros costumes, de quem recebeo as primeiras lições.

Quando a batalha infelicissima de Alcacerquivir prostrou o Rei e o Reino, a Litteratura Portugueza havia subido a tal ponto, que podéra, sem muita temeridade, contender de primazia [1] com a de Italia, e reputar-se avantajada á de todos os outros Estados da Europa. O nobre impeto para todas as castas de gloria, a quietação interior e o favor e incitamento de Principes grandiosos, nos levárão a procurarmos os proveitos e a fama esplendida, que *procedem* do trato das sciencias e boas artes. Conservamos brazões honrados, que attestão e hão de attestar á distan-

[1] Seis annos antes se tinhão estampado as Luziadas, e tres depois he que na opinião de alguns, appareceo a *Gerusalemme* do Tasso. Ozorio pudéra certamente contender com os melhores Latinistas da Italia, e deixar a victoria pelo menos indecisa.

te posteridade o nosso ardente empenho na cultura das letras, e corôas de alto preço, que ganhámos tambem nesta carreira. Nenhum povo tão pouco avultado em numero, a não serem os Gregos, se póde jactar de troféos mais gloriosos, no tempo do gosto são e apurado.

E hé forçoso confessar, para fazer justiça á nobreza do nosso Reino, que ella não se contentou com o louvor mais arriscado e mais arduo das armas, deixando o das letras sómente ás outras classes do Estado. Desde que o Grande Henrique, servindo aos intentos de seu Pai, e ajudado de seus Irmãos, abrio este novo caminho á honra Portugueza, até que em 1578 acabou tão desastradamente a flôr da Monarchia, pudéra nomear bom numero de Fidalgos, que se derão aos estudos com distincto aproveitamento, e que talvez os unírão com outros empregos importantissimos da paz e da guerra: mas são muito conhecidos de quem não ignora totalmente a nossa historia [1], e não he bem que se gaste o tempo em repetir o que sabem até as pessoas mais levemente instruidas. Não póde todavia ceder a esta consideração o grande apreço e subida conta em que tenho, entre os que ajuntárão estudo das letras com os empregos da paz e da guerra, o admiravel D. João de Castro varão pouco menos que singular, a que vem tanto ao justo o titulo de heroe e cidadão, que nos pudéra invejár Roma, e Roma nos dias de Marco Regulo, ou do primeiro Africano; e o illustre Aio d'ElRei D. Sebastião, D. Aleixo de Menezes, cujos conselhos nascidos de saber, experiencia e raro aviso, se fossem melhor ouvidos, atalharião

[1] Os versos em que Sá e Miranda, fallando das letras, diz — *á nobreza as ajuntastes — com quem d'antes tinhão guerra* — são bons argumentos no que toca ao tempo d'ElRei D. João III., e no que toca ao antecedente bastaria o exemplo de D. Garcia de Menezes, para convencer o poeta de alguma exaggeração.

a lastimosa catastrofe do Principe e da patria, e os detrimentos de força, riqueza e gloria, que ainda hoje lamentamos.

Com a sujeição a Principes estranhos mudou de fórma, porém não acabou entre nós o desvelo nas letras; antes os animos subidos, evitando ir dar em Flandres e Italia, o sangue e a vida sem emolumento da patria, e ao contrario com seu damno, se entregárão pela maior parte aos estudos, como consolação e unico emprego: e se o ruim gosto dos dominadores alterou, como era natural, a pureza fermosissima do nosso, ainda lhe resistírão, mais ou menos cada hum delles, dois fidalgos de tão boa linhagem, como forão o inimitavel Manoel de Soiza Coitinho, e D. Francisco Manoel de Mello. Continuárão, depois da briosa Revolução, os Condes da Ericeira, de Tarouca, de Villarmaior, e de Vimioso; de modo que quando ElRei D. João V. quiz instituir a Academia da Historia, achou tambem nesta *ordem* pessoas muito entendidas, que o pudérão servir e servírão, naquelle mui nobre empenho: empenho, cujos uteis effeitos se não devem avaliar tanto pelos volumes, posto que grossos, das Actas da Academia, como por nascer delle em certo modo a recommendavel Arcadia; donde quasi que não sahírão, como a historia ou a fabula refere da maquina Troiana, senão Principes e heroes. E se o favor, que aquelle Monarcha d'altos espiritos deo ás Musas, incitou e accendeo os peitos de outros Cidadãos, tambem levantou chamma nos de muitos sujeitos da nobreza, que a forão conservando e communicando, nos tempos que se seguírão, aos mancebos da sua qualidade.

Teve assim o Senhor D. José Maria de Mello, na sua mesma familia e parentella exhortações e exemplos, e achou nos moços de igual nascimento, occasião de virtuosa competencia; o que junto com grande comprehensão, memo-

ria feliz e discrição natural, foi poderosa causa de fazer nas letras muito progresso. Estudou bem as Linguas Latina, Italiana, e Franceza; e chegou a fallar as duas ultimas com a maior promptidão e propriedade, a que póde alcançar hum estrangeiro, que as aprende na sua patria. Da Ingleza, que então era entre nós menos conhecida, não tratou ainda; mas estudou-a depois de alguns annos, e dentro de curto espaço de tempo, e com pequeno trabalho se pôz em estado de entender bem as delicadezas da elocução de Pope e da de Milton [1]. Com o estudo das Linguas unio o da Filosofia, o das Instituições Oratorias e Poeticas e o dos rudimentos da Historia e suas companheiras, ou auxiliares inseparaveis, a Geografia e a Chronologia. Os que o ensinavão cansavão-se menos em lhe expôr as razões, ou fundamentos das regras da Rhetorica e Poetica, que mal póde comprehender o entendimento pouco profundo, e muito distrahido em tão verdes annos, do que em lhe fazerem advertir e conhecer as elegancias e bellos rasgos dos Oradores e Poetas antigos e modernos, levando-o a entregar á memoria os que lhes parecião para isso mais accommodados. Foucquault [2], que o conversava naquelles primeiros tempos, entretinha-o muito com a lição das obras de Molière, Corneille, Racine, Boileau, e La Fontaine, e determinava-o a tomar de cór, entre as excellentes, varias passagens, que elle ainda nos annos provectos, repetia com fi-

[1] Pouco mais de seis mezes antes da sua morte o vi eu notar, com grande intelligencia e acerto, a menos fidelidade de huma traducção moderna Franceza, em varios lugares do *Paraizo perdido* de Milton.

[2] Luiz José Foucquault, que ao depois foi Contador e Deputado da Junta da Fazenda da Universidade de Coimbra, onde morreo, e onde he ainda agora lembrado e recommendado o zelo e inteireza, com que se houve naquelle emprego.

delidade, apurado discernimento, e mui entendida admiração. Admirava sobre tudo a naturalidade inimitavel de La Fontaine, os grandes traços de Corneille, os côros da Esther, e o todo perfeitissimo da Athalia de João Racine.

Era então muito frequentado o Theatro Italiano pela nossa Côrte, seguindo o exemplo do Principe que alli procurava, nos momentos em que o requer a natureza, desenfado dos seus graves trabalhos. Representavão-se n'aquelle theatro os dramas de Metastazio, postos em musica pelos Mestres immortaes, della, Perez e Jomelli, e executados pelas melhores vozes procuradas com especial empenho e despeza. Concorrião muitos espectadores a lograr as honestas doçuras da Poezia e da Musica, tão engenhosa e suavemente unidas. Mas a attenção dos melhores entendimentos era dirigida principalmente e occupada, com as da Poezia. Metastazio, quando se compara, no que toca á invenção e creação completa das acções dramaticas, com os modellos Gregos e Francezes, certamente fica muito a perder de vista de qualquer delles, e obriga a critica mais indulgente a negar-lhe o titulo de Poeta, no que diz respeito a esta parte tão primaria, ou antes essencial, de que toda a Poezia deriva o nome. Porém no que toca á verdade, e graça dos pensamentos, á naturalidade com que os declara, á viveza riquissima de affectos principalmente ternos e maviosos, á facilidade admiravel da rima, he reputado justamente hum dos melhores poetas de que póde blazonar hum povo, que tem tanto de que blazonar neste genero de riquezas. Em vão se procura nos seus paineis novidade, e variedade de desenho, invenção propria, e sabio artificio de composição; mas sempre offerecem aquella fermosura branda e graciosa, que se encaminha tão prompta e docemente ao coração, e de que fazem tamanho apreço os bons avaliadores. Não deixárão de o fazer naquella occasião os nos-

sos compatriotas; e da estimação de Metastazio procedeo o principiar a renovar-se em Portugal o gosto da Poezia Italiana, e a lêr-se mais e com maior admiração o Poema epico do Tasso; hum dos immortaes monumentos do genio moderno, que bastaria por si só a honrar a Nação em que nasceo. Deste gosto tão diffundido entre as pessoas cultas, participou tambem o Senhor D. José Maria de Mello, que desde aquella idade começou a tratar e saborear as bellezas da *Jerusalém libertada*, de que fez em todo o tempo grande caso; mas não sem conhecer, entre o puro e fino oiro daquelle excellente poema, o falso luzente, com que o Tasso se deixou allucinar, e que o torna certamente inferior ao grande Epico Portuguez.

Com o entendimento pois, tão apurado quanto he de suppôr de huma boa indole, a que se applicára desvelada cultura; com a memoria enriquecida de traços mui primorosos da Poezia e Eloquencia classicas dos antigos e modernos; preparado com accommodadas noções da historia; e sobre tudo enlevado já na fermosura tão attractiva das boas artes, e accendido em desejos de adiantar no trato das Sciencias, chegou aos dezeseis annos de idade e á occasião em que, segundo o proposito dos que os dirigião, devia ir continuar na Universidade de Coimbra os seus estudos. Esta Universidade, famoza por sua tão afastada origem, e muito mais pelos illustres cidadãos, que em cresceido numero tem dado á Republica das letras, havia grangeado desde os dias de ElRei D. João III. esplendido nome dentro em Hespanha e fóra della: porém declinára com os tristes successos do fim do seculo XVI. e cahíra no mesmo somno, ou antes lethargo, em que cahírão as mais partes do Estado, e os animos todos desta Nação generosa, quando se vio pela contraria fortuna privada da sua independencia. Cobrou acordo o Reino e grande actividade ou-

tra vez, restaurando o seu legitimo Governo, mas foi obrigado a emprega-la, logo em porfiada e temerosa guerra, e depois em curar as feridas e remediar os estragos, que havião causado os grilhões e as armas. Corrêrão sincoenta e dois annos (como o mal que pela maior parte estraga com repentino impeto, se remedea sempre com grandes vagares) desde a paz [1] até que ElRei D. João V. pôde pôr em pratica o util pensamento de crear a Academia da Historia; e outros tantos corrêrão desde o nascimento da Academia da Historia, até que ElRei D. José I. pôde metter os hombros á grande obra da reformação da nossa Universidade. Tão insigne obra, procurada com tamanho zelo, disposta com tão bom conselho, ajudada por tantos meios de grandeza sumptuosa, veio a completar-se naquelle mesmo tempo; e o Senhor D. José Maria de Mello encaminhou-se para Coimbra quasi ao mesmo passo que o abalizado Ministro, de quem o Principe fiára a execução da traça propriamente Real, e cuja capacidade não era inferior, como todos sabem, á muita importancia do encargo.

Seguindo o costume dos mancebos da primeira nobreza e o uso antigo da sua mesma familia entrou, como Porcionista, no Collegio Real de S. Paulo, que se compunha então de pessoas doutas e graves, algumas das quaes, correndo o tempo, occupárão com honra grandes lugares na Magistratura e na Igreja. De todas grangeou em breve a estimação, e até affeição, o vivo engenho, a dignidade sempre accommodada aos annos, a doçura de termos e o comedimento do novo Porcionista. E não ficou sómente nos seus Collegiaes, que o conversavão todos os dias e tão de

[1] A paz que veio pôr termo á guerra dilatada da Acclamação, foi feita em 1668 e ElRei D. João V. creou a Academia da Historia em 1720.

perto, este apreço e inclinação ás suas boas prendas e modo suave com que sabia cativar os animos. Eu o ouvi referir em algumas occasiões, com agradecida veneração, varias mostras do grande obsequio com que o tratava o Lente de Canones e Freire Conventual de S. Tiago no R. Collegio das Ordens Militares, Manoel Tavares Coitinho; ancião muito authorisado, que ao depois foi Bispo de Portalegre, de cuja gravidade, prudencia e inteireza dão pleno e unanime testemunho todos aquelles que o conhecêrão. Entre estas demonstrações de obsequio recordava-se, com prazer, da recommendação, que Manoel Tavares Coitinho fizera delle algumas vezes ao Senhor Antonio Ribeiro dos Santos, tambem Freire Conventual da Ordem de S. Tiago no mesmo Collegio; tão proprio para dirigir com acerto o Senhor D. José Maria de Mello nos seus estudos, como este era merecedor dos seus conselhos, e apto para os seguir com aproveitamento. Desde então formou, no que diz respeito ás bellas artes, conceito honroso e justo, que se foi accrescentando e confirmando cada vez mais, do bom saber, do fino e seguro discernimento do Senhor Antonio Ribeiro dos Santos; litterato na verdade muito distincto, que a morte roubou tambem a Portugal, com pouca differença de dias, no mesmo mez e anno [1], em que lhe roubou o Senhor D. José Maria de Mello.

Matriculado em Direito no mez de Novembro de 1772, entrou a frequentar as aulas da Universidade, e a dar ás doutrinas aquella applicação que ellas requerem, e que não requeria menos o ardor, que tanto o incitava a procurar verdade e sciencia. Os mancebos que com elle

[1] O Senhor D. José Maria de Mello falleceo a 9 de Janeiro, e o Senhor Antonio Ribeiro dos Santos falleceo a 16 tambem de Janeiro de 1818.

concorrião, ou da sua jerarchia ou das outras, quando chegassem ao igualar nos dotes da natureza, não podião facilmente excede-lo, e muito poucos se acharião tão preparados com o alicerce das letras humanas, sem o qual não he possivel erguer nas sciencias maiores edificio muito alto, e menos possivel ainda ergue-lo seguro e de bem vistosa apparencia. E posto que saude de continuo incerta, e accessos frequentes de molestia mais grave, impedissem muito os esforços a que o seu ardente desejo o levava, desde o principio da carreira se distinguio notavelmente entre *os condiscipulos*, igualando os que por capacidade e applicação davão maiores esperanças. Vencido o primeiro anno, continuou nos seguintes, entre os mesmos obstaculos e todavia com a mesma distincção, a estudar a Historia e Direito Ecclesiasticos, na fórma e pelo methodo apurado que acabavão de assinar as sabias providencias do Principe. Embebeo-se então dos bons principios do Direito da Igreja, *que sem tirarem* ás legitimas authoridades o que lhes he devido, lhes marcão comtudo justos limites; e sem recusarem hum centro indispensavel á boa ordem e harmonia de partes em toda a sociedade que merece este nome, lhe determinão respeitosamente a esfera da sua influencia, como a determinou, nem mais nem menos, o Divino Legislador da Sociedade Christã. A hum entendimento tão penetrante e ao mesmo tempo tão moderado não podia escapar aquelle justo ponto, donde se desvião, para ambos *os lados* ou obsequio cego e servil, que não diz com a dignidade do homem, ou desatinada liberdade, que não desdoira menos a nossa razão, e póde ser que cause maiores damnos.

Habilitou-se ultimamente para tomar na Faculdade de Direito Canonico o gráo de Bacharel, que tomou com effeito a 24 de Outubro de 1776. Devia proseguir n'ou-

tro anno para coroar os seus estudos Academicos com o acto que os Estatutos chamão de Formatura: mas foi embaraçado por hum dos insultos de doença grave a que era, maiormente por aquelles primeiros tempos, muito sujeito. Fevereiro seguinte trouxe a este Reino mudanças politicas de grande importancia. A 24 delle foi Portugal, pelo falecimento do Augusto Rei D. José I. privado de hum Monarcha, cuja memoria será entre nós sempre viva com respeito e agradecimento. Tomou as redeas do Estado a virtuosa Princeza sua filha e herdeira, e seguírão-se algumas novidades mui proprias de sua estremada piedade. O Senhor D. José Maria de Mello teve então liberdade para se recolher á Real Casa das Necessidades e Congregação do Oratorio de Lisboa, e para pôr assim em obra hum pensamento que largo tempo d'antes o desvelava. Seus illustres Pais já não vivião: seu Tio e Irmãos com outros Parentes, sem approvarem inteiramente a resolução, de que aliás respeitavão a causa, não se atrevêrão com tudo a estorva-la: e como elle se vio sem obstaculo que o podesse deter arresoadamente, entregou-se ao impulso da sua inclinação, e associou-se aos Congregados do Oratorio de S. Filippe Neri a 29 de Junho de 1777; rompendo os estreitos vinculos de hábito e parentesco, calcando as lisongeiras promessas do seculo, e tendo em pouca conta reparos, que só podião topar em considerações de ambição ou de vaidade.

Com o Governo tão benigno da Rainha D. Maria I. e com a valia notoria e a influencia de seus Parentes abria-se, na verdade, hum campo dilatado ás esperanças ambiciosas do Senhor D. José Maria de Mello, se este Fidalgo levantasse em sua idéa as fabricas pouco solidas, mas apparatosas, que até chegão a desvelar os animos menos vulgares. Quer abraçasse o Estado Ecclesiastico, quer perma-

necesse no Secular, não ha dúvida em que conseguiria sem difficuldade os primeiros empregos; maiormente com tão reconhecidas disposições para se haver nelles muito á satisfação de quem lhos devia confiar, e para merecer o honroso conceito e applauzo de todos os bons juizes. Nem fôra certamente coisa estranha que hum mancebo, naquelle tempo da vida em que nos assaltão mais as illuzões e as sabemos rebater menos, se deixasse enganar como quasi todos os homens, e seguisse o caminho que a todos mostra por ultimo a experiencia, que para a *felicidade* a que anhelamos he o menos acertado. Annos maduros, doutrinados por successos varios, advertidos huma vez e outra da inconstancia da fortuna, e sempre, se fizessem bom reparo, da vaidade dos seus dons, deixão-se levar comtudo e talvez procurão com ancia as luzidas chimeras que só chegão a conhecer, com maravilha, por fumo e sombra quando he já tão vão como ellas o desengano. E tal he, não sei se diga a fraqueza, se a vaidade humana, que a vida e vigor das Republicas, e quando menos o seu activo meneo e accelerado movimento, depende em grande parte desta nossa propensão a ter e abraçar a nuvem sempre fugitiva, se já não he o *duro* e *nojoso* monte que fantasiou a imaginação tão poderosa do nosso Poeta.

Casos ha em que experiencias severas, obrando em animos menos ligeiros, os encaminhão porfim á estrada real, e por ella os levão á paz e contentamento duravel, em que consiste aqui a nossa felicidade; mas não he senão por fim, e depois que o viajante tem com mil fadigas trilhado os areaes ingratos e vagado entre sustos pelas temerosas soledades do deserto. E se alguma vez hum falso luzeiro, ou hum estouvado arrojo procedido de ruins humores, leva mancebos a romperem com os engodos e apparencias da vida ordinaria; como a luz era enganosa e o im-

pulso desaconselhado, achão em lugar de paz que se promettião, tumulto mui inquieto: e ou tornão peiores, ou forcejão desesperadamente por tornar ao mesmo ponto, sem recolherem mais que arrependimento vergonhoso da empreza que acommettêrão com temeridade. Poucas vezes se encontrão reunidos na primavera dos annos, conselho são e verdadeiro desengano, em que assente desprezo dos bens meramente imaginarios, e theor de vida tão quieto e suave como constante.

Esta reunião, por certo rara, foi todavia quem causou aquella sisuda resolução do Senhor D. José Maria de Mello. Sei que as pessoas, a quem nesse tempo poderia merecer reparo o passo importante que elle deo, não ajuizárão assim. Humas o tiverão por impeto juvenil, outras o attribuirão a religião excessiva em idade tão viçosa, todas o notárão de muito precipitado. Excusaveis me parecem, e até especiosos, estes modos de o avaliar. Assás difficultoso he avaliar ao justo, e muito mais antes de ser levado ao cabo, qualquer empenho alheio. He natural, fóra disso, referir hum procedimento da mocidade, e principalmente dos que tem muito de resolutos, áquelle fervor de espiritos, com que ella procura de contínuo sahir dos limites em que o uso e educação ordinaria a mandão conter, e moverem sempre os frutos, que se antecipão ás estações proprias, alguma suspeita de menos perfeição. De mim confesso que se naquella occasião tivesse de o julgar, tambem o reputaria procedido de sobejo ardor dos poucos annos. Porém temos aqui mais hum argumento de que a verdade não acompanha em todo o caso a verosimilhança. Ponderando, não com a leveza com que eu então o faria, mas com o assento e séria reflexão com que o Senhor D. José Maria de Mello ponderou, não fica dúvida de que hum mancebo que se achava falto da saude e vigor, que

requerem o exercicio das armas e todas as funcções da vida *pragmatica*, não tinha fortes motivos que o obrigassem a continuar no trato do mundo e da côrte; e que inclinado ao socego e letras, chamado ao serviço, menos esplendido mas não menos util, dos proximos, e aos proveitos do seu proprio espirito pelo caminho da religião, andaria com acerto e até com grande prudencia em se afastar das distracções, e evitar os embaraços domesticos, deixando em certa distancia a usual communicação dos companheiros da primeira idade. E como por outro lado a successão da Familia, quanto o podia alcançar bom discurso humano, estava [1] assegurada, e as rendas da casa Paternal, muito atenuadas, requerião algum alivio de encargos, não restavão para o deter senão ou desejo de mandar, ou amor de representações e pompas: paixões não muito delicadas para vencerem hum coração subido, e laços muito grosseiros com que não era possivel que se enleasse hum animo tão isento.

E não se presuma que pinto a meu sabor e com côres da fantasia, attribuindo ao Fidalgo de quem escrevo, em vez dos pensamentos proprios, os que reputo que lhe serião mais airosos. Nem eu me sinto inclinado a fazer-lhe sacrificio da verdade, nem o seu louvor preciza de tão despreziveis astucias. Na constancia com que perseverou em suas tenções, e na Congregação a que se recolheo, pódem todos achar decisivas provas da muita gravidade e moderação pouco vulgar, com que tomou tão séria determinação. Os effeitos de impeto não durão muito mais do que

[1] Affiançavão então a Casa Fernando de Mello, e Domingos de Mello, irmãos do Senhor Inquizidor Geral, e seu sobrinho Francisco de Mello, filho de Fernando de Mello; os quaes todos morrêrão na flor da idade, e os bens passárão ao Ex.^{mo} Marquez de Olhão, tambem neto de Fernão Telles da Silva, por sua mãi D. Joanna de Mello.

o impulso de que procedem. Hum sobejo enthusiasmo não pára em meios termos, corre ao contrario, ou voa, sem outra medida que a de seu ardor, para os extremos. O Senhor D. José Maria de Mello foi firme em sua opinião, não só por todos os dez annos em que viveo na Real Casa das Necessidades, mas tambem depois que para o encarregar da Igreja do Algarve o arrancou della a Providencia: e fallando mais propria e exactamente, em todo o tempo se lembrou com viva saudade daquelle seu amado retiro, e desejou desprender-se de negocios, e vencer todos os obstaculos, para se tornar a elle e o lograr em desafogo, entregue só ás innocentes occupações, com que adiantasse em pura e sublime virtude, e enriquecesse e ornasse por estudo seu entendimento. A Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri não he destas corporações ou institutos em que o encarecimento e estreiteza dos votos, o profundo da solidão, as austeridades da disciplina sirvão a mover o enthusiasmo ou attrahi-lo. He huma grave associação de Ecclesiasticos, que tem por unico vinculo o desejo unanime de alcançar a perfeição do seu estado, que não evitão do mundo senão os embaraços á virtude e os riscos de a perder, que no modo regular de vida se limitão á simplicidade e frugalidade do Christão, obrigado a ser em seus costumes doutrina e exemplo aos homens do seculo. Não he tolhido a cada hum que aspire no seu particular á pratica tão alta dos Conselhos Evangelicos; mas em commum restringem-se aos propositos e funcções do Sacerdocio e ao serviço da Igreja, de que nunca se póde desunir o do Estado, pelos meios da religião e da litteratura. De maneira que nenhum entendimento capaz de alcançar principios verdadeiros, e inferir delles rectamente poderá, quando pezar bem a grave moderação do instituto, e o apreço em que o teve sempre quem o abraçou, arguir leviandade na escolha, ou

allucinado arrojo no empenho. Causa por certo maravilha tamanho assento e tão fria reflexão, em idade pouco maior de vinte annos; mas nem por isso se deve pôr em dúvida verdade tão provada, e por outro lado tão notoria: he sim forçoso concluir que este mancebo no alcance e firmeza da razão, sabia muito da curta esfera em que costuma limitar-se ou encerrar-se a razão dos homens, que fôra pouco dizer dos mancebos ordinarios. . . . .

A tão sisuda resolução devia naturalmente corresponder, e correspondeu fórma de vida ordenada com igual *prudencia*, e ajustada em tudo ás razões do instituto e aos fins com que fôra procurado. Escusado he dizer de tal sujeito que seguio, como principal e invariavel presupposto, o cumprir com a maior pontualidade as obrigações que com a nova associação havia contrahido. O tempo, os cuidados e obras, de que podia dispôr sem faltar hum ponto áquellas obrigações, erão dados unicamente a outros actos de *piedade*, *ou* aos livros de doutrina e bom gosto, ou ás solicitações com parentes poderosos a favor dos infelizes, que procuravão em grande numero o seu valimento, e que achavão sempre o remedio, quando lho podia dar a mais activa e extremada diligencia. O coração por natureza compassivo e generoso, accendido ainda mais pelo fogo da caridade dos proximos que respira a cada clausula o Evangelho, e que he indisputavelmente a alma nobilissima do Christianismo, não sabia recusar-se a negocios que se recommendavão pela necessidade e desamparo dos requerentes, e pela justiça ou equidade das pertenções; assim como não podia cerrar-se ou endurecer-se, ás queixosas lastimas e sintidos clamores da pobreza. O Governo de ElRei D. José havia-lhe conferido hum Beneficio, não dos mais avultados, entre aquelles que chamamos simplices. Pouco e bem pouco lhe podia restar do seu producto, depois de

paga a pensão costumada entre os Congregados do Oratorio, e da compra de alguns livros que desejava possuir com inteira propriedade. Mas esse mesmo pouco era logo empregado em acudir, e talvez antecipar os brados da indigencia, e sôbre tudo, pois que a sua caridade foi sempre regulada pela maior discrição, e a sua virtude fugio em todo o tempo dos apparatos e fausto do fingimento, em soccorrer as pessoas que se dobião em silencio, e atalhar com braço occulto a ruina de quem a falta do necessario punha em risco de se despenhar, quasi por força, em temeroso precipicio.

Não sei porém resolver se nos devemos maravilhar mais da prudencia consummada, da nobre filosofia, do sublime Christianismo, de que a traça deste modo de viver dá claro argumento, se da constancia nunca alterada, nem ainda remittida, com que em todo o tempo a seguio com a fidelidade mais escrupulosa. Delinear com acerto e executar fielmente o que se delineou he o tudo a que se reduz em summa a maior sabedoria humana; mas he tambem aquelle ponto mui remontado, a que alcanção raros sujeitos. Hum entendimento penetrante, activo e recto, ajudado da leitura e frequente e profunda reflexão, perceberá com facilidade o que he melhor, e concertará com bom aviso os mais ajustados meios de o conseguir. Tem feito na verdade muito; mas ainda lhe resta por fazer a maior parte. O mais e o mais arduo he trilhar, sem desmentir hum ponto, o caminho que se propoz sabiamente, e marchar com firmeza entre as alternativas do tempo, as variações dos affectos, as repugnancias dos obstaculos. Quanto mais vivo he o entendimento, e por isso mais proprio para crear ou levantar arbitrios, menos apto he de ordinario para os seguir sem discrepancia. Como que se empecem e destroem reciprocamente estas duas preciosas qualidades do homem.

Bem poucos ao menos, as sabem pôr de acordo: e vem daqui as differenças, as incoherencias, e até as contradicções, que a cáda passo notamos e de que nos lastimamos, entre os melhores conselhos e a sua execução. Mas pede a rigorosa justiça, que entre os poucos que as sabem ou tem sabido concordar, nomeemos confiadamente o Senhor D. José Maria de Mello.

A cada linha receio parecer hum enthusiasmado panegyrista, ao mesmo tempo que não quero passar de historiador; e acho-me talvez naquella situação em que se tem *achado* alguns viajantes, referindo aos homens da sua patria e do seu tempo especies e successos verdadeiros, que estes pódem comtudo reputar sonhos fantasticos e fabulosos de quem os refere. Porém obrigado necessariamente a proceder entre dois perigos, ou de parecer fabuloso e vão, ou de esconder e depravar o que tenho por verdade, não hezito em fugir do segundo, como ainda menos honrado e mais alheio, seja-me licito dize-lo, do meu modo de pensar e das minhas inclinações. No composto de prendas e virtudes, que assim se póde chamar, em que consistia o caracter deste Fidalgo, a que a meu ver sobresahia mais era a constancia nos propositos que formava depois de madura deliberação. Não havia nelle mudar, ou ainda afastar-se hum pouco em razão do tempo, da força das instancias, da rezistencia dos impedimentos, dos reparos, o que he mais, dos outros homens, huma vez que os tivesse por mal fundados. O unico movel para se descer em taes casos da sua opinião, era o vir a conhecer que tinha errado, ou que circumstancias novas requerião de hum grave entendimento que o primeiro proposito se desfizesse. Era então prompto em confessar o seu engano, e em mudar ou emendar os meios d'antes preparados: como quem conhecia perfeitamente que tamanha he a sabedoria em mudar

quando occorrem justas occasiões, como he aliás em perseverar; e que a obstinação não he menos impropria do varão sisudo que a leviandade. ¿ Como poderia pois, aquelle tão assentado animo alterar hum plano de vida toda de bemfazer, toda de piedade, toda de necessario e proveitoso estudo, cuja traça exclue necessariamente o erro, e a que nenhumas circumstancias, por mais varias e novas que se imaginem, devião trazer motivos de o reprovar?

Vida, disse, de bem fazer e de necessario e proveitoso estudo. Em todo o tempo, e sempre por igual, foi eminente a piedade do Senhor D. José Maria de Mello. Nem preciza o seu historiador demorar-se neste ponto com muitos e apertados argumentos. A todos sem excepção, foi a sua grande piedade notoria, ou por proprio conhecimento, ou pela fama pública e universal. Mas de algumas pessoas, contando neste numero certos entendimentos, de quem eu pudêra requerer justamente maior rigor em ajuizar, foi avaliada com menos justiça do que a verdade pedia. Eu o sei com toda a certeza; e sou obrigado, em desagravo da verdadeira virtude, a desenganar as que ainda hoje em certo modo a injurião por conceito errado. Hum homem de boa razão, hum Christão digno deste subido nome, não póde ter mais ou menos piedade, que aquella de que seu coração era possuido, e que influia dalli para todos os seus procedimentos. Nem o governava o ardor insensato, que ou he zelo descomedido e violento, ou he furor disfarçado com apparencias de zelo; nem punha a religião e culto em praticas absurdas, em devoções indiscretas, em excessos que a sabedoria Christã sempre reprovou e reprova. Guiado pela luz do Evangelho e dictames da Santa Igreja Romana, o seu obsequio era racionavel, a sua adoração em espirito e verdade, o seu contínuo sacrificio hum coração limpo, penetrado de respeito, e accendido em vivo amor.

A religião adoravel de Jesus apparecia no theor da sua vida, tão pura, tão elevada, e ao mesmo tempo tão amavel como ella he na sua fonte. O mundo póde ser que em alguns casos o chegasse a notar até de superstição e de fanatismo; fazendo duas gravissimas injúrias á bondade de seu coração, e ao seu tão claro e seguro entendimento: mas eu lhe advirto que ou hade condemnar o Evangelho, que a mesma incredulidade apregoa como hum primor de moral religiosa, ou hade approvar e respeitar o Christianismo que reluzia em todas as suas acções.

Estou bem longe de affrontar o tempo e geração presentes chamando-lhes, ou suppondo-os inimigos da piedade. Em nenhum tempo o genero humano póde ser impio. A razão levou e levará sempre os homens a reconhecer huma causa toda poderoza e benefica, de que elles dependem, e a tributar-lhe o respeito e amor que correspondem áquelles soberanos attributos, e em que está a essencia da piedade. As mais altas especulações da Filosofia concordão aqui com os instinctos menos apurados do homem barbaro. Hum Deos reconheceo e respeitou a elevada razão de Newton, hum Deos reconhecem e temem os homens rudes das mais remotas e incultas ilhas do mar Pacifico. E até Lucrecio não ousa negar o temor e amor da Divindade no coração humano; o mais a que chega he a derivar estes affectos de baixas causas, e tirar assim, por hum conselho mais proprio dos seus intervallos de demencia que dos lucidos, á nossa natureza o seu maior preço. Ás outras causas, tão urgentes e tão numerosas, de professar e amar a religião Christã ajunta ainda hum Portuguez o timbre deste honrado nome, e as inclinações e habitos herdados de seus maiores. Nem era além disso possivel, que animos tão briosos fizessem menos caso da religião de seus Pais, na idade em que a vião mais perseguida, ou que bons entendimentos

deixassem de colher novos motivos, para lhe serem fieis, do nobre e evidente triunfo que ella ganhou sôbre a sabedoria meramente humana, e sobre o poder e a corrupção de tempos prosperados e por isso mesmo perversamente deliciosós. Não se póde negar comtudo, que nos ultimos sincoenta ou sessenta annos o fumo das paixões ennevoou para alguns homens o luzeiro brilhante, que o antigo fervor descahio para tibieza, e que tanto se enfatuou o orgulho da razão, que mal soffrião as direcções do Christianismo, e quasi que intentárão disputar com elle igualdades. Daqui procedeo nestes homens esquecimento das regras da nossa religião, indifferença ás suas praticas e muito injusta parcialidade em ajuizar das tenções e avaliar os actos da sua observancia. E era bem de esperar que tão incompetentes avaliadores equivocassem zelo com fanatismo, confundissem com praticas mesquinhas até os desempenhos da Lei, e doestassem a mais entendida piedade de mal aconselhada e cega superstição.

Com a sua usada penetração antevia sem dúvida o Senhor D. José Maria de Mello estes falsos conceitos; mas despresando-os, como merecem, proseguia inalteravelmente na carreira de piedade e de estudo, que havia principiado. Posto que lançasse, ántes de partir para Coímbra, os bons fundamentos de linguas e de humanidades, que já dissemos, e que na Universidade se applicasse com aproveitamento e credito ás materias de Direito Ecclesiastico, bem conhecia que faltava muito por adquirir da necessaria doutrina; nem he coisa facil pôr limites á ingenua e honesta curiosidade de saber, e de lograr os prazeres puros com que algum trabalho, no estudo das letras, he tão copiosamente recompensado. A Sciencia da Religião, de que tinha já sufficiente noticia, devia ser e foi mais profundada. D'ella he parte muito essencial a doutrina Biblica, de que mal

podia prescindir quem conhecia a sua importancia relevantissima, e quem usava saborear com frequencia as doçuras que todo o entendimento, e maiormente o piedoso, encontra ao lêr os Divinos Livros dos dois Testamentos. Os elementos do Direito Canonico bem entendidos, e por isso tidos em maior preço, incitavão a cavar mais e a grangear cabedal maior. E se quem professa o Direito Canonico caminha sempre guiado da luz da historia Ecclesiastica, tão intimamente travada he com esta a historia das Nações e successos civís, que he de todo impossivel separar o exame ou estudo de ambas. A tudo isto pois, se dêo com ardor, e em tudo fez o notavel progresso, que he sabido das pessoas que nos tempos seguintes tiverão occasião de o ouvir e de o tratar. Não quero dizer, porque não quero alterar em hum só apice a verdade, que em todos ou em qualquer destes ramos da erudição humana adquirio riquezas, em que pudesse competir com os abalizados professores, que de voz ou por escripto os ensinavão com distincção; quero sim dizer que em todos e cada hum se proveo de conhecimentos pouco vulgares, e certamente maiores do que se podião esperar de huma saude fraca, e de hum sujeito que não fundava em letras esperanças de estabelecimento ou de fortuna.

He precizo porém confessar, que este progresso foi muito ajudado pelas circumstancias da casa e companhia que procurou para o seu retiro. A cultura das sciencias e boas letras he com effeito o segundo, mas ainda principal emprego da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri. Tanto que este instituto entrou em Portugal, logo se recommendou com particularidade pelo amor dos estudos e por sujeitos de distincta litteratura. O Padre Manoel Bernardes deixou muitas obras de piedade, que ainda em tempos em que taes escriptos não erão tão procurados, forão lidas por quem desejava aperfeiçoar-se em estylo, e enri-

quecer-se da nossa linguagem classifica; o Padre João Baptista foi entre nós hum dos restauradores da boa Filosofia; o Padre Antonio dos Reis cultivou com grande felicidade a Poezia Latina, que o gosto dos Portuguezes contemporaneos preferia em certo modo á vulgar; o Padre Francisco José Freire, que vertendo em Portuguez a Poetica de Horacio e empenhando-se em escrever a vida do grande Henrique, mostrou justa e entendida admiração da melhor obra didactica que nos ficou da antiguidade, e do homem por ventura maior [1] que produzio a Europa moderna, foi huma das pessoas que contribuírão muito para se renovar o bom gosto das letras Portuguezas. Nem acabou com estes e outros muitos o lustre litterario daquella Congregação. Quasi no momento, em que se lhe associou o Senhor D. José Maria de Mello, recobrava ella o Senhor Theodoro de Almeida, Valentim de Bulhões, o Senhor Antonio Pereira de Figueiredo, e florecião Antonio Alvares, o Senhor Joaquim de Foios e Clemente Alexandrino; todos muito acreditados de doutrina e todos zelosos propagadores da melhor. Até succedeo que varias razões, que não pertencem a este lugar, trouxerão a viver alli o Conde de S. Lourenço, Pai do primeiro Marquez de Sabugóza, parente muito proximo do Senhor D. José Maria de Mello, e Fidalgo cujo trato, por sua lição vastissima e memoria muito notavel, não só era fonte copiosa de instrucção, mas devia tambem accrescentar a chamma do amor das letras e dar azas para voar a quem já corria. Assim que tão insignes e tantos exemplos, tão acertados conselhos, e tão valentes estimulos, se

[1] Se a grandeza de hum homem se mede pelo arduo, magnifico e proveitoso das suas emprezas, e pela discrição e constancia magnanima com que as põe em pratica; qual dos Europeos modernos se poderá igualar com o nosso Infante D. Henrique?

por hum lado persuadem com facilidade o muito aproveitamento do Senhor D. José Maria de Mello, por outro o tornão menos de admirar. Não ha pasmoso merecimento em corresponder a circumstancias tão favoraveis ¿ Mas quem póde escurecer que o ha em escolher e procurar estas circumstancias de proprio movimento, e com tamanha, e inesperada ponderação ?

A austera gravidade dos estudos antecedentes foi temperada com os agrados e amenidade das boas Artes. Para alli o inclinavão muito huma imaginação rica e formosa, hum coração brando, e sobre tudo os habitos que contrahíra nos primeiros annos. Não he possivel na verdade sentir a sua belleza, e não as amar; amallas, e renunciar, sem a mais crescida violencia, á suavidade do seu trato. Ellas são as mais deliciosas occupações de todas as idades, como já disse quem as conheceo perfeitamente, e em todos os lances da *vida humana*. Na sua cultura exercitão-se todas as *potencias* do nosso espirito, a todas cabe a mais viva e honesta recreação, todas pódem achar motivos e occasiões de presumirem de si com a satisfação tão doce do amor proprio bem regulado. Mais de espaço e com a maior consideração, que admittião já os annos e pedia o augmento das luzes, entrou a lêr as obras Rhetoricas de Cicero, as Instituições do judicioso Quintiliano, e a Poetica de Horacio; livros preciosos, em que os preceitos se reunem com os exemplos, e em que a razão da arte apparece revestida e *ornada da* maior elegancia, que póde convir ao assumpto. Do exame das regras passou a comparar com ellas as producções dos melhores Mestres em todas as linguas que conhecia. E como as regras não podião ser mais seguras, nem mais bem comprehendidas, e ao seu entendimento sobejava agudeza e rectidão para comparar com acerto, veio por este modo a adquirir o mais puro e delicado gosto nas ma-

terias de eloquencia e poezia, de maneira que me não lembro de encontrar outra pessoa, que ajuizasse com maior promptidão e segurança das virtudes, ou defeitos de qualquer das obras destas duas admiraveis artes.

Aos escriptos Portuguezes deo muito especial applicação, e conhecia distinctamente as nossas riquezas; que na verdade são maiores do que de ordinario se presume. Sá e Miranda, por me limitar aos Poetas, Luiz de Camões, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes lhe erão familiares; e não ha no Poema dos Luziadas huma estancia, entre aquellas em que o Poeta refere ou allude á historia do nosso Reino, que não andasse presente á sua memoria. Ao lêr a falla estupenda do Condestavel, a batalha de Ourique com todas as façanhas do primeiro Affonso, o duello de Inglaterra e tantos outros pedaços, em que a alteza dos pensamentos, a propriedade e valentia das imagens, a melodia dos versos se disputão, sem victoria, a primazia, o estro e patriotismo do grande Poeta achavão a mais adequada correspondencia na admiração e patriotismo não menos ardente do leitor. Devia proceder do trato mui attento e frequente destes insignes classicos, e de outros em proza igualmente insignes, e procedeo hum vasto e profundo conhecimento da nossa lingua, que tinha em grande e bem fundada conta; e que fallava e escrevia com pureza nos nossos tempos rara, e com perfeita, mas desaffectada propriedade. Ainda depois que tão torpe mistura de absurdos peregrinismos corrompeo esta excellente lingua, as duas classes extremas da Nação Portugueza a forão conservando a seu modo com louvavel tenacidade; e varias vezes reflecti, que nos termos, na fraze, na pronunciação, os nobres da nossa Côrte erão em geral as pessoas que fallavão mais regular e urbanamente. Comtudo tambem notei que, entre estes nobres, nenhum o excedia e poucos podião contender com elle; prin-

cipalmente na copia dos termos, no conhecimento do seu rigoroso valor, e na intelligencia da sua justa e bem accommodada applicação. . . . .

Nove annos e meio passou neste retiro innocente, e antes digno de muito louvor, sem mostrar em hum só lance que se lembrava com saudade da Côrte e do Mundo, a que decididamente tinha renunciado no seu interior. Alli esperava acabar seus dias na paz do coração e adiantamento de espirito, que devia provir de tão graves intenções postas em pratica com tamanho acerto e continuadas com tal constancia. Sem quebrar com os seus Parentes que amava, como era de razão, e de quem era muito amado; frequentando-os nas occasiões opportunas; tomando parte nos seus negocios quando a justiça e o parentesco o pedião, nem por isso os antepunha ás obrigações de mais importancia, ou dava signal de se esquecer por elles, ou por suas casas dos socios e da casa a que se recolhêra. Com os companheiros da Congregação do Oratorio houve-se em todo o tempo em que o forão, com tão accommodado comportamento, com tal condescendencia e tão polida urbanidade, que de todos era querido e respeitado em alto grão, sem que a subida jerarquia fosse parte para o respeito. Não podia elle ignorar que descendia de muito illustres progenitores, e he bem de suppôr que disso se prezava, principalmente contando muitos não menos virtuosos que qualificados em nobreza; porém todas as pessoas que no decurso *inteiro da* vida o tratárão são conformes em attestar que nunca lhe alcançárão o mais pequeno indicio de jactancia, ou ainda de complacencia muito viva neste ponto: e eu tenho bons motivos para crer que a sua filosofia nisto, como em tudo o mais, sabiamente moderada, levava a preferir o merecimento proprio destituido do explendor do

avoengos [1], sem desprezar comtudo a claridade de nascimento. Daqui nascia não se arrogar entre os companheiros algum privilegio, recusar resolutamente toda a distincção, e manter-se sem desvio no lugar que as instituições da sociedade lhe assinavão. Ainda nas differenças de opinião, que são frequentes entre sujeitos que vivem de perto, e em que o ardor de sustentar a propria descompõe ás vezes os animos mais assentados, nunca empregou outro argumento, que a razão que suppunha do seu lado e que offerecia com socegada gravidade; e nunca mostrou por modo algum esperar dos impugnadores que lhe deferissem, movidos sómente das attenções e contemplação com a sua pessoa.

Mas em quanto elle esperava acabar seus dias nas doçuras de tal retiro e de tão suaves occupações, a Providencia dispunha outra coisa, e a Soberana o nomeava Bispo do Algarve por meado de Janeiro de 1787. A vida edificante, a doutrina e até a nobreza do nomeado justificárão amplamente a prudencia da escolha, que foi applaudida por todos os que tinhão delle conhecimento. Elle só no seu particular, se doêo e lastimou, como devia esperar-se de quem fazia pouco caso do apparato das dignidades, de quem conhecia tanto os encargos ponderosos do Episcopado, e de quem antepunha a tudo a quietação de pacifica obscuridade. Conformou-se porém promptamente com a vontade da Soberana; reconhecendo na sua voz a de Deos que o chamava a servir a Igreja e o Reino, em condição e situação muito diversa da que elle preferia. Pôr sem demora de parte o que mais amava, e o que tinha por mais ajustado

[1] Algumas vezes o ouvi repetir com grande emphase aquelles versos de Arbace *i suoi producà — non i merti degli avi, il nascer grande — è caso e non virtù &c.*

com as suas inclinações e accommodado ao seu gosto, pareceo-lhe hum necessario sacrificio ao supremo arbitro, por quem reinão os Reis e decretão o que he justo, e correspondencia devida pela grata cortezia de hum vassallo á honroza estimação do Principe.

Desde que razões tão poderosas de consciencia e cortezia o determinárão a sujeitar-se ao encargo do Episcopado, os seus pensamentos se encaminhárão a pôr todas as forças em cumprir com as novas obrigações e promover assim o bem do rebanho que se lhe confiára. Alcançou logo que a *felicidade* espiritual do rebanho dependia principalmente, ou tudo, da doutrina e exemplos dos ministros da religião; e que a formar hum clero que unisse vida edificante e sciencia se reduzia portanto a grande arte do governo Pastoral. Aquí se dirigio todo o seu empenho. Huma livraria copiosa e escolhida devia contribuir para o adiantamento litterario dos que já tivessem algumas luzes, e *estimulo* de quem o necessitasse para se dar ás competentes applicações. Colligio sem perda de tempo esta livraria; em qualidade e numero muito accommodada aos fins, e boa prova das luzes e prudencia de quem a tinha colligido. Compunha-se o fundamento de livros tocantes á sciencia Biblica, os melhores quanto ao texto e declarações delle, que podião requerer as circumstancias; de hum corpo quasi completo dos Padres de ambas as Igrejas; e das obras classicas de Theologia e Direito Canonico, principalmente *das* que se publicárão entre os Catholicos desde o meado do Seculo XVII. Ajuntou a este fundamento os bons livros de historia quer Ecclesiastica, quer Civil e os dos seus subsidios; as obras mais afamadas da antiguidade Romana; e grande numero das composições Portuguezas, ou nas materias de piedade, ou na castidade e belleza de estylo, mais eminentes. Nem he precizo accrescentar que lhe

não esquecêrão os escriptos célebres dos seus antecessores no governo da Igreja do Algarve; e sobre tudo os do grande Jeronymo Osorio, hum dos maiores ornamentos da nossa litteratura, cujas producções, para sustanciar o maior louvor em poucas palavras, chegàrão a equivocar-se, e não sem boa apparencia, com as do principe da eloquencia Latina. E tão cedo formou este util e grave pensamento, tanta pressa se dêo em a executar, que com serem necessarias demoras em adquirir e dispôr livraria menos numerosa, esta acompanhou, e não sei se antecipou a sua entrada no Algarve.

Quanto era até então o desejo de permanecer, ou de se perpetuar na Congregação do Oratorio, tanta foi agora a impaciencia de a deixar, e hir abraçar-se com os trabalhos e cuidados da sua dignidade. Já em Outubro de 1787 sahia de Lisboa; e tocava o districto da sua Diocese no dia 4 de Novembro; dia escolhido muito de proposito, por ser aquelle em que he celebrada pela Igreja Catholica a memoria do grande Arcebispo de Milão, ou para melhor, da luz e brasão insigne da moderna Igreja do Occidente, S. Carlos Borromeu. Propunha-se, como he de inferir desta circumstancia e colhi de outras, o novo Bispo do Algarve por exemplar aquelle Prelado illustre; e mal póde negar-se que fôra difficultoso escolher hum modelo mais accommodado e mais perfeito. A mesma filosofia antireligiosa, se he licito suppôr aqui huma entidade chimerica, deve, a não querer repugnar de todo ao senso commum, inclinar-se com respeito ao ouvir o nome de Carlos Borromeu. Hum mancebo nobre, criado entre os mimos e lisonjas de huma grande casa e de huma Côrte, de quem elle era a alma e as delicias, que podia alimentar as esperanças mais bem fundadas de subir ainda, e pelo menos de se manter em mui alta estimação e consideração do mundo, tudo despre-

za e calça para se hir occupár sómente com a edificação e adiantamento de espirito da sua Igreja. Alli reduzido ao mais pobre trato, e cortando até pelo que lhe era necessario para acudir á pobreza do rebanho, empenhado com o mais vivo zelo em promover por exemplos e incessante diligencia a doutrina e reformação do seu Clero e Povo, affrontando nobremente por cumprir com seu officio as tramas da perversidade irritada, e os riscos evidentes de hum contagio estragador, acaba animoso na idade de 47 annos huma vida de sublime virtude e de raro exemplo! Modelo sem *dúvida* perfeito para os Pastores da Igreja Christã, e até para os outros homens, que tomão o alto proposito de desempenhar com honra não vulgar os seus empregos públicos: porém modelo particularmente accommodado á condição e pensamentos do novo Bispo do Algarve. Pelo que fica dito bem póde notar-se a grande semelhança entre a origem, o desprezo do seculo e suas grandezas, o amor e zelo da *virtude* Christã, o gosto das letras e sciencias, e as idéas pastoraes de ambos elles. E não tenho dúvida em que, se por huma parte o mandado do Principe, e a modestia do Senhor D. José Maria de Mello o não atalhassem na carreira do Episcopado, e por outra se offerecessem occasiões de mostrar tamanho animo e tão estremado valor, pudéra ser a comparação acabada entre hum e outro.

A sua casa Episcopal no Algarve foi assentada com toda a moderação, que podia requerer-se de hum pastor resoluto *a edificar* em tudo, a tomar a virtude e suas obras por principio quasi unico do respeito, e a encurtar comsigo a despeza para se alargar nos soccorros á indigencia. O stricto necessario, mas fugindo sempre do asco e desalinho, era a sua maxima; hum pouco mais apertada he certo, que a aurea mediania do filosofo, porém muito congruente com a austeridade Evangelica do Christão e do Bispo. Familia

pouco numerosa, mas escolhida e composta; em tudo mais, quanto pedia o decóro rigoroso do lugar, e nada que pudesse referir-se á qualidade da pessoa, ou parecer méro apparato da grandeza. No theor de vida seguio o antecedente, sem mais differença que a que não podia negar á diversidade e copia de negocios. Para o ajudarem nestes negocios escolheo pessoas, que ajuntavão madureza de idade e experiencia, regularidade de vida, e inteireza de animo que não duvidasse affrontar a opinião e inclinação delle mesmo, quando a tivessem por menos fundada, ou dirigida com menos acerto. A fraqueza ordinaria e vulgar vaidade, não põem tanto empenho em seguir ou obrar o melhor, como em sahir no encontro das opiniões com a victoria; e talvez que não seja a menor parte dos desconcertos no governo do mundo, a que procede de tão baixa e mesquinha causa. O accesso á sua pessoa era facil a todos e em todo o tempo; o trato sempre bem assombrado e urbano, porém de tal maneira medido, que ninguem por mais que lograsse a sua familiaridade, ousaria passar dos justos limites: e certamente que não será coisa facil enlaçar liberdade suave e alegre de trato com a dignidade, que obriga os mais ao respeito, tanto ao natural e ao justo, como elle por educação e ainda mais por força do entendimento, o sabia fazer.

Não tardou hum momento em pôr toda a diligencia por conhecer e ser conhecido do seu rebanho. O pastor não deve ignorar quem são e de que precisão as suas ovelhas; as ovelhas devem costumar-se á sua voz e presença, e persuadir-se por este meio da entranhavel affeição e subido desvelo, com que elle procura sobre tudo torna-las venturosas. Forma-se assim e reforça-se por mutuas e adequadas correspondencias aquelle affectuoso vinculo, que he sem dúvida o unico, por que póde vir harmonia e felici-

dade a qualquer das sociedades humanas; e que he tão frequentemente e com tamanha energia inculcado, ou em discursos de eloquente simplicidade, ou por imagens doces e graciosas, no Evangelho de Jesus, na lei de amor nunca assás admirada na sustancia e termos, e tantas vezes indignamente desconhecida e desprezada pela leviandade e a corrupção. Neste solido principio assenta a sabia regra das visitações pastoraes; e como a vontade de cumprir com a regra se accrescentava no Senhor D. José Maria de Mello com o conhecimento claro e convicção do principio, correspondeo no cumprimento a promptidão. Entrou na Cidade Capital da Diocese nos primeiros dias de Novembro, e nos fins de Abril seguinte visitava já as Igrejas a seis ou sete legoas de distancia. Nestas visitações a chegada do Bispo, assinalada principalmente com actos de caridade liberal, era alvoroço aos Diocesanos, não era molestia. A brandura temperava o zelo; o descuido era advertido com suavidade, o erro corrigido com moderação. A religião fazia-se, como convém, amavel, sem comtudo se deixarem ao vicio esperanças de escapar á pena. As benções do povo depunhão do zelo e sabedoria do pastor, e o pastor consolava-se com este indicio de que não serião de todo frustrados os seus desejos e intentos.

Nem o cuidado porém da visitação pastoral, nem de algum outro negocio, por mais grave e importante, o distrahia do principal desenho, que como dissemos havia formado de tornar edificante e instruido o clero da sua Diocese. Não podia esquecer-lhe a instituição de hum seminario regulado segundo os decretos do respeitavel Concilio de Trento. Entre muitas disposições sapientissimas desta grave assembléa da Igreja Catholica, nem os seus mesmos inimigos mais impetuosos podem negar que sobresahe altamente a de erigir e dotar estas casas de educação Ec-

clesiastica. Os proveitos para a Igreja e para o seculo são tão evidentes, que só he para lastimar, que o seu estabelecimento tenha sido em muitos casos embaraçado por circumstancias invenciveis á boa vontade e boa diligencia dos Pastores. A pobreza das Igrejas, repugnancias de mal aconselhado interesse, occurrencia de successos contrarios tem posto em varios lugares obstaculo insuperavel: e quando se advertem os serviços que o illustre seminario de Padua e outros mais tem feito ao Christianismo e ás letras em geral, não he possivel deixar de sintir muito que se não tenha multiplicado o numero de semelhantes instituições, e que nas erigidas tenhão sido impedidos, por desastres e difficuldade dos tempos, effeitos não menos louvaveis e proveitosos. Os Bispos do Algarve por muitas vezes tinhão tentado cumprir nesta parte com a lei prudentissima do Concilio, mas as tentativas forão sempre mallogradas; e teve, como succede em tantos encontros, a sabedoria e honrada intenção de ceder a opposições e contrastes. O animo porém do Senhor D. José Maria de Mello não era dos que se acobardão com difficuldades, mas tirava dellas ao contrario maior estimulo. E quando em outros negocios a bem fundada circumspecção, segundo o que costuma succeder nas pessoas muito consideradas, o retardava e tornava muito medido em seus passos, aqui póde dizer-se que não medeou tempo entre delinear e executar. Aprompton logo edificio, escolheo Mestres, chamou alumnos, proveo sufficientemente nas despezas, que na falta de outro recurso, ficarão carregando sómente sobre a fazenda Episcopal. E principiou a mocidade a inclinar-se ás sciencias, e a tomar os habitos de applicação, sisudeza e recolhimento, que procedem do amor do estudo, e que essencialmente são requeridos nas pessoas que se destinão para o sagrado ministerio.

Mas hum estabelecimento tão apressado, posto que fosse util e muito para louvar, não tinha de si a firmeza necessaria; e se quem o creou fez muito para o presente, pouco ou nada tinha feito ainda para o futuro. Assenta-lo sobre o fundamento de rendas proprias era o que requeria a sua subsistencia perpetua; mas era tambem o mais difficultoso. Neste penedo tem quebrado as diligencias de muitos Bispos ácerca de seminarios, e havião quebrado particularmente as dos seus antecessores. A cobiça de interessados he mais poderoza para se defender, do que he o zelo para a sujeitar. Clamores, representações, embargos por todas as vias contém a mais denodada resolução, e retardão a maior actividade: corre o tempo, mudão as circumstancias, e o projecto fica desvanecido ou opprimido de negocios mais importantes, e pelo menos mais urgentes. Conhecia isto perfeitamente o Senhor D. José Maria de Mello; e como a sua muita consideração e conselho o levavão a não se contentar de meios que servem na hora presente, e são já nenhuns na seguinte, nem se propunha outra coisa que o bem duravel e constante da sua Igreja, discorria incessantemente sobre o modo de assentar com solidez e para perpetuidade este seu estabelecimento. Resolveo por fim recorrer á liberalidade e amparo da Soberana piedosa, em quem achavão todos os propositos de bem entendida Religião, protecção certa e o mais benigno acolhimento. Porém ainda que a Religião tão benigna do Principe facilitava muito o trato de negocios semelhantes, ainda que elle tinha grande razão de confiar na vontade dos Ministros, ainda que lhe não faltavão procuradores de valia e zelo; bem entendeo que não era huma pertenção de tamanho interesse e de tanto empenho, daquellas que se devem deixar aos meios ordinarios, e á discrição e cortezia dos affectos alheios. A sua presença era muito neces-

saria, não digo só util, no Algarve; mas importava ainda mais ao Algarve, que elle o deixasse por hum pouco, e fosse na Côrte concluir esta obra, de que lhe devião resultar tantos proveitos.

O outono de 1788, o achou já em Lisboa entregue só ao pensamento de obter o favor Real, para este seu tão amado projecto. A disposição das pessoas com quem tinha que negociar, a honestidade e utilidade manifesta do que pertendia, a discreta diligencia das solicitações e requerimentos adiantárão dentro em pouco tempo a pertenção, e lisongeava-se já de tornar em breve a unir-se com o rebanho, e proseguir pessoalmente nos outros cuidados do seu officio. Mas foi atalhado por hum successo, que devia mudar a fórma da sua vida, e impedir para sempre a sua presença no Algarve. O Arcebispo de Thessalonica, D. Fr. Ignacio de S. Caetano, Confessor da Rainha D. Maria I. falleceo por este tempo quasi inesperadamente; e a Rainha teve de procurar outra pessoa, que a pudesse dirigir nas materias de sua consciencia. Ouvi referir nessa occasião, e ainda agora o tenho por muito provavel, que o mesmo Arcebispo de Thessalonica, pouco antes do seu fallecimento, lembrára para o substituir o Senhor D. José Maria de Mello: e como no sujeito concorrião circumstancias que, ainda sem aquella advertencia, o farião escolher, não tardou a Rainha em o chamar e lhe commetter os negocios de seu espirito.

Muito arduo encargo he por certo a direcção da consciencia de hum Principe, e maiormente de hum Principe Soberano. Pezar em balança bem fiel acções e omissões em si mesmas de tamanha substancia, e igual ou talvez maior nas suas consequencias, não he de qualquer entendimento; desenganar de doces illusões, prescrever asperos remedios, estranhar com intimativa a quem não he costu-

mado a provar encontros á sua vontade, nem póde facilmente esquecer-se da sua auctoridade e respeito, não he para os animos vulgares: e não sei se he requerido ainda maior valor para se ter firme ás multiplicadas e fortissimas tentações de fazer ruim uso da consideração e influencia, que deve trazer comsigo tão grave Ministerio. Mas duas ponderações poderião alentar, e julgo que alentárão muito, o Senhor D. José Maria de Mello, quando nesta parte se sujeitou á disposição do Principe; que vem a ser, as da virtude tão sublime, tão sincera e tão reconhecida da Rainha, e da occasião opportuna de passar o pezo do Episcopado a outros hombros, que no seu parecer erão mais proprios para o sustentar.

Foi a Rainha D. Maria I., como he a todos tão notorio, huma Princeza, que no amor e firmeza da religião, na rectidão de suas intenções, na brandura de sua condição, na dignidade do seu comportamento, se póde bem comparar com qualquer dos Soberanos de mais honrada memoria, quer seja no nosso Reino, quer seja nos estranhos. Lembrará em todo o tempo aos Portuguezes com saudade e veneração o seu governo de liberdade tão honesta, tão pacifico, tão rico de tratos, tão acreditado com os Alliados, tão considerado pelos emulos. E não ha dúvida que tantos e tamanhos dotes e virtudes da Soberana devião diminuir muito as difficuldades da direcção da sua consciencia. Posto que o Senhor D. José Maria de Mello acceitou o Episcopado quando entendeo que o devia fazer, posto que amava e tratava de guardar a todo o seu poder as obrigações, que tal dignidade lhe impunha; sempre no seu interior se teve por pouco apto para lugar tão importante, e se receiou muito dos riscos que com elle corria o socego e perfeição de espirito, a que em tudo e sobre tudo se encaminhava. E como agora se offereceo occasião tão

propria de satisfazer á sua modestia e se desembaraçar daquelles receios, não era possivel despreza-la e deixar de lograr hum lanço tão opportuno. Assim ao mesmo tempo, ou quasi ao mesmo tempo, em que se sujeitou ao novo mandado do Principe, representou em como não podia seguir a Côrte e juntamente continuar no governo da sua Igreja; e da mui entendida piedade Real obteve, sem grande trabalho, que na Igreja do Algarve fosse provído quem no conceito delle a merecia mais, e a quem nós daremos bastante louvor se affirmarmos que a não merecia menos. A resignação foi prompta e promptas forão, quanto o podião ser, as disposições para a trazer ao seu pleno effeito. O nenhum respeito a todos e quaesquer commodos seus com que a fez, a inteireza absoluta de rendas, com que devolveo o cargo ao seu successor, não devem aqui ser lembrados; tão isento e honrado caracter foi o deste homem illustre, que até me parece escuzado advertir no seu desinteresse. Do Bispado do Algarve não ficou conservando senão o titulo e a constante affeição e desvelo, com que lidou em todo o tempo pelos seus proes e adiantamentos. Para o amor, para o zelo, para a empenhada diligencia sempre o Bispo; para tudo o mais, desde logo e sem a menor reserva ou excepção, inteiramente estranho.

Com a entrada e ministerio na Côrte chegou a occasião de o Senhor D. José Maria de Mello mostrar pelo modo menos equivoco, a inteireza do seu animo e a segurança do seu juizo. As estimações tão assinaladas da Soberana e tão públicas, o rendimento de todos os Cortezãos, a deferencia quasi sem limites dos Ministros não forão bastantes para o abaterem a dobrar-se ao jugo de huma paixão tyrannica, que he tão ordinaria no mundo, e que com tanta propriedade e valentia se chama sêde de mandar; nem o tentárão a sahir dos termos, que o seu estado e o novo

lugar lhe prescrevião. Não iguoro, e todos o sabem, que varios Ecclesiasticos, em tempos antigos e modernos, em Portugal e fóra delle, da direcção da consciencia dos Principes tem passado á direcção dos negocios da Monarchia; e que alguns o tem feito com grande utilidade dos Estados, e com gloria e nobre fama, celebrada não já pelos Poetas contemporaneos, mas pelos graves e avisados historiadores das idades seguintes. Occorrem aqui nomes illustres, que me não resolvo comtudo a declarar, por isso mesmo que me não parecem neste ponto dignos de approvação, quanto mais de louvor. Hum Ecclesiastico quando se affasta para negocios que não respeitão ao seu estado, ou com os deste mistura os seculares, sempre se desvia do caminho, que a disciplina e a razão lhe tem assinado, e sempre a não ser obrigado das forçosas necessidades da Republica, ou pelo decidido mandado do Principe, se sujeita á bem fundada censura dos imparciaes. E maior vigor de espirito mostra no meu entender, aquelle que despreza, por alheios e incompetentes, os brilhantes encargos da politica, do que quem por firmeza e resolução chegou a conter os impetos de huma nobreza altiva, que com o pretexto da violação de seus foros, queria arrojar-se contra a legitima auctoridade. Hum valor duravel e fundado em reflexão, sempre será tido em maior conta do que aquelle, que póde proceder sómente da occasional energia do resentimento.

O novo Confessor da Rainha D. Maria I. olhou sempre *para os* negocios temporaes como estranhos e improprios da sua vocação; e nunca se lembrou de os arrancar, ainda dado e não concedido que a Soberana lho permittisse, á direcção das pessoas mais destras e mais exercitadas, a que competião. Sómente se propôz, em serviço da Religião e no da Rainha, a contribuir com todas as forças e segundo os seus legitimos meios, para que as prudentes re-

gras da disciplina Ecclesiastica fossem attendidas, os abusos contrarios desterrados, e renovados entre nós, quanto fosse possivel, os mais sábios e felizes dias do Christianismo. O reparo público e universal apontava nas Corporações Regulares algum descahimento, a que os bem intencionados, e até os membros mais considerados e piedosos de todas ellas, desejavão que se acudisse com emenda. Que instituições, por mais sabias e proveitosas, deixão de affrouxar e se destruir em fim com a variedade incalculavel dos successos, e com a incessante repugnancia das paixões, tanto mais violentas, quanto mais contidas e reprezadas? Mesmo nestes asylos de fervor e zelo Evangelico, a mão do tempo e a imperfeição humana causão mudanças e alterações, que nunca são para melhor. Attendeo a Soberana o voto geral, e comprehendendo o seu bom fundamento, resolveo crear huma Junta, que encarregasse da consideração e applicação dos remedios, que requeria hum mal de tamanha importancia para a Religião, e consequentemente para a Republica. As pessoas de que se devia compôr, forão escolhidas tendo rigorosa e unicamente respeito á piedade, prudencia, zelo e isenção de cada huma; e o Senhor D. José Maria de Mello foi nomeado para lhes presidir, como sujeito em que todas estas partes concorrião eminentemente, e que possuia muito conceito, e grande confiança do Throno.

Com a morte do Arcebispo de Thessalonica vagára o lugar gravissimo de Inquizidor Geral; e vagára em tempos bem difficultosos. No seu successor, em tão ponderoso emprego, não erão então menos necessarias discrição e luzes, que o zelo pela pureza da fé, e santidade da moral. Em toda a occasião, bem o sei, devem unir-se zelo, discrição e luzes no homem, que tem a seu cargo dirigir qualquer das partes do governo, e principalmente do governo que

toca nas materias religiosas. Más póde affirmar-se com muita segurança, que nunca foi entre nós tão preciza esta união no Prezidente do Tribunal da Fé como nos ultimos doze ou quinze annos do Seculo XVIII. As razões são tão conhecidas, que me posso dispensar de as expender distinctamente. Convinha em summa, guardar a mais compassada e medida moderação, sem deixar comtudo o campo livre e o passo franco a erradas e atrevidas opiniões. Mostrar-se brando e moderado, e conter todavia arrojado atrevimento, prova a experiencia que he empreza sobremaneira difficultosa; e esta era justamente a que devia correr por conta de quem fosse eleito em tão críticas circumstancias. Porém a dexteridade e aviso do Senhor D. José Maria de Mello, em quem veio finalmente a cahir a eleição, soube encontrar estas difficuldades de maneira que, por mais de vinte e seis annos, não houve boa razão para estranhar demasiado vigor na execução das leis, nem a temeridade impetuosa dos animos turbulentos recebeo incentivos de descuidada, ou cobarde indulgencia.

Foi por aquelles tempos que a Academia das Sciencias, menos obrigada das exteriores condecorações do Senhor Bispo Inquizidor Geral, que do seu amor das letras e favor aos que as cultivão, o escolheo e nomeou entre os seus Socios Honorarios; obsequio por muitos titulos devido, de que elle fez a maior e justa estimação, e a que correspondeo sempre com os affectos e mostras de muito apreço, antes e depois que deixou de seguir a Côrte. As razões que o obrigavão a seguilla, vierão a cessar; e por fins do anno de 1792, ou principios de 1793, deo-lhe licença o Principe Regente do Reino, para se recolher ao Palacio do Rocio. Recolhido a esta casa, destinada desde a sua edificação para a rezidencia dos Inquizidores Geraes de Portugal, assentou outra vez fórma de vida dizendo com a que

antigamente seguíra, senão naquillo em que as circumstancias tornavão a differença forçosa. As obrigações competentes aos dois encargos de Inquizidor Geral, e de Presidente da Junta do Melhoramento das Corporações Regulares, que ficou conservando, occupavão a parte principal do seu tempo. Na frequencia das Juntas e Concelhos, na expedição particular dos negocios, na promptidão e soffrimento em ouvir as partes procedia com exacção rigorosa, huma vez que não fosse atalhado, o que succedeo em poucos casos, por muito grave impedimento. Ainda no tempo do anno, em que a necessidade de descanso e a de lograr ares desabafados e mais puros, o obrigavão a retirar-se á sua quinta na visinhança de Paço d'Arcos, era tão regular na assistencia ás sessões do Tribunal, como quando vivia de assento em Lisboa. Bem quizera elle que a benignidade do Principe Regente, dispensando-o de dois lugares tão importantes, o puzesse naquella honesta liberdade, de que a eleição para o Bispado do Algarve o tinha arrancado; mas visto que não succedeo segundo os seus desejos, tratava de cumprir com o que tinha á sua conta com a mesma pontualidade, e até alvoroço, com que o fizera se o possuisse e conservasse por vontade e escolha propria.

O mais tempo era dado ou ás disposições da sua casa e familia, ou á conversação de honrados Parentes e Amigos, ou á sua occupação tão valída de ler e meditar os bons livros. A benignidade, doçura e até polida delicadeza, que usava com todas as pessoas de que a sua familia se compunha, não póde ser muito encarecida. A morte de seu Irmão e Sobrinho, e a de seu Tio o Principal João Pedro Telles de Mello, o obrigárão a encarregar-se, com grande fidalguia de animo, da maior parte dos criados, que servião a cada hum delles. Era por tanto a familia muito numerosa. Porém entre todos, não havia hum só, por mais

rasteiro de condição, ou mais grosseiro de entendimento, que *elle* não tratasse com bondade accommodada ás circumstancias; hum só que o não amasse como Pai; hum só, que não estivesse prompto a fazer por sua causa os mais duros sacrificios. Esta affeição, tanto para desejar e tão rara nas familias de tal qualidade, não era comtudo grangeada por abatimentos da sua parte, ou por influencia demasiada que désse a todos ou qualquer delles, ou porque o achassem prompto a atropellar a razão e justiça, a favor dos seus commodos e interesses. Jámais desceo, com quemquer que fosse, da sua dignidade; jámais concedeo aos familiares privança, ou influencia maior do que a que convinha; e não he preciso dizer que jámais deo leve azo a se suppôr, que poderia por qualquer motivo atropellar a razão ou perturbar a justiça e a boa ordem. Mas tem para o respeito grande força nos animos humanos a innocencia contínua de vida, as mostras de sisuda e verdadeira Religião, a *sublime* virtude em todo o genero, de que elle lhes dava constantemente exemplos e argumentos: e podem muito para o amor dos outros homens a doçura de modos nunca desmentida, a compaixão viva dos seus infortunios, a promptidão em fim e alvoroço em lhes acudir com os beneficios, que se achão á disposição de quem os faz.

Não se valeo o Senhor D. José Maria de Mello da estimação e favor da Rainha D. Maria I. senão em hum só caso, e com respeito á consciencia e honra de seus maiores, e ao interesse dos seus familiares. Como seu Sobrinho o Monteiro Mór do Reino, morreo sem posteridade na flor dos seus annos, forão julgadas ao Senhor Bispo Inquizidor Geral as Commendas com que, em premio de grandes serviços tinhão os Reis galardoado os ascendentes de hum e outro. A dôr de ver fallecido contra toda a esperança hum Sobrinho que amava, e de ver sepultada com elle toda a

grandeza e todo o ser da sua casa, não o impedio de aproveitar a occasião, e de attender ás justas reclamações de crédores, e aos proveitos das pessoas que por largo tempo e com honra a tinhão servido. Mas se entrando na posse das Commendas tomasse a peito a satisfação das dividas e a recompensa dos criados, quem lhe poderia assegurar que as desfrutaria por tantos annos de vida, que no termo della as dívidas ficassem de todo extinctas, e não ficasse algum dos criados sem arrimo? A discrição lhe suggerio hum acertado expediente para sahir deste embaraço. Resoluto a não tomar para si parte alguma daquellas rendas, renunciou nas mãos da Soberana ao seu direito, e para realizar comtudo os seus tão religiosos como honrados pensamentos, rogou a mercê de se applicarem ao embolço dos crédores até á total extincção das dividas, e a penções vitalicias aos familiares até fallecer o ultimo delles; declarando que se acaso mesmo em sua vida cessassem os motivos de tal applicação, as rendas tornarião a ficar desde logo na inteira posse, e á plena disposição da Corôa. De crer he que a Soberana deferisse a qualquer súpplica, ainda de maior vulto e de menos evidente generosidade. Mas não era este dos privados que obrigão a grandeza dos Reis a largas e repetidas liberalidades, e com isso defraudão os benemeritos, e offendem quasi sempre a opinião do público. E até esta moderada mercê deixára de solicitar, se não entendesse, que os serviços relevantes que tinhão merecido as Commendas, erão muito para ser remunerados de tal modo por mais algum tempo. Condescendeo a Soberana benignamente, mas não sem grande reparo no comedimento e intenção honesta de que a pertenção era precedida. Sobrevierão certos obstaculos; porém forão todos vencidos com vigorosa e nobre constancia, e elle teve o contentamento de ver pagas as dividas que contrahírão seus Paes e Avós; e os fa-

miliares da antiga casa dos Monteiros Móres do Reino logrão hoje o effeito do brio entendido, e primorozo do homem respeitavel, de cuja perda tão profunda e tão justamente se lastimão.

Depois de se recolher ao palacio do Rocio, he que se occupou em formar a sua livraria; huma das melhores certamente, em cópia e qualidade, que possuião ao tempo da sua morte as pessoas particulares de Lisboa, e de todo o Reino. Na collecção de livros Portuguezes, tanto no que respeita ao numero como á estimação das edições, não será temerario quem affirmar que por ventura excedia todas. Bom conhecimento, grande diligencia, e muita despeza contribuírão para que alcançasse neste ramo quasi tudo o que era mais precioso e menos vulgar [1]. Nem foi tal empenho effeito de huma paixão cega de possuir para não usar, da qual tem havido varios exemplos; mas era nascida quanto aos outros livros, do desejo de possuir o que requerião os seus *contínuos* estudos, e quanto aos Portuguezes, do amor mais exaltado da Patria, que póde agazalhar-se no peito de hum zelozo Cidadão. Não conheci pessoa que nesta virtude lhe fizesse vantagem, e poucas vi que o podessem emparelhar. Não faltarei á verdade em dizer que neste unico ponto lhe notei hum ardor, que se pudéra chamar enthusiasmo. O seu animo em tudo tão composto parecia, mas aqui mesmo só parecia, querer sahir dos limites rigorosos no que respeita a esta pequena casa Lusitana como *elle, alludindo* aos conhecidos versos de Luiz de Camões, usava chamar-lhe muitas vezes. Motivo porque insinuei desde o principio, que chegava a prezar-se de Portuguez com

[1] Pessoa fidedigna me referio ha pouco tempo, que procurando-se em todas as livrarias de Lisboa, com grande empenho, a primeira das duas edições dos Luziadas de 1572, só apparecêra na livraria que deixou o Senhor Bispo Inquisidor Geral,

certa jactancia honesta; a qual em vez de fazer dezar, faz por certo muita honra, e dá grande realce á sua virtude. A primeira de todas as do homem, em quanto membro da sociedade civil, he o patriotismo; ou para melhor, he a recopilação de todas as mais, tão util e vantajosa nos seus effeitos, como he nobre e antes nobillissima na sua origem.

Disse que o empenho de adquirir livros lhe veio em muita parte do desejo de possuir os que requerião os seus contínuos estudos, e disse a verdade rigorosamente. Ou fosse para com mais acerto resolver os negocios que tinha a seu cargo, ou fosse para accrescentar o cabedal dos seus conhecimentos, e satisfazer com isto a sêde, que hum bom espirito tem sempre de os adiantar, ou fosse para disfrutar os prazeres tão innocentes e tão deliciosos, de que os livros são a fonte mais abundante, e não sei se diga a mais pura, todos os momentos que podia reservar para isso, erão empregados na lição dos necessarios ou dos mais escolhidos. A litteratura de todos os povos, cujas linguas entendia, lhe era conhecida; nem seria facil apontar huma das obras classicas, quer da doutrina para o dizer assim secular, quer da Ecclesiastica, de que lhe faltasse boa noticia. Lembro-me de que fazia particular apreço, e lia com muita assiduidade os escritos de S. Leão e os de Bossuet; donde se póde inferir completamente a alteza das suas idéas, a madureza do seu juizo, e até direi a perfeição do seu gôsto. S. Leão, que foi certamente hum homem muito acima das medidas ordinarias, tinha grande elevação de genio e por tanto abundava de altos pensamentos, que sabia declarar com facilidade rara em linguagem energica, e quanto o soffre o estylo solto, numerosa. A Igreja, com o bom conselho que lhe he proprio, preferio nas solemnidades que respeitão aos mysterios da nossa fé, os seus bellos

discursos; e não ha pessoa judiciosa que os leia sem notar, e em alguns casos com admiração, a igualdade segundo o fraco entender humano, que entre si guardão o estylo do orador e a grandeza do assumpto. No seu tempo havia já declinado o bom gôsto dos Latinos, e elle arrastado da geral corrente, desviou-se hum pouco do verdadeiro caminho; e não ha dúvida que em varios lances com mais razão se póde dizer gigantesco do que grande. Mas tirado o sobejo, como advertia justamente o célebre Fenelon, e repetia muitas vezes o Senhor D. José Maria de Mello, *ainda lhe resta grandeza*[1].

De todos os homens que em França escrevêrão proza desde o seculo famoso de Luiz XIV., Bossuet póde e deve ser reputado o primeiro. Considerando a riqueza da sua erudição, a rectidão das suas opiniões, a sublime, porém facil e natural, valentia do seu modo de dizer, não sei que haja Francez sisudo que lhe negue esta primazia. Comparando porém huma obra com outra obra, parecem os Francezes entendidos dar preferencia ás cartas do Illustre Pascal, sobre a Historia das Variações por Bossuet. Muito grande atrevimento fôra o meu, se me arrojasse a contrastar juizos de pessoas tão auctorizadas, e que tem de mais a mais conhecimento perfeito da lingua, em que estas obras primorosas forão escritas. Mas não sei que inclinação me leva a desejar antes a gloria de ter escrito a Historia das Variações, do que a de ter escrito as Cartas Provinciaes. Tenho em summa, que a Historia das Variações he entre as modernas, a composição que mais se avizinha, no uso sabio e sagaz de todos os meios oratorios, no vigor e gravidade adaptada de estylo, aos mais acabados discursos,

[1] *Il est enflé, mais il est grand:* dizia em poucas palavras, mas com muito e profundo senso, o famoso Arcebispo de Cambrai.

que nos deixou a antiguidade Grega e Romana. E como quer que seja, ninguem póde contestar a valia extraordinaria dos escritos de Bossuet, e he certo que se póde dizer, como hum grande critico dizia dos de Cicero: que a estimação que se faz delles, he segura prova do aproveitamento de quem os estima.

No Palacio do Rocio viveo quinze annos entre 1792 e 1808, em grande socego; só perturbado pelos cuidados que a todo o homem de reflexão devião causar os negocios politicos da Europa, que ameaçavão tamanhas consequencias para a Religião e para a Patria, e que erão tão diversos de tudo quanto tinha precedido, no decurso de mais de dez seculos. A nossa Europa parecia na verdade disposta a huma geral mudança, e tão multiplicados e pasmosos successos advertião frequentemente de estar proximo o momento, em que do cahos de tantos e tão encontrados interesses, podia nascer huma nova fórma. Ninguem era indifferente a huma solução que tocava a todos; mas muito menos o erão as pessoas de maior aviso, e em quem o amor da Patria era mais profundo. Neste caso estava sem dúvida o Senhor D. José Maria de Mello. Com bom discurso, fundado na historia dos antigos tempos, no conhecimento do mundo presente, e do caracter dos povos que mais influião, esperou sempre (e não entra aqui encarecimento meu) esperou sempre o melhor; mas alcançava perfeitamente que o peior não era de todo impossivel, e que em qualquer caso tinha a prudencia muito de que se receiar. Novembro de 1807 mostrou bem a sisuda razão em que assentavão estes receios. Os Principes Portuguezes forão determinados por circumstancias irresistiveis a passar o Oceano, e tropas estrangeiras vierão occupar os pontos principaes do Reino; por modo que nem se chamava de guerra, nem se podia dizer de paz. Todos os bons Cida-

dãos ficárão tomados de dôr e assombro, e gemêrão em segredo pela perda da liberdade, e a vergonha de ver o generoso Portugal á discrição ou ludibrio ¿ direi de hum alliado ou de hum inimigo? por certo de hum estrangeiro falto de toda a prudencia, que nem se quer nos deixou a consolação de nos considerarmos sujeitos pelos golpes de huma honroza espada. Doía-se e gemia o Senhor D. José Maria de Mello com os outros homens honrados: mas particularmente o aguardavão nesta crítica occasião encontros ainda mais temerosos.

Os Francezes cuidando, por huma ignorancia bem pouco desculpavel, do modo de pensar e do brioso animo daquelle mesmo povo, em cujos lares, em cujo seio vierão insolentemente tomar domicilio, que bastava para nos ter manietados, que os Pastores da Igreja nos exhortassem á quietação e socego, obrigárão os nossos Bispos a sahir a público com taes exhortações; nunca improprias do seu ministerio, mas lidas agora com indifferença, por não dizer com indignado desprezo. Obrigar os Pastores a darem este passo, era nova razão de nos acendermos contra os que opprimião, em vez de servir para arrastarmos com paciencia os grilhões. O que nos conteve, e o que só nos podia conter, foi a lealdade, e a madureza do juizo público, que nos tempos daquella violencia e nos seguintes mostrou singularmente, pondo de parte toda a vaidade Nacional, o povo Portuguez. Sabiamente nos tinha ordenado o Principe *resignação ás* circumstáncias; a prudencia do povo, tão rara principalmente em semelhantes occasiões, avaliou ao justo os motivos sabios do Principe, e obedeceo por fidelidade e por convicção. Não suppunhão os Francezes, como dizia, tão nobres e arrazoados pensamentos em Portugal, e por isso recorrião áquelles meios, que não só erão ineptos, mas até nos parecião ridiculos. Cuidando mais que tinhamos á

Inquizição, não o respeito que se deve a todo o tribunal legitimo, porém o abjecto temor dos escravos, requererão do Senhor Bispo Inquizidor Geral, que da sua parte nos exhortasse tambem por escrito. Debalde se defendeo allegando com verdade, que aquellas exhortações não erão da sua competencia, e que erão distinctos os propositos do seu officio. Cerrou a insania os ouvidos a toda a desculpa, e não foi possivel contrastar os seus impulsos. Com a baioneta ao peito publicou pois, o Senhor Inquizidor Geral a sua exhortação. Porém aqui mesmo deo mostras do seu patriotismo e do seu valor. Condescendendo em parte com a força declarada, usou discrição, porque o contrario poderia arrastar até para o público funestas consequencias; mostrando por outro lado, como mostrou evidentemente, a propria repugnancia, deo a ver aos oppressores que o não soçobráva de todo o perigo, aos concidadãos que estava bem longe de obrar coisa alguma, que prudentemente se podesse attribuir a menos affeição e zelo da Pátria.

O seu patriotismo e valor foi exposto a prova ainda mais rude por fins, se bem me recordo, de Fevereiro seguinte. Não pude alcançar até agora com certeza, quaes erão em 1808 as tenções do Governo Francez, no que diz respeito a Portugal. A fama publicou então coisas varias, e até encontradas; os successos posteriores devião mudar, e mudárão aquellas tenções, quaesquer que ellas fossem. He certo porém que deo positiva e irresistivel ordem para que huma deputação de pessoas principaes em Portugal caminhasse para França, e que entre ellas foi o Senhor D. José Maria de Mello nomeado em razão, como he de crer, do seu emprego de Inquizidor Geral, e do seu claro nascimento. Bem póde suppôr-se a mortificação de animo, a dôr e consternação do Senhor D. José Maria de Mello, ao ser-lhe intimada esta ordem; e muito mais quando, feitas

encarecidas diligencias, reconheceo que não admittia revogação, e apenas soffria réplica. Eu o vi e lhe fallei no dia dez de Março, que foi o antecedente ao da sua partida, e li distinctamente no seu semblante o doloroso assombro de que estava possuido [1]. ¿ Que pertenderião, que esperarião delle os oppressores das Nações? Em que conta o teria a Patria? Quão differente pareceria agora esta sua jornada da que seu avoengo o Monteiro Mór do Reino Francisco de Mello fez a França [2], depois da revolução de 1640, com o presupposto de alcançar soccorros, que ajudassem a sustentar os direitos, tão claros e tão preciosos ao coração Portuguez, da Real Familia e Casa de Bragança? Eu não tenho a mais leve dúvida em que elle, com todos os outros, partio e perseverou resoluto a se arriscar aos mais custosos e perigosos trances, antes do que a faltar na mais pequena coisa á Patria, offender a delicadeza da lealdade, e desdizer, ou degenerar do brio honrado dos seus maiores. *Mas* por isso mesmo devia ser mais crescido o embaraço, e perplexidade cruel dos seus pensamentos, e mais terrivel o conflicto entre os affectos do seu coração, e a necessidade em que o punha o despotismo militar. E posto que fiz sempre muito conceito do seu valor, não deixei de receiar então que concussões por tal modo impetuosas, destruissem de todo a sua saude; como destruírão na verdade, sem nos ficar dúvida de que elle foi huma das victi-

[1] *O* Senhor Bispo Inquizidor Geral não me declarou os pensamentos e affectos, que aqui lhe attribuo; nem a occasião, nem a sua constante discrição o permittião: mas no seu rosto e em toda a continencia estavão representados bem claramente.

[2] Sabido he que o Monteiro Mór foi naquelle tempo mandado por Embaixador a França, aonde o acompanhou João Franco Barreto; o qual, se me lembro bem, compôz a relação da embaixada, que corre impressa.

mas offerecidas em tempos tão desgraçados ao perverso genio da ambição.

Partio de Lisboa na manhã de 11 de Março, e atravessando Hespanha chegou a Bayona de França, aonde veio naquella occasião o Imperador. Começava neste momento, ou pendia imminente, huma guerra assoladora, em que se ouvio pela primeira vez o nobre clamor da magnanimidade contra a oppressão. Era chegado o ponto em que a Europa devia reconhecer que os Francezes não levàvão a toda a parte senão escravidão e estragos, que as suas legiões podião ser desbaratadas, que o seu impeto devia ser represado e em fim desvanecido, se os adversarios lhes oppuzessem na guerra as demoras e cautelas tão sabias do antigo Capitão Romano. Devião seguir-se ainda victorias Francezas, mas ou misturadas com revezes, ou ganhadas com maior difficuldade, ou menos decisivas do que o costumavão ser n'outro tempo. E fosse porque o Governo Francez, advertindo nesta mudança notavel da sua fortuna, entrou a proceder com menos despejo e maior resguardo, fosse porque a multidão e gravidade dos negocios o obrigassem a suspender os que nos dizião respeito, a deputação Portugueza teve ordem de se passar para Bourdeaux, e esperar alli nova disposição sobre o que devia obrar. Encaminhou-se por tanto o Senhor D. José Maria de Mello áquella Cidade, onde residio pelo espaço de seis ou quasi seis annos. Os trabalhos da peregrinação, os incommodos de viver em casa e terra estranha, as dúvidas ácerca dos recursos pecuniarios que podia esperar do Reino, e que a cada instante se tornavão mais incertos, ajuntavão-se ao cuidado ainda maior dos riscos da Patria, e das provas mui ásperas em que podia ser mettida a sua consciencia, e a sua honra. Esperava triunfar de todas, mas de boamente preferia o não entrar no conflicto, á gloria e corôas do triun-

to. Da mesma demora recebia accrescimo a sua penosa e afflictiva condição presente: as horas do combate são de *maior* perigo, mas aquellas em que o combate se espera são as de maior temor.

Achou porém em Bourdeaux algumas razões de alivio para a sua dura situação. Tinha cessado com a fórma de Governo actual, aquelle horrendo frenezi, que nos ultimos annos do Seculo XVIII. agitou França, por modo tão espantoso. Em quanto elle durava, não faltarião bons entendimentos e corações cheios de humanidade; mas erão *contidos*, ou comprimidos pela furia dominante. Com o seu termo tornárão o senso commum, e doçura de costumes á sua natural liberdade e ordinaria inclinação. Os nossos Deputados encontrárão em Bourdeaux habitadores, muito outros do que forão nos dias memoraveis do terror. Erão homens arrazoados, pacificos, compassivos e pouco affastados já daquella antiga policia da sua Nação. Sympathisavão com *as desgraças* alheias, sabião reconhecer e doer-se da virtude opprimida, e quanto era em seu poder sabião conforta-la. O Senhor D. José Maria de Mello provou em si esta mudança, que talvez esperava bem pouco. Muitas pessoas distinctas em todo o genero concorrêrão a cumprimenta-lo, por maneiras muito de obrigar, e a offerecer-lhe com bizarria tudo aquillo que no seu particular havia mister, e de que ellas podião dispôr. E como elle era hum destes homens, que tanto mais se prezão e amão, quanto *mais se tratão*, depressa se vio de todos estimado e bem quisto. Admiravão a sua urbanidade, a sua doutrina, respeitavão a sua auctoridade e gravidade de porte, inclinavão-se á sua manifesta virtude.

Poucas Nações são bem conhecidas dos estranhos. Julgão estes pelas relações, ou superficiaes ou apaixonadas, dos viajantes, e vem a formar por tal modo conceitos bem

encontrados com a realidade. E como os Francezes são á isto tão propensos, ou ainda mais que os outros Europeos, ajuizavão dos Portuguezes muito ao contrario do que mereciamos. Hum Bispo pois deste Reino, e principalmente hum Inquizidor Geral, douto, virtuoso, moderado, devia ser estranho paradoxo para quem se governava por taes prejuizos. E ou por este motivo, ou porque com effeito em todo o caso hum distincto e indubitavel merecimento obriga os homens, que usão da sua razão, a honra-lo; he certo que foi tratado com muita cortezia e grande contemplação em Bourdeaux. A todos excedeo aqui o Arcebispo daquella Cidade Carlos Francisco d'Aviau Dubois de Sanzay, o qual no comportamento delicado e obsequioso para com o Senhor D. José Maria de Mello, passou grandemente os termos da hospitalidade, que hum pastor Catholico deve usar com os estrangeiros, e muito mais com os seus irmãos no Episcopado. Pela distincção, pela frequencia, pela confiança, e por todos estes modos urbanos, que melhor se imaginão do que se podem declarar, provou a testemunhas muito entendidas, de quem eu alcancei a noticia, que não tratava tanto de cumprir nesta parte com as obrigações pastoraes, como de seguir os impulsos do seu coração, e pagar o justo tributo á virtude que reconhecia. Testemunho de grande valor certamente; porque a todos que tratárão aquelle Prelado ouvi de suas qualidades mui alta recommendação, e porque o Senhor D. José Maria de Mello me mostrou varias vezes o seu retrato, com gestos não só de vivo agradecimento, mas até de grande consideração e de encarecido respeito.

Singularmente se augmentárão da parte dos moradores de Bourdeaux as mostras de veneração e de affecto muito tocante, á noticia da cruel molestia que se lhe declarou em Setembro de 1812. Os trabalhos, os descommodos, as

angustias de espirito, concorrendo com ás disposições de huma constituição, que nunca fôra muito robusta, vierão a romper em fataes effeitos. O fogo que caminhava até *alli* lentamente, tocou em fim o ponto, em que devia rebentar com manifesta ruina. Appareceo embaraço no uso da palavra e da voz, que resistio ao maior empenho da arte e a toda a efficacia dos remedios. A faculdade de pensar não se mostrou alterada, mas a de declarar por palavra os pensamentos, que se alterou logo muito, veio a ser por ultimo destruida. Nesta condição tão triste e penosa, *pudera* receber o Senhor D. José Maria de Mello grande consolação dos extremos de sentimento, que observou naquelles estranhos, e muito particularmente no seu respeitavel Arcebispo. Pessoa que foi testemunha presencial me affirmou, que os notára com admiração, e que nunca víra tão valentemente demonstrado o grande poder da virtude. Dos compatriotas, dos parentes, dos amigos de largos annos *não pudera* requerer-se, nem ainda esperar-se mais. Como que os Francezes se esmeravão em reparar, por modo egregio e insigne, os aggraves feitos d'antes á humanidade pela sua patria.

Mais fria e mais surda ás vozes da humanidade, se mostrou porém a politica do seu Governo; o qual parece que não devia ter razões bastantes para ser inflexivel ás rogativas, com que o Senhor D. José Maria de Mello solicitou a liberdade de voltar então a Portugal. Este paiz querido, em que trazia sempre o pensamento, agora se lhe figura mais doce e mais saudoso. Considerando-se, como se considerava, muito visinho do seu ultimo termo, desejava ardentemente ver ainda o aspecto da Patria; para elle então muito mais veneravel, pois hia renovando a antiga gloria das suas armas, e o invicto odio á dominação estranha. Queria tornar as suas cinzas á terra em que tinha nasci-

do; e não queria que ellas repoisassem tão longe das dos seus maiores, e das dos seus concidadãos. Eu li a cópia de huma das cartas que por esta occasião dirigio ao Governo Francez; e ainda agora ao lembrar-me das instancias tão fortes de razão, tão airosas por dignidade, e da côr tão sintida, mas sem abatimento, do seu estylo, me encho de ternura e me admiro, posto que não desconheço a proverbial insensibilidade dos politicos, de que o Governo de França recuzasse, ou desprezasse hum requerimento fundado em taes motivos, lançado por hum modo tão tocante, e offerecido em tão apuradas circumstancias do requerente! Mas foi, como he de presumir, hum rasgo da Providencia, que quiz que esta victima illustre não recebesse a liberdade de se tornar á Patria, senão das armas victoriosas dos seus mesmos Portuguezes. Entrárão sim em França e penetrárão até Bourdeaux as nossas armas victoriosas, e forão desempenhar a Familia Real de Bragança, da divida em que os serviços de Schomberg a constituírão para com a Augusta Casa de Bourbon! Variedades pasmosas da fortuna! de que mal se poderião lembrar os Estadistas Francezes daquella época; e bem capazes de confundir a soberba dos maiores Monarchas, e o orgulho dos mais sublimados Imperios!

Á chegada do Marquez de Campo-Maior e das suas trópas, se quebrárão os ferros que tinhão em miseravel cativeiro os nossos honrados Portuguezes, e puderão estes encaminhar-se, como se encaminhárão, sem demora para Portugal. Portugal os recebeo com hum alvoroço de alegria, que se não póde representar bem ao vivo, e de que todos os presentes devemos estar muito lembrados. Erão os nossos Concidadãos, que voltavão de largo e remoto desterro, e que nos trazião os mais certos sinaes da nossa liberdade, e dos nossos triunfos! A condição em que vinha o Senhor

D. José Maria de Mello, o fazia em especial hum interessante objecto da ternura da Patria. Mas póde julgar-se com que ternura elle lhe correspondia!... Totalmente esquecido do mal que o atormentava, e que subia muito de ponto com a impossibilidade de declarar bem o seu contentamento, não se mostrava occupado senão do prazer de entrar neste feliz territorio, e de viver ainda algum tempo entre os seus naturaes. Todos o vião e contemplavão com alegria misturada de dôr, e só elle parecia indifferente, ou insensivel á razão porque se doião os mais.

No primeiro momento em que o pôde fazer, tanto que descançou hum pouco das fadigas de tão longa jornada, dirigio-se por escrito ao Principe Regente, pondo na sua presença o ruinoso estado da sua saude, e a fraca possibilidade, em que se achava de correr como d'antes com os seus empregos. A usada benignidade do Principe resolveo, que continuasse assim mesmo a servil-o, como lhe fosse *possivel*, e a servir a Patria em ambos elles: e o Senhor D. José Maria de Mello submetteo-se á resolução do Principe, procedendo no meneo dos negocios sem outra differença, que a que necessariamente devia resultar da privação do uso da palavra. Attestão todos os que tratárão na sua repartição dependencias, e eu o posso attestar tambem da minha parte, que nunca sentírão detrimento na sua memoria, ou nas suas rectissimas intenções de obrar sempre o mais acertado e o mais justo, no tocante ás materias de seu officio. Nelle achavão sempre a mesma tranquillidade de espirito, a mesma frieza em ponderar os negocios, a mesma exacção em os avaliar, a mesma constancia em seguir os seus antigos projectos.

O que porém causava a todos maior assombro era o socego e alegria contínua, em que vivia no meio de tantos e tão graves incommodos. Nunca se lhe notou a mais leve

sombra de melancolia, ou de quebrantamento de animo. E he forçoso reconhecer aqui a firmeza da sua virtude, e os confortos extraordinarios da Religião. Não era bastante o natural valor, que certamente possuia, mas que devia ter muito diminuido com os estragos, e antes ruina lastimosa do corpo. Differente alento se deve suppôr; e não póde suppôr-se outro senão o que viva Religião communica aos peitos privilegiados, onde descança em bem seguro assento. Varias vezes tenho reflectido com dôr, no damno profundo e irreparavel, que pertendida filosofia insensata tem trabalhado por causar á humanidade pela ruina da religião! Pondo ainda de parte, se he licito pôr de parte tão graves considerações, a nobreza evidente do homem e a sublimidade dos seus destinos ¿ que poderia offerecer a audacia presumida, para curar tantas e tão crueis feridas do coração humano, em vez deste balsamo tão precioso, tão efficaz e tão universal? Felizmente serão sempre baldados os esforços da demencia atrevida; e a humanidade logrará em todo o tempo o uso deste especifico inestimavel.

Com tal conforto se animava e sustentava o Senhor D. José Maria de Mello desassombrado e seguro; até ao ponto de ser a todos motivo de reparo tamanha segurança. Desde o insulto de Setembro de 1812, se reputou elle mesmo, como já toquei, muito vizinho do termo da carreira da vida. Mas esta apprehensão melancolica, e pelo menos muito grave, não apparecia no seu exterior, nem perturbava a sua alegria. Tomava, muito ao natural, parte na conversação dos outros, e a seu modo a entretinha, no ordinario desafogo de espirito e amenidade, que era propria do seu genio. Revolvia os livros, ouvia propostas, procurava pareceres na materia de seus empregos, quasi sem differença dos melhores tempos. Em tudo finalmente, sempre, e a todos mostrava a tranquilla satisfação da mais perfeita

conformidade ás disposições da Providencia. Perto de quatro annos desde que chegou a Lisboa em 1814, se conservou neste estado; e foi por meado daquelle espaço de tempo, que fez a declaração da ultima vontade, que nos deixou: documento incontestavel de seu grande juizo, e sublime virtude Christã, em que dispoz de tudo o que possuia em favor da sua Congregação do Oratorio, da sua Igreja do Algarve, e dos seus Familiares. O seu mal parecia ou era entretanto estacionario, e promettia em certo modo aos que o tratavão de perto mais alguma duração da sua vida; porém a 9 de Janeiro de 1818, o accommetteo com dobrado impeto; cedêrão as forças já mais de meio prostradas da natureza; e o Senhor D. José Maria de Mello acabou como de improviso; deixando sepultada em hum abysmo de dôr a sua Familia, consternados os seus amigos, a Patria lastimada, saudosos todos aquelles a quem presidia, e dizendo com a voz sentida dos seus corações « Depare-nos a Sabedoria do Principe hum successor, que em zelo e virtudes o chegue a emparelhar. »

Este foi, assim viveo, e assim passou, como ha tantos motivos de suppôr, a outra melhor vida, o Senhor D. José Maria de Mello; Fidalgo sem arrogancia, litterato sem presumpção, Ecclesiastico sem desvio das obrigações e espirito do seu Estado. Se entendermos por grande homem o que accommette e acaba destas emprezas, de que pasma e se maravilha o mundo, não direi que foi hum grande homem: mas direi sempre que foi, o que talvez ainda he mais raro, hum homem quasi perfeito. Neste excellente caracter só notei (porque em fim he precizo que na maior belleza humana appareça sempre alguma imperfeição, e que eu declare toda a verdade) certa demóra em resolver, e certa propensão a equivocar nos outros a santidade, que não passava de apparente, com a verdadeira: dois defeitos

unicos, e ambos nascidos de duas grandes virtudes, mui ponderada circunspecção e eminente piedade propria. No largo espaço de trinta annos, em que o tratei e observei muito, não pude divisar outros. Todas as pessoas de quem sou conhecido, sabem a muita obrigação em que elle me constituio. Eu a reconheço e confesso, desculpe-se-me este rasgo de amor proprio, com certo gráo de estimação de mim mesmo. Mas protesto juntamente, que esta obrigação não me induzio a crear motivos do seu louvor ou a encarece-lo. Vivem pessoas que o conhecêrão tão bem como eu ; e não duvido appellar, ou invocar o seu testemunho. A perfeição pois que este opusculo inculca no seu sujeito, não he devida á sagacidade de quem o escreve, mas á felicidade do assumpto : e o unico merecimento que me posso arrogar, he o de ser fiel em referir, e de tomar para objecto de elogio, quem certamente foi digno de hum panegyrista, que com bem adaptada formosura de estylo, pudesse realçar o lustre de primoresas e insignes qualidades.

MEMORIA HISTORICA E CRITICA

ÁCERCA DE

Fr. LUIZ DE SOIZA

E DAS SUAS OBRAS.

Deve o amor da verdade vencer, nas opportunas occaziões, a natural e por isso desculpavel repugnancia, que temos todos á confissão das faltas proprias ou, o que he o mesmo, das faltas da Patria. Eu a venço pois, fazendo-me não pequena força, para declarar que a Litteratura Portugueza nos *dois* Seculos XVII. e XVIII., sendo muito abun*dante* de escritos, foi com tudo pobre de monumentos de engenho, que nos possão instruir e honrar [1]. São de todos, e até dos estranhos, muito sabidas algumas das cauzas; e de todos, principalmente dos mais entendidos, notados com lástima os seus effeitos. Á proporção que a nossa litteratura

[1] Desde o principio do Seculo XVII. até meado do Seculo XVIII. foi incrivel entre nós o prurito de escrever e de imprimir: mas o proveito e a honra com que o fizemos são notorios. *No principio* com tudo do Seculo XVII. apparecêrão alguns dos nossos escritos mais eminentes; e no fim do XVIII. mostrou em particular a nossa Poesia, que haviamos topado outra vez com o bom caminho. Porém aquelles primeiros escritos devem referir-se de justiça ao Seculo antecedente, pelo menos na maior parte; e as boas compozições Poeticas do fim do Seculo XVIII. são quasi as unicas, porque notámos, no dito espaço de tempo, a nossa litteratura de pobreza, e não de falta total de monumentos de engenho.

declinou, subio a de França e Italia, e por fim a de Inglaterra e Alemanha. Estas Nações levárão as boas Artes a muito alto ponto de perfeição; cultivárão com trabalho incansavel e grande fruto o campo da Historia; adiantárão admiravelmente a Sciencia Physica e a Moral. E nós, que se não na cultura, ao menos no alto aproveitamento das Artes e Sciencias, tinhamos levado a todas, exceptuando Italia, grande dianteira de tempo [1], ficámos entretanto, ora vendo com indifferença muito pouco airoza, ora admirando com inveja os seus progressos: quazi do mesmo modo que ensinando-lhes a Arte da Navegação e os caminhos do Commercio, depois nos tornámos discipulos ou invejosos dos seus progressos maritimos e lidas mercantis. O ultimo periodo de admiração e de inveja no tocante á litteratura, mais honrado já e por isso mais digno do nome Portuguez, principiou com o impulso que recebemos da grandeza e liberalidade de animo d'ElRei D. João V., e continuou com as acertadas medidas politicas, que empregou com muita actividade ElRei seu filho. Como que despertámos de pezado sono pelos annos de mil setecentos e trinta e tantos. Mas abrindo os olhos, démos logo com elles na grande luz que illustrava as Nações estranhas, e que em razão do seu muito vivo esplendor e do estado de que sahiamos, não deixou de nos enlear e quazi aturdir. Não voltámos mais o rosto, senão pouco e com pequeno effeito, para os trabalhos de nossos Maiores; e tendo-os geralmente por ainda rudes e meio barbaros, em vez de continuarmos o que elles tinhão começado com gloria, só nos démos á lição das producções alheias, com insignificante proveito de luzes e

[1] Pedro Nunes, João de Barros, Luis de Camões precedêrão aos grandes homens que França, Inglaterra, e Alemanha lhes podem assinar por competidores.

de credito, e com grande injuria da veneravel antiguidade Portugueza.

Eu não quero encobrir que em quazi todos os ramos das Sciencias e na perfeição de varias compozições de gôsto, as daquellas Nações excedião então muito as luzes e as obras dos nossos antigos; mas tambem devemos confessar, que nem em todas as partes da doutrina, nem em todas as producções das boas Artes succedia o mesmo. ¿ E dado ainda que succedesse o mesmo em todas, com que fundamento nos atreveriamos a desprezar as nossas primeiras tentativas? Em todo o cazo nos deviamos incitar muito com a consideração dos exemplos dos nossos Maiores, e podiamos tirar do apurado conhecimento da sua valia o bom conceito das proprias forças, que delle devia rezultar, e que ajuda tanto o adiantamento em todos os honrados empenhos do homem: e tratando e estudando os bons compatriotas conservariamos, o que he não menos importante, conhecimento dos termos e frazes da nossa lingua, e daquelle seu ar e geito de exprimir os pensamentos, sem o qual hè impossivel huma compozição mediana, e muito mais impossivel huma compozição perfeita em Portuguez. Seguírão diverso trilho os que entre nós se derão aos estudos ao raiar, por meado do Seculo XVIII, aquella aurora das letras. Se alguns judiciozos exhortárão os mais a revolver os escritos Portuguezes do nosso bom tempo, e se hum ou outro se determinou com aquella exhortação, fez della pouco cazo o maior numero; e deste desprezo nascêrão em grande parte os máos effeitos, que nos custão a confessar agora, mas que não podemos negar sem faltarmos reparavelmente á boa fé. Lemos, e talvez lemos e admirámos muito, as compozições estranhas; e com tudo ou por vergonhoza cobardia não ouzámos imita-las, ou sahimos com imitações fracas e de todo faltas de caracter proprio, por-

que nem podião ser Francezas ou Italianas, nem erão realmente Portuguezas. Não digo que este tem sido o unico obstaculo aos nossos progressos litterarios; mas não hezito em dizer que não tem sido hum dos menos poderozos; e que removido elle, fôra de esperar que caminhassemos com passo mais apressado e mais seguro. Esta esperança, e o dezejo assim da honra de nossos passados como do aproveitamento dos prezentes, me levárão á opinião de que faria importante serviço quem do esquecimento, pouco menos que geral, em que os nossos Authores classicos andão enterrados, fosse tirando todos ou alguns delles: e com tal proposito empreguei o tempo, que podia furtar ao descanso que requerião outras occupações, em procurar noticias e examinar com muita ponderação as obras dos principaes; lançando depois por escrito a sua historia, e o juizo que cheguei a formar das melhores compozições, que delles nos tem conservado o tempo.

Foi o primeiro, quem me parece que na ordem dos escritores em proza, o he pelas graças do estylo e casta formozura de linguagem; quero dizer, o Biografo do respeitavel Arcebispo de Braga e Chronista da Religião de S. Domingos em Portugal, Fr. Luiz de Soiza. Este nome não anda tão esquecido, he verdade, como o de outros, e as suas obras forão sempre e são ainda muito louvadas: tenho com tudo para mim, que são menos lidas do que louvadas, e que o louvor, pela maior parte, não assenta em inteiro e claro conhecimento das suas virtudes. E por essa cauza intento persuadir aos nossos Naturaes que as leião, e estudem muito; e tirando assim os grandes proveitos litterarios que ellas offerecem, venhão ao mesmo tempo a capacitar-se de que possuimos hum Historiador, que no tom grave e elegancia da fórma, póde competir com os mais nomeados entre os estranhos.

Não he porém esta minha empreza, no que diz respeito a Fr. Luiz de Soiza, tão pouco ardua, como o póde parecer á primeira vista; antes se acompanha de duas difficuldades, que quem as considerar quanto merecem, não póde reputar pequenas. A primeira destas difficuldades logo se alcança, que he a de escrever em Portuguez a vida de hum homem, que na mesma lingua historiou por modo inimitavel; ou que só podéra ser imitado por sugeito de igual engenho e cultura. Na verdade só os Tullios, como uzavão dizer em tal cazo os nossos bons velhos, podem escrever bem a propozito dos Platões. E além de ser fóra de dúvida, que deve haver justa proporção entre a penna que escreve e a coiza ou pessoa de quem ella escreve; quem se encarrega de referir a historia de Fr. Luiz de Soiza hade recorrer a cada passo ás suas obras, ou para melhor, hade te-las á vista de contínuo; e he impossivel que ao ponderar o seu admiravel estylo não deslente e esmoreça, e não seja mil vezes tentado á riscar quanto tem escrito, e a dezistir da empreza, a que sempre lhe parecerá que se aventurou com temeridade. Esta difficuldade, por certo muito avultada, encarei eu desde logo, e pouco faltou para me atalhar no meu projecto: considerei com tudo, que em favor do proveito público se devia desprezar; pois de outra sorte ficarião os homens illustres pela maior parte desconhecidos, visto serem poucos os seus iguaes, e esses poucos antes occupados em acabar grandes obras proprias, do que em celebrar e dar informação das alheias.

A outra difficuldade nasce da falta de documentos, de que o historiador de Fr. Luiz de Soiza se póde ajudar. Os tres Escritores estrangeiros Echard, Touron, e Nicoláo Antonio [1] não dissertão, nem podião dizer, mais do que os

[1] Jacques Echard Dominico Francez, nascido em 164

Portuguezes. Diogo Barboza Machado não accrescenta muito[1] ao que referírão os nossos Escritores Dominicos. Os Dominicos Fr. José da Natividade, e Fr. Lucas de Santa Catharina[2] pouco mais fazem do que seguir á risca o que escreveo no Prólogo da segunda Parte da Chronica, quando pela primeira vez a deo á luz, Fr. Antonio da Encarnação: e este ultimo, se no tocante a Fr. Luiz de Soiza he muito succinto, no tocante a Manoel de Soiza Coitinho ainda satisfaz menos a nossa curiosidade[3]. Fr. Pedro Mon-

lecido em 1724, compoz huma Bibliotheca dos Escritores Dominicos, bem estimada dos Sabios, e impressa em Paris 1719, e 1725, 2 vol. fol. No artigo de Fr. Luiz de Soiza segue principalmente Nicoláo Antonio. — Antonio Touron, tambem Dominico Francez, nascido em 1686, e fallecido em 1775, compoz entre outras obras = Historia dos homens illustres da sua Ordem. Paris 1745, 6 vol. 4.° = No vol. V. pag. 147. e seguintes toca a historia de Fr. Luiz de Soiza. — A Bibliotheca Hespanhola de Nicoláo Antonio he muito conhecida e muito digna de o ser. Não escapou a este laboriozo e exacto Bibliothecario huma breve noticia enterrada no Agiologio de Jorge Cardozo, de que se fallará em seu lugar.

[1] Mas accrescenta, e até aponta copiada formalmente a carta por que Francisco de Lucena mandou, da parte do Governo, pedir a Fr. Luiz de Soiza a Historia d'ElRei D. João III. A carta he datada de 9 de Janeiro de 1632; e a cópia tem agora mais preço por ser perdido o original.

[2] Fr. José da Natividade natural de Lisboa, professo no Convento de Azeitão em Novembro de 1727, accrescentou o Agiologio Dominico, e nelle escreveo a historia de Fr. Luiz de Soiza ao dia 11 de Maio, tomo VI. pag. 336, e seg. — Fr. Lucas de Santa Catharina, natural de Lisboa, professou em Bemfica em 1680, e falleceo em 1740. Foi Academico da Academia Real da Historia, e escreveo a Parte IV. da Historia de S. Domingos em Portugal. Vej. ib. L. I. C. 24.

[3] Fr. Antonio da Encarnação, natural de Evora, professou no Convento de S. Domingos da sua Patria. Passando á India, nella ensinou e foi Prezentado em Theologia em 1630. Voltou

teiro outro Dominico, Francisco de Santa Maria, e D. Antonio Caetano de Soiza tocão muito de passagem a historia deste homem illustre[1]; o Theatro Litterario Luzitano de João Soares de Brito não pude ver[2]; mas he bem de suppôr que não contém mais noticias que as que dá Diogo Barboza que o vio. Nas proprias obras do nosso Historiador apura-se até certo gráo a historia litteraria dellas, mas pouco se acha que possa pertencer á do Author; e isso mesmo se torna embaraçado, por ser em varios cazos duvidozo se ha de ser referido a Fr. Luiz Cacegas, se a Fr. Luiz de Soiza; pois que ambos tem nellas parte quazi por igual, e em alguns lugares he quazi forçado entender antes o apparelhador do edificio do que o architecto[3]. Espe-

ao Reino, foi Deputado da Inquizição em Evora e em Lisboa, Prior de Bemfica, onde vivêra Fr. Luis de Soiza, e Vigario das Freiras do Sacramento, onde vivêra Sór Magdalena das Chagas. Morreo no Convento de S. Domingos de Lisboa em Outubro de 1665.

[1] Veja-se o Claustro Dominicano tom. III. pag. 286, Anno Historico tom. II. a 5 de Maio, e a Historia Genealogica da Caza Real Portugueza tom. X. pag. 802, e tom. XII. pag. 360.

[2] = O Visconde de Villa Nova da Cerveira Thomaz Telles da Silva fez tirar em Paris, *diz Barboza*, huma Cópia do Theatro Litterario Luzitano = Vio e servio-se o mesmo Barboza desta cópia, segundo confessa. Mas pondo eu alguma diligencia em saber se ainda se conserva na Livraria do Excellentissimo Marquez de Ponte de Lima, me respondeo ultimamente o Amigo entendido e hourado, a quem incumbi a averiguação, que não achára della noticia.

[3] O que se lê, por exemplo, na Vida do Arcebispo L. I. c. 1. = Corremos pessoalmente todas as terras de Entre Doiro e Minho, &c. = refere-se a Fr. Luiz Cacegas, e não a Fr. Luis de Soiza; e igualmente o que se lê na Chron. P. I. L. I. C. 18. = Passando quem isto escrevia a Roma, no anno de 1571, vio &c. = Ao contrario refere-se a Fr. Luiz de Soiza, e não a Fr. Luiz Cacegas, o que se lê na mesma P. I. L. I. da Chron. C.

rei achar outros meios de informação na Livraria e Cartorio de Bemfica, onde Fr. Luiz de Soiza professou e onde viveo pelo largo espaço de dezenove annos; mas hum incendio que os destruio ha pouco tempo, e de que vim a saber quando me dispunha a examina-los, me cortou toda a esperança. Na Congregação dos Dominicos, por ultimo, não se conservão, segundo o que alcancei de alguns delles mais abalizados por estudo e empregos, informações mais miúdas e claras; e até me dou a crer, pelo que infiro dos relatorios de Fr. Antonio da Encarnação, de Fr. Lucas, e de Fr. Pedro Monteiro, que nunca as houve [1]. Cedeo aqui a Religião de S. Domingos em Portugal, áquelle descuido que Fr. Luiz de Soiza tanto e tantas vezes estranha nos seus Maiores: sendo de esperar mais curiosidade e melhor averiguação da parte dos tres Dominicos ultimamente nomeados; pois que todos fazião muito caso dos escritos de Fr. Luiz de Soiza, e da honra que com elles grangeou a sua Provincia, e que hum delles foi contemporaneo do nosso Historiador, e os outros dois forão homens applicados e indagadores, que poderão valer-se a tempo da Livraria e Archivo de Bemfica.

Somos pois obrigados a usar desse pouco que os mais antigos nos deixárão, e que se póde colligir dos escritos de Fr. Luiz de Soiza. He necessario porém, que para os explicar, e maiormente para supprir no que he de mais im-

14. = Por nossos olhos o vimos em Argel, &c. = Fr. Luiz de Soiza esqueceo-se neste ponto da clareza e distincção que tanto prezava, e de cuja falta nos outros se queixa por varias vezes.

[1] Porque se as houvesse, não poderião elles ignora-las; e não as ignorando serião, particularmente Fr. Antonio da Encarnação, e Fr. Lucas de Santa Catharina, mais largos, e mais seguros no que referem.

portancia o com que faltarão, empreguemos conjectura. Ainda na prezença de abundantes documentos o historiador he forçado a lançar mão de conjectura; porque raras vezes são elles tão sufficientes e tão claros, que não deixem occazião para adivinhar ou o que omittirão, ou o que declarão imperfeitamente. E se o historiador precisa sempre da sizuda diligencia em examinar, não preciza menos em todo o cazo de penetração discreta, ou para prender o fio historico que acha cortado, ou para desempeçar perplexidades, ou para compôr differenças, e talvez contradicções. Podem com tudo ficar certos os nossos Leitores, de que nem por isso seremos, por me servir das formaes palavras de Fr. Luiz de Soiza, *atrevidos no contar*. Estamos bem capacitados de que a principal valia da Historia consiste na verdade dos successos referidos; e nem a paixão, nem a propensão propria nos podem aqui levar a relações destituidas de bom fundamento. Quando conjecturarmos, apontaremos as razões com que o fizemos, e os Leitores poderão ajuizar da sua força, ou fraqueza; e assim como nunca exporemos factos sem indicar o fundamento historico, assim nunca offereceremos conjectura sem advertir por hum ou por outro modo, que a não pretendemos vender por mais do seu justo valor. Com tão sincera declaração dos nossos meios e rezoluções, parece-nos que temos merecido a confiança dos Leitores; a qual poremos muito cuidado em conservar no decurso deste trabalho, a que vamos já dar principio, por entendermos que não he necessario mais dilatado preludio.

Entre os Portuguezes de muito valor, grandes serviços e ainda maior respeito, que creou a formoza e luzida idade que chamamos de quinhentos, foi notavel Lopo de Soiza Coitinho, natural de Santarem, Filho de Fernão Coitinho e Bisneto do segundo Conde de Marialva D. Gonça-

lo Coitinho [1]. Na idade de dezoito annos [2] se embarcou de Lisboa para a India; e alli servió em tempo do Governador Nuno da Cunha, nas emprezas militares de mar e terra, com tanta honra e fama, que em voltando ao Reino, ElRei D. João III. o recebeo com distinctas mostras de estimação, e o mandou por Governador do Castello da Mina. Acabado este Governo, em que se houve com muito zelo e desinteresse, veio outra vez para Portugal, e então, porque a morte de seu Irmão mais velho Ruy Lopes Coitinho o mettêra em posse da principal herança de seus Pais, cazou com huma Dama da Rainha D. Catharina por nome D. Maria de Noronha [3], de quem teve numeroza descendencia [4]. No meio dos trabalhos militares da Azia, e

[1] Dona Joanna Coitinho, Filha do segundo Conde de Marialva, casou com Ruy Lopes Coitinho, de quem teve Fernão Coitinho: e de Fernão Coitinho e D. Joanna de Brito Filha de João da Cunha Contador Mór da Excellente Senhora, nasceo Lopo de Soiza Coitinho.

[2] Barboza diz no artigo de Lopo de Soiza Coitinho, que embarcou na armada de D. Pedro da Castel-branco, e a armada de D. Pedro de Castel-branco partio, segundo Francisco de Andrade, em 1532. A Bibliotheca Luzitana aponta, talvez por erro typografico, o anno de 1583.

[3] Filha de D. Fernando de Noronha Capitão de Azamor, e de D. Anna da Costa, Filha de D. Alvaro da Costa, Camareiro e Armeiro Mór d'ElRei D. Manoel. Hist. Geneal. tom. XII. pag. 360.

[4] Fr. Antonio da Encarnação no Prologo á Part. II. da Chronica: e Fr. José da Natividade no Agiologio Dominico attribuem sómente seis Filhos a Lopo de Soiza Coitinho: porém Barboza no seu artigo e a Historia Genealogica XII. 360. attribuem-lhe oito Filhos varões e huma Filha chamada D. Anna de Noronha, que foi Freira nas Donas de Santarem. Os Filhos forão, segundo a Historia Genealogica ib., Ruy Lopes Coitinho, Lopo de Soiza Coitinho que foi cativo na batalha de Alcacer, e teve de legitimo matrimonio unicamente tres Filhas Freiras em

dos cuidados do seu Governo e familia, achou tempo de cultivar as letras, aprendendo a Physica e Mathematicas e estudando a fundo a lingua Latina, a Poezia e Antiguidades. Deixou boa prova nas composições que se derão á estampa, e em outras que ficárão em manuscrito, e de que fazem menção os Bibliografos [1]. Unio com tudo isto grande religião, pureza de costumes e tal izenção no serviço do Rei e da Patria, que nunca solicitou premios, nem pedio compensações da fazenda, que despendeo largamente quando visitou os lugares de Africa e exercitou o posto de Capitão Mór da armada da Côrte. Tão nobres prendas e tamanhos serviços o fazião digno de respeito; a que obrigava ainda mais a sua presença veneravel, de tal sorte que até d'ElRei se refere que lhe não fallava sem indicios de grande consideração [2]. Não quiz, por morte de sua mulher

Santa Martha de Lisboa, Gonçalo Vas Coitinho que veio a succeder na caza, Manoel de Soiza Coitinho, João Rodrigues Coitinho, André de Soiza Coitinho Cavalheiro de Malta, N. que foi Provincial dos Gracianos, e Fr. Jorge de Jesus tambem Frade Graciano. Barboza chama ao segundo Diogo de Soiza Coitinho, e ao Provincial dos Gracianos Fr. Lopo. Não me aventuro a decidir se elle merece aqui mais credito que D. Antonio Caetano de Soiza.

[1] Barboza aponta como impressos dois Livros do Cerco de Diu. = Coimbra, por João Alvares, 1556, fol. = o livro da perdição de Manoel de Soiza de Sepulveda, sua Mulher e Filhos, 4.º; e varias Obras Poeticas no Cancioneiro Geral impresso em Anveres 1570: declarando porém que estas se attribuem ahi a Lopo de Soiza sem o appellido de Coitinho. Aponta mais, entendo que como manuscritas, Traducções de Seneca o Tragico e de Lucano, e emprêsas de illustres Varões Portuguezes na India. Fr. Antonio da Encarnação falla em obras, em que elle *deo a ver que era singular Mathematico.*

[2] = A presença e gravidade da pessoa era tal, que dizem que o mesmo Rei (provavelmente D. Sebastião) se compunha quando fallava com elle. = Fr. Antonio da Encarnação no citado

e com respeito á sua memoria, passar, segundo lhe persuadião, a outras nupcias, preferindo empregar-se todo, como se empregou, na criação de seus Filhos, que dirigio com grande desvelo e muito acerto pelos caminhos da virtude Christã, da honra Portugueza e das letras. E neste emprego tanto de louvar e tão suave, o veio achar a morte quando em Janeiro de 1577, ao apear-se de hum cavallo na Villa de Povos, acabou desastradamente penetrado da sua propria espada.

Procedeo de tão illustre Pai e aprendeo de tão veneravel Mestre, seu quarto [1] Filho Manoel de Soiza Coitinho; mais conhecido agora pelo nome de Fr. Luis de Soiza, com que correndo os annos veio, por effeitos de religião e amizade, a trocar o primeiro [2]. O descuido, que negou a este insigne Escritor até as honras de hum breve Epitafio, tambem nos privou do conhecimento do tempo em que elle nasceo. E não he senão comparando o lugar que teve entre seus Irmãos com o tempo em que cazou Lopo de Soiza, e ponderando o que elle diz da idade adiantada, em que no anno de 1613 procurou o claustro de Bemfica, que eu me determino a suppôr que nasceo na volta de 1555 [3],

Prologo á P. II. da Chronica; e concorda Barboza no artigo de Lopo de Soiza Coitinho.

[1] Fr. Antonio da Encarnação e Fr. José da Natividade o dizem quinto Filho; Barbosa diz terceiro Gonçalo Vaz Coitinho e quarto Manoel de Soiza, e tambem este ultimo he quarto na serie em que vem nomeados na Hist. Geneal.

[2] Veja-se o que dizemos adiante da mudança de nome quando se recolheo no Convento de Bemfica.

[3] Lopo de Soiza, que cazou depois de vir da India e depois de vir do Governo do Castello da Mina, devia cazar por 1545, 1546; dando pois ao nascimento de quatro Filhos o espaço de nove annos desde o casamento, que he o mais natural, o quarto, que foi este nosso Escritor, nasceo por 1555: em segundo lugar, elle mesmo diz no Prologo á P. I. da Chron. que Deos

que foi o antepenultimo anno do Reinado de D. João III. Declára elle mesmo que Santarem foi a sua Patria, como o fôra de seu Pai [1]. E esta Villa tão conhecida e tão antiga não só se ennobreceo singularmente, pela fortuna de dar á luz dois Varões tão egregios, mas lucrou tambem a ventura de serem historiadas algumas das suas antiguidades, e representado o seu assento sobranceiro e senhoril com as vivas côres que para tudo se desprendião do pincél de Fr. Luiz de Seiza, ainda realçadas pelo particular empenho de hum Filho muito affectuoso, que se prezava de o ser, e se esmerou em pintar a formozura magestoza do seu berço tão honrado [2]. Primor agradecido e brio o resolvêrão a descrever igualmente o sitio e representar as vantagens e commodos de Viana do Lima no primeiro livro da Vida do Arcebispo [3]; porém confrontando ambas as pinturas, bem se vê, que a huma o obrigárão respeitos, e a outra o levou o coração. Assim he que a differença dos objectos era grande, porque a postura rasteira de Viana e a *pouca força que traz* o seu Lima, não tem que fazer com o largo e alterozo assento de Santarem, e com o poder d'aguas do Tejo e a rica grandeza de suas Campinas; com tudo conhece-se facilmente, ainda feito esse desconto,

o trouxe á Religião *ao pôr do Sol da vida*, que se deve assinar mais perto dos 60, que dos 50 annos de idade; e nascendo em 1555, havia de contar no de 1613, em que se retirou a Bemfica, 58 annos.

[1] = Lembro-me *como natural de Santarem*, ouvir muitas vezes Missa nesta Capella e ver-lhe as paredes cobertas de pinturas a fresco, &c. = Chronica Part. I. Liv. II. Cap. 38.

[2] Vejase a Chronica Part. I. Liv. II. Cap. I. que começa = Avendo de tratar do sitio e fabrica do Convento que a ordem tem hoje no alto da Villa de Santarem. =

[3] Cap. 29. que começa = Viana, que vulgarmente se chama da Fóz do Lima. =

que o seu animo se dilata mais, acode mais prompta e activa a imaginação e a penna corre de melhor vontade representando Santarem do que Viana. Cumpre gostozamente o Escritor com a obrigação de pagar o tributo, a que tinhão alto direito os generozos Vianezes, mas demora-se com delicias em descrever Santarem: e em summa contenta-se de dar aos Leitores boa informação das coizas de Viana, porém lida, e empenha-se em lhes pôr diante dos olhos, bem ao justo e ao vivo, o bello e grandiozo aspecto da sua Patria [1].

Supposto o grande cuidado que Lopo de Soiza Coitinho applicou á educação de seus Filhos, e particularmente á educação nas letras [2], e a muita capacidade que elle tinha para os ensinar, fica facil de crer que se desvelaria muito na cultura de Manoel de Soiza, que desde logo devia dar muito crescidas esperanças. Entre a indole litteraria de Lopo de Soiza tão propensa ás letras humanas e a de Manoel de Soiza, houve sem dúvida grande similhança; e era esta huma nova e poderoza razão para que seu Pai o dirigisse com especial empenho. O avultado e preciozo fruto, em fim, que o nosso Historiador certamente colheo, argúe e ao mesmo tempo mostra o effeito do desvelo, com que forão na idade propria lançadas as boas sementes. Mas se á boa educação litteraria, que por taes razões nos persuadimos que teve na caza Paternal, ajuntou mais graves e profundos estudos na Universidade de Coimbra, não he

[1] Na comparação que foi procurar, e que segue fiel e miudamente, se póde notar bem este proposito.

[2] = A todos (Barboza no artigo de Lopo de Soiza Coitinho) mandou frequentar a Universidade de Coimbra, e estranhando-lhe seus parentes que entre elles fosse o herdeiro da caza, lhes respondeo, *que mal lhe tinha feito aquelle Filho para o deixar ignorante!* =

questão a que eu me lizongêe de poder dar resposta decizivą. O amor da honra da Universidade em que fui criado, e em que tenho consumido larga parte da vida, me inclina muito a desejar que ella pudesse jactar-se de tão abalizado alumno; mas o amor da verdade, a que este affecto com todos os outros deve ser sugeito, obriga-me por isso mesmo a ser aqui mais precatado, e a confessar por ultimo que fluctuo em duvidas neste ponto, hum tanto mais propenso a recuzar do que a consentir. Diogo Barboza refere que principiando Manoel de Soiza Coitinho a estudar em *Coimbra*, mudou depois de parecer, e a deixou para seguir a vida das armas[1]. Porém desta relação, que em si nada tem de improvavel, não allega fundamento, nem particulariza circumstancias; de modo que quanto a mim, só assenta em alguma probabilidade geral e no seu dito. E por outro lado o silencio de todos os mais e o do mesmo Manoel de Soiza onde falla assentadamente de *Coimbra*, e a inclinação que este mancebo teve muito cedo á profissão militar, parecem contradizer e pelo menos diminuir o pezo da affirmativa de Barboza. He muito de prezumir em todo o cazo, que por aquelle tempo nem teve grande demora, nem fez em Coimbra muito intensa applicação.

Os Povos mais activos e resolutos tem no seu progresso da infancia para a idade caduca tres estados. Ou tem valor e ao mesmo tempo descuido e talvez desprezo das *obras e cultura de engenho*; ou unem valor com muita es-

[1] = De cujos sublimes dótes (Barboza no artigo de Fr. Luis de Soiza) teve por primeiro theatro a Athenas Conimbricense, onde cultivou as Sciencias amenas e severas. Ao tempo em que em tão famoza Universidade lograva as aclamações merecidas, se resolveo, mudando de theatro, illustrar o seu nome com as armas. =

timação e applicação ás letras; ou se dão ás Sciencias e Boas Artes quazi de todo, e não sem detrimento e injúria da fortaleza e brio que a nossa condição requer, e que são necessario fundamento das grandes e nobres acções. Neste ultimo estado desterrão-se os antigos prejuizos, dilatão-se e por ventura crescem as luzes, especula-se mais profundamente sobre a natureza das coizas. Mas se crescem as luzes que *na realidade* importão á felicidade humana póde entrar em alguma dúvida; o ardor das paixões honradas desvanece-se com os vagares e frieza das especulações; novos prejuizos succedem aos antigos, e entre estes tem sido desterrados alguns muito proveitozes [1]. Se estivesse na mão de hum Povo, e não dependesse pela maior parte de muitas e varias cazualidades, apressar ou deter este progresso, atrever-me-hia eu a aconselhar-lhe que chegasse promptamente e parasse no segundo; muito mais proprio do que qualquer dos outros para vencer as difficuldades ordinarias da vida e contrastar os acazos da fortuna, para o fazer venturozo nos proprios lares, e para o sublimar na opinião dos estranhos e da posteridade. Este foi o dos Romanos antigos por espaço de quazi oitenta annos desde a segunda guerra Punica até á ruina de Corintho. O primeiro Africano cultivava as letras ao mesmo tempo que illudia os formidaveis e assombrozos projectos de Anibal, que desbaratava o maior Capitão da antiguidade, e humilhava o mais ardente antagonista de Roma: o Africano segundo, ao mesmo tempo que vencia Syphax e Asdrubal e acabava com a

[1] O homem em razão da fraqueza natural do seu entendimento não póde viver sem preoccupações e illuzões; e por esta cauza quando se desembaraça de humas, se enlêa logo mais ou menos em outras. Entre as illuzões humanas algumas são uteis; tal he por exemplo a com que esperamos gozar de fama e de gloria posthuma.

fóra Carthago, conversava em Litteratura com C. Lælio, animava o Poeta Terencio, e talvez tomava parte nas suas composições [1]. E este foi o do nosso Reino pelo decurso do Seculo XVI.; e pelo menos até ao triste anno de 1578. Os nossos grandes homens, que no amor da Patria e da gloria sublime não ficárão atraz daquelles Romanos, tambem competírão com elles no gôsto e estudo das letras: e bastará nomear, para que cesse toda a dúvida, tres Governadores da India quasi successivos [2]; Nuno da Cunha, Martim Affonso de Soiza, e D. João de Castro; dos quaes o primeiro foi instruido na lingua Latina, letras humanas, e Historia, e cultivou a Poezia vulgar [3], o segundo propunha questões e movia dúvidas a Pedro Nunes [4], e o ultimo deo bem a ver que frequentára a escóla deste insigne Mathematico.

Os mancebos pois de mais altos espiritos, com approvação e por conselho de seus Pais, começavão por apren-

[1] Houve quem suspeitasse que Scipião e Lælio ajudárão Terencio no compôr as suas Comedias.

[2] D. João de Castro succedeo a Martim Affonso de Soiza a 7 de Setembro de 1545; Martim Affonso de Soiza he que não foi immediato successor de Nuno da Cunha, porque se interpôs em 1538 D. Garcia de Noronha, mandado de Lisboa por Viso-rei. D. Estevão da Gama em 1540 succedeo a D. Garcia de Noronha; porque abrindo-se por morte deste as vias, se achou D. Estevão nomeado em segundo lugar e o primeiro não teve effeito. No tempo competente foi mandado por successor de D. Garcia de Noronha, Martim Affonso de Soiza, que chegou á India em Junho de 1542. Vej. Andrade P. III. C. 82.

[3] Vej. a Bibliotheca Lusitana no seu artigo. João de Barros diz, na Dec. IV. L. X. C. 22. = Teve algumas letras Latinas, e muita discrição em qualquer pratica, como homem que era universal em muitas coizas. =

[4] Vejão-se e comparem-se na Bibliotheca Lusitana os dois artigos de Martim Affonso de Soiza e Pedro Nunes.

der letras; mas sem as deixarem de todo, procedião quanto antes a vestir as armas e buscar perigos, e nelles occaziões de honrada fama. Era muito subido e generozo o animo de Manoel de Soiza Coitinho para não seguir aqui o geral impulso, e não imitar o egregio exemplo que tinha na sua mesma caza. E assim, ou contentando-se só da primeira educação litteraria, ou rompendo, como o Author da Bibliotheca Luzitana nos affirma, com brioza impaciencia os estudos de Coimbra, determinou-se em accommetter o caminho da gloria Marcial, sem todavia se desprender dos abraços e mimos das Muzas; o que com effeito he apenas possivel a quem ellas huma vez bafejárão e afagárão com suas meiguices tão poderozas. A Religião de S. João de Jeruzalem offerecia, particularmente naquelle tempo, aos moços nobres tudo quanto podia mover em alto grão a sua justa cobiça: frequentes opportunidades de servir á cauza do Christianismo contrastando os seus inimigos, escóla muito activa do valor e arte da guerra, companheiros, no primor e esforço, dignos de grande emulação, esperanças de honesta fortuna pelos meios de merecimento e de serviço. Vivião tres Irmãos mais velhos, e o segundo e terceiro, quando a morte ou outra cauza impedisse o primogenito de continuar a successão, erão fiadores provavelmente bastantes da duração da sua Familia: e veio realmente a succeder que fallecendo sem posteridade Ruy Lopes Coitinho e Diogo de Soiza Coitinho, entrou Gonçalo Vaz Coitinho em seu lugar, e por elle se continuou ainda por algum tempo a linha masculina de Lopo de Soiza Coitinho. Por todas estas considerações, he de suppôr, quiz Manoel de Soiza alistar-se entre os Cavalheiros daquella illustre Religião: não como ultimo termo dos seus propozitos militares, mas como primeira escóla de exercicios, em que depois recahissem melhor as fadigas e riscos de

Milicia Oriental, que era o alvo a que então atiravão os Portuguezes; segundo se vio em seu mesmo Irmão André de Soiza, que sendo Cavalheiro de S. João foi servir na Azia e acabou naufragante quando da India voltava para o Reino [1]. Como que os loiros e palmas não contentavão bem os nossos guerreiros se não erão colhidos nas ribeiras peregrinas do Indo, e nas do Ganges ainda mais chegadas ao nascimento do Astro do dia!

Alistou-se na Religião e Milicia de Malta, ou hia para se alistar, no anno pouco mais ou menos de 1576. Todos os Escritores que consultei, que forão todos os que pude consultar, o tem decididamente por noviço Maltez, ou o que he o mesmo por alistado naquella Religião: e esta opinião he de alguma sorte favorecida pela qualidade do baixel, em que hia embarcado quando foi cativo. Com tudo nem a qualidade do baixel, nem a auctoridade dos Escritores consultados podem tirar toda a dúvida, que move a *facilidade do resgate* [2]; porque os Escritores, se não he Diogo Barboza, que todavia não costuma ter huma exacção por que nos mereça inteira confiança, mostrão pouco

[1] = Passando á India, na volta de lá se perdeo com o Governador Manoel de Soiza Coitinho. = Historia Genealogica da Casa Real Tomo XII. pag. 358. Manoel de Soiza Coitinho foi XXXIII. Governador da India entre 1588 e 1591; o seu naufragio he referido por Faria e Soiza na Azia Portug. T. III. Part. I. C. 8.

[2] Fr. Antonio da Encarnação e Fr. Lucas de Santa Catharina mostrão-se admirados de que pertencendo elle á Religião de Malta, se resolvessem os Argelinos, contra o que costumavão ácerca de Maltezes, a conceder-lhe resgate, e recorrem á industria com que elle se devia disfarçar. A sua admiração he bem fundada; mas não deixa de ser duvidozo, que sendo elle noviço Maltez e aprisionado em huma Galé da Religião, pudesse illudir a precatada vigilancia dos Argelinos.

conhecimento do facto, e porque bem podia Manoel de Soiza Coitinho hir embarcado em huma galé Malteza sem ser ainda noviço da Religião. Nenhum dos Escritores apontados indica o anno; mas comparando a minha estimativa da época do seu nascimento com o que elle diz em hum lugar das suas Obras, de estar cativo em Argel no anno de 1577 [1], determino-me muito pelo espaço entre fins de 1575 e principios de 1577, o que vem a dar no anno de 1576, pouco mais ou menos. Nascendo como prezumo, por 1555, cumpria Manoel de Soiza ao dito espaço de tempo vinte ou vinte e hum annos, e quando mais entrava nos vinte e dois; e he muito pouco provavel que antes dos vinte annos tivesse concluido, principalmente se estudou em Coimbra, a sua primeira educação, e que os seus superiores lhe permittissem sahir da caza paternal e do Reino, e hir militar em regiões estranhas. Como quer que seja, Barboza refere, ou para melhor refere o mesmo Manoel de Soiza [2], que ao sahir do Porto de Sardenha embarcado em huma Galé Malteza foi tomado pelos Moiros e conduzido em cativeiro para Argel. Apezar do triunfo que as armadas Christãs tinhão ganhado em Lepanto pela victoria de 1571, sobre os guerreiros Mahometanos, e apezar dos trabalhos continuos dos Cavalheiros Maltezes, não andavão os Piratas Africanos pouco atrevidos, e o Mediterraneo, muito mais

[1] = Seja exemplo que vimos por nossos olhos em Argel, no anno de 577, em que alli fui cativo; cortes escudos e reales de oito, &c. = Soiza, Chronica Part. I. Liv. VI. Cap. 3, e do mesmo cativeiro falla, sem com tudo determinar o anno, no Liv. IV. Cap. 5.

[2] Com effeito, o mesmo Manoel de Soiza Coitinho no Prologo ás Obras de Jaime Falcão diz = *qui in Melitensi triremi adversa tempestate penè eversa a piratis ad Sardiniam capti, Algerium que in Africam trajecti.* =

junto ás Costas de Italia, era de tal modo infestado por Cossarios, que os navegantes Christãos corrião alli o maior risco de hir gemer nos carceres ou arrastar os grilhões da escravidão nas Cidades barbaras; como foi agora Manoel de Soiza Coitinho, tendo a desventura de experimentar os revezes da guerra ainda antes, ou quazi antes, de poder offender os inimigos.

Em Argel, diz Barboza, *achou entre os cativos o celebre Miguel Cervantes de Saavedra, com quem contrahio muito estreita amizade*; e allega em prova hum dos lugares da Novella de Cervantes que se intitula *Trabalhos de Persiles e Sigismunda* [1]. Não póde negar-se o encontro com Miguel Cervantes; porque de huma parte Manoel de Soiza assina o seu cativeiro ao anno de 1577 [2], em que Cervantes, cativo desde 26 de Setembro de 1575, certamente se achava escravo em Argel; e de outra parte Cervantes no dito lugar [3] mostra conhecimento de Manoel de Soiza, que se não póde admittir bem a proposito procedido de outra occazião. Hum Cavalheiro, como era Manoel de Soiza Coitinho, entendido e amavel na companhia, e cultivado já com bons estudos, devia obrigar a grande inclinação hum peito como o de Miguel Cervantes; que na verdade reprezenta ao natural a nobreza do seu sangue, a sua grave prezença e discrição. Com tudo o trato entre estes dois homens insignes não podia ser muito largo e intimo em Argel; não tanto porque Cervantes na Novella de Persiles parece ignorar a sua verdadeira patria e outras circumstancias, como e principalmente porque este grande homem es-

[1] Obra impressa, depois da morte do Author, Madrid 1617; e no mesmo anno em Lisboa por Jorge Rodrigues em 8.° mai. Eu consultei a edição de Lisboa.

[2] Veja-se a nota (1) da pag. 80.

[3] Veja-se Liv. I. cc. 10. 11. fol. 23. vers. até 27. vers.

teve fugitivo no anno de 1577, e escondido em huma profunda caverna em distancia de tres milhas de Argel, desde os fins de Fevereiro até ao fim de Setembro: donde se colhe na nossa suppozição, que só o poderià tratar ou nos primeiros dois, ou nos ultimos tres mezes do dito anno; e assim mesmo não poderião ver-se e fallar-se mais do que o pouco que devia ser permittido a cativos, e cativos tão vigiados de seus Senhores, como a historia refere que o foi Miguel Cervantes [1]. O Author tão conhecido e tão admirado do immortal Quixote, depois de se achar na batalha de Lepanto e provar ahi o ferro inimigo, que o deixóu para sempre manco do braço esquerdo, navegava de Napoles para Hespanha, quando foi tomado pelos Argelinos, e coube em sorte ao famozo Cossario Arnaute Mami, hum renegado Albanez de caracter tão cruel e sanguinario, como era baixo e perverso. Nesta condição horrenda teve Cervantes de passar por todas as mizerias, de que a triste humanidade póde ser opprimida: hum Senhor tyranico, amigos traidores, inconvenientes desgraçados, falta de soccorro da propria Familia, que não tinha meios de lhe acudir. Mas todas venceo o seu coração intrepido e admiravel constancia e astucia, com que em certo modo se fez respeitar até dos barbaros que o tinhão cativo [2]. No momento em que luctava ainda bem affastado e incerto da victoria, lhe associou a fortuna o nosso Manoel de Soiza Coitinho na condição de escravo; e por huma notavel cazuali-

[1] Veja-se a Vida de Miguel Cervantes escrita com a maior diligencia e bem apurada critica por D. Vicente de los Rios e impressa em frente do Quixote, edição de Madrid 1780, fol. tom. I. §§. 12 — 24.

[2] Merece na verdade ser lida nesta parte com attenção a Vida de Cervantes, que deo alli as mais decisivas provas de penetração e força de animo.

dade o maior engenho Hespanhol e hum dos melhores engenhos de Portugal soffrêrão no mesmo ponto de lugar e tempo, os rigores de huma sorte durissima, que hum e outro não merecião.

O cativeiro porém de Manoel de Soiza Coitinho, ou porque não era ainda noviço Maltez e o seu resgate foi promovido por meios mais efficazes, ou porque a cobiça dos barbaros venceo neste cazo o seu rancor contra tudo o que dizia respeito á Religião de Malta, foi muito menos prolongado que o de Miguel Cervantes [1]. Este Hespanhol não conseguio liberdade antes de 1580, e Manoel de Soiza não se demorou em Argel talvez hum anno completo. O modo por que elle falla no Livro 6.° da Parte primeira da Chronica insinua que não esteve em Argel mais que no anno de 1577 [2], e se não foi aprizionado antes do principio delle, claro he que não foi ainda perfeito esse anno de escravidão [3]. He de prezumir que o respeito e os meios das Familias fossem as cauzas verdadeiras da differença de condição neste ponto entre os dois illustres engenhos. A Familia de Cervantes, posto que nobre [4], não tinha o luzimento da do seu Amigo, e tão escassos erão os seus recursos,

[1] O de Cervantes, segundo a conta de D. Vicente de los Rios durou cinco annos menos sete dias.

[2] = No anno de 577, em que alli fui cativo = dá a ver que este foi o anno unico, e não hum entre outros de cativeiro.

[3] Que não esteve cativo em todo o anno de 1577, diz elle mesmo no Prologo ás Obras de Jaime Falcão, pois declara que dentro do dito anno estava em Valença = *Valentiam veni anno a partu virginis septuagesimo septimo supra milesimum et quingentesimum.* =

[4] D. Vicente de los Rios no lugar citado §. 7. = *hasta que la guerra contra los Turcos, le presentio una occasion oportuna para emplearse en otro exercicio mas proprio de su* nacimiento *y valor.* =

que sua Mãi e Irmã, depois de cinco annos de cativeiro, só puderão apromptar huma quantia muito inferior ao preço do resgate, e foi precizo que ajudasse com o mais a caridade dos Trinitarios encarregados da redempção [1]. Resgatado Manoel de Soiza, nem por isso continuou no propozito de ser Cavalheiro Maltez. O motivo desta mudança de opinião não me consta com certeza. Fr. Antonio da Encarnação diz em geral que procedeo de razões forçozas, e Fr. José da Natividade, provavelmente repetindo o que aquelle disse, falla na mesma sustancia. Todos os outros, e até Barboza entre elles o mais noticiozo, guardão silencio. Porém como no mesmo anno de 1577, segundo o que dissemos, falleceo Lopo de Soiza Coitinho, e logo no seguinte succedeo em Alcacer o desbarato de ElRei D. Sebastião, a quem acompanhava seu Irmão mais velho Roy Lopes Coitinho, cuido que não será temeridade attribuir tal mudança de propozito á perturbação e desconcerto dos negocios da Familia, que devião quazi necessariamente trazer comsigo estes dois acontecimentos [2].

Em grosseiras trévas, apenas interrompidas de alguns vislumbres incertos, se esconde desde este ponto a historia de Manoel de Soiza até ao seu cazamento com D. Magdalena de Vilhena; as quaes, com todo o meu ardente empenho e não menos intensa diligencia, não achei modo de

[1] D. Vicente de los Rios ibid. §. 24. = *El Padre Gil compadecido de Cervantes, y temiendo no se perdiesse, buscó dinero prestado, y le aplicó varias cantidades de la Redencion hasta completar su rescate.* =

[2] Com tudo seu Irmão mais moço André de Soiza Coitinho, que foi cativo com elle e ficou em penhor em Argel em quanto Manoel de Soiza passou a Hespanha a tratar do resgate de ambos, persistio na primeira tenção, e professou na Religião de Malta. Veja-se o Prologo ás Obras de Jaime Falcão.

dissipar. Barboza dá immediatamente conta do infortunio que teve de ser em Catalunha *despojado pelos bandoleiros que infestavão aquelle Principado;* perseguindo-o em terra a mesma ruim ventura que experimentára nas aguas de Sardenha: e por occazião das Poezias de Jaime Falcão, que Manoel de Soiza no anno de 1600 publicou pela estampa em Madrid, toca a amizade que teve em Valença no anno de 1577 com aquelle Escritor, a quem ouvio explicar a Arte Poetica de Horacio [1]. Os Dominicos Fr. Antonio da Encarnação, Fr. Lucas de Santa Catharina, e Fr. José da Natividade referem a este espaço viagens ás Indias Oriental e Occidental, por cauza *de guerras e de outros respeitos de honra que a isso o movêrão, mostrando sempre nas occaziões valor e generozidade de nobre e de Portuguez* [2]; e a esta relação segue o Dominico Francez Echard e se inclina o outro Dominico, tambem Francez, Antonio Tourôn. Mas sem abraçar ou regeitar inteiramente estes testemunhos, contentar-me-hei de fazer sobre elles algumas breves reflexões.

Na vida do Arcebispo se dá noticia de hum encontro no Principado de Catalunha com bandoleiros, que no anno de 1571 despojárão quem aquillo escrevia e outras muitas pessoas que o acompanhavão: e entre este successo e o que conta Barboza acho tal similhança no sustancial, e ainda nas palavras, que hezito se hum e outro são o mesmo; ou por outros termos, se Barboza copiou do dito lu-

[1] Manoel de Soiza tendo ajustado passar á Patria e voltar a Argel com o preço fixo do resgate de seu Irmão e do seu, parou em Valença onde contrahio grande amizade com Jaime Falcão, que lhe expôz a Poetica de Horacio e o incitou de novo á cultura das letras. Veja-se o mesmo Prologo.

[2] Fr. Antonio da Encarnação no Prologo á Part. II. da Chron. de S. Domingos.

gar aquella noticia [1]. Mas dado que com effeito a copiasse, he necessario declarar que se enganou, attribuindo a Manoel de Soiza o que verdadeiramente he referido de Fr. Luiz Cacegas. Este Religiozo acompanhou a Roma no anno de 1571 o Provincial Fr. Nicoláo Dias, quando foi ao Capitulo Geral [2], e devia de ter na volta o incommodo que alli se conta, e que não póde, no anno de 1571, entender-se de Manoel de Soiza com bom fundamento. O conhecimento e trato com Jaime Falcão não posso disputar, porque nelle assenta a publicação das suas Poezias que fez depois em Madrid; e mais ainda porque o mesmo Manoel de Soiza o diz pelo modo mais pozitivo e mais claro no Prologo ás ditas Poezias [3]. No tocante ás viagens a ambas as Indias, he precizo advertir que nem nas Obras de Manoel de Soiza Coitinho, nem no seu artigo por Barboza se acha o mais leve apontamento de viagem ao Oriente; e que a viagem ás Indias Occidentaes, se Manoel de Soiza não fez mais de huma, ha de ser referida a tempos muito posteriores. Aquelle silencio do nosso Historiador faz aqui grande força, porque na Parte III. da Chronica conta com alguma largueza a Historia da Religião de S. Domingos na India, e he o seu costume, no historiar dos lugares onde estéve e onde viveo, fallar, posto que sempre com muito comedimento e brevidade, de si mesmo e de suas coi-

[1] A comparação das palavras de Barboza com as do Cap. 33. do Liv. II. da Vida do Arcebispo, faz crer na verdade que Barboza teve em vista estas ultimas.

[2] Veja-se o mesmo Barboza no artigo de Fr. Luis Cacegas, e a Chronica de S. Domingos Part. II. Liv. IV. Cap. 7.

[3] Este Prologo li em huma segunda edição que se fez em Barcelona 1624, 12.° A edição original de Madrid não pude encontrar. Esta de Barcelona achei na rica Livraria de Jesus em Lisboa.

zas[1]. O silencio de Barboza não me parece menos de attender; primeiramente, porque Barboza, de todos os que escrevêrão deste homem illustre, he quem no meu conceito se mostra mais diligente e informado mais pelo miudo[2]; em segundo lugar, porque Barboza não podia ignorar, nem ignorou, o que sobre este ponto havião escrito Fr. Antonio da Encarnação e Fr. Lucas de Santa Catharina, e com tudo se o não refuta, tambem o não abona, e nem sequer o repete; e porque parece ultimamente, que fallando da viagem á America em tempos, como disse, posteriores, devia tambem fallar da viagem á India se tivesse por certa aquella noticia. Confesso que não he muito de suppôr, fallando absolutamente, que hum animo tão nobre e tão denodado deixasse no tempo mais florente da vida de exercitar as armas em serviço da Patria; o que então só poderia fazer na India: mas esta observação parecerá menos concludente, se considerarmos que o zelo da Patria esfriou nos mais nobres peitos, ou para melhor ardeo encoberto, em quanto ella esteve á discrição de Reis estranhos; e que os mais generozos Portuguezes se tiverão em affectada quietação, receiando hir antes ajudar interesses alheios, do que servir e promover os proprios. A mesma viagem á America, de que não tenho dúvida em tempos posteriores, não foi viagem militar, mas de commercio ou de mera curiozida-

[1] Em Argel (por exemplo) na Chronica Part. I. Liv. I. Cap. 14. e Liv. VI. Cap. 3. — em Santarem, ibid. Part. I. *Liv. II.* Cap. 38. — na Batalha, ibid. Part. I. Liv. VI. Cap. 19.

[2] Se a alguem parecer que este conceito que aqui declaro ácerca de Barbosa encontra o que já disse e ainda direi em outros lugares, advirta, que bem podia Barbosa ser diligente averiguador e muito informado em certos pontos, sem todavia ser hum crítico rígido e digno por tanto de grande confiança. Quanto a mim, isto podia ser, e isto foi realmente o nosso Bibliothecario Luzitano.

de, como Barboza refere, e como alcançou a grande penetração de Nicoláo Antonio, em cujo modo de fallar não deixou o Dominico Touron de fazer reparo [1]. Assim que tudo bem ponderado, sou de opinião que he muito para suspeitar que o encontro com os bandoleiros seja attribuido por engano a Manoel de Soiza; que a viagem á India Oriental he ao todo muito duvidoza; e que não fez á America mais de huma viagem já no Seculo XVII., e só de commercio ou de pura curiozidade [2].

Jaime ou Jacob Falcão Cavalheiro da Ordem de Montéza e Commendador, que falleceo quazi no fim do Seculo XVI. com setenta e dois annos de idade, foi hum homem muito versado e douto nas Mathematicas, e ao mesmo tempo insigne nas letras humanas. Cultivou a Poezia Latina com tão bom successo, como prova o muito cazo que o nosso Historiador fez das suas obras Poeticas, e o voto de juiz tão sabido e inteiro, como foi o illustre Nicoláo Antonio. Não duvída dizer este ultimo Escritor, que no merecimento da satyra pouco menos que igualou o de Horacio [3]. Eu não tive occazião de observar por mim mesmo a exacção deste juizo tão aventajado, mas cuido que sem ser temerario, me posso fiar implicitamente na imparcial critica do sizudo Bibliothecario Hespanhol. Ao sahir do cativeiro de Argel, Manoel de Soiza, desembarcando em algum dos portos dos Estados de Aragão, e passando por Valença

[1] Nicoláo Antonio declara-se, a respeito das Indias Oriental e Occidental pela palavra *visitavit*; por cuja occasião nota o Padre Touron = Parece dizer hum Author Hespanhol que não foi senão huma viagem de curiozidade. =

[2] Veja-se o que dizemos adiante sobre a Viagem a Panamá.

[3] = *Ad Horatianam laudem proxime accessit* = são as formaes palavras de Nicoláo Antonio, a que corresponde fielmente a versão = pouco menos que igualou. =

Patria de Jaime Falcão, teve occazião de o tratar e aproveitou-a, ouvindo delle a explicação do admiravel livro da Poetica Horaciana; immortal argumento da rara penetração, solido juizo e feliz engenho do seu Author, e norte seguro de que não devem apartar os olhos todos os que quizerem atinar nos empenhos da Poezia e ainda das outras Boas Artes [1]. Não tinhão como daqui se colhe, os propozitos da milicia e trabalhos do cativeiro quebrantado o forte animo de Manoel de Soiza, nem apagárão de todo o ardor accendido d'antes em seu peito para se entregar á cultura das letras: e as advertencias de Falcão e os seus exemplos, concorrendo agora com as boas dispozições do nosso Historiador e com o desalento, que nas pessoas de maior generozidade cauzou, para outros projectos que não fossem os de vida retirada e escura, a ruina da Patria succedida por aquelle tempo, o inflammárão muito mais no amor dos estudos, em que podia achar occupação honesta, e a consolação unica que admittião os nossos infortunios [2]. Com estas idéas se determinou a passar a Portugal logo depois do anno de 1578 [3], e a tomar parte nos luctos e desamparos da sua Nação e Familia, ambas consternadas com a dôr de

[1] *Conveni, audivi, amavi. . . . Utraque ille officia, et patris, et magistri indulgentissimè præstitit. Inter alia Artem Poeticam Horatii mihi sedulo explanavit, eademque ipsa scholia dictavit, quæ his libris &c.* = Veja-se o Prologo citado.

[2] Do citado Prologo se confirma o effeito que cauzárão em Manoel de Soiza as conversações com Jaime Falcão: bem que ahi mesmo se diz elle quazi esquecido, nesse tempo, das Muzas, e pouco ardente para o seu commercio. = *Ad studia Literarum penè jam Musarum oblitum excitavit, languentem ad Poesim impulit.* =

[3] Entrando em Valença em 1577, e demorando-se ahi dois annos, devia sahir quando mais cedo em 1579 = *duobus annis ut patrē colui, ut magistrum veneratus sum.* = Prologo citado.

tamanhos damnos prezentes e com os justos receios ainda de peior futuro [1]. E entrando com effeito em Portugal, nelle persistio sem mudança alguma de estado, até que entre 1584, e 1586, se me não engana a ponderação de alguns indicios historicos [2], veio a cazar com D. Magdalena de Vilhena.

D. Magdalena de Vilhena foi Filha herdeira de Francisco de Soiza Tavares [3], Capitão Mór do mar da India e

[1] Pelo que respeita á Familia de Manoel de Soiza, seu Irmão mais velho Ruy Lopes Coitinho, diz Barboza, no artigo de seu Pai, que se achou na batalha de Alcacer e devia passar pelos incommodos que são de suppôr (menos a morte porque Manoel de Soiza na Chronica Part. II. Liv. VI. Cap. 3 attesta que vivia e estava no Reino em 1580) mas que não acho na historia particularizados: e do outro Irmão Lopo de Soiza Coitinho diz a Historia Genealogica Tom. XII. 358, que ficou cativo.

[2] Nascendo Manoel de Soiza Coitinho, segundo a nossa suppozição em 1555, devia completar trinta a trinta e hum annos entre 1584, e 1586; e he de prezumir que não cazasse em idade mais adiantada. Por outro lado Fr. Antonio da Encarnação no Prologo á Part. II. da Chronica diz D. Magdalena *viuva de poucos annos de D. João de Portugal:* se nisto quiz dizer que tinha poucos de idade, devia ter no de 1578 vinte e dois e no espaço que digo devia completar trinta, que he o mais que á vista de tal dito se lhe póde attribuir; e se quis dizer, o que julgo mais provavel, que tinha poucos de viuvez, não devião passar de seis ou oito, que se cumprírão em 1584 e 1586.

[3] Francisco de Soiza Tavares foi Filho de Gonçalo Tavares segundo Senhor de Mira e D. Catharina de Castro Filha de Diogo Lopes de Soiza Mordomo Mór d'ElRei D. Affonso V. e Alcaide Mór de Arronches. Por ultimo tomou Francisco de Soiza Tavares o habito da Provincia da Piedade e falleceo no Convento de Santo Antonio de Aveiro. Veja-se Barboza na Bibliotheca Lusitana, e a Historia Genealogica da Caza Real Portugueza Tom. XII. Part. I. pag. 253.

das Fortalezas de Cananor e Dio, e de sua Mulher D. Maria da Silva. Cazára D. Magdalena em primeiras nupcias com D. João de Portugal Neto do primeiro Conde de Vimiozo e Filho daquelle D. Manoel de Portugal, a quem dirigio a Ode VII. Luiz de Camões, e de D. Maria de Menezes Filha de D. Henrique de Menezes Commendador de Idanha a Velha, Governador da Caza do Civel e Embaixador a Roma. Teve de D. João de Portugal hum Filho e duas Filhas. O Filho morreo moço antes de cazar; e huma das Filhas cazou com D. Pedro de Menezes Neto do primeiro Conde de Linhares, e não teve successão; e a outra, por nome D. Joanna de Portugal, cazou com D. Lopo de Almeida [1]. O tempo, que costuma fazer nas gerações e Familias misturas tão naturaes e com tudo tão curiozas, veio depois a unir a descendencia de D. João de Portugal e D. Magdalena de Vilhena com o principal ramo da Familia de Manoel de Soiza Coitinho; porque D. Diogo Fernandes de Almeida, Neto de D. Lopo de Almeida e pela Mulher deste Bisneto de D. Magdalena de Vilhena, cazou com D. Joanna Thereza Coitinho, Filha de Francisco de Soiza Coitinho [2], e por elle Neta de Gonçalo Vaz Coitinho, o terceiro entre os Irmãos do nosso Historiador, que por acabarem sem successão os dois mais velhos ficou, como já tocámos, Senhor da caza de seu Pai Lopo de Soiza Coitinho. D. João de Portugal, que com seu Pai, com seu

[1] D. Lopo de Almeida foi Pai de D. João de Almeida o formozo, e este Pai de D. Pedro de Almeida o 1.° Conde de Assumar por Carta de 11 de Abril de 1677. Historia Genealogica Tom. X. 804 seqq.

[2] Enviado a Hollanda e França depois da revolução de 1640, e Embaixador a Roma, Alcaide Mór de Souzel, Conselheiro de Estado e nomeado Governador do Brazil. Falleceo em 22 de Junho de 1660.

Tio o segundo Conde de Vimiozo, e com seu Primo Filho deste e hum dos heroes da lealdade Portugueza D. Francisco de Portugal [1], acompanhou ElRei D. Sebastião na jornada de Africa, ficou nella morto, ou extraviado mas na opinião de morto; e sua Mulher D. Magdalena de Vilhena, se realmente o não era, reputava-se de muito boa fé em plena liberdade para contrahir segundo matrimonio. Se era ainda vivo o Filho que D. Magdalena houvera de D. João de Portugal [2], não parece que o matrimonio com ella traria grandes commodos e conveniencias a qualquer Cavalheiro de igual nobreza, com direitos a hum mais sólido e bem assentado estabelecimento; porque se bem era herdeira e como tal administrava a caza transmittida por seus Pais, seu Filho devia com grande probabilidade excluir da successão os de outro leito. He verdade que este obstaculo podia desvanecer-se e talvez se desvaneceo; mas era o mais natural que perseverasse, e em quanto durava devia obrigar a grande reparo. Mas ou que as conveniencias fossem realmente maiores do que agora parecem, ou que Manoel de Soiza se determinasse antes por qualidades da Senhora do que por conveniencias de outro genero, he certo que se rezolveo e effeituou entre ambos cazamento, cujos laços não forão desatados pela morte, mas por huma resolução fóra do commum, de que não puderão os mais antigos, nem po-

[1] Com effeito foi heroico o modo porque este grande Portuguez se houve em seguir as partes do Prior do Crato por morte do Cardeal Rei; e na persuazão certamente, de que assim o requeria a lealdade á Patria, ás suas Leis e interesses. Veja-se a Bibliotheca Luzitana no artigo de D. Francisco de Portugal n.º II. e Faria e Soiza Europa Tom. III. Part. I. Cap. 4.º pag. 95.

[2] Parece provavel que o não fosse, mas não posso affirmar ou negar. D. Antonio Caetano de Soiza affirma que morreo em Ceuta de hum dezastre, mas não diz em que anno.

demos nós indicar com inteira certeza os motivos verdadeiros [1].

Não devo encubrir aos Leitores, para que fação mais seguro juizo da minha sinceridade e melhor conceito das razões por que me determino em affirmar ou suspeitar, a differença que a narração de outros faz desta minha sobre alguns dos successos referidos ou sobre as suas circumstancias. Todos elles, se tirarmos Diogo Barboza, insinuão mais ou menos claramente que a viagem ou viagens a ambas as Indias precedêrão ao cazamento com *D. Magdalena de Vilhena*: mas ácerca desta differença, nada me resta que accrescentar ás ponderações que deixo feitas e de que ainda agora me não descontento. Francisco de Santa Maria [2] não só antepõe ao cazamento as viagens ás Indias, mas até lhe antepõe o incendio da sua caza de Almada, cuja época foi quazi de certo o anno de 1599; mas além de que me parece retardar muito o successo do cazamento e nisto se afasta dos outros documentos, accresce que este Escritor suppõe que Manoel de Soiza Coitinho desde o cazamento não sahio mais do Reino, o que he por certo falso; pois que em huma das composições Latinas se diz auzente da Patria, da Mulher e Filha, com grande encarecimento da distancia que dellas o separava [3]. Antonio Touron diz que desde o cativeiro de Argel não tornou a Portugal senão muitos annos depois da batalha de Alcacer; que D. Mag-

[1] Veja-se o que dizemos adiante ácerca do divorcio, em consequencia do qual se recolhêrão Manoel de Soiza para o Convento de Bemfica e D. Magdalena para o do Sacramento.

[2] Veja-se o Anno Historico Tom. II. a 5 de Maio.

[3] *Quin et curarum fluctu contundor acerbo*
Dum procul a patria toto jam divider orbe
Et subeunt conjux, et natæ dulcis imago.
Navigatio Antartica.

dalena de Vilhena repugnou largo tempo ao matrimonio pertendido por Manoel de Soiza, e que passados mais de dez annos depois da primeira nova da morte de D. João de Portugal, he que, seguindo os conselhos dos seus proprios parentes, veio a condescender com a pertenção. Ignoro porém em que se funda o relatorio deste Estrangeiro aliás diverso do de todos os Portuguezes, e até do de Echard e Nicoláo Antonio, os quaes, como lhe era mais natural e mais facil, seguio no tocante a Manoel de Soiza. Não me parece por tanto que estas differenças sejão bastantes para me desviar do rumo que tenho tomado; e que tenho tomado, não a mero arbitrio meu, que mal pudera ser recebido na historia, mas pelas razões mais ou menos substanciaes que ficão expendidas. Manoel de Soiza Coitinho depois que cazou, permaneceo em Almada, onde era, como diz Barboza [1], Coronel de setecentos infantes e cem cavallos, occupado no governo do corpo militar que tinha a seu cargo, no meneo da sua caza e Familia, e na cultura das letras humanas; que á vista do que sabemos da sua indole e avultados progressos, não podemos deixar de crer que foi, entre todos os empregos de tempo, o com que elle lidava e se recreava muito de preferencia. A quietação porém e honesto contentamento que aqui desfrutava veio depois perturbar hum estranho successo, que o obrigou a deixar a Familia e Patria, e a hir peregrinar em remoto desterro.

Filippe II. no anno de 1583 havia deixado por Governador do Reino o Arquiduque Alberto, a quem ajudavão o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida e Pedro de Alçaçova, servindo de Secretario Miguel de Moira já

[1] = *Almadæ in Lusitania agebam* (diz elle mesmo no citado Prologo). *Vita erat curis libera et pene rusticana, præterquam quod præfecturam mihi imposuerat Rex septingentorum peditum, equitum ferme centum &c.* =

então elevado ao officio de Escrivão da Puridade. Mas em 1594 chamou o Arquiduque a Madrid para o provêr no Arcebispado de Toledo, que vagára de fresco; e nomeou Governadores de Portugal o novo Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, os Condes de Portalegre, de Santa Cruz e do Sabugal, e o mesmo Miguel de Moira. Governadores, que sim erão naturaes mas governavão em nome de hum Rei que não era natural, ainda quando não abuzassem da sua authoridade, terião muitos motivos e occaziões de se tornarem pouco agradaveis ao todo ou parte dos seus compatriotas: quanto mais que he muito de suppôr da fraqueza humana, do orgulho e insolencia de que mal se defendem os poderozos, e da ambição pouco menos que invencivel, que havia de levar os Governadores a servirem bem aos intentos de Castella, que no comportamento ou de todos ou de alguns delles, houvesse certo desvio do favor que devião aos seus Portuguezes, e da escrupuloza attenção e fino amor que devião á Patria. Taes circumstancias são na verdade muito críticas; e na sua prezença não aspira a mais o Cidadão ponderado, que ao retiro quieto e obscuro; e só muito obrigado ou da força incontrastavel da tyrannia, ou da mais bem fundada esperança de ser altamente util aos seus, he que se arroja no meio das ondas civis; e então mesmo não o faz sem advertir na possibilidade do naufragio, mas todavia bizarramente rezoluto a perecer nelle como victima honrada de huma cauza glorioza [1]. Aquelle ou aquelles Cidadãos, ao contrario, que sem o impulso de iguaes motivos acceitão ou requerem mandos e reprezentações em crizes similhantes, carecem por certo de pon-

[1] *Non ille pro caris amicis,*
Aut patria timidus perire.
Diz na sua admiravel brevidade Horacio na Ode IX. do Liv. IV. *ad Lollium.*

deração; e de Governadores em que falta ponderação, bem se podem receiar negligencias, erros e até malicias. Eu não posso affirmar em qual destes cazos estavão os Governadores do nosso Reino que succedêrão ao Arquiduque, porque em tamanha escuridade da historia o não pudera affirmar sem temeridade. Porém como quer que fosse, Francisco de Santa Maria dá testemunho de ter havido encontro, ou encontros, entre elles e Manoel de Soiza Coitinho: e ainda antes de eu ler o que este ultimo diz no seu Prologo a Falcão [1], mesmo reputando singular o testemunho de Francisco de Santa Maria, sempre propendi para lhe dar credito, em razão da sua grande verosimilhança. O procedimento seguinte de Manoel de Soiza foi tão impetuozo, que em hum Fidalgo bem educado e discreto mal se póde explicar sem lhe suppormos indispozição ou exasperação antecedente de animo: se já não he que a impaciencia habitual do jugo estranho serve nos peitos nobres de estimulo continuo para romper, até com certa demazia, contra todos os ministros da oppressão.

Por fallecimento do Cardeal Rei, quando a intriga e armas de Filippe II. luctavão contra o direito melhor, mas menos poderozo, o commum, ou mais exactamente o geral do Reino era desinclinado a Filippe, inferior na razão de succeder, inferior por estrangeiro, e mais inferior ainda por estrangeiro de caracter muito pouco popular. Não faltárão todavia Portuguezes, huns por temor, outros por am-

[1] ... = *meas (Ædes) etiam sibi postulant: quæ postulatio iniqui plena imperii contra morem patrium, et maiorum instituta, regum que leges mitissimas satis indicabat, nova illos veteris in me offensæ recordatione, jamdiu compressum odii virus opportunè evomere, nequaquã in memoriam revocantes, dedecere Principes viros, quales ii essent, in privatam vindictam potentiâ publici magistratus abuti.* =

bição, outros por indifferença muito absurda aos proveitos da Patria, e todos por degeneração e cobardia, que não duvidárão acceita-lo, e até favorecêrão por modo vergonhozo as suas pretenções. Na Memoria dos que se rendêrão a promessas traz Manoel de Faria apontado hum Ruy Lopes Coitinho, que supponho ser o Irmão mais velho do nosso Historiador[1]. Se he como parece, somos obrigados a admittir, com lástima, este labéo na descendencia de Lopo de Soiza Coitinho, e a confessar que muito desdisse do desinteresse e dignidade de hum Pai tão illustre, e muito desprezou as lições da primeira idade o seu mesmo primogenito. Com tudo, á vista da mágoa profunda com que Manoel de Soiza Coitinho falla da fatal jornada de Africa em tantos lugares, e do patriotico enthusiasmo de que a cada passo nos offerece argumentos[2], he muito de prezumir que o contagio nem tocou levemente o seu delicado pundonor.

[1] Este Ruy Lopes Coitinho devia ser pessoa de alguma importancia, e não tenho noticia de outro tal, senão do Avô e Irmão mais velho de Lopo de Soiza Coitinho, e do Irmão mais velho de Manoel de Soiza Coitinho; e he bem claro que Faria e Soiza não podia fallar alli de qualquer dos dois primeiros. Veja-se Faria e Soiza Europa Tom. III. Part. I. C. 2. pag. 119, 120, onde vem a lista dos que recebêrão cedulas de Christovão de Moira, para favorecerem as pretenções de Filippe II. a respeito de Portugal.

[2] Parece escuzado apontar lugares que o Leitor mais superficial das Obras de Fr. Luiz de Soiza póde encontrar e notar com *grande* frequencia: Veja-se com tudo, como argumento de quanto elle amava este Reino, a P. ii. da Chron. l. ii. c. vii., onde diz « sacrificio não pequeno, pelo *excesso* com que todos *amamos* este *nosso* torrão; » e como argumento do conceito alto e veneração, com que olhava para os antigos Principes de Portugal, o que no Prologo ás Obras de Jaime Falcão se aventura a dirigir a Filippe iii. chamando-lhe « *Regem indulgentia in nostros, æquitate in omnes Lusitanorum Regum vere successorem.* »

He certo que poucos desses mesmos cobardes deixárão, como he costume, de se arrepender depois, quando vírão as promessas sem cumprimento, a Patria tyranizada, e o Rei estranho logrando a obra, esquecidos, senão quebrados com desprezo, os mesmos instrumentos. Mas não temos razão alguma para julgar que Manoel de Soiza entrou no numero de taes arrependidos; antes tudo se conspira para o reputarmos desde o primeiro momento ferido no íntimo do coração pelos públicos desastres, e indignado contra o jugo tão torpe como oppressivo, e prompto a sacudi-lo ou arremessa-lo da cerviz generoza com varonil rezolução. E ou por esta impaciencia de jugo, como hiamos dizendo, e contínuo estimulo que ella traz comsigo, ou pelo encontro antecedente a que Francisco de Santa Maria refere este successo, Manoel de Soiza rompeo em hum acto de vigor, que de força havemos de ter por mais arrojado do que discreto. Sentio-se peste em Lisboa no anno de 1599 [1]. Os Governadores do Reino procurárão ares livres, e rezolvêrão passar-se a Almada e apozentar na caza de Manoel de Soiza [2]. Barboza parece dizer que elle a occupava, e que os Governadores quizerão lança-lo della com violencia [3]; Fran-

[1] A peste principiou por fins de Outubro de 1598, aquietou por fins de Agosto de 1599, mas no Outubro seguinte *começárão a picar* outra vez *rebates: não acabando de levantar de todo até Fevereiro de* 1602. Veja-se a Chronica de S. Domingos Part. III. Liv. VI. Cap. 10.

[2] = *Affuerunt Gubernatores Regni curiam Almadam transferentes, ædes oppidi sibi in hospitium destribuunt. Cum plures nec incommodæ superessent, meas etiam sibi postulant.* = Veja-se o Prologo dito.

[3] As palavras de Manoel de Soiza allegadas na nota (1) da pag. 96 = requisição iniqua, contra o costume patrio, instituições antigas, e Leis Regias, = provão a pretenção violenta da expulsão de seu dono. Quanto mais que vivendo este, como pa-

cisco de Santa Maria não deixa de fallar em violencia, posto que não falle na expulsão de seu dono. O certo he que não podendo de outro modo atalhar a tenção dos Governadores, e vendo baldadas as suas justas reprezentações e diligencias, se determinou a pôr-lhe fogo e a deixa-la consumir de todo [1]: com hum brio, que se bem passou os limites do devido respeito e até os da prudencia, offerece todavia não sei que mostras ou sinaes de animo dotado de nobre força e de izenção nada vulgar [2].

Era este comportamento não só sobejamente rezoluto, mas até de exemplo muito perigozo em despreso da publica auctoridade, para lhe não acudir com castigo a vingança, e ainda a discrição, dos Governadores do Reino. E ou porque elles procurárão desafrontar o seu respeito, ou porque mesmo antes disso se receiou Manoel de Soiza, não ha dúvida que à toda a pressa se sahio do alcance do seu poder e se retirou a Madrid, onde esperava achar meios de illudir, e pelo menos de entibiar, o ardor das suas repre-

rece, de assento, em Almada, sem elle ser expulso não podião occupar as cazas os Governadores do Reino.

[1] Com tanta delicadeza como energia o refere elle mesmo no dito Prologo pelas palavras seguintes = *Cum vehementer animo commotus essem, nova et inaudita Metamorphosis indignantes parietes injuriæ subduxit, in fumum et cineres abiere* = e faz lembrar o gabado artificio de Tullio, *fecerunt id servi Milonis*, &c.

[2] Barboza traz copiado hum Epigrama Latino que Manoel de Soiza compôz por esta occazião, e que bem mostra seus nobres espiritos, a consciencia do seu comportamento briozo, e as suas altas esperanças.

Quos flama absumpsit reddet mihi fama Penates,
Ponet, et æternum non moritura domum.

Manoel de Soiza era então bem differente do Fr. Luiz de Soiza tão comedido e humilhado ao depois em Bemfica!

sentações e queixas. Não se enganou com effeito nesta esperança. O governo de Lisboa era olhado da Côrte com indifferença; o tempo e distancia diminuião a gravidade da culpa; Manoel de Soiza he natural que se prevenisse expondo poderozos motivos e até procurando valias; e a bizarria, que se não póde negar, do seu mesmo arrojo augmentava a estimação da sua pessoa, e induzia por isso a considera-lo, senão innocente, ao menos pouco culpado. Não consta na verdade que elle tivesse em Madrid outro desgosto, que o achar-se nella em hum genero de desterro. Continuou porém em liberdade e socego de animo; e tamanho socego de animo que pôde occupar o seu ocio na honrada empreza de publicar as Obras de Jaime Falcão, e dar assim gloria ao seu amigo, acreditando o primor do proprio agradecimento [1]. Jaime Falcão fôra muito estimado, e até privado, de D. Pedro Borja Mestre da Ordem de Monteza, e durava nas pessoas da Familia de D. Pedro muito viva a memoria desta estimação, ou para melhor, ficára nellas a mesma estimação como em herança. Dezejavão pois seu Irmão o Bispo de Malaga, e seu Sobrinho D. João Borja Conde de Ficalho e Governador da caza da Imperatriz Maria, honrar Falcão ainda depois da sua morte: dezejo por certo de que haverá poucos exemplos entre os Grandes; e particularmente a respeito de hum homem que se distinguíra só por engenho, estudos e virtuozos comportamentos! E como Manoel de Soiza os emparelhava no alto apreço que fazia de Falcão, e os vencia em habilidade, e pelo menos em vagar necessario para colligir e fazer estampar as Obras do seu amigo, ambos elles o animárão

[1] = *Ita quinqueviratus ille invidiam sibi non levem conflavit, mihi inopinatum exilium peperit, Falconi gloriam attulit ubi Mantuam veni, nihil potius duxi, quam ut amici memoriam consecrarem.* = dito Prologo.

e incitárão com grande empenho para a mesma empreza, a que elle de si se achava não sómente propenso, mas até determinado. Ajuntou de toda a parte, dispôz, e publicou com muito trabalho as Obras Poeticas; grandemente ajudado, como elle confessa, de Beneito, hum Valenciano que Falcão deixára em testamento por herdeiro, e que por si apanhou e lhe remettéo tudo o que pôde, não só no tocante á Poezie, mas ainda no tocante á Mathematica [1]. Manoel de Soiza propunha-se tambem a fazer estampar os Opusculos Mathematicos [2], porém não me consta que puzesse em effeito este propozito, antes prezumo com bom fundamento que ficou meramente em idéa; e de certo sabemos só que deo á luz pela impressão as Poezias Latinas, que sahírão, como dissemos, estampadas em Madrid em 1600, e precedidas de hum Prologo na mesma Lingua, em que dá conta dos motivos e maneira que guardou na publicação, e offerece, mas com muita brevidade de que parece queixar-se Nicoláo Antonio [3], algumas noticias da vida de Falcão.

Desde o anno de 1600, em que Manoel de Soiza Coitinho estava em Madrid e nella fazia imprimir as Poezias do seu amigo Jaime Falcão, até ao de 1613, em que se separou de sua Mulher D. Magdalena de Vilhena, a historia guarda outra vez quazi pleno silencio, e a mesma conjectura mais atrevida pouco ou nada achára onde tomar

[1] = *Non parũ attulit adjumenti Beneitus, qui a Falcone hæres ex testamento nuncupãtus scripta.... cogere diligenterque ad me mittere curavit.* = dito Prologo.

[2] = *Sed de his latius agemus in ipsis Geometriæ commentariis, quæ propediem edituri sumus.* = ibid.

[3] = *Vitam ejus* compendiose *scripsit Emmanuel de Souza Coutinho nobilis Luzitanus. Nicoláo Antonio Bibliotheca Hisp. in Jac. Falcon.*

pé, a não lhe valer a diligencia, em tal cazo particularmente recommendavel, de Diogo Barboza. A este espaço de tempo he que elle refere a sua viagem ás Indias Occidentaes; mas sem indicar os fundamentos e sem fixar precizamente o anno. Bem que o nosso estimavel Bibliothecario não aponte, porém, fundamentos, nem assine o anno com precizão, não he para mim duvidozo que então fez aquella viagem; e julgo com alguma, ou muita probabilidade que a fez em acabando com a impressão das Poezias do seu amigo. Segundo se vê da sua compozição intitulada *Navegação Antarctica*, de que Barboza nos allega fragmentos, era já enlaçado em matrimonio e já era nascida sua Filha [1]. E se da dita *Navegação Antarctica* se colhe por hum lado que estava na America, e por outro que esteve alli depois do seu cazamento; do que diz no Prologo ás Poezias de Jaime Falcão se colhe tambem que não foi antes de se retirar para Madrid. Concluida a discripção, tão breve como viva e formoza, que faz de Almada, onde viveo depois de se unir com D. Magdalena, dá conta da vida que alli fazia desafogada de cuidados, quazi rural, e apenas interrompida por algumas dispozições e diligencias que dizião respeito ao seu commando militar, e essas mesmas raras e accidentaes. E comparando o que alli diz, com a grande probabilidade de que não cazára em annos adiantados para vagar pelo mundo e se affastar a tamanhas distancias, parece-me que fica claro que não vagou, nem se affastou, senão pelo gravissimo motivo que apontámos, e tomada occazião do seu inesperado desterro. Não sendo porém de prezumir que gastasse, obrigado da cólera dos Governadores do Reino, muitos annos em Madrid, e no fim

[1] A' nota (4) da pag. 93 fica citado o verso da Navegação Antarctica = *Et subeunt conjux, et natæ dulcis imago.* =

delles, em vez de se restituir á Patria e Familia, se alongasse de ambas para outro hemisferio, tenho que não he precipitada inferencia, que emprehendeo e effeituou a dita viagem logo, ou quazi logo, que acabou a impressão das Poezias.

Não sei que em tempo algum se desvelassem as Muzas pelas ganancias tão incertas e arriscadas da mercancia; antes lhes suppuz sempre mais altos e nobres objectos, e propozitos mais brilhantes; se bem que para quem pensa de certo modo menos uteis. Não ignoro que huma nação moderna, por varios titulos illustre, tem ajuntado o mais intimo trato das Muzas com as mais profundas e complicadas especulações mercantís; e talvez se desvanecerá de imitar nisto a famoza Republica de Athenas, que era o mais adiantado em letras, e ao mesmo tempo hum dos mais florecentes em commercio, entre os estados da antiga Grecia; e de competir com a de Florença em tempos muito mais modernos, quando aos Medicis chegavão, como diz hum celebre historiador[1], navios de Levante com as mais ricas carregações de fazendas e de manuscritos Gregos. Mas tambem sei que os Platões e Demosthenes não erão mercadores, e que os Miltons e os Popes não forão os negociantes da Grã-Bretanha. O homem, de mais disso, que se agita com os cuidados e uza aventurar-se aos riscos do negocio, não he o que louva e se paga das innocentes e tranquillas occupações ruraes, como fazia Manoel de Soiza Coitinho[2]. Affirma com tudo Barboza que *instado por seu Ir-*

[1] = Correspondia-se (Cosme de Medicis) ao mesmo tempo para o Cairo e para Londres: e o mesmo navio lhe trazia muitas vezes carregação de especiarias da India e de livros Gregos. = Duart. Gib. Hist. da declinação e ruina do Imperio Romano Cap. 66, pag. 136 da edição 8.° Londres 1790.

[2] Bem pago se mostra na grande satisfação com que diz no

mão João Rodrigues Coitinho morador em Panamá e por elle esperançado de grandes lucros de commercio se passou áquella Cidade. João Rodrigues Coitinho quinto Irmão, segundo a Historia Genealogica da Caza Real, do nosso Manoel de Soiza, era hum destes homens activos e emprendedores, que incansavelmente se occupão em projectos, e não se poupão a tentativas e trabalhos por conseguir fortuna [1]. E he muito de crer que achando-se por tal razão em Panamá e constando-lhe do desterro de Manoel de Soiza, o convidasse para a sua companhia movendo-o com esperança de lucros; e que Manoel de Soiza, vendo-se impedido de voltar promptamente a sua caza, aproveitasse a occazião de satisfazer á curiozidade e de viver com seu Irmão, sem talvez desprezar os grangeos que este se promettia. Mas a fortuna caprichoza foge ás vezes mais esquiva de quem a segue com maior ancia; e ou por esta sua muito commum esquivança, ou por outros quaesquer motivos não acudio agora, segundo conta o mesmo Barboza, ás diligencias de João Rodrigues Coitinho, e ás esperanças, se algumas teve, de Manoel de Soiza. Os esforços forão baldados e póde ser que ruinozos; e Manoel de Soiza vio-se em Panamá pouco afagado da ventura, e muito cortado de saudozas memorias de sua Mulher e de sua Filha.

citado prologo, que fazia em Almada huma vida livre de cuidados e quazi rural; e não he o lavrador quem nos versos de Horacio inveja as occupações do commercio, he o mercador que = *ocium et oppidi laudat rura sui.* =

[1] João Rodrigues Coitinho foi Governador da Mina e Angola, e morreo no *descobrimento das Ilhas de Cambebe pelo qual lhe estava promettido o titulo de Marquez.* O Author da Historia Genealogica da Caza Real Portugueza attesta do seu valor, resolução e capacidade de entrar em qualquer empreza difficultoza. Veja-se ibid. Tom. XII. pag. 360.

Ternamente se desvelava a fantezia de Manoel de Soiza, como elle mesmo confessa [1], com a delicioza imagem d'esta Filha, que a morte lhe não consentio que lograsse por muito tempo. ¿Mas cortou a foice fatal a mimoza flor quando ainda se formava e preparava para ser a gloria e desvanecimento do prado, ou já depois de ostentar a riqueza e brilho da sua gala e perfumar os ares com a suavidade da sua fragrancia? A reposta desta questão não he muito facil. Antonio Touron diz que ella lhe foi *logo* roubada [2]; Fr. Antonio da Encarnação diz que falleceo de pouca idade, e faz dizer a Manoel de Soiza que *Deos a levou em tenros annos* [3]; Fr. José da Natividade falla em idade florecente; Nicoláo Antonio *suspeita* e Jacques Echard *affirma* [4] que a sua morte foi a principal cauza do divorcio do nosso Historiador, o que indica idade hum pouco adulta; Francisco de Santa Maria diz que *D. Anna de Noronha* (que assim se chamava a Filha de Manoel de Soiza) *morreo solteira e foi Senhora de grandes partes e juizo,* o que obriga a suppôr adolescencia ainda mais adiantada [5]. Talvez, e he o que tenho por mais provavel, que

. . . .

[1] Nos versos da Navegação Antarctica citados ás notas (4) da pag. 93. e (1) da pag. 102.

[2] = *Leur fut bientôt enlevée par la mort.* = são as formaes palavras por que se declara Antonio Touron.

[3] No discurso de Manoel de Soiza a sua Mulher, quando lhe foi communicada a nova que lhe trouxera o Peregrino.

[4] Nicoláo Antonio diz = Talvez a morte desta Filha, *an aliud?* foi a cauza delle entrar e professar na Religião = e pela interrogativa mostrou incerteza digna de hum critico sabio. Echard, escritor aliás de merecimento, he muito menos precatado, e por isso me merece menos confiança.

[5] Para ser a cauza principal do divorcio devia succeder a morte de D. Anna de Noronha em 1613 ou quasi, e como nascêra antes de 1599, viria a fallecer de 14 ou 15 annos e talvez

todas estas opiniões se devão conciliar, concluindo que D. Anna de Noronha falleceo em idade que nem era tão crescida que se não podesse tratar de annos tenros e florecentes, nem era tão curta que não désse já mostras de entendimento e de outras prendas. Porém se provavelmente he esta a conciliação d'aquella variedade, confesso que não sei atinar com a da differença entre a suspeita de Nicoláo Antonio, que faz da morte de D. Anna de Noronha a cauza do divorcio, e a relação de Barboza, que a dá por cauza da vinda de Manoel de Soiza de Panamá para Portugal. Esta vinda precedeo, segundo o que parece mais certo [1], alguns annos ao divorcio, ¿e se a Filha era já fallecida antes da vinda da America, como podia a magoa da sua perda levar, annos depois, Manoel de Soiza á rezolução fortissima de se separar de sua Mulher? Mas deixando, por não poder mais, a solução d'esta implicancia; não ha duvida que Barboza refere que Manoel de Soiza Coitinho, por vêr mallogradas as suas esperanças de commercio e ter noticia da morte de sua Filha, se determinou a voltar, e voltou com effeito, das Indias Occidentaes para este Reino [2]. Não nos informa, com tudo, do anno em que voltou, assim como o não faz do anno em que partio de Madrid para Panamá; e eu conjecturo que a rezidencia em Panamá du-

mais: e certamente mais, se tinha já dado, como diz Francisco de Santa Maria, motivos ao conceito de ser *Senhora de grandes partes e juizo.*

[1] Se he muito provavel, como acima fica dito, que Manoel de Soiza em acabando de imprimir as Poezias de Falcão passasse para Panamá, não he verosimil que rezidisse alli onze ou dose annos; o que era precizo para que a sua vinda não precedesse alguns annos ao divorcio.

[2] = Mas como em Panamá os effeitos não correspondessem ás esperanças de lucro, e elle recebesse a noticia da morte de sua Filha unica, se restituio a Portugal. =

raria dois ou tres annos, e que tendo deixado Madrid na volta de 1601, tornou a Lisboa e Almada na de 1604 ou 1605 quando muito[1].

« Em monte fronteiro[2] mas imminente a Lisboa, de que o separa onde mais se aperta o Tejo ou antes hum braço estreito do Oceano, se ergue a Villa de Almada, lugar sadio, abundante de aguas nativas, e muito apropriado ao commercio tão suave das Muzas. » Alli vivia antes de se retirar para Madrid Manoel de Soiza, e para alli tornou em se recolhendo de Panamá[3]. Se continuou no commando militar que exercitára n'outro tempo, mal posso negar ou affirmar; nem posso tambem negar ou affirmar se renovou a Academia que, como refere Barboza, instituira na primeira occazião em sua caza, e que era frequentada dos que com elle se conformavão em propensões: mas não duvido affirmar que continuou na vida de liberdade e quazi rural, e na cultura das Boas Artes, de que havia sempre feito as suas delicias. Se pois nos determinarmos pelas apparencias, julgaremos que passou ainda oito ou nove annos de vida muito suave e venturoza, no centro da sua caza e Familia, desafrontado dos emulos, procurado dos parentes e amigos, e docemente occupado em lidas tão agra-

[1] Tres ou quatro annos são os que naturalmente se podem attribuir á rezidencia em Panamá, e ás duas viagens da Europa e para a Europa.

[2] = *Qui locus* (he a curta e bella descripção que faz Manoel de Soiza) *Ulyssiponi imminet brevi freto interfluente Tago, saluber coelo, fontibus exuberans, Musarum otiis commodissimus.* = Prologo ás Obras de Falcão.

[3] Além de devermos suppôr, pois não ha razão em contrario, que continuou a viver onde tinha feito d'antes o seu estabelecimento e rezidencia; a relação de Fr. Antonio da Encarnação o reprezenta em Almada na occazião em que primeiro se tratou do divorcio e como quem alli vivia outra vez de assento.

daveis como innocentes. Porém a felicidade humana consiste na satisfação de animo, e nos proprios pensamentos que ás vezes, e as mais das vezes, são muito diversos do que os outros podem esperar e ainda prezumir. Os negocios corrião contrarios á inclinação e interesses de hum zelozo patriota; sua Filha falleceo n'este meio tempo [1] ou duravão mal cerradas as profundas feridas do coração que tinha cauzado a sua morte; os annos crescião e o seu pezo e molestia vinhão ajuntar-se aos incommodos da outra idade, por certo muito agitada e trabalhada. O trato de sua Mulher que amava com grande ternura, os estudos de que não podia desprender-se quem a elles se dava por gosto, por habito, e até por necessidade, podião fazer alguma diversão; mas não podião atalhar de todo hum valente impeto de melancolia, que devia proceder das outras cauzas reunidas, principalmente em hum temperamento brando e coração mavioso, qual em tudo e a cada pagina das suas Obras nos mostra Manoel de Soiza que possuia [2]. Somos por tanto quazi forçados a reconhecer, com muita magoa, que foi n'este periodo penultimo feliz em apparencia mas não em realidade; e que o dominava humor acre e morozo de que nasceo em todo, ou em parte, a sua final e extraordinaria rezolução. Ai! quem se póde prometter felicidade á vista de tão temerozo exemplo! Nobreza, educação, prendas raras, affectos generozos, serviços relevantes vem a parar,

[1] Não ha certeza, pois lhe obsta a variedade de opiniões, que tocámos; mas eu tenho para mim que foi depois da vinda de Panamá, porém tempo avultado antes do divorcio.

[2] A grande magica do estylo de Fr. Luis de Soiza consiste na effusão de affectos ternos e docemente ternos, e nas cores de huma imaginação não menos suave que brilhante; porém os affectos procedem do coração, e elle mesmo subministra as cores á fantezia.

quando melhor, em velhice enferma e desconsolada; se não succede, como succedeo ao mais formozo engenho dos Romanos, sobrevirem, ao momento em que mais se propõe honrado ocio, procellas furiozas, perseguições de entranhaveis inimigos, atropelladas e perigozas fugas, e por fim morte desastrada e violenta!!

A final e extraordinària resolução, que acima deixamos apontada, foi a de se apartar, por consentimento reciproco, de sua Mulher D. Magdalena de Vilhena. No anno de 1613, e provavelmente no mez de Agosto ou de Setembro [1], entrou Manoel de Soiza no Convento de Bemfica tomando o habito de S. Domingos, e D. Magdalena entrou e tomou tambem o mesmo habito no Convento do Sacramento, que fundára pouco antes o Conde de Vimiozo e sua Mulher D. Joanna de Mendonça. Este successo parece agora muito notavel, e cincoenta annos depois delle o não pareceo menos; obrigando por isso os curiozos a investigar com diligencia as verdadeiras razões que o motivárão. Conta Fr. Antonio da Encarnação que ouvindo fallar variamente neste ponto, tomou informação com *pessoas que disso tinhão certa sciencia*, e que dellas soube ser o verdadeiro motivo da separação o constar, de noticia dada por hum peregrino que voltava de Jerusalem e para este fim procurou D. Magdalena de Vilhena em Almada, que ainda vivia na Palestina seu primeiro Marido D. João de Portugal.

[1] *Os* escritores sómente dizem que professou a 8 de Setembro de 1614, mas devia preceder hum anno de noviciado. Além disto, Manoel de Soiza entrou em Bemfica no mesmo anno que D. Magdalena no Sacramento, e por huma inducção nos consta que ella entrou em 1613, porque segundo Fr. Lucas de Santa Catharina (Chron. Part. IV. Liv. III. Cap. II.) Soror Barbara da Trindade, que acompanhou sua Avó para o Convento, falleceo em 1642, com 36 annos de idade, tendo entrado de 7.

Não faço já caso do consentimento de Fr. Lucas de Santa Catharina na Parte IV. e Fr. José da Natividade no Agiologio Dominicano, que além de muito posteriores, dão bem a ver que implicitamente crerão e seguirão a relação de Fr. Antonio; e muito menos o faço do de Antonio Touron, que nem he consentimento perfeito [1], nem nos informa dos fundamentos por que se afasta em certas circumstancias d'aquella primeira relação. Francisco de Santa Maria, que tambem concorda, não segue tanto á risca a Fr. Antonio da Encarnação como o segue Fr. Lucas de Santa Catharina e Fr. José da Natividade, e por natural deve ser mais attendido que Touron; mas não tenho tão bom conceito da sua crítica que julgue o de Fr. Antonio da Encarnação corroborado pelo seu testemunho [2]. Este Editor da segunda parte da Chronica de S. Domingos escrita por Fr. Luiz de Soiza, foi contemporaneo do nosso Historiador [3]. Pelos empregos que occupou na sua Ordem e no Santo Officio da Inquizição parece que era reputado homem de compostura e sizo. Ainda que não mostra, nas Obras que d'elle se conservão, grande cabedal de doutrina, nem mostra

[1] Touron differe no autor da noticia, no meio de se reconhecer o credito que ella merecia, no lugar em que se achava D. João, e no proposito de se procurar o livramento de D. João. Depois cahe no grande erro de tratar D. Luiz de Portugal, o fundador do Convento do Sacramento, de Pai de D. João de Portugal Marido de D. Magdalena.

[2] Francisco de Santa Maria era natural de Lisboa, mas nasceo 21 annos depois da morte de Fr. Luiz de Soiza: e com os seus escritos grangeou mais o louvor de applicado e laborioso, que o de critico.

[3] Depois de ter professado na Religião de S. Domingos em Evora, passou á India e foi prezentado em Theologia no anno de 1630, e o Historiador falleceo em 1632. Veja-se a nota (3) da pag. 66.

gôsto seguro, não se póde ter por illiterato e pouco entendido; antes o zelo com que tratou de publicar a dita segunda parte da Chronica he bom argumento do contrario. Foi Vigario do mesmo Convento em que vivêra D. Magdalena de Vilhena e sua Neta Soror Barbara da Trindade [1]; e por 1650 foi Prior de Bemfica, onde Fr. Luiz de Soiza tinha fallecido dezoito ou vinte annos antes [2]. Não faltão pois na testemunha qualidades, nem lhe faltárão investigação curioza e meios de apurado conhecimento. O motivo, além disso, que elle dá por cauza ao successo, a ser verdadeiro, explica-lo-hia perfeitamente. D'aquella noticia devia rezultar separação em ambos voluntaria, e naturalmente os levaria a esconder no fundo de hum Claustro não sei que dezar, procedido desse mesmo engano de que não erão culpados. Com tudo eu pergunto ainda ¿ foi verdadeiro o motivo que aponta Fr. Antonio da Encarnação?

Não póde dissimular-se que o relatorio do Editor da segunda parte da Chronica tem aqui hum ar maravilhozo, e hum certo sabor ou gôsto de novella, que em quem procura com limpo animo a verdade deve logo cauzar alguma dúvida [3]. De mais desta razão de o ler com desconfiança, dá fundamento a varios reparos, que nem posso, nem me parecem de desprezar. ¿ Se D. João de Portugal ficou ca-

[1] Soror Barbara da Trindade era Filha de D. Lopo de Almeida e D. Joana de Portugal Filha de D. João de Portugal e D. Magdalena de Vilhena. Veja-se Fr. Lucas de Santa Catharina *Chronica* Part. IV. Liv. III. Cap. 11.

[2] Em 1648 achava-se em Roma, d'onde veio para Portugal. Em Portugal foi Prior de Bemfica, logo Inquisidor de Evora, e pouco depois, em 1654, Inquisidor de Lisboa. Fr. Lucas ibid. Liv. I. Cap. 12.

[3] Para fazer bom juizo deste ar maravilhoso ou de novella, deve o Leitor recorrer ao Prologo da Parte II. da Chronica, que por muito largo me dispenso de lhe offerecer aqui.

tivo na batalha de Alcacer, ou fugio do campo depois do desbarato, como foi parar a Jerusalem? Dado que escapasse e pudesse passar-se a Jerusalem, ¿ como esperou para dar noticias suas *á Mulher e Filhos* trinta e cinco annos, que se contão de 1578, até 1613? ¿ Como se póde crer que achando no Peregrino occazião de portador, não escrevesse de proprio punho, e se contentasse de mandar novas suas tão vagas e tão pouco verosimilhantes? Do mesmo Fr. Antonio da Encarnação não consta que, da parte da Familia, se puzesse tempo e empenho em apurar a verdade de hum facto tão importante ou em fazer restituir D. João á Patria, o que indispensavelmente se havia de fazer naquella suppozição. Ultimamente se D. João era vivo, ou ao menos se este acontecimento punha em dúvida a sua morte, D. Magdalena não podia dispôr de si, encerrando-se em hum Convento *logo com animo de professar*, como do theor do que refere Fr. Antonio da Encarnação, e do que conta na sua vida Fr. Lucas de Santa Catharina devemos inferir por boa Logica [1]. Estas ou similhantes considerações certamente levárão Nicoláo Antonio á prudente dúvida que mostra sobre a cauza do divorcio [2], e movêrão Echard mais rezoluto a recuzar a historia do Peregrino. Eu me inclino muito tambem a segui-los na suspeita vehemente da falsidade da historia: mas nem por isso me vem ao

[1] Ambos dizem que por esta occazião entrou no Convento do Sacramento e tomou o habito com o nome de Magdálena das Chagas; sem darem o mais leve indicio de que esperasse a confirmação da noticia para professar.

[2] As citadas palavras de Nicoláo Antonio *an aliud?* provão hesitação, e esta hesitação nascia da suspeita contra a historia de Fr. Antonio da Encarnação. Mas como sizudo não se atreveo de todo a desprezar a historia: não ignorava que ha verdades inverosimeis; mas tinha, com razão, que devem ser recebidas com grande cautela.

pensamento accuzar Fr. Antonio da Encarnação de impostura. Posto que o seu caracter nos não merecesse, como merece, algum respeito, não se deve suppôr impudente falsidade onde não apparecem razões de a empregar, e eu não alcanço absolutamente taes razões nas circumstancias de Fr. Antonio. Huma rezolução estranha, como foi a de Manoel de Soiza, devia dar occazião a varios discursos e conjecturas: vogaria mais, pela propensão que tem os homens a referir e acreditar o que tem maior singularidade, a historia do Peregrino: o tempo converte-la-hia em facto pozitivo: e acceita-lo-hia como tal a sinceridade do Escritor Dominico, obrigado da consideração das pessoas com quem se informou; as quaes por muito conjunctas ou de elevada jerarchia não implica que fossem hum pouco credulas. Tendo pois fundamento bem sólido, se me não engano, para desconfiar da historia que Fr. Antonio da Encarnação dá por cauza ao voluntario divorcio dos dois Espozos, o que se póde julgar com *grande probabilidade* he, que hum e outro nunca desinclinados á vida espiritual e devota, e agora cansados e desenganados do mundo e de suas vãs esperanças, e emulando com pio ardor o exemplo ainda fresco de D. Luiz de Portugal e D. Joanna de Mendonça, tomárão o mesmo caminho, e até se forão enterrar nos mesmos Claustros que havião escolhido os Condes de Vimiozo [1].

Quando o homem na flor da idade, se vê na posse de perfeito vigor e da exuberancia de vida e espiritos que

[1] O Conde de Vimiozo professou em S. Paulo de Almada, mas antes disso viveu algum tempo em Bemfica, onde entrou Manoel de Soiza: D. Joanna de Mendonça, entrou, como D. Magdalena de Vilhena, no Sacramento.

elle traz comsigo, em tudo o que o rodêa acha prazer; alguns inconvenientes e incommodos só servem de sombras que realção o contentamento que logra no mais; e a sua fantezia, ainda por accrescimo, demanda a plenas vêlas hum futuro que se lhe reprezenta muito dilatado e muito venturozo: o qual com tudo, raras vezes he muito dilatado, e nunca he tão venturozo como elle se prometteo. Esta illuzão he muito agradavel por certo; e debalde, ordinariamente, trabalha polla desfazer a prudencia, receoza das consequencias tristes, que nascem ou do arrojo ou do descuido que cauza sempre tão doce embriaguez ou tão desculpavel estouvice. Ella faz amar com immoderado ardor a vida e o uzo dos sentidos em que a vida se occupa, e affasta do pensamento algumas verdades importantissimas, porém muito graves ou sobejamente serias para aquella occazião, e os sizudos cuidados com que o tempo seguinte, para parecêr menos áspero e ser menos estranho, devia ser antecipado. Quando porém o vigor e abundancia de espiritos declinão muito sensivelmente, e entra o futuro indefinido a contrahir-se na propria imaginação, e a experiencia a desenganar da sustancia e duração dos bens só apparentes e muito fugitivos, o prestigio acaba ou desvanece-se o sonho, e o homem acorda a idéas mais solemnes e mais nobres pensamentos, posto que menos apraziveis. Então o que d'antes prezava mais, he desprezado de todo, ou he tido em muito pouco; o dezejo da vida e amor da felicidade são obrigados a elevar-se da terra; e a Religião com suas vozes de conforto e sublimes promessas altamente triunfa de infidelidades, ou de meras dúvidas, ou de tibiezas. Na mesma gentilidade filosofica se tem notado, ou tem confessado ella mesma, esta mudança da inconsideração para a madureza; e hum dos Epicureos mais arrazoados e mais ingenuos cantou em bella Poezia os seus desatinos e

a solemne abjuração que fez, como elle diz com tamanha felicidade de expressão, da insana sabedoria [1]. E se já huma boa educação cultivou os principios da vida e lançou a tempo, e discretamente as boas sementes da piedade religioza, o triunfo he ainda mais seguro, mais prompto e mais completo. Este ultimo era o estado em que se achava Manoel de Soiza Coitinho, muito propenso, fóra disso, a romper com o Mundo pela melancolia procedida do cativeiro da Patria e da falta da sua Filha, e pelo incitamento do exemplo; sempre muito efficaz, e muito mais quando he o de hum respeitado e intimo Amigo.

D. Luiz de Portugal [2], Filho herdeiro do segundo Conde de Vimiozo D. Affonso de Portugal, acompanhou ElRei D. Sebastião na ultima jornada de Africa, onde seu Pai foi morto e elle ficou cativo. Resgatado por alto preço, voltou ao Reino, entrou na posse dos seus bens e ca-

[1] *Parcus Deorum cultor, et infrequens,*
Insanientis dum sapientiæ
Consultus erro: nunc retrorsum
Vela dare, atque iterare cursus
Cogor relictos. . . . .
Hor. Liv. I. Od. 34.

He verdade que a mudança em Horacio não procedeo tanto da idade como de outras causas; mas a idade contribuio, e as outras causas trouxerão o mesmo effeito que a idade costuma trazer.

[2] Esta breve historia he recopilada da Part. III. da Chronica de Fr. Luiz de Soiza Liv. VI. Cap. 15, e da Part. IV. por Fr. Lucas de Santa Catharina Liv. I. Cap. 35. D. Luiz de Portugal depois de professar em Almada passou para Evora, onde falleceo em 1637, de 82 annos de idade, e por consequencia havia nascido em 1555. Nova razão de crer que Fr. Luiz de Soiza seu grande amigo e *provavelmente* igual na idade, nasceo na volta do mesmo anno.

zou com D. Joanna de Castro e Mendonça, Filha de D. Fernando de Castro Conde de Basto e sobrinha de D. Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa, e hum dos Governadores de Portugal. Com esta Senhora viveo em muita concordia, e della teve tres Filhos e duas Filhas. Mas correndo o tempo, tanto elle como sua Mulher começárão a dezejar, com a maior impaciencia, sahir do seculo e recolher-se a Mosteiros de grande observancia. Fr. João de Portugal Irmão de D. Luiz, movido de sua muita piedade, accendia ainda mais este dezejo, a que para se effeituar nada faltava já da parte dos dois Espozos. Foi porém largo espaço impedido por muito poderozos obstaculos. Os Condes de Basto e o Arcebispo D. Miguel de Castro oppunhão razões, que aos olhos da prudencia ordinaria parecião invenciveis: e não se limitando para com D. Joanna de Castro a exhortações e advertencias, como virão que dellas não tiravão fruto, mostrárão-se profundamente estimulados de huma perseverança, que podia parecer, e elles chamavão desatino. A caza do Vimiozo achava-se em tal aperto de faltas e de dividas, que D. Luiz não podia de modo algum entrar em Religião, sem primeiro a deixar em desafogo, ou descarregar o seu pezo n'outros hombros. Sabido he porém que quanto mais fortes são os diques que pertendem atalhar o passo á corrente furioza, tanto mais brio costuma ella tomar para os pôr em terra e se abrir caminho. Os affectos impetuozos são nisto muito parecidos á corrente soberba; e o modo de frustrar o seu impulso não he ameaça-los ou quere-los reprezar com violenta oppozição. D. Joanna em vez de mudar a opinião propria, tratou de a fazer acceita aos seus parentes; e por fim conhecendo que isso não era possivel, julgou-se obrigada a seguir antes o que tinha por vocação de Deos, do que os conselhos, no seu parecer, sobejamente prudentes dos ho-

mens. D. Luiz conseguío que seu Filho primogenito se obrigásse ás dividas da caza, e com isto vio-se livre para pôr em prática as suas tenções. Mas trazer seu Filho a este pensamento, ou dispôr tudo para que elle o podesse tomar sem graves inconvenientes, levou tempo. Todavia, como os dois Espozos havião fundado e dotado o Mosteiro do Sacramento, D. Joanna em 1607 tomou alli o habito, e D. Luiz foi esperar recolhido em Bemfica o seu desembaraço, senão no habito e profissão, em tudo o mais Frade Dominico. Chegou por fim a tão dezejada liberdade de mundanos impedimentos, e antes por certo[1] de 1613, deixou Bemfica e foi no Convento de S. Paulo de Almada vestir o habito de S. Domingos e fazer solemne profissão. Do antigo Conde do Vimiozo não restava então mais do que o nome; e parecendo-lhe ainda muito secular este accidente, rezolveo lança-lo de si e nomear-se desde aquelle momento Fr. Domingos do Rozario. Em huma idade menos devota, taes rezoluções passarião geralmente por pouco sensatas, e quando menos por demaziadamente ascéticas; naquelle tempo merecêrão alguns reparos, mas grangeárão ainda mais applauzos, e forão a muitos de invejado exemplo.

[1] São de parecer os Biografos que Manoel de Soiza mudou o nome á imitação de D. Luiz de Portugal; mas Manoel de Soiza devia muda-lo em 1613. Todavia Fr. Antonio da Encarnação por erro, *quanto eu posso alcançar*, diz que o Conde do Vimiozo em 1613 ainda estava em Bemfica. O Author da Historia Genealogica Tom. X. pag. 736 diz que *tomou o habito* em S. Paulo de Almada no anno de 1607. Com tudo quer-me parecer que nem o tomou tão tarde como diz Fr. Antonio da Encarnação, nem tão cedo como diz D. Antonio Caetano de Soiza; mas sim depois de 1607 e antes de 1613. Funda-se este parecer em huma razão grave, que vem a ser que D. Luiz não tomou o habito, segundo todas as apparencias, no mesmo anno em que sua Mulher, e a Historia Genealogica ibid. diz que esta o tomou em 1607.

Eis-aqui o exemplo e eis-aqui o amigo [1], cujas pizadas Manoel de Soiza Coitinho, amadurecido pelas outras cauzas, seguio agora no *santo divorcio*, como elle lhe chama fallando dos Condes do Vimiozo, e na profissão religioza. Como elle, abraçou com sua Mulher o Instituto Dominicano; como elle, se foi sepultar na solidão de Bemfica; e até como elle, se escondeo ao Mundo mudando ou trocando o seu primeiro nome. A fugida do Mundo foi muito sincera, e sustentada até ao ultimo alento, no nosso Historiador. Mas o proprio caracter do homem sempre apparece ainda nas acções que podem reputar-se com elle mais encontradas; e he para notar que se Manoel de Soiza teve animo para romper tantas cadêas e laços de amor conjugal, de habito e de parentesco, não pôde rezistir á brandura do seu coração e quebrar as prizões, que parecem menos valentes, da amizade. Mudou o nome de Manoel, supprimio o appellido de Coitinho; mas tomou, para monumento de obzequio e despertador de affectuoza memoria, o nome do seu amigo; com o qual ha muito tempo que he geralmente conhecido, e com o qual nós o indicaremos daqui em diante chamando-lhe Fr. Luiz de Soiza. Na opinião de hum seculo como este nosso, torno a dizer, a rezolução de se retirar a hum Convento he hum pouco gothica; a santidade de costumes e a exaltada piedade póde manter-se e adiantar-se entre os outros homens; e os ha-

[1] Fr. Antonio da Encarnação falla na *grande amizade que tinha com o Conde*, e no discurso que attribue a Manoel de Soiza para persuadir sua Mulher ao divorcio, entre outras razões que o movem, toca o exemplo de D. Luiz de Portugal. Não occultarei porém que Fr. José da Natividade não se atreve a decidir se trocou o nome por *obsequio ao Conde do Vimioso*. Mas supposta a grande amizade, o troca-lo tomando o de Luiz parece bom argumento.

bitadores de hum mosteiro não estão, pela grossura e altura dos seus muros, fóra do alcance das tentações e escandalos. Este parecer, que he mais especiozo do que bem fundado, tem sido refutado victoriozamente por varias pessoas bem habeis e algumas imparciaes; nem a mim me compete agora repetir os seus argumentos. Só direi que se os costumes e piedade se podem conservar e melhorar no meio do Mundo, tambem he certo que no Claustro lhes póde succeder pelo menos o mesmo; e se alli lhes póde succeder pelo menos o mesmo, não ha para que levantar tamanhas poeiras e entoar tão altas tragedias contra a rezolução de quem o procura [1]. Mas tenha eu não tenha o nosso Seculo razão para tratar de gothico e se surrir com certa malicia do fautor e apaixonado do retiro monastico, duas coizas será sempre obrigado, uzando bem da sua razão, a conceder. A primeira he que a finura de amizade com que o nosso Historiador se houve para com D. Luiz de Portugal dá bom attestado de seu coração e do seu caracter, e he daquelles comportamentos que em todas as idades e em todas as opiniões são altamente approvados e até applaudidos: e he a segunda, que se o merecimento de huma acção não se ha de medir por outras idéas que as dominantes no tempo em que ella foi obrada, o nosso Historiador, neste seu fugir do Mundo e se acolher ao Claustro para se entregar aos cuidados de outra vida mais duravel e mais importante, ganhou sem disputa grande direito ao louvor de muito sizudo e não menos valerozo: di-

[1] Ás declamações, tão vulgares nos ultimos tempos, contra as instituições religiosas não duvidarei dar a minha approvação, se os declamadores as quizerem dirigir antes contra os abuzos que contra os institutos. Abusos tem havido e ha certamente. Nega-lo seria má fé. Mas imputar a huma instituição os abusos della he injustiça, e fazer *todas* as instituições culpadas.

reito que ainda nos parecerá maior, se repararmos para a constancia de sizo e valor no tempo seguinte da sua vida; pois que a constancia he a mais real prova e ao mesmo tempo o complemento ou perfeição das prudentes e animozas rezoluções.

Nas mãos daquelle mesmo Fr. João de Portugal[1], que accendêra mais e dirigíra a devoção dos Condes do Vimiozo, fez profissão a 8 de Setembro de 1614 Fr. Luiz de Seiza no Convento de Bemfica. Mal se podião lembrar ainda então os moradores daquelle Convento, de que o alumno que adoptavão celebraria ou immortalizaria depois em seus admiraveis escritos as bellezas naturaes e da arte que o adornão, ou para melhor, que elle lhes daria a alma e vida de que carecião, renovando-lhes da propria imaginação as formozas côres já muito esmorecidas pelo rigor e injurias do tempo. Elle mesmo estava bem alheio de se aventurar a esta empreza, e naquella occazião mais disposto, como logo se verá, a occultar os poderes de seu engenho do que a emprega-los, ainda para gloria da corporação, a que procurára unir-se com tamanho alvoroço. Rezo-

[1] Fr. João de Portugal foi Prior de Bemfica, Vigario do Convento do Sacramento, Inquizidor da Meza grande e ultimamente Bispo de Vizeu de 1625 até 1629, em que acabou huma carreira de bom exemplo. Veja-se Fr. Lucas de Santa Catharina Chronica Part. IV. Liv. I. cc. 10 e 11, e o Catalogo dos Bispos de Vizeu por João Col, na Collecção dos Documentos da Academia Real de Historia Portugueza, 1722. Touron e Echard o confundem com seu Irmão Luiz de Portugal, e este dizem o Prior de Bemfica que recebeo os votos de Fr. Luiz de Soiza. — Outra vez se enganárão suppondo Frade Dominico Fr. George Coitinho Irmão de Fr. Luis de Soiza, o qual attestão que foi Graciano a Historia Genealogica da C. R. P. e implicitamente Diogo Barboza. Nem forão estes os unicos erros que notei nos dois Escritores estrangeiros.

luto vinha, e só a isto rezoluto, *a fazer penitencia*, di-lo-hei pelas mesmas palavras que elle uzou a propozito de outrem, e *tomar vingança de si no derradeiro quartel da idade* [1]. Despegado de tudo o que deixára, senão da doce amizade de D. Luiz de Portugal, até o tempo gasto com as Musas tinha agora por mal gasto; e muito sinceramente se arrependia de algumas compozições litterarias, que reputava jogos ociozos, a que dera em vão as horas que podia lograr muito melhor. Quem de seus escritos tiver o mais leve trato, ha de confessar a inventiva, a sagacidade oratoria, a muita facilidade para todo o genero de estylos e os grandes thezoiros de linguagem que Fr. Luiz de Soiza possuia; e com tudo, bem que o principal fim do seu instituto seja convencer e persuadir nas materias de espirito por meio da palavra, achou modo de se escuzar, e condemnou-se a hum silencio profundo e inviolavel. O Ministerio do pulpito requer talentos e estudos; mas huma e outra coiza tinha elle de sobejo. Requer hum animo abrazado em dezejos de perfeição Christã e pegado de vivo fogo de caridade; e ainda isto lhe não faltava. Não ha duvida que tambem requer huma intimativa de acção, hum vigor de brados, que ordinariamente não ha nos annos provectos. Mas a veneravel prezença [2] de hum fidalgo conhecido e admirado por tantos sacrificios, e a sua eloquencia tão abundante, tão formoza, tão persuaziva tornava inuteis acção e brados, e levaria a póz si os mais indoceis e repugnantes auditorios. D'onde havemos de concluir, ou que modesta-

[1] Vida do Arcebispo Liv. I. Cap. 2.

[2] Da sua boa prezença falla Fr. José da Natividade e se a memoria me não engana, Cervantes no lugar citado da novella de *Persiles e Sigismunda*. He verdade porém que Cervantes, com a liberdade dos Authores de romance, podia pintar a seu prazer.

mente se ignorava, por não dizer que aciate se desprezava, ou como julgo mais provavel, que quiz fugir da jactancia, de que mal se livra nossa fraqueza ao ganhar hum notavel triunfo das opiniões e affectos dos homens. Trazia pois subjugada ou amortecida mesmo a ultima paixão do sabio: que he o nome, que até a Filosofia costuma dar ao dezejo bem activo de honesta gloria.

Se ao anno da provação ou do noviciado Fr. Luiz de Soiza se mostrou sempre submisso, mortificado, prompto e álerta em seus exercicios, igual com os companheiros mais inferiores ou na idade ou na condição; tanto que foi professo, nada diminuio na obediencia, na devoção e em todo o theor de huma vida verdadeiramente ascetica e edificante[1]. Edificavão com effeito, e edificavão muito aquelle sangue illustre, aquellas veneraveis cãs, aquella cortezania estremada, aquelle excellente e tão apurado entendimento por seu gôsto reduzidos á negação da propria vontade e juizo, á humiliação, ao abatimento, e para o dizer assim a huma santa desauthoridade. Houve quem suspeitasse que não só por fugir da gloriola muito perigoza, mas tambem por se escapar a mandos e prelacias se não quiz dar ao ministerio da prégação[2]; *para o que parece*, diz Fr. José da Natividade com bem propria energia, *que o tinhão cortado a graça, a natureza e a arte*. Com tudo, assim como sangue illustre e alta qualidade, por mais que os queira sustentar o orgulho, se deprimem pela grosseira ignorancia e corrupta degradação, assim as virtudes, ainda sem assen-

[1] São aqui conformes todos os Escritores Dominicos Portuguezes; e tem por si a probabilidade, e a opinião que necessariamente rezulta da leitura das suas Obras.

[2] Em Fr. Antonio da Encarnação, no Prologo á II. Parte da Chronica, não he só suspeita, he affirmativa.

tarem em baze tão de oiro fino como a que achárão em Fr. Luiz de Soiza, se erguem e se authorizão, até contra a inclinação de seu dono. O Fr. Luiz de Soiza que de tal modo se desprezava e queria ser desprezado, era entre os seus hum objecto de geral respeito, que só com apparecer os punha em continencia de compostura e de acatamento. Aborrecia mortalmente a ociozidade, como quem conhecia que he a mãi de vãos pensamentos e de vicios. Por fugir della e se adestrar em virtudes heroicas, como rezolvêra não seguir a prégação nem o magisterio, encarregou-se logo do officio de enfermeiro; e Fr. Antonio da Encarnação refere com muito encarecimento a sua assiduidade, desvelo, diligencia e doçura com os enfermos. Para com elles todo o trabalho lhe parecia facil, todo o serviço nobre. ¡ Taes são como diziamos as virtudes heroicas! E prouvera a Deos, soffra-se a repetição de huma verdade por varias vezes advertida, prouvera a Deos que hum dia acordasse a humanidade de seus sonhos febrís, e comsigo assentasse que invadir Reinos e Provincias, escalar e saquear Cidades, destruir homens, como não seja requerido pela necessidade imperioza da defeza propria, não he heroismo, mas furor barbaro; que se tem alguma escuza em Scythas selvagens como Tamerlão, he indisculpavel totalmente em homens cultos e polidos como Cezar ou Alexandre. Mas não ha que esperar a benção de tão doces, e ao mesmo tempo tão justos, conceitos, mais que da Religião; e particularmente da Religião Christã, cujos heroes, digão quanto quizerem os seus inimigos, já mais forão os conquistadores e assoladores da terra. Desta Religião he que Fr. Luiz de Soiza derivava as idéas e seguia o espirito, quando aos pés do leito dos seus enfermos depunha contente as sobrançarias da qualidade, as repugnancias da natureza, e até os ascos de huma delicada educação.

Falleceo por este tempo ou poucos annos antes[1], outro notavel Dominico chamado Fr. Luiz Cacegas[2], a quem a sua Ordem deve a Chronica que possue tocante a este Reino e dominios delle, e a quem nós devemos as duas primorozas Obras da Vida do Arcebispo de Braga e da Historia de S. Domingos, com que a nossa lingua tanto se ennobrece, e o nosso patriotismo se pudéra de alguma sorte desvanecer. Este homem infatigavel correo o Reino, examinou archivos, decifrou informes escrituras, e por hum desvelo digno de muito reconhecimento da parte dos Dominicos, chegou a compor hum avultado e quazi completo corpo de noticias. O descuido ordinario, de que os escrito-

[1] Barboza refere a sua morte ao anno 1616, e Fr. Luiz de Soiza (Chronica Part. II. Liv. IV. Cap. 7.) ao anno 1610. Este ultimo devia estar mais bem informado; mas póde haver na sua data algum erro de impressão. Absolutamente, tenho a data de Barboza por mais provavel: he de prezumir que os Dominicos encarregassem os seus papeis a Fr. Luiz de Soiza logo depois da morte de Cacegas, e que Fr. Luiz de Soiza principiasse logo a trabalhar na compozição; e decerto elle principiou este trabalho por 1617.

N. B. Que no Prologo á Parte I. da Chronica escrito em 1623 diz Cacegas *defunto de sete annos*, logo dá-o por fallecido em 1616; e 1610 he erro de impressor.

[2] Fr. Luiz Cacegas professou no Convento de Azeitão; no anno de 1571, acompanhou ao Capitulo Geral em Roma o Provincial Fr. Nicoláo Dias; em 1580 foi Superior e Vigario *in Capite* do Convento de Lisboa; e falleceo em Bemfica. Depois de discorrer por mais de 20 annos por todo o Reino, escreveo 1.° Genealogias de Portugal. 2.° Das Matronas illustres da Ordem de S. Domingos. 3.° Carta de noticias de Santos da Ordem dos Prégadores a Gaspar Alves de Louzada: não fallando da Chronica de S. Domingos, e vida do Arcebispo de Braga para que ajuntou os materiaes que empregou Fr. Luiz de Soiza. Veja-se Soiza no lugar citado, Barboza na Bibliotheca Luzitana, Fr. Pedro Monteiro Claustro Dominicano Tom. III. pag. 249.

res Dominicos de Portugal se queixão nos seus Religiozos, não chegou a tanto que perdessem de vista os trabalhos de Cacegas por sua morte. Mas ao exame dos papeis que elle deixára pareceo logo que não possuião edificio, mas sómente materiaes de bom serviço para elle. Faltava dispozição, o estylo era pouco polido ou muito grosseiro [1]; e pouco cazo se fez sempre no mundo do preço da materia, ainda quando o tem, se por ventura se offerece em bruto, e sem a bella elegancia que a arte lhe sabe communicar. O ponto era achar dentro da sua corporação apurado artifice, que fosse capaz de desbastar e affeiçoar a incondita molle, ou ordenar confuzão tão empeçada. Havia com effeito este artifice tão raro, e era o nosso Fr. Luiz de Soiza. Nem seria precizo adivinhar com muita subtileza para o reconhecer. As suas Obras antecedentes o devião ter recommendado, e o seu mesmo trato, por maior que fosse em se encobrir o seu empenho, era impossivel que o não revelasse. *Mas* tinha-se por muito difficultozo o determina-lo a tomar a cargo huma tão ardua empreza. Podia allegar annos e molestias; podia desculpar-se com os cuidados de seu espirito; e podia perseverar firme na tenção de não sahir mais a publico, em risco de seguir vangloria ou de escandalizar parecendo que a seguia. Mas a obediencia atalhou todas as desculpas e desfez escrupulos; e á sua voz não

[1] Soiza no lugar citado o diz, mas indirectamente e com grande delicadeza. Fr. Thomaz Aranha na Approvação da Parte II. falla mais claro = não achou em suas mãos e poder mais que huns desarrimados e desarrumados fragmentos.... e de hũa narração tanto de berço e tam criança nos formou e deu hũa tam crescida e gigante Chronica, como a que vêmos. = He de notar que Fr. Thomaz Aranha conheceo e tratou Fr. Luiz de Soiza em Bemfica. Com tudo, Soiza bem parece hum Escritor creado na Côrte da Rainha D. Catharina, e Aranha hum contemporaneo dos dois ultimos Filippes.

houve da parte de Fr. Luiz de Soiza senão consentir e metter hombros ao negocio, realmente muito laboriozo para quem era já maior de sessenta annos [1]. Eu não duvido que a voz da obediencia fosse neste cazo particularmente agradavel a Fr. Luiz de Soiza. A obra não era distractiva de piedozos pensamentos, antes os devia mover e fomentar a cada passo; acommettendo-a mostrava á Ordem justo agradecimento, no que hum nobre peito acha sempre exquizita satisfação; alguns momentos vagos podião ser empregados com grande sabor; e finalmente os antigos habitos devião laborar mais ou menos e tornar de algum modo suave a idéa da sua repetição, maiormente em circumstancias, não direi só de innocencia, mas até de merecimento. Todavia a obediencia foi o movel mais efficaz; e forçozo he que confessemos que a esta virtude monastica somos aqui altamente devedores.

Por mais confuzos e toscos que fossem os materiaes que tinha colligido Cacegas, não erão dignos de desprezo, antes o seu trabalho tinha assim mesmo muita valia. Reconheceo-a o bom juizo do nosso Historiador, e declarou-a por termos bem expressos a sua grande inteireza [2]. Hum dos seus Biografos diz que aborrecia em alto gráo o plagiato. Não custa a crer, porque até a vaidade, senão he insana de todo, se envergonha de bem parecer com trajos alheios; e muito pouco delicado deve ser ácerca de louvores, e por tanto deve merece-los pouco, quem se contenta dos que decerto sabe que pertencem a outrem. ¿ Que

[1] Tomando este encargo em 1616 Fr. Luis de Soiza nascido por 555 devia contar 61 para 62 annos. Nem se infere outra coiza de quanto dizem os Dominicos Portuguezes.

[2] = Fr. Luiz Cacegas, a cujo nome, e trabalho se deve a parte mais substancial da prezente escritura, e de outros dois volumes, &c. = Chronica Part. II. Liv. IV. Cap. 7.

faria quem era dotado de modestia rara, e quem até o louvor merecido recuzava como tentação, ou como injuria [1]? Mas quando nisto pódesse haver alguma dúvida, tirá-la-hia inteiramente a equidade e cortez delicadeza, com que Fr. Luis de Souza se portou para com a memoria de Cacegas. Não só se dá por muito obrigado e bem servido de suas fadigas, e encarece o alivio que dellas recebeo; não só confessa que não poderia fazer caminho sem o arrimo da diligencia de quem lhe tinha precedido [2]; mas até rezistio a pareceres que o induzião a encobrir a muita parte que Cacegas tinha na empreza, e a occultar de todo o seu nome [3]. Em vez de encobrir o cabedal que tocava ao seu socio e occultar o seu nome, ao contrario lhe attribue quazi por inteiro, o merecimento sustancial da Obra, confessando logo na frente que elle fôra o Historiador, e rezervando apenas para si o serviço de a pôr em ordem e de a *reformar*: e porque a palavra *reformar* lhe pareceo ainda ambicioza, accrescentou como para a corrigir, o accidente do estylo. E só por ultimo aponta que ajuntou alguns successos, e amplificou com certas particularidades. O merecimento e virtudes são pois apregoados em alta voz; as manchas ou defeitos são ao publico em certo modo encubertos: e se trata os escritos de Cacegas, em hum lugar

[1] = Pareceo-me tentação (o conselho com que o persuadião a dar ao seu trabalho toda a importancia e recuzar por meeiro Fr. Luiz Cacegas) ou adulação, não me deixei vencer. = Chronica ibid. Veja-se a censura de Fr. Thomaz Aranha á Part. II.

[2] = Servirão-me os seus caminhos, para eu poder escrever assentado, quieto e escondido no canto da cella . . . se elle não fôra primeiro no merecimento de trabalhar, não pudera eu ser segundo no de escrever. = Chronica ibid.

[3] = Não faltou quem com taes exemplos nos obrigava a cortar dúvidas, e fazer o livro em todo nosso. = Chron. Part. I. Prologo e Part. II. Liv. IV. Cap. 7.

unico, de *informes*, e seu estylo de *falto de arte e ao antigo*, he como ao ouvido, e por se considerar só com os decaza, de quem os papeis de Cacegas erão bem conhecidos; e ainda assim o não faz sem o comparar com o Poeta Ennio, a quem faltava polido artificio com lhe sobejar engenho [1]. De maneira que não he possivel tratar o seu collaborador com maior melindre e respeito, nem deixar mais illibada a honra, que por seus esforços e corioza diligencia merecia. Nem sei que se possa produzir mais claro e mais forte argumento da inteireza de animo ou generoza izenção, e da cortezia amavel de Fr. Luiz de Soiza, do que este tão honrado e airozo modo de pensar e de se haver. Com tudo, se elle na sustancia das Obras que diz suas e de Fr. Luiz Cacegas, não teve tão grande parte como varios pertendem com exageração, sempre teve alguma. O titulo da Primeira Parte da Chronica e o da Vida do Arcebispo, certamente lançados por mão de Fr. Luiz de Soiza, são strictamente verdadeiros. O corpo principal dos successos e circumstancias delle pertence a Cacegas; a Fr. Luiz de Soiza, com alguns poucos successos e particularidades, pertence em todo a forma no tocante á dispozição e linguagem: e isto foi o que elle declarou mais de huma vez pelas metaforas = materiaes para edificar, e alvener ou architecto que traçasse e alevantasse o edificio [2]. =

Em 1616 por fim delle, ou em principios de 1617, começava o nosso architecto a *traçar e alevantar* a obra, que a obediencia lhe tinhã encarregado, na Primeira Par-

[1] = Qual se conta que foi o do Romano Ennio, = *Ennius ingenio maximus, arte rudis.* = Fallo assim sem mais salvas e rodeios, porque escrevendo entre os que o conhecarão a tratarão, &c. = Chron. Part. I. Prologo.

[2] Veja-se o Prologo á Vida do Arcebispo, Prologo á Part. I. da Chronica, e Part. II. Liv. IV. Cap. 7.

to da Chronica de S. Domingos[1]. Mas a poucas varas ou braças de altura, vio-se obrigado, senão a interromper de todo, ao menos a hir com ella mais de espaço, voltando a principal e mais activa diligencia para outra empreza, que delle se requereo com maior empenho. O povo de Viana do Lima movido honradamente do agradecimento á memoria do illustre Arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, e da devoção ás suas virtudes, e procurando tambem publicar com alto e duravel brado o brio e zelo, com que seus Avós havião correspondido á inclinação, ou antes preferencia que lhes dera o Santo Arcebispo, repetio novamente as suas instancias á Ordem Dominicana, para mandar escrever a vida de quem tanto havia honrado a Ordem e a elles; penhorando-se ao mesmo tempo, com bizarra liberalidade, a concorrer com toda a despeza da impressão. As maiores difficuldades erão vencidas, porque as memorias estavão juntas pela curiozidade de Fr. Luiz de Granada e a diligencia incansavel de Fr. Luiz Cacegas; e a providencia tinha deparado o claro juizo e formozo estylo de Fr. Luiz de Soiza: não havia pois razão para differir, nem pretexto honesto com que a demora se podesse escuzar. Assim, retardando o nosso Escritor ou sobrestando na Chronica, começou de tirar a limpo e ataviar a seu modo os successos colligidos pelos apparelhadores. Era na volta de Maio de 1617, quando deo principio, e passados dezenove mezes tinha completo hum corpo de historia, que em seis

[1] Na Vida do Arcebispo Liv. I. Cap. 17. diz que vai desenterrando das sepulturas do esquecimento as obras dos Santos da Provincia Dominicana de Portugal. Não nego porém que este dito póde ser hum daquelles que se devem attribuir só a Cacegas. Na Dedicatoria á Camera de Viana parece que elle inculca, que a sua primeira empreza deste genero foi a Vida do Arcebispo.

livros comprehende cento e setenta e sete Capitulos, e alguns delles hum pouco dilatados. Em Janeiro de 1619 andava já o livro nas licenças da Ordem; as do Santo Officio da Inquizição são datadas de Março; em Maio escrevia Fr. Luiz de Soiza a Dedicatoria em Viana, onde fôra para correr com os trabalhos da impressão; e em 15 de Novembro era de todo impresso e prompto para sahir á luz publica [1]. O applauzo foi geral entre os nacionaes e os estranhos. A sua suavidade porém não foi parte para que o nosso Historiador cahisse em preguiçozo descuido; e o mesmo foi acabar com a vida do Arcebispo, que proseguir na Parte começada da Chronica. Outros seis livros repartidos em duzentos e vinte cinco capitulos forão o emprego de mais tres annos completos ou quazi, desde o principio de 1620 até ao fim de 1622. O progresso, sem ser muito menos, foi menos apressado na Chronica quanto a esta Primeira Parte, do que na Vida do Arcebispo; porém são obvias duas razões que explicão a differença, pois que na Vida do Arcebispo havia maior estimulo no dezejo de satisfazer ao ardor muito vivo, pudera dizer soffreguidão, dos Vianezes; e na primeira parte da Chronica devia retardar mais o numero incomparavelmente maior de successos, a sua variedade ás vezes não pouco disparatada, e a escura e quazi cega antiguidade de muitos delles: porque se bem Fr. Luiz de Soiza trabalhava sobre materia que outrem lhe apparelhara; onde a confuzão, a perplexidade e trevas devião ser maiores por natureza das coizas, como na Chronica, era delle requerido maior esmero e vagar para distribuir com

[1] Esta data tem a licença para correr e a taixa do livro, que se lem na frente da primeira edição. Na Dedicatoria á Camara de Viana, escrita em 7 de Maio de 1619, diz que havia dois annos que andava com as mãos na Obra, o que nos certifica de a ter principiado por Maio de 1617.

acerto, e trazer os empeços e escuridades á narração corrente e clarissima, que he huma das suas mais admiradas virtudes [1].

A dita Primeira Parte foi impressa em 1623, e posto que alguem tenha dito que he somenos em estylo á Vida do Arcebispo e á Segunda Parte da Chronica, mal me posso render a esta opinião, á vista da descripção da Batalha, inferior sómente, se ácazo he inferior, á de Bemfica [2]; e á vista das descripções de Santarem e de Montejunto: com as quaes estão em harmonia, quanto os dictames da boa razão ou o que he o mesmo as leis do bom gôsto o permittem, todas as outras parcellas de hum crescido volume. E ao menos he innegavel que o livro foi muito louvado, e que deste honrozo conceito procedêrão ou as lástimas de se terem occultas e como enterradas as outras duas Partes, ou o zelo que publicou a segunda trinta e nove, e a terceira cincoenta e cinco annos depois da primeira [3]. Os louvores, que forão na verdade muitos e muito para estimar, não adormecêrão ainda então o nosso Historiador, que continuou com o mesmo empenho e esmero nas duas Partes

[1] Não me recordo de achar huma só passagem de intelligencia custoza; e em toda a parte procede como corrente serena, que caminha sempre igual, sem topar em penedos e se despenhar de catadupas.

[2] O que a descripção de Bemfica vence em suavidade e affectos e não sei que brandura e macio de imaginação, ganha a da *Batalha* em engenho e exquizita riqueza de lingua. Porém vejão-se na primeira Parte como acabados modelos de suavidade e força de estylo Liv. II. Cap. 6, Liv. III. cc. 20, 21.

[3] A primeira edição da I. Parte da Chronica foi feita em 1623; a da segunda foi feita por diligencias de Fr. Antonio da Encarnação em 1662, e a da terceira em 1678. Mas tanto a segunda como a terceira se achavão licenciadas pelo Mestre Geral da Ordem de Marinis, desde 1650.

ultimas pelos annos que corrêrão desde 1624 até 1630. Nos Livros I. IV. e VI. attesta elle mesmo que escrevia a segunda em 1624, e nos dois seguintes [1]; e em varios lugares da terceira Parte declara que a hia escrevendo em 1627 [2]. Quanto a esta Parte ultima não aponta, ou me engano, algum dos posteriores a 1627; porém o tempo que gastou com a primeira e segunda, torna provavel outro tanto, pouco mais ou menos, no que respeita á terceira: e além disso cita no Capitulo 23 do IV. Livro huma carta escrita em Goa em Fevereiro de 1630, d'onde he força que concluamos que a trazia ainda entre mãos no ultimo semestre do dito anno. Não me foge que elle depois da compozição poderia inserir qualquer documento, que de novo se offerecesse e que fizesse bem ao propozito; e confesso que disso dá indicios n'huma ou n'outra passagem destas duas ultimas Partes: e sendo assim, podia em 1630 traze-la entre mãos, sem ser para outra coiza mais do que para fazer algumas emendas ou addicções convenientes. He com tudo esta suspeita destruida pela pouca verosimilhança de que elle completasse huma parte que he maior do que a segunda, em tanto menos espaço de tempo. O habito de tratar certos assumptos e de compôr, assim he que melhora e facilita; mas a differença vem a ser muito notavel, e se o uzo teria dado facilidade, os achaques e fraqueza dos annos deverião trazer embaraços e demoras. Tudo bem ponderado, acho que onze annos occupou com os dezoito livros, que abrangem quatrocentos e setenta Capi-

[1] Veja-se Liv. I. cc. 9 e 11, Liv. IV. cc. 4 e 7, Liv. VI. Cap. 15.

[2] Liv. IV. cc. 6, 7, e 15. = As coizas atéqui escrítas, diz no Cap. 15, são colhidas de huns quadernos que á nossa instancia vierão da India nas náos que o anno passado de 1626 partírão della. =

tulos, e que discorrem com a historia pelo espaço de cinco seculos principiados [1], em todos os Conventos e estabelecimentos dos Dominiços Portuguezes nas tres partes do antigo Mundo. Este trabalho muito consideravel não nos faria grande admiração, se fosse emprehendido e levado ao termo final entre quarenta, ou ainda entre cincoenta e sessenta annos; mas acommettido e consumado passados os sessenta, causa não pequena maravilha, e obriga a inferir que este Escritor ajuntava prompto entendimento, rico engenho, aturada ou contínua diligencia, com força rara e rara energia da mais bem temperada constituição.

Sendo porém muito para admirar que proseguisse e ultimasse a obra tão tarde emprehendida, e obra, se a compararmos com as circumstancias, tão larga ou para melhor dizer tão vasta, bem se nos reprezenta que a isso o penhorava em certo modo a constancia do seu caracter, o dezejo da utilidade e honra da sua Provincia, e o gôsto de cumprir rigorozamente com o mandado de seus superiores. Tudo isto junto em animo tão briozo e tão religiozamente submettido, devia reanimar o alento e multiplicar as forças que não erão de todo gastas. ¿Mas que diremos vendo-o, entre o cansaço do estadío decorrido e tamanhas razões de suppôr baldadas outras lidas, emprehender nova carreira, e o que mais he, proceder largamente e não parar senão quazi ao momento em que o veio suspender ou atalhar a morte? [2] Entendo a Historia d'ElRei D. João III.; cuja perda não póde deixar de ser reputada como huma das mais

[1] Desde a entrada de Fr. Sueiro Gomes em Portugal, que refere (Part. I. Liv. I. Cap. 9) ao anno de 1217 até 1620 e tantos.

[2] Supposmos a primeira Parte da Chronica de D. João III. concluida no decurso de 1631, e o Author morreo em Maio de 1632.

lastimozas que tem soffrido a nossa litteratura. Politica ou capricho ou não sei qual outra razão levou o Governo, em tempo dos Filippes, a mandar compôr por escritores nacionaes a historia deste Reino, em alguns dos seus periodos mais brilhantes e menos remotos; e a esta sua ordem devemos (que até dos contrarios se deve confessar e reconhecer o favor) boa parte, pelo menos, das decadas com que Diogo de Coito continuou as de Barros, e a Chronica do nosso Francisco de Andrade. Tanto se esperava de Fr. Luiz de Soiza, não obstante o pouco que podia prometter a sua tão avançada idade, que foi escolhido para escrever a vida de hum dos nossos Monarchas mais famozos, e referir os successos de hum reinado de trinta e seis annos, riquissimo de negocios arduos e importantes, de acções varias e memoraveis, e até de grandes homens, que fazem ainda hoje, e farão sempre, a parte mais sustancial da nossa gloria! Muitos escritores fallão desta empreza de Fr. Luiz de Soiza [1]; mas são mais largos em chorar o detrimento que com a sua falta padecemos, do que em nos informar das suas circumstancias; e ninguem nos diz que grande razão o determinou efficazmente a toma-la a seu cargo [2]. He pois licito entregar aqui, como em todos os cazos em que faltão memorias e insta muito a curiozidade, á discrição de comedida conjectura. Bem creio eu que Fr. Luiz de Soiza, muito obrigado do amor da Patria, folgasse de relatar

[1] Os tres estrangeiros allegados, os tres Dominicos tambem allegados, Francisco de Santa Maria, D. Antonio Caetano de Soiza, e Diogo Barboza.

[2] A maior parte dos Authores fallão em ordem de Filippe IV. Barboza recuza a ordem de Filippe, e diz que a obra foi escrita por ordem dos Governadores do Reino; os quaes para suavizarem o trabalho a Fr. Luiz de Soiza derão huma tença de cem mil réis a seu Sobrinho o Embaixador em França, &c.

as suas proezas e venturas e de celebrar os nossos heroes e suas façanhas; tambem concederei sem muita difficuldade, que o poderia mover algum receio de desagradar a quem reinava em Portugal sem ser hum Rei Portuguez; mas até por pundonor elle devia sugeitar neste cazo os impulsos do amor da Patria [1]; e não lhe faltavão razões honestas e obvias, com que se negar sem offender a authoridade, nem filosofia e religião para rebater algum receio e affrontar, aos setenta annos de sua vida, o injusto resentimento de hum governo caprichozo. E considerando nós tudo o que delle temos referido, não lhe podemos suppôr ou leviandade para hir contra os seus solemnes protestos engodado das faguices do amor da Patria, ou animo rasteiro e cobarde para tremer *do carregado semblante* do capricho, que em tal occazião fôra tyrania. Resta por tanto para movel a obediencia religioza. A corporação dos Dominicos tinha todo o interesse e tinha necessidade de satisfazer ao poder superior, e he não só de crer, mas até de prezumir, que agora prevenisse ou atalhasse as escuzas de Fr. Luiz de Soiza, pelo unico modo que para isso sabia que era proprio. Isto não passa, digo outra vez, de conjectura; porém conjectura que diz bem com o caracter notorio e sabidos pensamentos do sugeito, com a sua idade, com os interesses da Ordem, e com a experiencia dos Prelados Dominicos, que por tal meio tinha já sabido de lances muito menos apertados. Assim mesmo, he para notar que o seu animo conservasse tal vigor, que não cahisse de todo esmorecido á proposta de hum encargo muito mais difficul-

[1] Porque aliás mostrava que os seus protestos de não escrever carecião de fundamento religiozo, e erão faceis de mudar com qualquer outro impulso.

tozo que os primeiros [1], e em circumstancias do Escritor muito mais apoquentadas.

Delineou toda a historia dividindo-a em duas partes, a cada huma das quaes cabião dezoito annos [2]. A primeira, que devia acabar em 1539, achava-se concluida já em Janeiro de 1632 ou Dezembro de 1631; a segunda parte, que devia continuar até 1557, entendo que nunca foi principiada. Se fosse principiada, he natural que os Dominicos, por morte de Fr. Luiz de Soiza, topassem com ella no exame dos seus papeis; e se a encontrassem, não lamentarião tanto, como fazem, a perda de toda; antes se consolarião com a descuberta e informarião o público, ou no Prologo da segunda Parte, ou no texto da quarta da sua Chronica. Quanto mais, que he de suppôr que a primeira não foi completa senão muito por fins de 1631, quando Fr. Luiz de Soiza muito atormentado de seus achaques, se devia considerar, e certamente considerava, pouco distante do ultimo termo da vida. Como quer que fosse, o Governo, por huma carta de Francisco de Lucena escrita em Janeiro de 1632, mandou pedir a parte que se achava composta a Fr. Luiz de Soiza, que cumprio promptamente com a remessa a que a carta de Lucena o obrigava [3]. Desde

[1] Para conhecer a maior difficuldade, basta ponderar que se na Chronica de S. Domingos e Vida do Arcebispo foi meramente architecto, na de D. João III. devia ser architecto e apparelhador juntamente. Barboza falla em noticias *adquiridas com incansavel desvelo.*

[2] O mesmo Barboza diz que no primeiro volume comprehendia desoito annos do Reinado: e daqui he que eu tiro que a traça era em duas partes, e que a cada huma cabião desoito annos. Em duas partes, a que chamão livros, a dizem os Biografos composta, mas entendem *traçada* ou *dezenhada*, quando dizem *composta*.

[3] A carta de Lucena, que he datada de 9 de Janeiro e se

então não houve deste monumento preciozo mais noticias bem distinctas e seguras em Portugal e em Hespanha; e passados quazi dois seculos, a que se tem accrescentado damnos e estragos de terremotos, incendios e revoluções, fraca esperança dura já agora de se recobrar. Se foi composta na lingua Latina se na Portugueza, não he fóra de toda a dúvida. Nenhum dos mais Escritores o affirma ou nega, e D. Antonio Caetano de Soiza affirma que foi escrita na Latina. Não dou todavia muito pezo ao seu testemunho; não só por ser singular, mas principalmente porque não podia attestar de vista, e tem muito forte probabilidade contra si. Ainda que Fr. Luiz de Soiza escrevia em Latim com graça, espirito e até eloquencia, teria muita mais facilidade escrevendo em Portuguez; o qual preferiria se isso ficasse ao seu arbitrio: da parte do Governo mal se póde imaginar razão de obrigar o Author á compozição Latina, praticando com elle o que não praticou com Andrade e Couto; antes se o escolheo, movido, como he mais do que provavel, da admiração dos outros seus escritos historicos, era da sua mente, sem disputa alguma, que elle continuasse a deleitar e doutrinar o público, continuando a escrever na mesma lingua. Mas quer fosse escrita em Portuguez, quer fosse escrita em Latim a Chronica d'ElRei D. João III., todas as pessoas de bom gôsto devem ter grande mágoa do seu extravio. Deixando de

refere a huma ordem d'ElRei de 17 de Dezembro de 1631, pó- de ver-se no artigo do nosso Historiador na Bibliotheca Luzitana. Nella se falla em huma consulta que D. Diogo de Castro, estando no governo destes Reinos, fez a Sua Magestade sobre Fr. Luiz de Soiza, e em cuja resposta vem a ordem de ElRei. Porém não ficámos sabendo quando a consulta foi feita, nem se a primeira parte da obra, ao fazer da consulta, era já concluida. O que consta com certeza he que a 17 de Dezembro de 1631 já na Côrte havia noticia da concluzão.

parte a sustancia das coizas, a fórma devia ser sempre elegantissima, e dizer justamente, quando não excedesse, com a das outras duas historias. Barboza diz que excedia, e que *sendo a ultima em tempo era a primeira em eloquencia*; e ainda que elle não a vio e era hum pouco propenso a louvores exagerados, não deixo de ter a sua opinião por muito verosimil. Accommoda-se bem ao nobre e ao humilde o feliz engenho de Fr. Luiz de Soiza; com tudo nas materias mais graves, sem ser mais natural e mais apropriado, como que está mais senhor de si e do terreno, e procede com huma bizarria e garbo que muitas vezes arrebata, e sempre satisfaz e contenta sobre maneira o seu Leitor. A mágoa desta grande perda abafa e suffoca a de outras menores, que todavia não deixão de ser importantes; quaes são a da Navegação Antarctica que deixo allegada referindome a Barboza e composta em Panamá, e a da Vida de Sor Margarida do Sacramento natural do Porto, Filha de D. Fadrique de Menezes e D. Izabel Henriques, Freira no Convento do Sacramento de Lisboa, onde acabou santamente em 1626. Esta ultima, que aponta no Agiologio Luzitano Jorge Cardozo e que diz que teve em sua mão [1], devia accrescer, nos ultimos seis annos da vida de Fr. Luiz de Soiza, aos cuidados e fadigas da composição da terceira Parte da Chronica de S. Domingos e da primeira da de D. João III.; de sorte que em idade tão provecta e attenuada, hum novo trabalho era ainda o descanço ou recreação, com que respirava de outros maiores.

[1] Veja-se o Agiologio de Cardozo a 11 de Maio letra g. Alli se queixa de lhe ter escapado das mãos, e lh'a não quererem confiar de novo as Freiras do Sacramento = persuadindo-se que nem toda a penna era capaz de referir suas inclitas virtudes. = E esta he a noticia que na nota (1) da pag. 65 dissemos que não fugio a Nicoláo Antonio.

Nem ficava só na compozição de livros a sua actividade, que pudera unicamente com isso confundir a indolencia dos que somos tão frouxos e para pouco. Como corria fama de suas prendas e virtudes, era procurado seu parecer por grandes pessoas com empenho. Os Escritores nomeão o Duque de Bragança D. João, que o brio de nossos Avós levantou depois ao throno de Portugal, e que sustentando o seu incontestavel direito veio a ser o libertador da Patria e o restaurador do Reino. Este Principe por certo muito avizado, não era dos que aborrecem conselhos, ou os desprezão se os chegão a pedir por mera formalidade. Em tudo medido e circumspecto aprendia, em quanto vassallo, a proceder com a pauza e acerto que a seu tempo lhe devia servir, governando o baixel da Republica em mares levantados, e empuxado de ventos ora contrarios, ora favoraveis, e sempre impetuozos. Não fôra criado nos campos, não fôra muito provado nos exercicios militares; mas recebêra da natureza bom juizo, da educação e adversidade tirára conselho; e provou á face do mundo que se arrojado impeto marcial póde perder hum Estado, hum Principe pacifico mas sabio o póde restaurar. He bem certo que os erros de Castella e os seus embaraços, e o favor d'alguns estranhos ajudárão esta grande obra, de que o nosso primor e patriotismo era aliás o sustentaculo principal; mas o favor dos estranhos foi muito fraco, o nosso patriotismo precizou sempre de boa direcção e em alguns cazos de prudente estimulo; e para aproveitar bem dos erros e embaraços do inimigo he ainda necessaria muita sabedoria. Este Principe, pois, tão entendido ou tão sabio, tinha em tal conta Fr. Luiz de Soiza, que o consultava, segundo dizem, e he de crer, em pontos *difficeis* [1]. Não nos

[1] = Que por elle se dirigia em negocios intrincados e diffi-

informão da qualidade dos negocios e he muito de prezumir que não fossem politicos; mas sendo domesticos meramente ou de consciencia, ainda podião ser de grande ponderação. As respostas de Fr. Luiz de Soiza satisfizerão de tal sorte ao Duque, que se travou entre ambos correspondencia, em que o Duque frequentemeute o honrava com o nome e affectos *de Amigo.* Os monumentos desta correspondencia, ou as cartas do Duque, durárão largos annos em Bemfica, onde as virão nos tempos seguintes alguns curiozos [1]. Quem sabe quanto huma curiozidade sagaz póde recolher de taes monumentos ou para illustrar os caracteres ou para a historia, dezejaria bem que elles se conservassem até agora. Mas o incendio que estragou a livraria e archivo de Bemfica, devorou-os com tudo o mais, segundo a informação que me derão os Dominicos. E com todo o respeito que tenho a esta corporação distincta por tantos serviços e tantos homens de grande valia, pouco falta para me queixar, ou para notar o descuido com que Portuguezes, com que litteratos, com que interessados na honra de Fr. Luiz de Soiza deixárão de antever hum desastre tão possivel, e o não prevenírão publicando pela impressão as cartas do Duque para elle. Mas deixando queixas já agora vãs, a existencia indubitavel daquellas cartas prova que ao trabalho de escrever livros, ainda ajuntava a rara diligencia de Fr. Luiz de Soiza o de responder a consultas ponderozas, e consultas de varões principaes ou de Principes.

Todas estas occupações porém não o distrahião dos

ceis = Fr. José da Natividade no Agiologio Dominicano. = Consultando com elle suas maiores importancias = Fr. Lucas de Santa Catharina Part. IV. Liv. I. Cap. 24.

[1] Fr. Lucas de Santa Catharina l. c., Fr. José da Natividade, Barboza dão noticia destas cartas com tanta segurança como quem as lêo, e pelo menos as vio.

piedozos exercicios de devoção, e erão em rigor subordinadas aos cumprimentos da observancia Religioza. Côro, oração mental, sacrificio, frequencia dos actos de communidade erão de todos os dias; e algumas destas práticas em cada dia, conforme a necessidade ou o impulso do espirito, huma e mais vezes repetidas. A huma voz, todos os que fallão de Fr. Luiz de Soiza, dão testemunho da perseverança com que seguio fielmente o seu instituto nos dezenove annos que viveo em Bemfica [1]. A obediencia he encarecida; não menos a pobreza da caza e pessoa; do desprezo e fugida do mundo, não só os Dominicos mas todos os mais, dão em prova o modo, na verdade austero, mas muito sizudo, com que se houve para com D. Magdalena de Vilhena. Esta Senhora entrou, como dissemos, no Convento do Sacramento mudando tambem o nome para o de Sór Magdalena das Chagas; passou quando foi occazião, da primeira caza que tiverão as suas Religiozas para a caza em que hoje habitão; e falleceo a 7 de Março de 1621, oito annos, ou quazi oito annos, depois do divorcio: e em todo este tempo dizem os Escritores, *nunca mais se virão, nem se escrevêrão* [2]. Nas obras que conservamos de Fr. Luiz de Soiza, sem embargo da diligencia com que nesta parte as tenho examinado, não achei huma só palavra, que directa ou indirectamente se podesse referir, não digo já ao seu cazamento ou a D. Magdalena de Vilhena, mas nem ainda, o que he muito com effeito, a sua Filha D. Anna de No-

[1] Não *só* os Biografos Encarnação, Fr. Lucas, Fr. José da Natividade, e Barboza, mas até Fr. Thomaz Aranha, que declara que o vio e tratou na sua cella em Bemfica. Veja-se a Censura á Part. II. da Chronica.

[2] São formaes palavras de D. Antonio Caetano de Soiza; e Fr. José da Natividade em lugar de *escrevêrão* põe *carteárão*. Concorda Francisco de Santa Maria.

ronho. ¡Como que successos tão notaveis e objectos tão queridos se riscárão ou se apagárão totalmente da sua memoria! Não podião apagar-se por certo, de hum coração de tamanha brandura; antes se póde affirmar, sem receio de engano, que durárão sempre vivos, que Fr. Luiz de Soiza punha incrivel esforço em esconder a sua lembrança, e que seria esta huma das mortificações mais pezadas que offerecia como expiação. Naquelle mesmo capitulo em que toca a historia do Convento do Sacramento [1], o seu estylo tem huma côr suave, hum tom sintido e mimozo, mas nada mais; e só me parece que passa por este assumpto mui rapidamente, desculpando-se com a Modestia das Religiozas [2]; mas talvez por fugir de verterem sangue as cicatrizes muito mal cerradas, ou ainda muito abertas. Elle devia, segundo os seus principios, trabalhar por que taes memorias, se fosse possivel, não impedissem ou esfriassem os serios propozitos; e pelo menos não escandalizassem o mundo, dando-lhe a entender, ou que se repartia muito com o seculo, ou que tornava com leviandade ao que deixára. E toda a constante fidelidade aos proprios principios, ainda sem culpa errados, merece muito louvor; quanto mais sendo aquelles que Fr. Luiz de Soiza com tanta madureza havia abraçado e hia seguindo. Entre tão innocentes trabalhos e entre tão piedozos exercicios, o veio em fim achar a ultima hora: e em Maio de 1632 [3], acabou este honrado Portuguez, quanto á con-

[1] Chronica Part. III. Liv. VI. Cap. 15.

[2] = Se tiveramos licença para fazer especificada relação, crescera este ultimo livro em volume, e juntamente em preço e grande estima . . . tomão as Madres delle (Mosteiro do Sacramento) por timbre de humildade ou brio Santo, não consentirem que sáião á luz suas proezas, &c. = ibid.

[3] Francisco de Santa Maria diz que a 5, outros dizem que a 11 de Maio. Fr. José da Natividade affirma que por mais di-

formidade e valor, com a morte de hum sabio; quanto á piedade discreta e ardor de Christãs esperanças, com a precioza morte de hum justo[1]. Seu corpo, sem pedra insigne ou epitafio, foi sepultado no antecôro de Bemfica, junto aos degráos do côro. Como tão filosofo e como Christão este seria certamente o seu dezejo; mais eloquente e duravel epitafio tem sem duvida nas suas Obras[2]; epitafios nada accrescentão á felicidade dos que morrem: mas confesso que quizera alli huma campa decoroza; huma letra de ternura e de saudade; não para honra de Fr. Luiz de Soiza, mas para mostra de reconhecimento, e para honra dos Frades de S. Domingos de Portugal.

Tenho fallado até aqui com tamanho louvor de Fr. Luiz de Soiza, que eu mesmo receio que alguem prezuma que não componho tanto huma Memoria Historica, como hum Elogio. Mas a justiça mais rigoroza pede, ou requer, que nos acontecimentos por outrem já referidos, me não afaste dos testemunhos alheios bem comprehendidos e bem ponderados; e que nas conjecturas, proceda direita e legitimamente, fugindo com cuidado de illações violentas e torcidas. E na verdade, que de qualquer homem fôra indigno desprimor, deixar testemunhos e bem tiradas consequencias, para seguir a propria imaginação ou capricho, em desabono de outrem. A relação poderia ser mais curioza, e mais conforme ao que sentimos da natureza humana; mas sempre seria mal fundada. Á vista dos documentos, não podia

ligencias que se fizerão em Bemfica senão póde descobrir ao certo em que dia.

[1] Veja-se particularmente Fr. Antonio da Encarnação e Fr. Thomas Aranha contemporaneos, e Fr. José da Natividade.

[2] Querem Fr. Lucas de Santa Catharina e Barboza dissimular o descuido dos Dominicos a este respeito, por ter Fr. Luis de Soiza melhor epitafio nas suas Obras.

contar ou attribuir a Fr. Luiz de Soiza outros erros e fraquezas. Escrevo sem amor e sem odio, de *cujas cauzas estou bem afastado*. Se desacérto, será porque ou não vi todos os testemunhos, ou não os avaliei com exacção, ou inferi mal parecendo-me que o fazia bem: em huma palavra, será por imprudencia, e não por enganozo affecto. O mesmo digo já com anticipação a respeito da parte critica desta Memoria; sendo o meu animo offerece-la, não como o mais seguro juizo, mas como o meu; que folgaria, he certo, de ver approvado pelas pessoas de mais entendimento e melhor gôsto.

Os Panegyristas do engenho e composições de Fr. Luiz de Soiza tem sido muitos; mas nem todos os votos são de igual pezo. Ponhamos de parte a turba, que quando menos mal, não he senão o ecco dos mais entendidos; e façamos conta só do parecer de dois estrangeiros e de dois dos nossos naturaes. Nos dois estrangeiros Jacques Echard e Nicoláo Antonio, concorrião ponderação e imparcialidade; nos dois naturaes Fr. Agostinho de Soiza e o Padre Antonio Vieira, não podia influir muito o affecto, nem se póde negar o bom conhecimento da cauza de que julgavão. Antonio Vieira fazia juizo quarenta e cinco annos depois da morte do nosso Historiador, que não conheceo senão de fama e pelas suas obras, e com quem não tinha outra relação mais que a de serem ambos nascidos em Portugal [1]. No que diz respeito á lingua, se nella não sabia escrever com as graças da penna de Fr. Luiz de Soiza, cer-

[1] Fr. Luiz de Soiza, como já dissemos, nasceo em Santarem; Antonio Vieira, que alguns cuidão que nasceo no Brazil porque lá se criou desde a idade de oito annos, nasceo em Lisboa em 1608 a 6 de Fevereiro.

tamente a possuia ainda melhor do que este ultimo. O conhecimento de Fr. Luiz de Soiza procedia da educação cortezã, dè alguma leitura, e de certo instincto raro ou de huma certa felicidade de talento, que sei melhor comprehender do que definir; o de Antonio Vieira era fruto do estudo, da leitura bem reflectida e vasta, e de ardente ambição de chegar aqui a hum gráo muito subido, a que na verdade chegou. Quanto ao bom ou ruim gosto, o de Vieira tem sido muito censurado, e não falta fundamento. Mas o gosto deste homem celebre quando compunha, particularmente os seus sermões, era corrupto, e não o era quando avaliava. Succedia-lhe o avesso, justamente, do que Boileau notava no Poeta Pedro Corneille[1]. As idéas proprias de Vieira sobre estylo ou modo de escrever erão quazi contradictorias com as do seu tempo; e quando compunha sermões, deixava as suas e seguia as dominantes: d'onde vem a differença, quazi pasmoza, entre os sermões e entre os papeis pragmaticos, as relações e as cartas. Tamanha differença he, que a não acharmos em toda a parte certos rasgos que só a elle pertencem, e a mesma abundancia e correcção de linguagem, diriamos que o Author dos sermões era muito outro. Fr. Agostinho de Soiza foi Portuguez, contemporaneo e companheiro na Ordem do nosso Historiador; mas na censura da Vida do Arcebispo e na da Primeira Parte da Chronica mostra tanto izenção de estranho, hum ar tão singelo de juiz incorrupto, huma franqueza tão secca e conciza, principalmente na da Vida do Arcebispo, que á sua vista he impossivel tello por adulador, ou ainda por apaixonado. O seu entendimento era são e culto, o seu gosto puro e até delicado, o seu apreço da nossa lingua

[1] = *Tel excelle à rimer qui juge sottement* = dizia Boileau Art. Poet. IV. 82, alludindo ao grande Corneille.

muito alto, e a noticia della muito além do que era vulgar mesmo entre os litteratos do seu tempo. Entre elle e o nosso Fr. Luiz de Soiza, quanto me he permittido julgar, acho grande simillhança, e quazi que hia dizendo igualdade. Se Fr. Agostinho compôz livros, não sei [1]; porém sei que se os não compôz ou se o tempo os consumio, razão temos de soffrer mal o seu descuido, ou de nos doermos da voracidade do tempo. Mas vejamos o parecer ou a sentença destes quatro juizes tão recommendaveis.

Hum bello engenho, diz Nicoláo Antonio, *bem cultivado por estudo de humanidades, e hum juizo maduro, em que o igualavão poucos, o chamárão ou tinhão destinado á historia; e neste genero compôz obras varias que em parte se estampárão, em parte ficárão manuscriptas e talvez perdidas; mas humas e outras altamente dignas de sahirem á luz publica* [2]. Echard reconhece a elegancia do engenho, e por madureza confessa agudeza de discreto juizo; accrescenta pureza de linguagem propria da Côrte em que se criára; e diz, movido de hum certo enthusiasmo, que divino conselho o trouxe á Religião de S. Domingos, para dos materiaes colligidos por Cacegas, no tocante a Portugal, for-

[1] Não sei ao certo quem fosse o Fr. Agostinho de Soiza que revio a Vida do Arcebispo e a Part. I. da Chronica; mas cuido que foi o mesmo que Barboza, no artigo de Fr. Pedro de Magalhães, diz que era Prior de Lisboa em 1610, e de quem Fr. Pedro Monteiro no terceiro Lanço do Claustro Dominicano diz a pag. 102 = O Prezentado Fr. Agostinho de Soiza tomou o gráo (de Bacharel) a titulo da prégação, e depois foi Provincial pelos annos de 1612, depois foi vizitador e reformador dos Conegos Seculares de S. João Evangelista. Era da caza dos Senhores de Calhariz. =

[2] = *Latet adhuc* (falla da Chronica de D. João III.) *nescio apud quem ineditum, luce prorsus ut cætera dignissimum.* = Nicoláo Antonio Bibliotheca Hispan. Fr. Lud. de Soiza.

mar hum corpo de historia bem ordenado, onde os successos são relatados com tanta clareza como apropriado ornato [1]. E tão evidente he o acerto do parecer destes escritores, que pondo de parte toda a prevenção, não acho nelle em que fazer reparo. Echard, que não podia saber a fundo a lingua Portugueza, andaria com mais prudencia em fallar neste ponto com menos rezolução, e devia imitar o discreto precate de Nicoláo Antonio, que insistio sómente no merecimento substancial e nas suas cauzas; evitando a nota de tocar com affectada distincção no que devia exceder o seu conhecimento. Mas o que eu supponho he, que os louvores dados por pessoas intelligentes á linguagem de Fr. Luiz de Soiza, por numero e pezo parecerão tão fóra de dúvida á *promptidão* de Echard, e forão delle recebidos com tão inteira confiança e convicção tão plena, que não hezitou em os propôr como filhos do juizo proprio; e nós devemos confessar que se não parece, e não foi, tão considerado e sobrio como Nicoláo Antonio, nem por isso acertou menos com a verdade. Fr. Agostinho de Soiza fazendo, como elle diz, juizo em rigor, acha o *estylo* (refere-se á primeira Parte da Chronica, mas das mais obras historicas devia entender o mesmo) *grave, elegante e senteneiozo, com brevidade e clareza juntamente*; e acha a *linguagem natural, corrente e cortezã, com termos proprios, significativos e efficazes, e longe de affeites e artificios viciozos*: concluindo que *dos livros que até ao prezente são escritos em Portuguez nenhum se achará de mais policia e*

[1] = *Hoc solum addimus haud absque divino consilio factum, ut vir ejusmodi elegantis ingenii, judicii acris, ac præterea seu in aula nutritus linguam Lusitanam purissime loquens ad ordinem adductus sit, qui a Ludovico Cacegas collecta componeret concinne et diserte, ornateque scripto commendaret.* = Echard na citada Bibliotheca dos Escritores Dominicos.

perfeição, e que devia ser *impresso com toda a brevidade como fórma, e modello de bem escrever, e fallar para estudiozos* [1]. O parecer de Antonio Vieira quero lançar ainda mais fielmente pelas suas proprias palavras: porque a substancia-lo a meu modo, cortar-lhe-hia algumas affectações do seu tempo; com o que póde ser que ficasse mais airozo, mas menos similhante. == Esta he, nos diz, Mestra da vida e da historia.... Da historia, porque nella se vem praticadas todas as suas leis: na verdade da narração, na ordem dos successos, na pontualidade dos tempos, dos lugares, das pessoas, e na *noticia e ponderação dos motivos e cauzas*... o estylo he claro com brevidade, discreto sem affectação, copiozo sem redundancia, e tão corrente, facil e notavel, que enriquecendo a memoria e affeiçoando a vontade, não cansa o entendimento... he admiravel o juizo, discrição e eloquencia do Author, porque fallando em materias domesticas e familiares, todas refere com termos tão iguaes e decentes, que nem nas mais avultadas se remonta, nem nas miudas se abate: dizendo o commum com singularidade, o similhante sem repetição, o sabido e vulgar com novidade, e mostrando as coizas, como faz a luz, cada huma como he, e todas com lustre. A linguagem, tanto nas palavras, como na fraze, he puramente da lingua em que professou escrever, sem mistura ou corrupção de vocabulos estrangeiros. Sendo tanto mais de louvar esta pureza no Padre Fr. Luiz, quanto a sua lição em diversos idiomas, e as suas largas peregrinações em ambos os mundos o não puderão apartar das fontes naturaes da lingua materna... [2] ==

[1] Veja-se a Censura da Vida do Arcebispo, e principalmente a da Parte I. da Chronica datada de 16 de Setembro de 1622.

[2] Veja-se a Censura da Part. III. da Chronica datada de

Estes pareceres, que tenho pouco mais ou menos por exactos, não dão todavia hum conceito cabal das historias de Fr. Luiz de Soiza. Os termos do de Nicoláo Antonio são muito geraes. Echard e Fr. Agostinho de Soiza qualificão mais o estylo e linguagem do que a substancia da historia; Antonio Vieira passa pela substancia da historia muito ligeiramente, e neste ponto entendo que a sua opinião deve ser hum pouco rebatida [1]. Esperando pois que sejão lidos com attenção, e que se reputem accommodados, com certa differença, ao merecimento de Fr. Luiz de Soiza, aventuro-me a offerecer o meu sobre os varios artigos seguintes: successos referidos, crítica da relação, ordem, estylo, e ultimamente linguagem com que os expõe o Author. O projecto não deixa de ser grave, a tenção he muito pura, do desempenho fará o Leitor o seu juizo. Posto que Fr. Luiz de Soiza seja compatriota, e que eu dezeje muito honrar com elle a Nação Portugueza, sempre tenho diante dos olhos o sabido, porém justo, dictado = deve-se respeito a Platão, mas á verdade muito mais. =

Depois das Muzas da Poezia, a que os primeiros instantes de desafogo e contentamento entregão o homem na infancia das sociedades, a outra Muza que logo o inspira, he a da Historia. Acha elle huma particular satisfação em recordar o passado; tem empenho em perpetuar a lembrança de certos acontecimentos; e sente disso grande necessidade em muitos encontros da vida. O senso commum o dirige depois a tirar do succedido lições proveitozas, para fugir de acções em que os maiores achárão damno e rui-

28 de Setembro de 1677, que vem na frente da dita Part. III., e tambem nas Obras de Vieira.

[1] Para julgar quanto deve ser rebatida, basta coteja-la com o que dizemos adiante: = *a ponderação dos motivos e cauzas*, não podemos deixar de dizer que he quazi imaginaria.

na, ou repetir ás de que elles colhêrão grande vantagem; e o instincto do historiador o obriga a notar com suas advertencias e reflexões, o que a todos póde servir de exemplo ou de cautela; e por este modo, de secca e mera taboada[1] de successos, se converte em succoza historia; da qual se diz, com grande razão, que he mestra da vida humana. Mas para que a Historia seja, como deve ser, a mestra da vida, necessario he que os successos referidos tenhão larga importancia, que os torne ou proprios á imitação, ou avizos para seguir o contrario, ou productivos de profundos pensamentos e affectos no maior, ou ao menos em grande numero de homens; e he necessario que as reflexões do historiador sejão opportunas, justas, e de huma brevidade energica, que as faça infallivelmente advertir e conservar ao diante na memoria. A necessidade de larga importancia tem levado os historiadores a preferirem os negocios politicos e militares a todos os mais. Todos somos membros de hum corpo politico, todos temos interesse nos cazos prosperos, ou adversos da guerra; e por isso a todos nos importa muito conhecer o governo e desgoverno de qualquer Republica, a gloria e vergonha das armas de qualquer Povo. A historia que tem outro assumpto ainda póde ensinar os homens reflexivos, e interessa os bons espiritos; porém os bons espiritos e homens reflexivos são poucos, e se ella pela arte do historiador vence a indifferença ou desprezo geral, nunca he muito lida, e por tanto não póde aproveitar a muitos. Neste ultimo cazo estarião as das corporações religiozas, ainda quando fossem escritas por Chronistas de grande habilidade, e empenhados em alargar o

[1] Taes erão entre os Romanos os Annaes dos Pontifices, e devem ser em similhante estado de cultura, ou de falta della, as recordações dos successos entre todos os Povos.

interesse muito apoquentado da materia. Quanto mais que estes Chronistas quazi nunca são muito habeis, e raramente podem, ou se atrevem a sahir da esfera que o costume, a authoridade dos superiores, e as idéas na corporação dominantes lhes tem assinado. A fundação dos seus Conventos ou Mosteiros, o descahimento e reformas, as vidas espirituaes e prodigiozas dos alumnos enchem totalmente a dita esfera; e de ordinario os cazos politicos, e ainda militares, com que estes prendem, as alternativas da litteratura, as cauzas do descahimento, os meios sabios e efficazes da reforma são deixados com descuido muito digno de censura. Não accuzarei ou arguirei Fr. Luiz de Soiza de hir aqui pela vereda dos mais Chronistas. Sei que não foi escolha e arbitrio seu [1]; e o que não he de proprio movimento mal póde ser imputado. Mas nem por isso deixarei de confessar que a sua Chronica he nesta parte, com poucas, posto que algumas, excepções, similhante ás outras; e que não deve servir de exemplar no tocante á selecção de factos graves e momentozos, que podem interessar e aproveitar a grande numero de leitores. Elle sim reflecte, e adverte em circumstancias opportunas, com justeza e conveniente brevidade; mas então mesmo, como as reflexões são com a materia muito ligadas, desta participão ou derivão a importancia menos geral e o proveito na verdade muito restricto.

Alguma differença sinto para melhor na vida do Arcebispo; e outra coiza seria, muito provavelmente, na historia d'ElRei D. João III. Mas quanto a esta ultima, nem podemos ter evidencia, nem podemos louvar ou agradecer

[1] Fr. Luiz de Soiza escreveo porque o mandárão escrever, e escreveo o que lhe mandárão: nem os superiores puzerão á sua conta, senão a ordem e estylo das compilações de Cacegas, com pouco mais.

o bem de que apenas temos mera e vaga suspeita; e quanto á vida do Arcebispo, quero que se advirta que não sinto mais do que alguma differença para melhor. Bartholomeu dos Martyres foi certamente hum modello de Prelados; e hum modello de Prelados tambem o póde ser para todos os que tem a seu cargo o regimento de huma Republica, ou o de qualquer porção do Estado. O zelo, o valor, a izenção de respeitos, a perseverança e coherencia nunca desmentidas ou enfraquecidas, forão brilhantes virtudes do illustre Arcebispo; e he para dezejar que o sejão de todos os Principes e Regedores do mundo. Certos excessos, ou antes encarecimentos [1], na devoção, no zelo, nas pertenções desenganão das preoccupações do tempo ou da essencial imperfeição humana, sem tirarem ao grave caracter do Arcebispo a decente formozura e a nobre razão de excellente exemplar. Os successos pois da sua vida são de importancia muito menos estreita que os dos solitarios da Chronica; e não faltão em lha notar ou accrescentar as sizudas ponderações do nosso Historiador. Com tudo, entre acontecimentos de vulto vem misturados alguns muito miudos; o Arcebispo, que na maior parte dos cazos reprezenta hum honrado Principe da Igreja, aqui e alli parece sómente hum Frade rasteiro; e fôra melhor que o Oraculo de Trento, o desenganado e intrepido conselheiro do Vaticano ou de Bel-

[1] Não póde ser o meu animo fazer injuria a hum insigne sujeito, que eu dezejaria não digo emparelhar, mas seguir mesmo de longe: he porém coiza evidente que as suas idéas de piedade forão em alguns casos muito acanhadas; o seu zelo ás vezes encarecido; e as suas pertenções distantes das maximas do Direito publico ecclesiastico mais apurado. Com tudo, para lhe fazermos inteira justiça, devemos confessar que o engano ou erro estava nos principios que seguia; e não na fidelidade strictissima, e muito louvavel, com que os seguia.

vedere[1], se não mostrasse comendo as couves grosseiras em tisnada escudella nas choupanas de Barrozo[2]. Eu creio que Fr. Luiz de Soiza errou nesta parte por seguir os papeis de Cacegas; ¿ mas porque se não extendeo a authoridade de reformador, a reformar cortando certas miudezas tão pouco airozas? Quem erra por seguir outrem, póde allegar a desculpa do exemplo; mas não póde aspirar ao louvor de muito precatado.

O exemplo de Cacegas o arrastou ainda a varios erros de crítica. Fr. Luiz de Soiza amava a verdade. Elle o mostra em muitos lugares; e sem o mostrar, o puderamos concluir da sua educação, do brio do seu caracter e da honestidade indisputavel das suas intenções. Mas o seu socio, com toda a turba dos Chronistas monachaes, laborava em duas erradas maximas, de que Fr. Luiz de Soiza se deixou tambem allucinar. = Referir só o bem, e ainda engroça-lo sem escrupulo; admittir facilmente prodigios, como seja para honra da piedade e seu incentivo[3]. = D'aqui procedem nas Chronicas dos Regulares tantas pinturas só de perfil como a de Antigono; tantos louvores pouco criveis á força de exagerados; tantos artificios para encobrir successos pouco airozos ou córar defeitos; tantos milagres, absurdos em muitos cazos por não dizer ridiculos, recebidos sem exame, abraçados com pouco credito do entendi-

[1] Veja-se Vida do Arcebispo Liv. II. cc. 8 e seguintes e particularmente os cc. 22 — 25.

[2] Veja-se ibid. Liv. III. Cap. 6 que principia = Neste limite das alturas. =

[3] Estas duas maximas, que não deixão de ser por algum modo especiozas, tem feito grande damno ao credito da Historia, e á cauza da Religião. A incredulidade não perde occazião de argumentar com ellas em suas hostís declamações, e tem seduzido por seu meio as pessoas menos reflexivas, ou menos firmes na sua crença.

mento, propostos ou antes apregoados com mais boa fé e singeleza do que discrição. Não pintão homens as ditas Chronicas, reprezentão Anjos: não são corpos de historia, são apontoados de panegyricos, em que a mesma verdade move desconfiança, ou se despreza como fabula vaidoza. E por effeito de hum calculo bem enganozo, em vez de lucrarem o pertendido excesso, até vem a perder o interesse que fôra de razão. Ninguem me supponha porém na opinião de que o prurito de interpretar sinistramente, e o insensato Pyrrhonismo são mais avizados, e negoceão com melhor fortuna. Reconhecendo a profundeza de pensamentos, o atino das maximas, a energia do pincel de Cornelio Tacito, nem por isso approvo o que Vieira, com tanta propriedade e graça, chama as suas *malicias:* admirando a doutrina, a sagacidade, a facilidade de desembaraçar e aclarar o mais empeçado e abstruzo assumpto, que ostenta Sarpi, não louvo com tudo o rancôr, com que nos objectos se lhe aprezenta sempre a peior face, com que a todas as acções imagina ruins motivos, e a todas as virtudes exteriores suppõe substancia vicioza [1]: reprovo em fim, com fastio e asco, a incredulidade pueril, com que Voltaire na Historia do Christianismo não só moteja de maravilhas, mas até recuza o novo, o estranho e o singular, que acceitaria se fosse referido na historia da religião dos Pagãos ou dos seguidores de Mahomet. He o abysmo contrario áquelle para que se despenhão os Chronistas; e o bom sen-

[1] Fra Paolo Sarpi seria, e certamente foi, hum raro talento, hum homem de pasmozo saber e muito aguda crítica; mas descobrio, encareceo ou engrossou as faltas da sociedade de que se professou membro e filho; o que nunca se reputará procedimento honesto: e por mais que se diga, não posso, á vista das suas acções e escritos, achar injusto o conceito de Bossuet, que lhe chamava = Calvinista com habito de Servita. =

so e razão caminhão entre ambos. E sé he certo que por sabido vicio da natureza humana, quem suppozer o peior se enganará menos; tambem o he que ainda se enganará muitas vezes; e que a propensão a suppôr sinistramente se póde, e por ventura deve, atttribuir a principio menos acceito ou mais odiozo do que a opposta. Não obstante os desvios da crítica sã que confesso em Fr. Luiz de Soiza, não posso deixar de attender, com respeito e affecto, ao seu entendimento incapaz da triste filosofia de Tacito; ao seu coração que não podia agazalhar os rancores de Fra *Paolo*; e á sua piedade que estremeceria á mera idéa da irreligião fanatica de Voltaire [1]. Os seus erros e fraquezas são os de hum homem amavel; e nelles tem, além disso, por companheiros os historiadores mais famozos e gabados da antiguidade Grega e Romana. ¿ Quem ignora as credulidades de Herodoto? ¿ quem os grosseiros prodigios que narra seriamente Tito Livio? ¿ quem não sabe que não he questão de todo facil de rezolver, se he historia se romance a Cyropædia? Todavia, não dissimulo que se elle só nesta parte se parecesse com Herodoto ou Livio, em lugar de nòs merecer louvor, nos mereceria ao contrario hum sorrizo de desprezo.

Quinctiliano diz de Seneca que quizera que elle escrevesse com o engenho proprio e juizo alheio [2]: e eu digo

[1] =Voltaire (diz Gibbon em huma nota do Cap. 67 da citada Historia) admira o *Filosofo Turco* Amurath II. que rezignou o Imperio e se retirou a huma sociedade de devotos e eremitas na Magnesia; ¿daria elle o mesmo louvor a hum Principe Christão que se retirasse a hum Mosteiro? A seu modo, Voltaire era hum *bigot*, hum *bigot* intolerante.=O mais he, que quem dissesse o mesmo de Gibbon, não erraria muito.

[2] =*Velles cum suó ingenio dixisse, alieno judicio.*=Quinctil. Inst. Orat. Liv. X. Cap. 1.

de Fr. Luiz de Soiza que quizera que elle escrevesse sempre com o engenho proprio e o proprio juizo. Na parte em que seguio Cacegas e os outros Chronistas, deo occazião a reparos e precizou da nossa desculpa; mas tanto que se descativou da escravidão do exemplo, e quiz andar por seus pés e sem arrimo ou encosto de outrem, não offerece já senão motivos de louvor, e em muitos e muitos cazos de admiração. As memorias de Cacegas erão indigestas e informes; e elle tirou do confuzo cahos hum corpo regular e aptamente conformado, que da prudente disposição recebe alma, claridade e formozura. Lembrou a alguem que a ordem chronologica inversa teria utilidades; e que em lugar de descer das cauzas aos effeitos ou dos antecedentes ás consequencias, seria mais proveitozo remontar do procedido aos principios de que procede. Esta he na verdade a marcha do filosofo naturalista, que sobe, quando quer ser mais exacto e hir mais seguro, do que vê e palpa, aos principios componentes ou ás cauzas de que he rezultado: e só quando se acha impossibilitado de o fazer, ou quando quer deixar a indagação tardia, mas acertada, por imaginarias, mas muito falliveis, conjecturas, he que caminha de hypotheses que fabricou a belprazer, para o que dellas se deveria seguir, e as mais das vezes se não segue. Porém custa a comprehender como seja na historia esta ordem prepostera mais instructiva, ou como o Leitor fique mais bem doutrinado quando vê hum successo e depois o de que elle procede, do que quando reconhece que o primeiro gera o seguinte, que elle á vista do primeiro imaginou ou suspeitou. O amor proprio, pelo menos, não fica tão lizongeado quando lhe apontão a cauza de hum effeito que tem entre mãos, como quando na consideração da cauza póde adivinhar por anticipação o effeito proprio. Quanto mais que o habito, e por ventura o instincto do genero humano, tem

consagrado o processo historico, para o dizer assim, descendente, e não veria o contrario sem escarneo e altos apupos ao innovador. A Fr. Luiz de Soiza talvez, ou mais que provavelmente, nem veio á imaginação esta exotica marcha retrograda, que lembrou ao Mathematico[1], aliás estimavel, do Seculo XVIII. E o certo he que seguindo com bom avizo o senso commum, discorreo, pela ordem uzada, em ambas as historias. Na Vida do Arcebispo não lhe foi isto tão facil, porque achou muitos cazos sem data do tempo; mas estes accommodou com sizuda estimativa nos lugares a que mais naturalmente competião, dentro do espaço, de que o nascimento e trasladação das cinzas do Arcebispo são o primeiro e ultimo termos. Na Chronica enlaça a instituição da Ordem dos Prégadores com a sua entrada em Portugal; e então procede pela fundação dos Conventos mais e menos antigos, accumulando no artigo de cada hum os successos notaveis e as vidas dos sujeitos da sua filiação, que se distinguírão por piedade, ou por litteratura, ou por tudo junto. Ha neste methodo ainda hum inconveniente; porque do sujeito que viveo nos ultimos tempos, passa a factos e sujeitos que lhe precedêrão hum Seculo, ou ainda mais. Porém cuido que se não podia evitar este inconveniente sem cahir em outros maiores. E se elle sem *repartir* a materia pelos Conventos em separado, quizesse trazer toda a historia pela ordem dos tempos, o empeço seria grande; o Leitor não acharia tantos pontos de repoizo e tão naturaes; e o plano sim fôra mais simples, mas todavia menos luminozo.

Posto que a ordem que Fr. Luiz de Soiza deo aos

[1] Veja-se D'Alembert *Mélang. de Littérature, d'Histoire et de Philosophie.* Amsterd. 1773. Tom. V. *Réflexions sur l'Histoire.*

apontamentos e rascunhos mal alinhavados e muito perplexos de Cacegas, seja bem avizada, e seja prova segura de recto e penetrante entendimento e de não pequena industria, não nos obriga com tudo mais do que a sincero louvor, porém moderado. Estranhariamos o contrario como muito viciozo, e isto não reputamos muito relevante virtude. Approvamos e até recommendamos; mas rezervamos o louvor encarecido e altas admirações para o estylo e linguagem. Aqui he que Fr. Luiz de Soiza verdadeiramente triunfa de todos os prozadores Portuguezes, e disputa vantagens com quazi todos, ou todos os historicos antigos e modernos. *Dos livros que até ao prezente são escritos em Portuguez nenhum se achará de mais policia e perfeição*, dizia em 1622, Fr. Agostinho de Soiza; e a sua entendida inteireza ainda agora, dois Seculos depois, nos diria o mesmo. Corre sempre o seu estylo desembaraçado e claro; sobe ou desce com o assumpto, mas em todo o cazo com geito muito natural e bem airozo; nunca he magro e defecado, nunca redundante e tumido. Os ornatos e elegancias nunca faltão, nem sobejão; e sempre são de tal qualidade, que jámais offendem o delicado gosto do entendido Leitor. ¡Que metaforas tão bem achadas! que comparações tão ajustadas e luminozas! ¡Que descripções tanto para admirar, e para extaziar! Não gasta em vão as sentenças, mas não falta com ellas onde vem a propozito; e então as deixa cahir sem estudo apparente, tornando-as, pela desaffectação, mais efficazes. Longe das agudezas muito puxadas de Seneca e ainda de Tacito, nem por isso he prolixo e pezado no ponderar e reflectir; he hum Mestre de Moral muito apurada, que a propõe opportunamente, com a simplicidade descuidada, mas bella, que lhe dobra muitas vezes o valor. Sobre tudo he eminente nas graças singelas e no tom brandamente affectuozo, que domina, sem as enfraquecer, no

todo das suas compozições. Esta he a invizivel rede de oiro, em que a cada momento se achão empeçados e colhidos os seus Leitores; estes são os temperos magicos, com que tudo nos faz tão saborozo ou tão deliciozo. Acabamos de ler a pagina ou o capitulo, impacientes de passarmos ao seguinte; e no fim deste, sentimos a mesma impaciencia. ¡ Que importancia, que realce tirão desta penna encantadora os mais miudos negocios de huma Communidade de Religiozas! ¡Quantos prodigios, ou pouco verosimeis ou insignificantes, que lemos todavia e tornamos a ler com a maior satisfação, e que com a mesma releria Spinoza, se entendesse Portuguez e fosse homem de algum gosto! Notamos a muita credulidade, mas amamos a singeleza, a boa fé do pintor; enleva-nos a graça do seu dezenho, o macio, a doçura das suas côres. Não quero fazer ostentação de vasta leitura, nem me parece que o he dizer que conheço, por algum trato, boa parte dos Historiadores mais estimados da antiguidade e dos tempos modernos. Com os Latinos, e talvez com os Gregos, todo o homem de educação classica toma certa familiaridade desde os primeiros annos; e o amor dos bons estudos, tão natural nas pessoas dadas ás letras, a deve augmentar depois: a curiozidade que não he de todo grosseira, procedendo a idade, não póde conter-se que não lance os olhos para a litteratura moderna de Italia, de França e de Inglaterra: eu frequentei as classes desde os primeiros annos, e tive sempre alguma curiozidade. Comparando pois, no meu entendimento, Fr. Luiz de Soiza com affamados Gregos, Romanos, e modernos, cuido que me não engano em julgar, que todos lhe são superiores na importancia e critica dos successos; que muitos o emparelhão nas outras boas prendas e qualidades de perfeita historia; e que elle, nas graças do estylo, na doçura

de affectos e suavidade de côres, excede todos, senão he por ventura Xenofonte [1].

¡ Hum Portuguez que excede antigos Gregos e Romanos! ¡ Ridiculo paradoxo para todos os estrangeiros; e mui cega paixão nacional, até na opinião dos nossos Portuguezes! Mas os estrangeiros, para decidirem do paradoxo, leião e entendão Fr. Luiz de Soiza; e os Portuguezes, para reconhecerem a minha paixão, ou o *seu prejuizo*, comparem bem Fr. Luiz de Soiza com aquelles Historiadores. Antes disto, nem huns nem outros me podem arguir, e menos ainda condemnar, sem muita temeridade. Cezar (fallando por brevidade só dos Historiadores Romanos mais qualificados) tem a nua formozura que Cicero *se vio obrigado* a recommendar; mas Soiza tem formozura com ornato conveniente: Sallustio possuio a immortal velocidade que gaba Quinctiliano [2], abunda de sentenças e de moralidades; mas Soiza não he pezado e vagarozo, e as suas moralidades tem ar mais sincero, parecem menos postiças que as de Sallustio: Tacito he concizo, he profundo, faz de hum traço varios quadros; Soiza, que em todas estas qualidades lhe he inferior, pinta com tudo bem e em breve, mostra melhor gosto, deixa o Leitor menos cansado e mais alegre: T. Livio tem doçura e candura, maneja os affectos suaves com grande primor, he eloquente nas orações; mas em doçura e candura não cede Soiza, excede na suavidade dos affectos [3], e pouco faltará, se falta, para o igualar nas ora-

[1] = *Quid ego commemorem Xenophontis jucunditatem illam inaffectatam, sed quam nulla possit affectatio consequi? ut ipsæ finxisse sermonem Gratiæ videantur.* = Quinctil. ibid.

[2] = *Immortalem illam Sallustii velocitatem.* = ibid.

[3] Por mais eminente que seja Livio na suavidade de affectos, eu duvido muito que ao seu Leitor se arrazem tantas vezes

ções. Occorrem-me agora as do Bispo de S. Thomé e do Arcebispo na Vida deste ultimo, a da Princeza D. Joanna ao Bispo de Evora D. Garcia de Menezes, a da Duqueza de Aveiro a suas Filhas[1]; com as quaes não duvido que emparelhão outras que agora me não são prezentes. ¿ Quanto á linguagem, que posso dizer, sem me expôr a reparos, á vista dos pareceres de Antonio Vieira e de Fr. Agostinho de Soiza? Direi, com tudo, que sendo pura, como diz Vieira, nas palavras e na fraze, eu lhe não estimo tanto a pureza como a naturalidade, a flexibilidade, as graças. Soiza, se me não engano, he huma ou outra vez menos correcto no nosso idioma do que Vieira; mas então mesmo he bem parecido e engraçado. Não se póde tirar da lingua maior partido. Se ella he de si nobre e muito grave, elle a emprega, quando he precizo, segundo este seu caracter; e tambem a dobra, n'outras occaziões, ao brando e affectuozo, com huma felicidade que não póde ser muito encarecida. ¡ Como dizem entre si a viveza ou brandura das suas idéas e paixões e a das palavras! ¡ Como colloca com dignidade as locuções ou os termos mais chãos e familiares! Todas as linguas que tem, como a nossa, grande facilidade para diminutivos, levão ás mais grande vantagem; e Fr. Luiz de Soiza reconheceo admiravelmente e

os olhos de agua, ou com prazer, ou com sentimento, como ao de Fr. Luiz de Soiza.

[1] Vida do Arcebispo Liv. II. cc. 22. 23., Chronica Part. II. Liv. V. Cap. 5., ibid. Part. III. Liv. II. Cap. 9. Se a eloquencia das orações de Livio consiste principalmente, segundo o conceito de hum bom juiz, na justa accommodação ás coizas e pessoas, por esta accommodação acho eu insignes as de Soiza. As de Livio serão talves mais pompozas; mas a maior eloquencia não consiste na maior pompa: serão mais estudadas e trabalhadas; mas com estudo perdem a verosimilhança, e esse he hum defeito das de Livio, que Soiza, com razão, recuzou imitar.

uzou desta superioridade da lingua Portugueza. Naquelle lugar da vida do Arcebispo, em que se refere o encontro do Prelado com o *pastorinho*, e o discurso que passou entre elles, he de ver com que effeito de pathetico suavissimo elle emprega as expressões mais vulgares e tres diminutivos; hum dos quaes tem Soiza a habilidade de tornar bello, posto que reprezenta huma imagem quazi asqueroza, e pelo menos muito abjecta [1]. O numero e cadencia das palavras em construcção, na proza são pouco menos necessarios que no verso. Não póde deixar de o reconhecer e de o sentir toda a pessoa que reflecte hum pouco sobre a natureza, serviço e meios da maravilhoza linguagem humana. E não o ignorou, nem o desprezou este nosso Historiador, cuja expressão nem he dura ou escabroza, nem molle ou dissoluta; mas tem huma correnteza grave, hum nobre movimento, tão afastado da andadura incondita de hum rustico, como da marcha muito medida e effeminada de hum mancebo deliciozo.

Nós temos outra Chronica estimada, que da Ordem de Cister começou a compôr Fr. Bernardo de Brito; e possuimos huma vida do grande D. João de Castro, que nas escolas tem sido proposta, com mais zelo talvez do que prudencia, como exemplar á mocidade. Fr. Bernardo de Brito foi homem de talento, soube escrever na sua lingua, emprehendeo grandes obras, e se a morte o não arrebatasse tão depressa [2], deixaria mui largos monumentos do

[1] = Este *esfarrapadinho* innocente ensina a Fr. Bertolameu a ser Arcebispo. = Vida do Arcebispo Liv. I. Cap. 14.

[2] Fr. Bernardo de Brito falleceo em 1617, de 48 annos de idade. Em 1649, foi trasladado do Mosteiro de Santa Maria de Aguiar para a caza do capitulo de Alcobaça, onde se lhe pôz hum epitafio de bem estragado gosto, que Barboza traz copiado no seu artigo.

seu trabalho e curiozidade. Jacinto Freire de Andrade, meu recommendavel *compatriota*, tinha engenho muito mais feliz do que Bernardo de Brito, não era menos sabedor da nossa lingua, e he lastima que se não criasse em melhor Seculo e não tivesse maior ponderação; porque teriamos nelle mais hum escritor eminente, que puderamos oppôr com muita confiança, aos louvados entre os estranhos. Mas em importancia e errada crítica he a Chronica de Cister muito inferior ainda á de S. Domingos; na ordem ou dispozição faz pouca honra ao juizo do Autor; em estylo, nem em grande distancia se póde dizer que segue a de Fr. Luis de Soiza. Quando eu arrancando-me da leitura da Chronica de S. Domingos abro, para comparar, a de Cister, então he que mais completamente alcanço que grande escritor era Fr. Luiz de Soiza. Aqui tudo me interessa, tudo me move docemente; quizera ler sem interrupção até ao fim da obra, ainda magoado de elle chegar tão cedo: na de Cister sou frio a tudo, tudo me cansa; hum capitulo acho já muito dilatado. Aquella elegancia corteză, aquella effuzão do coração, aquella singeleza tão amavel que me enlevavão em Soiza, desapparecem totalmente em Brito; onde não acho senão Portuguez são e por ventura castigado, e algumas, posto que na verdade poucas, affectações do Seculo de seiscentos. Se os escritos de Fr. Luiz de Soiza são izentos, como dizia o Censor Fr. Agostinho, de *affeites e artificios viciozos*, não podemos dizer outro tanto da Vida de D. João de Castro. Logo na primeira e segunda linha perde Jacintho Freire o conceito de moderado, emprega huma agudeza, e huma agudeza que não he muito facil de entender. No Arcebispo conhecemos, vemos, tratamos o Prelado e o homem; em D. João de Castro não vemos senão o Soldado, e se vemos o homem he nas suas Cartas, de que Freire nos offerece a copia. Hum estylo tão discre-

to, tão agudo, tão affectado não diz com heroe tão grave; diria melhor, por exemplo, com *Persiles e Sigismunda*. Quer ser eloquente o Author, e não he senão inchado. A larga oração de Coge Çofar, nem tem verosimilhança, nem tem em varios rasgos senso commum; e só pudera ser tolerada de Portuguezes, de quem he a satyra apparente e dissimulado elogio [1]. Até o numero e cadencia das palavras em todo o livro são pouco entendidos, porque fogem do que he dado á proza e vão entrar no que pertence á poezia. A cada paragrafo, e quazi a cada oração, topamos com versos. Não nego que com tantos e taes defeitos de sustancia e fórma, tem tido estimação muito sustentada, o que he prova de merecimento; que se lê huma e mais vezes com prazer, e se imprimem facilmente na memoria do Leitor e se conservão os seus fragmentos, o que tambem argue muita valia; mas a nobre generozidade do assumpto, algumas sentenças justas, certas expressões bem achadas, grande concizão, e esse mesmo ar e tom poetico, são as cauzas daquelles effeitos. As faltas de Freire de Andrade convêm com as de Seneca em serem agradaveis [2]; e o meu compatriota, a par de Fr. Luiz de Soiza, traz á memoria, guardadas as proporções, L. Floro confrontado com T. Livio; muito abaixo delle na verdade, sem ser de todo desprezivel.

Fr. Thomaz Aranha, na Censura da segunda Parte da Chronica que escreveo em 1662, não duvída comparar

[1] Este elogio com mostras de satyra ouvi recommendar aos mancebos, como hum dos bons traços da penna de Freire de Andrade. Seria patriotismo em quem fasia tal recommendação, mas certamente não era bom gosto.

[2] = *Sed in eloquendo corrupta pleraque, atque eo perniciosissima, quod abundant dulcibus vitiis.* = Quinctilian. Inst. Orat. Liv. X. Cap. 1. fallando de Seneca.

este nosso Historiador com João de Barros, e igualal-os com pequena, como elle diz, *antelação* do ultimo; que tirou a Soiza a *razão de primeiro*, como Soiza lhe tirou a de *unico*. Qual he nesta materia o meu parecer fica entendido do que digo acima, nem eu me rezolvia a instituir tal comparação; porém considerando mais attentamente, julguei que devia fazer sobre esta opinião de Fr. Thomaz Aranha alguma advertencia. Faz injuria a João de Barros ou á materia que escolheo quem não prefere a importancia da sua Historia á das Historias de Fr. Luiz de Soiza; e a Soiza faz injuria quem não prefere o seu estylo ao modo de escrever de João de Barros. Sobre a importancia, tudo o mais que eu dissesse fôra superfluo. Ácerca do estylo, salta aos olhos do Leitor, que não he descuidado ou falto de toda a intelligencia, que o de Barros, ainda que são e grave, he muito inferior ao de Soiza na viveza das descripções, na magica dos affectos, nas graças, no polimento: e bem tenho para mim, que quando o excellente juiz Fr. Agostinho de Soiza dizia que nenhum dos Portuguezes se lhe avantajava em *policia e perfeição*, revolvia na mente que elle se avantajava a todos, contando entre os mais João de Barros; que talvez não nomeou por não encontrar prejuizos, ou não offerecer ponta de que lançasse mão a inveja. Porém a inveja não precisa que lhe offereção outra occazião, que ferir-lhe os olhos, muito mimozos, com brilho superior. Fr. Luiz de Soiza tão composto e modesto, tão distante de competencias de engenho, não pôde escapar de todo aos reparos da inveja. ¡Quem o notou de se não dár ao ministerio da prégação mostrando para elle nos seus escritos tamanhas dispozições! ¡Quem o notou de fraco Theologo! ¡Quem o notou de sahir a publico por meio de livros, tendo professado acabar para o publico e para o

Mundo[1]! Notas futeis: com que fôra impertinentia gastar os poderes da refutação; e de que eu tiro qual foi ácerca das obras de Fr. Luiz de Soiza o applauzo dos contemporaneos, que a mesma inveja não se atreveo á combatê-lo de frente, senão pelos lados. Foi huma formozura tão approvada do consentimento universal, que a emulação, se a quiz arguir, ou teve de conceder aquillo mesmo que mais dezejaria negar, ou teve de procurar assumpto estranho. Ainda agora a crítica rigoroza o castiga *muito* do apoquentado de substancia e da credulidade, que nós já confessámos, e que ou se não deve attribuir a Fr. Luiz de Soiza, ou não lhe he grande desdoiro; e repara no pouco conhecimento e cazo que de suas compozições tem e fazem os Filologos estrangeiros: que he o mesmo que suppôr que o oiro enterrado no seio da mina, por ser desconhecido do Naturalista, terá menos quilates. Bem digna he a lingua que acabou de formar e polir Fr. Luiz de Soiza, de ser conhecida em toda a Europa; não deixa de ter bons escritos de que a Europa podia fazer estimação e tirar algum proveito: mas successos, circumstancias e capricho, que a tornão pouco conhecida e tão pouco estimadas as suas riquezas, tem tanto com estas riquezas e a lingua, como tinhão com as dos Gregos, quando foi precizo que as armas

[1] Estas notas constão mais ou menos claramente do Prologo de Fr. Antonio da Encarnação á Part. II. da Chronica, de Fr. Lucas de Santa Catharina Part. IV. Liv. I Cap. 24, de Fr. Thomás Aranha na Censura citada da Part. II. E por ventura allude ou anticipa huma dellas o Author, quando diz no Prologo da Part. I da Chronica = ¿Se fugimos huma vez, para que he tornar a povoado, nem por letra? Se ha de haver quietação, se silencio:? de que serve ser lido e ouvido por todas as praças, e fallar nellas não menos que com livros inteiros? =

da Mahomet II. as fizessem resuscitar em Italia, e pouco a pouco no resto do Occidente. Embora desconheção, embora não estimem os estrangeiros as obras de Fr. Luiz de Soiza; que não he menos certo que ellas lhes poderião servir de modello, como a nós nos podem servir algumas dos seus escritores. E a verdade he que materia tão relevante como a de Barros, estylo tão acabado como o de Soiza, e critica mais apurada, sem degenerar em pyrrhonismo ou virulencia, que a de ambos, darião historia perfeita.

E como a parte mais difficultoza da Historia, e a de que ella recebe ou curta vida ou immortalidade, seja o estylo, com muita razão apertava Fr. Agostinho de Soiza, que se imprimisse sem detença a primeira Parte da Chronica de S. Domingos *como fórma e modello de bem escrever para estudiozos*. Os Portuguezes que se quizerem dar á compozição da Historia, não podem ter com effeito, quanto á fórma e estylo, hum exemplar de mais serviço e mais seguro. E todos os que quizerem compôr em qualquer genero que seja, nos escritos de Fr. Luiz de Soiza acharão com que se enriquecer e que imitar. E quando outra coiza não fôra, deverião trazê-los sempre diante dos olhos para se embeberem da linguagem, que o bello engenho do Author tornou tão formoza e engraçada, e de que em nenhum outro se podem achar se quer ligeiras sombras. Os prodigios de expressão, como insinuei, não procedião em Soiza tanto do seu conhecimento do idioma Portuguez como do seu felicissimo engenho. Das compozições Latinas se tira boa prova; porque não sendo possivel que Soiza possuisse tanto a fundo o Latim como o Portuguez, com tudo na proza e poezias Latinas, que nos restão por inteiro ou em fragmentos, achamos a mesma doçura, as mesmas imagens graciozas, a mesma brandura e suavidade de expressão que nas Portuguezas. De mui tenra idade entrou elle a culti-

var a Poezia Latina [1]. Nós temos noticia da Navegação Antarctica, do Epigramma dirigido aos Governadores de Portugal, dos Elogios a Camões, e a Fr. Bernardo de Brito por occazião da Monarchia Luzitana, e dos disticos do Claustro de S. Domingos de Lisboa [2]. Mas he de suppôr, não só que compôz, mas até que soltou da sua mão muito mais avultado numero. E ao menos isto inculca o Padre Antonio dos Reis, reprezentando Apollo e com elle as Muzas sintidas e queixozas de se não reduzirem a hum volume estas producções avulsas e dispersas do engenho de Soiza [3]. Os ventos, de quem elle diz que erão ludibrio os Poemas

[1] *Lusimus hæc olim fateor cum prima juventus*
Vestiret nudas dubia lanugine malas;
Lusimus, ut puerum puerilis cura decebat.

Soiz. Navigat. Antaret.

[2] Barboza no artigo de Fr. Luiz de Soiza tras copiado o Epigramma aos Governadores do Reino e o allegado fragmento da Navegação Antarctica; o Elogio de Camões costuma vir na frente das Edições do Poeta, e o de Fr. Bernardo de Brito no volume 1.° da Monarchia Lusitana; os disticos do Claustro de S. Domingos traz copiados Fr. Lucas de Santa Catharina na Part. IV. da Chronica Liv. I. Cap. 2.

NB. Tudo isto, menos a Navegação Antarctica, se acha colligido no fim da Vida de Henrique Suzo impressa em Lisboa em 1764, 1 vol. 8.°; além do Epigramma feito em 1588 na occasião em que varias reliquias de Martyres forão levadas á Igreja de S. Roque a 23 de Janeiro. Ahi mesmo vem copiadas a Dedicatoria e Prefação Latina ás Obras de Falcão e o excellente Opusculo em Portuguez intitulado = Considerações das lagrimas que a Virgem Nossa Senhora derramou na Sagrada Paixão. =

[3] *Mæstus at ipse dolet Phoebus, Musæque Sorores,*
Nostrates que dolent, quod non compacta Sub unum
Omnia, quæ dederas, sint carmina culta volumen,
Sed dispersa volent rudibus ludibria ventis.

Reis. Enthusiasm. Poetic.

deste restaurador da Poezia Latina em Portugal [1], deitárão a longe a maior parte; e se o Padre Reis, e Barboza se doíão da dispersão, nós temos que lamentar a perda provavelmente de quazi tudo. Quando pois disse que Fr. Luiz de Soiza não devia possuir o Latim tanto a fundo como o Portuguez, não pretendi negar-lhe grande erudição na Latinidade, de que esses pequenos restos que conservamos são sobejo argumento, e de que não he argumento menos valiozo a felicidade com que elle traslada do Latim para a nossa lingua. Huma boa traducção depende do conhecimento profundo de ambas as linguas; e as de Latim para Portuguez que offerece Soiza, não podem ser mais primorozas. Pôr em huma lingua o sentido do que foi escrito em outra como o poria, nem mais nem menos, quem o escreveo na primeira, he o segredo das traducções: segredo muito difficultozo de pôr em prática, porque fóra da muita sciencia de ambas as linguas, requer huma certa paridade de engenho, huma finura e segurança de juizo, que cabem poucas vezes a quem se contenta com o humilde merecimento de traductor. Porém segredo, que perfeitamente penetrou, e superiormente reduzio á prática este talento admiravel; que á vista de quanto fica dito, bem se póde tratar sem escrupulo, como o trata o Padre Antonio dos Reis, de talento bem disposto e conformado para tudo [2].

[1] *Quam tibi pro meritis dat Cynthius ipse corollam;*
Ut pote qui memori servat sub pectore, pulsum
Se procul a Lysia, te demum urgente, reductum
Esse. . . . .

Reis. ibid.

[2] . . . . *forent ut Lusis tempore longo*
Ingenii speculum nascentis ad omnia Sousæ.

Reis. ibid.

Tal foi o Cavalheiro, o Religiozo e o Escritor na pessoa de Manoel de Soiza Coitinho ou de Fr. Luiz de Soiza: Cavalheiro avizado, amavel e cheio de pundonor e de bizarria; Religiozo bem penetrado das obrigações do seu instituto, sizudo em as estimar, exacto, prompto e constante em as seguir; Escritor claro, elegante e suavissimo, em que a pureza do gôsto andava a par da rara felicidade do talento. ¡Assim são, e tem sido, os seus escritos prezados, admirados, saboreados de todos os Portuguezes de mais discernimento e de mais honrada e nobre curiozidade! Eu os tenho lido muitas vezes, e todas com prazer bem exquizito; e em quanto puder, farei da leitura destas immortaes compozições a minha occupação mais doce, todas as vezes que o permittirem os trabalhos de huma nova condição. A minha condição mudou já depois que principiei a entender nesta Memoria[1]: e entre muitas considerações penozas que a mudança me traz comsigo, não he a menor, a de que não terei já tempo e desafogo para hir referindo a Historia, e avaliando a meu modo as Obras dos nossos compatriotas, que se distinguírão em letras. Este projecto, de que dei conta a principio, não he certamente desprezivel; e o seu desempenho acertado seria bem util. Muito receio que eu o não pudesse desempenhar com acerto; e por isso pequena perda deve haver em que á minha diligencia seja tolhida esta continuação. Mas se a Patria não soffre com isto detrimento, soffrem mui rude e duro encontro as minhas inclinações e os meus habitos. Mui perto já, segundo arrazoada probabilidade, do fim da minha vi-

[1] A 8 de Julho de 1819 já esta Memoria estava adiantada; e foi concluida a 29 de Fevereiro de 1820.

da, attenuado de corpo e pouco folgado de espirito, outra satisfação das que ama sobre a terra esta nossa humanidade, me não restava, que a de gastar algumas horas em tão saborozos e ainda honestos entretimentos. A Providencia me quer privar desta mesma, entregando-me a cuidados e propozitos muito mais graves, para que eu me suppunha ainda menos proprio, e certamente era menos inclinado. ¡ Cumprão-se as dispozições adoraveis da Providencia, e cale-se a minha mágoa, que não póde ser, desdizendo das ordens da Providencia, senão desatinada e cega! Entretanto he de esperar que algum dos nossos naturaes igualmente zelozo, e mais habil e desoccupado, tome a si este encargo. Eu ficarei só com o prazer de ter corrido com elle, no tocante ao meu escritor valído entre todos os prozadores do nosso Portugal; e confesso que he tão grande este contentamento, que tempéra de algum modo as amarguras, em que meu coração e espirito se achão crua e atribuladamente fluctuando.

MEMORIA HISTORICA E CRITICA

ÁCERCA DO

PADRE ANTONIO VIEIRA,

E DAS SUAS OBRAS.

ADVERTENCIA DO AUTHOR PARA A SEGUNDA EDIÇÃO DESTA MEMORIA.

Esta Memoria foi impressa em Coimbra, com o titulo de *Discurso Historico e Critico* no anno de 1823. Sahio porém com varios erros typograficos, como impressa longe da vista do Author; e correndo o tempo advertio elle, que precizava de certos retoques e emendas, ou no corpo da obra, ou nas suas notas. Esta advertencia e o dezejo de remediar os erros typograficos, o tinhão determinado a faze-la reimprimir; quando hum dos seus amigos, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, lhe propôz imprimir-se entre as Memorias Academicas, e entrar em hum dos volumes, que a Academia costuma de tempo em tempo dar ao Publico. O Author acceitou emfim a proposta, e pôz á conta da Academia hum exemplar da primeira edição, corrigido e accrescentado como lhe pareceo necessario.

As correcções e accrescentamentos (não fallando nas emendas typograficas) são poucos, não tocão na substancia da historia, e quazi sempre vão lançados nas notas. Na substancia da historia não tem o Author, desde que a compôz,

achado motivo para fazer mudança. Tem lido, he verdade, depois da compozição alguns escritos ácerca do Padre Antonio Vieira, que não tinha visto d'antes; e das obras do mesmo Vieira, que correm ainda em manuscrito, algumas lhe tem sido por ultimo communicadas, até do Archivo da Academia: não duvida com tudo affirmar, que não se lhe offerece razão de alterar os factos na primeira edição referidos; salvo em differenças leves, que ou corrigio agora, ou desprezou por sua pouca importancia.

Da primeira edição, que nunca foi posta em venda, poucos exemplares sahírão da mão do Author, e passárão ás dos seus particulares amigos. Esses poucos porém podem servir á confrontação de quem a tiver por necessaria, ou a quizer fazer por mera curiozidade. Os restantes hade o Author arrecadar escrupulozamente; assim em razão dos erros que contrahio na imprensa; como pelo respeito da Academia: a quem, desde a entrega do sobredito exemplar corrigido e accrescentado, consagra plenamente este trabalho, pago muito de sobejo com a sua approvação.

N. B. Não se verificou a impressão pela Academia. — *Nota do Editor.*

Tem sido notavelmente vária, e até contradictoria, a fama do célebre Jesuita o Padre Antonio Vieira. Passou este homem entre os seus contemporaneos por hum Ecclesiastico de grande espirito e zelo fóra do commum; por hum negociador penetrante e déstro em materias politicas; por principe dos Oradores Christãos, ao menos em Portugal: mas desde o meado do Seculo XVIII. o seu zelo foi tido em menos conta de puro e desinteressado; concedeo-se-lhe só o talento de formar e entreter intrigas Cortezãs; e foi reputado Orador quazi inteiramente desprezivel. E Antonio Vieira, tão preconizado e elogiado em quanto vivo, e ainda largo tempo depois da sua morte, e que acabou suppondo, com certo fundamento, que as idades seguintes sequer o não honrarião menos, ficaria bem admirado e confuzo, se ouvisse, passados sessenta ou setenta annos, as vozes já de indignação, já de desprezo, com que o tem tratado, ou maltratado, a posteridade [1]! Grande lição por certo, e claro desengano pára os ardentes adoradores do idolo caprichoso, que dizemos reputação e gloria; a quem gastão a vida em servir e incensar, e por fim perdem todo o apuro e trabalho, que empregárão em suas cansadas idolatrias!

Pelo exame todavia da historia de Antonio Vieira e leitura das suas Obras, tenho formado opinião de que nem

[1] Vieira mesmo em sua vida provou, como se verá na continuação do Discurso, os golpes da detracção e da satyra; mas erão censuras ou sarcasmos de poucos, compensados pelo applauso de quasi todos: e como era natural que elle os tivesse por nascidos da inveja, tambem era natural que o acompanhasse a es-

a sua idade, nem a seguinte lhe fizerão inteira justiça. O seu seculo, além de ser Juiz menos competente, deixou-se allucinar de certo prestigio, que acompanhava os talentos nada vulgares, e a incrivel promptidão e actividade de Vieira: o seguinte foi em parte arrastado de odio, em parte levado de errada antecipação; cerrou quasi acintemente os olhos ao seu indisputavel merecimento; e recuzou, com muita injustiça, dar as desculpas, que imperiosamente requerião as circumstancias. Ambos pois tenho a respeito delle por injustos: com a differença, que nos primeiros Juizes me parece que influio mais hum erro muito natural, e por isso mesmo muito desculpavel; nos segundos obrou mais ou o rancor, ou deferencia cega ao conceito de ardentes e determinados inimigos.

Vou referir em breve o que com muita diligencia alcancei da sua historia; e propôr o juizo, que tenho feito do seu caracter, dos seus talentos e escriptos: e cuido que por fim assentarão comigo os leitores deste Opusculo, que se Antonio Vieira não mereceo cabalmente os louvores, com que o exaltou o seu tempo, disposições teve da natureza para os merecer; que as invectivas do tempo posterior forão ainda mais mal fundadas, e merecem maior reparo; e que tão longe está de obrigar os Portuguezes com seus escriptos ao desprezo, que por elles se deve reputar hum dos Varões mais benemeritos da nossa Patria.

Sem desprezar a historia contemporanea de Portugal, que dando luz a alguns factos, não accrescentou com tudo o seu numero; as principaes fontes, de que recolhi os suc-

perança de que não durarião além da sua morte; termo ordinario das tramas e furores da inveja. Veja-se André de Barros l. I. §. XLI., l. III. §. CLVII. e seg., l. IV. §. CXXXI., e o mesmo Vieira nas Cartas: e particularmente nas escriptas de Roma e da Bahia.

cessos, forão as proprias Obras de Vieira, a sua vida, composta por André de Barros [1], e os escriptos do Seculo passado, nascidos da renhida e acceza contenda com os Jesuitas. Ao que referem Vieira e Barros dei porém os descontos devidos ao amor proprio, e aos affectos da amizade e interesse de Corporação: e das relações do odio usei com advertencia muito cautelosa; separando bem da substancia os accidentes da côr forte, e talvez grosseira, com que a paixão a quiz desfigurar. E declaro, que se me enganei, foi mais por me deixar illudir da amizade, que da desaffeição; porque dado que ambas sejão igualmente infieis nas suas pinturas, o entendimento e coração humano por sua conformação (e nesta parte nobre conformação) he mais precatado contra os traços muito rudes e ásperos do odio, que contra os toques macios e lisongeiros da amizade.

O Padre Antonio Vieira nasceo em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608. Seus Pais forão Christovão Vieira Ravasco, que nasceo na Villa de Moira no Alémtejo, e D. Maria de Azevedo, natural de Lisboa [2]. Ha grande razão de presumir que Christovão Vieira procedeo de Familias

[1] O Jesuita André de Barros entrou na Companhia em 1691. Foi Preposito da Casa Professa de S. Roque e hum dos primeiros Academicos da Academia Real da Historia. Publicou em 1736 as *Vozes Saudosas* de Vieira, e compôs a sua vida, impressa em Lisboa em 1746. Nesta ultima Obra he mais panegyrista, que historiador; largo e até prolixo em coisas menos importantes, e nimiamente conciso nas mais graves; e emprega o estylo corrupto, que era estimado no seu tempo. Admirando com razão a simplicidade e candura das relações, que escreveo Vieira, nem por isso o quiz imitar na da sua vida.

[2] Veja-se André de Barros no l. V. §. CCLXXXI.

muito honradas e antigas; que tinhão alliança com os Limpos Lacerdas, a que pertencia o Arcebispo e Senhor de Braga D. Fr. Balthazar Limpo, tambem nascido em Moira [1]. Da qualidade de D. Maria de Azevedo não temos noticia; e só podemos conjecturar, sem muita temeridade, que emparelhava com a de seu Marido [2]. Mas Antonio Vieira foi hum destes homens, como bem adverte o seu Biografo, cuja reputação e celebridade dá lustre aos seus antepassados, em vez de o receber do esplendor da sua origem: e Christovão Vieira não seria hoje lembrado, a não ter este Filho, que por notavel engenho e igual applicação foi distincto ornamento do seu Seculo em Portugal.

Não declara André de Barros, nem pudemos saber por outro meio, os motivos por que Christovão Vieira Ravasco deixou o Reino, e se passou com a sua Familia para a Cidade da Bahia de Todos os Santos no Brazil. He certo porém que o fez por fins de 1615, quando seu Filho Antonio Vieira não tinha ainda completos oito annos de idade. E como Bernardo Vieira, Filho tambem de Christovão, foi depois Secretario do Governo naquelle Estado, he de suspeitar que seu Pai sahio do Reino, se não com o mesmo Emprego, com qualquer outro encargo publico de alguma importancia; nem se póde imaginar que se passasse

[1] Tudo isto insinúa no lugar citado André de Barros; e nós podemos affirmar que ha poucos annos (1817), que Limpos Lacerdas, naturaes e moradores em Moira, se prezavão de Ravascos, e reputavão seu honrado tronco Ruy Lourenço Ravasco, que em 1441 passou de Castella para Moira, onde cazou com Leonor de Pino, e de quem descendêrão muitas Familias graves do Alémtejo, de Lisboa e da Beira.

[2] He de suppôr da propensão ordinaria para a igualdade no matrimonio; e mais ainda, por constar da educação muito culta e polida de D. Maria de Azevedo. Veja-se André de Barros l. V. §. CCLXXX.

para o Brazil com a Familia por outra razão de menor substancia, ou menos airosa. Antes aquella suspeita he ajudada pela representação posterior dos Filhos e Filhas de Christovão Vieira, que ou seguírão e exercitárão profissões e cargos honrados [1]; ou se alliárão em cazamento com as pessoas de mais importancia em sangue e fazenda, que então erão conhecidas naquella parte da America Portugueza [2].

Posto que alguns engenhos, e não são talvez os menos proprios para grandes coisas, se expliquem ou desenvolvão com vagar, e até muito de espaço; são promptos de ordinario os melhores em dar de si decididas mostras. O de Antonio Vieira foi da tempera destes ultimos: e referem-se delle respostas e ditos na puericia, que quadrão com a rara vivacidade, que ao depois se admirou até aos ultimos dias da sua vida [3]. Porque he de notar, como outro argumento de espirito extraordinario, que se principiou a brilhar muito cedo, nem por isso deixou de luzir até ao ultimo termo da idade avançada, em que falleceo [4]. Pelo

[1] He bem sabido, no que diz respeito a Antonio Vieira. Seu Irmão Bernardo Vieira foi o primeiro Secretario d'Estado de todo o Brazil, em que teve por successor seu Filho Gonçalo Vieira Ravasco Cavalcante de Albuquerque, e foi Alcaide Mór da Cidade d'Assumpção do Cabo Frio. Veja-se Andr. de Barros l. V. §. CCLXXXVII.

[2] D. Ignacia de Azevedo Ravasco cazou com Fernão Vaz da Costa Doria: D. Catharina Ravasco casou com Ruy de Carvalho Pinheiro, o Moço: outra, que se não nomea, cazou com Jeronymo Sodré Pereira, pessoa de muita qualidade: D. Leonarda de Azevedo Ravasco finalmente casou com o Desembargador João Alvares de la Penha; e com elle, com hum Filho e quatro Filhas pereceo em triste naufragio no Oceano, quando voltavão para Portugal. Veja-se Barros ibid. §. CCLXXXX. e §§. LXVI. LXVII.

[3] Veja-se Barros ibid. l. I. §. VI.

[4] Antonio Vieira falleceo de 89 annos a 18 de Julho de

commum declinão com os nossos orgãos, por effeito do correr dos annos, as faculdades mentaes do homem, e poucos são os velhos, que se não queixão, com maior ou menor razão, desta triste decadencia; e tanto mais, quanto seu espirito foi mais vivo e vigoroso na idade florente: ou porque na verdade maior dispendio da sua força deve produzir maior cansaço e attenuação, ou porque muito habituados á sua promptidão e alento, de qualquer signal contrario são propensos a arguir larga differença. Antonio Vieira, opprimido com o peso de muitos annos, provado em muitos e grandes trabalhos, combatido de molestias varias, dilatadas e perigosas, privado do uso dos principaes sentidos [1], conservou a firmeza da memoria, a subtileza e penetração de entendimento, e até a facilidade de expressão pura e clara, que suppõem juntamente a mais prompta reminiscencia, e a maior distincção de conceitos e de idéas [2].

Não passou muito tempo, depois que desembarcou com seus Pais na Bahia, sem se applicar ao estudo de Humanidades nas Escholas. Os Jesuitas no Reino e suas Colonias e Conquistas estavão então, e estiverão muito depois, em plena posse da educação da mocidade no tocante ao estudo de letras. Se tal posse foi ou não prejudicial á Litteratura Portugueza, tem sido questão muito debatida; e

1697; e no III. vol. das suas Cartas se podem ver tres, 78, 89, 93, escriptas a 24 de Junho, 6 e 10 de Julho do mesmo anno, em que não acho differença das da idade mais florente.

[1] Nas Cartas 77 e 78 do vol. III. dá elle mesmo noticia da falta de vista e ouvido, *sentidos, dos quaes desassistida a alma, quasi está nesta cama no estado de separada.*

[2] Dão evidente prova as tres Cartas allegadas, escriptas, poucos dias antes da sua morte, á Senhora D. Catharina, Rainha da Grãa-Bretanha, ao Duque de Cadaval e ao seu Secretario; em substancia e estylo bem dignas, as primeiras duas, de Vieira e das Personagens, a que as dirigio.

talvez seja mais embaraçada, do que se julga vulgarmente [1]. Desde o principio tiverão entre nós o seu methodo e propositos de instrucção classica graves detractores; e foi este hum dos lados, por que no ultimo conflicto os combateo mais vivamente a animosidade dos contrarios. He certo além disso que a nossa Litteratura declinou quasi desde o momento, em que elles por este modo a entrárão a dirigir. Mas os primeiros detractores podião ser obrigados ou de interesses, ou de emulação: as exagerações dos ultimos são tão altas, que põem todo o homem judicioso em muita desconfiança: e sabido he que a Logica mais acautelada prohibe attribuir, sem boa consideração, qualquer effeito ao que proximamente lhe precede.

O que não soffre dúvida he que em França, onde os Jesuitas influírão na Côrte pouco menos, se acaso foi menos que em Portugal, e onde tambem dirigião a mocidade nas Escholas, o Seculo sempre famoso de Luiz o Grande abrio e cerrou, durando em flôr e vigor esta Sociedade [2]; que alguns dos homens grandes em letras, que o honrárão, forão Jesuitas [3]; e que Voltaire se prezava muito

[1] Sem hesitação se affirma vulgarmente que os Jesuitas corrompêrão o bom gôsto: mas quem ponderar bem as reflexões, que aqui apontamos, e se lembrar de que ainda antes dos Jesuitas, ou pouco menos, surgia o máo gôsto em Italia, e que dalli passou para Castella e para Portugal, cuido que resolverá nesta materia com maior desconfiança.

[2] Deixando outros, he notoria a quem tem qualquer conhecimento da Historia de França, a grande influencia, que na sua Côrte attribuem os Escriptores aos dois Jesuitas, por isso muito famosos, *le Tellier* e *la Chaise*.

[3] Fez certamente honra áquelle Seculo notavel a erudição vasta e apurada de Sirmondo e Petavio; o Padre Bourdaloue restituio e aperfeiçoou a eloquencia do Pulpito; depois das Georgicas de Virgilio, lemos ainda com muito prazer as poesias, tão engenhosas, como elegantes, de Rapin e de Vaniere.

de ter aprendido nos seus primeiros annos com o Padre Poreo. Não me sinto apaixonado dos Jesuitas; nem ha para que, ou ainda porque: mas a reflexão me tem feito conhecer por varias vezes, que huma geral e assentada opinião carece em muitos casos de bom fundamento.

Porém deixada huma questão difficultosa, que acha, de mais a mais, muitas pessoas ainda fortemente prevenidas pela parte affirmativa; não ha dúvida que Antonio Vieira entrou a estudar as Humanidades no Collegio da Bahia: e talvez foi esta huma das maiores razões, se não foi a maior, por que depois se determinou a abraçar o Instituto dos Jesuitas.

Se os Jesuitas se portassem imparcialmente a respeito do estado e estabelecimento seguinte dos moços, que ensinavão, andarião com primor e desinteresse muito Christão. Mas tem sido accusados de desprimor e cobiça em contrario: e se o natural desejo a favor da propria Corporação torna este erro desculpavel, tambem o torna muito crivel. Para quem se propõe com ardor os proveitos e credito da sua Corporação, he tentação na verdade muito forte, o conhecer os sujeitos para isso mais apropriados, e conhece-los em idade, em que melhor se póde influir nas suas resoluções. E tal era a condição, em que se achavão de contínuo os Jesuitas, com os mancebos que frequentavão as suas Escholas. Em razão da candura e franqueza daquella idade, e da observação e penetração propria, conhecião perfeitamente as indoles e propensões dos seus alumnos; e desejavão com affecto, ou paixão ardentissima, as vantagens e honra do seu Instituto, cuja profissão tinhão aliás no conceito da mais segura e crescida fortuna.

André de Barros attribue a resolução, que tomou Antonio Vieira de abraçar o Instituto Jesuitico, á sua propria reflexão sobre certa historia piedosa, que ouvio referir a

hum Prégador[1]. E declara, que nisto segue o depoimento, que Vieira deixou por escripto de sua mão. Mas pouco decidem a declaração e depoimento de hum e do outro. A sagacidade, que se não póde negar nos Jesuitas em grande parte dos seus comportamentos, levava-os muito a trabalhar por caminhos encobertos. Não chamavão directamente o alumno, que mais pretendião; mas por discursos e práticas, que parecião ter differente alvo, o dispunhão a desejar a perfeição da vida cenobitica: quasi certos de que bem inflammado huma vez este desejo, não hesitaria o mancebo em preferir por varias considerações o seu Instituto aos outros Institutos Regulares. O mesmo Candidato cuidava que o trazia o proprio movimento, quando na verdade obedecia ao impulso alheio. Assim podia succeder, e succedeo provavelmente, a Antonio Vieira; em quem concorrião insignes partes, que o fazião mais de cobiçar, e que por isso mesmo obrigavão os Jesuitas a maior empenho e não menos cautela.

Na noite de 5 de Maio de 1623, em idade pouco acima de 15 annos, fugio Antonio Vieira da casa de seus Pais, e procurou o Collegio da Companhia. Foi recebido dos Jesuitas com muito contentamento, e tratado com o agasalho devido á tal sujeito, e ás mostras, que elle dava de affeição á Sociedade[2]. Seus Pais, que tinhão outros intentos, pozerão grande efficacia em o dissuadir: mas o mancebo resistio a tudo; e não consta que os Jesuitas, attendendo ás instancias de Christovão Vieira, e á verdura dos annos, em que seu Filho arriscava hum passo tão importante, ajudassem as diligencias dos Parentes, como se de-

[1] Veja-se André de Barros l. I. §. XIII. e o mesmo Vieira vol. VII. Serm. VI. N. 195.
[2] Barr. ibid. §. XVI.

via esperar de pessoas de entendimento e desinteresse. É ao menos André de Barros, dando conta do *alvoroço* com que foi recebido, dos *combates* dos Parentes, e da firmeza com que forão resistidos de Vieira, não dá indicio algum, d'onde se possa inferir que os seus Socios, pondo-se da parte da Familia, lhe aconselhárão, em negocio tão grave, mais vagar e maior ponderação.

Durou a provação até 6 de Maio de 1625, dia, em que professou; e proseguio logo nos estudos, admirando ós Condiscipulos e os Mestres com a promptidão e alto gráo de aproveitamento. O applauso porém dos seus progressos litterarios não o enlevou de tal sorte, que resolvesse fazer do estudo das Boas Artes e Sciencias, como succede á maior parte dos bons engenhos provados nas Classes, o emprego principal das suas applicações e trabalhos. Como que esta gloria, por facil, era insufficiente a satisfazer o seu coração! Propôz-se correr por caminhos mais arduos e menos trilhados. Fez voto, pouco depois da Profissão, de gastar a vida instruindo nas doutrinas da Religião Christãa os escravos Africanos, e os boçaes Gentios do Sertão do Brazil. Aprendeo para isso as linguas Brazilica e de Angola; e sem declarar ainda o voto, que havia feito, entrou a desempenha-lo nas occasiões, que se hião offerecendo. As almas muito activas, e que do seu poder tem, mesmo implicitamente, grande confiança, alvoroção-se e accendem-se com as difficuldades, desprezão o mais seguido e commum, e só procurão o que he menos vulgar e mais custoso. Tal era certamente a de Antonio Vieira; e taes são as dos homens raros, que por obras extraordinarias enchem de assombro os seus contemporaneos, e dão largo e duravel brado na posteridade [1].

[1] Como o meu fim não he encarecer além da verdade justa,

Continuava entretanto os estudos de Humanidades, em que os Jesuitas costumavão demorar-se. Nos seus edificios, que vemos ainda hoje, não procuravão tanto a elegancia da fórma, como a consistencia e duração. Na profundidade e segurança dos alicerces, na robusteza, travado e aprumado dos muros punhão o esmero principal. O mesmo era no edificio litterario, de que elles tinhão as Humanidades, e com razão, por fundamento. Eu não posso approvar sobejo cuidado em alicerces; todo o excesso tem de certo inconvenientes: mas a decidir-me por algum dos extremos oppostos, antes escolhêra o dos Jesuitas, que o dominante hoje em dia por toda a Europa.

Os alicerces são agora muito superficiaes e mal seguros; e o que se segue, he que as nossas architecturas primeiro são ruinas, que cheguem a ser edificios. Multiplicão-se quazi a infinito as emprezas deste genero; mas as obras que desafião o tempo, que promettem immortalidade, são nenhumas. Fallando sem figura, muitas são, e ainda mais que muitas, as pessoas que agora recebem alguma leve tintura de letras; porém se com isso a impertinente presumpção he muito vulgar, a verdadeira sabedoria he sempre rara: e sempre o será, por mais que se imaginem alvitres de espalhar larga e rapidamente a instrucção; os quaes, dado que se realizem, farão, se me não engano,

confesso que o assombro, que causou Vieira, e o brado, que deu, nem foi sobejamente largo, nem promette a duração indefinida, que chamamos em taes casos immortalidade: mas o que eu affirmo, e he certo, he que assombrou e deo brado que durou e durará na posteridade, e que se nas obras não igualou os homens verdadeiramente grandes, podia iguala-los; pois que as suas faculdades não erão menos extraordinarias, que as de muitos delles.

mais presumpçosos e inquietos, mas não farão os homens ao todo mais sabios, nem melhores [1].

Quando Vieira professou, pouco mais tinha de dezesete annos; e já os que presidião no Collegio o encarregavão de compor as Cartas Latinas annuaes por que a Provincia do Brazil usava communicar-se e dar conta de si ao Superior Governo da Sociedade na Europa [2]. Tal encargo requeria discrição para avaliar e escolher os acontecimentos, prudencia para bem dispor a sua narrativa, propriedade, clareza, e certa graça de estylo, e de estylo Latino: e tudo isto nelle reconhecião os discretos da sua Corporação. De dezoito annos foi mandado para Olinda ler Rhetorica; e nessa idade compoz Commentarios ás Tragedias de Seneca e talvez ás Metamorphoses de Ovidio [3]. E posto que as severas leis do Regulamento litterario dos Jesuitas lhe não permittissem tão cedo frequentar as aulas de Theologia, nem mesmo as de Filosofia; atreveo-se com tudo a commentar o Livro de Josué, e até o dos Cantares [4]. Este arrojo, evidente effeito de impeto juvenil, mostra pou-

[1] Os litteratos bem aproveitados são sempre poucos, já em rasão da raridade dos grandes talentos, já por falta de educação e outras circumstancias; os meio litteratos são sempre perigosos, pela combinação, quasi infallivel, de fraca sufficiencia com ousadia presumida: e destas duas affirmativas, ou evidentes ou de prova muito facil, bem se segue que com a vulgaridade de instrucção litteraria, ha de crescer o perigo, sem adiantamento da Sabedoria.

[2] Veja-se André de Barr. l. I. §. XX.

[3] Posto que Barros (ibid. §. XXII.) dá noticia destes dois Commentarios, não affirma, com tudo, que fosse composto então o das Metamorphoses; e este he o motivo da nossa hesitação.

[4] Barr. ibid. §. XXIII. dis que este trabalho foi emprehendido = *ainda antes de contar* 20 *annos de idade* = o que dá pelo tempo da residencia em Pernambuco, ou quasi logo.

co conselho. Só a falta delle se abalançaria em taes circumstancias, a empreza de tamanha difficuldade, pela erudição vasta e recondita, profunda doutrina Theologica, e sagacidade de atinado senso critico, que requer. Porém mostra ao mesmo tempo huma superabundancia de actividade, hum gentil denodo de resolução, de que bem se podião prometter e esperar grandes coisas em annos de mais assentado entendimento.

Por vinte ou vinte e hum de idade, parecendo aos Superiores que se achava em estado de emprehender mais actos estudos, resolvêrão que entrasse no ordinario curso de Filosofia, para passar finalmente a ouvir as doutrinas Theologicas. Foi neste passo que Antonio Vieira declarou o voto, que d'antes fizera, e publicou a sua tenção de renunciar o descanço e gloria da profissão das letras, para se entregar todo á direcção Christãa e conversão dos Africanos e Brazis [1]. Com o mesmo ardor e instancia, com que outro pediria que o acceitassem nas Escholas, e o admittissem ao caminho socegado e honroso do Magisterio, rogou e supplicou Vieira, que o deixassem no gráo mais rasteiro, mas livre para seguir o seu projecto, tão cansado e difficil, como era piedoso. Porém os Superiores, julgando que não devião grande attenção a um voto, que em razão da idade se podia reputar mais pio, que avizado; e não querendo privar a Sociedade dos avultados proveitos, que justamente se esperavão dos talentos insignes de Vieira, forão de outro parecer; e irritando o voto, o mandárão conformar com sua resolução: na supposição muito provavel de que o fervor aquietaria com o tempo; e que Vieira lhes agradeceria depois esta opposição á sua vontade actual. A experiencia todavia provou o contrario; porque na

[1] Barr. ibid. §§. XXIV—XXVI.

idade madura, Vieira mostrou o mesmo alvoroço e brio para seguir aquelles propositos.

Obedeceo com tudo e conformou-se com a resolução dos Superiores, principiando a estudar Filosofia. Da sua penetração em comprehender, da subtileza e força em arguir falla aqui o Biografo nos termos mais encarecidos [1]. E a julgar pelos argumentos de penetração e subtileza, de que abundão os seus escriptos, e os Sermões em especial, devemos crer que Barros não exagera. He admiravel a finura e agudeza, com que elle, nas suas emprezas mais extravagantes, parece sondar perfeitamente abysmos, apartar duvidas, e sahir dos enleios mais implicados [2]! Não he muitas vezes, senão fabrica fantastica, ou magica, que com o menor impulso da razão se desfaz e resolve em fumo e nada; mas tem apparencia que illude, prova grande poder e certa virtude creadora na privilegiada mente, que a levantou. Lastima-se o Leitor, e por ventura indigna-se, de ver tão mal gasta tamanha virtude de engenho: mas não póde deixar de a reconhecer com certo assombro e maravilha.

Hia tanto adiante dos mais o vasto alcance deste espirito raro, que em quanto era nas aulas ouvinte de Filosofia, compunha no seu particular hum curso Filosofico [3]. E quando depois frequentava as aulas Theologicas, sahio com Tratados e Questões de tal substancia e valia, que teve dos Superiores, não direi dispensa ou izenção de mero fa-

[1] Barr. ibid. §. XXVII.

[2] Occorrem a cada passo nos Sermões argumentos desta penetração e subtileza; e com muito maior frequencia nos Sermões menos dignos de estimação. E como aquella casta de talento era tida dos contemporaneos em muito preço, foi huma das maiores razões do applauso de Vieira.

[3] Barr. l. I. §. XXVIII.

vor, mas positiva determinação, para não tomar as postillas de outrem. Era o mesmo que confessar, que ao tempo, em que se considerava como discipulo, possuia cabedal bastante para ser Mestre. Declaravão com effeito os Mestres, que não tinha que apprender delles; e promptos estavão os companheiros a lhe conceder a primazia sem emulação: que talvez he o triunfo mais raro e menos equivoco, que póde ganhar hum grande talento, reduzir os que estarião na razão de lhe disputar o passo como emulos, a reconhecerem, que lhes não he permittido entrar com elle em competencia.

Antes de se ordenar de Presbytero em Dezembro de 1635, e nos annos posteriores até 1640, seguio na Bahia e suas visinhanças o pulpito com grande frequencia; em cujo ministerio assentou a maior parte da sua celebridade, e consistio, quanto a mim, a menor do seu verdadeiro merecimento [1]. No volume XII. dos seus Sermões se acha estampado hum, que prégou em 1633; o volume V. offerece outro prégado em 1634; e nos volumes desde o II. ao XI. vem dispersos dez ou onze, que incontestavelmente forão compostos de 1635 até 1640 [2].

Quando M. Tullio aos vinte e oito annos da sua idade defendeo a innocencia de Roscio Amerino, os bons juizes notárão, e notamos nós ainda agora na sua Oração, aquellas verduras e signaes de gosto errado ou imperfeito,

[1] O merecimento indisputavel de Vieira, em quanto escriptor, consiste, se me não engano, na propriedade, clareza, decoro dos escriptos, que não são Oratorios, e no perfeito uso da Lingua Portugueza em todos: mas os Oratorios he que o fizerão famoso, e não sei se diga, que em razão dos seus vicios.

[2] De 25 até 32 annos de idade; pois que Vieira nasceo, como dissemos, em 1608.

que elle reconheceo e emendou depois [1], e de que se mostra tão afastado na defezá famosa de Ligario, e nas invectivas contra Catilina e contra Marco Antonio [2]. He comtudo claro, que o defensor de Roscio já promette o de Ligario e de Milão; e que daquelle primeiro discurso se podia e devia inferir, que os annos consumirião o sobejo viço, e trarião a eloquencia sãa e robusta, que devia maravilhar e ensoberbecer Roma, como na verdade veio a succeder.

Este nosso Tullio porém, posto que entre vinte cinco ou vinte seis annos e vinte oito de idade não haja grande differença, nem podia admirar hum juiz bem entendido, nem lhe podia prometter grande melhoramento, e muito menos eloquencia consummada de futuro. Não quero antecipar especies, e guardo para occasião mais opportuna, quanto á Rhetorica do Pulpito, o exame e reprehensão dos defeitos de Vieira, e das suas causas. Mas direi brevemente, que Tullio mostrou a favor de Roscio maiores e mais proprias disposições para a Eloquencia; que o seu vicio era tal, que com o tempo quasi necessariamente se devia corrigir [3]; e que nos reparos dos seus competidores e bom juizo daquella idade achava razões poderosas para a emenda: alem de dar já bem a ver que estava senhor dos bons e solidos principios da Arte Oratoria. Em Vieira era tudo pelo contrario: fracos principios ainda da Arte; juizo pervertido

[1] A nimia abundancia, certo gosto de brilhantes e contrapostos, mais ardor de fantasia, que uso de bom discurso.

[2] Modelos acabados, na verdade, do bom senso, affectos e adaptada expressão; em que se cifra a Eloquencia perfeita!

[3] A copia e ardor naturalmente diminuem e esfrião com os annos, e com o uso e com a lima da razão. *Multum inde decoquent anni, multum ratio limabit, aliquid velut usu ipso deteretur:* diz Quinctil. l. II. C. IV.

dos contemporaneos e rivaes; defeitos, que o tempo devia, não corrigir, mas adiantar e confirmar [1]; e talentos, que se bem em absoluto igualavão, que fôra muito dizer que excedião, os de Cicero, nesta materia porém, como se dirá melhor em seu lugar, lhes erão sem duvida muito inferiores.

Para fazer rigorosa justiça, devo com tudo declarar, que no Sermão de 1634, ou o decimo quarto do volume V, se encontrão varias sentenças excellentes [2], e se nota hum conhecimento do Mundo e do homem bem superior á idade de vinte seis annos, e não sei se ao que Cicero mostrou na primeira Oração; que no Sermão decimo quarto do volume II, prégado em 637, se achão algumas verdades profundas, e bem e devidamente declaradas [3]; que no decimo do volume VI, prégado na presença de muitos Officiaes Militares de sangue nobre, pertencentes ás Esquadras Portugueza e Castelhana, que em 638 se achavão fundeadas na Bahia, diz coisas muito de approvar, emprega tom grave e accommodado exactamente ao auditorio, e na dignidade e aviso, com que falla, reprezenta, aos trinta annos talvez incompletos, hum maduro Mestre [4]; e finalmente

[1] Quando na primeira parte da vida falta o fogo de imaginação, e o coração facil de se tomar de affectos, d'onde provêm ao discurso alma, movimento e formosura, que se póde esperar das idades seguintes?

[2] Veja-se só o Exordio, e os conselhos de Doeg a Saul, e as resoluções de David ácerca do Rei Achiz, logo nos numeros 465, 466.

[3] Sobre a dependencia, que a paz do Mundo tem da justiça; sobre a união intrinseca, que as mais virtudes tem com a verdade; sobre o pouco caso e esquecimento dos vivos para com os mortos, se não he pelo respeito de outros vivos, etc. etc.

[4] Veja-se as más consequencias do desprezo de hum bom conselho nas facções militares, expostas e apertadas com grande dignidade e aviso, nos numeros 306 e 307, com o exemplo de Holofernes em Bethulia.

que em todos os Sermões, compostos no espaço de tempo, a que agora nos limitamos, a linguagem, exceptuando a do primeiro de todos e a do decimo terceiro do volume VII, he por abundancia, propriedade, correcção, pouco menos, se acaso menos, que perfeita.

Apezar de ser lastimosamente pervertido o gosto do seu tempo, o que nestas composições havia de bom e estimavel, era até certo gráo apreciado; os defeitos, que o Seculo tinha por virtudes, lhe erão ainda mais levados em conta de merecimento: e mostrava elle em tudo feliz promptidão de engenho e memoria, ainda realçada com raro desembaraço e segurança, que foi hum dos dons particulares, com que o enriqueceo a natureza. E como por outro lado era confessada pelos Mestres, reconhecida dos Condiscipulos, e notoria geralmente a sua distincção e superioridade nas Escholas; tudo isto junto o fazia olhar como especie de prodigio, de que as gentes se maravilhavão, e se promettião em letras os progressos mais agigantados: que todavia não correspondêrão a tamanha esperança, posto que muito fundada nos talentos e disposições egregias do sujeito. Tão honrado credito, e tão universal, atalhou pois a resolução, que tinhão tomado os seus Superiores de lhe commetterem o ensino de Theologia, e empenhou Vieira em caminho inesperado; trazendo-o da Provincia do Brazil para a Europa, por huma occazião tão celebre, como gloriosa na Historia do nosso Reino.

Esta occasião, certamente celebre e gloriosa, foi o levantamento de Rei natural na pessoa do Duque de Bragança D. João, em Dezembro de 1640; successo, que pelo valor, pela prudencia, pelo segredo, talvez tenha poucos na Historia conhecida do Mundo, que se lhe possão comparar. Governava então o Brazil, e residia como Vice-Rei na Bahia, D. Jorge Mascarenhas, primeiro Marquez de Mon-

talvão, homem de entendimento e esforço, Portuguez leal e Cidadão de grandes serviços; os quaes, não por sua propría culpa ou desprimor do Principe, mas como por empenho adverso da fortuna, lhe forão pagos, como o podérão ser avultados desserviços [1]. O nòvo Rei pôz logo muito cuidado em expedir para a Bahia noticia do que passára no Reino, e ordens discretas, para que o Brazil seguisse a mesma voz de Portugal; e o Marquez de Montalvão as cumprio com promptidão e fidelidade dignas de hum Fidalgo honrado, e de hum Portuguez amante verdadeiro da sua Patria. E julgando que ainda com isto não tinha feito tudo, resolveo mandar ao Reino seu Filho D. Fernando Mas-

[1] D. Jorge Mascarenhas veio preso da Bahia para Lisboa por errada execução das ordens d'ElRei D. João IV. Em Lisboa foi preso em outra occasião, e logo solto por Decreto muito honroso; mas novamente foi preso no Castello, onde falleceo, passado pouco tempo. Os Historiadores depõem das suas grandes qualidades e innocencia, e attribuem claramente os seus desgostos, e a ruina da sua casa á imprudencia da Mulher e Filhos. Veja-se Hist. Genealog. da Casa Real Port. tom. XI. pag. 692, e Portugal Restaurado Vol. I. Liv. III. pag. 144, 147 e 148 da ediç. de 4.º, Liv. VI. pag. 401, Vol. II. Liv. VII. pag. 90, VIII. pag. 115.*

* *N. B.* Fernão Martins Mascarenhas, Capitão dos Ginetes da guarda de D. João II., teve de sua segunda mulher, D. Violante Henriques, 1. D. Nuno Mascarenhas, Pai de D. João Mascarenhas o defensor de Dio. 2. D. Pedro Mascarenhas, Visorei da India, que instituio o morgado de Palma. 3. D. Manoel Mascarenhas, Pai de D. Francisco Mascarenhas. Este D. Francisco Mascarenhas cazou com D. Jeronima de Castro, e della teve D. Jorge Mascarenhas, Marquez de Montalvão. Era pois o Marquez D. Jorge bisnéto do Capitão dos Ginetes de D. João II.; e seu Pai D. Francisco Mascarenhas era primo com irmão do defensor de Dio, e tanto elle como o defensor de Dio, erão sobrinhos de D. Pedro Mascarenhas, Visorei da India e instituidor do morgado de Palma.

carenhas, para que por seu Pai e por si désse os parabens e prestasse a devida homenagem a ElRei. Não quiz porém mandar seu Filho sem hum companheiro capaz de o dirigir; e a grande fama e por ventura proprio conhecimento, que tinha de Antonio Vieira, o determinou a escolhê-lo, e a pedir com instancias o seu consentimento [1].

Com D. Fernando Mascarenhas e o Padre Simão de Vasconcellos largou Antonio Vieira da Bahia em 27 de Fevereiro de 1641. A navegação foi prospera até quasi ás aguas de Portugal. Mas por meado de Abril forão assaltados de temporal tão temeroso, que os obrigou a alijarem o batel, a artilharia, e mesmo a aguada, que trazião: e quando apenas respiravão deste primeiro susto, sobreveio nova tempestade, que os pôz em igual ou maior risco. Devia de os afastar muito da terra o impeto dos ventos, ou levou-os o temor a fazerem-se outra vez muito na volta do mar; porque alcançando-os a tormenta em 13 e 14 de Abril não muito longe das Costas deste Reino, só a 28 he que sahírão na praia de Peniche; onde os eguardava perigo de outro genero, mas em que não tiverão as vidas muito menos arriscadas [2].

O amor da liberdade, principalmente no momento em que ella se recobra, he muito estremecido e suspeitoso. Os Portuguezes acabavão de a recobrar com hum ardor honrado, que dizia bem com o brio e nobre horror de estranha sujeição, que havião mostrado bizarramente em outros tem-

[1] Veja-se André de Barros l. I. §. XXXII.

[2] Barros ib. §. XXXIV. e Portug. Restaur. Vol. I. L. III. pag. 148. D. Fernando Mascarenhas foi Conde de Serem, confirmado no officio de Marechal do Reino, General da Provincia da Beira, e do Conselho de Guerra: falleceo em 1649, deixando hum Filho, que foi segundo Conde de Serem, e acabou sem tomar estado.

pos: e por hum infeliz acaso a Mãi e Irmãos de D. Fernando Mascarenhas tinhão pouco antes dado provas de menos affeiçoados á liberdade, que ao triste captiveiro da sua Patria. Fosse agradecimento aos favores recebidos dos Reis de Castella, fosse effeito da persuasão de alguns partidistas interessados no dominio Castelhano, D. Pedro Mascarenhas, Filho Primogenito do Marquez de Montalvão, e seu Irmão D. Jeronimo Mascarenhas tinhão furtivamente sahido do Reino, para se ajuntarem aos nossos inimigos: e sua Mãi D. Francisca de Vilhena, além de suspeita de acompanhar seus Filhos na deslealdade de pensamentos, houve-se com tão pouca discrição, ou com tão descomposta imprudencia, que ElRei D. João IV se vio obrigado a manda-la encerrar no Castello de Arraiolos [1]. E este successo por ser acontecido de fresco, e pela importancia de taes pessoas, e outras mais notaveis, envolvidas na mesma culpa, trazia o Reino alvoroçado, e as gentes em grande desconfiança, de que se originavão, com qualquer motivo, graves tumultos e muito arrojados procedimentos.

Bem o experimentárão agora D. Fernando Mascarenhas e seus companheiros, em sahindo na praia de Peniche. Tanto que constou, que era chegado hum Filho do Marquez de Montalvão, alvoroçou-se o povo, por não saber distinguir as suas tenções das de seus Irmãos, e tendo-o por implicado no mesmo crime. D. Fernando trazia huma

[1] Portugal Restaurado vol. I. pag. 134. Mas sahio da prisão, tanto que chegou da Bahia seu Filho D. Fernando Mascarenhas. — O outro Filho D. Jeronymo, que tomou os gráos de Theologia em Coimbra, e se passou com o mais velho para Castella, foi lá promovido a Bispo de Segovia, onde morreo nomeado para Astorga por 1670. Foi homem de instrucção, mas contrario acerrimo da Restauração Portugueza, e com estranheza dos mesmos Castelhanos, como diz D. Luiz de Menezes, ibid. pag. 131.

das mais agradaveis noticias, que se podião desejar neste Reino, e nella argumentos evidentissimos da fidelidade de seu Pai e da sua; e com tudo foi recebido como inimigo e como traidor á mesma Patria, em cujo serviço navegára desde o Brazil. Recebeo uma grave ferida na cabeça, e propunhão-se os alvoroçados a tirar-lhe a vida; mas o Conde d'Atouguia, que se achava governando em Peniche, teve occasião de acudir ao tumulto, e de o pôr a salvo, recolhendo-o em sua casa, onde o fez curar e tratar com grande humanidade e cortezia. Perigou tambem a vida de Antonio Vieira, e ainda esteve preso no dia 29 de Abril; todavia desfez-se em breve a cerração, e o mesmo Vieira escreve, que no dia 30 partio para Lisboa, e chegou a ver a ElRei [1].

Aqui tem propriamente principio a vida publica de Antonio Vieira, que neste novo theatro não fez menos luzida figura, e deo muito maior exercicio á sua natural e rara actividade, que no primeiro. O ministerio Evangelico abrio a entrada; seguio-se a graça e favor d'ElRei, que como recahia em conhecimento da sua muita capacidade, não a quiz deixar ociosa: antes a empregou com frequencia, escutando o seu conselho em materias muito relevantes e espinhosos negocios, de que abundava aquelle tempo e fiando da sua destreza, fidelidade e zelo emprezas, que requerião em alto gráo aquellas qualidades. Se Antonio Vieira, contra o que era de esperar do seu estado, e dos pensamentos, que d'antes o occupavão, se tornou aulico e

[1] Portugal Restaur. vol. I. pag. 148, o mesmo Vieira no seguinte fragmento, allegado por André de Barros l. I. §. XXXV. *Aos 28 de 641 chegámos a Peniche, onde quizerão matar ao Marchal. Aos 29 de 641 me quizerão matar, e me prendêrão; e parti para Lisboa aos 30 de 641: cheguei a Lisboa, e vi a S. Magestade.*

se empenhou em negocios politicos, por correspondencia ao favor, com que o tratava o Principe, ou por zelo da Patria, que corria muito risco, ou por effeito da sua mesma actividade, ou em fim por tudo isto junto, mal podemos affirmar sem alguma hesitação. Como porém se davão todas estas razões, e o modo, por que obrou Vieira, he dellas natural consequencia, cuido que de todas realmente procedeo. Mas sempre julgo, que o caracter de Vieira me dá fundamento para suppor, que no impulso, que o determinou, o zelo da Patria foi muito subordinado á propria actividade e ao desejo de servir ao Principe, cuja graça, por ser de Principe, e de Principe que sabía grangear corações, devia ser na verdade muito poderosa.

Entrou a prégar Antonio Vieira em Lisboa logo desde 1642, e no primeiro dia deste anno prégou á Côrte na Capella Real[1]. A novidade, o gosto do tempo, a opportunidade de algumas lembranças, o louvor e mesmo acerto, com que fallava da nossa Restauração, a facilidade e pureza de linguagem, o desembaraço do Orador, fizerão o seu natural effeito. Foi louvado, applaudido, seguido de todos, cultos e incultos. A estes ultimos enlevava a clareza, o tom pelo commum decentemente familiar, o sal ás vezes bem picante, a efficaz intimativa de Vieira: os mais instruidos admiravão com applauso a noticia vasta das Escrituras, a sua applicação nimiamente engenhosa, a subtileza de grande parte dos argumentos e a urgencia de to-

[1] Não posso affirmar se prégou em Lisboa ainda dentro do anno de 1641. O Sermão, de que aqui se falla, he o undecimo do volume do mesmo numero. Mas he de notar, que no dito volume traz a data de 1641; o que certamente he erro, pois que Vieira chegou a Lisboa em 30 de Abril do dito anno. Esta observação, e outras, me obrigão a ter por menos seguras as datas, que se achão em frente dos seus Sermões impressos.

dos, a finura dos conceitos, a muita agudeza dos pontos e brincos puerís, com que se deleitavão até os melhores ouvidos daquella idade. As pessoas mais dadas á piedade e devoção, não se cansavão de lhe ouvir propôr a moral mais rigida e desenganada, com uma força de convicção, com hum ar de naturalidade grave, a que só as paixões obstinadas podião fazer rezistencia. Lisboa inteira corria pois a ouvi-lo, antecipavão-se muito as horas, enchião-se, a não poder mais, os templos de maior capacidade [1]; e os ouvintes sahião por fim, huns commovidos, outros satisfeitos, e todos admirados do engenho, do saber e espirito do prégador. E se os applausos, que no Foro e Senado Romano ganhava a eloquencia sãa e formosa de Cicero, erão certamente mais bem merecidos e gloriosos; não erão com tudo mais sinceros, nem mais capazes, supposto o modo de pensar dos tempos, de lisongear o animo do Orador.

O conceito proprio e a geral opinião determinárão ElRei a escolhê-lo para seu prégador, de que no anno de 1644 lhe mandou Patente por hum Grande do Reino, que o Biografo não noméa. Tal distincção com as particulares e repetidas conferencias, em que sobre os maiores negocios o consultava e ouvia com grande confiança, lhe grangeou largo credito de privado do Principe. Á inveja desta privança e do commum applauso attribue André de Barros a forte contradicção e viva censura, de que então foi combatido [2]. He certo que os privados dos Reis poucas vezes escapão aos tiros da inveja; e bastante causa era esta pa-

[1] Não só o diz André de Barros no lugar citado §. XXXVIII, e Francisco de S.ta Maria no Diario Portuguez no dia 18 de Julho n. IV.; mas até o confessa o Author da Deducção Chronologica P. I. n. 361, o mais ardente adversario da gloria de Vieira.

[2] Barros ibid. §§. XLI. e XLII.

ra Vieira soffrer contradicções, assim como a distincção dos seus talentos, e o louvor, que com elles lograva, erão bastantes para irritar os humores e desafiar as satyras dos que pertendião ser seus rivaes. Mas parece-me que he preciso confessar, que Vieira, por seus ditos picantes e liberdade em certos casos menos ponderada, accendia ainda mais a inveja; e que nos vicios de sua eloquencia offerecia muito, de que podesse lançar mão a rivalidade. Os ouvintes, pelo commum, ou não advertião nestes vicios, ou os desculpavão em favor de reaes ou de imaginadas virtudes: mas a rivalidade mais aguda e menos indulgente tomava delles occasião para se vingar com sarcasmos e motejos; a que Vieira, com tudo, segundo refere o seu Biografo, só respondia por meio de generosa e bem entendida indifferença [1].

Teve ainda o valimento e cabimento com ElRei outra consequencia pouco agradavel para Vieira, que não era muito de esperar. Parecia que os Jesuitas tinhão razão de se comprazer de que hum tal Socio tivesse grande trato e valia na Côrte: muito mais porque forão notados em todo o tempo de procurar entrada nas casas dos Soberanos, e influencia nos seus conselhos; e he certo que a Historia não desmente este reparo dos seus desaffeiçoados. Cuido porém que algum passo pouco advertido de Vieira lhes deo tal ou qual motivo de desconfiança, e que se temêrão de que a sua grande vivacidade, encostando-se ao favor do Principe, desprezasse os apertados vinculos de sujeição, por que a interior disciplina continha todos os professores do Instituto: e não ha dúvida que André de Barros affirma, que receosos de que ajudado d'ElRei quizesse introduzir novidades na sua Corporação, se mostrárão menos satisfei-

[1] Barros ibid. §. XLII.

tos, e até chegárão a pôr em conselho o dimitti-lo [1]. Mas ou porque Vieira não dava na verdade justa causa de desconfiança, e os Jesuitas reconhecêrão a sua innocencia, ou porque mudou seriamente as suas resoluções, o descontentamento cessou, e o encontro não teve mais effeito, do que mostrar a grande conta em que o tinha ElRei, e dar hum novo e claro exemplo da paixão, com que todo e qualquer Jesuita amava o seu Instituto; paixão, que tive sempre por admiravel, e cujas razões sempre me parecêrão dignas do mais considerado exame.

ElRei informado da desconfiança dos Jesuitas, e dos incommodos, que ella causava, ou podia causar, a Antonio Vieira, propôz-se a valer-lhe por qualquer modo; e até lhe mandou offerecer pelo Secretario d'Estado Pedro Vieira da Silva algum dos Bispados vagos, para sahir airosamente da Companhia. E Antonio Vieira declinou neste ponto o favor Real, respondendo ao Secretario d'Estado nos termos mais expressivos de devoção e respeito á Companhia; que allega André de Barros, como formaes, e que são muito para notar: *Que a todas as Mitras, de que Sua Magestade podia dispor, antepunha elle o viver no lugar mais humilde entre os Jesuitas. Que se estes chegassem a o despedir, e nem para Servo o quizessem admittir de novo, ficaria da parte de fóra lastimando-se e chorando, até acabar a vida junto daquellas amadas portas, dentro das quaes lhe tinha ficado a alma toda* [2].

[1] Barros ibid. §. XLIII. *Que se temeo o coração de Vieira que a Companhia o demittisse de si.* Mas do antecedente se infere bem, que este temor tinha por motivo o comportamento dos seus Socios.

[2] Barros ibid. §. XLV. Na Deducção Chronol. P. I. n. 378, e nas Provas n. XLVI. vem copiada huma carta d'ElRei com data de 6 de Setembro de 1644 para o Provincial Antonio

Se tão ardente devoção e respeito fosse singular em Antonio Vieira, seria ainda notavel coisa, que hum espirito dotado de tamanha vivacidade, quando tinha motivos de se resintir dos seus Socios, e achava no throno protecção tão decidida, perseverasse com tal firmeza em pensamentos de profunda veneração. Mas a verdade he, que este modo de se haver com a Sociedade, se não era em rigor de todos, era o commum entre os seus alumnos. A concordia (ao menos no que apparecia) era inalteravel, a sujeição inteira, o amor da Corporação e a satisfação de lhe pertencer intensa, e com bem raras excepções universal. Aquelles mesmos, que a deixavão, aquelles mesmos, que erão della demittidos, mostravão-se por toda a vida respeitosos e saudosos da Congregação, a que havião renunciado, ou que os tinha por algum principio notado de menos aptos. Fenomeno estranho, novo, unico em todas as Historias do Mundo!... E em huma Corporação espalhada por tão distantes partes do Globo!... Numerosa, e muito numerosa, em cada huma das suas proprias Provincias!... Pelo dilatado espaço de mais de dois Seculos!... Fôra coisa incrivel, a não ser comprovada por tantos, tão claros e irrefragaveis documentos de amigos, de inimigos, de indifferentes. Por que arte prodigiosa davão os Jesuitas tão estupenda harmonia a tal variedade de humores? contentavão toda a sorte de affectos? fixavão as inconstancias da humanidade, tão propensa e tão facil de se alterar e se mudar? Resolvêrão hum problema tão difficultoso, como importante: mas o secreto meio, por que o resolvêrão, foi

Mascarenhas, a qual entendo que se refere a este successo. El-Rei diz, que se haverá por bem servido de que Antonio Vieira não padeça vexação: e accrescenta, *e vo-lo encommendo assim o mais apertadamente que posso.*

sepultado, talvez para sempre, na mesma ruina memoravel dos seus inventores [1].

O Author da *Deducção Chronologica e Analytica*, sem se fazer cargo desta differença, que houve entre os Jesuitas e Antonio Vieira, sustenta, que com elles colloiado, lhes servio de instrumento, com que enredárão e perturbárão a Côrte, e exercitárão no animo d'ElRei muito criminosa influencia [2]. Mas a ser verdadeiro o seu pensamento, ou não houve tal differença, ou foi entre Vieira e os seus Socios totalmente simulada. Se porém a não houve, como a refere por miudo e com formalidade de palavras André de Barros? Se foi simulada, como durou a sua noticia; e a que fim a refere seriamente André de Barros, onde queria exaltar o seu heroe, a quem, no modo de pensar do Historiador, a suspeita, que teve delle a Sociedade, não era por certo airosa? Não he impossivel, que o pretendido colloio tivesse lugar, passado este conflicto, que não durou muito. Mas o valimento de Vieira com ElRei não foi depois maior, e já he preciso conceder hum tempo, em que não teve aquelle proposito. E em fim a paixão, com que discorre o Author da *Deducção Chronologica* ácerca dos Jesuitas, he hoje conhecida geralmente; e onde ha

[1] Entre todos os documentos favoraveis aos Jesuitas merece muita distincção o testemunho do Poeta Gresset na obra intitulada, *Adieux aux Jésuites*, que se lê na Edição de Paris 1806, vol. II. pag. 123. Exulta o Poeta de ter quebrado as prisões, que o detinhão na Companhia, em que havia entrado: com tudo recommendando a Sociedade com o mais alto e desinteressado elogio, e detestando as falsidades com que a calumnia a denegria, diz:

Et si dans leurs foyers désormais je n'habite,
Mon coeur me survit auprès d'eux.

[2] He a substancia de tudo o que se contém na Part. I. e numeros desde 354 até 379.

paixão conhecida, qualquer argumento contra os factos que ella refere, tem além da sua força natural a que a paixão contraria lhe accrescenta sem o saber, e certamente sem o intentar. A seu tempo mostrarei que não pertendo ser adulador de Antonio Vieira; mas se não quero ser lisongeiro, tambem estou muito longe de o querer injuriar, abraçando cegamente as temerarias affirmativas de seus declarados inimigos [1].

Na Carta, com que abre o segundo volume das de Vieira, escripta ao Secretario d'Estado no anno de 1644, temos clarissima prova do muito peso, que o Governo do Reino suppunha no parecer de seu Author em qualquer materia, e ao mesmo tempo do grande fundamento que tinha para fazer similhante supposição [2]. Ventilava-se se conviria fazer guerra offensiva ou defensiva na Campanha seguinte contra Castella; e sobre questão de tanto melindre e tão alheia do modo de vida e estudos de Vieira, foi pedida de palavra e por escripto a sua opinião [3]. A opinião he offerecida na dita Carta com tal efficacia de razões, tal cópia de arbitrios, tal resolução de difficuldades, qual se pudera esperar de hum Politico e Soldado de largas e aproveitadas experiencias; e juntamente lançada na linguagem mais precisa, mais clara, mais propria, mais natural, e todavia culta, que pudéra empregar hum Escriptor consummado: sem se esquecer além disso dos preambulos ou sa-

[1] Não precisa de outras provas a inimizade declarada do Author da *Deducç. Chronolog.* a respeito de Vieira, que o virulento e descomposto estylo, por que falla delle em toda a parte.

[2] Se póde na verdade parecer estranho, que sobre similhante assumpto se consultasse Antonio Vieira, a sua resposta desengana do bom fundamento que tinha o Governo para o consultar.

[3] *Obedeço a V. S.*, principia a Carta, *e ponho em papel o que de palavra lhe respondi ácerca da guerra, que convém fazer a Castella, e dos Cabos, a que se deve fiar.*

tisfações da decente modestia, que o bom senso requeria da idade pouco provecta, e sobre tudo da profissão e exercicio tão distantes das meditações politicas e militares [1].

Mas hum dos primeiros e mais graves negocios, em que Vieira foi ouvido d'ElRei, e seguido o seu conselho, foi o modo mais proprio e prompto de engrossar os meios para acudir ás necessidades urgentissimas do Reino. Não havia Erario; os Povos estavão esgotados por tributos antecedentes; as fortunas erão geralmente apoquentadas por entorpecimento, se não quizermos dizer antes total falta, do Commercio: era entretanto imminente e inevitavel huma guerra muito empenhada e larga nas fronteiras ou no coração de Portugal; se a guerra das fronteiras pedia enormes cabedaes, não pedia menos a necessaria diligencia para recobrar e conservar as colonias e conquistas; e na fluctuação de tudo, nas irregulares circumstancias de occasião tão extraordinaria, não se podia esperar stricta economia. Lembrou Vieira, e sustentou com grande força de razões, a instituição de duas Companhias com os titulos de Oriental e Occidental, encaminhadas aos proveitos na India e America; advertido, como parece confessar, pelo exemplo de Hollanda, que de similhante expediente havia tirado grande fructo. Procedeo pois ElRei a instituir a Occidental; mas não teve effeito, por motivo que ignoramos, a Oriental: do que o mesmo Vieira se lastíma em graves termos, por esperar della, no tocante ás Indias, resultados igualmente felizes que os da Occidental; a que attribue a restauração de Angola e a de Pernambuco [2].

[1] *Acceite V. S.*, continúa logo, *estas mal concertadas razões, como de quem as não professa, e sirva-lhes de desculpa dicta-las o zelo da Patria, e escrevê-las o respeito, que a V. S. devo.*

[2] Veja-se especialmente a Carta CXVIII. do volume II., escripta ao Conde da Ericeira, pag. 387 e seg. *O primeiro ne-*

O trato politico com as Côrtes estranhas foi outro ponto gravissimo, em que ElRei se determinou a empregar a penetração e diligencia de Vieira. Mal podia a estreiteza de Portugal medir-se por si só naquella occasião com a grandeza de Castella. Havia-se medido só, e braço a braço, e com victoria assignalada, nos Campos de Aljubarrota em tempo de D. João I.; mas o competidor era então muito differente: e basta, para se alcançar bem a differença, advertir que huma unica batalha, porque o mais forão conflictos a que não cabe nome tão apparatoso, quebrantou e desenganou os nossos inimigos; quando nas contendas da Restauração não chegárão muitas batalhas gloriosas a ser inteiramente decisivas.

Apezar das suas perdas tão avultadas e tão repetidas, apezar dos seus apertos por outras e muitas vias, e apezar da nossa constancia bem ajudada da fortuna, Castella não largou o campo pelo dilatado espaço de muitos annos; e por fim cedeo, mais obrigada das attribuladas circumstancias do interior, que da nossa, certamente valerosa e honrada, resistencia. Grande foi, não ha dúvida, o enthusiasmo Portuguez; e muito póde o enthusiasmo de hum Povo *de homens* em defeza da sua liberdade: mas Sagunto, Numancia e Carthago são forte argumento de que enthusiasmo valeroso não he bastante; e nos exemplos, que podem ser allegados em contrario, seria facil mostrar a razão diversa, ou na pusillanime leviandade do poder maior, de que naquelle caso não podemos arguir Castella, ou no concurso de outros Estados, que por seu auxilio, mais ou menos declarado, contrapesárão as forças, e desfizerão em fa-

gocio, que propuz á Sua Magestade, depois da sua felice restituição, foi que em Portugal, á imitação de Hollanda, se levantassem duas Companhias mercantis, etc.

vor do menos poderoso, a natural desigualdade dos antagonistas.

Á sagacidade d'ElRei D. João IV. e do seu Conselho não podia escapar, nem escapou, o muito proveito, que devia seguir-se á sua causa, dos soccorros, das diversões, e até das meras correspondencias amigaveis entre os mais Estados da Europa e Portugal novamente separado de Castella. A rivalidade de huns, a inimizade de outros a esta ultima Potencia, ou aos seus naturaes e intimos alliados, convidava por huma parte, e facilitava por outra as negociações. Inglaterra era rival por interesses principalmente de commercio: Hollanda era inimiga, como quem só na oppressão e quebrantamento de Castella podia assegurar bem a sua independencia: Suecia contendia com animosidade por abater os Imperiaes, cujas pertensões, por parentescos e pactos entre os séus Principes, erão ajudadas dos Castelhanos: França, pela emulação ordinaria entre os Estados limitrofes, pelo ciume de poder, e muito mais pela opposição das conveniencias, ainda quando não tinha guerra declarada, como tinha de presente, estava sempre disposta a favorecer o que podia causar detrimento á colossal grandeza da Familia de Carlos V.

Tinha muita importancia mesmo a alliança com Catalunha; levantada naquella occasião, e lidando por meio das armas, ou para ficar inteiramente senhora de si, ou ao menos para obter mais avantajadas condições. O seu mesmo perigo a tornava hum alliado mais facil de attrahir e mais seguro; o trato com ella era hum passo, que devia obrigar mais a nosso favor o Governo da França, muito empenhado por Catalunha; e a sua posição, sem nos impedir as communicações, divertia para longe de nós grande parte das forças do inimigo. Quanto ás negociações com Roma, a piedade do novo Rei e a dos Vassallos as reque-

rião igualmente; e com ellas se devia tirar hum pretexto ás declamações dos contrarios e ás dúvidas e hesitações de outros Estados menos resolutos. E ainda que desde logo se previrão e receárão difficuldades, e pelo menos largas demoras, o nosso prompto recurso, e a reverencia, de que procedia, justificando o nosso acatamento á Igreja Romana, e com elle a firmeza na Fé dos Maiores, satisfazião á Nação Portugueza, punhão em cuidado Castella, e obrigavão a Politica Italiana, ou a condescender, movida da justiça proposta com respeito, ou a arriscar muito no juizo do Mundo o seu credito de imparcial [1].

Desde o anno de 1641 despachou pois a Politica d'El-Rei D. João IV. sujeitos, em quem confiava, encarregados de tratar allianças com varios Governos [2]. A 28 de Fevereiro do dito anno sahírão de Lisboa, para França Francisco de Mello, Monteiro mór do Reino, para Inglaterra D. Antão de Almada, para Hollanda Tristão de Mendoça; e a 18 de Março seguinte partio para Dinamarca e Suecia Francisco de Soisa Coitinho, hum dos negociadores mais

[1] Á primeira vista parece o comportamento da Sé Romana para com Portugal, naquella occasião, talvez menos paternal, do que o espirito do Christianismo Catholico o requeria; mas huma boa consideração vem a reconhecer, que Roma, declarando-se logo em favor de Portugal, arriscava muito mais os interesses da Religião, do que tomando o partido moratorio, que com effeito tomou. A necessidade, além da piedade propria, obrigava rigorosamente ElRei D. João IV. a huma resignação, que era muito menos de esperar da Côrte de Madrid. Por mais que se notem os procedimentos da Curia, tenho para mim, que na maior parte são dictados por discrição; e muitos daquelles, que são reputados imprudentes, merecem outro conceito a quem os examina sem preoccupações e com boa noticia.

[2] Sigo aqui a relação de D. Luiz de Menezes, que julgo a mais copiosa e a mais bem fundada, que posso seguir. D. Luiz queria escrever a verdade, e possuio grandes meios de a alcançar.

benemeritos por destreza e zelo da Patria, de que temos noticia na Historia de Portugal [1]. Não faz ao nosso intento o que se passou nas negociações com Inglaterra e Suecia; mas como Antonio Vieira foi depois mandado a París e Haya, necessario he tecer em breve a relação das negociações nestas duas Capitaes. Suppunha-se, e suppunha-se com verdade, muita disposição em ambas, para reconhecerem a nossa independencia e se alliarem comnosco. Foi prompto com effeito o reconhecimento: mas a convenção, pela cobiça de Hollanda e pelas variedades e apertos domesticos de França, foi demorada, e por fim mal succedida com Hollanda, e com França muito menos vantajosa, do que se esperava [2].

Tristão de Mendoça concluio com os Hollandezes huma tregoa por dez annos, que ou por pouco precatada nos veio a ser muito prejudicial, ou foi cavillosamente illudida pela cobiça pouco escrupulosa da Republica. Procedeo esta, ou procedêrão em nome della os seus Cabos, contra Angola e o Maranhão; e ElRei vio-se obrigado a mandar-lhe fazer energicas representações sobre esta materia. E como Tristão de Mendoça tinha voltado a Lisboa, foi mandado á Haya com este encargo Francisco de Andrade Leitão, o qual em termos muito vehementes se queixou aos Estados; mas tirou fraco ou nenhum proveito das suas jus-

[1] A grandes talentos ajuntou Francisco de Soisa muito uso. O Duque de Bragança D. João, depois ElRei D. João IV., o nomeou para residir em Madrid, logo que falleceo o Duque D. Theodosio, seu Pai, em 1630.

[2] Da politica e vigor do Cardeal de Richelieu esperava-se muito empenho em favor dos Portuguezes; mas o Cardeal e o Rei Luiz XIII. morrêrão logo: seguio-se a menoridade de Luiz XIV., e com ella os embaraços, incertezas e distracções, que costumão acompanhar as menoridades dos Reis.

tificadas queixas. Principiou entretanto o Tratado de Westphalia; e como a ElRei não fosse concedido mandar a elle Ministros com representação propria, tomou o expediente de os mandar como addictos aos de outros Governos: e foi hum delles Francisco de Andrade, que estava na Haya [1]. Partio para Osnabruck Francisco de Andrade na primeira occasião; e para seu lugar em Hollanda foi nomeado Francisco de Soisa Coitinho, que no espaço de sete annos se houve de maneira, que a Republica em muitos casos, ainda que embaraçada e incommodada pela agudeza destra das suas negociações, admirou o seu exaltado e sagaz patriotismo.

Não tinha Portugal que oppôr á cobiça e forças maritimas de Hollanda, senão allegados da justiça, de que os cobiçosos fazem sempre pouco caso. Como porém a oppressão Hollandeza sobre os Portuguezes d'America, e o brio e valor natural destes ultimos excitassem commoções, com que a authoridade ou dominio dos usurpadores se tornava mal seguro; derão estes successos occasião a Francisco de Soisa Coitinho, para fazer uso dos seus eminentes talentos na arte de negociar. Corrião nestas circumstancias duas opiniões. A huns lembrava, que comprassem os Portuguezes o que delles havia conquistado Hollanda; lembrança, a que os Estados, por isso mesmo que a posse se hia tornando precaria ou difficultosa, derão ouvidos. Lembrava a outros, que entregassemos ou restituissemos o que se havia recobrado em Pernambuco, argumentando com grave ponderação sobre as conveniencias e sobre a força durissima

[1] Havia sido Collegial de S. Pedro e Lente de Instituta em Coimbra. Nas Côrtes de 1640 recitou a Oração em nome do Estado Secular. Em 1641 foi enviado a Inglaterra com D. Antão d'Almada; de Inglaterra passou para Hollanda; e da Haya para Osnabruck com Luiz Pereira de Castro em 1648.

do imperio da necessidade. Se não repugnava, hesitava ao menos, e com grande fundamento, em abraçar qualquer destes dois partidos a Côrte de Lisboa: e da sua hesitação nascião demoras, respostas equivocas, e daqui por ambas as partes frequentes desconfianças [1].

Era nestes termos muito apurada a condição de Francisco de Soisa. Mas previsto sempre e álerta occorria a tudo com promptidão, e cuidava em tirar proveitos das mesmas perplexidades. Os Estados entretidos com as negociações remittião nos soccorros, que devião mandar para a America, e a sua remissão confirmava e adiantava as commoções, de que fallámos. Mantendo em certo ardor aquellas negociações, tratava pois com todo o empenho Francisco de Soisa de dilatar a suspensão dos soccorros. Demorou por este modo a expedição de huma armada, que devia largar quanto antés dos portos de Hollanda: e como os Estados por ultimo se determinassem decididamente a envia-la, acodio com hum arbitrio por certo muito arrojado, que detendo ainda a armada desde Julho até Dezembro, a empenhou nas verduras do inverno, obrigando-a, depois de tres tentativas infructuosas, a ficar emfim recolhida nos seus portos, com allivio de Pernambuco, que principalmente ameaçava [2].

[1] De todas as missões diplomaticas daquelle tempo era para nós a mais difficultosa a de Hollanda. Foi ventura o caber ao insigne Francisco de Soisa Coitinho; que na má fé e astucias da Republica, nos vagares das decisões dos Estados, e até nas suspeitas da sua propria Côrte achou difficuldades gravissimas, que encarou sem soçobro e venceo com grande credito. Quanto ás suspeitas da propria Côrte veja-se Portug. Rest. ediç. de 1759, tom. 2, pag. 313.

[2] *E vendo que a armada partia sem dúvida, valendo-se de algumas firmas em branco, que tinha d'ElRei, prometteo aos Estados a restituição de Pernambuco, e com grande brevidade deo*

Em França o Monteiro mór Francisco de Mello, chegando a París em Março de 1641, foi bem recebido d'ElRei, e nas conferencias com o Cardeal de Richelieu foi muito bem ouvido deste célebre Ministro; de sorte que se concluio logo hum tratado de amizade reciproca, mostrando o Cardeal por sua parte tão favoraveis disposições aos negocios de Portugal, que não falta quem accuse o errado pundonor de Francisco de Mello, por não tirar dellas melhor partido [1]. Para obter huma Liga, foi mandado em 1642 o Conde da Vidigueira D. Vasco Luiz da Gama. Porém achou o Cardeal já enfermo da molestia, de que falleceo em breve tempo. E se a morte do Cardeal de Richelieu, dentro do mesmo anno de 1642, rompeo as negociações e entibiou as esperanças do Conde da Vidigueira; não recebeo menos incommodo e damno da morte d'ElRei Luiz XIII., succedida em 14 de Maio de 1643. Por este acontecimento ficou o governo a cargo da Rainha na menoridade de seu Filho Luiz XIV., e ficou quasi inteiro arbitro do animo da Rainha Regente o Cardeal Julio Mazzarini; cuja politica, partecipando das incertezas e oscillações do seu poder, deo grande e inutil exercicio á efficacia e á paciencia do Conde da Vidigueira [2].

conta a ElRei do que havia executado sem sua ordem, pedindo-lhe em premio dos seus serviços, que logo o mandasse prender, e se fosse necessario, lhe cortasse a cabeça para satisfação dos Estados. Port. Rest. Part. I. L. X. 1647, tom. 2, pag. 249. Se enganar enganadores não serve aqui de desculpa a Francisco de Soisa, o arrojo, ao menos pelo que tem de patriotico, he digno de grande louvor.

[1] O Cardeal offereceo aos Embaixadores ainda mais do que pedião; mas elles não acceitárão, respondendo *com errada fantasia*, que não precisavão tanto. Veja-se Port. Rest. Part. I. L. III. 1641, tom. 1, pag. 162.

[2] Se Mazzarini tinha por si a benevolencia da Rainha Re-

Mas posto que o Conde da Vidigueira pouco ou nada adiantava no principal negocio de concluir a Liga entre França e Portugal, já porque as dissensões do Reino de França impedião hum ajuste firme e seguro, já porque Mazzarini mais se determinava por seu proprio interesse, do que pela honra e conveniencia da Nação Franceza, e daqui vinha em muita parte a variedade de suas opiniões e a pouca firmeza de suas promessas; o Conde todavia fez á Patria muito serviço, porque sustentou a amizade entre as duas Coroas, e por ventura teve mão na paz apressada com Castella, que era de esperar, e que se esperava da natural inclinação da Rainha Regente. França de mais a mais houve-se a nosso respeito nas conferencias de Westphalia, que hião procedendo, com energia e firmeza, que se bem não tiverão por effeito o geral reconhecimento da nossa independencia, derão á nossa causa bastante importancia, e penhorárão o Governo Francez com mais este motivo de perseverança em nosso favor: e he de crer, que nisto tiverão muito influxo a diligencia e approvados comportamentos do Conde da Vidigueira; que na verdade sahio com honrado credito de París, quando em Fevereiro de 1646 se recolheo a Lisboa com licença d'ElRei, deixando a Antonio Moniz de Carvalho a agencia dos negocios de Portugal com o titulo de Residente.

Pouco mais de oito ou nove mezes se deteve o Conde em Lisboa, porque ElRei tendo-o assim por necessario, o mandou de novo a París, onde chegou por principios de 1647, condecorado já com o titulo de Marquez de Niza, e com lugar no Conselho d'Estado. Renovou o Marquez as

gente, tinha tambem contra si a má vontade da maior parte dos Grandes. Em rasão disso o seu Ministerio foi muito agitado; e elle precisou de grande industria e valor para se suster, principalmente até á paz dos Pyreneos.

negociações com igual empenho; e tambem com a mesma falta de successo. A Rainha inclinava-se ainda mais claramente á paz com Castella, e a mesma inclinação tinhão alguns dos seus Ministros. Desejavão ao contrario a continuação da guerra Mazzarini e o Principe de Condé; posto que Mazzarini com grande esforço e artificio dissimulava o seu desejo [1]. Não podia por tanto o Governo Francez seguir hum plano fixo e constante ácerca de Castella; o que necessariamente impedia a final conclusão com os Portuguezes. Entendeo por ultimo o Marquez, que França não concluiria comnosco, sem se ultimar o Congresso de Munster, e que provavelmente poria termo á guerra contra os Castelhanos: e na supposição de ficarmos sós em campo com os nossos antagonistas, entrou a negociar soccorros [2]. Nesta negociação porém experimentou difficuldades não menos graves, e cansadas demoras, que apurando muito o seu soffrimento, puzerão em grande embaraço a Côrte de Lisboa.

No estado de cuidado e de suspensão, em que ácerca dos negocios da Hollanda se achava ElRei D. João IV., e no momento, em que com licença sua voltava de París para Lisboa o Conde da Vidigueira em 1646, he que este Principe se resolveo a mandar pela primeira vez o Padre Antonio Vieira a París e Haya [3]. A 8 de Março do dito anno chegou á Rochella, e a 12 de Abril já se achava de

[1] Veja-se Port. Rest. P. I. L. X. 1647, tom. 2, pag. 239, 240. O Principe queria novas occasiões de grangear gloria e poder por suas proezas militares; o Cardeal queria dar entretimento aos espiritos e fazer-se necessario.

[2] Veja-se Port. Rest. ibid. pag. 241.

[3] Só em André de Barros L. I. §§. L — LII. achei noticia desta primeira jornada a França e Hollanda: mas não o posso suppôr aqui mal informado, ou desejoso de enganar em ponto similhante.

volta de París em Calais: em cujo porto se embarcou para Flessinga, e na Haya entrou a 18 do mesmo mez. Era a sua commissão nesta primeira jornada, conforme o que diz André de Barros, informar-se do verdadeiro estado dos negocios em ambas as Capitães, explorar os genios e capacidades dos seus Ministros, e penetrar os seus mais occultos designios e resoluções. Parece aqui com effeito muito provavel o dito do Biografo; porque se de hum lado os precates d'ElRei e a demora das negociações o devião ter desejoso de se inteirar perfeitamente do que passava; he de presumir por outro lado, que não seria menor a empreza, que se fiava de hum homem tão conceituado de agudo e sagaz, como Vieira [1]. Como quer que fosse, o mesmo Barros diz, que voltou da Haya a Lisboa passado pouco tempo; e he certo, que temos razão de suppôr, que já no fim de Agosto era chegado ao Reino [2].

No verão de 1647, em que a resolução do Governo Francez sobre os soccorros de Portugal se demorava com tamanha impaciencia do Marquez de Niza; e em que Francisco de Soisa Coitinho empregava os ultimos recursos, para impedir que a armada Hollandeza partisse para Pernambuco, os receios e pungentes dúvidas da nossa Côrte a determinárão a enviar Antonio Vieira novamente a França e Hollanda. Fez caminho por Inglaterra; chegou a Londres

[1] Na Carta 118 do vol. II. a pag. 386 assigna o mesmo Vieira este motivo á sua jornada: mas não he bem claro se ha de entender-se da primeira, se da segunda; ha razão para o entender de qualquer dellas.

[2] O Sermão decimo da duodecima Parte foi, segundo a sua inscripção, prégado em Lisboa a 17 de Setembro, e entre o encargo e o desempenho devia mediar algum tempo. Não occulto porém que as datas destas inscripções nem sempre me parecem verdadeiras.

a 22, e de Londres a Douvres a 30 de Setembro. Partio de Douvres, tomadas todas as precauções para não ser demorado na jornada por França, chegou a París em Novembro, e á Haya ainda dentro do Dezembro seguinte [1]. Barros o dá nesta segunda occasião por vencedor das politicas de Mazzarini, impedindo que viesse a Portugal, como era voto e tenção do Ministro Francez, o Principe de Condé; e toca, posto que levemente, as differenças de opinião, que surgírão entre Antonio Vieira e o Marquez de Niza. E com effeito, como na vinda de Condé se implicava a continuação da guerra com Castella, que a Rainha e seus Ministros, fóra de Mazzarini, não desejavão, póde ser que a opposição de Vieira fosse neste ponto efficaz contra os propositos do Cardeal: e D. Luiz de Menezes não encobre, que as idéas de Vieira e as do Marquez de Niza erão diversas, e que o Marquez desapprovava muito altamente as do Jesuita [2].

Em Hollanda demorou-se Antonio Vieira communicando com Francisco de Soisa Coitinho o trato dos interesses de Portugal. Porém a sua habilidade era escusada, onde tanto se distinguia a do Companheiro; e parece na verdade, que Vieira no tocante aos negocios, que nos importavão na Haya, não fez outra coisa, que ser testemunha das baldadas tentativas da armada de Pernambuco para se fazer ao largo, ou antes testemunha do grande triunfo, que a finura de Francisco de Soisa havia ganhado sobre as dobrezas da Republica [3]. Se porém onde estava Francisco de

[1] Vejão-se as Cartas I. II. III. do vol. I. das de Vieira. O que se não comprehende bem, he que qualquer destas missões occupasse Vieira por tão pouco tempo.

[2] Port. Rest. P. I. L. X. tom. 2, pag. 269, ediç. de 1759.

[3] Vieira na Carta III. do vol. I. em postscripto de 3 de Janeiro de 1648 dá noticia da armada, dizendo: *a Armada tem*

Soisa tinha pouco em que se empregar o talento de Vieira, não perdeo este com tudo o tempo para o serviço da Patria, segundo conta o seu Biografo: porque foi nesta occasião, que elle por via de Hamburgo mandou para Lisboa em huma de tres fragatas de guerra, que fez construir, a importancia de cincoenta mil cruzados em petrechos militares; entre os quaes veio a artilharia, que depois servio com tanta honra e utilidade nossa na célebre e venturosa jornada das Linhas d'Elvas [1].

Como os nossos agentes nas conferencias de Westphalia não havião sido admittidos com representação propria, e nellas tinha muita influencia o partido dos nossos inimigos, soffrião os agentes Portuguezes, e soffria o Reino nas suas pessoas grande desar [2]. Manda-los recolher absolutamente, seria mostrar desesperação muito arriscada, e talvez perder alguma occasião favoravel, que ou podia deparar a fortuna, ou proporcionar a Politica de França e de Suecia, em cuja amizade tinhamos razão de pôr confiança. Imaginou ElRei neste aperto hum meio termo, que suppunha bem acertado, e que vinha a ser; mandar huma pessoa de alta qualidade, a quem não podessem negar-se justas attenções, e que com o seu respeito moderasse ao menos os effeitos pouco decorosos do rancor e politica Caste-

arribado duas vezes, perdeo já alguns navios, vai-lhe morrendo gente, etc.

[1] Veja-se André de Barros L. I. §. LXI. No relatorio porém, que Vieira faz dos seus serviços politicos na Carta 118 do vol. II. não acho este apontado, como era de esperar.

N. B. Acha-se apontado em hum Memorial Manuscrito, apresentado por Antonio Vieira ao Principe D. Pedro Regente de Portugal; que me foi communicado do archivo da Academia.

[2] Port. Rest. dita edição, Part. I. L. X. tom. 2, pag. 314.

lhana[1]. Escolheo para isto D. Luiz de Portugal, que se achava em Hollanda, e que como Neto do Prior do Crato, era Bisneto do Infante D. Luiz, e terceiro Neto d'ElRei D. Manoel; e deo ordem a Antonio Vieira para partir em companhia de D. Luiz para Westphalia[2]: mas esta idéa não chegou a pôr-se em prática, porque em quanto se apercebião para a viagem os novos enviados, se rompêrão, ou se concluírão em Outubro de 1648 as conferencias do congresso; assentando Hespanha paz com Hollanda e Suecia, e determinando-se a proseguir contra França e contra nós com maior empenho a guerra.

Desvanecido este projecto, quiz ElRei deixar na Haya, como Ministro, Antonio Vieira: ou porque Francisco de Soisa requereo Successor, ou porque o desejavão os Estados, a quem as destrezas de Francisco de Soisa incommodavão muito, ou em fim porque nos era prejudicial a desconfiança da sua pessoa, procedida dos passados acontecimentos[3]. Antonio Vieira recuzou-se, allegando as repugnancias do seu Instituto; e ElRei acceitou a sua allegação,

[1] Ao rancor e politica Castelhana se ajuntou para a desauthoridade dos nossos Ministros a discordia entre elles mesmos; que chegou a tanto, que o Marquez de Niza escreveo a ElRei, que mandasse para suas casas Francisco de Andrade e Luiz Pereira *descançar do muito que tinhão trabalhado hum contra o outro*. Port. Rest. ibid. pag. 242.

[2] Port. Rest. P. I. L. X. tom. 2, pag. 314, e André de Barros L. I. §. LVIII. D. Luiz Guilherme de Portugal era Filho de D. Manoel de Portugal e de huma Irmãa do Principe de Orange. Hist. Geneal. da Casa Real Port. tom. 3, pag. 391, 401.

[3] O Port. Rest. ibid. pag. 313, refere, que os Estados mandárão despedir Francisco de Soisa.

N. B. Vieira diz, na Carta Ms. ao Conde da Ericeira, e que corresponde á 118 do vol. II., mas muito mais ampla, que recebeo a credencial, e immediatamente partio para Lisboa, onde allegou as suas escusas.

ficando por isto Vieira desimpedido para se tornar ao Reino. Não me consta precisamente o tempo, em que voltou; mas ha fundamento para affirmar, que já estava em Lisboa em Agosto de 1649, e Barros decididamente refere, que veio receber, no dito anno, a recompensa dos seus trabalhos e serviços politicos, nas approvações e gracioso acolhimento do Monarcha; que deo pouco depois inteira prova da sua satisfação, fiando de Vieira empreza não menos relevante e delicada [1].

D. Luiz de Menezes, se bem confessa que Vieira, a quem de caminho concede grande eminencia na Oratoria Christãa, communicou com os Principes estrangeiros e Ministros, muitos negocios de grande importancia, insinúa com tudo, que a sua politica foi pouco venturosa nos successos. A superioridade do juizo de Vieira aos negocios, de que provinha em os tratar huma subtileza, que não alcançavão aquelles com quem conferia he a razão, que elle dá desta pouca ventura. E assim como de hum politico antigo disse o grave Corn. Tacito, que tratou felizmente as materias d'Estado, porque seu engenho nem era inferior aos negocios, nem superior; assim dá o Author do *Portugal Restaurado* a entender, que as negociações commettidas a Vieira se mallogravão, porque erão excedidas do seu juizo [2].

Acho eu na verdade provavel, que hum homem costumado ás disputas muito subtís das Escholas, e aos raciocinios muito remontados, que requeria a Oratoria do tempo, e cuja profissão e exercicios erão tão diversos, descen-

[1] Veja-se André de Barr. L. I. §. LXXV. Em 1649 recitou em Enxobregas a Oração funebre de D. Maria de Ataide (Serm. P. IV. n. XIII.), fallecida em 26 de Agosto do mesmo anno.

[2] P. I. L. X. tom. II. da dita edição pag. 242.

do daquelle mundo imaginario ao real, se achasse estranho; e ou por não ajuizar bem ao justo das differenças, ou por se não querer accommodar com ellas, errasse os caminhos, e não achasse boa sahida, onde hum prático do paiz, ainda dotado de talento mediano, poderia acertar com ella sem grande maravilha. O Marquez de Niza, de cuja habilidade e destreza fizerão conceito honrado as Côrtes de París e de Lisboa, rejeitou altamente em França os pareceres de Vieira; e o mesmo escriptor refere, que as offertas muito liberaes do Jesuita, feitas ao Cardeal Mazzarini, causárão grande damno ás negociações Portuguezas, e o causarião muito maior, se o Marquez não as impedisse, declarando formalmente a resolução, em que estava de não as assignar [1]. Vieira em fim, defendendo-se daquellas insinuações de D. Luiz de Menezes, ainda que aponta alguns arbitrios uteis, alguns avisos antecipados, de que foi author em Lisboa, não dá huma coartada cabal, quanto eu posso entender na materia, de se lhe desvanecerem as negociações em paizes estranhos; nem se encarrega, ao menos que conste dos seus escriptos impressos, de responder á imputação do damno, procedido ao negocio da Liga das suas offertas muito exorbitantes a Mazzarini [2].

[1] *Que foi necessario ao Marquez de Niza resistir com tanta vehemencia a algumas promessas exorbitantes, que o Padre Antonio Vieira determinava fazer ao Cardeal, que lhe disse, que antes havia de deixar cortar as mãos, que firma-las.* Ibid. pag. 269.

[2] Devia responder, no caso de dar a este artigo resposta, na Carta 118 do vol. II.; porque sendo a dita Carta huma directa refutação das censuras do Conde da Ericeira, e sendo esta huma das censuras principaes, não era bem que esquecesse: ou porém esqueceo, ou Vieira não teve modo de a desfazer.

N. B. Na Carta Ms. ao Conde da Ericeira, que fica apontada, e que da Academia se me communicou, não acho ainda a coartada cabal.

Pedem porém a verdade e justiça, que façamos a este respeito algumas ponderações favoraveis ao credito de Vieira, deixando por fim ao Leitor a isenção do proprio juizo, e o conceito da nossa imparcialidade. O Author do Portugal Restaurado, seja por convicção pura, seja por convicção e affecto, mostra-se muito inclinado ao Marquez de Niza, que em França reprovou sem dúvida alguma os arbitrios de Vieira. Esta falta de acordo entre o Marquez e o Jesuita podia muito bem nascer de ciume no Marquez; para o que seria fundamento bastante a ordem, que lhe foi de Lisboa, de não fallar á Rainha e a Mazzarini, senão de companhia com Vieira. Se esta ordem foi ou não prudente, não disputo aqui; mas que podia desconsolar e causar no Marquez muita desconfiança, tenho por evidente[1]. A indisputavel discrição (e com isto concluo neste ponto) d'ElRei D. João IV. parece que julgou differentemente das negociações de Vieira: pois que o tornou a mandar a França e Hollanda em 1647; que o quiz mandar ás conferencias de Westphalia com D. Luiz de Portugal; que o quiz deixar na Haya em lugar de Francisco de Soisa; e que em fim o mandou a Roma com o ponderoso encargo que fica indicado, e de que continuaremos a fallar agora.

Achava-se Portugal cansado de huma guerra tão activa, como dilatada; e as suas ordinarios contingencias fazião sempre temer desastres. O animo d'ElRei, posto que não era apoucado, inclinava-se muito á paz; desejando sabiamente o mais seguro, sem faltar nas opportunas occasiões ás emprezas do maior risco. E como Filippe IV. tinha por unica herdeira a Infante D. Maria Thereza, sua

[1] A differença do Marquez de Niza ou a sua desapprovação das politicas de Vieira, nascendo daquelle ciume, e a nota de D. Luiz de Menezes, nascendo da paixão em favor do Marquez de Niza, perdem evidentemente muito da sua força.

Filha, occorreo a ElRei, que Castella podia dar ouvidos á proposta do seu casamento com o Principe D. Theodosio; e que por esta via tão airosa se poderia obter paz honrada para Portugal; ajustando-se mudar para Lisboa a residencia dos Monarchas [1]. Estavão até então muito verdes as desconfianças Castelhanas, e por isso tal negocio ainda não se podia tratar directamente. Podião porém tomar-se as alturas, e hir-se aventurando algumas insinuações, que conforme o que dellas resultasse, ou se converterião em formal pertenção, ou se porião de parte. Com esta tenção foi Antonio Vieira mandado a Roma, onde era Embaixador de Castella o Duque de Infantado; porque além da confiança aos talentos e zelo de Vieira, dava a este alguma facilidade de negociar a circumstancia de ser o Duque Sobrinho de hum authorizado Jesuita, o Padre Pedro Gonçalves de Mendoça [2].

Os Napolitanos, sempre inquietos e ao presente mal soffridos do dominio Castelhano, procuravão todos os meios de se lhe escaparem. Entre outros arbitrios dirigírão em profundo segredo propostas a ElRei D. João IV; e este Principe sem as ter em grande conta, julgou que não as devia desprezar de todo. Quando daqui não podesse resultar accrescentamento de territorio aos Estados de Portugal, procederia sempre occupação incommoda e desagradavel a Castella; e outra diversão da parte de Napoles, como a de Catalunha, tinha para nós conveniencias, e suppria de algum modo a de Hollanda, que havia cessado com os ajustes de Westphalia. Mas o caracter dos Napo-

[1] Em 1650 Filippe IV. não tinha do segundo matrimonio Filho algum, e do primeiro não tinha mais, que a Infante D. Maria Thereza, depois Mulher de Luiz XIV. de França.

[2] Veja-se André de Barros L. I. §§. LXXV. e seguintes, e especialmente o LXXXII.

litanos obrigava a grandes cautelas; e em todo o caso não devia ElRei empenhar-se, em quanto não tivesse muito particulares noticias das pertenções, dos meios e da capacidade e influencia das pessoas. E porque em Roma as poderia haver a penetração e diligencia de Antonio Vieira, esta foi naquella commissão a segunda parte das instrucções, com que ElRei o enviou, dando-lhe na substancia e no modo os signaes menos equivocos de estimação, e mesmo de affecto [1].

A 10 de Janeiro de 1650 largou Antonio Vieira do porto de Lisboa, e desembarcando em Leorne, partio para Roma, onde chegou a 16 de Fevereiro seguinte. Principiou quanto antes a cumprir com as instrucções, de que hia encarregado; e não passou muito tempo sem mandar ácerca dos negocios de Napoles informação e parecer, por que ElRei se determinou a desprezar inteiramente às propostas, que lhe tinhão sido feitas [2]. A materia do casamento requeria maior demora. Foi espreitando e entrevendo pouco a pouco as opiniões; e á proporção que as foi tendo por inclinadas ao casamento da Infante com o Principe de Portugal, foi insistindo nos motivos, em que assentavão, e inculcando-os e expondo-os com solidez e com a energia propria da sua grande intimativa. Casar a Infante com hum Principe Hespanhol, e o restituir-se por este meio a paz á Monarquia, e o vulto e poder, que tinha an-

[1] D'isto convence bem o fragmento das Instrucções Secretas, que ElRei deo a Vieira, copiado por Barros no Livro citado §§. LXXVIII — LXXIX.

[2] Veja-se o fragmento de outra Carta d'ElRei para Vieira, copiado por Barros ibid. §. XCIV: *Differente conceito fazia das coisas de Napoles, antes de partirdes desta Corte... fazendo juizo dos inconvenientes, que apontaes no principio desta Carta, me parecem mais certos, que as utilidades, com que me posso animar a mandar continuar esta empreza.*

tes de 1640, era o voto de todos os sisudos; mas a residencia da Côrte em Portugal ou em Castella, era difficuldade gravissima em que todos topavão: havendo os Castelhanos a residencia em Lisboa como repugnante aos seus commodos e muito desairosa ao seu capricho e pundonor, e havendo os Portuguezes a residencia em Madrid como opposta totalmente á sua justa liberdade[1].

Esta difficuldade, que então era muito grave, e que o será sempre para a união bem cordial dos dois Estados, em quanto imprevistas circumstancias não destruirem pelo habito de Seculos a memoria ou da grandeza d'hum delles, ou da independencia do outro, esta difficuldade, digo, hia Vieira desfazendo com ponderações plausiveis sobre as vantagens da situação de Lisboa, e os inconvenientes da de Madrid; e a Castelhanos de bastante representação hião parecendo bem os seus argumentos. Mas quando elle andava mais enlevado nestas practicas, a Côrte de Castella mandou muito apertadas ordens ao seu Embaixador, para o fazer sahir de Roma sem demora; e pôz na sua execução o Embaixador tamanho empenho, que chegou a declarar, que se Vieira não sahisse para logo de Roma, se arrojaria a mandar-lhe tirar a vida. E porque estas ameaças parecêrão muito effectivas, e por ellas toda a esperança de bons effeitos da negociação ficava cortada, tomou Vieira o expediente de ceder aos desejos muito encarecidos do Governo de Madrid[2].

[1] Não he tão facil, como parece, resolver a questão do ponto, em que deve residir a Côrte dos Monarchas de toda a Hespanha. Ha muitos argumentos especiosos por parte de Lisboa: mas não póde negar-se, que fica muito na extremidade occidental.

[2] Vieira não só interrompeo, retirando-se promptamente de Roma, o negocio do casamento do Principe; mas tambem o projecto de apprezentar ao Papa Innocencio X. hum Memorial

Não consta ao certo d'onde procedêrão desejos tão impacientes; mas não he conjectura desprezivel a que os attribue a alguma noticia, que das propostas de Napoles tivesse chegado ao Governo Castelhano. Parece provavel que esta fosse antes a sua origem, do que a practica sobre o casamento: porque se a dita practica não podia dar em qualquer supposição cuidado á Côrte de Filippe IV, podia dar-lhe muito o occulto fogo, que lavrava em Napoles, sendo soprado desde Roma pela sagacidade tão activa de Antonio Vieira. E o certo he que ElRei de Portugal na Carta, que antecipadamente lhe escreveo, por aquelle lado he que mostra receio de perigos para a sua pessoa, estado e instituto; e trata de os prevenir, mandando-o acompanhar por Manoel Rodrigues de Matos, que a sua Magestade servia de Agente na praça de Leorne [1].

Como Vieira prégava em Lisboa já por Novembro ou Dezembro deste anno de 1650, he de suppôr que teria sahido de Roma em Agosto, ou, pelo menos, em Setembro [2]. Não alcancei porém noticia mais precisa e certa. E só he fóra de dúvida, que ainda datava de Roma em 30 de Maio a famosa Carta dirigida ao Principe D. Theodosio, que he a quinta do primeiro volume: Carta, igualmente notavel por ardor marcial e primoroso estylo, que

sobre a conversão dos hereges do Norte. Barros ibid. §. XCVI.

[1] Fragmento copiado por Barros ibid. §. LXXIX: *Mas porque a execução della póde ser de alguma indecencia ao vosso estado, e ter inconvenientes para a vossa Religião, e sobre tudo o perigo para a vossa pessoa... mando ordenar a Manoel Rodrigues de Matos... passe a Roma em vossa companhia.*

N. B. No Memorial ao Principe D. Pedro, declara Vieira esta mesma razão.

[2] O Sermão V. da Part. III. foi prégado na primeira Dominga do Advento de 1650, e he hum dos do Juizo final, particularmente recommendados e recommendaveis entre os do Author.

provocou as reflexões, muito causticas, se me não engano, do Author da *Deducção Chronologica* [1]. Não he de presumir, com effeito, que Antonio Vieira, quando recebia d'El-Rei tamanhos favores, se empenhasse em dividir delle o Principe, e em incitar o ultimo á desobediencia; e D. Luiz de Menezes, fallando da jornada do Principe ao Alemtejo em 1651, não a representa com similhantes côres, mas ao contrario a trata de huma honrada gentileza aconselhada sómente pelo proprio valor, e que a intriga da Côrte represou, impedindo por emulação provaveis consequencias muito venturosas [2]. E a verdade he talvez, que não passou de huma galharda resolução do Principe, approvada de muitos, mas tida em diversa conta por ElRei, que com agudo e justo juizo, sem lhe notar culpa, lhe divisou graves inconvenientes, que a sua prudencia tratou de remediar a tempo.

Com esta volta de Roma para Lisboa tiverão termo por então as commissões ou negociações politicas encarregadas ao Padre Antonio Vieira. Mas a sua rara actividade, que não podia soffrer inacção, nem ainda descanço, entrou por outras vias a procurar logo alimento e exercicio. Sahio com o Padre João de Soto-Maior em Missão á Villa de Torres-Vedras: e no volume sexto dos Sermões anda impresso um dos que por aquella occasião prégou na dita Villa [3]. A Missão tinha acabado antes do meio de Junho de 1651, pois que em Carta, escripta do Collegio de Santo Antão ao Padre Nuno da Cunha em 17 do mez, falla

[1] Veja-se a Deducção Chronol. Part. I. §. 378. not. (*a*).

[2] *Deliberou-se o Principe a esta jornada, só aconselhado do seu valor . . . vendo o Principe, que prevalecião os que emulos da sua grandeza*, etc. Port. Rest. vol. II. pag. 361 e 364.

[3] Barr. L. I. §§. C. e seguintes. O Sermão he o XIII. do VI. vol., que na inscripção tem a data de 1652, a qual não

della como concluida [1]. Recolhido porém a Lisboa depois da Missão em Torres-Vedras, principiou ou continuou a projectar trabalho do mesmo genero, muito mais largo e muito mais difficultoso. Aquelle voto, que dissemos annullado pelos Superiores, quando com elle se escusava de entrar no estudo das sciencias mais graves, ou nunca foi posto de parte, ou foi recordado agora com todo o escrupulo de uma consciencia delicada, e o resoluto empenho de quem desejava muito gastar o restante da vida nos mais arduos serviços do Christianismo, e do seu Instituto Jesuitico.

O Maranhão com os Sertões immensos, que são cortados dos seus rios, foi o campo vastissimo, que agora se escolheo para o arrotear, e para depositar nelle a semente do Evangelho. A Religião, o Estado e a Humanidade farião grandes interesses, se esta empreza fosse accommettida e proseguida com zêlo discreto e bem encaminhada diligencia. Innumeraveis Selvagens trocarião os incommodos de vida errante e brutal pelas doçuras do trato civil; o imperio Portuguez grangearia Cidadãos e largos territorios, de que apenas tem ainda hoje confusa noticia, e grangea-los-hia com pequena despeza e menos trabalho; a Igreja Catholica se dilataria, e com ella todos os proveitos de espirito e de politica, que são inseparaveis da crença religiosa e da moral Evangelica; e até as Sciencias e Artes crescerião com experiencias e noticias, e em materia riquissima das suas reflexões e trabalhos: e Portugal recolhendo o centuplo e muito mais do centuplo dos seus empregos, só teria que admirar o zêlo invencivel de homens heroicos, e que abençoar

concorda com a data da Carta ao Padre Nuno da Cunha, que he de 1651.

[1] *Eu na minha Missão passei bem; e só me faltou acompanhar a V. R. na sua, para nella aprender*, etc. Fragmento copiado por Barros L. I. §. CII.

a Religião Santa, que exaltando assim os entendimentos e reforçando os peitos humanos, he capaz de obrar por meios pacificos e suaves tão estupenda maravilha [1].

Mas a continuação deste discurso mostrará, que ou o zêlo não foi bem discreto, ou os seus effeitos forão impedidos de estranhas causas; e que Vieira depois de cansadas tentativas foi obrigado primeira e segunda vez a desistir; até que em fim detido por quasi vinte annos na Europa, só se tornou á sua America agora tão desejada, quando os annos e molestias o determinárão a procurar o clima favoravel, e o repoiso suave da quinta do seu Collegio da Bahia [2]. A vontade d'ElRei, a da Rainha e a do Principe D. Theodosio oppunhão-se com muita determinação ao intento de Vieira em 1652. Quiz elle embarcar-se occultamente; mas não teve effeito a sua industria, porque o atalhou a ordem Real. Recorreo, vendo-se assim atalhado, a representações e rogos, e por seu meio chegou a obter licença e favoraveis Provisões datadas de Outubro. E posto que ElRei ainda mudou de resolução, e de novo insistio na sua demora em Portugal, o empenho de Vieira, favorecido de accidentes, não sei se casuaes, se premeditados,

[1] Em mil casos tem a Religião Christãa obrado desde o seu nascimento esta maravilha estupenda em todas as partes do globo. E mesmo por este lado só, a historia não offerece instituição igualmente benemerita da Humanidade. No zêlo para intentar com resolução e perseverança, na caridade para soffrer e attrahir, na generosidade para desprezar interesses e grangeos, que são os mais proprios e suaves instrumentos da reducção de barbaros, he e tem sido singular e incomparavel. Tem realizado as milagrosas musicas da Fabula Pagãa, e o que na gentilidade não erão senão sonhos, são acontecimentos verdadeiros no Christianismo.

[2] Segunda vez voltou Vieira do Maranhão para a Europa em 1661, e de cá voltou para a Bahia em Janeiro de 1681.

lhe facilitou occasião de se embarcar, e de sahir sem estorvo da barra de Lisboa [1].

A 22 de Novembro de 1652 sahio do Tejo o Padre Antonio Vieira, trocando as estimações e valias, que os seus talentos e serviços lhe tinhão merecido na Europa, por trabalhos arduos, em remotas, pouco conhecidas e quasi impracticaveis regiões. Se a huma resolução tão estranha o não determinárão, como eu creio, escrupulos do primeiro voto, e motivos inteira e puramente Christãos, será preciso attribui-la a hum gosto de singularidade, que pelo commum se nota nos espiritos muito activos, e de que Vieira póde ser suspeito com grande verosimilhança. Pelo menos eu não alcanço outras razões de procedimento tão encontrado com o modo ordinario de pensar e de obrar dos homens. Mas deixando motivos reconditos, que não he possivel assignar sem alguma temeridade; a Caravella, em que se embarcou Antonio Vieira, depois de provar ora tormentas, ora calmarias, abordou em 20 de Dezembro na Villa da Praia e Ilhas de Cabo Verde: onde se deteve pouco tempo, que Vieira, nunca ocioso, empregou em fazer doutrina e prégar aos moradores; e foi dar fundo no Maranhão em 17 de Janeiro de 1653 [2].

A poucos dias da chegada de Antonio Vieira ao Ma-

[1] Veja-se a Carta, que Vieira escreveo ao Provincial do Brasil, allegada em parte por Barros no L. I. §§. CV. e seguintes, e toda transcripta nas *Vozes Saudosas* com o titulo de *Voz Desenganada*, e a Provisão d'ElRei. Barr. ib. §. CXV.

[2] Veja-se André de Barros L. I. §. CXXIX — CXXXIX. Os de Cabo Verde fizerão grandes instancias, para que os Jesuitas ficassem residindo na terra, ou ao menos se demorassem por mais tempo. Veja-se tambem a I. Carta do III. volume das de Vieira. Na primeira edição deste opusculo se lê que Vieira abordou á Ilha de S. Thomé; erro de que o Author foi advertido por hum selozo amigo.

ranhão, levantou-se descomposta tormenta de commoção popular contra os Jesuitas. Huma Lei Real, que dava por livres todos os escravos daquelle districto, e que se promulgou com solemnidade, offereceo a occasião. Suppoz-se solicitada e diligenciada pelos Jesuitas; e sem mais consideração se arrojou contra elles o povo em tumulto, de maneira que perigarião muito, a não lhes valer a interposição de força armada [1]. Os Jesuitas negavão aberta e resolutamente; e a destreza e eloquencia de Vieira fizerão aquietar o tumulto e esfriar o primeiro ardor. Com tudo a desconfiança continuou; e della forão procedendo rebates frequentes, e resultárão, segundo as apparencias, todas as contradicções, embaraços, e por fim damnos e injúrias, que naquella parte da America soffreo depois a Companhia, e com ella o seu Campeão e principal mantenedor Antonio Vieira. Fosse razão, fosse particular interesse, os Jesuitas defendêrão com grande constancia os direitos dos Indios, assim antes, como depois dos resgates; e confirmando por este modo as antecedentes suspeitas dos Portuguezes alli estabelecidos, conservárão sempre e accendêrão mais, em alguns casos, a inimizade pouco soffrida daquelles Povos [2].

Na disputa muito renhida e larga, que então se tratou com muito ardor entre o Pará e Maranhão de huma parte, e os Jesuitas de outra, os Jesuitas increpavão os seus contendores de armarem á escravidão dos Indios só com a mira nas proprias conveniencias, e com total desprezo das da Religião e Reino, e affronta da boa razão e até da humanidade: e os Povos do Pará e Maranhão ac-

[1] Barr. ibid. §§. CC. e seguintes.

[2] Que os Jesuitas defendêrão constantemente a liberdade dos Indios, não tem dúvida; os seus contendores não o negavão, porque era evidente, e d'ahi tinha a contenda principio. Attribuião porém a dita defesa a segundas e perversas tenções.

cusavão os Jesuitas de armarem unicamente ao seu interesse, pretextando motivos piedosos e simulando vivo zêlo pelos proveitos communs. O Governo Portuguez daquelle tempo mostrou confiar mais nas allegações dos Jesuitas; os inimigos destes no Seculo passado derão por injustamente aggravados em tal materia os contendores[1]: ao ler os escriptos de Vieira, que se conservão e se referem á dita disputa, os seus socios parecem plenamente justificados; ao ler as declamações contrarias, a que alludimos, mal se defende o Leitor de os pronunciar réos da culpa, que pela parte opposta lhes foi attribuida: se os allegados em fim dos Jesuitas e a sentença do Governo contemporaneo, pela razão da causa propria e affecto daquelle Governo, se tornão suspeitosos; o descoberto odio, que respira a impugnação dos detractores, não obriga hoje o observador imparcial a menos desconfiança.

Difficultosa coisa, se não impossivel, he resolver agora dúvida tão implicada; e até o tenta-lo parecerá muita confiança. Determino-me com tudo a declarar o meu parecer, por isso mesmo que se não póde reputar subornado por paixão, de que faltão motivos. He tão verosimil, que a cobiça dos colonos Portuguezes na materia da escravidão dos Indios atropelasse a razão e as conveniencias publicas, como deixa de o ser, que os Jesuitas pelo interesse de cultivar melhor huma Chacra, e dominar em miseraveis al-

[1] Quando leio as affirmativas nesta parte do Author da *Deducção Chronol.*, e as comparo com as suas Provas, nem posso achar força nem mesmo ligação e claro sentido, se bem que noto impeto e vehemencia, que podem deslumbrar quem for menos precatado. Será talvez preoccupação minha; mas confesso, que com tanto gosto leio os escriptos de Vieira sobre esta materia, como com desgosto e enjôo leio o affectado e pedantesco aranzel da *Deducção*.

deas ou arraiaes, affrontassem trabalhos tão arduos e tão aturados, quizessem incorrer na inimizade dos seus compatriotas, e prejudicar tão abertamente aos interesses do nosso Reino. E se a cobiça dos Colonos he certa, e os seus máos effeitos são bem de prèsumir, tambem he muito de suppôr, que vendo-se encontrada e cruzada pela opinião e procedimento dos Jesuitas, recorresse a todos os meios de desaggravo, e entre elles á falsa imputação de razões sinistras e motivos odiosos. Da parte dos Jesuitas sómente cuido, que muito fiados na sua valia com a Côrte de Lisboa, e muito esperançados na influencia exclusiva, que tinhão com os Indios, se esquecêrão da sua sagacidade ordinaria, e neste negocio combatêrão, muito ao descoberto e com ar em demasia victorioso, os interesses e a vaidade daquelles Colonos [1].

Em socegando a popular tormenta do Maranhão, de que fallámos, Vieira, despedidos Padres para o Pará e nomeados os que devião ficar na Cidade de S. Luiz, foi provendo em todo o necessario para a presente e futura execução dos seus grandes designios: sem levantar com tudo mão do ordinario trabalho, em que se empregava incansavelmente, ou prégando, ou ensinando nas ruas, ou visitando enfermos, ou propondo e seguindo arbitrios de caridade piedosa, com que despertava em huns a religião, e em ou-

[1] Os Jesuitas não se defendião sempre de soberba e arrogancia: e estes vicios, que por hum lado irritavão mais a inveja dos seus successos, e lhe davão motivo ás accusações e queixas, por outro lado os tornavão muito delicados e sensiveis ás offensas; d'onde lhes vinha grande propensão á vingança. Tal foi, cuido eu, a razão da guerra perpetua, que sustentárão desde o principio, e a verdadeira causa da sua ruina. Conta-se, que nos ultimos paroxismos da Sociedade dizia ainda o seu Geral Ricci *sint ut sunt, aut non sint*; este dito em occasião tão critica mostra bem a sua arrogancia, e explica a sua catastrofe.

tros remediava à necessidade [1]. Faltava na Cidade o recurso de hum Hospital, com o sabido detrimento dos pobres, inconveniente e pouco credito da Republica. Acudio com suas exhortações a este ponto Antonio Vieira, e principiárão a concorrer esmolas e offerecimentos: mas como tamanha fabrica não podia ser effeito de hum enthusiasmo passageiro, a ausencia do motor e director principal a deixou naquella occasião pouco mais do que em idéa. Se o espirito de Vieira a tudo se dirigia e a tudo era bastante, os que se pegavão de seu ardor, ou não erão capazes de emparelhar a sua energia, ou o perdião de todo, quando faltava o poderoso alento, que o havia communicado.

Os trabalhos na Cidade de S. Luiz não erão, senão ocios e folgas, com que se preparava para as fadigas e riscos nos emmaranhados Sertões do seu districto. A estas fadigas e riscos he que elle aspirava sobre tudo; e ellas he que o havião chamado d'entre as estimações e commodos da Europa. Tanto pois que lhe pareceo chegado o tempo, determinou-se em hir procurar os Indios, que se chamavão *Barbados*, subindo por hum rio, que tem por nome *Tapicurú*. Não havia destes Indios mais que fama muito incerta no Maranhão, e a noticia duvidosa devia accrescentar na fantasia o receio de desastres e de empenhos mallogrados. Mas o que podia acobardar os animos do commum, estimulava mais o de Antonio Vieira. Assentou com o Capitão Mór na jornada, e na occasião, em que convinha que se fizesse; e sem demora procedeo a tomar todas as medidas, entendendo-se com pessoas práticas e procurando Indios de serviço, de quem fosse acompanhado. Porém o Capitão Mór, em cujos grangeos andavão occupados estes Indios, desejando acudir primeiro aos seus amanhos,

[1] Veja-se Barros L. II. §§. XXVI — XLVII.

deteve-os em quanto os requerião as lavoiras, de tal sorte, que quando vierão a ficar desimpedidos, a occasião era passada; com grande sentimento de Vieira, que saboreava antecipadamente as delicias de peregrinar por desertos e bosques, convidando á civilidade e religião esses poucos homens, que vagavão com bem fraca differença de animaes brutos pelo seu ambito vastissimo [1].

O Capitão Mór do Maranhão attendia mais á cultura de seus tabacos, do que á conversão e civilização dos Indios; mas a cobiça do Capitão Mór do Pará não se contentava com tão pouco. Vendo Vieira frustrada no Maranhão a sua esperança, passou-se ao Pará, determinado a remontar o grande Amazonas, e a hir recolhendo pelas suas margens os lanços, com que a Providencia quizesse galardoar as suas boas tenções. Teve entretanto por noticia, que a Nação dos *Póquíz*, que vivia sobre o rio dos *Tocantins*, estava inclinada a receber o Christianismo e incorporar-se no Estado Portuguez. Julgou que devia aproveitar occasião tão favoravel. Tratou o negocio com o Capitão Mór; lembrando-lhe, que ElRei desejava a reducção, e não o captiveiro dos Indios, e que recommendára muito aos Jesuitas, que grangeassem Christãos e Cidadãos, sem multiplicarem barbaramente escravos. Ouvio o Capitão Mór, e em seu animo escarneceo tão importuna advertencia; mas dissimulando com Vieira, despedio-o com huma escolta, que devia obrar ás ordens de hum Cabo por elle escolhido, e a quem deo instrucções, publicas para satisfazer Vieira, e particulares para com desprezo das Ordens d'ElRei e injuria das obrigações da honra e humanidade fartar a sêde de sua avareza e da dos seus apaniguados [2].

[1] Barros ibid. §§. XLVIII — L.
[2] Veja-se André de Barros L. II. §§. LI. LII.

Queria ElRei D. João IV. com zêlo de Principe piedoso e discurso de bom Politico trazer os Indios á Fé Christãa e partecipação dos bens civís no seio do seu imperio. Mas não queria liga-los ao dito imperio com outros vinculos, que os de livre e honesta vassallagem. E sómente nos casos, em que alguns fossem achados captivos e destinados á morte por outros barbaros, he que permittia que fossem remidos, e ficassem como escravos entre nós. Por esta commutação suave aquelles infelices lucravão a vida em troco da liberdade; que ainda, ou por seus serviços, ou por generosidade dos senhores, ou por acasos da fortuna lhes podia ser restituida. Este regulamento, no caso de poder ter execução, era proprio de hum Estadista humano, pio e entendido; que mesmo nos casos indicados de escravidão, só a consentia, para com o seu engodo levar os colonos ao resgate das desgraçadas victimas da ferocidade selvatica. Estas victimas porém erão poucas em comparação das despezas e difficuldades de hum resgate; as necessidades da cultura nas Colonias erão muitas; e ainda as multiplicava mais a baixa e crua avareza de certos particulares. Estavão por tanto os decretos d'ElRei neste ponto em opposição com os interesses, bons e máos, dos Colonos; e daqui devia resultar, que ou se não tratasse de descer os Indios de suas habitações primitivas, ou se tratasse desta materia com aggravo da justiça, e sem o respeito devido ás Ordens Reaes [1].

[1] As Reaes Providencias erão sabias e justas em absoluto; mas a sua execução naquellas circumstancias era quasi impossivel. O modo unico de medrarem ao mesmo tempo as Missões e as Colonias seria provêr ás necessidades das Colonias por outros braços, que os de Indios, ao menos em quanto estes não fossem conformados aos nossos usos, e iguaes em direitos aos Cidadãos Portuguezes; e tirar ao Governo Civil toda a influencia sobre as Missões e a primeira educação dos Indios, salvo a de as au-

Em cumprimento dellas pelo contrario, em conformidade com o espirito do Christianismo e com a mira de dilatar a Igreja lidavão, quanto parecia, os Jesuitas por favorecer os Indios em todas as entradas, que por sua diligencia se fazião ao Sertão. Só os Indios chamados *de Corda* havião de ficar escravos; todos os mais, depois de descidos, devião ficar meramente Christãos e vassallos. A isto he que repugnava altamente a cobiça dos Colonos: e valião-se de todos os meios para illudirem as Ordens e frustrarem o zelo; pouco attentos ou muito indifferentes aos damnos gravissimos, que da sua dureza devião provir aos Indios, ao Estado Portuguez em geral, e ás mesmas Colonias. Nem erão, por desgraça, os que governavão os menos culpados desta barbara indifferença; antes servindo aos outros de exemplo muito escandaloso, além de réos de proprias culpas, se tornavão responsaveis tambem das alheias [1].

Serve de prova a tudo isto o modo baixo e aleivoso, por que se houve agora o Capitão Mór do Pará, que até havia recebido antecipadamente o preço das victimas da sua avareza. Partio Vieira com a escolta e com o Cabo, que lhe fôra destinado; e quando se tratou de realizar a descida dos *Póquíz*, então percebeo, que o Cabo em vez de guardar as publicas instrucções, procedia como se tivesse levado as contrarias. Foi a vontade dos Missionarios resistida; o mandado d'ElRei desprezado com insolencia; e o effeito da Missão na maior parte desvanecido. Voltou

xiliar e de as vigiar *com inteireza* quanto ao cumprimento de boas leis. Mas para o provimento por outros braços não supprião os cabedaes; para conter as arrogações da authoridade Civil não bastaria em tamanha distancia a força do Governo principal.

[1] He o que diz André de Barros, o que em varios lugares insinúa Vieira, e o que he facil de crer a respeito de alguns, não só Capitães Móres, mas ainda Governadores.

promptamente ao Pará Antonio Vieira em busca do conveniente remedio. Mas se ainda tinha alguma dúvida sobre as ruins tenções e vil astucia do Capitão Mór, desenganou-se em breve, e veio no inteiro conhecimento de que o remedio não podia achar-se no Pará, que antes era o proprio assento do mal; e que ou se havia desamparar o empenho da conversão e reducção dos Indios, ou se havião de pedir a ElRei disposições mais capazes de sortirem o seu effeito[1].

Posto em conselho dos Jesuitas o perplexo estado da empreza das Missões e o seu remedio, tomárão por fim o arbitrio de se tornar Vieira a Lisboa; esperando da sua valia, zelo e destreza, que efficaz e promptamente negociasse o que se havia mister, para correrem as Missões sem embaraço, e com os proveitos religiosos e temporaes, que se podião esperar. Sujeitou-se Vieira ao voto commum, e passou logo ao Maranhão, onde em grande segredo foi dispondo a viagem, e ponderando com vagar o que serviria melhor ao desvio dos presentes obstaculos e á cautela contra os que podessem sobrevir. Não bastava conter o commum do Povo nas Colonias e pôr freio á cobiça caprichosa dos seus governantes; ainda era necessario chamar á unanimidade e acordo os Sacerdotes, que não erão Jesuitas, a cujas insinuações, ou suggestões, na opinião dos ultimos, se devião attribuir em boa parte a desconfiança dos Colonos e a repugnancia, que estes oppunhão aos projectos da Companhia de Jesus, na materia da reducção dos Indios[2].

[1] O acontecido com os dois Capitães Móres refere Barros, e além da verosimilhança dos factos, não parece razão suspeita-lo aqui de fingimento. Mas se os factos são verdadeiros, evidente fica, que se da parte dos Missionarios podia haver zelo, da dos Colonos não havia senão cruel avareza.

[2] A realidade desta insinuação parece confirmada pelo empenho, com que a Junta, presidida pelo Duque de Aveiro, re-

Chegou por meado de Junho de 1654 a occasião de se embarcar Vieira, que com effeito embarcou occultamente a 15 ou 16 deste mez. Não quiz porém deixar o Maranhão, sem fazer conhecidas de seus moradores as culpas e aggravos, cuja reparação o trazia de novo ao Reino; e no Sermão de Santo Antonio, prégado tres dias antes da sua partida, desafogou o seu zelo, cobrindo-se com véo de allegoria, e exprobrando aos peixes o que de si devião entender os homens: e feito este preparo começou a viagem, em que devia experimentar grande rigor da fortuna, compensado todavia por soccorro da Providencia [1].

Terião passado dois mezes, navegavão pela altura da Ilha do Corvo, quando os carregou tormenta desfeita, cuja furia voltou o navio, mettendo a borda no mar até meio do convéz, e obrigando a gente a passar-se para o costado, onde esperava ser comida das ondas por momentos. Alliviado com tudo de mastos o navio, a mesma força do mar o virou segunda vez e pôz a direito; de sorte que os naufragantes podérão recolher-se dentro, como vinhão de primeiro. A falta de mastos, a de vélas e enxarcias os tinha

gulou a parte, que devião ter nas Missões as mais Ordens Religiosas. Mas até a persuade a natural emulação, a dianteira, que levavão os Jesuitas, e a indisputavel arrogancia dos ultimos; raras vezes no modo, mas na substancia das cousas quasi sempre arrogantes.

[1] O Sermão, de que aqui se falla, he o XI. da Parte II., Allegória, que no tempo he natural que interessasse pelas allusões, mas que agora parece muito exotica e mesmo ridicula. *A irmãa sardinha e o irmão polvo* parecem extravagancias muito absurdas. Todavia ainda sem fazer conta com a excellente linguagem, paga em varias passagens o trabalho da leitura: e com effeito isto mesmo se deve dizer e entender dos seus Sermões, ainda os mais despreziveis; e póde ser que não cheguem a tres os que sirvão de excepção.

sempre em grande e justo receio, quando avistárão de longe huma náo, que corria com a mesma tormenta: mas o vislumbre de esperança, que então lhes raiou, desvaneceo-se depressa, porque a náo tornou logo a desapparecer. Accrescentou-se o horror daquelle triste estado com o da noite, que no entanto sobreveio, e que cada hum suppôz que seria a ultima da vida. A náo, que tinhão avistado, fez-se todavia em outra volta; e sem o saber veio de noite atravessar-se com o navio, que boiava á discrição dos ventos. Era hum Corsario Hollandez, que vagava, commettendo roubos por aquelles mares, e de quem não podião esperar tratamento muito generoso; se porém fez prêza no navio, recolheo a seu bordo os naufragantes, e passados nove dias os foi lançar, posto que despojados e até despidos, nas praias da Ilha Graciosa.

Com largueza muito de admirar nas suas circumstancias proveo Antonio Vieira, ajudando-se dos seus creditos na Graciosa, a necessidade dos seus companheiros; de quem logo se apartou, passando-se á Ilha Terceira e da Terceira á de S. Miguel. Depois de alguma demora nesta ultima, em que prégou o conhecido Sermão de Santa Thereza, partio em hum navio Inglez a 24 de Outubro de 1654 para Lisboa, onde, soffrendo ainda no mar outra grande tempestade, deo fundo finalmente já em Novembro do mesmo anno [1].

ElRei D. João IV. achava-se em Salvaterra gravemente enfermo, e foi preciso esperar a sua melhora e convalescença, para dar principio a requerimentos. Prégou por aquelle tempo alguns Sermões em Lisboa Antonio Vieira,

[1] Veja-se Barros L. II. §§. LXVIII—LXXVIII. O Sermão de Santa Thereza he o VIII. da Part. IV., muito admirado no tempo por suas finuras e affectações. Não se deve confundir com o XV. da Part. III. tambem de Santa Thereza.

e entre elles o da Sexagesima a 19 de Fevereiro de 1655. Neste Sermão, que he hum dos menos defeituosos do Author, se houverão por censurados os prégadores do tempo; que soffrendo muito mal a censura, tratárão de se desaggravar, combatendo Vieira com toda a acrimonia do resentimento e da emulação, que se reputa offuscada e vencida [1]. Vieira porém não deo neste caso, como em outros do mesmo genero, mais coartada, que nobre e airoso silencio; a unica com effeito, que o homem superior deve dar ás provocações ou de vingança injusta, ou de imprudente semrazão.

Recobrando ElRei a saude necessaria para se entregar aos negocios, propôz Antonio Vieira o seu. Materia tão grave não devia ser tratada sem igual ponderação. Os interesses publicos e particulares nella envolvidos erão muito relevantes. Do Pará e Maranhão forão logo mandados a Lisboa Procuradores, que justificassem o passado, e que obstassem a resoluções inconvenientes á utilidade das Colonias. Amor proprio, cobiça, interesses presentes repugnavão á humanidade, justiça e proveitos remotos, porém mais certos e maiores. Assentou a prudencia d'ElRei em commetter a decisão a pessoas de conhecidas letras, de inteireza e respeito. Mandou formar dellas huma Junta; cuja presidencia fiou de sujeito por nascimento e titulo tão eminente, como era o Duque de Aveiro D. Raymundo de Lencastre. A Junta, depois de ouvir os Jesuitas por bôca de Antonio Vieira, de ouvir os Procuradores das Colonias, e de considerar tudo com grande madureza, achou por parte dos Jesuitas a razão e interesse discreto, e tomou o acor-

[1] São censurados na verdade, e justamente censurados, porém de modo vago. O Sermão he o I. da I. Parte, que serve de introducção a todos os mais com muita propriedade.

do conforme; em que os mesmos Procuradores convierão, e que por ultimo roborado com approvação Real, foi mandado pôr em inteira execução [1].

Queria Vieira ser o portador destas noticias e das Ordens Reaes. Mas ElRei, sempre desejoso de o ter mais perto, insinuou aos Jesuitas, que pondo entre si esta materia em conselho, lhe impedissem a partida; entendendo que este seria o meio mais efficaz para o demorar. Vieira porém alcançando licença para entrar no conselho, que sobre isto fazião os Jesuitas, e para orar a sua causa, ponderou taes razões de utilidade commum, e de vocação, honra e delicadeza propria, e allegou-as com tamanho ardor e valentia de discurso, que se resolveo a pluralidade dos Vogaes a ceder antes á força dos seus allegados, do que ajudar o gôsto especial d'ElRei [2]. Não obstou por outro modo a discreta condescendencia do Monarcha; e Vieira, negociados os despachos necessarios, e governado tudo o que requeria a viagem e o seu proposito, embarcou no porto de Lisboa a 16 de Abril. A jornada foi mais venturosa, os mares e ventos menos descortezes, e a 17 ou 18 de Maio seguinte chegou ao Maranhão. Mas não costuma a inconstancia do Oceano abonançar por algum tempo, senão para erguer depois maiores serras de suas ondas, e jogar com maior ludibrio os tristes aventureiros, que se fiárão de sua mansidão apparente, e que por fim são obrigados,

[1] Esta Junta com o nome de Junta das Missões se tornou depois permanente por conselho e a instancias de Antonio Vieira; e tinha as suas Sessões em S. Roque. Barr. ib. §§. XCV—CVI.

[2] Barros (ib. §. CXII.) allega como formaes as palavras de Vieira; e certamente que não parecem de outrem. Barros não sabia imitar Vieira, cujo estylo, fóra dos Sermões, era sempre natural e elegante.

pelo menos, a desistir de sua empreza; ainda que possuão tão denodado brio e coração tão seguro, como era evidentemente o com que a natureza dotou e ennobreceo a pessoa de Antonio Vieira.

Seis annos bem completos e bem trabalhados se deteve agora Antonio Vieira nesta parte da America Portugueza [1]. Recebido com melhor rosto no Maranhão, auxiliado pelo zelo do Governador André Vidal de Negreiros, entrou a cumprir com o Regimento, que levava d'ElRei. Deo o primeiro cuidado ás aldêas visinhas; que compôz com prudencia, e provêo de Pastores e Mestres, tendo em vista não só a religião, mas tambem a educação civil dos Indios, que se achavão já d'antes aldeados. Porém como as suas idéas vastas não podião satisfazer-se com tão pouco, voou logo mais largo com o pensamento. Em huns lugares do Sertão vivião Povos, que tendo abraçado e professado o Christianismo Catholico, por effeito das Conquistas Hollandezas e das perturbações, de que forão acompanhadas, primeiramente o corrompêrão e depois o desprezárão: em outros havia Povos, que tentando-se em tempo passado a sua conversão, ou a repugnárão, ou forão della por qualquer modo divertidos: em toda a parte emfim havia barbaros, que convidar para o seio da Igreja, e que trazer á união com os vassallos da Corôa Portugueza e á cultura e policia, que desta união lhes devia resultar. A todos estes objectos estendeo Vieira os seus illimitados designios; sem o amedrontarem trabalhos e perigos, sem o estorvar a consideração de rios, serranias, brenhas, areaes, desertos e tantos outros obstaculos, que em hum dilatado paiz, pouco ou nada penetrado dos homens, costuma offerecer á ousa-

[1] Chegou em Maio adiantado de 1655, voltou por fins de 1661.

dia dos emprehendedores a natureza. E porque para tão immensa seara o numero dos seus obreiros, dado que fosse mais crescido, não podia ser sufficiente, ainda projectava passar pessoalmente á Bahia, e pedir ao Provincial ajudadores, com que reforçasse os que possuia já, e os que estava esperando da Europa [1].

Se empreza tão gigantesca não era maior, que o coração, ou que a fantasia de Vieira, sem dúvida era muito maior, que as suas presentes forças. Nos animos e disposições dos barbaros accrescião difficuldades; a falta de cooperadores ou não admittia remedio, ou o tinha difficultoso, lento e sempre apoucado; e a repugnancia dos Colonos, ora mais tímida, ora mais resoluta, difficultava os expedientes, perturbava os planos, tornava sem effeito as tentativas. Apezar de tudo, fizerão-se por direcção de Vieira varias entradas ao Sertão com muito bom successo; renovou-se a Missão da Serra de *Ibiapába;* reduzírão-se algumas Nações, conhecêrão-se outras; grangeárão-se noticias de lugares e productos; ainda que muito á custa da paciencia, da saude e até das vidas dos operarios Jesuitas. E se bem Antonio Vieira dava os arbitrios e communicava o impulso desde as Colonias, parte porque a primeira móla devia ter alli o seu lugar, parte porque dispondo-se em alguns casos a hir pessoalmente, foi pelo poder superior embaraçado: nunca esteve com tudo tão quieto, que não fizesse repetidas viagens do Maranhão ao Pará, e pelo

[1] São muito para conhecer e admirar os projectos e trabalhos de Vieira e os dos seus Socios em todos estes seis annos. Refére-os Barros (ib. desde o §. CXXV. até ao fim do Livro II.), e a sua relação ainda que pudera ser menos larga e mais simples, he com tudo curiosa. Isto bastára, quando mais nada soubessémos, para ter Vieira na conta de homem fóra do commum.

contrario; que não fosse com summo trabalho visitar e affeiçoar a Missão de *Ibiapába*; e com maior risco socegar e amansar os *Nheengaibas*, cujas hostilidades, que tinhão as Colonias como em apertado sitio, não pôde o Governador Pedro de Mello conter por outro meio, que a industria e animosa diligencia de Vieira [1].

Ás repugnancias e encontros dos Colonos, que forão mais determinados logo que constou do fallecimento d'El-Rei D. João IV, foi resistindo com animo e prudencia. A Rainha Regente sim deo signaes de querer continuar favor ás *Missões* do Estado do Maranhão; mas devia causar pouco receio o vigor de huma Regencia, embaraçada de mais a mais com cuidados de guerra, com intrigas de Côrte e com discordia entre os maiores [2]. Vieira resolveo com tudo soffrer firme a tormenta, e aguardar, sem pôr de parte o começado, por tempos mais serenos. Porém os moradores do Maranhão, que talvez esperarião que os Jesuitas á força de suas contrariedades voluntariamente se retirassem, e ao menos se sujeitassem; vendo que succedia contra o que imaginavão, rompêrão em motim formal e prendêrão os Jesuitas [3]. Informado deste successo, correo Antonio

[1] O que respeita á Missão de *Ibiapába*, conta o mesmo Vieira no primeiro papel, que entre as *Vozes Saudosas* se intitula *Voz Historica*: e no tocante á sua pessoa, da pag. 83 em diante. O que respeita aos *Nheengaibas* conta Barros no L. III. §§. I — L, e o mesmo Vieira na Carta a ElRei D. Affonso VI., que vem no ultimo tom. dos Sermões, e he datada de 11 de Fevereiro de 1660.

[2] Veja-se a Carta da Rainha com data de 12 de Maio de 1659, que Barros (L. III. §. LI.) traz copiada: e em que se louvão as suas diligencias, e se lhe recommenda a continuação e a partecipação dos impedimentos, que forem occorrendo.

[3] Veja-se Barros L. III. desde o §. LXXXIV., e o mesmo Vieira no papel apontado em a nota seguinte.

Vieira ao Pará, donde andava ausente, por vêr se alli atalhava igual rompimento. Mas a prevenção foi inutil; porque com seus companheiros foi elle mesmo preso e remettido para o Maranhão. Tratou de se justificar; quiz fazer representações e exhortações[1]: mas os do Maranhão não quizerão ouvi-lo, os do Pará lêrão os seus protestos sem algum bom effeito; e Vieira com os mais Jesuitas, entre desprezos e vilipendios, forão obrigados a navegar para Lisboa, cujo porto Vieira tomou ainda dentro do anno de 1661.

Se Lisboa, mais culta e menos apaixonada, por seu agazalho e brando trato consolasse Antonio Vieira do descomedimento grosseiro, com que o Estado do Maranhão, entre tantas circumstancias de insulto barbaro e violencia affrontosa, o arrojou de si; poderia elle pelas attenções da patria esquecer-se facilmente das injurias e ingratidão da terra estrangeira. Porém a sua volta para Lisboa não foi restituição á patria, foi desterro; em que não forão menores os aggravos, accrescentados ainda com a lembrança

[1] Os protestos e exhortações, dirigidas desde a Caravella, em que foi mettido, á Camara do Pará em data de 18 de Agosto de 1661, podem ver-se no L. III. de Barros, que as allega em parte desde o §. C.; e ao todo nas *Vozes Saudosas* com o titulo de *Voz Parenetica* a pag. 189.

N. B. Em Ms. se me communicou do Archivo da Academia a copia de huma Petição, que desde a Caravella dirigio Vieira ao Governador D. Pedro de Mello, e em que requeria que o deixassem vir com os mais Jesuitas na Náo Sacramento, e não separado delles na Caravella; que segundo elle diz, não era mais que hum barco sardinheiro de Setubal, rôto e sem marinhagem, mais azado para fazer naufragio do que viagem. Esta Petição não he de menos serviço para representar os encontros e acintes que então soffreo, do que a *Voz Parenetica*.

de tempos mais venturosos, e a reflexão de que para seu abatimento e ruina a mesma patria conjurava com a terra estranha. Do que temos contado se colhe a estimação, em que o tivera ElRei D. João IV, e a constancia de affecto, com que o mesmo Rei, seu Filho o Principe D. Theodosio e a Rainha D. Luiza em todas as occasiões o honrárão. Mas ElRei e o Principe D. Theodosio erão fallecidos; e a Rainha D. Luiza, posto que ainda continuava com o governo do Reino, dispunha-se já para o entregar ao Principe Successor, e achava-se em tal condição, que só podia ajuntar a outras magoas a de se ver desattendida nas pessoas dos que mais favorecia [1].

Logo a 6 de Janeiro de 1662 prégou Vieira na Capella Real, tendo por ouvinte a Rainha, que, como dissemos, ainda regia o Reino. A festividade e o Evangelho, referindo e celebrando a primeira conversão da Gentilidade, trazião á memoria a conversão do Gentio da America, e davão occasião para lastimas do seu desamparo; lançados e atropellados os Mestres e Pastores, e elle entregue de todo á rudeza barbara dos seus matos, ou á sorte mofina de injustos captiveiros. Não a perdeo o Prégador, que com muito espirito e até elegancia representou a miseravel orfandade dos Indios, e contou os desatinos dos Colonos e as injurias feitas aos Missionarios [2]. Foi ouvido com geral sentimento: e moveo-se especialmente a Rainha a remediar os damnos, a emendar os aggravos e a castigar a

[1] Veja-se o Port. Restaur. Part. II. ll. V. VI.

[2] Este Sermão he o XV. da Part. IV. pag. 491. Veja-se especialmente o §. III. numeros 532 até 541: *Levantou o demonio este fumo, ou assoprou este incendio entre as palhas de quatro choupanas, que com nome de Cidade de Belém poderão ser patria do Anti-Christo.*

insolencia de vassallos refractarios. Com este proposito principal nomeou novo Governador para o Maranhão; fazendo-lhe efficazes recommendações a favor dos Indios, em satisfação e auxilio dos Missionarios seus defensores, e contra as ousadas pretenções da cobiça. Queixão-se os Jesuitas do pouco respeito, que o Governador guardou a estas recommendações [1]: e he certo que hum Seculo depois não havia melhorado o negocio da conversão e reducção dos Indios; que deixaremos agora, para seguirmos Vieira luctando em Portugal com fortuna igualmente contraria.

Desde muito antes mostrava a Rainha D. Luiza, e provavelmente sem astuta simulação, viva impaciencia do encargo do Governo. Na declinação da idade, na desconsolação da viuvez, combatida de escrupulos por huma consciencia religiosa, devião opprimi-la muito tantos e tão graves cuidados, em occasião de guerra, entre desuniões da Nobreza e desconfianças dos Povos. Porém ElRei D. Affonso, por enfermidade, por descuido, por conversação de pessoas rasteiras, dava pouca esperança de dirigir o Estado com acerto; e esta dúvida suspendia a determinação da Rainha e inclinava o parecer dos mais zelosos a que ella continuasse. Accrescia o desejo de pôr casa ao Infante e de ultimar o casamento de sua Filha; pontos, que requerião madureza e ao mesmo tempo expedição, que não esperava dos descuidos d'ElRei, ou da vontade dos seus Conselheiros. Mas como ambos estes negocios se achassem em 1662 já concluidos; como se tivessem as razões de impaciencia augmentado; e como ElRei, que já contava 19 annos, não occultasse o desejo de reinar por si, e mesmo propensão de o fazer sem guardar á Rainha o devido respeito; tomou esta Princeza a resolução final: deixando

[1] Veja-se Barros L. III, §§. CXXXVII, CXXXVIII.

ao parecer de entendidos e leaes, unicamente o modo mais discreto de a pôr em effeito [1].

Satisfazer a ElRei, sem desar da Rainha Regente e sem escandalo da Nação, era difficultoso. ElRei queria tomar por suas mãos o que lhe devia, segundo a boa razão e antigos usos, ser entregue por mãos de sua Mãi. As formalidades e cautelas, que a Rainha queria usar para manter o seu decoro, reputava seu Filho destrezas para dilatar a Regencia. Parecia de mais a mais coisa importantissima, e na verdade o era, á honra d'ElRei e ao bem do Reino, tirar do seu lado, antes que lhe fosse entregue o Governo, as pessoas de baixa sorte, que o trazião hallucinado e sujeito a seus indecorosos caprichos. Mas este expediente vigoroso não era facil de tomar; e ferindo-o em parte muito sensitiva, podia ter gravissimas consequencias. E se ElRei não obrava em taes materias inteiramente por seu arbitrio, tambem não obrava pelo das pessoas indignas, que mais conversava, mas sim por impulso de quem ajuntava habilidade com a energia e perseverança da ambição. A Rainha portanto, ainda que tinha grande entendimento, devia em tal aperto, mesmo quando fiasse muito do proprio conselho, mostrar que se governava pelos alheos. E na verdade houve-se neste implicado negocio, até á entrega dos Sellos a 23 de Junho do dito anno, com muito acerto; e sempre de acordo com sujeitos tão conhecidos por sua agudeza, como dignos de confiança pela devoção á sua pessoa [2].

Foi hum destes sujeitos o Padre Antonio Vieira; ou-

[1] A primeira tentativa da Rainha para largar o Governo he referida no Portug. Rest. P. II. L. V. pag. 378 e seg. da dita ediç. de 1759. tom. III; a segunda e efficaz he referida ibid. tom. IV. pag. 54. e seg.

[2] Veja-se o Port. Restaur. tom. IV. pag. 56. e seg.

vido com os mais em todo aquelle negocio e assignado no papel, que o Secretario d'Estado leo a ElRei na occasião em que forão presos os dois Irmãos *Contis* e seus Companheiros. O resoluto procedimento da dita prisão succedeo a 20 de Junho. ElRei sahio logo do Paço e passou para Alcantara, instigado e acompanhado dos Condes de Castello Melhor e Atouguia, e de Sebastião Cesar de Menezes. Devia acabar sem demora a Regencia da Rainha: e não havia dúvida da sua parte. Mas ou porque os Conselheiros d'ElRei na verdade suppozessem que a havia, ou porque de proposito se quizesse fazer com irregularidade e rompimento o que importava muito ser feito com quietação e boa forma; ElRei repugnava ao que se lhe propunha da parte da Regente sobre esta materia. A crise era delicada, os animos andavão em grande perturbação; com tudo a Regente e os que ella consultava governárão-se tão judiciosamente, que o arrojo d'ElRei e a ambição dos que o instigavão tiverão que ceder a conselhos mais moderados; e a entrega do Governo fez-se com tranquillidade, ao menos apparente, e segundo a conhecida practica dos Maiores [1].

A mesma discrição, com que os Conselheiros da Rainha D. Luiza encaminhárão o negocio da entrega do Governo a hum exito formal e pacifico sem desauctoridade da Regente e sem descredito d'ElRei, os fazia mais de recear para os que tinhão a direcção principal do prezente Reinado. O Triumvirato, como lhe chama com certa propriedade D. Luiz de Menezes, que dentro de pouco tempo se devia embaraçar comsigo mesmo ou dissolver, não se demorou em ir com forças ainda unidas contra os inimigos

[1] Conseguio-se, depois de varias propostas e replicas, que ElRei voltasse para o Paço, e que a Rainha lhe entregasse de sua mão os Sellos em presença das pessoas, a que competia, e para isso convocadas.

communs [1]. D. Nuno Alvares Pereira, primeiro Duque de Cadaval, foi desterrado para Almeida, onde esteve até 1664; o Conde de Soure, o de Pombeiro, o Monteiro mór e Pedro Vieira da Silva forão mandados para outros lugares em distancia de 50 leguas da Côrte; e em razão de igual distancia foi Antonio Vieira mandado para o seu Collegio do Porto. E deste mesmo contratempo, da causa e dos companheiros nelle, se colhe bem a influencia, que lograva com as personagens mais auctorizadas da antiga Côrte, e quanto aos contrarios parecião de temer os seus recursos e conselhos [2].

A distancia do Collegio do Porto, onde Vieira chegou em Agosto, e talvez mesmo em Julho, de 1662, parece que ainda não era grande no conceito ou na vontade dos que havião maquinado o seu degredo [3]. Foi elle avisa-

[1] Pouco depois se tornou suspeito o Conde de Atouguia, e sendo affrontado nas pessoas de seus amigos e parentes, principiou differença entre elle e o Conde de Castello Melhor, que se augmentou cada vez mais até final desconcerto. Sebastião Cesar por suspeitas e ciumes foi tambem desterrado; logo para as visinhanças de Lisboa, e em fim para o Convento da Batalha. Port. Rest. tom. IV. pag. 191 — 194. Para o desterro dos Conselheiros da Rainha D. Luiza, veja-se ib. pag. 81.

[2] Que se temião de Antonio Vieira, não póde entrar em dúvida, e tambem a não póde ter, que o que delle temião, erão os pareceres e expedientes. *

* *N. B.* No Memorial ao Principe D. Pedro diz Vieira: *no anno de 61 governando já a Rainha que está em gloria, tambem assistio sempre em todas as Juntas de Ministros mais confidentes de S. Magestade e de V. Alteza, sendo elle o instrumento mais immediato, que por ordem dos mais, propunha e solicitava as ultimas rezoluções.*

[3] *Tive aviso haverá quinze dias, que me estava decretado novo desterro: huma versão diz, que para o Brasil, outra para o Maranhão, outra para Angola.* Carta de Vieira N. XVIII.

do de que o intento era fazê-lo conduzir a Angola ou ao Brazil; e outros avisos estendião-se até á India [1]. Porém ou estes avisos forão mais fundados no temor de quem os fazia, do que em realidade, ou mudárão de intento os seus oppostos. E o certo he, que em vez de se augmentar, se diminuio a distancia da Côrte; pois que em principios de 1663 teve ordem, com que logo cumprio, para passar do Collegio do Porto para o de Coimbra. Esta ordem insinúa elle ser procedida de suspeita, a que deo occasião huma Carta sua, dirigida a D. Rodrigo de Menezes [2]. Entre as correspondencias, que Vieira continuou por carta, desde que sahio de Lisboa, notão-se as que teve com este Fidalgo e com o Marquez de Gouvea; de ambas as quaes conservamos monumentos, que não são indifferentes para a historia de Vieira e a do seu tempo, e que são muito para estimar em razão da sua fórma. E como de Vieira dão noticias, que servem a esta relação, será necessario dar summariamente ao leitor algum conhecimento da condição, em que se achavão estes dois Fidalgos, e da substancia das cartas, que possuimos, encaminhadas a hum e outro.

D. João da Silva, segundo Marquez de Gouvea, e ultimo dos que erão por varonia da Casa de Portalegre, não desafiou tanto a inimizade do Triumvirato, e por esse motivo não foi comprehendido no numero dos desterrados. Mas como em razão das disposições, que na Casa d'ElRei se fizerão pelo arbitrio dos novos Conselheiros, se vió sem

do I. vol., cujo sobrescripto está errado, porque he ao Duque de Cadaval, quando deve ser para o Marquez de Gouvea.

[1] *Cá tive meus rebates como o anno passado, de me quererem mudar o degredo para mais longe nesta occasião de Náo da India; mas não são necessarias as calmas de Guiné, nem as tormentas do Cabo da Boa Esperança*, etc. vol. I. Cart. XXIV.

[2] Veja-se a Carta III, do vol. III, das de Vieira.

influencia no Paço, e coarctado no exercicio e prerogativas de Cargo de Mordomo mór, em que succedêra a seu Pai o primeiro Marquez de Gouvea; com isto desgostoso, pedio licença para se retirar da Côrte. Negou-se-lhe ao primeiro requerimento; mas instando, foi-lhe concedida: com a declaração de que não tornaria á Côrte sem ordem d'El-Rei. Retirou-se então para a sua Villa de Gouvea por Janeiro de 1663, e ao tempo deste seu retiro e hum pouco mais adiante he que se refere boa parte das Cartas, que Vieira lhe dirigio, e de que agora nos fazemos cargo. Dão a ver as ditas Cartas, que o desgosto do Governo presente era commum ao Marquez de Gouvea e a Vieira: porém ainda que Vieira huma ou outra vez lhe aponta as altas esperanças, em que o trazião ácerca de futuras prosperidades Portuguezas as suas Profecias, he muito levemente; e da pessoa do Infante não lhe falla, senão pouco e sem grandes desafogos: donde infiro, que cultivando a amizade do Marquez, e fiando de seus officios em opportuna occasião melhoramento de fortuna, punha com tudo na sua affeição e caracter menos segurança, do que no de D. Rodrigo de Menezes [1].

Foi D. Rodrigo de Menezes, Filho do segundo Conde de Cantanhede, e Irmão do primeiro Marquez de Marialva, o vencedor das Linhas d'Elvas e de Montes Claros. Seguindo o caminho das Letras, que estudou em Coimbra, veio a ser Presidente do Desembargo do Paço, Regedor das Justiças e do Conselho d'Estado; e por seu nascimento occupou os Lugares de Camarista e Estribeiro mór do

[1] As Cartas escriptas ao Marquez de Gouvea desde Coimbra vem no vol. III. entre V. e XXVIII; mas huma ou outra se achão tambem nos vol. I. e II. Na VII. e VIII. do dito vol. III. se póde ver o que diz das suas altas esperanças.

Principe Regente. Aceeito em todo o tempo a este Principe, não tomou com tudo parte nos successos, com que a Regencia da Rainha D. Luiza se concluio. Não o alcançou pois o turbilhão, que arremessou para Almeida o Duque de Cadaval, para Loulé o Conde de Soure e para o Porto Antonio Vieira. Sem embargo disso, ou porque a sua Casa nos annos de 1662 e 63 se vio menos favorecida do Governo; ou porque não podia accommodar-se com os desconcertos, senão erão insanias, do Paço, attestados uniformemente pelos contemporaneos; ou porque emfim muito entregue ao partido do Infante, se julgava implicado nas desattenções e riscos, que este Principe corria; parece certo que inclinava muito para outra ordem de coisas, e que desejoso de mudanças, sentia com os mais, que as desejavão, e especialmente com Vieira, que além de as desejar, ou por isso que as desejava com ardor, as imaginava e antes sonhava, não só infalliveis, mas até muito chegadas.

Esta communicação de desejos e pensamentos consta claramente da correspondencia. O Infante pelos symbolos de *Santelmo* e do *Corpo Santo* he apontado com frequencia e inclinação visivel; os vicios e erros da Côrte são referidos ou alludidos com encarecida lástima; os seus descuidos apparentes são commentados com empenho; os mesmos successos felizes, se não abatidos ou detrahidos em razão da muita parte que nelles teve o Marquez de Marialva, ao menos são reputados pouco bastantes para a completa restauração do Reino [1]. Porém sobre tudo são inculcadas com toda a clareza, que as circumstancias soffrião, as esperanças vastas de hum largo Imperio e brilhantissima

[1] As Cartas escriptas de Coimbra a D. Rodrigo de Menezes podem ler-se (e merecem ser lidas) principalmente no I. vol. numeros XX — LXXXI. Algumas poucas vem no vol. II.

gloria Portugueza, e de prodigioso triunfo da Igreja Catholica sobre a infidelidade Mahometana, e até sobre a rebellião das Seitas Christãas separadas. Antonio Vieira dá conta das Profecias, em que as suas esperanças assentavão; communica a obra mysteriosa, em que as hia desenvolvendo, e os seus progressos; pede a D. Rodrigo de Menezes a coadjuvação de conselho e de livros: e bem se alcança, que a amizade de D. Rodrigo lhe não faltava com estes socoorros [1].

Nenhum homem póde ser inteiramente superior ao seu Seculo. As idéas e opiniões, nelle dominantes, o hão de sujeitar mais ou menos. E ou porque não ha entendimento tão agudo, que penetre a muito larga distancia do ponto, a que alcança a totalidade dos seus contemporaneos; ou porque não ha espirito tão isento, que chegue a se libertar de todos os prejuizos e preoccupações; ou emfim porque não ha audacia tão atrevida, que se lembre de affrontar em cheio o commum sentir da geração, a que pertence: he certo, que os mais adiantados nunca o são a perder totalmente de vista aquelles, com quem entrárão na mesma carreira; os mais singulares guardão sempre essenciaes analogias com o commum; os maiores originaes nunca excluem toda a similhança. Aristoteles no tempo de

[1] De tudo isto he bastante prova o seguinte fragmento da Carta XXI. do I. vol.: *Aquelle papel se vai fazendo, quanto o permitte a frieza do tempo e a fraqueza da saude; mas não o verá o mundo, sem que V. S. o veja e o emende primeiro. Aquelles documentos, em que fallei na Carta passada, não dem cuidado a V. S., porque ainda depois do Entrudo virão a tempo.* E na Carta seguinte diz: *As justificações do Livro do Beato Amadeo estimei grandemente ver pela variedade e incerteza, com que nelle fallão os Authores . . . As de S. Fr. Gil tomára tambem ver, e me lembra que as tinha antigamente hum esparteiro das portas da Mouraria.*

Cecrope não fôra Aristoteles: e Newton, alongando-se tanto da sua idade, sempre mostrou que não era de outra. E assim como a virtude mais pura tem sempre certa liga da imperfeição da natureza humana; assim o mais brilhante engenho nunca discute plenamente as sombras, de que se acha escurecido o proprio horizonte. Os espiritos extraordinarios, de que a historia nos refere o apparecimento em Seculos tenebrosos, nunca passárão de luzeiros fracos e incertos; e não avaliamos o seu grande poder tanto pela claridade, que communicárão, como pelos obstaculos da cerração densa, por que rompêrão.

Se Antonio Vieira por mera condescendencia sacrificou nas Orações do pulpito ao gôsto do tempo, que tinha por estragado; muito sinceramente ao contrario abraçou as credulidades, e se entregou ás visões, ou abusões, que ainda no Seculo XVII. dominárão mais ou menos toda a Europa. Não ha Seculo, que não se illuda com enganos, que não abrace e não adore erros: e se algum presumisse de si esse privilegio de infallivel, não pudéra offerecer do seu engano e erro argumento mais decisivo. Rimo-nos da sisuda gravidade, com que nossos passados crêrão e defendêrão illusões: pagar-nos-hão na mesma moeda os nossos vindouros; e pagar-lhes-ha tambem a elles a sua posteridade. No presupposto firme de nossas opiniões, no fervor de nossas emprezas, parece-nos o engano ou erro incrivel; e ainda quando ostentamos dúvidas modestas, a dúvida sahe á lingua ou á penna, mas a convicção fica no animo. E chega a tanto aqui a nossa fraqueza, que mesmo observando bem o que aconteceo aos que nos precedêrão, nos ficamos lisonjeando de mais isentos. Esta mal considerada arrogancia do amor proprio he proveitosa, porque de outra sorte o genero humano se precipitaria em hum Pyrrhonismo inerte, mais prejudicial, que a dita arrogancia: mas notemos

de caminho, quão pouco deve blasonar de poderes intellectuaes huma natureza, a quem he preciso entregar-se á certos defeitos, para fugir o damno de outros mais perigosos.

Os Portuguezes do Seculo XVII. crião as Profecias de Gonçalianes Bandarra, esperavão o Encoberto, assustavão-se de Cometas, lião futuros nas estrellas, sabião com prognosticos [1]. Não erão elles todavia os unicos Europeos, que no seu tempo se podem notar desta fraqueza: porém as suas desgraças desde a batalha de Alcacere, os seus receios depois da acclamação de 1640 os tinhão talvez mais credulos; visto que o homem nos grandes males e temores costuma ser mais certo ludibrio da propensão, que todos temos, por hum lado a engrossar na fantasia os temidos desastres, e por outro a converter os nossos mais vivos desejos em ardentes esperanças. Pegou-se tambem deste contagio Antonio Vieira. E como tinha tanto de agudo e de especulativo, não só foi adiante de todos os outros, mas foi o Coryfeo e oraculo dos mais [2]. Não ponho dúvida em que alguma vez encarecesse as proprias opiniões, ou que apurado pela disputa e contradicção, procedesse mais longe, do que ao principio intentára; mas o modo de pensar dos tempos, o das pessoas, que tratava e respeitava, a sua franqueza pelo commum muito resoluta, persuadem que se houve alguma hyperbole nos accidentes, na substancia de seus conceitos sobre a materia sujeita não faltava sinceridade [3].

[1] Quando não constasse de outro modo, das Cartas de Vieira se manifesta pelo que toca aos Grandes e aos doutos; d'onde se póde fazer argumento para a gente do povo.

[2] Nem foi outra a razão, por que emprehendeo a Obra, de que falla a D. Rodrigo de Menezes.

[3] As razões apontadas são graves; e he certo, de mais a mais, que em toda a correspondencia, que temos de Vieira im-

Consta que sobre similhantes assumptos escrevêra Vieira já antes do desterro para o Porto, e que no Porto e em Coimbra continuou a escrever. Para se ajudar na composição desta Obra, he que pedia a D. Rodrigo de Menezes os opusculos do Abbade Joaquim e outros de tal natureza. Mas não affirmarei, que esta obra era a mesma que o Papel intitulado *Esperanças de Portugal, Quinto Imperio do Mundo* [1]. Este Papel havia já sahido da sua mão, quando ainda durava aquelle trabalho; porque por elle foi delatado, e a seu respeito foi inquirido, ao mesmo tempo que affirmava aos seus correspondentes, que se hia occupando com a Obra referida. Com tudo suspeito, que se o Papel denunciado não era absolutamente o mesmo, seria delle extracto ou parte de algum vulto, que Vieira separou e communicou; pois que não só he muito de crer, que convinhão no proposito e materia, mas tambem he certo, que o Author nas Cartas, escriptas de Coimbra antes de Outubro de 1665, falla de papel communicado, que segundo o que parece, dizia respeito ao mesmo assumpto [2].

pressa, não se acha huma palavra, que desminta a nossa affirmativa. He porém provavel, que disputando ou arguindo, passasse além do proprio convencimento.

[1] O modo, por que da Obra falla a D. Rodrigo de Menezes, inculca sempre que sobre ella tinhão fallado pessoalmente; o que só podia ser em Lisboa antes do desterro. Veja-se particularmente a Carta XXV. do I. vol. Na Carta N. XXXVII. diz: *o do Abbade Joaquim espero com alvoroço.*

[2] *Suppuz que V. S. haveria por bem, que eu cortasse este pequeno retalho da peça... Por esta causa fiz eleição daquelles Capitulos mais capazes*, etc. Cart. vol. I. N. LIX. Na Carta XLVI. do vol. II. falla porém de papel escripto ao Bispo do Japão, durando ainda o Governo da Rainha D. Luiza, de que pelo mysterio e mais circumstancias se poderia conjecturar que foi o papel delatado ao Santo Officio. *

* *N. B.* Não ha dúvida que o Papel delatado ao Santo

O Papel intitulado *Esperanças de Portugal, Quinto Imperio do Mundo*, foi denunciado por principios de 1663, ou pouco adiante. O Santo Officio de Lisboa mandou-o examinar com escrupulo, e o mesmo praticou a Congregação de Roma. Topárão os Censores, tanto os Portuguezes, como os Romanos, com algumas proposições arrojadas, que notárão gravemente. E accrescendo ainda denuncias de proposições erroneas, que o Author arriscára ou no pulpito ou em particular conversação, foi Antonio Vieira chamado á Inquisição de Coimbra. O Promotor do Tribunal offereceo libello por Oitubro ou Novembro do dito anno; e havido Vieira como réo, procedeo o seu negocio, correndo os termos usados, e acodindo elle com as coartadas e respostas, que julgava opportunas, já por escripto, já de viva voz, nas occasiões, em que para isso hia do Collegio á Inquisição. Mas largas e fortes molestias, que lhe sobrevierão, impedírão muito a marcha do Processo; de maneira que ainda em 14 de Setembro de 1665 apresentava muitas mãos de papel escriptas em sua defeza [1]. A correspondencia porém com D. Rodrigo de Menezes, com o Marquez de Gouvêa, com o Duque de Cadaval e seu Irmão D. Theodosio, continuou em todo aquelle espaço de tempo tão frequente, tão desassombrada e com tão forte tintura das mesmas opiniões, de que em Juizo era arguido e processado, que não he possivel inferir della, se exceptuarmos poucas, breves e não muito claras passagens, que o agitava cuida-

Officio foi o mesmo Quinto Imperio, que Antonio Vieira dirigio desde o Amazonas ao Bispo Eleito do Japão logo depois da morte d'ElRei D. João IV.: não era pois o mesmo ou parte do que compunha por 1665 e em que fallava a D. Rodrigo de Menezes; mas tenho que convinhão na substancia.

[1] André de Barros L. III. §. CLXII. E supponho ser este o segundo papel por elle offerecido, de que falla a sentença n. 45.

do tamanho, e menos ainda que succumbia ao justo receio das suas consequencias [1].

Por principios de Oitubro de 1665 tomou o Tribunal do Santo Officio a resolução de o deixar recluso em huma das suas casas de custodia. As razões desta resolução aponta a Sentença por termos tão vagos, e modo tão conciso, que não podem comprehender-se ao certo. He huma dellas *achar-se, que as proposições e denunciações accrescidas continhão não só doutrina nova, perigosa e falsa; mas tambem outras materias de grande peso e importancia.* Porém não alcanço como a doutrina das primeiras nove proposições se possa reputar menos perigosa e falsa, que a das accrescidas: e as materias *outras*, que as doutrinaes, por maior *peso e importancia*, que se lhes queira suppôr, a não tocarem, como parece que não tocavão, em ponto de costumes, ficavão fóra da jurisdicção de hum Tribunal erigido contra a heretica pravidade. A outra razão apontada he, *parecer muito conveniente por todos os respeitos averigua-las* (as proposições e denunciações accrescidas) *com a maior madureza e circumspecção, e com segurança da Pessoa do Réo.* Porém a reclusão não se representa de muito serviço para a madureza das averiguações: e os fundamentos porque *convinha a segurança da Pessoa do Réo*,

[1] As passagens breves e pouco claras, de que fallo, podem ver se nas Cartas LII. LV. e LVI. do I. vol. Na LV. diz elle a este respeito o seguinte: *V. S. pela mercê, que me faz, não tome pena pelo que digo, que o meu coração he muito grande, e muito costumado a navegar com grandes tormentas, e só me falta nesta o allivio da communicação de V. S., que de tudo o mais me rio, e verdadeiramente he para rir. Bem a proposito da tormenta vinha agora o Senhor Santelmo. Dizia o nosso Principe, que não havia peior gente, que os Semidoutos (e ainda são peiores sem boa vontade). Deos sabe o que faz, e porque, e para que.*

como não são declarados, mal podem ser agora admittidos, nem ainda entendidos do leitor.

Com tudo, porque á critica modesta (e não queremos nós fazer uso de outra) não he licito em caso de dúvida decidir, que hum Tribunal obrou sem sufficiente motivo, suppomos que o era o que determinou o Santo Officio de Coimbra á reclusão do Antonio Vieira. Esta reclusão, que principiou, como diziamos, com Oitubro de 1665, durou até 23 de Dezembro de 1667. Passou-se este largo espaço em pedir a Vieira explicações, em examinar as que elle offerecia, em attender ás suas replicas, e em o exhortar á desistencia e sujeição. Não era possivel tomar ás mãos hum homem tão agudo e tão exercitado em argucias e finuras de discurso; e por muito destros que fossem os contendores, não poderião pô-lo em aperto, de que se não desembaraçasse por evasiva especiosa. Não havia meio: ou elle se havia de sujeitar muito espontaneamente; ou o Tribunal o havia de condemnar por invencivel contumacia. Condemna-lo porém de contumacia, era muito perigoso; movê-lo a bem voluntaria sujeição, não tinha difficuldade pouco grave.

Deste enleio sahio o Tribunal pela decisão de Roma. Alexandre VII. approvou a censura, feita pelos Qualificadores da Congregação do Santo Officio: e desde que a Vieira constou esta approvação, desceo a desdizer-se e a retractar-se do que tinha sustentado, e a reconhecer a verdade em contrario; pedindo que a sua causa fosse decidida nestes ultimos termos [1]. Lavrou-se a sentença, que, expendido largamente o relatorio, manda, que *seja privado para sempre de voz activa e passiva e do poder de pré-*

[1] Veja-se nas Provas da *Deducç. Chronol.* N. XLV. a sentença do Santo Officio num. 104 — 108.

gar, e recluso no Collegio ou Casa de sua Religião, que o Santo Officio lhe assignar; e que por termo, por elle assignado, se obrigue a não tratar mais das proposições, de que foi arguido no decurso da sua causa: e de maior condemnação o releva, *havendo respeito á sua desistencia, retractação, protestos e ao muito tempo de sua reclusão:* com *outras considerações, que no caso se tiverão.* Esta Sentença foi lida ao Réo na Sala do Santo Officio, *perante os Inquisidores e mais Ministros, e algumas Pessoas Religiosas, e outras Ecclesiasticas do Corpo da Universidade,* na tarde do dito dia 23 de Dezembro de 1667; e na manhãa seguinte lhe foi lida no seu Collegio de Coimbra, em presença de toda a Communidade, por hum dos Notarios do Tribunal [1]: com o que teve fim este importante incidente, e trabalho duro e pesado sobre todos os de que abundou a vida dilatada e trabalhada de Antonio Vieira.

Assignou o Santo Officio para reclusão a Residencia de Pedroso, a dezoito leguas de Coimbra na estrada do Porto. Porém estando Vieira ainda em Coimbra, lhe foi pelo Concelho Geral commutada a Residencia de Pedroso na Casa da Cotovia de Lisboa [2]; aos seis mezes depois de publicada a Sentença, foi em tudo dispensado e perdoado pelo mesmo Concelho: e tinha já passado da Casa da Cotovia para o Collegio de Santo Antão, antes de sahir para Roma em 1669 [3]. Bem que as culpas, de que Vieira foi

[1] Tudo consta da sentença citada e seu appendix.

[2] Tambem consta do dito appendix, e de André de Barros L. III. §. CLXXVII.

[3] Barros diz que *em breve* passou para o Collegio de Santo Antão, e certamente nelle residia já, quando prégou o Sermão de Santo Ignacio (P. I. N. VI.), que se diz na inscripção prégado em 1669. Tambem suspeito que foi anterior á partida para Roma a Carta LVII. do vol. II., escripta de Santo Antão ao Duque de Cadaval.

arguido, me parecem de certo momento, o modo, por que neste negocio se comportou o Santo Officio, tenho com tudo por estranho. A implicancia, que reconheço neste dito, me obriga a propor algumas ponderações, que devem envolver historia de Vieira, e que por isso não tenho por alheas deste Discurso. Se a minha imparcialidade não he ainda bem manifesta, repito que não quero favorecer contra razão e justiça a causa de Vieira, nem quero fazer ao Tribunal do Santo Officio injúria. Nunca tive, nem podia ter, o dito Tribunal por infallivel! mas tive-o sempre por observante das suas regras, e por animado do sincero desejo de alcançar o seu legitimo proposito; posto que tudo isto subordinado aos principios que professava, ás idéas contemporaneas, sobre cuja verdade e apuramento não pretendo pronunciar agora, e á influencia poderosa do jogo das causas politicas.

As seis proposições, a que se podem reduzir as nove, extrahidas do Papel *Quinto Imperio do Mundo*, são certamente fatuas e temerarias; nem tem desculpa alguma, senão no modo de pensar dos tempos, na illusão das paixões, no ardor exaltado dos partidos. Nas replicas, Vieira torceo reprehensivelmente o sentido das Escripturas, e fez applicações, plausiveis sim nos termos, porém absurdas e ineptas na substancia. O seu *Millenium* não he o *Millenium* carnal e torpe, que reprovou a Igreja antiga; mas tal idéa e tal palavra forão reproduzidas com pouco fundamento, e ainda menos aviso. As emprezas do Sermão de S. Pédro Nolasco e outros, são dignas de muito reparo e até reprovação; mas erão, para o dizer assim, *exquisitices* daquella idade, em que a grande ambição dos Prégadores só atirava a distinguir-se por novidades, por singularidades, por meros jogos de engenho, que entretinhão e talvez admiravão ouvintes de máo gosto, mas realmente desdizião do

verdadeiro zelo e deshonravão o juizo dos seus Auctores. Em summa que, tudo bem considerado e contrapesado, as proposições notadas de Vieira mais me parecem paradoxos, do que erros; mais extravagancias dignas de riso, que affirmativas perigosas, merecedoras de huma séria e formal condemnação.

Forão porém condemnadas com a mais séria formalidade; e as penas impostas, por si mesmas e pelo apparato da publicação, forão maiores, se me não engano, do que a culpa requeria. *Privado para sempre de voz activa e passiva e da faculdade de prégar!* Reclusão perpetua; e em casa determinada, e por ventura a menos bem situada e commoda de quantas possuia neste Reino a Sociedade! Termo de não tratar mais, *nem de palavra, nem por escripto*, das proposições controvertidas no decurso da causa! Publicação com tantas circumstancias e tão graves de confusão e de abatimento! E tudo isto, ainda *relevando-se-lhe a maior condemnação, que por suas culpas merecia!* E precedendo desistencia, retractação e protestos do Réo; e mais de dois annos de reclusão em carcere, e talvez quatro de sujeição ás ordens e mandados do Tribunal [1]! Se Antonio Vieira tinha com o Tribunal a opinião de sinceramente submetido, tantas e tão asperas cautelas parecem superfluas e muito duras para com sujeito de taes prendas e serviços: se não tinha aquella opinião, o conhecimento dos seus talentos, a experiencia de casos analogos aconselhava moderação, que brandamente contivesse, em vez de dureza, que mais o incitasse. Que se podia reservar para hum

[1] A prisão durou desde principios de Oitubro de 1665 até 23 de Dezembro de 1667; e da mesma Sentença se infere bem, que o seu negocio começára a ser tratado muito tempo antes: porque principiou muito antes de ser offerecido pelo Promotor o Libello, e do Libello á reclusão correrão, ao menos, treze mezes.

heretico? para hum corruptor da Moral no ságrado do Confessionario? para hum traidor dos segredos da Penitencia com desacato do ministerio, com ruina das consciencias, com escandalo dos fieis, e talvez perigosas perturbações da ordem civil?

Os mesmos Ministros do Santo Officio, por outro lado, inculcárão como pouco grave a culpa, a que se impuzera na Sentença tamanha pena. Observa Barros com muita razão, que nem obrigárão Vieira a que fizesse abjuração *de levi*: abjuração practicada nos casos ainda menos importantes. O degrédo foi sem demora trocado com a residencia em Lisboa; a reclusão perpetua acabou dentro de seis mezes; a 21 de Junho de 1668 devia já prégar na Côrte[1]; a indulgencia em fim do Concelho Geral converteo em branduras todos os rigores da Mesa de Coimbra. Pudera referir-se esta mudança á opinião differente dos Juizes de Lisboa: mas a isso obsta, que a qualificação de Lisboa foi a mesma por que Coimbra se governou; e que a Mesa inferior não podia desviar-se tão largamente do parecer do Concelho, nem resolver tão pouco de acordo com elle em materia tão relevante, e ácerca de Sujeito tão conhecido e tão notavel. De sorte que, tendo a tudo isto a devida attenção, he difficultoso absolver, ou a Sentença de excesso de severidade, ou a brandura, que a dispensou tão cabal e promptamente, da nota de incoherencia.

Não tinhão passado mais de tres dias depois que fôra restituido ao Collegio de Coimbra, quando no dito Collegio o foi visitar o mesmo Presidente da Mesa do Santo

[1] Devia prégar no dia de annos da Rainha D. Maria Francisca, 21 de Junho de 1668; mas impedido por molestia (ou por outro motivo?) não prégou: porém o Sermão he o primeiro que anda estampado no tom. XIV.

Officio. Repetio por outras vezes este obsequio; e os mais Ministros o imitárão, todos com *significações*, diz André de Barros, *de estimação rara, e de honra singular.* Vieira, escrevendo ao Duque de Cadaval, insinúa estes favores, attendiveis com effeito, e até me parece que insinúa coisa de maior importancia [1]. Em chegando a Lisboa, recebeo iguaes contemplações de Ministros da Inquisição tão graves, como erão por suas qualidades e empregos D. Verissimo de Lencastre, depois Inquisidor Geral, e D. Diogo de Soiza, depois Arcebispo de Evora. De muitas outras Personagens da primeira Nobreza foi tratado com attenção muito distincta, ou por cartas de consolação, encaminhadas desde logo a Coimbra, ou por cumprimentos pessoaes na Cotovia de Lisboa [2]. E he certo, que este trabalho, confundindo por algum tempo e abatendo Vieira, lhe redundou em gloria: e que podia dizer, sem faltar hum ponto á verdade, que no desbarato tinha achado occasião de triunfo; ou antes, que por isso mesmo que soffrêra rota lastimosa, triunfou com mais circumstancias de apparatoso luzimento.

Incoherencias tão palpaveis em hum Tribunal, que se portou em todo o tempo com grande tento e madureza, a coincidencia da mudança de Vieira para melhor fortuna com a do Governo e negocios do Reino, me levão a suspeitar, que a fortuna se tornou para Vieira mais benigna, porque o menêo dos negocios do Reino passou a outras mãos. ElRei D. Affonso desistio por hum acto datado de 23 de Novembro de 1667, Antonio Vieira voltou do San-

[1] *Os Senhores de cá* (vol. II. Cart. LII.), *que me tem visitado por vezes, tiverão a mesma noticia, posto que ainda não o despacho. Outras cousas entendi delles, que poderião ser de algum allivio, se as soubera o mundo.*

[2] Barros L. III. §. CLXXIX.

to Officio para o Collegio de Coimbra hum mez precisamente depois daquella desistencia. Na Regencia do Principe D. Pedro ficou tendo muita parte e grande influxo o Duque de Cadaval, que favorecia com particularidade Antonio Vieira; e do mesmo Principe era estimado e bem visto D. Rodrigo de Menezes, intimo de Vieira e seu participante dos segredos, que derão occasião aos desabrimentos, que provou o Jesuita [1]. Como he possivel, observando-se taes correspondencias e respeitos, deixar de inferir, que a expedição do negocio de Vieira, e mais ainda o favor e attenções, que experimentou depois da soltura, procedêrão da intervenção de authoridade mais poderosa? As primeiras Cartas, que Vieira escreveo ao Duque de Cadaval no principio de 1668 ainda de Coimbra, accrescentão os motivos a esta illação; porque dellas se conhece, que o Duque tomava parte muito activa no remedio dos seus contratempos, e que com este fim até se constituia arbitro do seu posterior comportamento [2].

Se ha porém razão de suspeitar, que o favor da Côrte teve na emenda da fortuna de Vieira muita influencia, tambem a ha de suspeitar, que os trabalhos, que nesta occasião padeceo, procedêrão do seu desfavor. Que a Côrte d'ElRei D. Affonso lhe era contraria, não admitte dúvida. O encurtar-lhe no desterro a distancia de Lisboa, chamando-o do Porto para Coimbra, não se póde attribuir a dese-

[1] Colhe-se necessariamente das Cartas para D. Rodrigo de Menezes, que elle e Vieira tinhão o mesmo modo de pensar ácerca desta materia, e que reciprocamente se communicavão as suas esperanças e fundamentos dellas.

[2] *Irei para onde me mandarem, pois assim V. E. o manda.* Vol II. Cart. LI. *Como V. E. não repara no modo, mal póde achar inconveniente nelle, quem obedece em tudo* (como V. E. lhe mandou) *aos olhos fechados.* Ibid. Cart. LV.

jo de lhe dar allivio. E observando-se, que Coimbra foi, quasi logo o theatro, em que passou a scena desagradavel que temos referido, tem lugar a suspeita de que o que podia parecer encaminhado a mitigar rigor, tinha o verdadeiro proposito de lhe augmentar a pena [1]. Explica-se bem deste modo a perseguição delle só, por culpas, em que o numero dos cumplices era tão avultado e pouco menos que universal; a reclusão, sem motivo, que satisfaça o leitor da Sentença; a dureza, pouco proporcionada, das penas por ella impostas; a inconsequencia, com que o Santo Officio notou e castigou Sermões, que veio depois a permittir, que com grande elogio se estampassem sem differença [2]; e finalmente o seguinte obsequio dos Inquisidores e mais Ministros, no qual se implicava de certo modo a escusa do procedimento anterior, como referindo-o antes a impulso alheio, do que á propria ou deliberada opinião.

Por mais que eu discorra, não posso achar outro sentido accommodado áquellas palavras de Vieira na Carta para o Duque de Cadaval — *Outras coisas entendi delles* (os Inquisidores de Coimbra, que o visitárão), *que pudérão ser de algum allivio, se as soubera o mundo.* Os Inquisidores mais as insinuavão, do que as dizião; não podião ser reveladas ao mundo; pudérão porém ser de allivio a Vieira, no caso que fossem reveladas. O que tudo parece indicar impulso de prepotencia; o qual certamente diminuia

[1] Veio do Porto para Coimbra em Janeiro de 1663; e por boa conta, dentro desse mesmo anno foi delatado, e o seu negocio posto em téla judicial no Santo Officio.

[2] Vieira estava na America, as paixões tinhão esfriado; forão por tanto vistos os Sermões com os mesmos olhos, com que o serião em 1663, se as paixões não estivessem muito accesas. Fóra do primeiro tomo, todos os mais se estampárão, depois que Vieira se retirou para o Brazil.

em Vieira o descredito, e pelo Santo Officio não podia ser inculcado sem rebuço, e menos ainda ser divulgado. Vejo que se oppõe a esta supposição o rigor da Sentença, no caso que fosse lançada depois de 23 de Novembro: porque já então os que a proferírão, não erão determinados por aquelle impulso, antes o erão pelo contrario, visto o favor da Regencia para com Vieira. Mas a Sentença podía ser proferida antes do dito prazo: ou o Santo Officio julgou, que não podia voltar atraz sem grande desar, e a Regencia vio-se obrigada a condescender; entendendo que as penas devião cessar com o perdão, e que a hum homem, como Vieira, seria muito facil desembaraçar-se do descredito, como depois provou o successo. E não ha dúvida, que das Cartas se vê, que o Duque de Cadaval se inclinava a condescendencias, e que aconselhava a Vieira, que nisto fosse do mesmo parecer [1].

Nas primeiras duas Cartas escriptas ao Duque de Cadaval a 3 e 9 de Janeiro, dez ou quinze dias depois da soltura, usa Vieira termos, que mostrão muito abatimento de animo; se bem que de nenhum se póde inferir baixeza [2]. Na de 9 de Janeiro chega a declarar, que a não o prenderem *os extremos de affecto*, que devia ao Duque, se desterraria voluntariamente para *muito longe* da Patria. Mas já na terceira datada de 16 de Janeiro, posto que elle a diz escripta *não pelo Antonio Vieira que foi, mas pelo que he, ou o que deixou de ser*, renasce a sua ener-

[1] Vejão-se especialmente as citadas Cartas LI. LII. LV. do Vol. II.

[2] *Sobre tanto desengano do mundo estava e estou resoluto a o tratar como elle me tem tratado, e não apparecer mais onde me veja... Eu, Senhor, fico sempre aos pés de V. E. sem discurso, nem juizo, e hoje mais rendido que nunca, porque hoje mais obrigado.* Vol. II. Cart. LI.

gia; e apparece quasi sem differença na de 20 de Fevereiro. A dôr, como elle escreve, hia *crescendo mais, quanto mais hião esfriando as feridas.* Porém a reflexão de que tudo era nascido das tramas de perseguidores, a consideração da importancia dos cumplices, a protecção manifesta de poderosos amigos, e a honra, que elle tinha por certo, que lhe *fazião os estranhos*, o hião consolando ao mesmo passo. E posso affirmar, quanto ao desgosto, que nesta occasião e em outras declarou da Patria, que os seus queixumes não influião no affecto; e que nos encontros, em que della se tinha por mais offendido, nem parece menos disposto para a servir, nem se empregava com menos ardor no seu serviço, do que se a Patria o tratasse sempre como pedia o seu merecimento.

Diz André de Barros, que no anno de 1668 passou de Coimbra para o Noviciado da Cotovia de Lisboa; e eu conjecturo que foi logo em Março, ou pouco depois[1]. Notei já, que a suspensão de prégar foi levantada, incompletos ainda seis mezes desde a publicação da Sentença; e que Vieira devia prégar a 21 de Junho, em occasião dos annos da Rainha D. Maria Francisca, e por ordem do Principe Regente. O Sermão foi composto, e anda estampado; mas Vieira em razão de enfermidade não o recitou do pulpito. Não sei se prégou outro algum no decurso do dito anno; porém restão cinco, entre os impressos, prégados até fim de Julho de 1669. A 6 de Janeiro prégou extemporaneamente na presença do Principe D. Pedro, em applauso do nascimento da Infanta D. Isabel, succedido na madrugada do mesmo dia[2]. Prégou tambem na Quaresma;

[1] Porque depois de 20 de Fevereiro não apparece correspondencia de Coimbra entre Vieira e o Duque, ou seu Irmão, ou D. Rodrigo de Menezes.

[2] O extemporaneo he VIII. na Part. XII.; os outros qua-

e coroou os seus trabalhos concionatorios deste anno em Portugal com o Sermão de Santo Ignacio, já na Igreja de Santo Antão [1]. O concurso de ouvintes neste ultimo foi estupendo: e de todos elles recolheo Vieira creditos, que renovárão os antigos, e que poderião apagar a nodoa originada da Sentença, no conceito de todos os que não fossem por emulação ou por outros respeitos seus obstinados inimigos.

Parece todavia, que este applauso não foi bastante para contentar de todo, na materia do credito proprio, a delicadeza de Vieira [2]: E ou por este motivo, ou por outros, tomou de acordo com os seus Socios a resolução de trocar, ao menos por algum tempo, a residencia de Lisboa pela de Roma.

Bem que Vieira tinha toda a razão de esperar muito da benevolencia do Principe Regente, e bem que este Principe, por si e por seus favorecidos, lhe não faltou com signaes de sua affeição, suspeito que Vieira se não deo por inteiramente pago dos serviços feitos a seus Pais e a elle mesmo. Talvez requeria Vieira a mesma privança íntima, que lográra com ElRei D. João IV., e a que o Regente, seja por caracter, seja por politica, não sabia sujeitar-se: talvez desejava no seu negocio, e isto me parece mais provavel, maiores demonstrações em seu favor, e mais cabal satisfação; com que o Regente, ou por escrupulo ou pelas

tro são na I. Part. V. VI. IX. e XII. A circumstancia de virem na Part. I. mostra a conta, em que os tinha o Author, que nella collocou os que reputava melhores.

[1] Veja-se André de Barros L. III. §. CLXXXIV. e seg.

[2] Mostra-se muito delicado em materias de credito, escrevendo na Carta LII. vol. II.: *Com que cessou o escrupulo da consciencia, posto que não o do credito, que cada hora está mais vivo na minha immortificação.*

razões de Estado, se não resolveo a condescender. Como quer que fosse, ver-se-ha que Vieira se achava queixoso da nova Côrte; e que depois da sua partida o não esteve menos, como declarou em varias occasiões. Não allega com tudo André de Barros mais razão da partida, que a da conveniencia de mudar de estancia pelo respeito do desar, causado pela nota do Santo Officio; nem eu, na falta de documentos, me atrevo a allegar decisivamente outra [1].

A partida, que não podia ter lugar sem consentimento do Principe, e em que de certo conveio o Duque de Cadaval, pretextou-se com hum negocio do commum da Companhia em Roma; que ou andava traçado d'antes, ou foi suscitado por esta occasião e para este effeito. Residia por parte de Portugal em Roma João de Roxas de Azevedo, que fôra Secretario do Principe em quanto Infante, e que nas desavenças, com que o Governo d'ElRei D. Affonso se concluio, se houve com tanta fidelidade, como firmeza e intelligencia [2]. A João de Roxas dirigio por mãos de Vieira o Principe Regente Carta datada de 9 de Agosto de 1669. Recommenda-lhe nesta Carta, que ajude Vieira em tudo o que se lhe offerecer para os negocios de sua Religião, a que hia mandado por seus Prelados: e que o ajude de maneira, que se veja, na confiança com que o tratar e communicar, *qual he a estimação*, que elle Principe Regente faz *de sua pessoa* [3]. Sem embargo de termos tão honrados, ficou Vieira descontente; do que se póde inferir

[1] Veja-se Barros ibid. §. CLXXXIX.

[2] Veja-se o Portugal Rest. L. XII., e Hist. Gen. Tom. VII. pag. 433. Por se escusar Antonio Cavide, foi eleito para Secretario do Infante João de Roxas, então Desembargador dos Aggravos, *merecedor de todos os grandes empregos.*

[3] Veja-se esta Carta em Barros (ibid. §. CXC.), que a dia copiada do original, que tinha em seu poder.

sem violencia, que requeria Vieira, e ao menos esperava muito mais.

Em 15 de Agosto de 1669 partio Antonio Vieira para Roma, onde chegou a 21 de Novembro do mesmo anno. A viagem foi demorada, porque tomou Alicante, e arribou com grande temporal a Marselha; mas a demora foi o maior incommodo. Em Roma foi recebido pelos Jesuitas com mostras pouco ordinarias de distincção; que o obrigárão a reflectir com dôr para as esquivanças e desabrimentos de Portugal. Vierão espera-lo a duas milhas da Cidade, e como em triunfo foi levado ao Geral, em quem as demonstrações de affecto não forão menores. Hia encarregado pelo Duque de Cadaval, então viuvo, de lhe procurar casamento em Italia; entendendo-se neste negocio com huma Senhora de muito alta qualidade, que era do parentesco do Duque, e que acceitou a commissão com grande zelo. Chegou Vieira no dia 21, a 22 foi logo visitar a Senhora, com quem lhe cumpria tratar este negocio, e no mesmo dia escreveo ao Duque. Este rasgo de gratidão lhe faz certamente grande hónra. Não hia contente do Reino; mas nem o desgosto, nem os enfados de larga jornada, nem os alvoroços, com que foi recebido, abafárão o agradecimento, de que se considerava, e justamente, devedor ao Duque. A promptidão de o mostrar não he a menor parte da bizarria: podendo dizer-se sem exageração, que os primeiros passos, que deo em Roma, e a primeira vez, que tomou a penna, foi em desempenho primoroso da sagrada divida do reconhecimento [1].

A D. Rodrigo de Menezes escreveo tambem com data de 27 de Novembro, e a D. Theodosio, Irmão do Duque

[1] Tudo isto consta das Cartas LX. do vol. II. e XXXII. do III.

de Cadaval, a 16 do mez seguinte: sendo muito de reparar, que satisfizesse primeiro ás dividas de agradecimento e de amizade, que ás observancias do respeito e a cortejos, em que pudéra hir interessada a propria conveniencia [1]. A Carta, que escreveo á Rainha da Grãa-Bretanha, foi escripta depois de todas estas; e tem a data de 21 de Dezembro de 1669. Vieira tinha intentado fazer viagem por Inglaterra, com o fim, provavelmente, de empenhar em seu favor o coração desta Princeza, cuja intercessão lhe pódia ser em Roma de grande proveito. Mas como até a derrota dependeo do arbitrio do Regente de Portugal, recusou este o seu consentimento áquelle ponto de fazer caminho por Inglaterra; e recusou-o, no conceito de Vieira, por isso mesmo que entendia, que o viajante desejava servir-se da occasião para hir munido de hum poderoso valimento. A ponderação amarga deste desfavor do Principe D. Pedro he a principal materia da Carta para a Rainha: e não póde negar o leitor alguma compaixão aos lamentos, em que com grande vehemencia são os seus serviços aos Reis e ao Reino confrontados com tal extremo, como elle o reputava, de sequidão, usado por connivencia com interesses ou com paixões alheias [2].

[1] A Carta a D. Rodrigo de Menezes (XXXII. do vol. III.) tem a data de 7 de Dezembro, mas comparando-a com a de D. Theodosio LXI. do vol. II. e a outra a D. Rodrigo de Menezes LIX. do mesmo volume, concluo, que a data da XXXII. do vol. III. deve ser a que aponto acima, e que 7 de Dezembro pertence antes á LIX. do vol. II. Esta ultima he certamente errada, pois he de Roma em 1665.

[2] *E só porque os N. N. N. não imaginassem, que S. A. por este rodeio consentia no fim da jornada, me não concedeo, que passasse huma vez por amor de mim aquelle mesmo canal de Inglaterra, em que sete vezes me vi perdido pela conservação da sua Coroa.* Vol. II. Cart. LXII.

Por esta Carta se vê, que Antonio Vieira queria reparar em Roma as *indignidades*, que havia padecido em Coimbra: e que julgando que as padecêra por causa do mesmo Regente, e por ser inventor e arbitrista da Companhia do Commercio do Brasil, se imaginava com direito a conseguir delle, como Infante D. Pedro e como Governador do Reino, o favor da sua protecção Real nas pretenções, que intentava na Curia. Mas se elle padeceo as indignidades de Coimbra por causa do Infante, he preciso concluir que procedêrão muito, como suspeitamos, de impulso da antiga Côrte: e se o invento e arbitrio da Companhia do Commercio foi outro principio do seu trabalho, he provavel illação, que o que naquelle caso lidou Vieira por contentar os Christãos novos, foi mal olhado pelo Santo Officio, e que o Tribunal, processando-o em 1667, se recordou deste antigo aggravo. Tal parece ser a opinião do Vieira; o qual tirava deste supposto, que o Regente, levado de sua politica, guardava com o Santo Officio contemplações, a que sujeitava o que a Vieira era devido; e que por isso não só lhe recusára mais amplas e favoraveis ordens para o Embaixador, mas até chegára a lhe impedir a occasião de tomar e levar por escudo a efficaz valia de sua Irmãa, a Rainha da Grãa-Bretanha [1].

Não são na Carta de 27 de Novembro menos lastimosas as queixas ácerca do Principe Regente, communiçadas a D. Rodrigo de Menezes; antes o silencio, que affecta sobre os termos das Reaes recommendações ao Em-

[1] Não ha que duvidar de que os Principes podem ser, e são algumas vezes ingratos e injustos; mas tambem he certo, que ha casos em que os necessita a rasão de Estado a acções ou omissões, a que o interesse e vaidade dos pretendentes não quer ou não sabe dar desconto: e não sei se era este o caso, em que aqui se achava Vieira.

baixador e Protector, as torna ainda mais sentidas [1]. Estava muito mortificada a vaidade de Vieira; o seu interesse lhe parecia muito desprezado: e huma e outra cousa o tinhão insoffrido, e o arrojárão ás declarações, escriptas á Rainha de Inglaterra, de que elle mesmo conhece o pouco decóro, e ás outras, escriptas a D. Rodrigo de Menezes, que só na consummada discrição de hum provado amigo pudérão deixar de ser arriscadas. A dôr o fez esquecer dos conselhos e maximas bem sisudas, que ainda em 22 de Março daquelle anno tinha prégado no Sermão dos Pretendentes: e este deliquio pasmoso da memoria tenacissima de Vieira provaria plenamente, se fosse necessario, a incoherencia entre as maximas e práticas do homem, quando ou propõe friamente como conselheiro, ou tem de praticar o que aconselhou a outros nas varias occorrencias da sua mesma vida. Esta incoherencia he na verdade ordinaria, e por isso bem conhecida; mas he para notar muito nos homens mais distinctos, porque parecendo nelles mais estranha, leva com maior efficacia os observadores ao desengano proprio, e á cautela sobre si, que deve provir de tal desengano. . . . .

Não se doía Vieira sómente da protecção negada pelo Principe Regente aos seus negocios, e até impedida por outros caminhos, mas de se lhe não dar parte nas incumbencias da Côrte de Portugal em Roma. Considerava a confiança e authoridade, com que o enviára ElRei D. João IV., e notava com desgosto a differença da sua condição ac-

[1] *Nos termos das Cartas, que trouxe para o Embaixador e Protector, não fallo, pela reverencia, que devo á firma de Sua Alteza, que Deos guarde, e porque temo, que a dôr de chaga tão fresca, me obrigue a alguma voz, de que se offenda o meu amor.* Vol. III. Cart. XXXII.

tual [1]. Escrevèo ao Principe Regente; mas não o contentou mais a resposta. Representou, rogou por meio de D. Rodrigo de Menezes; e no estudado silencio deste Fidalgo teve o desengano da nenhuma efficacia das suas representações. D. Rodrigo de Menezes não faltava em coisa alguma com os officios, que pedia a razão de constante amigo; porém não lhe podendo tornar resposta, que o satisfizesse, resolveo declarar-se por silencio, de que a penetração de Vieira alcançou logo o sentido. Outras vezes o assegurava muito positivamente D. Rodrigo da graça e estimação de S. Alteza: faltando com tudo correspondencia entre os affectos inculcados e os favores effectivos, que Vieira pedia, olhava para protestos meramente verbaes, como para capciosa linguagem, com que as Côrtes usão dissimular o desfavor, illudindo as esperanças dos pretendentes [2].

Adoçava Italia estes dissabores de Antonio Vieira, não só pela contemplação das pessoas mais graves da Companhia e de fóra, mas tambem pela dos Principes em Roma e nos outros Estados. O Principe herdeiro do Grão-Ducado de Toscana, que conhecêra em Hollanda e tratára em Lisboa, achava-se em Marselha, quando alli arribou Vieira. Não faltou este em hir comprimentar o Principe, e entre ambos se enlaçou por esta occasião correspondencia, que o Principe cultivou depois com assiduidade, escre-

[1] Veja-se a mesma Carta.

[2] Isto tudo se extrahio das Cartas, escriptas em 1670, sc. no vol. I. 82 — 84, no II. 63 — 68, no III. 37 — 43. *Do animo de S. A., que V. S. tanto me assegura, nunca duvidei.... S. A. resolveo melhor, do que eu soube pedir; porque se o que peço he justo, ficará mais justificado sem a protecção do seu Real favor; e se o não he, fica menos arriscada a interposição da sua authoridade.* Cart. XXXV. do vol. III. Compare-se a Cart. LXX. do vol. II.

vendo-lhe de sua mão em quasi todos os correios. O Regente de Portugal tinha huma Filha nascida de pouco; olhava-se já, não sei por que razão, como Princeza herdeira, e se ao Principe de Toscana parecia bem entrar a sua casa por este meio na posse da Corôa deste Reino, Vieira do seu lado julgava, que *se o porto de Lisboa se ajuntasse e unisse com o de Leorne, seria o melhor casamento do mar e da terra* [1]. Pondo agóra de parte o juizo sobre esta opinião, he certo que o desejo de tão vantajosa alliança obrigou o Principe de Toscana, em Principe e depois de Grão-Duque, a tratar Vieira com attenções particulares, como suppondo, que se pudéra concluir por sua via a desejada união; e Vieira voltando a Portugal, com effeito desempenhou a esperança do Grão-Duque, quanto a propôr nos melhores termos a sua pretenção; porém a vontade da Rainha D. Maria Francisca, que tinha grande preponderancia, pendia para Saboia: e por fim o tempo trouxe acontecimentos, com que todos estes projectos se desvanecêrão; porque nem a união com Saboia se realizou, nem a Princeza chegou a ser herdeira, havendo em segundas nupcias o Principe D. Pedro posteridade masculina, que segurou a succession em Principes naturaes, por então com grande firmeza [2].

As attenções, que experimentou em Roma, na maior parte procedêrão do conhecimento, ou da noticia dos seus talentos raros, e em especial do credito grangeado no ministerio do pulpito. A fama, que o tinha precedido, publicava o agigantado conceito, que por esta via adquirira em

[1] Veja-se Barros L. IV. §§. V. — VII. Mas tirou-o, e alguma vez por formaes palavras, da Relação offerecida por Vieira ao Principe D. Pedro, que vem no vol. III. depois da Carta XLV., escripta ao Grão-Duque, e da resposta do ultimo.

[2] Veja-se a Relação citada na nota antecedente.

Portugal: e os Portuguezes, que alli vivião, derão-se pressa a proporcionar occasião, em que satisfizessem a propria curiosidade, e acreditassem o engenho dos seus Compatriotas. Vieira não houve mister muito rogado. Prégou aos Portuguezes de Roma com o mesmo successo que aos de Lisboa; e ainda melhor merecido. Como os vicios oratorios, taxados nos seus Sermões, não erão tanto seus, como alheios, dominavão mais ou menos, segundo o gôsto dos ouvintes. D'aqui nascia, reputo eu, que em geral os Sermões, que prégou em Roma, se não erão de todo isentos, erão sempre mais depurados do que os outros [1]. Os louvores da Nação Portugueza, que soavão melhor na terra estranha, e a que Vieira nas occasiões não sabia faltar, ainda lhes accrescentavão a formosura no parecer do auditorio. Accendeo-se neste o enthusiasmo, dobrou os concursos, rompeo em applausos, cujo estrondo chegou aos ouvidos dos Italianos, e os moveo a vivo desejo de escutarem tão applaudido Orador.

No volume duodecimo dos Sermões estampados he hum delles o Sermão de Santo Antonio, que alli se diz segunda parte de outro prégado tambem em Roma em 1670. E se o de 1670 confirma plenamente o que disse dos louvores de Portugal, com que Vieira augmentava o preço dos Sermões, prégados aos naturaes, o do volume duodecimo o desmente em igual ou maior grão. He na verdade huma invectiva virulenta contra a Nação, hum sarcasmo continuado; em que o rancor nem dá lugar ás facecias, para que Vieira tinha talento decidido. Quem o lê com antecedente conhecimento da vida de Vieira, não póde dei-

[1] O Sermão de S. Bartholomeu 12.° do vol. II., o da Paz em geral 7.° do vol. VII., o 10.° do vol. VII. são muito estimaveis, ao menos em grande parte.

xar de concluir, que alli se propôz tomar inteiro desaggravo das *indignidades* de Coimbra, das perseguições dos emulos de Lisboa, das tibiezas ou indifferenças da sua Côrte. Elle mesmo diz logo no principio: *Hoje faz hum anno préguei aos Portuguezes as luzes da sua Nação; agora lhes descobrirei a elles e a todos as sombras dessas mesmas luzes*. Porém este Sermão não chegou a ser prégado; e ainda que doença se diz ser a causa, por que o não foi, eu me inclino mais a suppôr politica, ou antes arrependimento. O Author tinha sem dúvida a respeito da sua patria os affectos de hum amante; e as maiores estranhezas, em que póde romper hum amante, ou de maltratado ou de zeloso, em vez de chegarem a ser aggravos, ficão em argumentos da intensidade da sua paixão [1].

Desejavão vivamente os Italianos ouvir, como hiamos dizendo, Orador tão admirado. Mas oppunha hum grande obstaculo a differença das duas linguas. Não ignorava Vieira, que a perfeição, com que elle se declarava na propria, lhe lucrava grande parte dos applausos; nem podia desconhecer, que por mais senhor que estivesse do idioma Italiano, pareceria sempre barbaro á delicadeza dos ouvidos Romanos. Quando a memoria, certamente muito prompta e fiel, lhe facilitasse a cópia, propriedade e viveza, por que tanto se distinguia na sua lingua, como poderia pouco uso e em annos crescidos, dar-lhe naturalidade e graça de pro-

[1] O que prégou em 1670 he o 5.° no vol. II., o que devia prégar em 1671 he o 11.° no vol. XII. Com effeito a bilis lhe afogou a facecia: o num. 318 he que me parece menos mal humorado e mais engenhoso. Da Carta XCIV. do vol. I. se infere bem, que não foi doença a causa de se não prégar este Sermão. — No que respeita á sua paixão por Portugal, veja-se a Cart. XXXVI. do vol. III., onde allega com o Sermão de Santo Antonio, prégado em 1670.

nuncia na estranha[1]? Tentar pois similhante empreza, seria o mesmo que com menos meios e maiores impedimentos accommetter conflicto, em que lhe hia mais empenhada a honra. Temeridade chamava elle, e justamente, á lembrança de affrontar tamanho risco; e temeridade a que, pelo muito que tinha de arrogancia, caberia maior e mais bem empregada confusão. Ingenuamente allegou estas valentes escusas contra varias tentativas, com que o provocárão os curiosos. Porém nem por isso desistírão; e valendo-se de todos os meios, o Geral da Sociedade o determinou finalmente, por obediencia, a expôr-se, segundo os termos, com que Vieira se recusava, a deshonrar-se a si proprio, e a deshonrar a Companhia[2].

Não erão os Jesuitas tão desprezadores da honra da Companhia, que se resolvessem a aventura-la a risco, ainda meramente provavel: ao contrario, a honra de toda a Sociedade era o seu dominante affecto e proposito contínuo; donde nascião aquella harmonia admiravel em concorrer ao mesmo fim, e concordia não menos admiravel entre os particulares, de que o todo era composto. Quando neste ponto tivessem, do que não sei que haja sufficiente argumento, algum descuido, não seria em Roma e perante

[1] *Se V. E. ouvir dizer, que o Padre Vieira prégou em Roma em lingua Italiana, não condemne V. E. a temeridade, porque elle a teve por tal.* Cart. CXVIII. vol. I. *E sem embargo dos defeitos de pronuncia, de que nelle me desculpo*, etc. Cart. LXXIII. do vol. II.

[2] *Resistio sempre, não só aos empenhos de grandes Senhores desta Côrte, mas ao desejo e instancias do seu Geral, o qual por ultima resolução, lhe poz obediencia para que prégasse, respondendo a todas as suas objecções: que lhe mandava, que se deshonrasse a si, o deshonrasse a elle, e deshonrasse a Companhia: e assim o fiz.* Cart. CXVIII. do vol. I., e o mesmo na Cart. LXXIII. do vol. II.

as maiores pessoas della, e ácerca de Sujeito, que desejavão mostrar benemerito das graças assignaladas do Soberano Pontifice [1]. Por outro lado, na Casa dos Jesuitas, em que vivia Vieira, não podião faltar homens entendidos, que avaliassem ao justo o perigo, comparando as difficuldades com a capacidade do seu Socio. O Geral João Paulo Oliva era particularmente hum homem douto para o seu tempo, avisado e havido pelo melhor prégador, que tinha então Italia; e por todas estas razões se deve reputar juiz competente naquelle caso. Era affeiçoado a Vieira; mas nem he de suppôr, que o chegasse a cegar a affeição de todo; nem he de suppôr, que enganosamente o preoccupasse ácerca do merecimento de Vieira huma affeição, que no dito merecimento tinha inteiramente origem. Vieira não parecia benemerito a Oliva, porque este se lhe inclinava; inclinava-se-lhe muito Oliva, porque o reputava igualmente benemerito.

Estas considerações tirão toda a dúvida sobre o conceito, que na Companhia de Roma tinha Vieira; e tambem a tirarião, se fosse necessario, sobre os extraordinarios talentos de Vieira; que determinavão juizes tão competentes e tão precatados a expo-lo a huma prova, que em quaesquer outras circumstancias seria muito temeraria. Sahio da prova, como os seus Socios tinhão esperado. O primeiro Sermão em Italiano foi o das Chagas de S. Francisco, ouvido com tanta satisfação, que a instancias de Cardeaes o encarregou logo Oliva de outros dois na mesma

[1] Eu suspeito que Vieira se propunha obter do Papa revogação da Sentença de Coimbra, e nesta pretenção hia interessada certamente toda a Sociedade. E quando esta suspeita não tenha lugar, sempre he fóra de dúvida, que desejava do Papa algum distincto favor em tal materia.

lingua [1]. E se Oliva no primeiro caso se tinha aventurado hum pouco, porque bom juizo depende de perfeito conhecimento, e perfeito conhecimento só o costuma dar judiciosa experiencia, não foi assim no caso segundo. Presenciára as approvações do auditorio, e ouvíra o Sermão, que as tinha merecido. Os defeitos de pronuncia erão infalliveis, os de linguagem são muito para suspeitar. Dos primeiros attesta o mesmo Vieira, e a sua attestação não era necessaria; dos outros póde fazer-se juizo pelo que elle diz em alguma parte, que estudava então, e ainda depois, os rudimentos da lingua Italiana [2]. Com tudo he forçoso concluir, que elles não forão tão enormes, que chegassem a desfigurar torpemente a substancia, e que a substancia tinha tal preço no juizo do auditorio, que lh'o não tirava a impropriedade dos accidentes. O juizo daquelle auditorio não he agora o nosso: mas era de esperar que fosse o do seu tempo, e não o deste; e na felicidade rara do engenho de Vieira somos nós sempre obrigados a convir com aquelles Romanos.

Prégou os dois Sermões, de que depois do das Chagas de S. Francisco o encarregou Oliva, e prégou alguns mais, tambem em Italiano; e todos com assistencia de muitos Cardeaes e outras pessoas notaveis, com grande

[1] *Foi tam bem recebido dos Cardeaes e Grandes desta Côrte, que o mesmo Padre Geral me tem avisado para prégar em dois Congressos, em que assiste junto todo o Sacro Collegio, a instancias das mesmas Eminencias.* Cart. LXXIII. do vol. II.

[2] *Sei a lingua do Maranhão e a Portugueza, e he grande desgraça, que podendo servir com qualquer dellas á minha patria e ao meu Principe, haja nesta idade de estudar huma lingua estrangeira, para servir, e sem fructo, a gostos tambem estrangeiros.* Ibid. Esta Carta he datada de Oitubro de 1682, e em alguma de data posterior falla, se bem me lembro, de estudar *rudimentos* de Italiano.

concurso do povo e com o applauso, que he de suppôr do empenho, com que continuavão a ouvi-lo [1]. Aquellas agudezas, aquellas emprezas inesperadas, aquellas provas claras e ao parecer convincentes das affirmativas mais singulares, aquelles textos obrigados com tão destra verosimilhança a servir ás singularidades do Orador, erão as delicias do Seculo, e attestavão na verdade pouco vulgar engenho. Italia tinha o gôsto hum pouco menos corrupto, mas sempre corrupto; e não ha dúvida que della se derivou para os outros paizes, onde porém fez maior progresso, a degeneração da eloquencia e poesia. A circumstancia de Vieira prégar em Italiano com tão pouco tempo de residir em Italia e em idade tão impropria para bem tomar huma lingua estranha, augmentava a admiração em hum seculo, em que a victoria das difficuldades era a unica, ou quasi a unica, medida do talento. Perdoavão-se-lhe os erros de linguagem, os defeitos de pronuncia; ou antes se lhe levavão em conta, como testemunhos da difficuldade vencida. Emfim os elogios, que Vieira grangeou, prégando em lingua alheia, não parecem menores, que os que grangeava prégando na propria: coisa pasmosa para quem hoje julga, como nós julgamos, que consistia na formosura da lingua Portugueza o principal merecimento dos seus Sermões.

Entre os ouvintes de Antonio Vieira em Italia não deve, nem póde esquecer a celebre Rainha de Suecia. Vivia em Roma por aquelle tempo Christina Alexandra, Filha do Grande Gustavo, quasi tão famosa pela singularidade da sua vida e denodo de suas resoluções, como seu Pai por illustres victorias. Esta Senhora, depois de tomar posse

[1] Falla dos grandes concursos André de Barros L. IV. §. XXXIV.

da Corôa, que lhe coube por herança, determinou-se a largala; preferindo ao seu esplendor o descanço de huma vida particular e as doçuras da liberdade, que mal se podem lograr de companhia com o apparatoso captiveiro da Realeza. Tem sido variamente estimada huma acção tão extraordinaria. Os seus affeiçoados levão ás nuvens o discreto desengano, o acerto raro, o animo varonil, e mais que varonil, da sua determinação; referindo-a a perfeito conhecimento da vaidade, ou da falsidade, das grandezas; e a hum espirito não menos valente, que penetrante, que assim sabia executar, como comprehender o preço de insignes acções. Os pouco affectos ou os *praguentos* imaginãolhe motivos menos nobres, taxão a abdicação de extravagancia, attribuem-lhe arrependimento, que a ser verdadeiro, provaria pouco airosa inconstancia, e deslustraria a gentileza, que a todos á primeira vista representa o desprezo de hum throno: e onde os apaixonados louvão a sabedoria e firmeza de huma heroina, elles não achão mais que desacerto e leviandade de huma dona caprichosa [1].

Ao desprezo do throno ajuntou a Rainha Christina mudança de Religião, trocando pelo Catholicismo a crença, em que tinha sido educada. E já se vê, que este passo importantissimo devia ter admiradores e pregoeiros, e tambem ardentes detractores. Para os Catholicos, que perspicacia em reconhecer a verdade por entre as sombras da preoccupação! que valor em romper cadêas, que enleavão o entendimento, ainda antes delle ter uso! que sacrificio generoso de habitos, commodos, opinião em larga parte da Europa á pureza da Fé e integridade da Moral da

[1] A paixão não sabe pintar, senão ou anjos de luz, ou anjos de trévas: notar manchas na formosura, ou relevar na fealdade alguma feição mais feliz, só pertence á imparcialidade.

Igreja Romana! Para os Sectarios de Suecia, que cegueira em deixar Jerusalem por Babylonia! que fraqueza em ceder aos paralogismos da superstição! que irreverencia dos estatutos dos Maiores, e desacato contra a Religião e piedade da propria Igreja! As causas de ambas as resoluções, as obras da vida posterior devião ser pela mesma razão assignadas e referidas com igual variedade, e antes contrariedade; e com effeito, sublime sabedoria com loucura imprudente, graves e pios procedimentos com leviandades e nodoas na decencia do sexo e no decoro da jerarquia, correspondem-se exactamente no modo de avaliar e de contar dos dois partidos. E Christina he huma das personagens de fama mais duvidosa, que apparece na historia moderna; e precisamente está a origem da dúvida em duas resoluções, que se a prudencia as dictasse, e as confirmasse constancia e coherencia, a tornarião digna do maior respeito e mesmo admiração da posteridade [1].

A primeira coisa, que lembra neste conflicto de opiniões ao observador agora frio pelo tempo e desinteresse, he rejeitar todas ellas. Mas onde fundará juizo? Parece pois mais acertado confronta-las, rebate-las humas com outras, e tirar o resultado provavel; que se bem descontentaria igualmente ambos os partidos, será o mais chegado á verdade, e o menos desapprovado pelos judiciosos. Não póde negar-se, que a Rainha de Suecia se não deixou deslumbrar com o brilho de huma Corôa, e que he coisa rara este desprezo do throno, de que, ainda por extravagancia, se não apontão muitos exemplos. Que os inconvenientes, que se lhe seguírão, lhe causassem arrepen-

[1] O amor do poder subjugado, as preoccupações sacrificadas á verdade são, na ordem moral, os dois troféos mais honrados do homem; e na verdade não são menos raros, do que honrados nas circumstancias, que se representão no texto.

dimento, não só o tenho por possivel, mas até por muito provavel: porém se este arrependimento póde desfazer na primeira resolução, não he com tudo muito estranho, porque he proprio e quasi necessario á fraqueza humana, parecer-lhe a condição presente sempre inferior á que tem passado, ou á que imagina de futuro. Na sua mudança para o Catholicismo julgo que não houve falta de exame e de attenção ás razões por huma e outra parte; e ainda quando houvesse erro, sujeitar, feitas as prudentes diligencias, habitos e preoccupações ao que se tem por verdade, he sempre louvavel e nunca muito vulgar. Fraquezas do sexo ou da humanidade são incoherentes com a sincera profissão do Evangelho, qual he a da Igreja Romana; mas nada tem com a discrição de a preferir: e se houvessemos de reprovar quem se mostra incoherente entre a profissão e a practica, quem approvariamos ou na Igreja Romana, ou nas Seitas, que a deixárão? Entendo pois que se Christina abdicasse sem arrependimento, e se convertesse sem posterior incoherencia de suas obras com a moral professada, seria mulher unica; e que mesmo, com certo arrependimento da abdicação e certa incoherencia de obras, poucos tem sido os mortaes, que lhe sejão similhantes.

Os gabos, que recebia Vieira pelas suas prégações em Italiano, chegárão ao conhecimento desta Princeza, que desejou logo julgar por si mesma. Receava-se Vieira muito do juizo de huma personagem, *cujo extraordinario e sublime genio*, diz elle, *se satisfaz mal, ainda do que não he ordinario*. Porém a ordem dos seus Prelados venceo a repugnancia; e em Carta para o Marquez de Gouvêa lhe communica, que por 15 ou 18 de Março de 1673 devia prégar á Rainha de Suecia[1]. Cuido que este Sermão foi

[1] Veja-se a Carta CXXX. do vol. I.

o primeiro; e certamente que nada tem com os cinco discursos intitulados: *As cinco pedras de David*, prégados em 1674. Nas terças feiras da Quaresma do dito anno os prégou elle na Igreja de *S. Salvador in Lauro*; onde no Coro assistião a S. Magestade *muitos dos Senhores Cardeaes, e na Igreja o mais illustre e escolhido daquelle theatro do Mundo.* Da approvação falla Vieira em termos modestos; porém trasluz pelo véo da modestia a satisfação propria, envolvida em agradecida admiração da *paciencia e humanidade grande, com que fallando em lingua estrangeira e mal limada, forão perdoados os seus erros, e ouvidos seus discursos, mais largos do que os permittia o costume*[1].

Do gosto da mesma Rainha para as discussões engenhosas procedeo tambem o Papel intitulado: *Lagrimas de Heraclito.* Entre os divertimentos, não indignos na verdade de huma Princeza, que havia no Palacio Romano de Christina, era hum delles a cultura da filosofia e das letras em Sociedade ou Academia, que se compunha de Cardeaes e outras pessoas de aventajado talento e de conhecidas luzes. Succedeo propôr-se nesta Academia o Problema: *Se tinha mais ou menos razão Heraclito para chorar, do que Democrito para se rir deste Mundo.* Forão escolhidos para contendores dos dois lados Jeronymo Cataneo e Antonio Vieira, hum e outro Jesuitas. Cedeo Vieira ao seu concorrente o arbitrio da escolha, e Cataneo deixou-lhe por asssumpto as lagrimas de *Heraclito*. A defeza deste assumpto he que se contém no Papel, de que fallamos. André de Barros o tem

[1] *As cinco pedras de David*, traduzidas pelo mesmo Author em Castelhano, o forão tambem em Portuguez pelo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes; e esta traducção Portugueza vem no tom. XIV. dos Sermões com huma previa introducção, que he a mesma que o Author poz em frente da versão Castelhana.

por muito superior á defeza de *Democrito*. Não podemos nós fazer comparação, porque não possuimos ambas as obras; mas se naquelle tempo a de Vieira mereceo applausos, hoje teria, se o Author a compozesse hoje, fortuna muito contraria. Neste escripto apparece sempre alguma faisca, que não desdiz do seu engenho; mas parece-me ao todo papel de pouco preço, ainda dados os descontos, que são devidos áquella idade e á occasião: e se faço menção delle, he tão sómente por ser pontual, e por dar a vêr a imparcial diligencia, com que procedo nesta relação [1].

Quiz a Rainha em attenção aos talentos, que lhe reconheceo para a Oratoria Christãa, nomea-lo seu Prégador; porém Vieira declinou o titulo, sem se negar ao occasional exercicio. O motivo, por que declinou o titulo, parece ser o reparo politico, que temeo da Côrte de Lisboa. Pudéra, ao menos, pedir espaço e usar com a sua Côrte á contemplação de a fazer sabedora, e de se sujeitar em tal materia ao seu arbitrio; mas ou porque julgou que isto mesmo seria reparavel, ou porque quiz andar ainda mais fino com o seu Principe; he certo, que nem tratou de fazer uso deste meio. A temeridade com tudo ou a emulação, disto mesmo lhe fez culpa; e foi murmurado em Lisboa de acceitar titulo em serviço de Principe estrangeiro, faltando ás attenções com o proprio. A culpa não foi muito formal, e até não posso affirmar se foi levada á presença do Regente: mas Vieira sempre entendeo, que era necessario defender-se a hum dos seus correspondentes, interessando-o para que as suas desculpas fossem divulgadas; com o intento, que da Carta he manifesto, ou de anteci-

[1] Este Papel, vertido em Portuguez pelo mesmo Conde da Ericeira, vem no dito tomo XIV, e he precedido de huma noticia historica, composta pelo Traductor.

par ou de remediar algum desgosto, que podesse nascer da calumniosa imputação [1].

Os Sermões á Rainha de Suecia, e muitos outros em Italiano e em Portuguez, forão compostos e pronunciados por Vieira entre molestias graves e muito repetidas. Amargamente se queixava elle, quando residia em Coimbra, do pouco favor, ou da muita injuria, que recebia do clima daquella Cidade; mas não se queixava depois menos do de Roma, que certamente o não tratou melhor. Passou em cama a maior parte do tempo, e viveo sempre á discrição dos Medicos e em uso de remedios. Aos effeitos do clima accresceo hum temeroso desastre, que lhe pudéra ser fatal. Descia de noite huma escada de pedra; e ou por descuido, ou por embaraço, cahio por ella de rosto, *com todo o peso do corpo e dos annos*. Ficou ferido na cabeça e maltratado de huma perna por tal modo, que em braços foi recolhido ao seu aposento, donde não sahio, senão ajudando-se de muletas, passados dezesete dias. Sem embargo de trabalho, doenças, desastres, ainda entretinha correspondencias epistolares, tratava negocios e visitava as antiguidades Romanas, que sabia apreciar e preferir [2]. E verdadeiramente he magoa, que a sorte de visitar os monumentos antigos de Roma lhe não coubesse em melhores disposições do seu Seculo e suas: nas quaes pudéra tão privilegiado entendimento e memoria accumular amena erudição, en-

[1] *Folgarei que lá se saiba, que posto que fiz todas as prégações, não acceitei o titulo, nem provisão*, etc. Vol. I. Cart. CXL. ao Marquez de Gouvêa, 12 de Abril de 1674.

N. B. No Memorial ao Principe D. Pedro diz que tem noticia de que S. A. não ouvíra com muito agrado have-lo feito a Rainha de Suecia seu Prégador.

[2] *Mais gósto de vêr em Roma as ruinas e desenganos do que foi, que a vaidade e variedade do que he.* Cart. LXXXV. vol. I.

riquecer-se de solida filosofia, e imbuir-se do puro gosto, que aquelles insignes monumentos recordão, e de que a seu modo ainda hoje dão lições.

Procurou por conselho dos Medicos o beneficio dos ares de Albano, *Villa*, em outro tempo, do Grande Pompeo, procurou o de ares maritimos; mas continuou a rebeldia de suas enfermidades, e por fim convenceo-se de que em vão esperava remedio na residencia de Italia. Intentava Vieira, se me não engana a minha conjectura, alcançar em Roma revogação da Sentença, contra elle proferida na Inquisição de Coimbra; e para isto desejava levar apertadas recommendações do Regente para os seus Ministros na Curia, e ser favorecido pela protecção da Rainha de Inglaterra. Recusou-se, como vimos, o Regente, e até lhe atalhou o recurso á protecção de sua Irmãa. Esta Princeza de mais disso ao ler o Sermão dos annos da Rainha D. Maria Francisca, houve por menos attendido o respeito d'ElRei D. Affonso; d'onde passou a olhar Vieira, como hum dos instrumentos, que havião effeituado a sua deposição [1]. Vio-se por tanto desassistido, até da esperança de valias tão poderosas; e resignado com a presente fortuna, desceo de tão alta pretenção, limitando-se a pedir para o futuro isenção da authoridade do Santo Officio de Portugal, que ultimamente lhe concedeo, em termos de grande recommendação e honra, o Papa Clemente X, já no anno de 1675 [2].

[1] Vejão-se as Cart. LXVII. e LXXIII. do vol. II.

[2] Barros (L. V. §§. CCLXIII, e seg.) traz copiados os principaes fragmentos do Breve de Clemente X. Em outro lugar (L. IV. §. LXXXIII.) refere hum dito do mesmo Papa ácerca de Vieira, que mostra penetração: *Demos graças a Deos, por fazer este homem Catholico Romano; porque se o não fosse, poderia dar muito cuidado á sua Igreja.*

Com a necessidade de reparar a saude longe de Roma, e com o remate do seu principal negocio, ficou Vieira, não só desimpedido, mas como obrigado a voltar para este Reino. Este era certamente o seu desejo. Ignoramos a causa e os mais particulares da proposta, que por parte do Principe Regente se lhe fez de voltar, já desde 1671. Mas não ha dúvida que se lhe fez [1]. Vieira respondeo recordando as ingratidões de Portugal; inculcando as estimações de Roma, o seu desprezo do Mundo, e a paz, em que vivia com Jesuitas *estrangeiros*; concluia porém sempre com os protestos mais decididos de querer servir a Patria e o Principe, e de obedecer ao mais leve aceno deste ultimo. Que Portugal o tinha tratado com dureza, he certo; que era em Roma muito estimado, tambem o he; que vivia em paz com os Jesuitas Romanos, he bem de crer; mas se Vieira sinceramente affirmava de si soberano desprezo do Mundo, parece-me que se enganava. O coração humano he hum abysmo, ou hum labyrintho, muitas vezes desconhecido daquelles mesmos que o possuem. De nós affirmamos, imaginamos em muitos casos o que está longe de ser como cuidamos: e o mais he, que isto não só nos acontece por engano da falsa confiança ou da vãa gloria, mas tambem, posto que mais raramente, por erro de falsa desconfiança, ou supposição muito rasteira. E he verdade, que a correspondencia de Vieira no mesmo tempo desdizia daquellas affirmações: porque se bem não argúe hum homem muito enlevado no Mundo e desvelado com suas esperanças, não argúe mais o perfeito desengano, que leva unicamente ao que he solido e importante para a felicida-

[1] Vejão-se as Cart. LXXII. e LXXIII. do vol. II. e XXXVIII. XLIII. do III. Alguma desconfiança me resta porém das suas datas, e por isso hesito entre 1671 e 72.

de entendida, e ao desprezo firme, porém desaffectado, de tudo o que não passa de vulgar e fantastica illusão.

Requereo Antonio Vieira na dita occasião, que o Principe D. Pedro mandasse escrever ao Geral da Companhia, instando pela sua volta para Lisboa. Mandou escrever o Principe; e o Geral, ainda que apontou difficuldades, não deixou de condescender. Fallava-se na resposta do Geral em detrimentos da Companhia de Roma com a ausencia de Vieira, e em projectos de o demorar como Assistente de Portugal e Prégador do Summo Pontifice: mas tudo isto por fim se punha de parte, por contentar e obedecer a Sua Alteza [1]. Com tudo esta negociação ficou suspensa no effeito; e da correspondencia de Vieira não pude alcançar o motivo. He porém de presumir, ou que da parte do Regente esfriassem as instancias, ou que a Vieira parecesse, que voltar naquella condição não era bem seguro. Pelo Breve de Clemente X. se vê, que elle se precatava contra novos embaraços com o Santo Officio: da variedade das Côrtes não havia que confiar na sua constante protecção, e muito menos á vista das contemplações, que com o Santo Officio guardava o Regente; da má vontade dos emulos não se podia esperar que usassem indulgencia; e da parte do Tribunal, se o julgava resentido por elle propender para os interesses dos Christãos novos, realmente tinha que temer pouco favoravel disposição.

Como quer que fosse, Vieira munido de Breve Pontificio, obrigado de suas molestias, e nunca esquecido da Patria, sahio de Roma encaminhando-se para Lisboa. Houve quem assignasse a esta jornada o anno de 1677: Barros rejeita a opinião, e assigna o de 1675. Noto porém

[1] Veja-se a Carta XLIII. do vol. III., escripta ao Principe D. Pedro.

que rejeitando a opinião, nem por isso aponta os fundamentos, com que a rejeita. Mas he valentissimo o que offerecem duas Cartas ao Grão-Duque de Toscana, datadas ambas de Lisboa em 5 de Novembro de 1675, e a resposta do Grão-Duque, sem data de lugar, porém com a de 30 de Dezembro do mesmo anno [1]. Á vista de taes documentos, não póde ficar dúvida de que partio de Roma em Maio, e tinha chegado a Lisboa antes de Novembro, depois de huma ausencia de seis annos [2]. Fez seu caminho por Florença, onde em Agosto conferio com o Grão-Duque o intentado casamento do seu herdeiro com a herdeira de Portugal; e recebidas as informações necessarias para tratar o negocio com justo conhecimento, tomou a seu cargo introduzi-lo, e communicar o que passasse, com todas as cautelas, que muito requeria, além da gravidade da materia, a politica bem circumspecta do Grão-Duque.

Passados poucos dias da sua chegada a Lisboa, desempenhou promptamente Antonio Vieira o que tinha promettido a este respeito ao Grão-Duque de Toscana. O Principe Regente, sem acceitar ou rejeitar, encarregou-o de escrever ao Grão-Duque, pedindo ainda mais declarações. Escreveo Vieira, e o Grão-Duque, á vista das suas Cartas, houve por desfeita toda a negociação; e nestes termos se explicou em concisa resposta. Em taes circumstancias, pouco mais ou menos, he que o Regente ordenou a Vieira, que puzesse por escripto o que tinha passado com o Grão-Duque. Obedeceo Vieira e escreveo a Relação, que nos

[1] São as Cart. XLIV. XLV. do dito vol.; e a resposta do Grão-Duque vem logo depois da XLV.

[2] André de Barros diz, que sahio de Roma a 22 de Maio, L. IV. §. LXXXV. Barros não conhecia as ditas Cartas do vol. III. que sahio á luz no mesmo anno, em que a sua historia de Vieira.

resta sómente em parte. A parte, que conservamos, expende as conveniencias do casamento em Florença; a que falta devia expender os inconvenientes. São elles porém expendidos em outro Papel, que contém Parecer de Vieira sobre o casamento da Princeza com Principe estrangeiro, quer fosse dos Estados de Italia, quer fosse dos de Alemanha. Ao ler com tudo o primeiro Papel, o Leitor fica na suspeita de que a segunda parte não seria tão urgente como no Parecer se mostra, e que a inclinação de Vieira aô Grão-Duque lhe temperaria de algum modo a força, que sem esta cautela invencivelmente desbaratára todo o projecto, e correspondêra mal á confiança do Grão-Duque. Mas seja o que for desta suspeita, he certo que os dois Papeis, a que nos referimos, ou se considere o fundo das suas razões, ou a prevenção de futuros, ou a excellencia do estylo, são egregios fragmentos, que deverião andar sempre diante dos olhos dos Politicos Portuguezes. Os verdadeiros interesses da Patria são propostos com energia, os detrimentos contrarios ponderados com agudeza; nem a brevidade da escriptura empece á clareza e complemento, nem a clareza simples e facil faz prejuizo á gravidade. E posto que os escriptos pragmaticos deste homem insigne em geral sejão primorosos, julgo que me não engano em cuidar, que os dois, de que agora fallamos, são entre todos merecedores da primeira estimação [1].

O casamento da Princeza D. Isabel Josefa, principalmente depois que o tempo foi deixando entender que seria unica, foi muito pretendido de Principes estranhos. De Alemanha o procurárão os Principes de Neoburgo e Bavie-

[1] Podem ver-se estes dois Papeis no vol. III. das Cartas desde pag. 238 até 263. O ponto de collocar em Lisboa a Metropole de hum Estado, que abrangesse toda a Hespanha, he tratado com grande penetração e juizo.

ra; e de Italia os de Saboia e Parma sobre o de Toscana. Em todos elles havia a prerogativa do sangue; posto que nos de Alemanha e Saboia fosse mais subida: e em todos havia o lustre de clarissimas allianças. No de Parma huma certa inferioridade era compensada por parentesco muito proximo; pois que em razão delle os Duques de Parma concorrêrão, por morte do Cardeal Rei, com a Senhora D. Catharina e com o Prior do Crato na pretenção do throno Portuguez. O que excedião Baviera, Neoburgo e Saboia em sangue, e Parma em parentesco, ganhava Toscana em riqueza, valia de Estados e commodos da sua união com Portugal. Na necessidade de escolher entre elles a preferencia, não seria de facil resolução; por não ser claro se em taes circumstancias conviria mais o esplendor ou a utilidade. Não era porém necessario escolher entre elles; e he innegavel, que a todos obstava a razão de estrangeiros, precisamente a mesma, que havia dado á posteridade da Senhora D. Catharina melhor direito, que aos descendentes da Duqueza de Parma. O ajuste com Saboia, procedido, como he de suppôr, da inclinação da Rainha D. Maria Francisca, magoou tanto os Portuguezes, quando delles foi conhecido, como os satisfez, quando a providencia o desvaneceo. Mas deixado isto, não tem pouco de notavel a circumstancia de recorrerem igualmente Toscana, Baviera e Parma neste negocio ao Padre Antonio Vieira, como medianeiro: o que só se póde attribuir á larga opinião, que corria, da sua dexteridade, e da importancia, que era dada ao seu voto na Côrte de Lisboa [1].

Em muitas outras materias graves era consultado do

[1] *Diz-me V. E., que os Pretensores, em que agora se falla são Florença, Parma e Baviera: e não sei se lembrará a S. A., que todos tres me quizerão fazer medianeiro deste negocio, etc.* Carta LXXXV. do vol. II.

Principe e do seu Conselho; e se o seu parecer nem sempre era abraçado, não he isso, como todos sabem, argumento de se ter por menos sisudo. Nem sempre o que se tem por mais sisudo, he o que se segue; e he na especulação muito antigo aphorismo, e mais antigo ainda na practica, que o homem deixa o melhor, que reconhece, pelo peor, que o lisonjea. Além de que o consultor quasi nunca se acha collocado naquelle ponto de vista, donde poderia descobrir perfeitamente todos os inconvenientes do seu mesmo parecer: e por isso ainda que este, sem intervir ruim affecto ou capricho, seja deixado, o entendimento, que o concebeo, póde ficar muito airoso. Attendido era de todos o seu juizo, não só reconhecido. Da sua penetração ajudada de luzes e de tamanha experiencia esperava-se, com razão, o acerto, a que póde alcançar a capacidade humana. E tanto caso fazião das suas decisões as pessoas mais qualificadas em nobreza ou empregos, que mesmo depois de se recolher na Bahia, Conselheiros d'Estado da primeira ordem lhe enviavão os seus votos; hesitando na propria estimação ácerca delles, em quanto Vieira os não determinava com a gravidade da sua approvação [1].

Ao mesmo subido conceito se ha de referir necessariamente a resolução, que tomou a Rainha de Suecia, de o escolher para seu Confessor. Determinada esta Princeza a entregar-se de hum modo ainda mais effectivo ás observancias do Christianismo, reputou, que não podia ajudar-se de hum director mais entendido que Antonio Vieira; e nesta supposição o pedio ao Geral da Companhia. O Geral antevio logo as difficuldades da execução. A idade de Vieira já tocava setenta annos: a navegação do Mediter-

[2] Veja-se a mesma Carta, escripta ao Marquez Mordomó Mór, e datada da Bahia em 21 de Junho de 1682.

raneo he em todos os tempos arriscada: o clima de Roma, que provára tão inimigo em idade menos provecta, não podia ser agora mais favoravel: renunciar á Patria e aos seus não era sacrificio leve: o consentimento em fim do Principe Regente não dependia do arbitrio de Vieira; e se não podia ser desprezado sem temeridade, tambem não podia ser pedido sem falta de delicadeza. Escreveo com tudo a Vieira em Dezembro de 1678; posto que com tamanha dúvida do exito da tentativa, que suggeria na mesma Carta o comportamento conveniente no caso de sua escusa. Guardou este comportamento Vieira na resposta datada de Janeiro de 1679 [1]: e se bem que a resposta he lançada nos termos irresolutos de quem deixa a ultima decisão ao arbitrio dos Superiores, os allegados são tanto de acceitar, que não poderia despreza-los a authoridade superior, sem fazer injuria á sua mesma discrição.

Entre os allegados da resposta de Vieira sobresahe o estado da sua saude, mesmo no clima de Lisboa, mais benigno que o de Roma. A vista de hum dos olhos estava perdida, a do outro muito attenuada, e o ouvido muito obtuso: e hia apparecendo toda a mais comitiva dolorosa e luctuosa de setenta annos, passados em trabalho tão arduo, como contínuo. Este Soldado já inválido não devia aspirar a outra coisa, que ao descanço de hum quartel bem commodo e agasalhado, cujo vagar e suavidade moderasse os effeitos dos annos e das fadigas antecedentes. Isto mesmo dizia Vieira quanto á substancia: mas não póde este seu dito conciliar-se com a dúvida, em que elle diz tambem que estava, de hir continuar, no caso que se passasse

[1] Barros (L. IV. §§. XC. e seg.) traz copiadas estas duas Cartas, das quaes ambas se extrahio a substancia do texto. A resposta de Vieira tambem se acha no vol. III. das Cartas N.º LIV; faz porém alguma differença da que offerece Barros.

para a America, com as Missões do Maranhão. Ou ésta dúvida, pelo que respeita ao Maranhão, era muito fraca, ou o zêlo lhe augmentava na imaginação as fôrças. A primeira coisa me parece a mais provavel. Não podia a sua agudeza deixar de sentir, que ainda a direcção das Missões desde a Capital da Colonia requeria forças muito inteiras. E se o desvelava a conversão e reducção dos Indios, não podia ignorar por outra parte, que o peso de gente inutil em vez de ajudar, detem e embaraça as operações da milicia; que Soldado velho não he o mesmo que veterano; e que se o desejo da victoria dos seus camaradas he no inválido affecto honrado, a presumpção de que para ella lhes póde ser de proveito, não he senão tresvario.

Dado que não fosse occupar-se nas Missões do Maranhão, insinuava hir *continuar* na Bahia *o trabalho* dos seus escriptos; isto he, o complemento e perfeição da *Clave dos Profetas*, e o preparo de todos os mais, particularmente dos Sermões, para sahirem a público pela imprensa. Por varias vezes se tinha Vieira lembrado de os fazer imprimir: mas negocios maiores e outras causas tinhão desvanecido a idéa. Ajuntárão-se agora, para trazer esta resolução a effeito, as exhortações de amigos, as ordens do Principe Regente e do Geral Oliva, e o desejo de todos [1]: e além de tudo isto, a quasi necessidade de occorrer por este meio á impostura, que divulgava de penna e pela estampa, em Portugal e fóra de Portugal, ou Sermões alheios com o appellido de seus, ou os seus deformados e depravados pela avareza e temeridade imperita dos impostores [2]. Fizerão-lhe tanta força as ordens do Principe e do Geral

[1] A ordem do Principe Regente consta da Dedicatoria, os outros motivos constão do Prologo do dito vol. I.

[2] Veja-se o Prologo do I. vol.

Oliva, que já em 1677 tinha prompto o primeiro volume, e escrevia a Dedicatoria, que se lê no principio delle; e essa he a razão, por que na Carta de 1678 falla em continuar o trabalho dos seus escriptos, que realmente era começado desde 1676 [1]. O dito volume com tudo não acabou de se imprimir senão em 1679; e tão adiante, como 11 de Novembro, he que pudérão, como elle diz, hir *offerecer-se* ao Padre Gaspar Ribeiro estas *primicias* da sua *estampa* [2].

O frio era seu irreconciliavel inimigo, e por esta causa os Medicos lhe aconselhavão que voltasse para a sua Provincia do Brazil. Na Bahia, onde se creára, achava o ar docemente temperado, que quadrava com a sua idade e molestias, e achava de mais a mais a companhia de seu Irmão e Familia. O projecto de pôr em limpo e estampar os seus escriptos requeria socego, que não era facil de conseguir em Lisboa; sendo tão frequentado e consultado pelas pessoas da maior consideração, a que era impossivel recusar-se. Assentou emfim de se aventurar pela ultima vez ao Oceano; buscando a mesma Costa da America, d'onde quarenta annos antes tinha soltado véla, para applaudir em Lisboa o generoso brio, com que a Nobreza de Portugal accommetteo, e o Povo, sempre sisudo e honrado, seguio a memoravel Revolução. Sem embargo porém daquelles motivos tão apertados e tão graves, Vieira mais se arrancou do que sahio da Patria; e muito pouco seria necessario para se resolver a depositar nella as suas cinzas: mas faltou este mesmo pouco, e temos toda a razão de inferir

[1] Estando prompto em Julho de 1677, como se vê da Dedicatoria e Licença da Religião, muito provavelmente havia principiado o preparo no anno antecedente.

[2] Veja-se a Carta L. do vol. III.

do que elle depois escrevia, que a ingratidão teve a principal parte na sua ausencia [1].

Antonio Vieira tinha feito sem dúvida alguma grandes serviços ao Reino e aos Principes delle. Huma viagem fez a Roma, duas a França, duas a Hollanda em tempo e obsequio d'ElRei D. João IV. [2]. Com pareceres, votos, arbitrios ajudou, quer nas materias de consciencia, quer nas de Politica; o Governo daquelle Monarcha, e o da Rainha D. Luiza nas críticas e delicadas circumstancias, em que por momentos lhe escapavão da mão as rédeas da Regencia. No Governo do Principe D. Pedro em 1668 e 69, e entre 1675 e 1681, não servio muito menos. Em especial, tinha ajudado a causa deste Principe nas discordias entre ElRei D. Affonso e sua Mãi: e se na deposição deste ultimo não teve tamanha parte, como a Rainha de Inglaterra lhe quiz attribuir, não foi por certo espectador ocioso; como se vê das Cartas, escriptas de Coimbra, antes da prisão, ao Duque de Cadaval e D. Theodosio, ao Marquez de Gouvêa e D. Rodrigo de Menezes. ElRei D. João IV. o tinha nomeado Mestre, e a Rainha D. Luiza o tinha nomeado Confessor do mesmo Principe; e se a primeira nomeação não teve effeito, porque Vieira se retirou para as Missões, não o teve a segunda, porque o fizerão retirar de

[1] Na Carta LXXXI. do vol. II., escripta ao Duque de Cadaval, falla com grande enfase da *grata licença*, que o Regente *logo* lhe déu, para se partir (e quasi o mesmo em outras tambem ao Duque), *a que se seguírão outras demonstrações, que não podia esperar quem tanto tinha servido e padecido, como a V. E. he presente.*

[2] Veja-se a Carta CXXVI. do vol. II.: *com os negocios*, continúa Vieira, *de maior confiança e importancia, que nunca naquelles tempos tão duvidosos teve Portugal*: e a Carta XL. do vol. III.

Lisboa os inimigos do Infante [1]. Por tantas razões publicas e particulares tinha elle direito á graça e contemplação do Regente: sem fallar agora nos seus talentos, que o fazião merecedor da geral estimação, e no seu grande prestimo, de que nas occasiões se podia tirar para o diante muito partido.

Não faltou, como temos visto, com certas mostras de attenção benigna o Principe D. Pedro. Mais ou menos contribuio para se mitigar o rigor da Sentença da Inquisição: na occasião, em que foi negociar em Roma, recommendou-o em termos de honra e efficacia ao Agente João de Roxas de Azevedo: procurou a sua volta para Lisboa; e para isso escreveo ao Geral da Companhia com instancia: ouvia as suas propostas; consultava-o em materias de grave momento: frequentes vezes o fazia certificar de sua affectuosa memoria: honrou-o emfim com o preceito de estampar os seus Sermões; preceito, que para o amor proprio de hum Author se converte na mais fina e deliciosa lisonja, e tanto mais fina e deliciosa, quanto mais se reveste dos exteriores de violencia. He certo porém que com todas estas mostras se não deo Vieira por satisfeito. Queixava-se e quasi que murmurava das indifferenças ou friezas, com que era pago o seu zelo; das sequidões com que o seu amor era correspondido. Faz difficuldade ao observador esta especie de repugnancia: e ou quereria dar por imaginarios todos os signaes de affecto, que ficão referidos, o que a historia todavia não permitte [2]; ou se resolve a notar Vieira de mimoso com excesso na materia de estimações e affectos

[1] Veja-se a Carta LXII. do II. vol.

[2] Constão com effeito indubitavelmente de toda a correspondencia de Vieira, e em especial das Cartas a D. Rodrigo de Menezes. O preceito de imprimir os Sermões he expresso na Dedicatoria e Prologo do I. vol.

soberanos; contra o que se devia esperar do seu juizo, tão ajudado de profunda reflexão e de multiplicadas lições da experiencia.

Não posso absolver aqui Antonio Vieira de alguma fraqueza: e muito menos se me recordo de tantas maximas de desengano Christão e politico, que tenho lido nas suas Obras, e da isenção animosa, com que em certos casos desprezou o favor da Côrte, quando esta o desejava prender com todos os laços da sua astucia. Se porém Vieira foi nesta materia fraco, estou longe de o suppôr tambem insensato. Condemno-o, porque fazia caso de friezas ou sequidões, que nada tinhão com a felicidade verdadeira: mas não posso crer, que deixava de avaliar ao justo as indifferenças do Principe D. Pedro. Os rigores da Inquisição forão mitigados, não tanto por obra do Regente, como por influencia dos seus validos; as recommendações a João de Roxas forão sabidamente diminutas: ouvi-lo e consulta-lo podia ser necessidade antes do que affectuosa confiança: memorias remettidas por incidente, e desmentidas por acções, não passão de vãos formularios: o apreço dos seus Sermões era conceito vulgar; o preceito de os imprimir não he certo argumento de amizade para com o Author. Tudo isto conhecia bem Antonio Vieira; e como tinha a fraqueza de desejar renovadas as privanças d'ElRei D. João IV., as estimações do Principe D. Theodosio, notava e doía-se de que lhe faltassem, quando se presumia com melhor direito. Ver-se-ha depois que o Regente, sem desprezar Antonio Vieira, ou por isso mesmo que o não desprezava, lhe era pouco inclinado [1]: e na verdade, prompta li-

[1] Não póde negar-se, que algumas pessoas se incommodão muito com o merecimento alhêo: e a soberania dos Principes não os isenta das fraquezas da humanidade.

cença de se partir para sempre para a Bahia, não póde dar motivo á suspeita de muita inclinação.

Talvez ainda em Roma se lembrou Vieira de passar para o Brazil; e certamente lhe occorreo este pensamento, assim que advertio que o clima de Lisboa o favorecia pouco mais. Mas quando nisto possa haver alguma dúvida, elle mesmo affirmava em Janeiro de 1679, que já d'antes se prevenia para fazer a dita viagem [1]. Só veio com tudo a cumprir com esta tenção no fim de dois annos completos; sahindo da barra de Lisboa em 27 de Janeiro de 1681 na Almiranta da frota, commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Diogo Ramires. Não consta todavia que o impedisse negocio, ou o atalhasse enfermidade: reflexão, que me leva a referir as suas tardanças ou *delongas* á difficuldade propria, com que se ausentava. Tres vezes accommetteo e tres vezes desistio hum antigo Poeta da sahida para o desterro: mas o Poeta era constrangido a deixar Roma, e a desterrar-se para paiz ingrato e gente desconhecida e barbara; ao mesmo tempo que Vieira se partia sem preceito para a terra, onde havia passado os seus melhores annos, para a Provincia, que havia escolhido com bizarra determinação, para os seus Irmãos por Instituto e por natureza, e para hum clima doce e feliz torrão, que pudéra ser invejado até de regiões muito aventajadas á do féro e inculto Danubio naquella remota idade. Com serem porém tão diversas ou tão contrarias as circumstancias, não parecem as repugnancias de Vieira menores que as do Poeta Romano; e ambos os apartamentos se representão igualmente procedidos da mais custosa violencia.

Tanto que chegou á Bahia (não pude alcançar quan-

[1] Veja-se a Carta LIV. do vol. III., escripta ao Geral João Paulo Oliva.

to tempo durou a viagem), assentou de se entregar todo aos cuidados de espirito, sem mais intervallo que o da diligencia de apurar os seus escriptos, para proseguir a impressão começada em 1679. Tratou de enterrar memorias do passado, e de se esquecer da Europa; e de fugir até da Bahia, sepultando-se na solidão de huma quinta dos Jesuitas nomeada do *Tanque*. A primeira frota, por effeito de tão severa resolução, não trouxe Carta sua para o Reino; e para satisfazer ás sentidas queixas, com que acodírão alguns illustres Amigos, foi necessario, diz Barros, que o obrigassem os Superiores. Descanso, retiro, silencio, erão agora o seu presupposto unico. Mas em breve o obrigárão as circumstancias a sahir a publico, a entrar em conflictos, a fallar e escrever com o mesmo ou maior empenho, que o de outros tempos. Desconcertão-se facilmente os planos mais assentados pela prudencia humana. Porém quando este não fosse desconcertado por occasião estranha e inevitavel, o retiro e silencio, a que se tinha condemnado Vieira, repugnavão muito ao seu natural; e o natural, se não desfallece de todo pela mesma coacção ou por outras causas, vem sempre a romper embaraços, e a campear tanto mais isento, quanto esteve mais sujeito: e porque assim se achou o de Vieira desfallecido nos ultimos tres annos da sua vida, he que aquelle plano se tornou a pôr em prática; e então mesmo foi seguido de sorte, que ainda de espaço a espaço lhe escapavão indicios da antiga vivacidade.

Governava a Bahia, como Governador e Capitão General, quando chegou Vieira, Roque da Costa Barreto, que nas guerras da Acclamação servíra com prudencia e valor. Houve-se este Cavalheiro no exercicio do seu cargo com tanta honra e inteireza, que mereceo as estimações dos bons avaliadores, e as saudades de todo o Estado. Tornou pobre d'onde os mais costumavão recolher-se muito me-

drados em cabedal. E Vieira, escrevendo ao Marquez de Gouvêa, motiva o encarecimento, com que fallára em seu louvor, com o *zelo, que todos devem ter de que as virtudes sejão premiadas*. Acabou o seu governo por Maio de 1682, e succedeo-lhe Antonio de Soisa de Menezes, cuja idade madura *promettia grandes acertos, e o não ter herdeiros igual desinteresse*[1]. Mas ou porque fosse difficultoso contentar a Bahia costumada á sabia direcção de Roque da Costa, ou porque nas acções do seu successor faltasse o bom aviso, que promettião os annos; desde logo entrou a ser mal visto, e até provocou as picantes facecias dos engenhos poeticos da terra[2]. Concordou a continuação com este principio; e forão surgindo encontros e successos, que por fim atalhárão antes do tempo e com descredito o governo de Antonio de Sousa, e até forão perturbar no seu retiro da Quinta do Tanque o plano de quietação e de silencio, que tinha formado Antonio Vieira.

O Secretario d'Estado da Bahia, que era então Bernardo Vieira Ravasco, tinha Regimento Real, a que se conformava no expediente dos negocios. Quando este Re-

[1] O elogio de Roque da Costa, e esperanças ácerca de Antonio de Soisa de Menezes podem ler-se na Carta LXXXII. do vol. II., escripta ao Marquez de Gouvêa.

[2] *E sobre se tirarem as capas aos homens tem dito mil lindezas os Poetas, sendo maior a novidade deste anno nestes engenhos, do que foi nos de assucar*. Ibid.

N. B. Este Antonio de Soisa de Menezes teve por alcunha o *Braço de Prata*, por ter hum de prata, em lugar do que perdêra na guerra de Pernambuco, onde servio, e tambem no Reino; porém com mais credito de valor que de pericia, diz D. Antonio Caetano de Soisa H. G. da C. Real P. Tom. XII. P. II. pag. 983. Era filho de Francisco de Soisa e D. Antonia de Noronha, filha de D. Rodrigo Lobo, Senhor de Sarzedas. Veja-se ibid. Tom. XI. pag. 895.

gimento fosse inconveniente, devia ser suspendido ou mudado para outro, que procedesse da mesma origem; e ao menos para o mudar, devia hum Governador apresentar mandado Regio, que o authorizasse para fazer similhante mudança. Com razão ou sem ella houve Antonio de Soisa de Menezes por inconveniente o Regimento, que seguia, como era obrigado, Bernardo Vieira; e por mero arbitrio lhe ordenou, que seguisse outro. Prejudicava este segundo, pelo que parece, os interesses do Secretario; que assim pela illegalidade do procedimento, como pelo seu prejuizo, se determinou a fazer representações sobre esta materia em Lisboa. Desta faisca he que conjectura André de Barros, que se ateou o grande incendio; e eu tenho por muito provavel a sua conjectura[1]. As representações de Bernardo Vieira não podião agradar a Antonio de Soisa, cujo desgosto o empenharia naturalmente em actos oppressivos e insolentes, que accendessem cada vez mais o Secretario: e o Secretario, que na promptidão e ardor se parecia muito com seu Irmão Antonio Vieira, he de presumir que não supportasse com grande resignação as oppressões e insultos. Nesta disposição reciproca dos animos, a discordia devia crescer todos os dias, e emfim subir a exorbitante altura, em se offerecendo alguma opportuna, ou antes importuna occasião.

Por motivos, que não chegárão á minha noticia, pas-

[1] Veja-se Barros L. IV. §. CXL. e seg. Supponho que desta Representação de Bernardo Vieira, he que falla seu Irmão, quando diz ao Marquez de Gouvêa na Carta LXXXII. vol. II.: *Se ao Conselho d'Estado subir hum memorial do Secretario deste, estimarei muito que se não saiba, que he meu Irmão: porque bastará esta noticia, para que lá se não emendem as injustiças, que cá se lhe fazem só por essa causa.* A dita Carta tem a data de 23 de Julho de 1682.

sou Antonio de Soisa de Menezes ordem de prisão contra o Filho do Secretario e contra hum seu Sobrinho; os quaes só procurando refugio, a podérão evitar. Ao mesmo Secretario suspendeo do exercicio do seu Emprego; e posto que não tardou muito em o restituir, nem por isso ficou menos viva a memoria do aggravo. Succedeo neste meio tempo ser morto (de dia e em rua publica, por Antonio de Brito de Castro, Irmão do Provedor da Alfandega) hum grande parcial do Governador, que era Alcaide Mór, e se chamava Francisco Telles de Menezes. O Governador ao receber a nova deste successo, desceo á Secretaria pessoalmente, e mandou metter em enxovia Bernardo Vieira, vedando-lhe toda a communicação, ou de palavra ou por escripto [1]. Se o Secretario foi ou não culpado neste crime, poderá duvidar quem tiver alguma desconfiança da Sentença, que por ultimo o declarou innocente: mas o modo, por que neste caso se portou o Governador, não póde ser desculpado; e á força de illegal e até falto de conselho, nos preoccupa, por sua imprudencia, muito em favor de Bernardo Vieira e da sua causa [2].

Passou adiante a pouca consideração do Governador, publicando que o delicto fôra ajustado na noite antecedente, assistindo o Secretario e dirigindo seu Irmão o ajuste no Collegio dos Jesuitas. André de Barros, que dá esta noticia, affirma ao mesmo tempo, que nem Bernardo Vieira foi naquella noite ao Collegio, nem Antonio Vieira sahio da Quinta do Tanque. Não offerece elle prova desta affirmativa; mas se a respeito do Secretario, por sua mesma atrocidade, he a imputação muito duvidosa, a respeito de

[1] Veja-se Barros ibid.

[2] Bernardo Vieira foi absolvido, como innocente, por Sentença, cuido que proferida em 1687. Veja-se a Cart. CIX. vol. II.

Antonio Vieira he totalmente incrivel. Na idade, nos antecedentes habitos, na Religião de Antonio Vieira, se era possivel, não he verosimil a resolução monstruosa de *mandar*, como elle se expressa, *matar homens*, e de os mandar matar por aggravos, que ainda que tocavão aos seus, não erão com tudo proprios [1]. Decidírão depois Juizes competentes, que fôra invento da calumnia, recebido com muita precipitação pela credulidade apaixonada do Governador; e por mais filha do favor que se queira presumir esta decisão, he forçoso confessar, que tem muito ou tudo de provavel. Ao Syndicante, que por esta occasião foi mandado de Lisboa, pedio Antonio Vieira com instancia, que devassasse delle mesmo com rigor; dando a ver até por este pedido, a segurança de sua consciencia. Talvez se julgue que insisto neste ponto mais do que requerem as proprias apparencias delle: mas a justiça deve acodir com accommodada defeza aos insultos da calumnia; que não contente de infamar Antonio Vieira, procedeo ao arrojo de o condemnar em hum destes Juizos, em que a calumnia mesma serve de accusador, e os Juizes pelos olhos do accusador he que vem a importancia ou o momento das allegações.

Sem embargo dos excessos, a que a ira do Governador procedeo contra Bernardo Vieira, infligindo-lhe por mera e leve suspeita pena tão grave e até vergonhosa, seu Irmão ficou immovel, e chegou a parecer com demasia indifferente á oppressão e opprobrio de hum parente tão conjuncto. Notou-se com estranheza esta indifferença; e julgárão-se obrigados os Jesuitas a lembrar-lhe, que impor-

[1] *Tambem vai com elle Gonçalo Ravasco de Albuquerque, o qual deixa seu Pai Bernardo Vieira na enxovia, e ao Padre Antonio Vieira, seu Tio, criminado de mandar matar hum homem*, etc. Cart. LXXXVIII. vol. II. e LX. do vol. III.

tava satisfazer a tão justo reparo [1]. Não desacertava Antonio Vieira em suppôr, que seria mal ouvido de quem, sem attender ao seu parentesco, affrontára com tamanha temeridade as leis e o mesmo decoro. Com tudo ficava-lhe melhor expôr-se ás desattenções da semrazão por tão justificado motivo, do que parecer insensivel aos aggravos e vilipendios, que soffria seu proprio Irmão. Por esta e outras considerações se persuadio a hir ter com o Governador e representar-lhe, que pedia delle a justiça, que com maior socego de animo remediasse os detrimentos e irregularidades, a que o fogo da paixão o tinha arrastado no primeiro impeto; porque se á fraqueza humana se desculpa o esquecer-se o Juiz da sua imparcialidade no accelerado de hum repente, tambem se requer de hum bom discurso, que emende depois com mais acordo os desmanchos da occasional precipitação [2].

Mas a liberdade de bom discurso e o acordo, que della depende, não tinhão ainda renascido em Antonio de Soisa de Menezes; e se com Bernardo Vieira andára insolente e tyrannico, com seu Irmão faltou de todo aos primores de Cavalheiro. Em vez de o escutar com attenção e de lhe deferir como julgasse que era justo, atalhou as suas representações com colerica impaciencia, affrontou com grosseiras injurias a sua Corporação e a sua pessoa, e de sua casa arrojou com desprezo hum Sacerdote, hum ancião e hum homem conhecido e admirado por seus talentos em todos os lugares do dominio de Portugal, e em outros, e muito celebres, fóra delle [3]. Aquelle Antonio Vieira, atten-

[1] Veja-se André de Barros L. IV. §§. CXLVIII. CXLIX.

[2] Veja-se a Carta XCIII. do II. vol. As Cartas e André de Barros não explanão, indicão só a substancia da Representação.

[3] Ibid. e na Carta seguinte.

dido em París da Rainha de França e do seu principal Ministro Mazzarini, valído d'ElRei D. João IV. em Lisboa, procurado pela Rainha de Suecia desde Roma, cortejado pelos Duques de Baviera, de Parma e de Toscana, recebeo agora em huma Colonia Portugueza, em lugar da justiça, que pretendia, os insultantes desprezos de hum Fidalgo, que abusava, e por isso mesmo envilecia, a authoridade, que lhe fôra commettida. Vieira soffreo com louvavel comedimento e resignação; porém Antonio de Soisa, que se receou de queixa sua na Côrte, tratou de se prevenir, dando parte a ElRei do succedido, nos termos menos favoraveis a Vieira, que lhe suggerio o proprio interesse; e propondo, como aggravo feito á dignidade do seu Cargo, o que verdadeiramente foi excesso seu contra o direito e a honra de Vieira.

Partírão da Bahia ao mesmo tempo que a parte, que o Governador deo para Lisboa, o Vereador Manoel de Barros da Franca e Gonçalo Ravasco de Albuquerque. Vinha queixar-se do Governador em nome da Cidade Manoel de Barros da Franca; e vinha Gonçalo Ravasco solicitar por seu Pai Bernardo Vieira, e por si mesmo. A conta de Antonio de Soisa antecipou as queixas e solicitações de hum e do outro; e fez no animo d'ElRei o ordinario effeito das primeiras impressões. He muito para desejar e he necessario, que todos os que tem a seu cargo regimento de homens, suspendão absolutamente o juizo sobre qualquer causa, em quanto não for advogada por ambos os lados. A calumnia, a paixão, mesmo a opinião sincera, mas errada, sabem pintar com enganosas côres: e só comparando huma pintura com a sua contraria, se póde bem alcançar a illusão da que he capciosa ou simplesmente falsa. Mas esta cautela não he menos rara do que necessaria; e pelo commum, a primeira informação assenta o conceito, com tanto

damno da justiça e verdade, como pouco credito do entendimento do julgador. Assim assentou neste caso o conceito d'ElRei a conta antecipada de Antonio de Soisa de Menezes: e quando chegou á sua presença Gonçalo Ravasco, ouvio da mesma bôca do Soberano a declaração do seu desgosto, pelas formaes palavras: *Estou muito mal com seu Tio Antonio Vieira, por descompôr o meu Governador*[1].

Posto que de antemão preparado com a certeza das ingratidões da Patria (que até chegou a queima-lo em estatua em Coimbra)[2], e da pouca inclinação do Soberano; a noticia destas suas palavras, communicada logo por Gonçalo Ravasco, foi para seu Tio hum golpe muito penetrante, com que fraqueou, confessa elle mesmo, a sua constancia. No mesmo dia cahio gravemente enfermo, e passou largo tempo em cama, com frequentes delirios e em muito risco de vida. Teve por fim allivio; mas nos primeiros momentos da convalescença desafogou em queixas amargas por Cartas, escriptas ao Duque de Cadaval, ao Marquez Mordomo Mór, e a Antonio Paes de Sande[3]: nas quaes, entre as declarações de sentimento, assenta maximas, insinúa desenganos, que muito melhor estarião no seu passado comportamento do que agora nas Cartas. A larga idade com muita experiencia de Antonio Vieira devia te-lo muito mais fortalecido contra os jogos da fortuna, ás in-

[1] Carta XCIV. vol. II.

[2] Desta desattenção cruel não póde haver dúvida, pois que Barros a refere no L. IV. §§. CXXXV. e XXXVI., e a toca Vieira nas Cartas LVI. e LX. do vol. III.: porém ambos affectão mysterio, que não pude penetrar.

[3] São as Cartas XCII. XCIII. XCIV. do vol. II. Succedeo aqui realmente a Vieira o que elle censurava no Sermão da Rainha Santa Isabel (vol. II. Serm. I. N. IV.): *Se tendes pouco juizo e pouco coração, podem-vos matar* (os Reis) *com huma carranca, ou com hum voltar de olhos.*

justiças do Mundo e os caprichos dos poderosos. E reflectindo nos motivos para tal fortaleza, que accrescentava o Christianismo, o especial Instituto e a resolução, com que se recolhêra na Quinta do Tanque, pudéra dobrar-se a nossa admiração, se nos não lembrasse ao mesmo tempo, que não ha que pasmar de fraquezas da humanidade, sejão quaes forem os sujeitos, os annos e as mais circumstancias; e que a incoherencia entre a especulação e obras he tão commum, mesmo nos mais entendidos, que a sua sabedoria parece que se reputa mais obrigada a ostentar-se por vozes e por escriptos, do que a governar bem o teor das proprias acções.

Se Antonio de Soisa de Menezes preoccupou ElRei contra Antonio Vieira, as queixas da Bahia não forão inteiramente desprezadas: e houve só huma differença, que não foi com tudo pequena, nem muito desculpavel. ElRei crêo, sem mais exame, as accusações contra Vieira; e não crêo as queixas contra Antonio de Solsa, senão depois de verificadas pela informação, que procurou, de pessoas graves [1]. Determinado por esta informação, deo por acabado o Governo de Antonio de Soisa, e despachou para o seu lugar o Marquez das Minas.

Com o Marquez das Minas, que chegou á Bahia antes de Julho de 1684, foi hum Syndicante, de cuja rectidão não parece Vieira totalmente satisfeito no que toca ao negocio principal da Bahia. Em tal perturbação dos animos, se he muito de suppôr, que as diligencias e outros recursos dos culpados, e até a compaixão da sua sorte, inclinem a balança da justiça: tambem o he, que a vingança dos aggravados de tudo desconfie e murmure, e que o fumo das paixões, erguido ainda e denso, ou ao Juiz não

[1] Veja-se a Carta XCIV, vol. II.

deixe vêr bem a verdade, ou aos observadores interessados represente mal o recto procedimento do Juiz. O que posso affirmar he, que da devassa do Syndicante resultou a Bernardo Vieira culpa, de que não chegou a ser livre senão em 1687, depois de grandes trabalhos e detrimentos; e que da conta, que em acto separado da devassa principal deo a ElRei ácerca de Antonio Vieira, procedeo no Monarcha o conhecimento de que, em declarar por tal modo o seu desgosto, faltou á justiça, e faltou mesmo á delicadeza, que convinha usar com tão distincto vassallo [1].

Com ser isto certo, não sei com tudo por que razão e por que modo Antonio Vieira foi mandado, em consequencia deste negocio, castigar por mão dos seus Superiores. Daqui se collige bem, que a não lhe valer a immunidade, não seria tratado com mais favor do que o Secretario. Huma testemunha bastou, como diz Vieira, para criminar seu Irmão [2]; e he de crer, que huma só attestasse tambem da culpa do Jesuita. E em tal caso foi hum velho veneravel, por effeito do dito de testemunha unica, não só infamado de delicto gravissimo, mas submettido ao rigor e ao opprobrio da pena! Do rigor da pena o isentou a convicção, que os Superiores tinhão da sua innocencia: da infamia porém e do opprobrio só o podia absolver a imparcial consideração dos sisudos, sempre poucos; ou o desengano do tempo, sempre vagaroso. A parte, que nisto teve a devassa do Syndicante, não pude alcançar com distincção; mas conjecturo, que della se tirou azo para Ministros parciaes satisfazerem aos seus máos affectos ou ao dos seus amigos. Vieira nas suas Cartas toca repetidas vezes e em termos, que indicão profundo sentimento, em cer-

[1] Barros L. IV. §. CLXXXIII.
[2] Veja-se a citada Carta XCIV. vol. II.

tos Desembargadores, que eu suspeito que serião estes Ministros parciaes [1]. Póde ser que o sentimento indicado seja de parcialidade usada com os seus parentes; mas dado que foi usada com os seus parentes, fica mais que provavel, que o fosse com elle mesmo, cuja causa e respeito não só tinhão similhança, mas até perfeita identidade.

Por hum destes successos, que ao modo de vêr humano são casualidades, e que todavia são muito reparados e reparaveis, a Rainha D. Maria Francisca tinha fallecido tres mezes e meio depois de seu repudiado marido ElRei D. Affonso: e a violencia da morte unio por esta fórma os que tinha separado a repugnancia das vontades [2]. A frota, em que foi para a Bahia o Marquez das Minas, levou, julgo eu, esta noticia em 1684, e o Governador suppôz-se obrigado a celebrar as exequias da Rainha, em que desejava ostentar a maior magnificencia. O desenho da fabrica e adornos pôz á conta de Bernardo Vieira, em quem o animo grandioso igualava os grandes poderes de rica e vasta imaginativa: e o discurso funebre encarregou a Antonio Vieira; querendo que com a grandeza dos apparatos dissesse o preço da Oração. Vieira *escusou-se a principio com a enfermidade, falta de dentes e de voz, e todos os outros achaques da velhice: porém instando* o Marquez, *em que nisso levaria gôsto Sua Magestade, esta só palavra bastou para que elle entendesse, que não devia replicar* [3]. Prégou com effeito na Misericordia da Bahia em 11 de Setembro de 1684, e o seu discurso he notavel por servir de occasião a outros, ou por ser o primeiro annel da cadêa *de*

[1] Vejão-se as Cartas CII. CIV. CV. do vol. II. e LXIV. do III.

[2] ElRei D. Affonso falleceo a 12 de Setembro, a Rainha D. Maria Francisca a 27 de Dezembro de 1683.

[3] Veja-se a Carta XCIII. vol. II.

empenhos e desempenhos da Palavra de Deos e do Prégador, que possuimos entre os mais Sermões. As subtilezas de Vieira, ajudadas aqui do desejo de agradar, o induzírão a prometter futuros felizes; e a correspondencia delles o induzio a promessas ainda mais avultadas que as primeiras. Porém o acontecimento frustrou ou desvaneceo ás segundas; e o Prégador teve de recorrer a toda a sua agudeza, para desculpar a temeridade dos vaticinios. A causa era tão fraca, que toda a sua dexteridade foi insufficiente para a defeza: mas o estado decrepito não lhe empeceo; e sou de opinião, que Vieira, então de oitenta e hum annos de idade, não se sahiria melhor, se com menos quarenta emprehendesse a mesma apologia.

No Sermão das exequias, aventurou-se a prometter grandes accrescentamentos de prole na Real Familia, reduzida nesse tempo a ElRei e á Princeza, sua Filha. A temeridade até aqui não era desmarcada. ElRei não passava de trinta e seis annos; possuia saude e vigor de constituição; e o Reino tinha necessidade de fiadores ao throno. E posto que ElRei hesitou sobre passar a segundas nupcias, determinou-se emfim a tomar por esposa a Princeza de Neoburgo, de quem lhe nasceo em 1688. o Principe D. João. Este pleno desempenho da Divina palavra empenhada nas exequias da Rainha D. Maria Francisca, levou Vieira a empenhar a sua; promettendo ao Principe recemnascido, no Sermão de Acção de graças, duração de vida, proezas, gloria, e por seu meio todas as prosperidades Portuguezas, que de Vieira erão esperadas, como temos visto, com tamanha antecipação. A perspicacia do Orador e a sua cautela falhou neste ponto; a morte do Principe veio promptamente confundi-lo, e sequer adverti-lo de que era necessario, ou aventurar-se menos, ou aventurar-se, deixando sempre recurso, de que pudesse lançar mão no ca-

ob; muito possivel, de hum contratempo. Com esta advertencia não se quiz porém dar por vencido; e em hum Papel, que offereceo á Rainha, sustentou o empenho a todo o seu poder e com grandes protestos de confiança. Huma prova com tudo de que esta confiança menos estava no animo do que nos protestos, acho eu no expediente de offerecer o Papel á Rainha em muito segredo. Vieira confiava da credulidade de huma Senhora desejosa de prole multiplicada, que achasse valentia nas suas razões a favor deste supposto; mas não esperava tanto da sagaz malicia, e mesmo da crítica imparcial do publico [1].

Até á morte, hum argumento de sinceridade nesta materia, presumio Vieira de ler no futuro, e persistio em esperar as grandes venturas ao Reino e á Igreja, de que dava conta a D. Rodrigo de Menezes e a outros muitos entre 1660 e 1675. Na sua correspondencia, depois de retirado na Bahia, se encontra o mesmo advertido reparo nos Cometas, e o mesmo receio dos seus effeitos temerosos. O notavel escripto, que se intitula *Voz de Deos ao Mundo, a Portugal e á Bahia*, foi composto em Novembro de 1695, ou hum anno e oito mezes antes do seu fallecimento [2]. Vê-se deste escripto, em que a erudição compete com a credulidade, que elle não ignorava os gracejos dos bem humorados, e o conceito mais ponderado dos filosofos: mas sabia e notava, que até a certeza e horror da morte tem sido objecto de facecias para os levianos; e desconfiava de huma filosofia, que não tinha profundado, e que imaginava

[1] O Sermão das Exequias, prégado em 1684, o de Acção de graças, prégado em 1688, o Papel offerecido á Rainha em 1689, formão o todo da *palavra empenhada e desempenhada, e defendida*; e achão-se juntos e seguidos no tom. XIII. dos Sermões.

[2] Veja-se o tom. XIV. dos Sermões pag. 225.

pouco Christãa e muito propria para accrescentar descuido da emenda dos costumes. Scaliger e os seus parciaes não reputava juizes mais competentes, que Manilio e o Poeta Mantuano; e achava na opinião destes gentios mais senso e gravidade, que na daquelles, que com enfase appellida de *Evangelicos*[1]. Assim que, o empenho da palavra Divina e da sua, e a insistencia na apologia, ainda que se encaminhassem a contentar a Côrte e a manter o credito do Orador, nem por isso deixavão de ter algum principio na propria persuasão.

Quando em Dezembro de 1688 prégou de Acção de graças pelo nascimento do Principe D. João, os grandes trabalhos da sua Familia tinhão cessado pela Sentença do anno antecedente, e elle pudéra hir gozando em mais descanço do seu retiro do Tanque: mas no principio deste mesmo anno de 1688 lhe expedio o novo Geral da Companhia Patente para governar os Jesuitas daquella parte da America; por cujo effeito foi forçado a largar o retiro, e vir dirigir desde o Collegio da Bahia os negocios da Sociedade, e principalmente os das Missões. O zelo e ardor, com que neste Emprego se portou Vieira, não parecem de idade tão avultada e de Sujeito tão quebrantado por molestias e desgostos; e podem avaliar-se pelo que elle mesmo dizia, pedindo com grande empenho o allivio, antes de ter fim o triennio da Commissão: *Isto não he para quem enthisica, e passa as noites inteiras sem dormir, dando tratos ao entendimento, e não tirando delle mais que ais e clamores, que não são ouvidos*[2]. Tantas Missões, tão varias, tão remotas, tamanha pobreza de Operarios, tanta indoci-

[1] Veja-se todo o Papel no vol. XIV. dos Sermões; e particularmente os numeros 289 e 290.

[2] Estas palavras allega Barros no L. IV. §. CCXI.

lidade e tantas repugnancias das Colonias requerião na verdade muita ponderação dos remedios, muita diligencia e igual discrição em os applicar; e por tal modo se achava tudo isto no actual Visitador, que à Sociedade, zelosa e entendida de seus proveitos, insistio em lhe recusar o allivio procurado com ancia e com o fundamento de causas não menos notorias que justificadas.

Não era possivel tratar das Missões, sem nisso fazer hum serviço avultado ao Reino; a que as Missões, ao passo que adquirião vassallos, diminuião pela mesma razão obstaculos e inimigos. E porque o serviço do Estado andava nesta parte unido com o accrescentamento da Igreja; os Missionarios, e por todos elles o seu principal Director, precisavão muitas vezes do favor politico; em muitas outras do auxilio dos seus cabedaes; e em todas do seu consentimento e perfeito acordo. Esta necessidade punha Vieira, em quanto Visitador, na de se corresponder com El-Rei e os seus Ministros; dando conta dos successos, pedindo providencias e propondo á solução difficuldades, ou á Authoridade legitima mudanças suggeridas pela experiencia. Mandava-lhe ElRei replicar com benignidade, e acodia com todos os signaes de attender distinctamente a sua pessoa, e de favorecer o negocio das Missões, até pelo respeito do Visitador. Conservou-nos André de Barros huma Carta escripta de Salvaterra em 1692, em que ElRei responde a outra, ou outras de Vieira, escriptas quasi no fim do seu triennio [1], e nella se póde vêr, em que conceito tinha o seu espirito e serviços, e como se julgava obrigado a premia-los com louvor e agradecimento: moeda de muito preço para hum homem, como Antonio Vieira, e que aos

[1] Barros (ibid, §. CCXIII.) offerece a copia.

Reis não custa senão dispensa-la com justiça, e por isso mesmo com economia[1].

A proposito da Carta, não posso resolver-me a passar em silencio huma bem notavel de Vieira, escripta pelo tempo da sua Visitação, e por cumprimento com seu Officio. Governava Pernambuco, como Pastor e como Governador, o Bispo daquella Diocese em 1689. Succedeo nesta occasião, que hum delinquente se acolhesse ao Collegio da Companhia, como a lugar de refugio. Pedírão as Justiças Seculares o refugiado; recusárão os Jesuitas a entrega, allegando suas immunidades por privilegios Pontificios e ordens Reaes; e o Bispo Governador deo ordem para lhe levarem presos os Padres e o delinquente. Deste procedimento, que naquelle tempo e da parte de hum Bispo parece precipitado, he que Vieira pedio satisfação em Carta de 6 de Feveréiro do dito anno, que he a mesma, de que fallamos. Barros, a quem devemos a cópia formal, affirma que della resultou o desejado effeito. Não refere com tudo a maneira por que o Bispo de Pernambuco deo satisfação á Sociedade. He porém certo, que se huma Carta por si só a podia merecer, neste caso estava a de Vieira: excellente exemplar, em que a força, e força não pequena, he temperada pelo modo mais feliz com a suavidade; em que á justiça requerida não faz prejuizo o tom de comedimento e submissão; e em que a cortez urbanidade de termos e pensamentos accrescenta, em vez de diminuir, á razão a sua propria energia[2].

As distracções, procedidas da contenda entre os seus e Antonio de Soisa de Menezes, as occupações do encargo

[1] Se com justiça, claro he que nunca com profusão; e he evidente que sempre com acerto.

[2] Veja-se Barros L. IV. §. CCVI. pag. 473.

de Visitador, e as molestias frequentes, se retardárão, não estorvárão inteiramente a diligencia de apurar os Sermões para se darem á estampa. O segundo volume, que sahio impresso em 1682, foi em Junho de 1681 licenciado pela Religião no Collegio da Bahia: d'onde tiro, que o Author o levava muito adiantado, quando cinco mezes antes partíra de Lisboa. Ao Marquez de Gouvêa na frota de 1682 dá conta de enviar o terceiro, que se publicou em 1683; e a mesma conta dá do quarto em Junho deste ultimo anno a Diogo Marchão Themudo; se bem que o quarto se não publicou antes de 1685. Corrêrão entre a publicação do quarto e do quinto quatro annos: porém não forão quatro annos de suspensão deste trabalho, pois que as duas Partes, que se intitulão *Maria, Rosa Mystica*, e na serie dos Sermões se contão nona e decima, forão publicadas em 1686 e 1688. Em 5 de Agosto de 1684, promettia Vieira mandar o quinto volume por huma náo retardada do mesmo anno: mas pela ponderação de algumas circumstancias me capacito de que elle entende, no dito lugar, por quinto volume a primeira Parte da Rosa Mystica, e que o que hoje se conta como quinto, designava Antonio Vieira com o numero de setimo[1].

O anno de 1690 vio publicar o tomo sexto, e antes oitavo, com a *Palavra empenhada e desempenhada*. A publicação desta ultima Obra não se deveo a Vieira; mas foi huma industria do Duque de Cadaval, que a fez estampar com a elegancia, que he de vêr no tomo decimo terceiro,

[1] A Carta citada he a XCIV. do vol. II. Com effeito se elle reputou V. e VI. os dois tomos da *Rosa Mystica*, devia reputar VII. o que agora se conta V: e he certo, que o que na ordem da impressão corresponde ao que elle diz na Carta, he o que agora se diz Parte IX, impresso em 1686, quando a Carta he datada de 684.

sobre huma copia, que talvez com aviso do Author se lhe communicou em grande mysterio. Os tomos nono e decimo, agora setimo e oitavo, forão impressos em 1692 e 1694. Sahio em 1696 o tomo undecimo e ultimo dos que se imprimírão em vida de Vieira. O duodecimo, posto que o Author o apurou e pôz no ultimo estado, não se estampou senão depois da sua morte; e veio da Bahia no mesmo navio, em que veio a noticia deste successo [1]. Forão por tanto as treze partes dos Sermões revistas, ou, como elle diz, *joeiradas* por Antonio Vieira, e estampadas por seu arbitrio e mandado; ficando só a ultima (volume decimo quarto) dependente, para a collecção e disposição, do zelo e arbitrio dos seus amigos.

Vinte annos e mais gastou Vieira em apurar e ordenar os Sermões, comprehendidos em treze volumes [2]; espaço na verdade largo para tal empreza, que justifica a retardação, que insinuámos, procedida de occupações, desgostos, e principalmente molestias. O clima da Bahia sobre sadío para todos era muito apropriado aos annos e achaques de Antonio Vieira: mas não ha clima perfeitamente adaptado á velhice; ou por outros termos, não ha clima, em que a velhice deixe de o ser. O da Bahia além disso alterou-se nestes annos por causas exteriores; e supposto que Vieira e seu companheiro escapárão ao contagio, he de presumir, que a alteração despertasse, pelo menos, ou as molestias habituaes, ou as morbosas propensões. Erysipelas frequentes, sezões com grande apparato o tiverão em cama em varias occasiões e por muito tempo. Duas vezes se estropeou cahindo por escadas, como já lhe succe-

[1] Barros ibid. §. CCXLIX.

[2] Lidava em apurar o primeiro volume já em 1676, e occupava-se com o duodecimo no de 1697.

dèra em Roma. Os dois sentidos da vista e ouvido embotárão-se quasi totalmente; e por fim nem podia ler, nem ouvir ler; e nem mesmo entregar-se ás suas orações e meditações pelo espaço e com' a assiduidade do seu costume e do seu desejo [1]. Presidia com tudo hum espirito inteiro ao corpo já meio desfeito; e nem o ardor dos affectos e elevação de empenhos, nem o claro conhecimento de seu ruinoso estado, dizião com o desbarato, aliás notorio, de hum corpo quasi nonagenario.

Em 1694 sentia elle já a sua impossibilidade pouco ménos que completa: e todavia quem consultar as suas Cartas, escriptas desde o dito anno, e conservadas no segundo e terceiro volume, observará o mesmo affecto encarecido aos negocios de Portugal e seus Dominios na Asia e America; achará notícia do voto sobre os Indios dos Paulistas, offerecido (e admirado) por aquelle tempo; e mesmo a noticia de que ainda pretendia continuar a *Clave dos Prophetas* [2]. Acabou só com o ultimo alento a propensão de discorrer sobre Politicas; e se na Carta novènta e tres do terceiro volume, escripta em 1697, se póde estranhar algum incenso dirigido á Rainha da Grãa-Bretanha; tambem se póde notar a gravidade e acerto, com que pondéra os effeitos de paz dilatada, e os riscos, a que elles nas presentes probabilidades tinhão exposto este Reino. Politica parece ser o assumpto valído de Vieira. A penetração e actividade propria, o gôsto da Sociedade Jesuitica e o do seu tempo, a necessidade, em que se achára hum Portu-

[1] Barros L. IV. §§. CCXXXV. CCXXXVI. *Cum, molestissima lotii emissione, nonnisi raptim in Sacello, et ad breve tempus morari posset.* Andreóni. Veja-se not. 1., pag. 325.

[2] Acerca do voto sobre os Indios dos Paulistas, e da continuação da *Clave dos Prophetas*, podem ver-se as Cartas CXLIV. e CXLV. do vol. II., ambas escriptas em 1695.

guez, que tinha aportado a Lisboa em 1641, e que fôra encarregado de negociações em varias Côrtes, tudo contribuio para produzir e reforçar esta inclinação, que Vieira nunca venceo, e que talvez nunca pretendeo vencer; ainda que reconhecesse em algum caso a conveniencia de dar aos outros satisfação do excesso, de que aqui podia ser com bastante fundamento censurado [1].

O claro conhecimento do seu estado ruinoso não póde pôr-se em dúvida, depois da resolução que elle tomou, e quanto esteve da sua parte executou, de concluir no dito anno de 1694 as suas correspondencias para o Reino. D. Theodosio, Irmão do Duque, era fallecido desde 1672, e D. Rodrigo de Menezes desde 1675. Mas com o Marquez de Gouvêa, até que morreo em 1686, com o Duque de Cadaval, Christovão de Almada, o Conde da Castanheira, Roque da Costa Barreto, seu Irmão o Conego Francisco Barreto, e Diogo Marchão Themudo ficou conservando communicação annual por Cartas. Communicava-se tambem com o celebre Conde de Castello Melhor, o mesmo Ministro e valído d'ElRei D. Affonso VI., que o fez desterrar para o Porto e Coimbra, e por ventura o fez deter nos carceres da Inquisição; e são de notar os termos de confiança, com que o Conde o tratava nas suas Cartas, e a devoção, com que Vieira lhe correspondia: verificando ambos exactamente o proverbio discreto dos Inglezes, *que os Politicos nem amão, nem aborrecem* [2]. De todos elles se mandou pois

[1] *Bem conheço, Senhor, que esta materia não he da minha profissão; mas como nos incendios, e nos outros apertos e necessidades geraes, nenhum estado he isento*, etc. Carta LXXXV. do vol. III., escripta ao Duque da Cadaval.

[2] Vejão-se as Cartas CVI., CXXXII. e CXXXV. do vol. II. Os conflictos procedem da collisão dos interesses, e cessando ella, o conflicto não tem mais lugar: os politicos fizerão sempre

despedir em Carta circular, como quem se reputava sem capacidade para proseguir, e tão visinho dos limites da eternidade, que não devia admittir já cuidados ou memorias proprias só da vida caduca, que a cada instante esperava totalmente extincta [1].

O intento de Vieira por esta circular era desobrigarse de corresponder, e desobrigar tambem os correspondentes. Mas não o logrou com alguns delles. Houve quem usasse a delicadeza de escrever logo ao seu Companheiro o Padre José Soares; querendo continuar por este modo o trato, que Vieira se propunha interromper por outra via. O Duque de Cadaval porém não só escreveo direitamente a Vieira, mas declarou, com as expressões mais proprias a obriga-lo, o sentimento de não ser exceptuado da despedida, como entendia que era devido á finura e constancia da sua amizade [2]. Estes extremos do Duque e as delicadezas de outros fazem grande honra ao caracter dos correspondentes, e não fazem menos a Vieira; pois que só do conceito de hum merecimento muito acima do vulgar podião proceder tão finos comportamentos, da parte de pessoas de tal importancia, para com hum Jesuita nonagenario, retirado em hum canto ignorado e deserto de regiões separadas pela immensidade do Oceano. Não era possivel a Vieira repulsar as pretenções extremosas do Duque, e continuou assim a escrever-lhe e ao seu Secretario até ao ultimo anno, e ainda ultimo mez da sua vida.

Hum anno antes se tinha elle recolhido para o Col-

a guerra, como presentemente a fazem os Generaes da Europa.

[1] A circular he a Carta CXLII. do vol. II.

[2] Veja-se huma Carta do Duque, que no vol. III. se segue á LXXXVI. de Vieira: e na Carta CXLV. do vol. II. se acha a noticia dos que sobre a circular de despedida lhe escrevêrão, ou direitamente, ou por via do Padre José Soares.

legio da Bahia, dizendo *adeos* á Quinta do Tanque. Não era o seu fim neste recolhimento *buscar saude, nem vida, senão hum genero de morte mais socegado e quieto*[1]. A isto se reduzem as maiores esperanças terrenas do homem, que por annos ou por achaques se suppõe chegado ao ultimo termo! Com o vigor se tem desvanecido os fantasmas, que d'antes o illudião e o desvelavão; e então reconhece, que puerilmente corrêra por abraçar méras sombras, que ao desfazerem-se só deixão a confusão do engano. E verdadeiramente que se a justa esperança de immortalidade não sustentasse o animo de hum decrepito, que conserva algum uso de entendimento, a vergonha das vãas lidas antecedentes, a desconsolação acerbissima de ficar todo na terra de hum sepulcro, accrescentarião cruel intensidade ás lentas e com tudo vivissimas agonias de morte vagarosa. E eis-aqui hum dos muitos casos, em que a Religião he remedio, e remedio unico, dos males de huma especie, cuja essencia, como a prática e especulação convencem, prende com os sublimes dogmas de vida futura, e de hum Deos remunerador. O homem seria, sem Religião, desde o dia, em que nasce, até áquelle, em que se dissolve, o menos ditoso dos animaes, e tambem o mais maligno e o mais turbulento.

Entre os braços da Religião, alentado com o poderoso confortativo dos seus remedios, e na consoladora confiança de suas promessas, acabou o Padre Antonio Vieira na primeira hora do dia 18 de Julho de 1697, aos oitenta e nove annos e seis mezes completos de idade. No antecedente estado de prostração e de soffrimento ainda dictava aos amanuenses, tanto para pôr em limpo o duodecimo vo-

[1] Veja-se a Carta LXXXVI. do vol. III., a 3 de Julho de 1696, dirigida ao Jesuita Balthazar Duarte.

lume dos Sermões, como para adiantar a *Clave dos Prophetas* [1]. Foi detido em principios de Julho por dôres agudissimas, que a Medicina ainda se lisongeava de remediar; mas a condição do Sujeito já não podia ajudar os esforços da Medicina, e a hum apparente e passageiro allivio se seguio maior arrojo, que trouxe comsigo a morte.

A estimação, em que era tido geralmente, appareceó nas honras funeraes. O Governador e Capitão General da Bahia D. João de Lencastre, por seu Cargo e por sua pessoa huma das maiores de Portugal, o Filho do Governador, o Bispo eleito de S. Thomé, e outros Sujeitos, que melhor se podião ajustar com os tres primeiros, conduzírão á sepultura o cadaver, e só faltou, por impedido de molestia grave, o Arcebispo da Diecese [2]. E a Bahia, que tinha presenciado com indignado reparo as desattenções de Antonio de Soisa de Menezes, vio com alta approvação emendado aquelle erro pela bizarria de hum dos seus successores, verificando-se á risca o profundo e acertado dictame, *que se o merecimento he algumas e muitas vezes desattendido na presença, sempre com tudo vem a ser honrado na ausencia dos que o possuem.*

A Nobreza de Portugal não se mostrou em Lisboa mais indifferente á memoria de Vieira. Ao chegar no principio de Novembro do dito anno a noticia do seu fallecimento, resolveo fazer-lhe exequias sumptuosas hum mancebo do melhor do Reino; que por seus talentos era já

[1] Barros L. IV. §. CCXXXVII. e Andreóni na Vida de Vieira, escripta em Latim, que se acha no vol. XIV. dos Sermões pag. 293.

[2] Veja-se Barros ibid. §§. CCXLV. CCXLVI., e Andreóni l. c. D. João de Lencastre era Filho de D. Rodrigo de Lencastre, Commendador de Coruche, e foi Capitão General e Governador de Angola, e depois da Bahia, desde 1694 até 1703.

huma das esperanças mais bem fundadas da Nação, e que depois por seu ardente amor da gloria, por suas diligencias e trabalhos, foi o mais efficaz restaurador das Letras, e hum dos nossos mais esplendidos ornamentos naquelle tempo.

Na Igreja de S. Roque se levantou mausoléo soberbo, e disserão com elle as mais circumstancias de apparato; correspondendo tudo á larga e honrada fama de Antonio Vieira, e ao grande coração do quarto Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes [1]. No dia aprazado, que foi 17 de Dezembro seguinte, com hum numeroso e luzido concurso do Reino todo, junto naquella occasião em Côrtes, celebrou a Missa o Bispo de Leiria D. Alvaro de Abranches e Camera, e disse por fim a Oração funebre o Theatino D. Manoel Caetano de Soisa, hum dos Portuguezes mais acreditados de doutrina da sua idade. Trinta e tres annos depois durava ainda bem viva a opinião egregia de Vieira, e a lembrança de suas exequias, celebradas no templo de S. Roque; e huma e outra estimulárão o grandioso animo d'ElRei D. João V. a mandar, que se imprimisse a Oração, recitada por D. Manoel Caetano de

[1] Barros ibid §§. CCXLIX. até CCLXI. O quarto Conde da Ericeira, então de 25 annos de idade, era Filho de D. Luis de Menezes, Author do *Portugal Restaurado*. Desaggravou Vieira das Censuras, com que seu Pai o notára na Historia, e a que Vieira não foi de todo indifferente, como he claro das Cartas, e em particular da CXVIII. do vol. II. e CXII. do mesmo volume. *Ouvi*, diz elle nesta ultima, *que a Historia de V. E. me louvava com descredito, ou me desacreditava com louvores, e porque eu depois que fugi do mundo, tão pouco estimo huns, como sinto os outros, contentei-me com que estas noticias me entrassem por hum só sentido, e este foi o motivo do que o Senhor Marquez das Minas e o Senhor Conde de Alvor referírão a V. E.*

Soisa[1]: approvando por este modo o nobre enthusiasmo do Conde da Ericeira, e honrando o nome de hum Portuguez insigne, que no Reinado seguinte devia ser calumniado e envilecido; mas a que, sem embargo das calumnias do odio, não deixará de fazer justiça o conceito de remota posteridade.

Temos referido com a maior exacção, que nos foi possivel, a historia do Padre Antonio Vieira: largamente copiosa em successos, e não menos vária nas emprezas e fortunas; para a filosofia do homem muito instructiva, e por sua mesma cópia e variedade até muito entretida, a não lhe obstarem os vícios e defeitos da nossa relação. Na dilatada carreira de mais de oitenta e nove annos, com extraordinaria e constante actividade, com diversos e grandes talentos para a cultura das letras, para os negocios, para o serviço da Religião e da Igreja, offerece na sua vida avultada silva de acontecimentos, que não podem, ainda apenas indicados, comprehender-se em breve escriptura. Não será muito estranha exageração dizer, que poucos Principes reinantes, poucos Generaes insignes com muitos annos de milicia, poucos Ministros criados e encanecidos na direcção e governo dos Estados, talvez nenhum homem de letras, terão deixado á diligencia do seu historiador mais crescido numero de factos, nunca despreziveis, quasi sempre graves, e algumas vezes muito relevantes.

E se isto só nos póde justamente admirar, muito mais nós admiraremos na consideração de que nunca deo aos

[1] Veja-se André de Barros L. IV. §. CCLXI. A Oração foi impressa em 1730, e della nos servimos para a confirmação de alguns factos.

estudos applicação bem aturada; de que aos negocios diplomaticos renunciou ainda antes de tocar o meio da sua vida; de que para as emprezas religiosas foi detido na idade juvenil, e depois atalhado ou impedido quasi no primeiro fervor do seu empenho; e finalmente de que graves molestias e desgostos o tiverão nos ultimos vinte annos, como captivo em huma solidão campestre; onde se occupou em pouco mais do que pôr em limpo os seus Sermões, e continuar huma Obra, que ou se perdeo, ou jaz ignorada, e certamente não sahio á público pela impressão, e nem sequer recebeo do Author o seu ultimo complemento [1].

Se esta abbreviada historia não fez ver o seu caracter, a ella se deve dar em culpa; pois que só guarda bem as suas leis, quando representa com verdade e com propriedade os successos, e mostra por elles as indoles e propensões dos homens. Porém seja ou não seja nesta parte defeituosa; o Leitor não póde levar a mal, que se dê allivio á sua attenção, ajuntando os traços por toda a Historia dispersos, e offerecendo a hum só golpe de vista a imagem inteira, em que *reconheça* unido o que nas partes notou em separado: logrando ao mesmo tempo a satisfação de vêr justificadas as proprias observações e a facilidade de avaliar a exacção do nosso parecer.

O espirito de Antonio Vieira era agudo e prompto; mas o seu coração era pouco sensivel. A sua firme adhesão á Sociedade dos Jesuitas não parece tanto procedida de amor, como de propositos honrados. Discursou, trabalhou com ancia pelo bem da Patria; porém, com ser o seu amor da Patria indubitavel, parece aqui mais obrigado do desejo de realizar e consagrar suas idéas politicas, do

[1] A *Clave dos Prophetas* ficou incompleta. Veja-se a este respeito Andreóni vol. XIV. dos Sermões de Vieira pag. 294.

que dos affectos ardentes e puros de Cidadão. Subjugou nelle, e governou todas as outras paixões o gosto da singularidade ou o desejo de ser unico em pensamentos e acções, não só superior; e daqui cuido que resultárão muitas das suas contradicções, que não forão poucas, nem pequenas.

Não temos noticia de algum seu particular amigo, salvo se reputarmos tal o seu Copista o Padre José Soares: porém se nos inclinamos a crer, que José Soares era amigo verdadeiro e desvelado de Vieira, não o julgamos perfeitamente correspondido [1]. Em tres volumes das suas Cartas não ha huma só, que nos pareça dictada por cordeal amizade. Recebeo com estoica indifferença a noticia do naufragio de sua Irmãa com toda a sua Familia [2]: e se mostrou grande sentimento dos desgostos e trabalhos de seu Irmão e Sobrinho, não parece tanto ser effeito de ternura, como do estimulo de se vêr nas suas pessoas desauctorizado e abatido.

De incoherencia e contradicção deixou argumentos muito reparaveis. Amava com paixão a gloria, e não fazia grande caso dos applausos: lisonjeava-se das attenções e caricias dos Principes e Senhores, e deixava facilmente e sem saudade as Côrtes: empenhava-se no mundo luzido, com desejo e arte para nelle representar com distincção, e quando elle parecia corresponder-lhe melhor, trocava-o por hum deserto nas ribeiras do Amazonas: era vario em fim

[1] O Padre José Soares, Jesuita, natural de Lisboa, nasceo em 1625. Foi Companheiro inseparavel de Vieira e seu amanuense por espaço de 42 annos, ao menos. Sobreviveo-lhe dois annos, ou perto delles, dando os mais decididos argumentos de saudade extremosa. Tenho para mim que Vieira, se lhe sobrevivesse, faria menos extremos.

[2] Barros L. V. §§. LXVI. LXVII.

e inconstante, e deo, entre outros, dois insignes exemplos de perseverança, em que fallaremos logo; hum dos quaes me parece admiravel sobre tudo o que se póde admirar no sujeito e comportamentos deste homem extraordinario.

O desar porém, que póde provir de hum coração menos brando, de affectação de singularidade, e das contradicções, que julgo nascidas deste principio; foi corrigido ou remediado no caracter de Antonio Vieira por dotes e qualidades de muita estimação, que não devo passar em silencio. Huma unica vez se atreveo a calumnia a notar os seus costumes; e foi legalmente desmentida [1]. Se era despegado e sêcco, todavia não consta que fosse ingrato. Se da valia propria tinha grande conceito, não ha razões de o ter por arrogante. Sempre e finamente fiel á sua crença, igual fidelidade guardou em todo o caso ao seu Instituto. Mostrou gravidade propriamente varonil nas idéas e acções de todas as idades da vida; de maneira, que se alguma vez pareceo reparavel, não se assignará occasião, em que parecesse pequeno. Nos perigos portou-se com valor; dos trabalhos nunca pareceo cansado, e muito menos rendido: as contrariedades do mundo, os rigores da fortuna, só em hum lance o deixárão prostrado; mas he verdade que então lhe sobejava motivo de queixa, e por effeito dos annos e achaques lhe faltava grande parte da sua natural energia [2].

De hum voto (vindo agora aos exemplos indicados de perseverança) feito na maior verdura e inconsideração dos primeiros annos, e logo annullado pela prudencia dos que respeitava como altamente entendidos, conservou sem-

[1] Barros L. III. §§. XVII. e seg.

[2] Vieira passava de 76 annos, quando por seu Sobrinho Gonçalo Ravasco teve noticia das expressões de desagrado proferidas por ElRei D. Pedro II..

pre a memoria e a substancial tenção de lhe dar cumprimento. Correo tempo e largo tempo; viajou Vieira por diversas regiões; tratou e conheceo grande mundo, e muito vário; occupou-se, e com muito séria applicação, em negocios, do seu voto bem alheios; foi divertido em contrario por poderosas distracções, tentado com commodos e applausos, alliciado por esperanças lisonjeiras: mas durou firme a sua resolução de peregrinar por brenhas e matos virgens, dado unicamente ao ensino de homens boçaes, e á consolação de miseraveis escravos. Venceo, para a pôr em prática, fortes obstaculos com a mesma efficacia, brio e até artificiosa industria, que póde empregar hum mancebo ardente para possuir o objecto da sua paixão impetuosa [1]. Illudido, atalhado, repellido, affrontou inimizades, emprehendeo viagens, soffreo naufragios, provou crua rapacidade de piratas; e não duvidou expôr-se de novo aos mesmos ou maiores desastres, á mesma destemperança de climas, á mesma aspereza de terras, para luctar outra vez com a ignorancia estupida de selvagens, e com as mesmas ingratidões, injustiças e aleivozias dos homens, que sem dúvida reputava inseparaveis companheiras do seu projecto tão valído.

Este notavel exemplo de perseverança he com tudo ainda excedido pelo da illustre firmeza na Religião Catholica, em que foi educado. Hum espirito tão vivo e subtil, tão prezado de si mesmo, parecia naturalmente disposto a passar com atrevimento os limites, que a Fé tem assignado á razão humana. A sua singularidade era pelo menos muito arriscada a deixar-se tentar da satisfação e gloria

[1] Allude-se á grande diligencia e mesmo astucia, com que procurou embarcar para o Maranhão, contra vontade e ordem d'ElRei D. João IV, da Rainha D. Luiza, e do Principe D. Theodosio, em 1652.

de novos systemas, a que elle sabía bem procurar fundamentos especiosos e dar as mais plausiveis apparencias de verdade. Mas conteve sempre á risca a sua subtileza; sujeitou invariavelmente o proprio orgulho; a propensão á singularidade, a que se entregava em quasi tudo, sacrificou sempre com primoroso e entendido obsequio ás decisões e maximas da sua Igreja. Esteve em França e Inglaterra; viveo em Hollanda; leo os seus livros, examinou as suas opiniões, observou os seus usos, conferio com os seus doutores; e nenhuma destas occasiões foi poderosa a desvia-lo de qualquer dos pontos menos importantes da primeira crença. E o que he mais que tudo, notado em suas idéas e discursos, impugnado em suas apologias, reprehendido, condemnado por temerario: defendeo-se, em quanto lhe foi licito, com respeito; resignou-se por fim com submissão de Catholico; e sobre as materias controvertidas guardou depois inviolavel silencio com moderação de verdadeiro Sabio.

Se o caracter de Antonio Vieira, com ser insigne e estimavel, não foi perfeito; o seu talento, bem que raro e sublime, não foi completo. A entendimento estupendo, a memoria felicissima, não se ajuntou poderosa fantasia e a imaginação rica e suave, que tudo pinta, tudo anima, tudo torna interessante ou com viva propriedade de côres, ou pelo grave movimento e vida das imagens, ou por mimosa brandura de affectos [1]. A comprehensão era vastissima, a elevação ou profundidade erão, soffra-se hum termo encarecido, immensas, a rectidão e coherencia e até a prom-

[1] Vieira encaminha-se ao entendimento sempre; ao coração quasi nunca, ou com pouco effeito. Apertar, convencer era o seu dom; mover fortemente e ainda deleitar por affectos não sabia. Nisto era parecido com Bourdaloue, a quem eu supponho que elle poderia emparelhar, se não exceder.

ptidão erão realmente admiraveis. A todos os objectos, a todas as materias abrangia, como disposto e preparado para todas. As mais remontadas questões sabía, sem lhes diminuir a authoridade, pôr ao alcance facil dos ouvintes e leitores; as mais profundas sabía tirar do seu abysmo e fazer accessiveis ao conhecimento vulgar; as mais escuras sabia trazer á conveniente clareza, as mais empeçadas sabía dispôr em ordem bem natural e desimpedida. Ainda quando refinava ou se guindava em raciocinios, quando desenvolvia metaphysicas, quando explicava mysterios, tudo era intelligivel e plano nos seus discursos e escriptos: prova segura de que tudo alcançou como era necessario, tudo propunha sem confusão, tudo declarava com adequada conveniencia [1].

No pasmoso progresso desde a primeira idade, na antecipação aos annos e á doutrina das Escholas, no mesmo arrojo temerario a obras gravissimas, ainda dentro ou quasi dentro dos limites da puericia, se conhece a promptidão e fecundidade de seu espirito. Porém torna-se evidente com assombro, quando se observa o numero e facilidade de suas composições, o disparatado dos assumptos, a variedade, com que manejou o mesmo assumpto por muitas vezes, a subtileza dos recursos, o engenhoso das soluções, o improviso e inesperado das coartadas. Póde ser arriscado, e quasi sempre he impertinente aquelle espirito, que não recusa paradoxos, que os segue por vontade, que os sustenta com apparencia; mas nunca póde ser tardo. E nem com este argumento de promptidão nos faltou o de Antonio Vieira. Deixando o duello, que o levou a compôr a preeminencia

[1] Não ha huma composição de Vieira, que não mostre muita capacidade de entendimento, sufficiente ordem, e expressão clarissima dos seus conceitos.

das Lagrimas de Heraclito; os seus Sermões abundão de paradoxos, que segue sem concção, e que sustenta com engenho: e d'alguns delles se aproveitou para o accusar a inimizade, quando lhe pareceo que era tempo [1]. Não os condemno no mesmo sentido, em que a inimizade; porque os não julgo merecedores de tão séria imputação: mas tambem não os louvo. Reprovando com tudo sofismas, posto que mantidos com destreza, sou obrigado a confessar a promptidão maravilhosa do Sofista.

Parece, que com o gosto e até frequencia de paradoxos se não póde conciliar bem a rectidão e coherencia de entendimento, que eu disse que admiro em Antonio Vieira. Mas advirta-se que o gosto de paradoxos não era em Vieira natural, era facticio. Torcido pela opinião do Seculo, estimulado pelo desejo de fama, hallucinado pelo mesmo successo, abusou de hum entendimento preparado para melhor applicação. A prova sem réplica he, que todas as vezes que fallou ou escreveo sem o proposito de satisfazer a ouvidos corruptos, e de grangear o applauso de juizes subornados pelo máo gôsto dominante, não fallou e escreveo mais que razão apurada, proposta em todo o caso com decoro [2]. Elle era o primeiro que conhecia e por ventura motejava das suas paradoxaes emprezas. Se alguma vez as defendeo em occasião, que requeria maior sin-

[1] Da Sentença contra elle proferida na Inquisição de Coimbra consta, que foi tambem delatado de alguns destes paradoxos: v. g. *que os homens são inimigos e tentadores peores que o Demonio:* empreza do Sermão XI. vol. I.

[2] He o que se vê claramente nas Cartas e Papeis de negocio. E o mais he, que nas Cartas, ainda respondendo ao Secretario do Duque de Cadaval, que inclinava muito para o gosto do tempo, Vieira não se deixa tentar, por mais que o estylo e o desejo do Correspondente o estimulavão. Apenas huma ou outra pennada por conformidade e de pura cortezia.

ceridade, guardemo-nos de confundir o real conceito de hum homem com o que elle sustenta empenhado em viva disputa por capricho, ou levado da natural inclinação para repulsar imputações menos airosas: e muito principalmente quando possue hum espirito fecundo em recursos e promptissimo em evasivas, como era sem dúvida o de Vieira. Ostentava oiro falso, não por desconhecer que o era, mas sim porque tratava com quem, sem admittir desengano, o preferia ao verdadeiro. E se por isso se póde notar de demasiada condescendencia, não póde todavia condemnar-se de erro ou de má fé.

Em prova da coherencia basta notar, que nos discursos e escriptos de Antonio Vieira não há lacúnas, não há saltos. Tudo prende entre si, tudo se continúa de hum modo, que ás vezes parecerá superfluo [1]. E esta he, entre outras, a razão da sua perspicuidade, que não póde ser excedida, e por poucos tem sido igualada. Nos principios, que assenta, podereis pôr dúvida; e em muitos e muitos casos, ou para melhor na maior parte delles, tereis razão: mas se por hum descuido, ou por condescendencia, deixais de o atalhar desde logo, a occasião he perdida sem remedio, a sua victoria he infallivel. Elle os joga segundo as regras mais rigorosas, e colhe resultados, que o entendimento mais exacto deve ter por necessarios. O seu paralogismo nunca pecca senão nas premissas do raciocinio; estas cria a seu prazer, ou antes ao dos ouvintes e mais circumstancias: mas huma vez creadas, o paralogista desapparece, e fica unicamente o logico previsto e incorru-

[1] Sem damno da inteireza e clareza do discurso se podem supprimir algumas idéas, e em particular certas repetições. O uso geral o admitte, e a discreta concisão o requer. Mas o discurso de Vieira he tão seguido, que antepõe, pelo commum, alguma prolixidade.

ptivel, a que o fio jámais escapa das mãos, e que jámais lhe consente desviar-se hum só ponto da sua direcção verdadeira. Se em occultar o defeito dos fundamentos não póde o sofista ser muito sagaz, na coherencia e rectidão, com que argumenta depois, ostenta huma sinceridade, que ou nos preoccupa em seu favor, ou nos obriga em certo modo a perdoar-lhe o defeito dos fundamentos.

A erudição, que adornava este espirito raro, não deixava de ser avultada [1]. O seu conhecimento das Escripturas era profundo; o das obras dos Padres e da Historia Ecclesiastica era vasto. Conhecia bem a Theologia da sua Igreja, a Filosofia do seu tempo. Não parece hospede na historia dos Povos antigos; e muito menos na dos modernos da Europa. Os melhores Classicos Romanos, e particularmente Virgilio, Tacito e Seneca, mostra tratar com grande familiaridade; e dos Portuguezes, tanto em verso, como em prosa, mostra noticia cabal, e até prompta memoria. He verdade que a sua doutrina, supposta a felicidade de talentos, larga vida e iniciação desde logo em estudo de letras, pudéra ser maior e sobre tudo mais escolhida e crítica: porém attendendo ás occupações e distracções contínuas, admira que fosse tamanha; e attendendo ás opiniões dos Portuguezes e em particular dos Jesuitas contemporaneos, o defeito de escolha e de exame mais rigoroso facilmente se desculpa. A vida de Vieira, muito mais depois de 1640, foi antes de hum Diplomatico e de hum Missionario, que de hum Litterato: e a Crítica, com

[1] Conhece-se bem pelo trato das suas Obras. Alguma vez tem elle a fraqueza de fazer ostentação v. g. no vol. VII. Sermão V. Ostentação pueril! em que cáem raramente as pessoas bem doutas: e que prova tão pouco, que eu duvidára da doutrina de Vieira, por isso mesmo que em certos casos a ostenta, se outros argumentos me não certificassem que a possuia,

ser a esse tempo no resto da Europa muito comedida, reputava-se ainda entre nós perigosa temeridade.

Na filosofia da natureza astronomica (e he de crer que tambem da sublunar) padeceo Vieira o mesmo defeito e pelos mesmos motivos. As opiniões antigas, resuscitadas por Copernico, e condemnadas em Italia, dá elle em hum dos seus discursos por bem condemnadas, por isso mesmo que encontrão as supposições das Santas Escripturas [1]. Não faltará quem disto o reprehenda com rigor, como não falta quem moteje dos Inquisidores de Florença, que arguião e castigavão Galileo *de ter achado a verdade*. Mas em tal caso, a prudencia deve antes lastimar-se da condição mofina do genero humano, do que rir de juizes, que qualquer de nós imitaria, se o fosse nas mesmas circumstancias. Preoccupações de Seculos, ajudadas fortemente pelas apparencias, de acordo com o teor dos livros sagrados, não erão obstaculo pequeno ao acolhimento de huma theoria, que posto que verdadeira, era estranha; e que não só não podia ser profundada sem algum trabalho, mas até não podia ser attendida sem escrupulo. Quem julga juizes pelas idéas do tempo do julgador, e não pelas do tempo delles, dá a vêr, que no seu lugar commetteria certamente o mesmo erro: e contra similhantes motejadores he que foi arremessado com tanta justiça, como engenho, aquelle pungente traço, *zombas de huma fabula, que he com tudo a tua propria historia* [2].

O conceito, que aqui offerecemos, da doutrina de Vieira a ninguem póde parecer exagerado; e o dos seus talentos tambem o não deve parecer a quem tem algum trato

[1] Veja-se o Sermão VI. vol. V. §. VII.

[2] ... *Quid rides? mutato nomine, de te Fabula narratur* .... Horat.

dos seus escriptos. Ou se perdeo, ou se conserva ainda manuscripta em poder dos curiosos, boa parte dos que elle compôz: mas bastão para o avaliar bem ao justo os que correm impressos; e que se reduzem a Cartas, Opusculos pragmaticos, Obras historicas e Sermões [1]. Daremos conta de todos, seguindo esta mesma ordem.

A formosura do estylo epistolar, parecendo facil de conseguir, não he todavia como parece. Depende de hum descuido curioso, de huma desaffectação considerada, que nos termos são de algum modo repugnantes, e que em prática se realizão muito poucas vezes. A negligencia produz desordem, impropriedades e talvez hum rasteiro intoleravel; apurado empenho communica-lhe hum ar de trabalho e de violencia, indica pretenções muito pouco opportunas, tira a liberdade e facilidade, em que principalmente consiste a graça e doçura da conversação. Huma pessoa pouco culta não póde escrever bem huma Carta: mas a que o he muito, deve esquecer-se, quando escreve, da sua doutrina, para se entregar toda ao impulso das circumstancias. Tudo deve correr da penna sem esforço e com franqueza; mas a penna deve estar de antemão bem aparada, e disposta para guardar indefectivelmente as leis discretas do decoro.

Este aparo porém e disposição ao decoro he que difficultosamente se concordão com aquella franqueza e descuido. Assim he rara a excellencia neste genero! E verdadeiramente eu não reconheço aqui modelos acabados, senão as Cartas de Cicero, entre os antigos, e as da Marqueza de Sevigné, entre os modernos. Deixando as Cartas

[1] Sempre ouvi, que correm ineditas varias Obras de Vieira. Seria bom que honrada diligencia as ajuntasse e as fizesse imprimir. Mas nesta empreza corre-se muito risco de ter por seu o que o não he: e para o evitar requer-se Crítica bem aguda e bem segura.

de Sevigné, absolutamente incomparaveis por muitas razões [1]: as de Cicero correspondem perfeitamente ao padrão ideal, que nos temos formado. Tudo nellas he natural, tudo corrente; mas tudo a seu modo elegante, e sempre apropriado. Sente-se que forão escriptas sem estudo; mas por hum homem de grande engenho, de abalizada sciencia, e consummado na arte de escrever. Não lhe ficão em muita distancia as de Antonio Vieira. O decoro constante, a especial elegancia dão-se as mãos com a franqueza e facilidade. As familiares de Cicero tem graças proprias, tem hum picante agradavel, que não se achão em Vieira; porém de Vieira não possuimos Cartas, que se possão chamar familiares no rigor da palavra. E nas que, ou pela qualidade das pessoas, a quem se dirigem, ou pela substancia dos negocios, são mais parecidas, não sei se dados os descontos dos sujeitos, que escrevem, e das circumstancias, poderá notar-se avultada desigualdade.

Todos os Portuguezes entendidos as tiverão sempre em subida estimação. Os contemporaneos as procuravão e guardavão com a diligencia merecida de escriptos de grande preço. Os dos primeiros annos do Seculo XVIII. propuzerão-se a honrar e instruir a Nação, dando-as a lêr ao publico: entrando nesta conta, ou tendo na estampa a parte

[1] Aquella reunião de talentos proprios da pessoa e do sexo, de cultura e bom gosto, de trato na mais urbana e delicada de todas as Côrtes, de Correspondente em circumstancias perfeitamente as mesmas, de peculiaridade de negocios; aquella reunião, digo, foi coisa unica, e a Collecção, que della procedeo, tambem o devia ser: não admitte por tanto comparação. Sejão as Cartas de Cicero estimadas dos Curiosos e amadores do estylo são e proprio; que as de Sevigné hão de ser sempre lidas com prazer por todos. As de Vieira, que nas virtudes emparelhão as de Cicero, ou pouco menos, tambem ficam abaixo das de Sevigné na delicadeza e nas graças.

principal o douto Conde da Ericeira; que na veneração ao Author não mostrou em annos muito adiantados menos ardente enthusiasmo, do que mostrára na verdura da idade. E os do tempo seguinte, ainda que em outros muitos pontos não duvidassem afastar-se da opinião do Conde, tem aqui sem discrepancia concordado com elle. Do que o Conde diz no Prologo do primeiro volume se infere, que Vieira escreveo outras Cartas menos *naturaes* ou *mais artificiosas*, que o Collector se guardou de publicar, e isto era bem de presumir, olhando para o gôsto do seu tempo e para a sua condescendencia em lhe fazer sacrificios: mas por hum lado, eis-aqui huma prova de que Vieira por sacrificar ao corrupto gôsto alheio chegava na prática a perverter o proprio; e por outro lado, he sempre certo, que entregando-se meramente ao seu juizo, escreveo Cartas primorosas, em que temos os Portuguezes, na presente edição, muito avultado numero de perfeitos exemplares [1].

Maior direito, se he possivel, tem ainda a ser reputados perfeitos exemplares os seus Opusculos pragmaticos. A conveniencia e até a necessidade convidão e chamão ao acerto nesta qualidade de escriptos: com tudo não são vulgares os que podem satisfazer hum gôsto bem apurado [2].

[1] A presente edição tem muitos defeitos, que nascêrão da diversidade e circumstancias dos Editores. Além de lhe faltarem as Cartas, que André de Barros publicou na sua Historia; das que contém, algumas são repetidas, outras tem datas erradas, e quasi todas estão fóra da ordem do tempo. Hum Portuguez zeloso faria muito bom serviço em dar outra edição menos volumosa, sem deixar de ser elegante, e isenta dos defeitos apontados. Até se remediaria com isto a raridade do III. volume.

[2] Com o melhoramento da litteratura, entre nós, foi diminuindo (o que parece estranho) o acerto e gravidade dos Papeis Pragmaticos; de tal sorte, que quanto mais se chegão ao fim do Seculo passado, tanto são menos estimaveis. A razão he por-

Ou os Authores não tem acabada noção da materia; ou não tem capacidade para a comprehender de hum golpe de vista no seu todo; ou lhes falta o dom de a proporem na fórma menos complicada e mais luminosa; ou vencidos de seus ruins habitos de escrever, empregão tambem neste caso o estylo diffuso, empeçado, e por outras varias vias improprio. Resultão daqui necessariamente imperfeição da materia proposta, enfraquecimento das suas razões, difficuldade de a entender, tedio, desgosto, e emfim desprezo dos escriptos, que a offerecem: e he claro que tal resultado he o contrario justamente do que desejão e esperão os escriptores. Vieira, que alcançava o que aqui convinha melhor, tinha tambem a maior facilidade de comprehender, insigne dom de propôr com toda a luz, e a força de vencer habitos de escriptura viciosos.

He bem para notar com effeito em todos e qualquer destes Opusculos o cabal conhecimento da materia, a justeza e disposição das partes, a perspicuidade do todo, e o judicioso do estylo, em que são lançados. Nenhuma razão de serviço escapa; nenhuma dúvida deixa de se encarar e dissolver, ou ao menos especiosamente illudir. A ordem, por discreta e sempre natural, satisfaz ao Leitor, facilita a intelligencia, accrescenta a valentia. Os ornatos excluem-se; não ha digressões ou largas ou inuteis; não ha palavras sobejas; não ha em summa mais, do que boa razão, offerecida com propriedade, perfeita clareza e gravidade [1].

que nos démos, com mais boa tenção do que advertencia, á imitação muito servil dos Estrangeiros, e principalmente Francezes; cujo bom gosto no mais já declinava, e neste ponto estava muito estragado. Em todos os tempos porém papeis deste genero tão perfeitos como os de Vieira forão raros.

[1] Vejão-se os papeis a ElRei D. Pedro sobre o casamento de sua Filha, a Carta ao Secretario de Estado sobre o modo da Campanha com Castella, que he a I. do II. volume, etc. etc.

O talento, a actividade, e a mesma propensão, novamente o dizemos, chamavão Antonio Vieira para os negocios, e em particular para os negocios politicos. A época, em que elle tocou a primeira vez as praias da Europa e de Portugal, lhe offerecia grande exercicio, e promettia hum progresso, que suppostas as disposições tão accommodadas, devia ser agigantado. Mas huma astucia dos Jesuitas, ou hum enthusiasmo desculpavel na puericia, ou ambas as coisas juntas, o torcêrão da propria direcção; a inconstancia e singularidade, ou piedoso capricho o desviárão muito mais. Empenhou-o o seu Instituto no exercicio do Pulpito, e não foi consummado Orador: piedade singular o levou como Missionario aos Sertões do Maranhão, e os fructos não correspondêrão á grandeza dos projectos e aos trabalhos enormes da empreza. Por desvios emfim pouco discretos e muito communs a condição humana (desvios, digo, da conformação e inclinação natural), sem ser grangeado para a sãa eloquencia, foi hum homem perdido para os manejos da politica e para a composição da historia.

Se grande penetração, activa diligencia, conhecimento dos homens, uso dos negocios, methodo e arte de escrever com pureza e clareza podem fazer hum bom historiador; mal podem negar-se em Antonio Vieira estas qualidades. Concluida a paz com Castella em 1668, achava-se elle na madureza da idade, no uso inteiro das principaes potencias, na posse de muitas e reconditas noticias, e com facilidade e meios de procurar muitas mais. A empreza era digna de hum amante da Patria, que a podia louvar sem incorrer a nota de apaixonado; podia ser altamente gloriosa ao escriptor; e nunca podia ser recebida com indifferença. Todas estas considerações parece que devião estimular Vieira para a tomar á sua conta, e enriquecer Portugal com huma boa historia do mais curioso e

notavel acontecimento, que se encontra na larga duração desta Monarchia. Mas Vieira vivia desgostoso e enfermo; pouco depois lhe foi necessario desterrar-se da Patria; carecia daquella constancia e paciencia, que requer huma obra dilatada e grave: e tambem póde ser que este pensamento, se acaso lhe occorreo, fosse rebatido pelo receio (que não seria certamente imaginario) de correr muito risco, referindo com verdade rigorosa successos tão frescos, ou de se expôr a vivas e justas censuras, occultando, ou pintando com côres alheias erros e defeitos, que não podião ser desconhecidos dos contemporaneos [1].

D. Luiz de Menezes, que com louvavel resolução affrontou as difficuldades, sem se aterrar com aquelles temores, por conhecimento prático da arte da guerra, por testemunha ocular de muitas acções militares, e até por vogal nos conselhos, que as dirigírão, tinha sobre Vieira grande vantagem neste ponto: mas em tudo o mais lhe era largamente inferior. A historia perfeita da Restauração Portugueza requeria a prática militar de D. Luiz de Menezes, e os talentos e arte de escrever de Vieira. Mas dado que estes meios se não encontrem unidos, certamente que menos mal supprirão talentos e estylo a prática da guerra, do que esta supprirá os poderes da arte e dos talentos. Livio não foi militar; e se a sua historia, com elle ter prática de guerra, seria mais bem acabada, ainda assim he hum dos mais preciosos monumentos do genero historico. Podia e devia esperar-se muito daquella rara sagacida-

[1] Na Carta ao Conde da Ericeira (vol. II. N.º CXII.) pondéra elle as difficuldades da historia da Restauração por estas palavras: *E a empreza e resolução de V. E. foi muito maior que todas, pois não só se resolveo V. E. a escrever historia do passado aos vindouros, senão do presente, ou quasi presente aos que ainda vivem.*

de de Vieira, para alcançar motivos, para seguir manejos occultos, para avaliar exactamente caracteres. E se elle não tinha de Tacito o dom de pintar com traços rapidos e energicos; tinha seguramente tanta agudeza como elle, e igual propensão a considerar por todas as faces os objectos, e a dar maior relevo ás menos favoraveis. Não disputo agora se esta propensão dá, ou tira maior preço ao engenho, que a possue: mas não ha dúvida que he em Tacito huma das suas qualidades mais applaudidas, e que he huma daquellas, em que Vieira lhe foi muito similhante [1].

Se Vieira não possuia (e he certo que não possuia) aquella marcha rapida e vigorosa de Tacito, possuia com tudo, e em alto grào, o dom de narrar por modo claro, corrente e grave, que afasta tudo o que he inutil, que refere com ordem, sem prolixidade, sem ambição nos termos e nos pensamentos. Não será esse rio apertado, que se despenha por catadupas, e assombra com seu jogo impetuoso e por sua violencia os espectadores; mas he a corrente limpida e socegada, que vai dando graça e alegria aos campos, ao mesmo passo que os fertiliza. Nos seus Sermões ha varias narrações curtas, e todas ellas estremadas em brevidade entendida, em disposição, em propriedade. Estas mesmas virtudes se notão, sem mais differença que a indispensavel, na Relação da Missão da Serra de Ibiapâba, e na Carta historica, escripta no anno de 1660 a ElRei D. Affonso VI., relatando os successos das Missões do Ma-

[1] O costume de relevar nas pessoas e acções o lado menos favoravel, e de lhes suppôr motivos e intentos sinistros, he o que Vieira qualifica de *malicias* de Tacito. Taes malicias não são o menor ingrediente, que entra no composto das suas virtudes tão preconizadas; porque a satyra dos outros tem para o coração humano não sei que picante agradavel. Vieira indisputavelmente propendia para aquellas malicias.

ranhão, e especialmente da dos Nheengaibas. Da *Historia do Futuro* não ha que fallar, porque não he propriamente historia, he huma adivinhação, huma conjectura, huma predicção atrevida: que se bem na linguagem e estylo se póde reputar digna de Antonio Vieira; considerada como historia, não póde parecer senão huma extravagancia, antes hum monstro, de que não he acertado tirar prova alguma, ou contra ou a favor dos talentos historicos daquelle, que a compoz[1].

Somos emfim chegados ao assumpto, de que Vieira colheo a maior celebridade; que he fundamento muito principal do seu avultado credito: e em que com tudo os seus mais ardentes admiradores, como sejão pessoas de entendimento, hão de soffrer que elle seja reprehendido com algum rigor. Os Sermões de Vieira forão gabados, forão applaudidos com enthusiasmo pelos Portuguezes contemporaneos, na America, no Reino e em Roma. Se a propriedade e vehemencia da sua pronunciação entrava por alguma coisa nas admirações dos ouvintes, se era hum dos motivos, que lhe chamavão os concursos innumeraveis, que derão occasião a se fazer de tamanho alvoroço quasi hum proverbio[2]; tambem he verdade, que quando se entregárão á méra leitura pela imprensa, o prestigio durou, e a voz do louvor não foi menos dilatada ou menos encarecida. Ainda que os seus defeitos agradavão ás orelhas mais cul-

[1] *A historia do Futuro* não he senão hum vaticinio argumentado daquellas victorias, conquistas, felicidades Portuguezas, que Vieira se promettia a si e aos outros no seu decantado *Quinto Imperio do Mundo*. O empenho era extravagante e temerario: mas podia nascer de enganado amor da Patria.

[2] *Como quem manda lançar tapete de madrugada em S. Roque para ouvir o Padre Vieira:* diz nas suas Cartas D. Francisco Manoel allegado no Prologo do Diccionario da Academia..

tas do tempo, certo que não era possivel, que méros defeitos ganhassem votos tão geralmente e com tanta constancia: nem ha, nos Seculos mais infelizes, hum exemplo de louvor tão aturado e tão largo, sem que alguma, ou algumas virtudes eminentes sustentassem o falso luzimento dos vicios. Que será, se reflectirmos, que em tempos de gôsto menos defeituoso tem sido aquelle louvor pelos juizes mais competentes e mais inteiros confirmado em grande parte? E este he innegavelmente o caso; por mais que a paixão o tenha querido representar por contrario modo.

Por isso mesmo que a Vieira faltava a imaginação já forte, já pintoresca e formosa, que tudo anima, que tudo torna interessante ou agradavel, tambem lhe faltava, das disposições para a consummada eloquencia, o dom de mover os affectos vehementes, de tocar com brandura o coração, de deleitar a fantasia com côres esplendidas, e com bem oratoria cadencia o ouvido dos circumstantes[1]. Em tudo isto era o seu talento muito inferior, como já insinuei, ao de Marco Tullio. Não ha que procurar nas Orações de Vieira o impeto das Catilinarias, o pathetico da Miloniana, a brandura ethica da defeza de Ligario, as brilhantes côres da de Archias poeta, e finalmente a cadencia numerosa de todas as do Orador Romano. Na força porém de convencer, na solercia de refutar, na variedade e verdade das Sentenças, no sal de grande parte das facecias, na viveza e claridade de estylo, não podia hir Cicero, nem certamente foi, adiante de Vieira. E pelo que toca á viveza de estylo, não póde negar-se, que a do ultimo he muito maior, e por isso mais natural e mais apta para produzir illusão

1 Não digo que ignorava o poder da cadencia Oratoria, ou que a desprezava de todo; màs para o torneado e suave de periodos mostra pouco empenho, e não parece ter muita propensão.

e ajudar o convencimento, que a do primeiro; o qual de ordinario emprega longos tractos do mesmo teor, que agitão pouco, e que sabem mais á composição e estudo, d'onde lhes procede o convencerem menos. He certo que ou a extravagancia, ou a exageração das emprezas de Vieira, diminuem muito o poder da sua viveza de estylo para a convicção; mas deixamos agora a realidade do effeito, e consideramos sómente a faculdade de o produzir.

Ainda nos Sermões, a que cabe maior censura, poucos são os que não offerecem hum ou outro pedaço insigne, de que se infere com mágoa o que podia fazer, mas que não fez, aquelle feliz engenho. Os exordios pela maior parte ganhão attenção, pela substancia do que se faz esperar, declarada com grave comedimento. As proposições são breves e claras, sem o affectado, que desfigura as dos melhores Prégadores de França, e se repara ainda mesmo nas de Cicero [1]. As occasionaes narrações são todas perfeitas na brevidade completa, na clareza, na opportunidade: nem as das Verrinas, tão celebradas e tão merecedoras de o serem, as excedem nestas virtudes; se bem que deleitão mais pelo brilho maior da formosa imaginação de Tullio. As conclusões dos discursos de Vieira são quasi todas gravissimas e bem proprias da mais sisuda Concionatoria Christãa.

Cansado o Leitor e indignado de empenhos vãos, de

[1] Como Orador Evangelico, o Padre Massillon me parece o mais completo entre todos os de França. Com tudo nas proposições e divisões he tão medido, tão estudado e até affectado, que com isso falta quasi sempre ao natural, e muitas vezes offende a gravidade. Mesmo Cicero nem em todos os casos propõe sem mostrar hum certo esforço. A proposição e divisão nem sempre *vem nascendo*, como em Vieira; he procurada, he trazida com diligencia, que se conhece muito.

provas arrastadas, de interpretações violentas, respira, recreia-se com a séria e arrazoada religião dos paragrafos finaes, e diz comsigo mesmo: *porque não se valeria em tudo do seu bom juizo este Orador?* Em certos Sermões (porém poucos) se valeo com effeito deste bom juizo em quasi tudo. Distinguem-se particularmente os chamados de Moral; em que penetrado da importancia da materia, despreza meios improprios, e emprega o seu talento, como entendido pregoeiro do Evangelho. Se neste caso mal se póde ainda tratar de Orador consummado, merece todavia o valioso titulo de bom Orador; e se nestes mesmos fosse mais acabado e em todos os outros fosse igual o desenho e a execução, nada teriamos, nesta parte, que invejar ás outras Nações modernas; antes o que algumas nos ganharião na pompa e esplendor, lhes ganhariamos na sólida gravidade da eloquencia.

Mas o certo he, que na maioria o desenho e a execução differem largamente desses poucos escolhidos. Não se propõe Vieira de ordinario mais que agudas extravagancias, paradoxos insensatos, que provocão a riso, se não he á indignação. Os seus argumentos por consequencia necessaria não passão de empenhos futeis, apenas dissimulados com fragil apparencia. A Santa Escriptura he obrigada, he forçada, he arrastada a servir a estas ridiculas emprezas: sem attenção ao seu verdadeiro sentido, sem respeito á sua dignidade. Quanto os Doutores de menos nome, os Expositores mais obscuros disserão com maior encarecimento e menos ponderação, elle emprega confiadamente, se o reputa de serviço, por mais que repugne á discrição e ao senso commum. A liberdade Evangelica degenera muitas vezes em descomedimento escandaloso [1]; a

[1] Liberdade e descomedimento são coisas bem diversas! Não

reprehensão em sarcasmo; a familiaridade em baixeza; o sal em muito rasteira chocarrice. Nos discursos do genero Epidictico ou Demonstrativo, nos chamados de Mysterio he, quasi sem excepção, absurdo. Nos primeiros a mesma Arte aconselha ostentação de engenho; mas Vieira ostenta com profusão o engenho falso e depravado da sua idade. Nos segundos, em vez de suppôr as verdades relevantes da Fé e emprehender ácerca dellas a persuasão ou da sua reverencia, ou do nosso proveitoso agradecimento; occupa-se em discretear sobre a sua natureza, em se remontar, ou querer remontar além do termo posto á capacidade do homem, em sonhos, em desatinos, que se no intento se não desvião da Regra da crença, nos termos soão com tudo como blasfemias.

O máo gosto dos ouvintes, a practica geral dos Oradores Portuguezes contemporaneos, forão certamente a principal causa dos mallogrados talentos de Vieira para o ministerio do Pulpito; mas não forão a unica. Como o reformou (e não ha dúvida que o reformou) em linguagem [1],

empregar liberdade discreta, será no Ministro Evangelico falta de zêlo, ou animo apoucado e captivo: mas usar descomedimento, he falta de compostura, he destruir, em vez de edificar. Nesta culpa cáe Vieira algumas vezes. Não lhe escapão as pessoas mais consideraveis do Estado; que castiga e fustiga sem contemplação. Não se podem dizer verdades mais duras e menos temperadas, do que elle as diz aos Magistrados, aos Ministros, e até aos Monarchas. Elle o confessa (vol. XII. Serm. XIII. n. 346) por estas palavras: *Principalmente em mim, que tenho dito tantas verdades, e com tanta liberdade, e a tão grandes ouvidos*: e não he méra jactancia.

[1] No Prologo aos Sermões dá a entender, que seguio aqui trilho differente do que se usava; e que foi imitado. No Sermão I. vol. I. §. V. representa os miseraveis abusos de estylo, que corrião, e de que elle na verdade se absteve. Sacrificou sem du-

pudéra reforma-lo, com vagar e com prudencia, na substancia das coisas. Conhecia as regras de Aristoteles e Quinctiliano, prezava os escriptos Oratorios de Cicero, tratava os Padres de eloquencia mais judicioza, o seu bom entendimento por si só era capaz de o dirigir ao melhor; porque preferio a falsa gloria de inepcias, aceeitas em tempo corrupto, á solida e duravel de trazer o ministerio Evangelico á compostura e santa efficacia, de que o tinhão desviado o erro e a ignorancia?

Mas em Vieira á nimia condescendencia com os seus máos juizes, á fraqueza de se deslumbrar com presentes e despreziveis louvores, ajuntou-se a propensão infeliz á singularidade, e com ella o desejo de parecer novo, inaudito, original. Novo seria então entre nós, prégando religião com decente zêlo e com gravidade: mas elle queria ser novo e unico mesmo naquillo, que dos seus juizes era mais estimado; e não teve resolução bastante para supportar alguma indifferença, para soffrer alguma injusta censura, em quanto os animos se não inclinavão, o que era infallivel, e affeiçoavão ao methodo proprio de inculcar desde a Cadeira da verdade os dogmas altissimos e a discreta moral do Christianismo. Hum Jesuita do mesmo tempo, talvez com menores talentos, posto que mais ajudado das circumstancias, aspirou e conseguio a gloria, que infelizmente deixou escapar Vieira; e por isso os entendidos o respeitão agora como insigne Mestre da Arte, em quanto no Orador Portuguez reconhecem sómente a possibilidade indisputavel de repartir aquella gloria com o Padre Bourdaloue[1].

Porém se por hum extravio (muito para lastimar!)

vida a outros vicios do gosto do tempo; mas aos que tocavão em linguagem, nada ou quasi nada.

[1] Luiz Bourdalue, que nasceo em 1632, falleceo em 1704, sete annos depois de Vieira.

Vieira não deixou aos seus Compatriotas hum brazão mais honrado da Oratoria Christãa; deixou-lhes sempre, além dos primorosos exemplos de Cartas e Opusculos pragmaticos, hum monumento admiravel da propria linguagem no corpo completo das suas Obras. Se o uso da nossa lingua se perder, e com elle por acaso acabarem todos os nossos escriptos, que não são os Lusiadas e as Obras de Vieira; o Portuguez, quer no estylo de prosa, quer no poetico, ainda vivirá na sua perfeita indole nativa, na sua riquissima copia e louçania.

Será talvez opinião temeraria, mas a minha he, que nenhum Povo possuio jámais nas Obras de hum só homem tão rico e tão escolhido thesoiro da Lingua propria, como nós possuimos nas deste notavel Jesuita [1]. Elle empregou a linguagem culta e publica, e tambem a familiar e domestica; fallou a dos negocios, a da cortezia, a das artes, a dos proverbios: e como tratou tantos e tão diversos assumptos, póde affirmar-se, fóra de hyperbole, que em suas composições a resumio toda inteira com felicidade singular. Dir-se-ha: *Basta logo por Mestre Classico de Portugal neste ponto importante o Padre Antonio Vieira!* E porque não?.. [2] muito mais attendendo-se, que á cópia e variedade unio todos os dotes, que podem tornar huma lingua no seu genero perfeita.

Tudo he casto nos termos, tudo o he na frase: tudo he proprio, tudo he claro, e antes sem excepção de lugar a mesma clareza. Ainda quando he mais levantado, não ha

[1] Esta opinião parece muito arriscada; eu o conheço. Mas quem ler com ponderação todas as Obras de Vieira, talvez que depois lhe ache menos temeridade.

[2] Em pontos de estylo não deve, nem póde ser unico; mas nos de linguagem, não receio dizer que sim. Até o que se adquirir na lição de outros, se deve adiantar e apurar na delle.

tão completo idiota, que não alcance o seu sentido[1]. Os Authores do Diccionario da Academia louvão a sua *parcimonia na innovação de vocabulos*; e com justiça, porque são poucos innovados com tão bom juizo, que chegão a não se estranhar como innovados. Porém quizera eu, que insistissem mais no seu *discreto uso de vozes e formulas antigas*. O archaismo he tentação mais perigosa para os curiosos de linguagem, do que he o seu contrario; e dobrava a tentação para hum amador da singularidade. Mas resoluto á perfeição neste ponto, soube resistir a todas as tentações: e se fugio igualmente do alheio, conteve-se com mais valor do antiquado[2]. A sua linguagem era a do seu tempo e a da sua Nação; e como estava já muito depurada, e tomou nas suas mãos os ultimos quilates, he e será a verdadeira linguagem Portugueza em todos os tempos; de tal sorte que quanto se afastar deste padrão, tanto fugirá do seu puro natural, da sua sincera formosura. O mesmo bom discurso, que o levava a escolher os termos com pureza, o levava a construi-los segundo as regras proprias ou com correcção. Apenas huma vez ou outra me parece menos correcto. E digo *me parece*, porque me não atrevo

[1] Não lhe póde ser disputado, nem sei que se lhe dispute este merecimento. He tanto sem excepção, he tão perfeito, mesmo nas materias mais subidas e nos empenhos mais refinados do Author, que por todas estas considerações chega a ser sublime.

[2] Vieira nesta parte tira toda a desculpa aos Portuguezes modernos, que ou erradamente julgão que se não deve fallar e escrever senão como em tempos d'ElRei D. Manoel, ou de proposito querem com este exotico hallucinar Leitores vulgares. Embora saiba Varrão como fallavão os antigos Cethegos; mas Horacio escreva na linguagem do tempo de Augusto. Este Poeta judiciosissimo assim o practicou; bem que em Poesia se admitte mais algum desvio.

a censurar hum Mestre tão respeitavel sem grandes précates de desconfiança.

O Portuguez terá mais brandura e quasi igual clareza na penna de Fr. Luiz de Soisa; será mais ardente na de Fr. Thomé de Jesus; mas em ambos falta muito mais aos apices da correcção do que em Vieira. Ambos elles tinhão mais disposições para a eloquencia, que affeiçoa, e que arrebata; mas ambos possuião muito menos a sua lingua, e a empregárão com muito menos regularidade. E se ella se recusa em Vieira á doçura de Soisa e ao impeto e fogo de Fr. Thomé de Jesus; tambem se presta a declarar o fino e delicado por modo feliz, em que nenhum dos nossos escriptores o emparelha. Leião-se, ponderem-se os dois Sermões, nesta parte verdadeiramente admiraveis, das exequias de D. Maria de Ataide, e do Mandato prégado em 1645, e quem lêr ficará convencido de que o Author alcançou perfeitamente, e perfeitamente transpoz para a nossa lingua, a concisão aguda, e a maneira engenhosa de Seneca [1]. Vieira prezava muito os escriptos de Seneca, e tinha com elle grande conformidade no entendimento: e se o seu gôsto era praticamente ainda mais corrupto, era todavia sempre mais claro, e sabia-o imitar bem nas suas particulares virtudes.

Algumas vezes ostenta Vieira o seu profundo e talvez singular conhecimento da lingua Portugueza [2]. Mas não

[1] A Oração funebre de D. Maria de Ataide he XIII. entre os Sermões do vol. IV., o do Mandato he XIII. do vol. II. O ultimo no seu genero he peça rara, merecedora de se lêr muitas vezes, e até de se entregar á memoria.

[2] Veja-se a estatua de murta no Sermão XII. do vol. III. n.º 502, o Sermão XI. do vol. II., o II. do vol. VII. n.º 78, etc. etc. Hum escriptor, tendo dito que nos empregos mais alheios falla com propriedade, accrescenta com particular energia, mas

he hum mercante fraudulento, que inculque os cabedaes, que não possue, para adquirir creditos, que não merece completamente. He em todo o rigor aquelle, que se inculca; senhor opulentissimo do thesoiro mais copioso, com perfeita discrição para o empregar muito a proposito. Conhecia as palavras, o fraseado das artes, dos officios, das profissões, de que parece que devia andar mais distante; e fallava ácerca dellas com a mesma propriedade e acerto, e com mais elegancia do que os proprios professores!

Onde grangeou, que tempo teve para accumular taes riquezas, hum homem que passou os primeiros trinta annos fóra do Reino, que se divertio no restante da vida para tão varias occupações? Que elle estudou a lingua, e muito, não póde haver dúvida: porque tal profundidade, noticia tão completa e tão exquisita não se podem haver sem grande estudo. Mas quando se empenhou neste estudo? Os primeiros Sermões já não merecem aqui muito reparo; os que prégou em chegando da America, são pela maior parte perfeitos em linguagem. Não foi pois no Reino, não foi no uso da Côrte, não foi com leitura vagarosa em annos de muito discernimento. Resta por tanto appellar para a promptidão antecipada e pasmosa, com que observava e meditava quasi sem espaço de tempo; para a propensão insigne, que lhe facilitava o aprehender rapidamente as mais subtís differenças, as mais miudas particularidades, as mais finas delicadezas, e até os mais imperceptiveis gráos de decoro da locução; e emfim para a memoria firmissima, que conservava com escrupulosa fidelidade, ainda o adquirido com pequeno ou quasi nenhum esforço.

Não será bem que nos esqueça, já que fallámos em

com justeza, *e até nos de jogo (não se póde encarecer mais) como se fôra taful.*

decoro de locução, o discreto esmero, com que o guardava Vieira, o cuidado, com que afastava tudo o que era mal soante ou abjecto, a repugnancia, que mostrava aos termos, que podião offender o ouvido e excitar ao mesmo tempo idéas menos delicadas. Desta repugnancia he notavel exemplo o enojo, com que elle mesmo confessa em hum dos seus Sermões, que evita o nome vulgar do iman [1]. As coisas serão ás vezes muito familiares, muito miudas e até rasteiras; mas a linguagem, sem ser desproporcionada ou impropria, nunca he senão a das pessoas ingenuas. E se de huma ou de outra palavra dos seus escriptos se póde fazer hoje diverso juizo, a equivocação estará em se avaliar pelos tempos presentes a policia ou falta della, que lhe competia nos tempos do Author [2]. Mudão com os annos estes accidentes, mudão com os costumes; e o que em huma idade não he senão singelo, em outra parece descomposto e póde ser que torpe. Em summa, que se a nossa lingua, como agradecida e em certo modo desvanecida de se vêr tratada por quem a sabia aperfeiçoar e honrar, se prestava com docilidade e condescendencia grata a quasi tudo que della requeria Vieira, da sua parte Vieira, pelo desvelo, pela estimação e pelo mais fino respeito, plenamente lhe merecia tão primorosa complacencia.

Mas tempo he de darmos fim a esta Memoria, em

[1] *Fallando Plinio da Magnete, ou Calamita, ou pedra Iman* (*que me não cabe na boca o nome do nosso vulgo*) *descreve*, etc. vol. III. Serm. III. n.º 86. No Sermão XIV. do vol VII. n.º 499. no IV. do vol. XII. n.º 118. ha outros dois excellentes exemplos desta delicadeza, que o Author chama *primor* ou *cortezia* da Lingua.

[2] Podem servir de exemplo analogo as palavras *Diabo* e *Inferno*, de que Vieira faz uso muito frequente; e que, vista a sua discrição em guardar o respectivo decoro, empregaria hoje com muito maior sobriedade.

que ao Padre Antonio Vieira, assim no mal, como no bem, só tratámos de fazer justiça. O testemunho da historia deve ser incorrupto; a Crítica sãa regeita igualmente satyra e adulação.

Composto raro de imperfeições e de prendas insignes, servio Antonio Vieira muito á Religião, e não servio menos á Patria; mas poderia servir a ambas ainda melhor. A Patria, se o louvou em seu tempo com demasia, tambem o tratou em alguns casos com desmerecidas esquivanças. O seu zelo politico foi recompensado com injustos desterros; os Carceres da Inquisição de Coimbra forão pena sobejamente severa das suas singularidades; as suas prendas e serviços pudérão ser mais attendidos e mais bem satisfeitos por ElRei D. Pedro II. A posteridade, mais cega ainda por odio, doestou as suas egregias qualidades, vilipendiou os seus talentos, calumniou as suas intenções, escureceo as suas Obras, imputou-lhe aleivosamente culpas, perturbou, por ultimo, e affrontou com furor barbaro as suas cinzas. Para que vejão os homens (quero dize-lo, como Vieira o disse em substancia por varias vezes), para que vejão os homens, que o unico motivo certo, mas por si só superabundante, para se encaminharem ao bem, e o pôrem em prática, está nas approvações deliciosas da propria consciencia, e nas esperanças da justiça invariavel daquelle, que na estimação do merecimento não póde ter erro, nem póde em o remunerar padecer defeito.

REZUMIDA NOTICIA

DA VIDA

DE

D. NUNO CAETANO ALVARES PEREIRA DE MELLO,

SEXTO DUQUE DE CADAVAL.

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares...

LUZ. IV. 14.

Dizem que se deve escrever a Historia sem odio e sem affecto. Eu escrevi este opusculo sem odio, mas não sem affecto; porque não está na minha mão deixar de amar a virtude. Puz porém grande cuidado em escrever só o que tenho por verdade. A quem poderia eu querer lizongear? O Duque D. Nuno Caetano está hoje muito acima de louvores, ou de invectivas humanas. Aos seus guardo o devido respeito; mas não pertendo grangea-los, nem elles se deixarião grangear, por adulações.

Quanto mais, que não duvido appellar para o testemunho de todos os que conhecêrão o Duque D. Nuno Caetano. Teve emulos, teve inimigos, porque alta virtude nunca deixa de os ter. Para o tesmunho desses emulos e inimigos appellarei sem receio. Alguns conheço bem determinados, bem confiados em sua habilidade, e não temo

que saião a desmentir-me: porque ainda que confiem demais, pois que na opinião de nós mesmos sempre nos inclinamos para o mais favoravel, sei de certo que não tem tão pouco entendimento, que ouzassem arguir-me sequer de exagerado.

Ninguem (dos que o conhecêrão, digo) deixa de ter o Duque, no proprio conceito intimo, por hum Portuguez digno da sua clara linhagem, por hum Portuguez *do bom tempo*, por hum verdadeiro Portuguez. Faça a Divina Providencia, que não fosse elle *o ultimo dos Portuguezes.*

Nascer em tempo adequado ou fóra delle, não depende do homem: tem, com tudo, na felicidade ou infelicidade da vida humana, muito grave importancia. Nasce e vive, em dias serenos, hum homem de dispozições ordinarias; logra na sua carreira muita satisfação, e talvez adquire largo credito e primorozo: em quanto outro, nascido com talentos e propensões superiores ao vulgar, mas em epocha de dias máus, não prova mais do que contratempos e tribulações, e acaba, senão desconhecido, ao menos mal conhecido dos seus contemporaneos. Quantos serão reprezentados na Historia com aureola brilhante, que a devem só, ou principalmente a devem, á felicidade dos tempos! A quantos tira a desgraça dos tempos o que em rigor era devido a egregias prendas e raras virtudes! Ponderação triste, mas verdadeira; pela qual todo o entendimento reflectido alcança facilmente como he incerta e preçaria a felicidade sobre a terra, e a que descontos he sujeita a fantastica illusão (comtudo tão namorada!) que se chama gloria humana.

O ultimo Duque de Cadaval, D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, foi hum dos sujeitos, cujas prendas e grandes virtudes achárão poderozo encontro no desfavor dos tempos. Alto entendimento, propensão inalteravel á verdade e justiça, amor fino e puro da Patria, serviços relevantes, avultados sacrificios do proprio descanso e da propria fazenda em prol de huma Cauza tão patriotica como justa, não lhe grangeárão, por culpa dos tempos, mais do que huma vida, em grande parte e na principal, atribulada e amargurada, antecipada morte, e morte em

desterro; que ainda que preferido com honra e nobremente tolerado, nunca póde perder de todo as desconsolações, os agros de desterro.

Ver-se-ha bem pela noticia, posto que muito em rezumo, que aqui me proponho a dar da sua vida: da qual me não falta o necessario conhecimento. Tratei-o de perto por mais de dez annos; tratei com elle negocios graves; observei-o naquelles momentos de desafogo, em que os homens se conhecem melhor, porque não podem pôr na communicação tamanho estudo; tive em fim varias occaziões e meios opportunos de me informar largamente dos acontecimentos, de que não possuia sciencia propria.

Se eu quizesse compôr hum panegyrico, mais não faria do que intento agora; referir com exacção escrupuloza; pois que de tal homem quanto mais fiel fôr a relação e mais sincera, mais será e parecerá elogio: e até a lisonja (de que estou bem distante) quando tem de reproduzir huma bella figura, no que põe todo o empenho, se não carece inteiramente de discrição, he em copiar muito ao natural. Porém o meu fim unico he dar bem a conhecer hum dos caracteres, que maior honra tem feito, nos ultimos tempos, á nossa Nação, e mostra-lo em clara luz aos Portuguezes (não poucos certamente) que o não virão senão de longe, ou por entre as sombras de máus affectos e de mal fundadas opiniões.

Direi o que serve a este propozito, deixando o resto á Historia; a que o Duque pertence por sua pessôa e empregos, e que fallará mais largamente, mas não com mais verdade. Quero ser breve, e para isso porei de parte explicações ou discussões, que á intelligencia não forem necessarias. Prescindirei, quanto for possivel, do que possa hir topar com reputações alheas; não só por inclinação propria, mas tambem porque o respeito á memoria do

Duque me obriga a desviar o que sei de certo que elle desapprovaria, pela sua grande delicadeza de Christão e de Cavalheiro, e até pela sua, no meu parecer exagerada, circumspecção. Circumspecção exagerada foi, se aqui tem lugar esta palavra, o *vicio* unico do Duque, e a origem de hum ou outro leve defeito, com que elle por sua parte provou, que a imperfeição he inevitavel na fraca natureza humana.

A Familia de Bragança e a de Cadaval vem do mesmo venerando tronco; sem mais differença, que a de primeiro e segundo ramo. O Duque de Bragança D. Fernando II. e o fundador da Caza de Cadaval, o senhor D. Alvaro (que assim he nomeado nas nossas Historias) erão legitimos irmãos, e bisnetos, pelo Duque D. Affonso e sua mulher D. Brites Pereira, d'ElRei D. João I. e do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Sobresahio a Caza de Bragança em razão da sua primogenitura e de allianças contrahidas com a legitima linha reinante, pelas quaes adquirio e assegurou o direito realizado em 1640. Deste realce com tudo coube tambem parte á Caza de Cadaval, pelo cazamento (com posteridade, que ainda se continúa) de D. Francisco de Mello segundo Marquez de Ferreira, neto do senhor D. Alvaro, com D. Eugenia de Bragança, filha do Duque D. Jaime, legitimo neto do Infante D. Fernando e sobrinho legitimo d'ElRei D. Manoel. E se de tão claras e relevantes allianças se lhe não offereceo no Reino outra occazião, fóra do Reino contrahio cazamentos nas Familias da mais antiga e remontada nobreza, como as de Altamira, Tavara e Lorena; cujo alto esplendor veio reunir-se com o de Bragança na Caza de Cadaval.

De tão luzida Caza foi (contando desde o fundador) decimo reprezentante, e sempre por varonia, D. Miguel Caetano Alvares Pereira de Mello, quinto Duque de Ca-

daval, oitavo Marquez de Ferreira, nono Conde de Tentugal, filho do quarto Duque, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, e de D. Leonor de Tavora, dos Condes de S. Vicente. Ficou o Duque D. Miguel, por morte de seu pai, em menoridade: o negocio porém do seu cazamento, sem embargo dos descuidos e talvez desmanchos, que costumão trazer comsigo as menoridades, veio a ser encaminhado com a bem succedida prudencia, que em taes materias acompanhou constantemente as determinações daquella Familia; e no anno de 1791 cazou o Duque com D. Maria Magdalena Henriqueta Carlota Emilia de Montmorency Luxembourg, filha legitima do Duque de Piney Luxembourg e de Chatillon, e terceira neta do celebre Marechal de Luxembourg, que sustentou a gloria das armas d'El-Rei Luiz XIV. contra a sagacidade e incansavel perseverança do Principe d'Orange; Senhora de raro avizo, e de tão singulares prendas, que o menor dote, que neste consorcio levou á Caza de Cadaval, foi o luzimento de tão distincto appellido.

Nasceo deste consorcio o Duque D. Nuno, aos 7 de Abril de 1799. Fechava, ao nascer do Duque, o seculo XVIII., e abria o XIX., carregado com todo o pezo de sua mofina e funesta herança. Acabava em Portugal dilatado tempo de paz e de abundancia contente, e principiava longo encadeamento de encontros e desastres, que em fim o devião trazer ao imminente perigo de se desmantellar de todo; com perda até da sua honra ganhada por tantos sacrificios e tão assombrozas proezas. Cego furor, ambição e rapina de estranhos levou forte agitação áquelle remanso; os erros, indolencia e descuido dos naturaes, e mais que tudo o seu descahimento da politica ponderação e nobre pundonor dos maiores, a tornou grossa e violenta borrasca, que tem já durado por mais da terça parte

deste seculo. Não coube ao Duque (e Deos sabe a quem caberá!) alcançar o ultimo termo de tamanha tormenta: só lhe coube passar, no meio de seus embates e fluctuações, a vida inteira, sem mais alivio, que o de alguns curtos intervallos; nunca de calma perfeita, e quando muito de esperança.

No berço o achou ainda a invazão hostil de duas Nações; qualquer dellas muito poderoza para Portugal. A prepotencia de huma, abuzando da condescendencia ou fraqueza da outra, de commum acordo com ella nos foi castigar do *nosso respeito aos são principios e da nossa lealdade aos naturaes e antigos alliados.* Muito desigual era o partido; ou se considere o numero, ou se considerem os recursos, ou em fim se considere o uzo das armas, que havia quazi hum seculo, que não jogavamos em campo contra o inimigo. Prevaleceo comtudo o brio da Nação, e nem se deixou acobardar o Principe, nem os vassallos faltárão em acodir á voz do Principe; que nos ouvidos Portuguezes, como cantou com tanta verdade e elegancia o nosso Poeta, tem sempre a força invencivel do prestigio. A fortuna, como uza fazer tantas vezes, deixou o lado da justiça e bizarria para se bandear com o maior poder; e estipulou-se no concerto de Badajós a união de Olivença com a Monarchia de Castella. Não se envergonhárão duas grandes Nações, que presumem, e na verdade são entendidas em pontos de brio e de primor, de se colloiarem para hir arrancar de hum Reino, já pouco extenso, hum pequeno torrão, cuja posse apenas serviria para satisfazer ao capricho ou contentar a vaidade de hum valido! Perdemos, he certo, o territorio de Olivença: mas nenhum sizudo dirá, que perdemos honra, querendo antes provar a sorte das armas, sem embargo dos perigos da resistencia, do que trahir huma nobre Cauza por cobardia.

Continuou a discorrer pelas suas fazes a Revolução Franceza, promettendo em cada huma proveito e venturas, e faltando tristemente ao promettido em todas ellas. Ao Directorio seguio-se o Consulado por tempo, ao Consulado por tempo o vitalicio, ao Consulado vitalicio finalmente o Imperio, que assentou e reforçou o despotismo, muito além do que servíra de pretexto aos facciozos de 1789. Hum soldado atrevido lançou mão do sceptro, e pelo esplendor de suas victorias avassallou, subjugou a propria nação, e pôz em respeito e temor as estranhas. Como era mais dotado de habilidade militar, que de profundidade e senso politico, quando assim se vio obedecido no interior, e temido das Potencias estranhas, fantaziou o dominio universal, e começou a fazer disposições para derrubar as antigas dynastias, e substituir a dynastia Napoleão. Aqui tiverão origem os crimes e atrocidades, que despertárão e indignárão a Peninsula Hespanhola; d'onde se despedio a pequena pedra, que talvez lançou por terra e reduzio a poeira o Colosso fantastico, que amedrontava toda a Europa. A Familia Real Portugueza houve-se, e com bom fundamento, por involvida no decreto de proscripção, e procurando a sua segurança, determinou-se, não sem conselho, e urgente conselho, dos seus alliados, a navegar para o Estado do Brazil: e para alli a seguio, na companhia de seus pais, o Duque D. Nuno, experimentando desde a tenra idade de oito annos e alguns mezes, os desconfortos de hum desterro, que não devia ser o ultimo.

O Principe de Portugal, tanto que rezolveo embarcar para o Brazil com a sua Familia, fez participar esta rezolução a toda a sua Côrte. Luctava o Duque D. Miguel Caetano com huma enfermidade gravissima, e declarárão os medicos, que arriscava muito a vida na viagem; preferio com tudo correr este grande perigo, que o successo mos-

trou que não era imaginario. O prazo para dispozições e embarque foi muito curto, e a precipitação, como he costume, cauzou transtornos. Mandou o Duque fazer os seus aprestos e provimentos na náo Martim de Freitas, que lhe fôra assignada; mas vio-se depois obrigado a fazer viagem na náo D. João de Castro, sem ter tempo ou de passar para esta náo os provimentos que tinha a bordo de Martim de Freitas, ou de fazer novos provimentos. Embarcou pois em fins de Novembro de 1807, com sua mulher e filhos, na náo D. João de Castro, pouco menos que á cortezia dos companheiros de viagem, e supportando os incommodos de tão apurada situação; incommodos muito mais sensiveis para quem soffria molestia tão arriscada e tão penoza.

Pudérão ter, ao menos, navegação macia e breve; mas foi, ao contrario, cansada e trabalhoza, e tão demorada, que por meado de Janeiro he que avistárão a costa da Paraiba, onde fundeárão por poucos dias para tomar refresco, e por fim do dito mez he que forão arribados á Bahia. Tinha feito grande progresso a hydropizia de peito, que soffria o Duque D. Miguel, e nem com os ares da terra e algum descanso sentio allivio: antes crescendo incessantemente o mal veio a fallecer naquella Cidade aos 14 de Março de 1808, deixando huma viuva com quatro tenros orfãos em terra estranha, e acabando na opinião de que a Patria e a grande Caza, d'onde á desolada familia podia vir alento e conforto, havião cahido irrevogavelmente em poder de hum inimigo muito poderozo e muito tenaz para desistir dos seus atrozes projectos. Melancolicas e acerbas reflexões, que devião augmentar muito a desconsolação e anciedades do triste Duque no leito da dôr! Luctuoza scena, desengano bem claro da incerteza, da sombra e nada das grandezas e fortunas do mundo! e scena luctuoza, que vinte e nove annos depois se devia repetir em Pariz

(desenhos impenetraveis da Divina Providencia!) com tão perfeita identidade nas circumstancias de desterro, de viuvez, de orfandade e até de perdição da Patria, que mais parece hum traslado feito com grande empenho e estudo, que hum rezultado, ao nosso modo de ver, eventual do enlace ou atilho ordinario das coizas humanas!

Porque apertava cada vez mais a necessidade de partir para o Rio de Janeiro, apenas deo quinze dias ao desafogo da sua dôr a Duqueza D. Maria Magdalena: e embarcando na Bahia a 29 de Março, tomou porto no Rio por meado de Abril. Foi acolhida do Principe Regente com particular affabilidade: e visto que o Duque D. Miguel, com todo o resto da nobreza, que seguio a Real Familia, tinhão sahido de Lisboa com poucos meios de subsistencia e nenhuma ou fraca esperança de receberem do Reino o producto das suas rendas, a todos se assignou da fazenda publica huma quantia annual, que foi para a Caza do Duque o dobro da de cada hum dos outros. Como porém o inimigo, por huma felicidade pouco esperada, foi lançado do Reino em Setembro seguinte, e entrárão os negocios e correspondencias a correr, como corrião d'antes, principiou a Duqueza a receber de Lisboa remessas regulares; e desde aquella hora se absteve de procurar a quantia, que lhe fôra assignada no Erario.

Assentou caza a Duqueza, e pondo de parte todo o outro cuidado começou a entender unicamente na educação de seus filhos e sollicita administração dos seus bens. Huma e outra coiza requerião grande discernimento e prudencia, incessante applicação e firme perseverança. A menoridade do Duque D. Miguel tinha cauzado graves detrimentos, que elle, depois que foi maior, não remediou; se não he que os accrescentou com o descuido commum nas pessoas daquella qualidade, e mais commum ainda nas dis-

tracções e inconsideração de verdes annos. Era, por hum lado, precizo manter a caza do Brazil com o apparato competente á sua jerarquia e em face da Côrte; era precizo não faltar á familia, que sem outro arrimo ficára em Lisboa; e era precizo satisfazer a credores queixozos e contenta-los, pelo menos, com certeza de boa vontade e outros motivos de bem fundada esperança: por outro lado os encargos publicos devião tornar-se mais gravozos, as rendas, na geral perturbação e deslocamento, devião diminuir, e a sua administração no Reino, tão longe dos olhos de seu dono, devia ser mais descuidada e menos segura. Apezar de tantos embaraços e até contradicções, tal foi a discrição, que nesta materia guardou a Duqueza, que nem se faltou ao justo esplendor no Rio de Janeiro, nem sentio differença no tratamento a familia de Lisboa; e o avultado empenho, se não foi extincto de todo no tempo em que esteve a seu cargo, sempre foi muito consideravelmente reduzido. No governo e meneio dos bens da sua grande Caza, por certo formoza cópia da mulher forte e peregrina, que o rei sabio reprezentou com tamanha largueza e complacencia! Porém mulher não menos rara, não menos digna de louvor e respeito, na prudente vigilancia com que dirigio a educação de seus illustres filhos!

Tão difficultoza he, como necessaria ao homem, huma boa educação. A fina pedra sahe das mãos da natureza com imperfeições, que he precizo remediar, e cujo remedio depende da sua propria têmpera, da occazião opportuna, do saber, destrêza e esmero do artifice. Mas quando se reunem feliz têmpera, adequada occazião, bom e esmerado artifice? Por desgraça do mundo, mostra a raridade desta união a contínua e geral experiencia. Se na educação, que emprehendia a Duqueza, erão a favor indole feliz e entendido e zelozo artificio; certamente não era a fa-

vor a occazião. A novidade, a sorpreza da situação, as duvidas do futuro devião cauzar hum desassocego, huma falta de repoizo e assento de animos, quazi incompativel com obra tão séria e tão grave. Faltavão meios, não podião abundar mestres; e emfim até a especialidade do clima e da terra offerecião estorvos. E notou-se com effeito, que em grande parte dos emigrados para o Brazil, todas estas cauzas ou impedírão ou mallográrão o empenho de traçar e seguir os planos de acertada educação. Mas não pudérão impedir ou mallograr o firme e discreto empenho da Duqueza, que soube achar ou crear recursos, e fugir ou vencer obstaculos.

Pôz por fundamento Religião pura, viva, desaffectada: fundamento essencial da sociedade de Familia, e da sociedade das Nações; que não são senão grandes Familias. A Religião assim pura e viva conserva ou emenda os costumes; e a Duqueza ainda ajuntou a este poderozo meio os seus exemplos, a sua exhortação repetida, sem ser prolixa ou fóra de tempo, energica, mas sem aspereza. Rodeou seus filhos de pessoas de toda a sua confiança; afastou, tolheo com branda mas efficaz authoridade a communicação e trato arriscado ou por máos principios, ou por irregularidade de acções, ou por vulgarismo grosseiro de modos e de comportamentos. Empregou muita diligencia em inspirar a compostura e dignidade sem excesso, o macío e affabilidade com medida, que ajustavão com o nascimento e representação de tão qualificados Cavalheiros. Não se esqueceo das prendas, que adornão, ou servem, ou tudo junto; como a muzica, a dança, a equitação. Mas incitou mais e promoveo applicação aos estudos: não a applicação, que faz os homens de letras, mas a que orna o espirito e habilita para apparecer no grande mundo sem dezar, para desempenhar com satisfação e com applauzo altos empregos;

Na perfeita correspondencia de seus filhos ao seu discreto e perseverante zelo, logrou porém a compensação mais doce e mais lizongeira, que podia esperar, e até dezejar, a Duqueza D. Maria Magdalena. Que póde dezejar hum desvelado jardineiro, senão he, que as plantas, que dispôz e tratou, mostrem, por seu vigor e formozura, que empregou bem os seus mimos e cuidados? Os que sobrevivem ninguem que os conhece tem dúvida de que dão completo testemunho de bem cuidada e bem succedida cultura. Mas o respeito á sua modestia não permitte hir aqui mais longe; e fallarei só do illustre Duque, principal objecto desta Noticia.

Ao ensino daquella grande escóla foi tão fiel o Duque D. Nuno, que reciproca e altamente se abonão a escóla e o discípulo. As pessoas que o tratárão nos annos mais viçozos attestão, e attestamos as que o tratámos nos ultimos annos, a sua sincera e discreta piedade, a inteireza, nunca desmentida, de costumes, a gravidade de maneiras, por tal modo temperada de brandura, que igualmente distava de abatimento e de arrogancia. Adquirio, e cultivava occazionalmente as boas prendas; com a discrição com tudo de quem, por tacto fino e exquizito das conveniencias, sabía que para elle não podião ser emprego, mas só ornamento. No estudo das letras empregou mais empenho, maior continuação. Era o centro para onde o levava a propensão natural. O seu espirito era extenso, penetrante, reflectido: buscava o exercicio ou alimento proprio. Retirado e nunca ociozo, de poucas palavras e de muitos pensamentos; o estudo era a sua occupação de preferencia, o trato dos livros o seu prazer valído. A elle dava, até aos fins da vida, quazi todo o tempo, que lhe concedião as molestias ou os negocios: que lhe concedião, digo, os negocios, principalmente os publicos, que lhe forão entregues;

porque governando-se em tudo com sábia moderação, nem o enlevo de prazer tão vivo e tão nobre o distrahia de importantes obrigações.

Aprendeo o Latim e o Grego; e desta ultima lingua fazia particular e o devido apreço. Estudou a Rhetorica, a Logica, a Historia com o necessario apparato de Chronologia e de Geografia. Estudou as Mathematicas, e na applicação das Mathematicas aos diversos ramos da arte militar mereceo muito conceito a alguns entendidos, que tiverão occazião de formar juizo; occazião, que pelo seu habito de se não mostrar senão bem a propozito e mais que tudo pela sua modesta rezerva, devia ser rara. Estudou em fim o Direito Natural, Publico e das Gentes e as Instituições do Direito Portuguez. Fallava e escrevia correntemente o Francez, escrevia correntemente o Castelhano, entendia o Inglez e mesmo hum pouco de Allemão: não fallo do Italiano, que nenhum Portuguez culto, por pouco que o sejo, deixa de entender, e que pela cópia e alta valia dos seus escritos desafia toda a ingenua curiozidade; e lembra-me que hum dos livros, que trazia entre mãos, pouco antes de cahir no abatimento de forças, que até lhe tolheo a leitura, era huma collecção de poezias naquella lingua, em que especialmente se entretinha com as do Dante.

Este cabedal de instrucção, tão grave e tão appropriada, foi adquirido, e ao menos todo traçado e preparado nos oito ou nove annos, em que se demorou no Rio de Janeiro, e continuado e accrescentado depois que voltou para o Reino.

Aquelles oito ou nove annos forão ricos de importantes acontecimentos! Na lucta gigantesca entre a sède ardente de dominar e o amor da independencia, duas vezes foi Buonaparte derrubado do throno, e na ultima deportado para a Ilha de Santa Helena; que lhe devia servir de prizão e de tumulo. O espirito revolucionario não

morreo com a quéda daquelle seu *equivoco* campião, mas dissimulou-se hum pouco, procurando recobrar forças para sahir de novo a campo em dias menos contrarios. Respirou a Europa, e recobrou esperanças de tornar á influencia de bons e verdadeiros principios, e á boa ordem, que delles essencialmente depende. Os Portuguezes emigrados no Brazil entrárão a voltar olhos ainda mais saudozos para a Patria, e a esperar com impaciencia pelo momento, em que o Governo havia de cumprir a promessa, com que sahíra de Lisboa: e participava tanto mais desta impaciencia a Duqueza de Cadaval, quanto mais a obrigavão grandes interesses da sua Caza. Porém o Governo, que para isso devia ter attendiveis razões, demorou-se; e até vogou a opinião de que lhe não fazia bem a Côrte, quem mostrava dezejos de deixar o Brazil.

Foi neste meio tempo, que o Duque de Luxembourg, irmão da Duqueza de Cadaval, chegou ao Rio de Janeiro, como embaixador extraordinario d'ElRei Luiz XVIII. Fosse embaixada de cumprimento entre os Soberanos, como parece mais provavel, fosse negociação dissimulada em apparencias de mera cortezia, o certo he que não foi muito demorado o desempenho, e que o Duque de Luxembourg, passados poucos mezes, se achou desembaraçado, e rezolveo fazer-se outra vez na volta da Europa. E porque hum dos negocios, que mais instavão a Duqueza para passar ao Reino, era dos que se chamão negocios de familia, que ella por isso mesmo não podia dispensar-se de lhe participar, o Duque de Luxembourg, bem convencido da sua importancia, offereceo á Duqueza o transporta-la na mesma Fragata de guerra, e tomou á sua conta obter o Real consentimento. Não o recuzou a benignidade d'ElRei D. João VI.; e a Duqueza, embarcando, com seu irmão e a sua familia, na Fragata Franceza Hermione aos 21 de Setembro, entrou

no Tejo em 4 de Novembro de 1816, depois de nove annos completos de auzencia.

Mais de huma casta de perigos se offerecia agora ao Duque, com a sua rezidencia no Reino e em Lisboa: sobretudo continuando a Côrte em tamanha distancia. Dezesete para dezoito annos de idade: idade tão crítica, tão disposta aos inconvenientes da dissipação, ás seducções de todo o genero! huma estatura elegante, bem acima do ordinario, com aspecto nobre, que obrigava ao respeito; huma fysionomia feliz e interessante; hum trato brando e amavel; o natural favor e interesse, que nunca falta aos mancebos de tão alta jerarquia: tudo o devia fazer muito procurado, seguido e até provocado ou incitado, e podia, por isso mesmo, influir altamente ou em quebra dos seus costumes ou em alteração da grave compostura de seus pensamentos primorozos. A penetração da Duqueza alcançou promptamente estes perigos; e se bem que tinha, e com razão, muita confiança na indole, nos honestos habitos, e no entendimento, já muito desenvolvido e assentado, de seu filho, julgou mais seguro declinar, a tempo e por modo airozo, do que afrontar os hazares de hum conflicto. E sobre este juizo, argumento da sua ternura e prudencia, formou e executou hum entendido plano, que podesse hir, como foi com effeito, aos seus fins, sem prejuizo, antes com accrescentamento da sua dignidade e dos seus interesses.

Os negocios sim pedião alguma demora em Lisboa; mas não demora contínua ou muito larga. Quanto mais, que o Duque possuia nobres quintas a tão curta distancia, que viver nas quintas seria o mesmo, para os negocios, que viver em Lisboa; e de resto era lograr o repoizo, a salubridade, a independencia e as amenidades do campo. Tinha além disso o Duque, na vida campestre, occazião de se applicar e instruir no meneio e governo de administrações

muito importantes da sua grande Caza; tinha facilidade e estimulo para se dar, com seus irmãos, aos exercicios, e recreações, que dilatão e renovão o animo, que desembaração e corroborão o corpo. As despezas necessariamente havião de diminuir; e ao mesmo tempo, pela virtude tão sabida dos olhos do senhor, havião de crescer os proveitos; novas ponderações, que devião confirmar a Duqueza no seu entendido plano; que agora veio a pôr por obra. Rezidia por intervallos em Lisboa; mas na maior parte do anno vivia ou em Mugem, conforme as estações, ou em Cintra. Alguma vez se adiantou mais e passou ao Além-Tejo, onde a Caza de Cadaval era e he senhora de muito e avultados predios: sempre unindo o prazer da diversão com o proposito de bem conhecer e de melhorar as suas possessões. Continuou até ao cazamento do Duque no mesmo theor; e tanto se affeiçoou o Duque a este modo de viver, que o seguio ainda depois de cazado, e em quanto o não obrigárão a prender-se em Lisboa os encargos publicos.

Hum dos negocios, que tratei de graves, e a que alludí fallando em negocios de familia, foi o deste cazamento. Projectado e já tratado d'antes, continuou a tratar-se depois da chegada a Lisboa; e foi concluido, quando o Duque passava poucos mezes de vinte annos. Coroou a Duqueza os importantissimos serviços, que fez á Caza de Cadaval, concluindo este egregio contrato, *o chefe d'obra*, soffra-se esta palavra, da sua discrição e do seu amor. De ambos os lados se acordavão perfeitamente as conveniencias; por tal modo, que qualquer das Familias, que por elle se unirão, perderia vantagens bem consideraveis, se não se effeituasse a união. Nem a despozada acharia melhor partido; nem a Familia de Cadaval acharia lanço de maior interesse. Era reciprocamente o mais vantajozo e parelho cazamento, que se offerecia em toda a Côrte de

Portugal. E se antes de realizado não seria talvez tido nesta conta; depois he certo que como tal foi approvado unanimemente.

A Duqueza conheceo a igualdade e vantagens; devia suppôr que não era impossivel que lhe obstassem outras pertenções ou vontade mais poderoza: e applicou a promptidão, diligencia nobre e a perseverança, que estas considerações requerião. Ultimou em fim; e por seu filho D. Nuno foi a segunda filha da Caza de Lafões Duqueza de Cadaval, e pelo cazamento de seu filho D. Sigismundo com a primeira, deo a Caza de Cadaval varonia á de Lafões e recebeo o esplendor de huma segunda linha com outro Ducado.

A illustre Caza de Soiza, da linha de Miranda e Arronches, alliou-se, por herdeira, com hum Principe de Ligne, e por outra herdeira com o senhor D. Miguel, filho natural d'ElRei D. Pedro II; de que procedia D. João de Bragança, Duque de Lafões, sogro do Duque actual do mesmo titulo. Em idade avançada coube a Caza de Lafões a D. João de Bragança, por morte de seu irmão sem posteridade; porém cazando com huma senhora, a mais velha das irmãas legitimas do ultimo Marquez de Marialva, ainda teve quatro filhos, o Duque de Miranda, que morreo de tenra idade, huma senhora tambem fallecida de poucos annos, e as duas actuaes Duquezas de Lafões e de Cadaval. E deste exposto, se bem que breve e muito simples, facil e claramente se alcanção as harmonias, os reciprocos interesses, e não menos os estorvos, que podião obstar a este grave negocio; e tambem se alcança a boa razão, com que eu chamei, *o primor da Duqueza D. Maria Magdalena*, a tão insigne cazamento; que foi celebrado no primeiro de Agosto de 1820.

Hoje se reforçavão e se consolidavão, segundo os an-

tigos costumes e graves idéas da Nobreza de Portugal, duas illustres Familias, e daqui a vinte e tres dias rompia (variedade bem conhecida, mas sempre pasmoza das coizas humanas!) junto á foz do Doiro hum impulso democratico, cujo empenho valído necessariamente seria o de acabar com toda a distincção de familias, e correr sobre a Nação Portugueza inteira hum poderozo nivel, que não deixasse outra prominencia, mais que a authoridade, que escolhessem ou *alvitrassem* os governados. Notavel e funesta illuzão da vaidade e ciume; que podem adormecer e adormecem, mas nunca morrem no coração do homem! A vaidade apenas soffre hum igual; o ciume só muito obrigado reconhece hum superior. Destes dois engenhos formidaveis lançárão sempre mão, de boa ou de má fé, os agitadores dos Povos; repetidas vezes se deixárão os Povos surprender no temerozo laço; e repetidas vezes, mas sempre depois de muita fadiga, de enormes estragos e ruinas, alcançárão que a natureza das coizas não se altera a bel prazer do nosso delirio, e que *expulsa*, ou mais propriamente comprimida, por algum tempo, torna infallivelmente ao mesmo ponto, com zombaria da nossa rebellião, e deixando escarmentada cruelmente a nossa loucura. E em nenhum seculo forão talvez tão frequentes os accessos desta loucura, como neste em que vivemos, severa e severissimamente castigado; mas até agora recalcitrante ao poderoso estimulo, e ao menos sem rezolução séria e decidida de recobrar a claridade e repoizo de entendimento, de que o arrojárão falsas luzes e paixões abjectas, e ainda mais odiozas.

O espirito revolucionario dissimulou-se, como já disse, por 1814 e 1815, esperando mais propicia occazião. Mas parecêrão-lhe, quatro para cinco annos, espaço de tempo muito largo, e em Março de 1820, arrancou impaciente

a mascara, renovando em Hespanha a sabida Constituição de 1812. Ninguem ignora quaes forão, naquelle infeliz Reino, os seus excessos e estragos, quaes os trabalhos e affrontas, por que fez passar toda a Real Familia, principalmente aquelle mesmo Monarcha, que Hespanha leal e generoza tinha em 1808, com applauzo de todo o mundo, reclamado a grandes brados, e quazi adorado como seu idolo. Acodio então com hum fiel e determinado exercito o Delfim de França, e de braços abertos foi recebido pelos bons Hespanhoes, que erão quazi todos; e o partido, sentindo a sua fraqueza, e reconhecendo que tinha sido muito temporão o rompimento, tornou a tomar a mascara, frustrado mais huma vez e confuzo, mas nunca emendado.

Fosse arremedo, fosse, o que tenho por mais provavel, incitamento e colloio com os partidarios Hespanhoes, soltou-se no Porto, em 24 de Agosto de 1820, hum grito sediciozo, que proclamou a Revolução. Homens temerarios, por não os qualificar de outro modo, corrompendo a força militar; com desprezo insolente do legitimo Governo; sem outra missão que o proprio arbitrio coberto com o uzado nome de zelo da Patria; desenrolárão a bandeira da rebellião e arvorárão-se em supremos Reformadores. O estado da Nação, naquelle tempo, era na verdade critico: resentia-se ainda muito dos estragos de huma guerra de seis para sete annos, e guerra empenhada e acceza; soffria estorvos e graves inconvenientes na publica Administração; não tinha comsigo o Rei, a quem compétia curar aquellas feridas, desfazer e arredar os inconvenientes e embaraços. Devia dantes ter dirigido ao Throno, com voz forte de brio respeitozo, as suas justas Representações; e não posso deixar de crer, que do Soberano seria attendida e deferida, e que por este modo, tão legal e tão nobre, teria baldado as astucias e maquinações liberaes, e evitado quazi

todos, e não duvido dizer tódos os incommodos, em que se achou, e acha ainda envolvida. Mas não se determinou a tanto a sua leal moderação, e conteve-se em rezignado silencio; daqui porém, e talvez só daqui, o aumento dos seus males, a multiplicação e gravidade dos seus perigos, e a tardança e incerta efficacia dos remedios.

Quando ouvio o sediciozo grito, que soou desde o Porto, sobresaltou-se hum pouco e ficou inquieta e perplexa; porém muito menos do que pedia o perigo de que era ameaçada. Que podia ella esperar de huma tentativa em todo o rigor anarquica, que reproduzia o motim recente de Madrid, e claramente mostrava querer repetir os desmantellos e atrocidades de França? Não obra assim o zelo verdadeiro e discreto, e não affronta por tal modo as leis existentes, o socego e a boa ordem das Nações. O Governo de Lisboa offereceo a convocação dos Tres Estados, e a offerta foi recuzada. E porque o foi? Porque a convocação contrariava as vistas de hum partido e arriscava as ambições e a segurança de individuos. Mas vistas restrictas de partido são sempre alheas ou avessas dos interesses do todo; e os interesses do todo nunca devem pôr-se em balança com ambições, e muito menos com a segurança de individuos altamente criminozos. Estas reflexões, aliás tão obvias, parece com tudo que ou não surgírão, ou não fizerão nos Portuguezes a devida impressão; pois que não rezultou a repulsa unanime e energica, que devia conter os amotinados, e provavelmente conduzir ao modo legitimo de melhorar a situação sem convulsões. E a verdade he que os meus compatriotas, com excepções bem raras, concebêrão deste infeliz acontecimento alguma esperança de alivio; esperança que pouco depois, mas sempre tarde, depozerão, não sem incorrer a nota de sobeja credulidade.

Em razão do seu bom juizo, do seu religiozo respeito

ás leis e ás formas consagradas pelo tempo, e até da sua alta pozição, não podia incorrer esta nota o Duque de Cadaval: e he certo que nos dois para tres annos, que durou este incidente memoravel, viveo ainda mais concentrado nas suas quintas, mais inteiramente entregue aos seus exercicios, aos seus cuidados administrativos, e á leitura e estudos, a que era tão inclinado. Quando em 1821 chegou ElRei D. João VI. do Rio de Janeiro, o Duque foi huma das primeiras pessoas, que se apprezentárão antes do desembarque a render-lhe os devidos cortejos e respeitos. Còntinuou nas occaziões, em que o pedia ou a ceremònia ou a submissão ao Principe: passadas porém estas occaziões, tornava ao seu retiro e proseguia nas occupações habituaes. Com resguardo e prudencia superior aos annos, se absteve sempre de inculcar approvação ou desapprovação dos novos arbitrios; e só quando o Infante libertador sahio em 1823 de Lisboa, he que elle, Duque, partindo de Mugem com o mais moço de seus Irmãos e oitenta criados, todos em armas, o veio encontrar em Santarem; e se lhe offereceo rezolutamente para o acompanhar em qualquer trabalho e perigo na defeza da pessoa e direitos d'ElRei, e das veneraveis instituições e verdadeiros foros e liberdades do Reino.

Nos annos de 1824 e 25, tambem não faltárão sinistros acontecimentos de muita gravidade. A Deosa, que sonhárão os antigos Poetas, abrio a fatal boceta no infausto Novembro 1807, e desde aquelle momento choveo sobre o coitado Portugal males e dezastres, que por sua duração, intensidade e até extravagancia, deixão a perder de vista as derrotas e cativeiros de Africa, as alterações e guerras, que moveo a intriga ambicioza de D. Leonor Telles, e tudo o que de mais adverso e mofino supportou a minha Patria desde a batalha dos campos de Ourique;

males e dezastres, de que oxalá que todo o bom Portuguez tivesse tanto fundamento de esperar o fim e a reparação, como tem motivos de a dejezar!... Mas tornando aos annos de 1824 e 25, he certo que tambem tiverão graves e contrarios acontecimentos, que aqui não tem lugar; porque além de muito sabidos e sentidos, nada tocão com o Duque de Cadaval, que ainda foi delles mero espectador, posto que ElRei D. João VI. o nomeasse, desde 4 de Julho de 1823, Conselheiro d'Estado.

O anno de 1826, que foi o vigesimo setimo da idade do Duque, foi o primeiro da sua vida publica. Adoeceo ElRei D. João VI., em principios de Março, e crescendo muito em gravidade a molestia, mandou, dizem, lavrar hum Decreto de Regencia, que não pôde assinar logo, mas que, cobrando algum alivio e alento, assinou depois. Neste Decreto, datado de 6 daquelle mez, se nomeou, com effeito, huma Regencia, que se compunha da Infanta D. Izabel Maria, do Cardeal Patriarca de Lisboa, do Duque de Cadaval, do Marquez de Vallada, do Conde dos Arcos, e dos actuaes Secretarios d'Estado, com voto, cada hum, na sua repartição. Continuou e aggravou-se a molestia depois da assinatura, e no dia 10, segundo o que se fez publico, falleceo ElRei e ficou a Regencia no pleno exercicio dos seus poderes.

Sirvo-me dos termos *dizem, segundo o que se fez publico*, porque de huma e outra coiza se fizerão, no tempo, juizos varios e encontrados; e eu tenho alguma razão de crer, que tal variedade e contrariedade não deixou de ter motivo. O certo he, que sobre a molestia ultima d'ElRei e suas circumstancias pendeo huma nuvem de mysterio, que a poucas pessoas permittio ver bem claro, e o certo he, que o que se seguio precizava, naquella occasião, de resguardos e precates, que na verdade se tomárão, e que de-

Tres Estados, como aquelles, a quem competia aclarar a obscuridade do Decreto de Regencia. Os dois companheiros, que por justos motivos não nomeio, regeitárão a proposta, combatendo-a com razões em todo o cazo futeis, mas muito mais futeis á vista de negocio de tamanha importancia. E por isto veio o Duque no conhecimento de que seria vão repetir a mesma proposta em plena conferencia, e de que calcava terreno muito minado e por tanto mal seguro. Ardua pozição, por certo! especialmente para o Membro mais moço e menos experimentado da Regencia, a quem o resentimento de hum partido pouco escrupulozo, não pouparia a calumnia de menos rectas intenções! Sabiamente pois rezolveo não passar, por então, mais adiante, sempre com tudo determinado a insistir, dada occazião, no que tinha por mais justo e por mais legal; como he notorio que fez, correndo o tempo, em todos os encontros, e mesmo durante esta Regencia.

Como o Decreto não nomeava o herdeiro, e tal era, como temos visto, o estado da opinião no Reino, claramente pedia o socego e o bem publico deste, que o Decreto fosse interpretado. O necessario, o unico interprete, em tal cazo, era o mesmo Reino pelo orgão dos Tres Estados: e pois que a sua interpretação, com desprezo monstruozo de toda a boa ordem, foi recuzada, restava, não de Direito, mas de facto, a decizão da mesma Regencia ou antes o seu arbitrio. Este arbitrio ou decizão seria sempre nenhuma, por falta de competencia, seria illuzoria: mas o mais he, que nem assim foi dada com formalidade, porém arrebatada, quazi em modo tumultuario, pelos agentes do Imperador; que não querião que se fixassem sobre este ponto as considerações, e que ainda se reforçárão com o assenso dos Ministros Estrangeiros. E deste procurado reforço, da tomada antes de assalto, do que em fórma e re-

gra, bem se conclue, que robustez, que *indisputabilidade* tinhão os direitos do Imperador, mesmo segundo a Logica pouco stricta dos seus agentes.

Assentou a Regencia e houve-se, bem ou mal, como reprezentante do Imperador do Brazil. Convinha enviar logo quem offerecesse os rendimentos de vassalagem, quem participasse a installação e o que a tinha preparado, e quem pedisse as soberanas determinações: e para isto foi escolhido e nomeado o Duque de Lafões, Irmão do Duque de Cadaval. Se astucia, se outra consideração dirigio a escolha, não affirmarei; mas he claro que astucia não era impossivel, e nem ainda improvavel. Já não era ignorada a opinião, eminentemente Portugueza, do Duque de Cadaval, e seu Irmão não podia suppôr-se menos Portuguez: quem nos diz pois, que onde as inclinações erão tão Brazileiras, faltaria tenção de embrulhar e illaquear dois Portuguezes, tão leaes aos verdadeiros interesses da sua Patria? Ignoro o que ambos elles ajuizárão naquella occazião: e he notorio que por ultimo nem o Duque de Lafões se esquivou ao encargo, nem mostrou desconvir o Duque de Cadaval.

Foi o Duque de Lafões encarregado de instrucções particulares e muito graves; todos os Conselheiros e Secretarios d'Estado fizerão, para serem aprezentados por via do Duque no Brazil, apontamentos ou lembranças do que cada hum tinha por mais necessario ou proveitozo na direcção dos negocios do Reino: o que parecia indispensavel para hum Principe, que não conhecia, nem podia conhecer Portugal. Mas nem todos andárão aqui com a mesma sinceridade: porque se alguns realmente entendião fazer por este modo serviço ao Principe e ao Reino, outros sómente se conformárão, por occultar o que já sabião das tenções assentadas do Imperador. Devo advertir e advirto, que se fallo em inclinações Brazileiras, se me aventuro a indicar

suspeitas, o meu animo não he comprehender toda a Regencia nem ainda a principal e maior parte da Regencia: tenho sómente em vista alguns Membros, que por sua posição e dexteridade davão impulso, a que os mais penetrantes não podião bem obstar, e que os menos penetrantes seguião de boa fé. Recatavão, escondião os impulsores o seu segredo (tão pouco o reputavão elles do interesse e do gôsto geral ou Nacional!) com extremado empenho: se bem que algum o deixou entrever em momentos de maior franqueza ou de descuido.

A bordo da náo D. João VI., partio o Duque de Lafões em 29 de Abril para o Rio de Janeiro, onde chegou a 6 de Julho. Depressa veio no conhecimento de que não tinha lugar o mais importante da sua missão, e de que já erão escuzadas todas as lembranças dos Conselheiros e Secretarios d'Estado de Portugal: pois que o Imperador do Brazil, a quem chegou noticia muito antecipada dos successos de Março, abdicou logo em sua filha a Princeza do Grão Pará e fez dom aos Portuguezes de huma nova Carta, que á chegada do Duque tinha já sido enviada para o Reino. Ao mesmo tempo, com effeito, que o Duque de Lafões demandava o porto do Rio de Janeiro, demandava tambem Sir Carlos Stuart o de Lisboa; trazendo na sua pasta, da parte do Imperador, este notavel dom, com que a munificencia do Principe, em signal do seu fino amor, nos favorecia no grave momento da despedida.

Sir Carlos Stuart entrou no Tejo em principios de Julho. A Infanta Regente estava nas Caldas da Rainha, onde tambem se achava o Duque de Cadaval com outros Membros e Ministros da Regencia. Soou logo nas Caldas que chegára Stuart e que trazia Despachos, e soou que o Imperador abdicára e dezignára Regente o Infante seu Irmão. Sem ser falsa, não era de todo exacta esta noticia. Sup-

pondo-a porém exacta, foi o Duque de parecer, que á vista de tão avultada novidade, era força convocar os Tres Estados do Reino; admittindo com tudo, que se aprazasse a convocação para depois da vinda do Regente: e por então achou todos os companheiros de acordo. Foi entretanto ás Caldas Stuart conferir pessoalmente com Sua Alteza, e constou ao certo o conteúdo dos Despachos, de que era portador: tanto mais se confirmou o Duque na opinião, que tinha já offerecido; e votou agora, que em materia tão grave, se não podia dar mais hum passo, sem se ouvirem os Tres Estados, que immediatamente se devião convocar com as solemnidades e legal fórma do costume. He porém muito sabida a variedade das opiniões humanas, não só em diversos, mas nos mesmos individuos! e onde ha pouco achou o Duque todos de acórdo, agora, que em boa razão o devião ser mais, o seu voto ficou em singular: repetio-se a tomada antes de assalto, que em regra e boa fórma, já se tinha preferido na declaração do herdeiro; e persuadio-se á Infanta, concorrendo para isso Stuart, que sem demora tomasse o Governo pelo Imperador, e mandasse ás Camaras e Tribunaes, que jurassem a nova Carta.

Oh! que justificada razão tinha o Duque de Cadaval para recorrer, em crize tão delicada, ás leis antigas, aos discretos e veneraveis costumes do Reino! se as Córtes se conformassem com as rezoluções do Brazil, acabavão, e ao menos affrouxavão, remettião os partidos, e em todo o cazo se punha a salvo a honra e o direito, *tambem inauferivel*, da Nação. Se as recuzassem (o que confesso que tenho por mais provavel) sempre se tomaria o expediente mais proveitozo; frustar-se-hia a preversa trama da Revolução; Portugal continuaria quieto e honrado; a Europa teria de menos hum elemento de dissolução e de transtorno; e talvez viviria mais largamente, e sem dúvida mais airozo e mais

feliz, o Imperador. Não cuidava o mal avizado Príncipe, quando assignou a Carta Constitucional Portugueza, que assignava o Decreto da propria desventura e deshonra, e ainda o da propria morte tão extemporanea: e bem pouca dúvida póde restar já hoje, de que na verdade não assignava outra coiza. Pensamentos vãos! cegos empenhos dos mortaes!

Entre as monstruozidades temerarias, de que tem abundado o nosso tempo, nenhuma tamanha, tão temeraria, como esta determinação do Imperador do Brazil. O passado não offerece avessidade e temeridade, que se lhe emparelhe; e sem embargo da contagião do exemplo e da decidida propensão do coração humano para o mal, quero crer que a não offerecerá tambem o futuro. Ao despedir-se dos seus compatriotas, hum Principe Portuguez, ao entrega-los a todos os hazares e perigos de huma menoridade feminina (preferindo aqui mesmo a Colonia em que fôra emigrado, á Terra em que havia nascido), arremessou á Patria, entre protestos do seu zelo e do seu amor, hum brandão de discordia, hum fermento de ruina ou antes de ruinas, que elle se propunha a vir consummar depois! Sem attender que a Patria se recuzava a outras Leis; que seu Pai, a quem a malicia tinha suggerido huma tentativa similhante, hezitou algum tempo e por ultimo a desprezou: affoitou-se a enviar-nos, por mãos de hum Estrangeiro, huma Lei Fundamental, antipathica perfeitamente aos nossos costumes, ás nossas opiniões, aos nossos prejuizos, ao nosso caracter em fim; e a exigir com tyrannia inaudita, que sem levantarmos olhos a outro Norte que a sua vontade, além de todo o exemplo despotica, a acceitassemos e cumprissemos com cega veneração!

Trazia, na sua pasta ou na sua algibeira, o Cavalheiro Inglez Sir Carl. Stuart hum brinde fatidico (lembra o voto

astuto, com que a dissimulação dos Gregos tentou e realizou a destruição de Troia!) huma dadiva insidioza e aleivoza. Não faltou ainda hum ardente Patriota, que com zelo e brio tratou de acautellar os seus concidadãos e de os chamar a consideração mais fria, a conselho menos precipitado; e a não serem *sinistros entendimentos, ainda Troia estaria em pé e permaneceria o alto Palacio de Priamo.* Prevaleceo porém a *téa doloza do manhozo Sinão*, e levou a melhor o inimigo; e desde aquelle momento adeos felicidade, adeos socego, e o que mais he, adeos pundonor e bizarria de Portugal, outr'ora tão bizarro!

Desprezado o parecer, tão grave e tão relevante, do Duque de Cadaval; as insinuações e instancias dos interessados, e em particular as de Sir C. Stuart, determinárão a Infanta D. Isabel Maria a tomar o Governo, a mandar sem demora jurar a Carta pelas Camaras do Reino e Tribunaes, e a fazer as dispozições necessarias para entrarem no exercicio de seus trabalhos respectivos as duas Camaras dos Pares e Deputados. Transferio-se, em substancia, para Portugal a fórma do Governo Britannico; sem todavia se transferirem os uzos e costumes, as opiniões, as inclinações e tudo o que se rezume no que chamamos espirito publico de Inglaterra! Que viesse do ultramar tamanho desconcerto, não admira; o seu alvo não era a prosperidade, e nem ainda o socego do Reino. Mas se os architectos desta grande Fabrica (fossem do Rio de Janeiro, *ou fossem antes de Lisboa*), se os que aconselhárão nas Caldas, não tinhão todos parte nas intenções da Côrte do Brazil, quem não admirará que sonhassem os primeiros, e que os outros abraçassem e apadrinhassem tão insigne disparate?

Não ha dúvida, que foi o systema seguido por todos os architectos de novos edificios politicos desde 1789, accommodar o terreno á Fabrica, e não a Fabrica ao terre-

no. Mas trinta e tantos annos de taes edificações e outros tantos de ruinas consummadas ou imminentes, devião vencer toda a obstinação, que não estivesse apostada a hir por diante a todo o custo. As leis, dizem alguns politicos do tempo, crião o espirito publico. He contraria a minha opinião. Modificão sim e affeiçoão; mas não crião. Se não precede análoga dispozição, a lei quer assentar, mas o terreno foge, e a lei cahe em desprezo e esquecimento. Não he o que se tem repetido tantas vezes aos nossos olhos? Largas paginas encheria já hoje a historia das Legislações esvahidas á nascença, e esquecidas, nos ultimos trinta ou quarenta annos. E não sei qual he agora o maior argumento da pobre capacidade, ou incapacidade, humana; se o delirio que concebe chimeras tão estranhas, tão arriscadas, se a teima que as reproduz sem embargo de tão severas experiencias!

Abrio-se a 30 de Oitubro de 1826, a primeira Sessão das duas Camaras. Da dos Pares coube a prezidencia, por determinação do mesmo Legislador, ao Duque de Cadaval; e a vice-prezidencia ao Cardeal Patriarcha de Lisboa. Nobre distincção por certo! bem ajustada com a do nascimento do Duque: e que altamente o pudéra lizongear, se a sua modestia não fosse, mesmo em idade tão pouco avançada, assaz robusta para rezistir ainda a mais fortes provas; se elle, apezar do escasso trato e uzo do mundo, podesse crer na boa fé e sinceridade de similhantes attenções; e se alguma consideração propria podesse enganar e acalmar a dôr, que peito assim generozo devia sentir e sentia de tão enormes aggravos feitos á Patria. Mas por effeito de superior juizo e sincera religião, tal foi em todos os tempos a sua modestia, que algum dos seus amigos não duvidou, na mesma prezença do Duque, de a tratar de *desesperada*; e no decurso desta Noticia se poderá ver, que fez

de attenções estudadas o justo conceito, e que o seu unico alvo foi a honra propria unida, em todo o cazo, á honra e ventura do Reino.

Mas se o Duque, por tão graves razões, se não deixou deslumbrar de huma distincção artificioza, nem por isso faltou em fazer o devido apreço da Camara, de que lhe foi attribuida a prezidencia. Era na verdade huma assembléa respeitavel a Camara dos Pares, que se abrio em 1826, e que continuou até 1828. Os inimigos ainda não tinhão podido altera-la, como já pretendião e fizerão mais tarde, e desfigura-la por seu perverso interesse. Alli se ajuntava a flor da primeira Nobreza de Portugal, toda, ou quazi toda, animada do nobre ardor de sincero patriotismo. Hum ou outro, como succede sempre nas companhias numerozas, afastar-se-hia em opiniões e póde ser mesmo em affectos: mas o todo, no amor da ordem, no respeito ás leis e instituições antigas, merecia a plena confiança do Reino, era digno de seus maiores, de que, a justo titulo e sem arrogancia, se gloriava.

Pede a justiça, que a Nobreza de Portugal, no que toca a elevados pensamentos e acções honradas, se não tenha por inferior á do resto da Europa. Aos grandes nomes dos Povos estranhos, correspondem, entre nós, grandes nomes. De dois altos acontecimentos referidos na nossa Historia, que não achão parallelo nas alheas, hum, a empreza aventurosa de D. Vasco da Gama, deve-se á sabedoria e magnanimidade dos Reis; outro, o arremesso do jugo de Castella em 1640, deve-se á intrepida e leal generozidade da Nobreza. Para a consummação de ambos elles concorrêrão, he certo, a discrição, o valor, a lealdade dos Reis, dos Nobres, e dos Povos; de modo que a todos cabe parte na sua gloria: mas o gráu mais subido sempre se refere, e deve referir-se á origem.

Precatada politica, que de propozito afastava os individuos dos negocios geraes, dilatada paz, que não offerecia occaziões e tirava estimulos, novas idéas, outros costumes affrouxárão em Portugal aquelle vivo interesse publico, aquelle denodo para o sustentar e accrescentar, aquelle briozo pundonor de nobres competencias, com que se entretem e adianta a vida e o politico vigor das Nações; e á nossa Nobreza coube tambem a sua parte. Mas foi ella nisto singular? As mesmas cauzas, se exceptuarmos tão larga paz, tiverão em toda a Europa os mesmos effeitos; ou mais exactamente, maiores e peiores effeitos. O desvio dos bons principios, o esquecimento e ainda desprezo dos uzos e antigas tradições, a propensão pouco avizada para mudanças e reformas, certo que dominou muito mais a Nobreza de outros paizes. Talvez lhe chamavão progresso os oraculos daquella idade; e os successos mostrárão que era progresso, mas progresso para ruina. Oh! por que alto preço comprou ella a gloriola, ou antes a vaidade, com que se reputou mais avançada em luzes, mais despegada da ferrugem de prejuizos!

Por fortuna faltárão á de Portugal motivos de tamanha jactancia: e se não será temeridade affirmar, que guardou, entre todas, mais inclinação ás velhas tradições, menos tendencia para a novidade, mais respeito e maior semelhança com o typo e cunho veneravel dos seus progenitores; dirá tambem verdade rigoroza quem disser, que nestas dispozições felizes se reunio na Camara de 1826. Faltar-lhe-hia a facilidade e o brilhante da eloquencia parlamentar, faltar-lhe-hião noções ou theorias da politica exorbitante do seculo; que se não improvizão, como se não podia improvizar o espirito publico da Grãa-Bretanha: mas que importa, se possuia o senso commum, a discrição que era necessaria para reconhecer o que se encaminhava ao

transtorno e perdição da Patria, e se possuia leal e decidida rezolução para o contrariar a seu modo e o reprimir? Nunca o bom senso e o patriotismo perderão hum Estado, eloquencia e exorbitante politica tem perdido alguns.

Se o Duque não podia faltar, nem faltou, como hia dizendo, em fazer da Camara tão pontual conceito e apreço honrado; não tardou tambem a Camara em conhecer a muita valia do seu Prezidente, e em se prezar da sua direcção. De todos os Pares era talvez o Duque o menos provecto em annos; o de 1826 era o primeiro da sua vida pragmatica; a abertura da Camara era quazi o seu primeiro passo nesta carreira: desde aquelle dia comtudo, mostrou as graves e sólidas qualidades, em que tanto se distinguia, e hum só apice não desdisse em todo o decurso das Sessões, que se continuárão até Março de 1828. A morte arrebatou já não poucos dos Membros daquella Camara: mas vivem ainda muitos, que o podem testemunhar, e de que eu com plena confiança invoco o testemunho. Nenhum deixará, estou bem certo, de se recordar e de confessar quantas provas lhes deo o illustre Prezidente de superior comprehensão e intelligencia dos negocios, de ponderação em graves difficuldades, de dexteridade em alguns embaraços, de perfeita imparcialidade na escolha e nas discussões, e mais que tudo da compostura e dignidade tão discreta, com que obrigava todos á consideração do seu alto lugar, sem ferir jámais a delicadeza ou a sensibilidade de algum.

Desta estimação reciproca, ainda reforçada por acordo e harmonia de pensamentos e affectos patrioticos, procedêrão algumas determinações muito rezolutas, e bem para notar na verdade; mas não sei se bem notadas: em que a Camara, sem excepções, deo a ver ao publico, que queria e sabia répugnar á despotica violencia do Governo do Brazil, e que queria e sabia encaminhar e promover os in-

teresses verdadeiros da Patria. Indicarei (só indicar) duas destas denodadas e briozas determinações; porque em ambas teve o Duque, dando opportuno impulso, parte igual com a Camara, que toda inteira, sem a menor hezitação, leal e nobremente lhe correspondeo.

Esqueceo-se o Brazil de que havia abdicado; esqueceo-se de que Lisboa tinha em exercicio duas Camaras e huma Regencia; esqueceo-se da sua mesma legislação consagrada na *Carta de Stuart;* e aventurou-se a decretar, que entrasse no numero e Camara dos Pares, hum Titulo, que não convinha com o espirito de cathegoria, que dictára a primeira nomeação. Seria talvez (e era no meu conceito) a primeira tentativa para hir debilitando pouco a pouco o pundonor briozo, que suppunha na Camara e de que não deixava, com fundamento, de ter receios. Chegou o Decreto a Portugal e ás mãos do interessado, que com elle requereo da Camara submissa e prompta execução. Assombrou-se a Camara de irregularidade tão estranha, doeo-se de injuria tão pouco merecida, e sobre tudo indignou-se da perversa intenção contra a boa ordem do Reino, que se tornava agora ainda mais evidente. A justa indignação, quereria, no primeiro movimento, contrariar em cheio, lembrando ao Brazil tudo o de que elle se mostrava esquecido. Mas conheceo, reflectindo com mais frieza, que impetuozo arrojo podéra ser inconveniente e não era necessario; e que mais valia contrariar só o que bastasse para ter mão na tentativa. Recuzou pois, allegando, que segundo a Carta os Pares não podião ser nomeados sem preceder voto do Conselho d'Estado, que se achava installado em Lisboa. O Brazil guardou silencio e tambem o guardárão os seus agentes em Portugal; e a todos deo a ver a Camara, que sem arrojo, mas com decente brio, estava determinada a sustentar os seus direitos e o seu justo decoro.

Com igual madureza mostrou, na segunda determinação, que sabia e queria encaminhar e promover os interesses verdadeiros da Patria. Era do indisputavel e bem conhecido interesse do Reino, que a Rainha viesse continuar a sua educação em Portugal; e não o era menos que voltasse o Infante, já publicamente destinado para seu espozo: o Brazil, com tudo, não mostrava querer enviar para Portugal a Rainha; e no que respeita ao Infante, declarou, ao contrario, que era a sua intenção chama-lo ao Rio de Janeiro. Collocada assim a Camara dos Pares, entre a vontade, mais ou menos declarada, do Governo do Brazil, e o que altamente requeria o proveito, e até necessidade urgente da Patria, não hezitou em antepôr a Patria á toda a outra consideração, e rezolveo fazer ao Governo do Brazil reprezentações sobre tão grave materia. O Conde da Lapa propôz que se fizessem reprezentações, e que se convidasse a Camara dos Deputados a concorrer, por sua parte, no mesmo sentido; e foi a proposta do Conde unanimemente approvada pelos Pares. A Camara dos Deputados, não entrou no exame dos seus motivos, não acceitou o convite; com o que ficou só em campo a Camara Nobre, ainda mais credôra, por isso mesmo, ao conceito e confiança do Reino. Não affirmarei que tão pozitiva determinação da Camara dos Pares fez ou não mudar as tenções do Governo do Brazil: mas o certo he que este Governo pareceo muda-las pouco depois; e que se não se explicou sobre a viagem da Rainha, todavia decretou (esquecendo-se sempre, ou desprezando, o que tinha prescrito na sua mesma Carta) que passasse o Infante a tomar posse da Regencia em Lisboa.

Tal era o anciozo voto do Duque, tal o da Camara dos Pares, tal o de toda a Nação Portugueza. Não desecerei a provar o que só póde ser posto em dúvida por par-

tidarios, que á custa da verdade pretendem dar côr ás criações da sua fantazia. Que homem discreto, que honrada corporação, que Povo, ainda de menos intelligencia e bizarria que o Portuguez, supportaria de bom grado a dependencia de hum Governo estranho, o insulto de huma nova lei fundamental dada ou imposta sem rogativa sua, sem o seu consentimento? de huma lei fundamental, que não achava dispozição nas instituições, nos costumes e nos affectos? de huma lei fundamental, que pelo seu theor e circumstancias, e até pela occazião, só podia ser olhada como huma medida revolucionaria; isto he, huma destas medidas, com que agora se uza lançar hum Estado no cahos, para depois esperar do acazo huma ordem sábia e venturoza? Mas he claro, que do Infante, e só do Infante, he que podia vir remedio, e ao menos remedio mais natural e por isso mesmo mais suave: e a esta consideração he que principalmente se referião os votos anciozos de todo o Reino.

Dezembarcou o Infante em Lisboa a 22 de Fevereiro de 1828. Foi recebido, reverenciado e seguido, com sincero e pleno contentamento de todos os que hum partido contrario não tornava seus inimigos. Não faltou em se pôr a seu lado a Nobreza, e em frente della o Duque de Cadaval; de quem o Infante mostrou prezar e aproveitar o conselho. Entrou desde logo a vacillar toda a Fabrica Revolucionaria; e bem se infere, que se o Prezidente da Camara dos Pares não ajudou, ao menos não pôz esforço por impedir a convulsão. Não faltou pessoa, aliás entendida e grave, que ajuizasse, sem esconder o seu juizo, que o Duque ajudaria a sustentar a nova ordem politica do Reino, por não perder as distincções insignes da Prezidencia: mas o seu juizo ficou agora claramente refutado. Não deixava elle de ser especiozo, para quem discorria segundo as idéas vulgares. Porém as do Duque estavão bem longe de ser

vulgares, e muito mais longe nos pontos de ambição. Não era indifferente á gloria. Que peito bem formado deixa de se tomar deste nobre ardor? Mas gloria fumoza não era para accender hum peito tão seguro; entendimento tão sólido não era para se deslumbrar de fantasmas: e para o Duque a gloria, como já disse, consistia na publica estimação, sempre alliada com a honra e felicidade publica.

Deixou a Regencia a Infanta D. Isabel Maria, e foi nella installado seu Irmão; de cujas intenções, para conservar ou abolir a nova fórma de Governo, se divulgárão opiniões varias. Quizesse porém conservar, ou quizesse abolir; o certo he que a conservação não estava em seu poder. Com raras e fracas excepções, era o seu direito ao throno geralmente reconhecido; a Nação achava-se, por muitos e bons motivos, preocupada contra politicas innovações; todos sentião a necessidade urgentissima, que tinha o Reino de huma administração assentada e reparadora, que havião por incompativel com a fórma nova e mal olhada, que trouxera a Carta do Brazil. Com a vinda desta Carta commoveo-se boa parte dos Portuguezes e estremecêrão todos; e a parte que, postoque estremecesse, se conservou tranquilla em apparencia só deixou de seguir os mais, porque esperando sempre do Infante o remedio, reputava qualquer movimento arriscado e inutil: arriscado, porque devia levantar contendas e necessariamente conflicto; e inutil, porque sem elle era certo conseguir o mesmo fim. Daqui he que procedeo que a facção revolucionaria pedisse soccorros ao Ministerio de Canning, e que este Ministerio fosse tão pronto em acodir com a força militar, de que deo o commando ao General Clinton. Os Revolucionarios Portuguezes e Inglezes não temião tanto o numero, valor e habilidade dos emigrados em Hespanha, não temião a cooperação de Hespanha, se bem que Inglaterra

a tomou por pretexto e allegou o cazo *fœderis*; temião sim, e tinhão razão de temer, as dispozições do interior do Reino, as sympathias, que não ignoravão, dos que ficárão, para com a cauza que seguião os emigrados. Tomárão todavia a precaução de afastar o Infante das suggestões e persuazões dos emigrados, requerendo delle que não voltasse por Hespanha: mas precaução inutil, que só servio para mostrar os seus receios, pois que se os emigrados não estavão dentro do Reino, sempre lá estava o seu mesmo interesse e o seu espirito.

Á vista de tudo isto, poderia o Infante Regente, dado mas não concedido, que essa fosse a sua vontade e a sua tenção, conservar o Governo da Carta? He claro que não poderia; pelo menos, sem que a ordem e socego publico se expozessem a grandes riscos. Se por ventura se demorasse em fazer a mudança, não se demorarião as reprezentações e supplicas para o determinar. E foi com effeito, posto que a demora não fosse larga, o que pontualmente aconteceo. Fervia nos peitos Portuguezes huma certa impaciencia, que mal se podia governar, quanto mais reprimir. Propriamente foi huma destas crizes sociaes, em que os animos exaltados se arrojão, derrubando todos os obstaculos, ao fim relevante, que se tem proposto. Não era só vontade rezoluta, era verdadeiro enthusiasmo: e quem conteria geral enthusiasmo? Tem-se dito, eu o sei, que não era mais do que hum fervor facticio, provocado por agitadores: mas além de que em todo o Reino he bem conhecido o contrario; o modo, porque nos tempos seguintes se houve Portugal inteiro, não deixa lugar algum a esta calumnioza suppozição. Onde se reunião os verdadeiros interesses de todos, devião conspirar os empenhos de todos. Taes erão os motivos, tal foi o successo. Deixando os partidarios, porção, para o dizer assim, menor ainda que mi-

nima, todo o Reino dezejava com ardor e pedia com instancia, que o Infante subisse ao throno: o ultimo plebeo concordava neste ponto com o Duque de Cadaval.

Se porém á cerca da justiça e conveniencia, de ser elevado ao throno o Infante Regente, não havia mais que huma opinião; á cerca do modo de a effeituar havia duas. Os mais ardentes e insoffridos recuzavão toda a dilação, e erão de parecer, que, por se não perder tempo, se pozessem de parte solemnes formalidades e se fizesse huma acclamação de improvizo ou pouco menos. E como este voto dizia melhor com a dispozição exaltada dos animos, e pelo seu denodo se reprezentava mais subidamente patriotico, grangeou numero e força, que para se vencer precizou de rezolução e dexteridade. Ao contrario, os mais repoizados e reflexivos reprovavão toda a precipitação e requerião as solemnidades, muito opportunas, uzadas em cazos similhantes. Reconhecião que o direito e proveito erão incontestaveis, e havidos como taes em todo o Reino; mas ponderavão, que por isso mesmo não corrião perigo com alguma detença, e que quanto fosse maior o tento e madureza, com que aqui se procedesse, tanto mais se profundarião a inclinação e respeito nos amigos, tanto mais se atalharião reparos ou pretextos nos contrarios, tanto mais bem fundado e necessario se inculcaria o nosso comportamento aos estranhos; cuja boa opinião, se não era de todo indispensavel, sempre tinha grave importancia. Este judiciozo parecer, que foi o do Duque, não admittia contradicção arrazoada, e foi abraçado por todas as pessoas de maior prudencia; comtudo não aquietou logo os de parecer mais arrojado. Propoz então o Duque, que o Infante Regente chamasse a conselho os homens mais conspicuos da Nobreza, Clero e Magistratura, que se achavão em Lisboa: que com effeito forão chamados, e que votárão quazi, ou para

melhor sem discrepancia, que S. A. convocasse as Côrtes Nacionaes, e as Côrtes declarassem, quem era, segundo as Leis Portuguezas, o herdeiro do throno d'El-Rei D. João VI., *fallecido em* 10 *de Março de* 1826.

Convocárão-se as Côrtes na uzada e sabida fórma do Reino: e de toda a parte concorrêrão a Lisboa, lugar aprazado, os Deputados; salvo de huma ou outra Terra, o Porto por exemplo, que os contrarios dominavão com armas, e em que se não podia de modo legal proceder á eleição. Para chegarem a Lisboa, alguns dos Deputados affrontárão riscos, atravessando fileiras de inimigos; outros, ao mesmo fim, torcêrão caminhos e fizerão grandes rodeios. Na reunião, em que o Duque de Cadaval prezidio no Braço da Nobreza, o Cardeal Patriarcha no do Clero, e o Marquez de Borba, eleito por Lisboa, no dos Povos, não se alterou em ponto algum o costume de taes assembléas, que constava de documentos, da Historia ou da tradicção; guardou-se ordem e socego admiravel, votou-se em fim com liberdade, que se não póde pôr em disputa, e com unanimidade perfeita, que só podia nascer, embora se diga o contrario, da geral vontade e convicção. Hum Cavalheiro Portuguêz, em escrito impresso ha pouco tempo, tratou estas Côrtes *de Pseudo Tres Estados*: e eu confesso que não posso alcançar a razão, a não ser que reputou o Infante Regente menos authorizado para as convocar, do que os nossos maiores reputárão o Mestre d'Aviz para convocar as de Coimbra; estimativa porém, que sómente prova quanto os affectos de partido chegão a offuscar ainda os bons entendimentos.

Com a declaração das Côrtes, determinou-se o Infante Regente a conformar-se ao voto Nacional; e dando o uzado juramento e recebendo logo o dos tres Braços, tomou o sceptro (servindo o Duque de Cadaval de Condestavel) no

dia, nunca esquecido, de 30 de Junho de 1828: Dia e Acto de memoria saudoza! em que os animos Portuguezes, ávidos de boa ordem e de socego, se dilatárão em doces esperanças; que cedo mallogrou inconstante e invejoza fortuna!

Collocado ElRei no throno, tomou parte no Governo, em qualidade de Ministro assistente, o Duque de Cadaval. Pela terceira vez a mesma linhagem e o mesmo nome forão chamados a servir o Rei e a Patria, em circumstancias de grande apuro, mas não de igual difficuldade. O grande Condestavel, D. Nuno Alvarez Pereira, servio e ajudou o Mestre de Aviz, que veio a ser ElRei D. João I.; o primeiro Duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira de Mello servio o Infante D. Pedro, que vencidas as contingencias, a que a enfermidade de seu Irmão e as ambições, que della se valião, trouxerão a Patria e a Monarchia, veio a ser ElRei D. Pedro II.; o sexto Duque, D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, servio o Infante Regente, que sem embargo de muitas e muito poderozas contradicções, veio a ser ElRei D. Miguel I. Grandes obstaculos atalhavão o passo ao Mestre d'Aviz e ao Infante D. Pedro; porém maiores, por certo, vierão ao encontro do nosso Infante. O Mestre d'Aviz e o Infante D. Pedro, quazi que não tinhão competidor, e obravão, em razão da Politica dos tempos, com total independencia, ou pouco menos, das Nações estranhas. O nosso Infante teve competidor acerrimo e obstinado, que se ajudava, não dentro mas fóra do Reino, de hum partido numerozo, forte e rezoluto; e em razão da moderna politica achava-se em muita dependencia dos interesses, e até do capricho, dos mais Poderes da Europa.

Ao Duque D. Nuno Caetano não coube, nem podia caber, o denodo guerreiro, a bellica e sempre victorioza

habilidade do Condestavel, seu ascendente: e até direi, que o bello arrojo daquelle *Scipião Portuguez*, era de todo incompativel com a madureza e circunspecção eminente de seu neto. Não serei porém temerario em ajuizar e affirmar, que nem o Condestavel, nem o primeiro Duque o vencião em lealdade ao Rei e á Patria, em zelo activo e precatado, em larga comprehensão e conselho. Forão mais felizes os dois Avôs; vírão corroborar e prosperar os thronos, a cuja elevação tinhão servido; e o sexto Duque vio, passados seis annos, alluir-se e succumbir o do seu e do nosso Principe. Onde esteve a razão da differença tão marcada? A resposta he bem natural, e bem pronta: esteve nos obstaculos muito maiores, que se offerecêrão á duração do throno d'ElRei; obstaculos, que em parte criou; e ao todo tornou insuperaveis a calamidade bem conhecida dos tempos: sim, insuperaveis, porque a não o serem em todo o rigor, hum briozo Principe, servído por vassallos de taes prendas, e dispondo plenamente dos animos e braços de huma Nação tão valente como leal, por certo haveria delles honrada victoria!

Áquella Administração, em que, depois da entronização d'ElRei, reprezentou de Ministro assistente o Duque de Cadaval, fizerão, e fazem ainda, os amigos e inimigos, duas graves imputações, que eu devo considerar com alguma attenção e com a minha costumada imparcialidade; por isso mesmo, que elles as tem e dão por cauza dos infaustos successos seguintes. Censurárão os amigos, que fosse desprezada a offerta de reconhecimento, que fez Inglaterra por via de Hespanha, *logo que ElRei conviesse em cazar com sua sobrinha e em dar* (no que principalmente se insistio) *huma total ou quazi total amnistia*. Os inimigos, por justificarem e grangearem força ás suas tramas, queixárão-se, levantárão brado aleivozo, calumniárão ElRei e os seus

Ministros, reprezentando-os, sobre tudo nos paizes estranhos, como despotas crueis, ou antes como tigres nunca saciados de sangue: e com tal força os reprezentárão deste modo, com taes alaridos e tamanha obstinação, que chegárão a perverter o conceito, até de estrangeiros de grande precate e avizo, talvez ainda agora pervertido.

O que passou, e notoriamente consta, desde Julho de 1830 atégora, e maiormente até Setembro de 1834, prova sem deixar dúvida alguma racionavel, que a Revolução ou, o que he o mesmo, a ruina de Portugal e de toda a Peninsula Iberica estava assentada e traçada irrevogavelmente; e que por tanto he vão pensamento referi-la aos erros e violencias do Governo d'ElRei Fidelissimo, ainda que na verdade se dessem taes erros e encarecidas violencias. Pede comtudo stricta justiça, não só a honra daquelle Governo, que se dê a conhecer ao Mundo, que onde se suppõe erro, no tocante á offerta de reconhecimento, não houvé senão discreta e leal franqueza; e que as vociferações de crueldade não forão senão calumniozas hyperboles de huma facção, que quando domina, he prodiga do sangue dos seus contrarios, e quando he vencida, não he menos prodiga de hipocritas lamentações dos seus soffrimentos.

Quem não alcansa, ao primeiro golpe de vista, que naquellas circumstancias o Cazamento d'ElRei com a Princeza do Grão Pará era impossivel? A olhar-se como Rainha por effeito da abdicação de seu Pai, o Reino não podia admittir tal cazamento, porque admittindo-o não só destruia o que acabava de construir; mas dava, com pouco acordo, morte certa ás suas proprias leis, e aos seus preciozos fóros e liberdades: a não se olhar como Rainha, não quereria admitti-lo o mesmo Imperador; e quando este, por mudança de opinião ou por outro motivo, o quizesse admittir, seria sempre altamente perigozo para o Reino,

mantendo esperanças, dando calor a pertenções, conservando pretextos, que era util, era necessario desterrar e acabar de todo.

Bem era de julgar, passando agora ao ponto da amnistia, que hum Real animo devia estar pronto, não só inclinado, a esquecer-se de aggravos, a relevar offensas, e a querer, por suavidade e brandura, chamar todos os Portuguezes ao respeito e submissão á sua Authoridade. Mas podia elle, salvo o seu decoro, salvo o proveito do Estado, salva a intima segurança de animo dos mesmos amnistiados, dar huma amnistia, imposta como condição por estrangeiros? A sua clemencia, em tal cazo, necessariamente se olharia como effeito de força: e daqui dois rezultados infalliveis; a bem fundada desconfiança dos agraciados, e a dezunião por isso mesmo e oppozição, mais ou menos declarada, mas sempre perigoza, entre os agraciados e os mais concidadãos. Só huma amnistia, espontanea e nascida da alma, podia escapar áquelles rezultados; e he de toda a evidencia, que não podia parecer bem espontanea, em quanto se reprezentasse como cumprimento de huma condição. Deixo outras ponderações muito graves, e só a estas me limito agora: altamente admirado de que os que propozerão a amnistia, se erão sinceros e entendidos, não as fizessem por antecipação; e mais admirado ainda, de que quando a Administração as expendeo na resposta, como julgo que faria, as desprezassem como insufficientes, ou antes as traduzissem (que foi o que fizerão) por huma declaração de intenções barbaras e inexoraveis! Mas a verdade he que em tal proposta não houve sinceridade, nem entendimento; foi irrizão, foi mero jogo, de que se quiz tirar novo pretexto de mais blasfemar e calumniar; poisque perfeitamente se conhecia que a condescendencia era im-

possível, e que a falta della dava mais huma occazião a invectivas virulentas.

Assim forão mero jogo e irrizão as lamentações de soffrimento, as accuzações de atrocidade, só dirigidas a reforçar sympathias nos seus parciaes, e asco e odio contra os discretos e honrados, que, em serviço da Patria, procurárão romper a trama aleivoza de huma facção altamente immoral. Que! os propugnadores da ordem não devião assegurar a sua obra? Não devião uzar precauções, para que se não tornasse vãa e inutil a sua victoria? *Mas excedêrão*, dizem, *o que requeria a sua segurança, forão muito além das justas precauções.* E quem o attesta? não he a mesma parte que se queixa de offendida?.... O tempo mostrou que se ficou muito para cá das justas precauções! E a reacção de 1828 póde comparar-se, em atroces violencias, com a de 1834? Mais: a facção comprimida em 1828, não provocou desde logo e não continuou a provocar, por movimentos sediciozos e formaes conspirações, a vindicta publica? A espada da Justiça, que se emprega em manter a boa ordem, quanto esta o requer, poderá ser alguma vez severa, mas nunca injusta.

Desde Julho de 1830 as tramas sediciozas, os colloios contra a segurança publica crescêrão muito mais. As *Jornadas*, como se chamão por antonomazia, forão o sinal, a voz de Stentor, com que a facção, até ali mais simulada, rompeo o forçado silencio: voz ou clamor, que atroou desde o Vistula ao Tejo, e a que respondeo o echo d'além do Atlantico. Alvoroçárão-se todos os faccionarios, que o esperavão impacientes: pequenos, grandes, maiores acodírão á prêza, que empolgárão com igual sofreguidão, e com mais ou menos boa fortuna. Em Lisboa, deixando o resto, crésceo o boliço, a audacia. Não já particulares, não já

companhias, mas Governos, e grandes Governos, resgado até o véo da justiça, até o véo do decoro, por agentes escolhidos entre os perversos, por pedidos injustos ou insolentes, por condições vergonhozas, por *misteriozas* apparencias navaes tratárão de perturbar a paz, de allucinar a opinião, de acobardar os animos, de arrazar o throno e com elle o antigo e nobre edificio de Portugal. A Historia o dirá mais por miudo e com menos brevidade: a penna recuza-se aqui a seguir a memoria.

Nesta convulsão (que foi huma convulsão) o Duque de Cadaval fez reparo; mas não dezalentou pela Patria, não perdeo esperanças, como adiante se verá, de se pôr a salvo a justa e nobre cauza d'ElRei. Teve porém razões de se capacitar de que a sua continuação no Ministerio, naquellas circumstancias, antes cauzaria estorvo, do que daria facilidade aos negocios publicos, e entrou no pensamento de sollicitar da benignidade do Monarcha licença de se retirar; pensamento, que realizou, fazendo respeitoza supplica nos fins de Junho de 1831. ElRei duvidou e hezitou; mas condescendeo em fim, e mandou lavrar huma Carta Regia, lançada em termos de muita honra; que para o limpo animo do Duque não pudéra ser maior mercê.

Mudou, não deixou, o serviço d'ElRei e da Patria o Duque de Cadaval, depois que obteve a permissão de se retirar do Ministerio. Poucos dias se havião passado, quando o Almirante Francez Roussin, por huma misterioza empreza, de que será talvez sem embargo do seu misterio, mais facil acertar com as cauzas e rezultados verdadeiros, do que com os verosimeis, entrou com a sua Esquadra no Tejo por violencia. Ao som dos primeiros tiros, montárão a cavallo o Duque e seus Irmãos, e de Pedroiços, por entre as ballas do inimigo, se encaminhárão ao lado de Belem, para se encontrarem com ElRei e receberem as ordens,

com que elle fosse servido honrá-los. Lisboa inteira se movèo, em razão desta novidade, e procurou o seu Principe com gentil alvoroço; que bem pudéra advertir e dezenganar Roussin, dado que fossem seriamente hostis os seus intentos. Mas fossem quaes fossem, o certo he que nas negociações seguintes o Almirante guardou hum comportamento attenciozo, moderou as suas insistencias (posto que á vista da nossa justiça sempre duras e exorbitantes) por modo, que quadrava pouco com o arrogante descomedimento das suas antecedentes propostas ou antes ameaços, e com o que se devia esperar dos fumos da sua victoria, ainda que ganhada com mais apparato que difficuldade. Concluidas as negociações, que durárão alguns dias, a Esquadra Franceza sahio do Tejo, Lisboa depôz a continencia guerreira, que tomára quazi espontaneamente e de improvizo, e os Duques, que em todo aquelle tempo estiverão á lerta e expeditos para qualquer facção, recolhêrão a suas cazas; satisfeitos de terem dado mostras da sua prontidão fiel, ainda que sentidos de não ser por occazião mais airoza e mais nobre.

O Imperador do Brazil, chamado e bafejado pelos seus amigos, e feita huma segunda abdicação, vinha a este tempo já caminho da Europa, ou surcava já os mares da Europa, pára dezafrontar (erão os seus termos) a propria honra. Trazia pois para Portugal no regaço, como o *antigo Legado de Roma*, ou escravidão, ou guerra, ou tudo junto; que na verdade foi tudo junto. Portugal, que não queria ser escravo, dispunha-se para a guerra. ElRei, os seus Ministros e Generaes tomavão medidas, cuidavão arbitrios e recursos para assegurar a victoria, que a ninguem se reprezentava então muito duvidoza. O Duque, já d'antes nomeado Coronel General dos voluntarios Realistas, deo-se todo á organização e disciplina desta porção muito

attendivel do Exercito, de que elle conhecia perfeitamente a importancia. Não era possivel, na verdade, imaginar huma milicia mais appropriada áquellas circumstancias. Os voluntarios Realistas não erão vagabundos sem lar e sem patria, não erão mercenarios sem costumes, sem principios, sem caracter. Erão homens probos, patriotas por inclinação, e ainda mais patriotas por Pais de Familias e por proprietarios; escolhidos, dirigidos pelos mais intelligentes e respeitados nos seus destrictos, cujo conhecimento e cuja prezença lhes servião de maior estimulo para se haverem, em qualquer cazo e encontro, como homens de coração e de honra. Que soldados mais aptos para huma empreza, que em summa se reduzia a defender suas mulheres, filhos, haveres, fóros, uzos, costumes, a Patria em fim, que se compõe de tudo isto, contra huma aggressão barbara, com que ameaçava Portugal hum filho ingrato de Portugal?

Na qualidade desta milicia havia com tudo inconvenientes; ainda que menos perigozos do que se outro fosse o seu destino: inconvenientes porém, que na organisação e disciplina podião ser acautelados. Aqui pôz o seu maior empenho o Duque de Cadaval. Na escolha dos Commandantes houve-se com todo o escrupulo, e conseguio na verdade que a maior parte, e muito maior, fosse de homens de primór e de lealdade, e por isso mesmo de justos estimadores do que delles devião e podião esperar ElRei e a Patria. Pelo seu activo e perseverante cuidado chegou a ver, no tocante á instrucção e disciplina dos corpos, muitos batalhões competindo em habilidade e brio com as melhores tropas de linha. Não foi tão feliz a respeito de todos; mas o Coronel General, requerendo os officiaes e instructores necessarios, não foi sempre bem ajudado das outras Authoridades militares; que os mandavão tarde em muitos cazos, e em outros insufficientes ou por pouco saber ou

no modo de ensinar. As Authoridades militares, de quem elle requeria, tambem tinhão zelo; mas ou retardavão pelo estorvo de grandes occupações, ou se enganavão de boa fé. Como porém nem os seus estorvos, nem a sua boa fé, evitavão ou remediavão os prejuizos do serviço, não cessava o Duque de repetir as suas instancias; que nem sempre obtinhão melhor successo. Accresceo, que a prontidão, com que o plano da guerra obrigou a dispôr de varios corpos de voluntarios, tirou o tempo requerido para bem se instruirem e adestrarem; e mallogrou, pela precipitação, os intentos do Coronel General, que para os levar a bom termo se não poupava a diligencias, a fadigas e até dispendios da propria fazenda. A nossa previdencia foi grande: em Novembro de 1831 já se postevão as tropas no litoral, que o inimigo não avistou antes de Julho seguinte; a fortuna he que, cerrando os olhos á nossa justiça, frustrou cruelmente todas as precauções!

Contra a geral expectação do Reino e de fóra do Reino, tomou o inimigo terra, sem oppozição, nas vizinhanças do Porto, e sem conflicto ou molestia, se apoderou desta cidade, copioza de munições de boca e de guerra, rica de outros muitos recursos; contra a geral expectação, teve tempo de se fortificar e acastellar para rezistir aos ataques de hum exercito numerozo e bem provido; e contra a geral expectação, tornou incompleto o bravo acommettimento das nossas tropas, commandadas pelo Visconde do Pezo da Regua, em 29 de Setembro; auspicios sinistros, que jámais forão desmentidos em toda esta larga campanha! ElRei, ao receber a noticia do succedido em 29 de Setembro, julgou conveniente avezinhar-se mais ao seu Exercito, e a esse fim tomou a rezolução de sahir, por algum tempo, de Lisboa. Sahio com effeito, acompanhado

das Infantas, a 17 de Oitubro; deixando em Lisboa o seu Ministerio, menos o Ministro da Guerra, prezidido pelo Duque de Cadaval, e a cargo deste ultimo, por huma Carta Régia de 8 do referido mez, o Commando em chefe das tropas de Lisboa e da Estremadura, e das Fortalezas ao Norte e Sul do Tejo, e de ambas as margens litoraes, que cobrem a Capital; com a clauzula de participar tudo o que occoresse directamente a S. Magestade. O encargo e os termos da Carta Régia provão ampla e honroza confiança da parte do Soberano; a submissa e pontual acceitação, em tão arduas circumstancias, provou a lealdade e exaltado patriotismo do Duque.

Não era a Revolução tão cega, que não alcançasse as raras virtudes e grande prestimo do Duque. Mas por isso mesmo se armava do mais frenetico furor contra elle. Muito antes lhe andava já imminente; porém agora, colligindo novas forças, rompeo em tormenta desfeita, e arremetendo por todos os lados com inaudita violencia; procurou deitar por terra este perigozo inimigo. O Duque tinha por si o conceito e bondades d'ElRei, a opinião de todos os bons e judiciozos, a força do seu animo e a pureza de sua consciencia. Mas ElRei era auzente; a opinião, ainda dos bons e judiciozos, vacilla com os successos: e o que restava era o valor de obrar o bem, e o valor, ainda mais raro, de desprezar juizos errados ou por ignorancia ou por contrario affecto. Alto e nobre espectaculo! que este rezumo não póde offerecer em grande, e que he, por tanto, obrigado a deixar á Historia. Se a Revolução conta como triunfo obter, fossem quaes fossem os meios, vantagens disputadas com grande intelligencia e fervente zelo pelo Duque; não posso eu negar que triunfou. Mas se reputa triunfo abalar a firmeza de animo, alterar a serenidade e compostura,

amolgar a lealdade do coração do Duque, e lançar sombra espessa e duravel sobre a sua honra; o seu triunfo pertendido não foi mais que hum sonho da sua arrogancia.

Corrêrão oito mezes, ou mais até que o Duque de Cadaval deixou Lisboa no memoravel Julho de 1833. Que cuidades, em todo este tempo, que fadigas, que obstaculos, que fatalidades!!! Vencê-los seria prodigio, que não cabe ao poder humano; só affrontá-los com brioza confiança, supportá-los até ao fim sem soçobro, sem dezalento, como se póde qualificar, senão de magnanimidade? A sua attenção não se limitava, o que já fôra maior que muito, aos objectos dezignados do seu encargo; extendia-se a tudo o que elle tinha por conveniente ao serviço e honra d'ElRei, aos verdadeiros proveitos da Patria. Daqui vierão as suas respeitozas reprezentações, para que se acceitassem, no que toca á nossa Esquadra, as propostas de Eliot; daqui as respeitozas reprezentações, que determinárão o convite de hum General estrangeiro de honrada e merecida fama. A fatalidade inexoravel atalhou a primeira medida e inutilizou a ultima: porém justificou a valia e o preço de ambas, o sentimento com que todos as vimos mallogradas.

Vizitou as fortalezas e tratou que se fizessem as reparações, que parecêrão indispensaveis; examinou o estado das tropas e sollicitou os remedios e melhoramentos, que se tiverão por opportunos; pedio os recursos pecuniarios, de que tudo isto claramente dependia. Tardança, difficuldades, repugnancias, mais ou menos decididas, foi o que achou em grande parte dos que devião concorrer com elle na empreza de que fôra encarregado por ElRei. A facção contrária pôz-se, mais livre e dezassombradamente, em campo, depois da sahida do Monarcha; e encostada a estrangeiros de não vulgar importancia, que mal cobrião o seu auxilio e nem sequer cobrião a sua ruim tenção, em-

pregou todos os meios, que tinha na sua mão e nas dos seus valedores, para incitar homens perdidos, para arrastar incautos, para extraviar a opinião, e perturbar em todo o sentido a ordem publica. Seducções, alliciações, avizos capciozos, falsos rumores, tornárão-se practicas ordinarias; já pela repetição menos notadas, mas por menos notadas ainda mais perigozas. Pudéra hum rasgo de arrojado brio comprimir facilmente e suffocar esta guerra interior: mas tão apertada era a pozição, em que se achava o Duque, que até era obrigado a uzar deferencias com o inimigo!

Crescia a insolencia com o estado indecizo da guerra do Norte. Como as forças, em numero e recursos, erão dezigunes, fazia julgar a duração da contenda, que os contrarios, por valor e habilidade, balançavão o numero e esforço dos nossos, e que assim, ao menos se tornava possivel a sua victoria. Este discurso, com que se animavão mais os faccionarios, tambem lançava inquietação e dúvidas no animo dos bons. Por outro lado, tropas da Estremadura erão chamadas para o Porto pela necessidade da guerra, erão chamados officiaes de credito; e enfraquecendo-se com isto a Estremadura, e especialmente Lisboa, engrossava ao mesmo passo a audacia da facção e o receio dos honrados. Sobreveio a cholera-morbus com os seus estragos e horrores; e como o açoite deste flagello temerozo não distinguia soldados de paizanos, diminuia-se o numero dos militares effectivos e adiantava o desalento de todos. Sobre diminuir o numero dos militares, devia tambem affroxar e relaxar a disciplina, e impedir, que se remediasse quanto importava. Quiz o Duque, por boa cautella, pôr as recrutas em separado, em quanto não adquirião a instrucção necessaria, guardando-as assim do contacto da indisciplina, de que os corpos já organizados se resentião; mas o Ministerio da Guerra mandou reunir logo as recrutas aos corpos respec-

tivos, e não foi possivel pôr esta cautella em practica, se bem que já se tinhão marcado e preparado alguns locaes bem apropriados.

Nestas circumstancias, que do inimigo não podião ser desconhecidas, sahio da Foz do Doiro a Esquadra de Napier, levando a bordo tropas commandadas pelo Conde de Villaflor, e prontas para fazer hum dezembarque onde melhor servisse. A primeira lembrança do Aventureiro Inglez foi embocar o Tejo e dezembarçar as tropas na sua margem; propozito, que provavelmente se tornaria em sua confuzão: mas melhor advertido mudou conselho e navegou para o Algarve. Aqui dezembarcou Villaflor com a gente do seu Commando, e retirou-se o Visconde de Molellos, que commandava por ElRei. Postou-se o Visconde em lugares montuozos, porque a sua força era pequena e mal preparada; o Conde conservou-se no paiz razo, sempre com os olhos na Esquadra de Napier, para que a cada momento lhe podia ser necessario voltar. Largou de Lisboa, neste meio tempo, a Esquadra Portugueza, e cresceo o preçate do Conde; ou porque lhe não erão revelados todos os segredos, ou porque a prudencia, principalmente na guerra, obriga a desconfiar dos successos, em quanto não são ultimados. A todos he hoje notorio o triste estado em que a nossa Esquadra sahio ao mar, e a imprudencia, cem que se lhe deo ordem para sahir. A este estado he que o Duque procurou remedio, aproveitando os offerecimentos de Eliot; mas não o consentio adversa fortuna, porque quando Eliot se despunha para partir dos Portos de Inglaterra, lhe chegou a noticia do nosso desbarato. Na acção, em que fomos desbaratados, notou-se a cobardia ou a deslealdade de alguns indignos Portuguezes; mas tambem se notou o valor intrepido e a lealdade de outros. E quando a Historia referir, fiel e miudamente, estes acontecimentos,

ainda apparecerão com muita honra o caracter e patriotismo Portuguez. Como quer que seja, soffremos, sem caber grande gloria ao Commandante inimigo, desbarato, que nos privou de hum recurso, em qualquer tempo importantissímo, e muito mais na prezente occazião: desbarato, que affoitou Villaflor, acobardou Molellos, e aumentou o sobresalto em todo o Portugal e particularmente na sua primeira Cidade.

Eis-aqui Lisboa, já por tantos modos atenuada e perturbada, agora destituida até das esperanças de auxilio da sua Esquadra, e pelo lado do mar exposta aos atrevimentos e insultos de hum inimigo vencedor! eis-aqui Villaflor animado para intentar huma empreza, que a não estar elle bem certo do rezultado, teria sempre mais de aventuroza, que de entendida! Não dezesperou ainda o Duque da sorte da sua justa e honrada cauza. A tropa do Algarve, que havia descido da serra, tinha-se reforçado consideravelmente, e ficando por isso muito superior ao inimigo, ou devia destrui-lo em conflicto, ou devia, se elle se esquivasse ao combate, retardar-lhe e desviar-lhe a marcha, ou devia, no mais apurado e imprevisto cazo, aproveitar a dianteira que lhe levava, e hir-se unir com o Duque em Lisboa: com o que serião baldadas as tentativas e esperanças tanto de Villaflor, como de Napier, que necessitavão de se ajudar reciprocamente. A Columna volante ao Sul do Tejo não era desprezivel em força, e occupava huma pozição fortissima, que Villaflor não podia evitar; sem prodigios de valor ou de tactica militar podia, e antes devia, ou escarmentar Villaflor, ou ao menos conte-lo, e demora-lo, e favorecer assim a reunião, tão importante e tão dezejada, das tropas do Algarve com as da margem direita do Tejo. O Duque expedio correios sobre correios á Divizão do Algarve, tomou medidas, deo as suas ordens, e justamente

esperou, que a disposição das coizas o tiraria do embaraço em que o tinhão posto as circumstancias, que, sem serem sua obra, sem provirem de erros seus, nem por isso o tinhão em menos apuro.

Reluz a esperança na sua Proclamação, lançada em termos singelos, porém cheios de ardor e de espirito. Della se vê como conhecia bem as tenções e as tramas dos inimigos de dentro, e o calor, que lhes davão perturbadores Estrangeiros: e tambem se vê, que dos recursos, que ainda lhe restavão, confiava poder, por seu meio, repellir Villaflor e Napier, e paralyzar os seus cumplices de Lisboa. Não era vãa, não era indiscreta esta confiança. O que fica dito o mostraria por si só; mas prova-lo-hão, fóra de toda a dúvida, os successos seguintes, encaminhados, ao parecer, por huma fatalidade, que, como de proposito, tratava de cruzar e confundir os dezignios mais bem formados do Duque.

Soffreo derrota, em algum encontro, ou ainda dezar a Divizão do Algarve? Não. Pendeo, mas sem effeito, no flanco do inimigo para o desviar ou retardar? Não. Apressou, ao menos, o passo para bem o prevenir na passagem do Tejo para Lisboa? Não. Não só não combateo, mas nem se quer vio o inimigo: não só o não desviou ou perturbou na sua marcha, mas deixou-lhe de todo franco e livre o caminho, para seguir para o lado e ponto, que projectava, e que de ninguem podia ser ignorado: não só o não prevenio na passagem do Tejo, mas trazendo-o desde a serra bem afastado na retaguarda, manobrou depois por fórma, que o inimigo, sem esforço extraordinario, se lhe adiantou dois dias, ou mais de dois dias. Que pois! Foi justo embaraço? Não consta, e até não era possivel. Foi cobardia? Não he crivel, porque a sua força era dobrada ou triplicada; e quando fosse cobarde para combater, por

isso mesmo devia ser mais pronta para se apressar. Foi em fim traição, que he o que resta? Não respondo. Direi comtudo, que o segundo Commandante e o Chefe d'Estado maior erão, já d'antes, muito suspeitos e até notados, em materias de lealdade, e que poucos dias depois se passárão ambos ao inimigo [1].

A Divizão do Algarve deo a Villaflor passo franco para o Sul do Tejo; a Columna ao Sul do Tejo pôz-lhe nas mãos facil e pronta victoria. Não se póde dizer que houve peleja ou combate regular entre a Columna movel e Villaflor; houve huma refrega, huma especie de barulho bellico, principiado com dispozição pouco entendida, e continuado sem empenho. O Commandante foi triste e infeliz victima da sua impericia ou descuido: alguns officiaes portárão-se com muita honra e valentia; mas forão os menos: e o brio e denodo dos mais honrados, como faltou direcção e por tanto acordo, não fez grande effeito; e não tardou muito que a bandeira inimiga, fluctuando no Castello de Almada, fizesse ver que Villaflor havia tocado a pozição, d'onde podia, dando as mãos a Napier, intentar o seu dezembarque em Lisboa!

Imagine-se a perturbação, a incerteza, em que ficou Lisboa ao receber esta noticia; e muito mais, tardando ou não chegando noticias da Divizão do Algarve. Neste momento critico chamou o Duque a conselho os militares,

[1] O Chefe d'Estado Maior de que se falla nos pedio que declarassemos aqui da sua parte, que elle passou sim do serviço de hum para o de outro Principe, mas que, em quanto servio o primeiro, não teve relações com o segundo; e tambem que tendo chegado a Alvito muito entrada a noite de 21 de Julho de 1833, ido de Lisboa, só entrára em exercicio na manhã de 22 quando já duas grandes marchas separavão as duas divizões.

Nota do Editor.

que se achavão nas circumstancias de dar parecer. O vogal que fallou primeiro, considerando todos os perigos, comparando-os com os recursos, votou que se devia salvar o que restava do pessoal e material do Exercito, sahindo quánto antes de Lisboa. A este voto, bem explicito e offerecido com vigor de boas razões, adherírão plenamente os mais, e prestou o seu assenso o Duque. Ouvi dizer que elle preferia sustentar-se em Lisboa a todo o custo e sepultar-se, cazo fosse necessario, nas suas ruinas. Quanto ao seu valor e pundenôr, não lhe ponho dúvida: mas o Duque era muito ponderado; não se deixava, ainda nos maiores apuros, tomar de nimio ardor ou de enthusiasmo. Razão, verdade, proveito da Patria, e encostada a tudo isto a sua verdadeira honra, erão constantemente os seus motivos: se elles requeressem por tal modo o seu sacrificio, tenho por certo que não hezitaria; requerendo o contrario, tinha grandeza e firmeza de animo para desprezar, em veneração e serviço de tão graves objectos, hum dezar efemero, as levianas murmurações do vulgar e ainda os apódos dos inimigos.

Esta firmeza de animo fez ver agora sahindo de Lisboa, conforme o que se tinha rezolvido em Conselho, na madrugada do dia 24 de Julho. Encaminhou-se a Torres Vedras, e officiou á Divizão do Algarve, que se lhe viesse unir naquelle ponto; sempre com a esperança de tornar sobre Lisboa e arrancar a preza das mãos de Napier e Villaflor. Mas porque não tinha cessado de pender sobre os seus planos e intentos a fatalidade, foi ainda baldada esta sua esperança: a Divizão do Algarve não appareceo, nem deo de si noticias, e entretanto a Guarnição de Peniche largou cobardemente a Praça ao inimigo; e por huma e outra razão se vio o Duque necessitado a renunciar áquelle lizongeiro pensamento e seguir seu caminho. Al-

tos clamores se erguêrão, principalmente dentro de Lisboa, contra está retirada; tanto da parte dos inimigos, como da parte dos que o não erão. Quem a taxava de ignorancia, quem a taxava de fraqueza! quem, mas na verdade poucas vozes, a accuzava ou calumniava de traição! Os sarcasmos e calumnias dos inimigos, erão bem de esperar: as queixas e lamentos dos mais merecião desculpa; e ou eu me engano muito, ou o primeiro em os desculpar seria o Duque. Tál era o seu aviso! tal era a sua imperturbavel imparcialidade! Desculpava os dezafogos da dôr, e remettia para o tempo o dezengano.

Os annos correm, o tempo voa; mudão as idéas, emmendão-se, retractão-se as opiniões: e quero crêr que virá, não muito tarde, occazião, em que ésta retirada, que agora se teve por dezairoza, se avalie, como na verdade foi, por hum grande rasgo de lealdade e de patriotismo. Bem que o Duque conheceo que a fortuna se lhe mostrava muito inimiga, preseguio para Obidos e Caldas da Rainha, sem todavia depôr a rezolução de a tentar ainda outra vez; procurando recobrar Peniche por surpreza, ordida ou traçada com todas as probabilidades de successo. Porém a fortuna contrastou tambem esta rezolução, ainda que por outro modo: pois que nas Caldas recebeo ordens d'ElRei para marchar logo para Coimbra com a força de que tinha o Commando: e com o cumprimento inevitavel das ordens do Soberano erão incompativeis as projectadas tentativas sobre Peniche, e os outros movimentos, que as devião seguir, dado que fossem, como se esperava, bem succedidas.

A saude do Duque nunca foi tão robusta, como na apparencia se reprezentava. Porém nos ultimos mezes, em razão do trabalho muito intenso e aturado, e em razão de alguma irregularidade nos habitos da vida, a que as occupações o obrigavão, enfermou mais, soffreo do peito e até

chegou á lançar sangue pela bôca. Accresceo, aqui nas Caldas da Rainha, hum insulto de colera-morbus, que se remediou por não ser, ao que parece, muito violento; mas que o deixou ainda mais quebrantado e indisposto. Sua Irmãa D. Adelaide, do Duque e de toda a Familia, por grandes virtudes, estremozamente amada, soffreo tambem, a pouca distancia de Alcôbaça para Leiria, hum insulto de colera, e voltando por essa cauza para Alcobaça, dentro em poucas horas, ou porque foi maior a violencia do mal, ou porque o sujeito não podia rezistir tanto, falleceo; e a noticia deste triste accidente foi aumentar, como se póde suppôr, o desgosto e soffrimentos do Duque; que com effeito chegou a Coimbra em grande desbarato da sua saude.

Não tardou muito em vir tambem ElRei a Coimbra de caminho para a Estremadura. Foi logo o Duque aprezentar-se a S. Magestade que o recebeo com a boa sombra e agazalho do costume, e mostras de grande sentimento pelo estado de molestia, em que o via. ElRei conhecia melhor que ninguem a lealdade do Duque aos interesses da Patria, a fidelidade e inteira devoção á sua Real Pessoa; e não ignorava os cuidados e fadigas que havia supportado, os grandes obstaculos com que havia luctado no serviço. Pedio o Duque licença de passar entretanto o Commando ao Conde d'Almer, que fôra nomeado para seu segundo, e de se retirar caminho d'Abrantes, em quanto assim fosse necessario para o seu restabelecimento; licença, que ElRei concedeo sem demora e com todos os sinaes de benevolencia.

Partio o Principe quazi logo de Coimbra; onde o Duque se deteve tambem poucos dias, por tomar algum descanso, que lhe era tão necessario, e consultar os facultativos. Pareceo a estes, que o estado da saude do Duque, posto que não dezesperado, era comtudo muito grave; e reconhecêrão, que estava muito atacado de enfermidade no

peito: e que para se restaurar devia guardar muitos precates e seguir methodos de curativo bem cautelozos; pena de se tornar a doença irremediavel. Era bem fundado este juizo. O Duque continuou a padecer, com alguns intervallos de maior ou menor alivio, e por fim veio a succumbir á mesma enfermidade, na opinião dos facultativos de Paris, que os de Coimbra havião indicado.

Sahio de Coimbra, endireitando para Thomar, já muito adiantado o mez de Agosto. Mas a sete leguas desta Cidade, na Villa de Pombal, o esperava hum dos golpes mais temerozos, que se podéra descarregar sobre a sua constancia! Sua Mãi a insigne Duqueza D. Maria Magdalena, que o acompanhava desde Lisboa, adoeceo; e com tanta gravidade, que teve de fazer alto em Pombal toda a comitiva. A dôr profunda, que lhe cauzou a perda de sua Filha, as inquietações e receios pelo estado da saude de seu Filho, juntos aos incommodos, fadigas, e até privações, de huma jornada emprehendida de improvizo, feita com precipitação, e feita em huma estação pouco propria para viagens em Portugal, tiverão o seu effeito: em pouco tempo fez a molestia grande progresso, e a 29 de Agosto perdeo o Duque a idolatrada Mãi, a que justamente se considerava devedor das mais altas obrigações, e em cujo affecto, trato e conselho possuia consolação suavissima e huma das poucas, que podia e costumava saborear sobre a terra. Inclinou-se com pio respeito á mão poderoza, que o feria por lado tão sensivel! e rendidos os ultimos deveres a esta nobre victima da lealdade e serviço da Patria, continuou para Thomar.

Thomar he terra plana, assentada sobre o pequeno Rio Nabão; aprazivel á vista, mas de ares suspeitos no alto estio. Achou-se o Duque mais incommodado, e deo occazião de muito receio aos Medicos, que o tratavão: e por

este motivo, e pela entrepreza do inimigo sobre Obidos, mudou para Abrantes em 5 de Oitubro. Achou melhora em Abrantes, e crescida melhora, que o obrigava a querer ali perseverar: mas hia-se a Villa empachando muito de enfermos, e era de temer que rompesse, como na verdade rompeo depois, perigoza epidemia; e nestes termos teve o Duque por mais prudente preveni-la, passando ao Alem-Tejo, e passou com effeito em 16 de Novembro.

A sua jornada desde o Tejo até Elvas foi pouco menos que hum triunfo. O General da Provincia, obrigado de ordem superior, mandou que em todos os lugares, por onde passasse, fosse recebido com o honrozo apparato, que convinha á sua jerarquia; e as Povoações, maiores e menores, disputavão-se a preferencia em o receber e acompanhar com obsequios e luzimento, e com taes mostras de cordeal veneração, que o poderião fazer esquecer, *se o Duque ainda se lembrasse*, dos clamores e imputações da retirada de Lisboa. A Cidade de Elvas, tão conhecida por suas opiniões e affectos á boa ordem, á ordem antiga e veneravel do Reino, não foi a menos pronta e empenhada em lhe mostrar as suas respeitozas sympathias; e continuou no mesmo estilo por todo o tempo da sua demora, que se alargou até aos fins de Maio seguinte.

A 26 de Maio de 1834 terminou a guerra principiada em 9 ou 10 de Julho de 1832, e terminou com a Convenção, ou, como outros lhe chamão, Capitulação de Evoramonte. Chegou ao Duque a noticia desta Capitulação por meio da voz publica: e pouco depois, em virtude de Despachos dirigidos á Infanta D. Izabel Maria, que tambem se havia recolhido em Elvas, teve de assistir com seu Irmão o Duque de Lafões e toda a mais nobreza, que se achava dentro da Praça, ao Auto, assinado em Camara, em que a Capitulação se reconheceo. Seria superfluo fazer

ponderações á cerca dos melancolicos pensamentos do Duque, ao comparar esta assistencia e este Auto com outra assistencia e outro Auto em 30 de Junho de 1828! Em 30 de Junho sentado no throno o legitimo possuidor, a Monarchia surgindo da confuzão e transtorno de perversas e estultas innovações, Portugal preparando-se para de novo reprezentar com dignidade no theatro da Europa e do Mundo: em 26 de Maio... mas lancemos hum véo sobre este mizerando quadro, sem exemplo na propria Historia, sem exemplo, attendidas todas as circumstancias, nas Historias estranhas! Agora sim, agora creio eu bem, que o Duque se determinaria rezolutamente a sepultar-se antes nas ruinas da Patria: mas os inimigos de Portugal tinhão antecipadamente tomádo medidas tão precatadas, e até miuciozas, contra a magnanima indignação do Duque e dos mais Portuguezes generozos neste critico momento, que pasmará o Mundo quando as contar, como hade contar, a Historia; e hum sacrificio, em prezença de taes obstaculos, não só seria completamente vão, mas passaria a ser insensato.

Ao ver, por tal modo, perdida a Patria, que era a formozura, que desvelava este primorozo entendimento, não era possivel que o Duque deixasse de se tomar dos affectos e formar as extremas rezoluções, que o grande Poeta attribue a hum dezesperado amante, naquelles sabidos versos:

> D'aqui me parto irado, e quazi insano
> Da mágoa, e da deshonra ali passada,
> A buscar outro mundo, onde não visse
> Quem do meu pranto e de meu mal se risse.

E com effeito, que descendente do grande Condestavel, a não ser descendente spurio e baixamente degenerado, poderia supportar o aspecto da Patria assim desmantellada

e assollada: sobretudo vendo forçado o legitimo Rei a hir, nas escuzas e desconhecidas praias de Sines, metter-se em hum baixel estrangeiro, enviado da parte do proprio inimigo para o conduzir a remoto e ignobil desterro? Houve este spurio descendente... mas mal pudéra ser o elevado e briozo Duque de Cadaval: que logo a 6 de Julho sahia do Tejo (já não Tejo, e ao menos já não o honrado e famozo Tejo!) e tocava cinco dias depois as praias de Inglaterra.

Poucos dias se demorou em Falmouth, poucos dias em Londres. Convidava-o para França a companhia de seus Tios e o assentamento de alguns negocios, que tocavão á herança da Duqueza D. Maria Magdalena. De Londres navegou pelo Tamiza a Calais e de Calais passou para Pariz; onde entrou a 10 ou 11 de Setembro, e tomou caza no Hotel de Montmorenci. Foi em Falmouth, que a titulo de solidario com o Governo d'ElRei Fidelissimo, o espoliou de quantia importante (que a isto e grandes despezas se reduzírão os proes dos seus encargos publicos) hum vil salteador Inglez, coberto da Egide das Leis; Leis absurdas, de que a civilizada Grãa Bretanha se envergonha, e que todavia conserva! O salteador, em reparação, foi depois processado e convencido em Londres, mas obteve perdão do Duque; e tamanho escandalo cauzou o acontecimento de Falmouth, que em razão delle se determinárão pessoas de grande influencia a propôr e promover, onde competia, a revogação da iniqua lei: que ignoro se foi com effeito revogada.

De assento em Pariz, tomou o Duque o modo e fórma de viver, que melhor dizia com a sua qualidade e a sua condição. Retirado no centro da sua Familia, de que era, por igual, objecto de amor e de respeito, dado á prudente direcção de toda ella, applicado á lição dos livros em todos os momentos de que podia dispôr e em quanto

as suas enfermidades o permittirão; não se esquecia dos males da infeliz Patria, mas procurava mitigar esta pungente memoria pelos meios unicos, que a discrição póde suggerir para lenitivo de grandes mágoas. Das dissipações de Pariz pouco se aproveitava; os seus prazeres não tinhão para elle attractivo. Tratava os parentes quanto o requeria a intimidade das suas relações; os Cavalheiros Francezes (poucos e escolhidos) segundo as regras de entendido e fino polimento; os Portuguezes, que o procuravão, com termos de conhecida incliuação: e todos vião nelle, com certa admiração, singulares mostras de avizo, dignidade, izenção nobre, de mistura com justa deferencia, singeleza, e urbanidade tão delicada como amavel.

Pois que á desolada Patria não podia servir de outro modo, acodia, de sua bolça, aos apuros de grande numero de compatriotas. A pouças fortunas perdoou em Portugal a Revolução de 1834. A maior parte das Familias e individuos, que d'antes vivião com sufficiencia de meios, desceo de repente á mendicidade. Desde Lisboa, e até desde Italia, varios Portuguezes se dirigírão por escrito ao Duque pedindo soccorros, e muitos outros se lhe aprezentárão em França ao mesmo fim; e todos achárão benigno acolhimento e favor. Não escapou a Fortuna do Duque ao desbarato commum; perdeo avultadas sommas em Commendas e bens senhoriaes no estrago, que se doestou de reforma; os redditos de outra natureza tambem soffrêrão abatimentos, retardação. Mas o Duque recorreo ao cabedal mais seguro da economia; e cortou, em favor dos mizeraveis, pelo seu decente apparato, e até pelos seus commodos, e reduziose a pouco mais do que o rigorozo necessario.

Bem que os seus intimos lhe ouvissem algumas, poucas sempre e moderadas, expressões de dôr pela ruina de Portugal; jámais se lhe ouvio proferir queixa dos desfavo-

res e perfidias com que o tratou tão cruelmente a fortuna; jámais se lhe percebeo dezejo, nem ainda velleidade, de se defender contra falsas imputações, que não ignorava. Desprezava a fortuna, de que conhecia bem as inconstancias, o cego capricho, os desvarios: das opiniões superficiaes e temerarias fazia pouco cazo, certo de suas tenções e obras, seguro e contente da propria consciencia. Quanto mais, que como a sua defeza devia envolver accuzação de outras pessoas, não podia rezolver-se a empregar hum expediente, que parecia sempre rasteiro á sua generozidade. Sereno constantemente e reportado no meio de grandes contrariedades, que sem culpa sua o combatião, reprezentava, com muita fidelidade, o justo a braços com as adversidades da vida e do Mundo; bem apertado pelo campião inimigo, mas nunca descomposto. E ao seu encontro me recordei varias vezes do Varão justo e constante, que imaginou e bosquejou Horacio, e que no meu conceito realizou o Duque! Egregia indole, superiores luzes, e mais que tudo a virtude de pura e viva Religião derão este illustre Portuguez: de que muito se contentarião e prezarião os seus mais gloriozos progenitores.

O alivio grangeado em Abrantes e sustentado por algum tempo, declinou depois, e soffria, quando chegou a França, muita decadencia. No Inverno de 1834 para 1835 cresceo o mal, e os Medicos aconselhárão retiro para o campo. Seguio tarde o conselho e comtudo recobrou melhora; que he de suppôr que seria muito mais consideravel, se o conselho fosse abraçado mais cedo. Tornando a Pariz, atrazou no Inverno de 835 para 836; de modo que os ares do campo, a que outra vez recorreo na estação de 836, já não forão de tamanho proveito. Desde muito antes insistião os Medicos em huma viagem mais larga, e por mais doce clima; que reunisse ar mais apropriado, exercicio, e

diversão. Mas erradamente entendia o Duque, que ares menos frios, que o de Pariz e suas vizinhanças, lhe serião pouco favoraveis; o que junto a certa pauza e tardança do seu genio o teve largo tempo irrezoluto para seguir este parecer. He de notar, que o Duque, se não era, nos Negocios publicos, precipitado e arrojado, era comtudo pronto e activo; e que no que tocava á sua Caza e pessoa, era muito menos determinado e expedito. No primeiro cazo, o dezejo de bem servir em materias de alta gravidade, o tinha sempre álerta e disposto a uzar, sem demora, de toda a boa occazião: no segundo, entregava-se mais ao seu natural; que á força de muito ponderado ou de circunspecto, nem sempre se rezolvia com a prontidão, que sèria mais conveniente.

Em 1837 tinha finalmente rezolvido fazer huma viagem pelo sul da França; mas era muito tarde, e não devia passar de projecto. Cahio em cama por meado de Janeiro, quando os Medicos tinhão já pouca esperança de o remediar. Puzerão comtudo em obra quanto lhes podia suggerir a sua pericia e zelo. Nesta crize, que durou mais de hum mez, dobrárão, tresdobrárão as assiduidades, os cuidados, os empenhos de toda a sua Familia; que procurava, com a maior anciedade, conservar huma vida de tanta importancia para os seus interesses, e não menos para a sua consolação. Admirou, assombrou a tòdos a Duqueza sua mulher, D. Maria de Bragança de Soiza e Ligne, pela ternura animoza, com que de dia, de noite, a todas as horas, e até á ultima hora, não só lhe assistio, mas o servio com firmeza de peito varônil; que não podia ser, naquellas circumstancias, senão hum prodigio do verdadeiro, do puro amor. Baldou todos os empenhos a força do mal; e entre onze e doze horas do dia 14 de Fevereiro, o Duque, em completo accordo, recebidos com edificante prontidão os

sacramentos, e com todas as mostras de sincera e profunda piedade, acabou a vida: em annos curta, dilatada em soffrimento e mágoas, cheia de virtudes e boas obras, quer na ordem da justiça Christãa, quer na da justiça humana.

A sua morte, para os seus lamentavel, triste para os amigos, não foi para a Patria indifferente. Ah! Nunca ella precizou mais, desde que a levantou D. Affonso I., nunca precizou tanto de Filhos, como o Duque de Cadaval, tementes a Deos, fieis ao legitimo Rei, ardentes amadores *do ninho seu paterno:* de Filhos, que reunão, como elle, discreta modestia, singela verdade, fé nunca desmentida!! E achará similhantes? Ache embora similhantes e menos contrariados de iniquos tempos; que he o mais alto, o mais encarecido voto, que pela sua ventura póde formar, e fórma, o meu affecto, certamente filial. Mas permitta que eu lhe diga, que á vista do prezente mundo tão de barro, tão de lodo, e desta idade de taes cegueiras, de tal dezatino, o formo com mais ardôr de dezejos, que de esperanças.

FIM.

RESUMO
DA
HISTORIA DA IGREJA
DO
ANTIGO TESTAMENTO.

ADVERTENCIA.

Este Resumo foi compilado com o fim de acudir á necessidade de alguns mancebos, que para o estudo da Historia da Igreja Christãa devião estar preparados com certo conhecimento da Historia da Igreja antecedente; sem terem com tudo tempo para o adquirirem mais profundo, do que aqui se lhes offerece. Este aqui offerecido he na verdade bem superficial: mas se por um lado as circumstancias daquelles, a quem se dirige, não soffrem maior largueza; por outro lado não duvidamos affirmar, que se tocão todos os successos mais importantes, e que ainda dos menos substanciaes poucos deixão de ser apontados.

Indicámos miudamente os lugares dos Livros santos, d'onde a noticia dos successos he derivada; e fugimos de indicar outras authoridades: a primeira coisa, para que a honesta curiosidade saiba facilmente onde se póde satisfazer de todo; a segunda, porque outros testemunhos ou tirão daquelles a sua valia, ou a não tem, se a procurárão de outra parte.

Para que o Rezumo possa servir tambem ás pessoas, que sem frequentarem as Classes, desejão formar algum conceito da Historia da nossa Religião no primeiro Periodo, o escrevemos em Portuguez. Em Latim só poderia ser de uso aos que o tem aprendido; em Portuguez póde ser lido de uns e dos outros.

---

1 Uma das significações da palavra *Igreja* he *ajuntamento, ou congregação de fieis.* A dos homens, que antes da vinda do Nosso Salvador Jesus Christo seguião a verdadeira Lei do Deos Verdadeiro, e esperavão as promessas, por elle feitas ácerca da Redempção humana, chama-se a *Igreja do Antigo Testamento*; que cessou, quando teve principio a *Igreja Christãa*, por Jesus Christo fundada e assentada, e dilatada por seus Discipulos. Uma possue o que a outra esperava; e eis-aqui a sua maior differença: mas procedendo do mesmo Author, e encaminhando-se, posto que com diversas economias, ao mesmo fim, formão ambas um todo unico; cuja Historia, para maior facilidade e commodidade do seu estudo, se reparte em duas, com o nome de *Historia Sagrada* e *Historia Ecclesiastica*, ou *Historia da Igreja do Antigo Testamento*, e *Historia da Igreja do Novo Testamento* [1].

2 A Historia da Igreja do Antigo Testamento desde a Creação do Mundo até ao Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, segundo a Era Vulgar, comprehende, pelos

[1] A Lei seguida pelos Fieis do A. T. nem sempre foi escripta: e d'aqui vem uma subdivisão da primeira Igreja em *Igreja da Lei Natural e Positiva meramente verbal, ou tradita*, e *Igreja da Lei Escripta*. Esta principiou com as Taboas confiadas a Moysés no monte Sinai, e no mesmo ponto teve a outra fim. As economias são tambem um pouco diversas, mas a substancia he sempre a mesma: Culto da verdadeira Divindade, e esperança de salvação por meio do Sacrificio do homem Deos, isto he, Jesus Christo, Fundador do Christianismo, que por sua morte na Cruz nos reparou, e com isso nos abrio os caminhos da eterna felicidade.

mais approvados e seguidos computos, 4004 annos: espaço, que se costuma ainda repartir em porções menores, chamadas *Epochas*, em razão dos termos, por que principião e acabão. Distinguiremos sómente seis, porque maior numero embaraça mais, do que facilita; e tomaremos por termos de divisão aquelles successos, em que verdadeiramente se concluem as porções, que lhes precedem. Serão estas Epochas: I. da Creação ao Diluvio. II. Do Diluvio á Vocação de Abrahão. III. Da Vocação de Abrahão á Lei Escripta no monte Sinai. IV. Da Lei Escripta á Uncção de Saúl para Rei dos Hebreus. V. Da Uncção de Saúl ao Captiveiro de Babylonia. VI. Do Captiveiro de Babylonia ao Nascimento de Jesus Christo [1].

EPOCHA I.

Da Creação ao Diluvio. 1—1656.

3 Quando aprouve á Divina Sabedoria, *creou por* mero acto da sua vontade, e só pelo imperio da sua palavra, este Universo sensivel. Em seis dias fez apparecer a luz, assentou o firmamento, assignou lugar ás aguas, ornou a terra de hervas e arvores, formou os astros, povoou o mar de

[1] As ultimas quatro Epochas costumão ainda ser repartidas em outras; e na verdade não faltão successos notaveis, que sirvão de marcas a taes repartições: v. g. a entrada dos Filhos de Jacob no Egypto, a saída do Povo guiado por Moysés, a passagem do Jordão por Josué, a edificação do primeiro Templo, a separação das dez Tribus, a liberdade por Cyro, etc., etc., etc. Mas estas marcas são menos terminantes, que as da nossa divisão: e sobre tudo queremos alliviar a memoria, que tanto se ajuda de repartição moderada, como se opprime com a sobeja.

peixes, o ar de aves, a terra de animaes proprios, e em fim creou o homem [1]. O Rei e Senhor dos outros animaes, o mimoso de Deos entre todos elles, foi o homem; a todos muito avantajado por sua conformação, intelligencia, e principalmente por sua alma racional e immortal, e pelo seu destino á felicidade sem mistura, e sem termo [2].

4 Chamou-se *Adão* o primeiro homem a quem o Omnipotente deu por companheira a primeira mulher; que teve o nome de *Eva*, e que o Senhor, durante o somno de Adão, tirou do lado deste ultimo [3]. Ambos innocentes, ambos justos e ricamente ornados com dotes de Divina graça [4], forão collocados em um lugar de amenidade e puras delicias, que se nomea Paraizo. Mas como houvesse entre as outras arvores neste jardim delicioso uma arvore chamada

[1] Veja-se o Livro do *Genesis* Capp. I. e II.

[2] Notavel coisa he, e bem notavel, que o homem, esquecido de sua dignidade assim manifesta, procure confundir-se em desejos e obras com os brutos tão inferiores! E mais notavel he ainda a ingratidão demente, com que alguns, recusando o favor Divino, tem querido por seu gosto ser reputados iguaes ás creaturas faltas de razão; e até se tem valído do poder da Eloquencia, e brandura da Poesia, para acabarem de se allucinar a si, e persuadirem os que são menos insensatos!!

[3] Veja-se o *Genes.* Cap. II.

[4] Não tanto no espirito racional e immortal, como na inteireza e justiça, consistia a imagem Divina, com que o Creador enriqueceo os nossos primeiros Pais, e d'onde a sua felicidade dependia. Riscou-se, desfigurou-se pelo peccado esta imagem; e como della dependia a felicidade do homem, em vão suspira este e lida por ser feliz, se não fizer com que a dita imagem se restaure pelos meios para isso apparelhados pelo Divino Reparador. Em nós, e nos outros reconhecemos a cada hora quam frustrados são os empenhos de felicidade, que não tem por objecto a virtude e perfeição Christãa: onde só ha fundada esperança, paixões bem reguladas, paz de consciencia e verdadeiro contentamento.

da *Sciencia do bem e do mal*, Deos, por seus fins altissimos e sapientissimos, lhes mandou, que não comessem do seu fructo.

5 Obedecendo a este preceito, e desfructando as delicias innocentes da sua bemaventurada condição, procedião os habitadores do Paraizo [1], quando por astucia perversa da Serpente teve termo a sua felicidade com a sua innocencia. A Serpente seduzio Eva, Eva induzio Adão, e *ambos* comêrão do fructo prohibido; quebrantando ingrata e fatalmente a Divina Lei, e incorrendo na pena comminada por seu Author Todo-poderoso. Offendido o Senhor de tão grave desobediencia, sujeitou-os a privações e dôr; e desterrando-os do Paraizo, onde estava a arvore da Vida, os impedio de se renovarem pelo uso dos seus fructos, e de evitarem a morte [2].

6 Com a exclusão do Paraizo, com a sujeição á *dôr* e á morte, se ajuntou nos primeiros troncos do genero humano em pena do seu crime o entendimento escurecido, a vontade desinclinada do bem, a liberdade atten*uada*. Seguio-se propensão ao mal, menos segurança de *razão*, *carne* insubordinada á razão, quando mais recta; e daqui nasceo conflicto penoso entre os membros e o espirito, e por

[1] Veja-se o *Genes*. Cap. III.

[2] A Religião nasceo com o homem. Feito para conhecer Deos e para o servir, dotado de livre alvedrio, recebeo preceitos, que podia guardar, ou violar: e nestas suas relações com o Todo-poderoso consiste a Religião; só verdadeira, em quanto tem por objecto o verdadeiro Deos, e delle e dos seus mandados o conhecimento, havido por meios proprios e sem mistura de engano e de falsidade, que he possivel á fraqueza humana. De tal Religião he que a Historia do Antigo Testamento conta os successos nos dos primeiros homens, que a conservárão sem texto escripto; e ao depois nos do Povo separado, a quem Deos entregou por meio de escriptura as suas Leis.

fim delle ou victoria obtida com muito custo, ou rota funesta e lastimosa. Estado miseravel! Cuja miseria se accrescentava muito com o conhecimento da felicidade primeira, e com o da impossibilidade de a recobrar sem especial soccorro da mesma Divindade offendida e irritada [1].

7 A mesma Divindade offendida e irritada com tudo, em quanto impunha aos criminosos os graves castigos, que requeria a sua justiça, condescendeo por sua misericordia a consola-los pela promessa de um Reparador [2], que calcando a cabeça da Serpente seductora, devia satisfazer pela culpa; e que despedaçando, ou lacerando o escripto fatal de divida, devia reconciliar o homem com o seu Creador [3]. Por este Reparador, ou Restaurador havia de ser

[1] Como procedidos daquelles primeiros troncos e complicados no seu crime, força era, que nós participassemos, como participamos, da sua natureza deteriorada. Sentimos todos certamente o entendimento fraco, a vontade pervertida, a liberdade imperfeita, a rebeldia do corpo, as durezas do conflicto entre elle e a razão; e em todos se accrescenta o sentimento com a idéa d'hum melhor estado, a que sempre aspiramos, e que não podemos obter por esforço proprio. A Filosofia, que imaginou a esta condição triste outras causas, que a verdadeira, mostrou nisso mesmo reconhecer a existencia do effeito, e a difficuldade de o explicar á vista da bondade e poder de Deos, e das pasmosas contrariedades, que são evidentes, entre o entendimento e o coração humano.

[2] Veja-se o *Genes.* Cap. III. 15.

[3] Este he o annel precioso, por que a cadêa da Religião do Antigo Testamento prende com a do Novo. Jesus Christo, que cremos e adoramos, cuja Cruz he o nosso remedio e a nossa gloria, foi aquelle debellador da morte, promettido no Paraizo. *Como em Adão todos peccámos* (diz o Apost. *ad Rom. V.*), *assim por Jesus Christo todos somos justificados*; e diz (*ad Colloss.* II.): *apagando o chirografo, que era contra nós, e pondo-o pendente da Cruz.* D'onde se vê claramente, que a nossa Religião he a mesma com a dos primeiros homens e que possuimos o que elles,

em tempo opportuno o inimigo do homem maneatado, o imperio da morte destruido, e recobrado o primeiro direito á vida immortal em felicidade completa e inalteravel.

8 Esperançados pois, e consolados com esta Divina promessa, continuárão no desterro os dois Esposos, dando a Deos honra e culto, tanto no interior de seus coraçōes, como por sacrificios e signaes exteriores [1], em que attestavão a sua dependencia e rendimento, e se referião ao *Libertador* promettido: cuja fé com todas as mais noticias, que respeitão á Religião, ião communicando aos seus descendentes. Forão fructos do seu matrimonio Cain e Abel: o primeiro violento e feroz, o segundo pacifico e acceito a Deos por sua virtude [2]. O Sacrificio de Abel mais bem recebido, que o de seu irmão, provocou a ferocidade violenta de Cain, que se arrojou a tirar-lhe a vida, e a dar aos vindoiros o fatal exemplo de inveja, de odio, e de homicidio [3].

9 Depois da morte d'Abel nasceo outro irmão chamado Seth, mais parecido em indole e piedade com Abel,

em razão da solemne promessa, fiel e anciosamente esperavão: nobre e grande argumento da antiguidade da Religião Christãa, e da grave e admiravel coherencia do todo, de que ella he huma parte principal.

[1] Ainda que os livros santos não fallão em Sacrificios do primeiro homem, bem se inferem dos de seus filhos, que delle devião ter apprendido as causas, os fins, e a norma.

[2] Veja-se o *Genes.* Cap. IV.

[3] Não tardou a natureza humana em dar provas, por hum crime abominavel, da sua corrupção e perversidade. O interesse e as paixões, delle nascidas, rompêrão em desatino, que tem sido por desgraça muito imitado. O mesmo homem, que rompe em taes extravios, os condemna em sua fria e repoisada consciencia: e tal he a estranha avessidade no entendimento e coração, de que o Filosofo se admira, e que lida por explicar; mas que illude toda a sagacidade de quem para a explicação busca outro meio, que não seja o allegado nas Divinas Escripturas.

do que com Cain [1]. Por meio deste e por meio de Cain foi crescendo o genero humano. Mas a descendencia de Cain marchou pelos seus caminhos, e ás imperfeições de progenie de Adão accrescentou as de progenie de Cain. A de Seth seguio os melhores exemplos de seu Pai: e tanto se differençárão em costumes estas duas linhas de geração, que os que procedião de Seth se chamárão *filhos de Deos*, e os que descendião de Cain, *filhos dos homens*. A final porém os filhos de Deos enlaçárão-se com as filhas dos homens, e toda a humanidade prevaricou por tal fórma, que o Senhor resolveo destrui-la por um diluvio universal, reservando sómente Noé, um dos descendentes de Seth [2], com sua mulher e filhos.

10 Por effeito de chuvas [3], que durárão por quarenta dias e quarenta noites, alagou-se a terra, e as aguas subírão quinze covados acima dos montes mais elevados. Acabou a raça inteira dos viventes terrestres por esta temerosa inundação; escapando unicamente Noé com as pessoas da sua Familia, e os animaes brutos de ambos os sexos, que recolhêra comsigo na arca, ou baixel, que por conselho e direcção Divina havia d'antes construido [4]. Quan-

[1] Veja-se o *Genes.* Cap. V. VI.

[2] Eis-aqui a linha referida no *Genesis*, e no III. do *Evangelho de S. Lucas*: Adão, Seth, Henos, Cainan, Malaleel, Jared, Henoch, Mathusalem, Lamech, Noé. — Este Henoch he aquelle, de que se lê no *Genes.* (V. 24.) *e não appareceo, porque o tirou Deos.* — De Henos, filho de Seth, se lê no *Genes.* (IV. 26.), que *principiou a invocar o nome do Senhor*; o que necessariamente ha de entender-se, não de simples culto e invocação, mas de um culto mais formal e solemne, do que o que se argue dos Sacrificios de Cain e Abel.

[3] Veja-se o *Genes.* Cap. VI — IX.

[4] A Escriptura assigna o diluvio universal ao anno 600 da idade de Noé. Erão tão largas as vidas dos homens ante-diluvia-

na Religião e bons costumes entre as dos filhos do primeiro homem [1].

13 Vendo os homens, que em virtude da sua multiplicação tinhão de separar-se, resolvêrão erguer antes disso hum monumento estupendo, que lhes servisse de sinal, e perpetuasse a sua memoria [2]; e emprehendêrão vãamente fabricar uma torre, cujo cume fosse topar nos Ceos. Não ficou a empreza em mero projecto, mas puzerão effectivamente mãos á obra, tão soberba, como temeraria; que o Senhor com tudo atalhou por meio da confusão das Linguas. A Lingua, até ali unica para todos, repartio-se em varias; a vaidade humana foi forçada a reconhecer a sua loucura e fraqueza; e a torre do embaraço, que deteve o seu progresso, tirou o nome de torre de Babel, ou da confusão [3].

14 A divisão dos homens trouxe necessariamente comsigo a distincção em porções diversas, que se podem nomear ou Tribus, ou Povos, ou Estados: e a distincção em Estados devia trazer a distincção de Governos. Formárão-se assim pouco a pouco as Nações e Reinos [4]. A neces-

[1] Veja-se o *Genes.* Cap. IX. e X.

[2] Veja-se o *Genes.* Cap. XI.

[3] Não falta quem nomêe por cabeça e principal motor dos que emprehendêrão a torre de Babel Nemrod, filho de Chus, neto de Cham e bisneto de Noé. O melhor fundamento he dizer-se na Escriptura (*Genes.* X. 8. 9.) que principiou a ser poderoso sobre a Terra, e que era um caçador robusto. Deste fundamento todavia pouco mais se tira que alguma probabilidade: bem podia Nemrod ser robusto caçador e poderoso, sem incitar, ou concorrer de outro modo para aquella insensata fabrica. Como quer que seja, os homens, mallogrado o seu projecto, forão-se dividindo, como a necessidade os obrigava; e mesmo por impulso do Senhor, que, segundo o sagrado texto (*Genes.* XI. 9.), os espalhou por todas as regiões.

[4] Segundo o texto do *Genes.* (X. 11.) principiou em Babylonia o reino de Nemrod; e Assur, filho de Sem (*Ib.* 11. 12.)

e destinado para segundo tronco do genero humano. E assim no tremendo castigo, que com as agoas do diluvio veio ao mundo, temos ao mesmo tempo argumento da justiça e bondade Divina, e exemplo memoravel, que deve encher de consolação e confiança os bons, e pôr em receio os perversos [1].

12 Sem, Cham e Japhet forão os tres filhos de Noé, por quem se tornou a povoar o mundo, e se *dividírão as gentes sobre a terra* [2]. Cham e seu filho Chanaan, que faltárão com o respeito devido a Noé, forão por elle malditos, e dados na sua posteridade em escravidão á de Sem e Japhet: que na mesma occasião se tinhão portado com tanta piedade filial, quanta fôra a irreverencia de Chanaan. Particularmente conservou a geração de Sem a pura doutrina e a moral practica recebidas de Noé, e se distinguio das de Cham e Japhet, como a de Seth se tinha differençado

[1] A Divina gloria e a salvação eterna do homem forão os grandes propositos de Deos na creação, e na preservação do genero humano. Para tão altos fins ornou Adão de varios e preciosos dotes, e resolveo reparar por modo assombroso a nossa natureza decaída: para tão altos fins preservou agora hum justo e pio, e nelle continuou a Igreja, em cujo seio, e em cujo favor se devião obrar tamanhas maravilhas. Lição importante! de que cumpre tirar, que pela piedade e santidade he que podemos corresponder aos intentos Divinos, e assegurar o verdadeiro proveito proprio.

[2] Ainda que a Escriptura Santa, fallando na divisão das gentes depois do diluvio, indique os lugares da terra, por onde se espalhárão os descendentes dos tres filhos de Noé, não he tão clara, que della se possa colher nesta materia, mais curiosa, do que util, noticia bem distincta. Com tudo os Sabios, pelo commum, assignão Africa aos filhos de Cham, aos de Sem com especialidade á Asia, e aos filhos de Japhet a Europa. He porém de advertir, que não póde affirmar-se, que qualquer destas partes da terra fosse inteira e unicamente habitada pelos respectivos descendentes dos filhos de Noé; antes ha provas na mesma Escriptura do contrario.

tudo de lhe fazer advertencias a satisfação imperfeita, que achava na posse de todas as coisas terrenas, e o desejo universal e incessante de viver para sempre[1].

16 Por acodir a tão crescido mal a Divina Bondade, e por dispôr, segundo os conselhos de infinita Sabedoria, o desempenho das suas promessas ácerca da nossa reparação, tractou de escolher e separar um Povo propriamente seu[2]. Devia conservar-se por meio deste Povo a Religião verdadeira: devia elle ser o depositario da palavra, e a testemunha da sua execução: devia sahir delle mesmo o Redemptor do Mundo: entre elle e por elle em fim devia consummar-se o mysterio de justiça e de amor, de vingança e de misericordia, de que a nossa reconciliação estava dependente. Povo feliz, em quanto foi fiel á sua honrada e sublime vocação! mas que por suas infidelidades e cegueira temerosa se tornou o mais infeliz de todos os Povos; e que tem sido, e ha de ser por todas as idades, o

. . . .

Idolos de Laban, aparentado com Abrahão, não parecem coisa nova, e argúem de contaminada a mesma familia de Sem.

[1] Por mais que os homens se entreguem ao amor dos objectos terrenos, e se desvelem e lidem para os possuir, nenhum deixa de confessar, e sequer de reconhecer, que o animo humano, ainda alcançando os mais anciosamente desejados, não fica satisfeito. Alcançar e desestimar são quasi a mesma coisa. Novos desejos succedem logo á satisfação dos primeiros: e esta sêde sempre ardente, e nunca saciada, mostra ao mesmo tempo, que deve haver objecto, que a satisfaça de todo, e que não he hum daquelles, que aqui cobiçâmos e procuramos com tanto empenho.

[2] Como as gentes, diz o illustre Bossuet na Epocha terceira do *Discurso sobre a Historia universal*, marchavão cada huma por seu caminho, e se esquecião do Creador, este Deos grande, para ter mão nos progressos de tamanho mal, principiou no meio da corrupção a separar para si hum Povo escolhido.

mais resoluto inimigo, e ao mesmo tempo o mais seguro e util abonador da verdade Christãa [1].

17 Na familia mais fiel, ou menos degenerada, de Sem foi o Senhor procurar o homem, que devia ser o tronco privilegiado deste Povo escolhido [2]; Abrão era o seu nome, depois mudado para o de Abrahão [3]. Nome tão illustre no tempo seguinte; e de que tanto se prezavão, e ainda prézão, os seus descendentes [4]! Bastaria a escolha do Senhor para persuadir as suas raras qualidades; mas a sua fé, a sua piedade, o seu estremado valor, puzerão em toda a evidencia os dotes mais eminentes da natureza, e as perfeições da Divina graça, que o tornárão tão digno da complacencia de Deos, e tão proprio para a nossa imitação!

18 Abrão, natural de Ur na Chaldêa, era filho de

[1] Pondo agora de parte os mais argumentos da verdade da Religião Christãa, não sei qual será o sofista tão confiado, que se prometta illudir de hum modo sequer plausivel o que resulta das Profecias do Evangelho, comparadas com o estado dos Judeos no seculo, no dia, e até na hora presente! A perfeita correspondencia da Profecia de Daniel com o successo obrigava Porphyrio a dizer, que o successo tinha precedido ao vaticinio; aqui nem resta esse pobre recurso aos Porphyrios do nosso tempo!

[2] Tal he a genealogia de Abrão: Noé, Sem, Arphaxad, Cainan, Sale, Heber, Phaleg, Reu, Sarug, Naghor, Tháre, Abrão. (Veja-se o *Genes.* Cap. XI. e o *Evangelho de S. Luc*, Cap. III.) S. Lucas aponta Cainan entre Arphaxad e Sale, segundo o texto dos setenta Interpretes.

[3] O nome foi mudado para o de Abrahão (*Genes.* Cap. XVII. 5.) por determinação de Deos mesmo, quando o constituio *pai de muitas gentes.*

[4] Dos Cap. III. de S. Mattheus, III. de S. Lucas, e VIII. de S. João consta, assim o caso, que os Judeos fazião da sua descendencia de Abrahão, como o bom fundamento, que Jesus Christo achava a esta sua jactancia: o que nelles a este respeito estranhava o Salvador, era sómente a falta de correspondencia em obras á honrada qualidade de descendentes de tal tronco.

Tháre e irmão de Nachor e Aran. Cazou com Sarai, que por largo tempo foi esteril. Tháre seu pai [1]. sahio de Ur com elle e sua mulher Sarai, e com Lot, neto de Tháre por Aran, já fallecido; e caminhando contra a terra de Chanaan, parou em Haran, onde assentou com toda aquella familia, e onde morreo maior de duzentos annos de idade [2].

19 Mandou Deos a Abrão [3], que sahisse da sua terra, deixando a Casa de seu pai e os seus parentes, e entrasse na terra de Chanaan, que lhe indicou [4]. Abrão, obedecendo, sahio com sua mulher, com seu sobrinho Lot,

[1] Veja-se o *Genes.* XI. 27 — 31.

[2] A Escriptura não aponta no *Genes.* as causas porque Tháre deixou a terra de Ur, e caminhou em direitura para Chanaan. Mas naquellas antigas idades os homens erão menos fixos, ou mudavão muito facilmente de lugar de habitação. E além desta falta de permanencia, a que os convidavão, ou obrigavão geralmente as circumstancias do genero humano, e as do Mundo naquelle tempo; as razões da vida pastoral, que devia seguir Tháre, provavelmente concorrêrão muito. Agora mesmo os Póvos Pastores vagão de continuo por vastas regiões, obrigados da necessidade de seus rebanhos. Tambem se póde ajuizar sem temeridade, que a sahida de Ur seria já especial disposição da Providencia, resoluta a chamar em tempo Abrão para Chanaan.

[3] Veja-se o *Genes.* XII. 1 — 9.

[4] Este foi o famoso successo, que se diz vocação de Abrão, e que deo principio á nova economia religiosa em hum Povo especialmente separado. De tal tronco, de tal Povo sahio depois o Messias, o Salvador do genero humano. Com este intuito foi escolhido, disposto com prodigios, dirigido por Leis, e sustentado de hum modo admiravel, que apontaremos, dada occasião, contra o empenho, com que seus inimigos o quiserão por varias vezes anniquilar inteiramente. Ao chamar Abrão, o Senhor o abençoou, e lhe fez as mais grandiosas promessas de possessões, de numero de posteridade, e de benção de todas as gerações da Terra na sua pessoa: numero de posteridade, e sobre tudo benção das gerações todas na sua pessoa, só referidos á parentela de Abrão quanto ao espirito: innumeraveis Fiéis tem sido posteridade

e com todos os seus haveres em fazenda e pessoas, e chegou até Sichem. De Sichem foi assentar tabernaculo e erguer altar, invocando o nome do Senhor, em hum monte visinho de Bethel, entre esta ao Occidente e Hai ao Oriente. D'ahi porém continuou ainda a sua marcha, encaminhando-se para o Sul do lugar, onde assentára tabernaculo [1].

EPOCHA III.

Da Vocação de Abrão á Lei escripta. 2083 — 2513.

20 Sobrevindo fome nas terras, em que Abrão agora vivia, determinou-se a peregrinar pelo Egypto [2]. A formosura de Sara incitou Pharaó, Rei daquelle Paiz, a toma-la para si, suppondo que era irmãa de Abrão. Mas como graves castigos o advertissem logo da violencia, que tinha commettido, e por esta occasião viesse a saber que em lugar de irmãa era mulher do peregrino, mandou-a entregar a seu marido; que outra vez com Sara, Lot e todos os seus haveres sahio do Egypto [3].

deste Pai dos Crentes, e veio ao Mundo todo a ventura da Redempção por quem era seu Filho segundo a carne.

[1] Não desfaz no merecimento sublime da obediencia deste Patriarcha a liberalidade magnifica das promessas, com que Deos o abençoou. A sua fé e piedade se ostentão na mesma crença absoluta e prompta das promessas: e em todo o caso he preciso referir a tal principio o desprezo generoso de tantas e tão poderosas considerações, e a resolução instantanea, com que seguio a voz, por que fôra chamado.

[2] Veja-se o *Genes.* Cap. XII.

[3] Abrão por cautela, provavelmente mysteriosa, tinha dito a Sara, quando entrárão no Egypto, que se inculcasse por sua

21 Tornando ao mesmo lugar entre Bethel e Hai [1], veio logo Abrão no conhecimento de que era precizo que os seus rebanhos e criados se apartassem dos de Lot. De commum acordo pois se apartou este ultimo para o Jordão, e foi habitar em Sodoma [2]. Moveo-se entre os Reis, ou Regulos daquelle districto accesa guerra, em cujo decurso os inimigos entrárão em Sodoma, e levárão Lot captivo. Mas Abrão, avisado sem demora, marchou em soccorro, e com desbarato dos contrarios o pôz em liberdade. Foi depois desta victoria, que o Rei e Sacerdote Melchisedech offereceo o Sacrificio de pão e vinho, e abençoou Abrão, e que Abrão offereceo ao Senhor na pessoa do Sacerdote a decima parte, ou dizimo de todos os despojos [3].

22 Nasceo de Agar, sua escrava, hum filho a Abrão, que lhe pôz o nome Ismael. Recebeo e cumprio o preceito

irmãa, e não por sua mulher. Daqui procedeo o erro de Pharaó. São coisas estranhas nos nossos tempos a singeleza, com que Pharaó confessou o seu erro, e o respeito, que elle disse que guardou á virtude de Sara. Porém a boa razão manda, que successos tão antigos sejão avaliados pelos costumes coévos, cuja simplicidade tem dos presentes muito larga differença. Não póde haver dúvida em que os costumes diversificão segundo os tempos e as regiões.

[1] Veja-se o *Genes.* Cap. XIII. XIV.

[2] Os rebanhos erão muito numerosos, o numero dos guardadores devia ser proporcionado. Em breve se movêrão entre elles contendas e brigas, que com a necessidade, que os gados de cada hum tinhão de larguesa de pastios, resolvêrão os amos á separação.

[3] Melchisedech era Rei de Salem. O seu Sacrificio foi insigne, e notada figura do que hoje (por modo tão admiravel!) celebra a Igreja Christãa, e em que se conservão as especies da materia, que servio ao de Melchisedech.— Sobre a decima parte offerecida por Abrão he necessario confrontar o *Genes.* XIV. 20 com o VII. 4. da *Epistola aos Hebreos.*

dá circumcisão [1]. Tres Anjos o visitárão no valle de Mambre onde os hospedou com singeleza, e ao mesmo tempo com a grandeza e respeito merecido de taes hospedes. Estes mesmos indo a Sodoma, forão hospedados em casa de Lot; e ali provocados pela torpeza insana dos Sodomitas, fizerão chover fogo do Ceo sobre Sodoma e as mais Cidades de Pentapole, que forão arruinadas e submergidas [2]. Cessou a esterilidade de Sara, e nasceo Isaac. Ismael na puericia de Isaac foi lançado de casa de Abrão, já chamado Abrahão, para hir viver no deserto com sua mãi Agar [3]. Tornou Deos a provar mui gravemente a fé, o valor, e a obediencia de Abrahão, ordenando-lhe o Sacrificio de seu filho unico Isaac: obedeceo sem replica o generoso Patriarcha, e tendo tudo disposto para o Sacrificio, e a espada erguida sobre a victima, o Senhor a deteve, e hum cordeiro foi immolado em lugar de Isaac [4]. Novas bençãos e promessas

[1] A circumcisão foi instituida em sinal de pacto e alliança. Abrão executou-a em si, em Ismael, e em todos os mais da sua casa: e o mesmo foi praticando a sua descendencia.

[2] Lot foi livre em attenção á sua virtude: e até esperou o Ceo que elle sahisse de Sodoma, para cahir o castigo rigoroso sobre a frenetica sensualidade dos Sodomitas. A sensualidade entre todas as paixões ruins do homem mereceo sempre por seus perigos e baixeza immunda a especial ira do Senhor.

[3] Ainda que as rixas de Isaac e Ismael derão causá apparente á expulsão do ultimo, e que ella foi pedida com grande instancia por Sara, procedeo com tudo da vontade do Senhor por fins mysteriosos.— Os Arabes se dizem descendentes de Ismael, e por isso são chamados Ismaelitas.

[4] Este admiravel Sacrificio foi o typo mais claro do Sacrificio de Jesus Christo, Filho unico do eterno Padre. Para não chegar com tudo a ser pelas feridas de Isaac sanguinolento, fez Deos apparecer ali perto enredado nas silvas um cordeiro, em que se descarregou o golpe.

do Senhor recompensárão a obediencia heroica de Abrahão [1].

23 Morreo Sara em Hebron [2], onde foi depositada em prevenido sepulcro. Hum servo de Abrahão, mandado á Mesopotamia, concluio por modo mysterioso o cazamento de Isaac com Rebecca, neta de Melcha, mulher de Nachor, irmão de Abrahão. Este, cazando com Cethura, houve ainda prole numerosa. Falleceo em fim, e o seu corpo foi entregue ao mesmo sepulcro de Sara. A rogos de Isaac deo o Senhor fecundidade a Rebecca, e concebeo juntos Esaú e Jacob: dos quaes sahio primeiro ao mundo Esaú, e por isso foi tido como primogenito. Crescendo porém ambos os irmãos, um appetite levou Esaú a vender a Jacob os direitos grandiosos da sua primogenitura, afiançados por tantas promessas de Deos a Abrahão e Isaac [3]. Mas como Isaac estivesse sempre inclinado a dar a benção a Esaú, sua mulher com permissão Divina negocìou a benção para Jacob; que por isto veio realmente a possuir os direitos, a que o irmão, menos soffrido e cauteloso, tinha renunciado [4].

24 O desgosto e ameaços de Esaú contra seu irmão, e o desejo de que Jacob não tomasse esposa em *Chanaan*, obrigárão sua mãi a manda-lo com approvação de Isaac para a Mesopotamia [5]. Chegou a casa de seu tio Laban,

[1] Veja-se o *Genes.* Cap. XV. — XXII.

[2] Veja-se o *Genes.* Cap. XXIII. — XXVII.

[3] O principal era o sahir da sua linhagem, quanto á carne, o Salvador do Mundo, e multiplicar-se por elle, quanto ao espirito, de modo prodigioso a sua posteridade.

[4] Estes direitos, que envolvião em si a substancia e economia da Religião, são de contínuo, ou directamente, ou por figura, lembrados nos Livros Santos do Antigo Testamento, como ponto primario, a que todo o teor delles se refere.

[5] Veja-se o *Genes.* Cap. XXVII. — XXX. Nesta jornada he que Jacob teve em sonhos a visão da escada mysteriosa, que

irmão de Rebecca, e ajustou com elle servi-lo sete annos, para no fim receber por esposa a filha mais moça chamada Rachel. Laban, em chegando o tempo aprazado, deo-lhe por astucia enganosa a filha mais velha, chamada Lía: e para receber, como recebeo finalmente, Rachel, teve de servir outros sete annos. Lía foi desde logo fecunda, e Rachel esteril: mas a ultima deo ao marido sua escrava Bala, para della haver filhos, que chamasse seus. Por fim tambem Rachel deo á luz José e Benjamin: de maneira que Jacob por Lía, Rachel e as escravas de ambas, Zelpha e Bala, foi pai de doze filhos, onze dos quaes com dois filhos de José [1] vierão a ser cabeças das treze Tribus, em que se dividio, andando o tempo, toda a sua descendencia [2].

25 Jacob, tendo ordem do Senhor para que com suas mulheres, filhos, e fazenda voltasse para Isacc [3], partio, sem o communicar a seu sogro. Mas este veio logo

tocava no Ceo e na Terra (Cap. XXVIII.), e por onde descião e subião os Anjos.

[1] As Tribus, quanto á divisão da terra promettida, forão doze, dez de Judas, Benjamin, Ruben, Simeão, Issachar, Zabulon, Dan, Nephtalim, Gad, e Aser, filhos de Jacob; e duas de Manasses, e Ephraim, filhos de José: mas quanto ás Familias, accresce a de Levi a quem não foi distribuida porção alguma especial de territorio.

[2] Para se fazer conceito justo da historia de Jacob, he necessario reparar nas circumstancias do tempo, e nos destinos traçados a este Patriarcha pela Providencia Divina. Os costumes Patriarchaes por effeito da necessidade de se povoar o Mundo, e da imperfeição das sociedades, distão largamente dos das idades a nós mais proximas. Na vida e pessoa de Jacob, como daquelle neto de Abrahão, por quem as grandes promessas se devião realizar, tudo he figurativo, mysterioso, e por tanto extraordinario.

[3] Veja-se o Genes. Cap. XXXI. — XXXIII.

em seu seguimento, e alcançou-o no caminho [1]. Depois de alguma altercação, fizerão alliança signalada com monumentos, e Jacob continuou para Chanaan. Mandou de certa distancia recados de amizade a seu irmão Esaú, que vivia em Edom. Porém constando-lhe que Esaú vinha com força de gente a seu encontro, entrou em receio; e feitos de cautela preparativos para conflicto no caso de se não poder evitar, resolveo mandar presentes de valor ao irmão, para o tornar pacifico. Com effeito a entrevista foi de paz e contentamento, esquecidas, ou desprezadas as antigas dissenções. Neste meio tempo he que succedeo a lucta de Jacob com o Anjo por espaço de huma noite inteira. Declarou de manhã o Anjo que o não podéra vencer, e deo-lhe em testemunho da sua fortaleza o nome ou appelido de Israel [2].

26 Sichem, Principe dos Sichemitas, inflammado de paixão violenta, arrebatou e abusou de Dina, filha de Jacob e de Lía, a qual ao depois veio pedir em cazamento [3]. Estimulados seus irmãos da injuria, passárão a desaffrontar-se com a morte de Sichem e dos seus, e com estrago da sua fazenda; valendo-se para tão crua vingança de meios

[1] Rachel trouxe comsigo occultamente os Idolos de Laban, o qual com muito empenho procurou neste encontro que lhe fossem restituidos; mas a sagacidade da filha soube frustrar a sua diligencia.

[2] Daqui veio ao Povo Hebreo o nome de Povo de Israel, ou de Israelitas. Quando as Tribus se dividírão no Reinado de Roboão, as dez, que se apartárão pelo scisma, ainda o conservárão, e as duas fieis tomárão em razão da Tribu de Judas, que era a principal, a nomeação de Reino de Judá, ou de Judeos. Com os captiveiros de Salmanásar e Nabuchodonozor Israel anniquilou-se quasi de todo, e prevaleceo Judá, ou o seu appellido. Com elle ao tempo da Era vulgar, e já d'antes, erão conhecidos geralmente os habitadores da Palestina, descendentes de Jacob e de Abrahão.

[3] Veja-se o *Genes.* Cap. XXXIV. e XXXV.

dolosos [1]. Asperamente estranhou Jacob a Ruben e Levi, que forão os principaes auctores, a sua vingança furiosa; ponderando-lhes o risco das consequencias para elle, e para toda a sua casa. Então lhe ordenou Deos, que voltasse para Bethel, e lhe levantasse altar, como fez. De Bethel encaminhou-se para Ephrata, e neste caminho morreo Rachel de parto de Benjamin. Sepultada Rachel, e posto titulo em seu sepulcro [2], continuou Jacob para Isaac em Hebron, onde se reunírão: mas pouco depois da reunião acabou Isaac com cento e oitenta annos de idade.

27 José por algumas declarações, que fez a seu pai, por sonhos mysteriosos [3], que referio, e pela preferencia, com que Jacob o tratava, grangeou o odio de seus irmãos. Quizerão alguns delles tirar-lhe a vida; mas oppondo-se outros [4], foi por commum deliberação vendido a mercadores, que passavão para o Egypto. No Egypto foi es-

[1] Os filhos de Jacob mostrárão consentir no casamento com a condição de se circumcidarem os Sichimitas: condescendeo a paixão cega de Sichem e quando os Sichimitas pela circumcisão se achavão menos capazes de resistencia, Ruben e Levi passárão tudo á espada, e os outros irmãos estragárão quanto podérão encontrar.

[2] Deste acontecimento, e não de pertencer Bethlem á Tribu de Benjamin, procedeo o chamarem-se os Bethlemitas filhos de Rachel: ao que alludio Jeremias (XXXI. 15.), allegado no Evangelho de S. Matteus (II. 17. 18.), por occasião da morte dos innocentes, que mandou executar a cruel e vãa politica de Herodes, por alcunha *o grande*.

[3] A Escriptura diz, que declarou a Jacob hum crime pessimo de seus irmãos. — Os sonhos referidos forão: 1.º que ceifando no campo com os irmãos, a paveia, que elle apanhava, se erguia, e que se lhe inclinavão as que apanhavão os outros. 2.º Que o Sol, a Lua, e onze Estrellas o adoravão.

[4] Ruben, para o livrar da morte, aconselhou, que o mettessem em huma cisterna sêcca, d'onde elle se propunha pô-lo a salvo em tempo opportuno: Judas com o mesmo intento de lhe

cravo bemquisto de Putiphar: como porém a mulher deste, vendo as suas tenções torpes illudidas pela castidade leal de José, o accusasse de violencia em contrario; foi mettido em carcere [1]. Por seus comportamentos e previsão exacta de futuros ganhou no carcere a amisade de certos prisioneiros; mas esquecido destes mesmos, logo que mudárão para melhor fortũna, só lembrou e foi posto em liberdade, quando foi necessario que explicasse uma visão notavel do Rei do Egypto. Explicou então o famoso sonho, que se referia aos sete annos de abundancia, e outros tantos de esterilidade; e por esta occasião foi encarregado do governo do Reino com valia e authoridade só inferior á do Rei Pharaó [2].

28 Chegados os annos de esterilidade, os filhos de Jacob por conselho de seu Pai recorrêrão ao Egypto, onde as prevenções discretas de José mantinhão a abundan-

conservar a vida foi de parecer, que o vendessem aos Mercadores Ismaelitas, que passavão para o Egypto.

[1] Se no castigo dos Sodomitas o Senhor mostrou a indignação, com que olha para os crimes de sensualidade, nas complacencias e estimações de José não mostrou com menos evidencia o grande apreço em que tem a castidade, sua contraria. Desta virtude, com accrescimos de respeito e fidelidade ao tóro alheio, e á honra de seu senhor, foi elle hum exemplar rarissimo, e por ventura unico, quer nas relações da Historia, quer nos fingimentos, ou imaginações da Fabula.

[2] Veja-se o *Genes.* Cap. XXXVII. XXXIX. — XLI. A singeleza energica e maviosa, com que são referidos os conselhos dos irmãos contra José, os sentimentos de Ruben, quando o achou menos na cisterna, e os prantos e lutos de Jacob, tornão esta porção do *Genesis* preciosa entre os melhores fragmentos deste genero, que restão da antiguidade. Certo ar peregrino para nós, e proprio do tempo dos factos e da Lingua, em que forão escriptos, teria nisto mesmo a desculpa, quando a precisasse; mas não a precisa, porque essa côr antiga e insolita serve de realçar a veneravel formosura da narração.

cia [1]. Este grande homem, pondo de parte as razões graves de queixa, que tinha delles, e fazendo caso sómente das obrigações de filho e de irmão, não só os provêo com benignidade e largueza, mas por santos artificios os obrigou a levarem Benjamin para o Egypto, e ultimamente Jacob com toda a sua familia [2]. Viveo Jacob no Egypto á sombra do poder de seu filho, em quietação e affluencia até sua morte: antes da qual requereo de José com juramento que fizesse levar seus ossos para a terra de Chanaan. Na ultima despedida de seus filhos os abençoou solemnemente o Santo Patriarcha, e então he que pronunciou a celebre Profecia de se manter o governo Israelitico em mãos da Familia de Judá até á vinda do Libertador [3]. Seu cadaver foi com effeito transportado para Chanaan por José em pessoa; e a sua familia continuou no Egypto, sempre protegida pelo respeito de José, até que este falleceó em idade de 110 annos [4].

[1] Veja-se o *Genes.* Cap. XLII — L.

[2] José fez-se primeiramente desconhecido; deixou preso Simeon, até que voltassem com Benjamin; fazendo esconder nos saccos deste ultimo peças de prata, e tomando daqui pretexto para o deter, obrigou-os a determinarem Jacob, e a resolver-se elle mesmo em fim a passar ao Egypto.

[3] Ainda Judá não tinha o governo de Israel, nem o teve larguissimos annos depois, quando Jacob fez este vaticinio. Isto reconhecem e confessão os Judeos. Tambem reconhecem, que o ponto final do governo naquella Familia he o ponto da vinda do Libertador. Com tudo, quando o Sceptro tem passado ás mãos de hum estranho, de hum *Idumeo*, como era Herodes Magno, não querem conceder, que seja o ponto marcado para a chegada do Messias! Grande exemplo de obstinação incoherente!

[4] O caracter mais complecto, que apparece, mesmo nas Escripturas Santas do Antigo Testamento, he o de José, filho de Jacob. Egregia sabedoria, lealdade e castidade heroica, piedade filial e fraternal, com desprezo perfeito de offensas atrocissimas,

29 A morte de José foi fatal á descendencia de Jacob no Egypto[1]. Estrangeiros sem valedor, temidos pela sua mesma multiplicação extraordinaria, não houve genero de oppressão, que não soffressem da cobardia barbara dos naturaes. E bastará dizer, que estes até derão ordem para serem mortos todos os Hebreus do sexo masculino recem-nascidos. Para escapar á execução desta ordem por modo ainda mais violento, foi Moysés, um destes recem-nascidos, entregue ás aguas do Nilo. Salvou-o a Providencia, pela commiseração da filha do mesmo Rei, que tyrannizava os Hebreus; e levado á Casa Real, foi nella educado, instruido, e em tudo tractado, como pedia o desvelo e o respeito da Princeza, que o adoptára[2]. Mas o zelo de seus irmãos o empenhou em hum lance, pelo qual teve de procurar retiro entre os Madianitas[3]. Guardava na terra de Madian os rebanhos de seu sogro, quando o Senhor desde a mysteriosa Çarça lhe mandou, que fosse requerer do Rei do Egypto o consentimento para os Hebreus saí-

ção as feições tão admiraveis, como raras, de que foi composto. Digna figura por certo do Reparador do genero humano! Com a distancia porém immensa entre os seus trabalhos e o fructo delles, e os trabalhos e fructo de Jesus Christo, que era indispensavel entre as razões de homem, e as de homem Deos.

[1] Todas as noticias, contidas neste §., refere o Livro do *Exodo* nos primeiros 12 Capitulos.

[2] Em allusão ao successo lhe pôz a mesma filha de Pharaó por nome *Moysés*, ou *salvo das aguas*. Moysés era filho de Amram, este de Caath, este de Levi, este de Jacob: donde vinha a ser bisneto de Levi, e terceiro neto de Jacob. Foi por Divina disposição alimentado na primeira puericia por sua mesma mãi, e por ella depois entregue á Princeza, que o adoptou por filho.

[3] Moysés tirou a vida a hum Egypcio, que na sua presença maltratava hum dos Hebreus, e occultou o cadaver; mas vindo a conhecer, que o acontecimento se divulgava, retirou-se para Madian, receando com rasão a vingança de Pharaó.

rem dos seus dominios [1]. ElRei Pharaó, não obstante os prodigios, com que Moysés o convencia da verdade da sua missão, recusou obstinadamente: mas ferido por ultimo com a morte dos seus primogenitos todo o Egypto, foi forçado a consentir na proposta de Moysés [2]; e os Hebreus saírão, levando comsigo os mais preciosos despojos dos seus oppressores [3].

30 Guiados por huma columna de nuvem durante o dia, e de fogo durante a noite, se encaminhárão os Hebreus pelo deserto para as praias do Mar Roxo [4]. Pharaó com grande apparato militar saío contra elles, e alcançou-os na visinhança do dito Mar, onde devião perecer, ou ás mãos dos Egypcios, ou submergidos nas aguas. As aguas porém abrindo-se milagrosamente, tiverão-se firmes, em quanto passavão os Israelitas: e como Pharaó tentasse com os seus seguir a mesma estrada, tornando a unir-se, se-

[1] Nas visinhanças do monte Horeb fallou Deos a Moysés desde a Çarça, que ardia, sem com tudo se queimar. Moysés escusava-se com a sua pouca valia e a difficuldade da empreza; mas por fim obedeceo, bem persuadido, que não ha empreza difficultosa para o poder Divino, nem instrumento fraco, quando a mão de Deos o dirige.

[2] Nove pragas tinhão precedido á da morte dos primogenitos do Egypto, em todas as quaes Moysés deu a ver, como era enviado de Deos, e podia forçar Pharaó: mas Pharaó sempre cego e endurecido, se parecia consentir em hum momento, retractava-se no seguinte. O interesse e vão capricho erão com elle mais poderosos, que as evidencias.

[3] Ao mesmo tempo, em que Deos mandou aos Hebreus, que se preparassem para a sahida comendo o Cordeiro, por isso chamado *Paschal*, e com o seu sangue signalassem as suas portas para as differençar o Anjo Exterminador dos primogenitos; lhes ordenou tambem, que pedissem por emprestimo, e levassem comsigo as preciosidades de oiro e prata dos Egypcios; e fez que os Egypcios condescendecem promptamente com o pedido dos Hebreus.

[4] Veja-se o *Exod.* Cap. XIII. e seguintes.

gundo o seu natural, os envolvêrão e engolírão todos [1]. Por entre muitos outros prodigios forão os Hebreus caminhando: prompta sempre a defendê-los e assisti-los a bondade Divina, e elles correspondendo algumas vezes com desconfianças, impaciencias e murmurações, e até com idolatrias [2]. Chegárão depois de varias mansões á do monte Sinai, onde recebêrão escripta em taboas a Lei; cuja entrega e promulgação he o insigne acontecimento, por que acaba esta Epocha da nossa Historia, e tem a seguinte o seu principio [3].

[1] Dis o texto (XIV. 28.), que não escapou um só dos Egypcios. Moysés na praia opposta entoou o sublime Cantico, que se lê no Cap. XV.; cheio de grandes imagens, e de expressões parelhas, e respirando todo a verdade magnifica da maravilha e exaltada energia de agradecimento. — Note-se, que as aguas só tornárão ao seu natural, porque Moysés por ordem de Deos extendeo a mão para o mar.

[2] As codornizes, o manná, as aguas, que manárão da pedra ferida pela vara de Moysés, a victoria sobre Amalec, etc. Apesar de tantas demonstrações da protecção Divina, em qualquer occasião de trabalho, ou aperto, desconfiavão, queixavão-se, murmuravão; e até para mandarem fundir um beserro de oiro e o adorarem, não foi preciso, senão demorar-se Moysés por mais algum tempo no monte. — Com rasão admiramos nós agora, e estranhamos tão grande leviandade e ingratidão! Mas tambem he certo, que se ponderassemos mais profundamente os beneficios, que recebemos a cada hora, e o despreso, ou má correspondencia, que usamos com Deos, que os liberaliza, seriamos censores menos rigidos dos Hebreus, peregrinos nas solidões da Arabia.

[3] Moysés recebeo primeiro a Lei em duas taboas de pedra; mas á noticia da idolatria de Israel em sua ausencia, quebrou-as indignado: aplacada porém de novo a ira do Senhor, por sua ordem fes outras duas taboas tambem de pedra, que levou ao monte, e em que se repetio o que d'antes fôra escripto. — *N. B.* João Francisco Buddeo na *Historia do Antigo Testamento* Per. I. Secç. III. §. VI. dá como fóra de duvida, que o Santo Job viveo ainda antes da sahida dos Israelitas do Egypto.

EPOCHA IV.

Da Lei escripta á Uncção de Saúl. 2513 — 2929.

31 Promulgada a Lei, forão as Taboas, em que se continha, depositadas com grande reverencia na Arca, que por isso se chamou da *Alliança*, ou do *Testamento* [1]; e a Arca foi guardada com o mesmo respeito no Tabernaculo, ou Templo portatil, que se construio com repartições accommodadas [2]. — E como este Templo, ou Tabernaculo devia ser tratado e servido com a empenhada diligencia e santa cautela e veneração requerida pela Soberania do objecto, pela dignidade e esplendor das funcções, e pelo espiritual e temporal proveito dos Israelitas, instituio-se o Sacerdocio, encarregando-se unicamente á Familia de Levi, hum dos filhos de Jacob [3]. Regulado o que tocava á Religião, passou-se a regular tambem o que era necessario para o bom regime da Republica; tendo especial attenção ás circumstancias presentes, ao caracter do Povo, e ao seu destino mysterioso na Economia dos Conselhos Divinos sobre a Reparação do genero hnmano [4]. E como tudo isto foi disposto e assentado, o Povo Hebreu, já mais

[1] Pois que as Taboas continhão o Pacto, ou Alliança feita entre Deos e os Israelitas. *Testamentum* em Latim, e o nome Grego, que lhe corresponde, tem ambos a força de *pacto*, e *declaração da ultima vontade.*

[2] Veja-se o *Exod.* do Cap. XXXVI. em diante.

[3] Veja-se o Cap. III. dos *Numeros.*

[4] A tudo isto com effeito se referem as diversidades, que se notão entre a Lei Antiga e Nova; tendo ambas aliás o mesmo Aucthor e o mesmo intuito.

bem distribuido e dirigido, proseguio na sua marcha, levantando da mansão altamente memoravel do monte Sinai [1].

32 A espaço, não muito largo, de distancia entrou o Povo Hebreu em nova murmuração por motivo das fadigas, que soffria na jornada [2]. — Seguio-se outra pouco depois, procedida do fastio do manná e appetite de viandas de carne. Vexado então, e opprimido o espirito de Moysés, recorreo com grave supplica ao Senhor: que lhe associou alguns anciãos, para o ajudarem no governo, e lhe prometteu abundancia de carnes, para satisfazer os enfastiados do manná. Veio por tanto dar aos arraiaes multidão enorme de codornizes. Mas não tinhão bem saciado o seu appetite, quando no campo se declarou contagião, que causou estrago extraordinario [3]. — Mandou Moysés exploradores á terra, para que se encaminhavão: os quaes, á sua volta, movêrão outra murmuração popular; assustando o Povo com a noticia do vigor, valentia, e até estatura dos habitantes [4]. Por esta occasião he que resolveo o Senhor, que serião excluidos com poucas excepções, da terra promettida os Hebreus, que havião saído do Egypto [5].

[1] Memoravel por tantos prodigios; pela instituição formal do Povo escolhido; e sobre tudo pela Lei escripta, que alli foi dada, e alli entrou a regular no que as circumstancias do local e peregrinação admittião.

[2] Veja-se *Numer.* Cap. XI. vv. 1 — 3.

[3] *Ibid.* v. 4. e seguintes. A este aperto de Moysés se seguio ainda murmuração de seus irmãos Aarão e Maria contra elle: em castigo foi Maria ferida fortemente de lepra, de que sarou por orações do mesmo Moysés offendido.

[4] Veja-se Cap. XIII. e XIV dos *Numeros*. A terra, dizião, devora os seus habitantes; o Povo he de mui alta estatura, e vimos monstros de raça gigantesca, em cuja comparação somos *quasi locustae*. E com estes encarecimentos, procedidos do seu terror panico, abafavão a verdadeira informação dada por Josué e Caleb.

[5] *Ibid.* Cap. XIV. vv. 27. e seguintes. Os ameaços da pena

33 Core, Dathan e Abiron, invejosos do poder e gloria de Moysés e Aarão, quizerão desapossa-los, e amotinárão com pretextos especiosos o Povo [1]: mas abrio-se a terra e devorou-os vivos com os seus principaes adherentes. — Para remediar muito urgente falta de aguas, ferio Moysés huma penha, d'onde manárão em grande abundancia: como elle com tudo tivesse ao ferir da penha não sei que desconfiança, ou hesitação, foi por isto envolvido na pena d'aquelles, a quem foi vedado entrarem na Terra promettida [2]. — Outra vez murmurou o Povo contra Moysés e contra Deos, queixando-se de fadiga, de penuria de aguas, e de enjôo do manná; e vierão em castigo serpentes de fogo, que mordendo os Israelitas, lhe causavão a morte [3]. O Senhor porém, obrigado das supplicas de Moysés, lhe mandou, que erguesse no campo huma serpente de bronze, para que os que fossem feridos, pondo nella os olhos, ficassem a salvo de todo o perigo [4].

são gravissimos em substancia e termos: Caleb e Josué são as excepções declaradas.

[1] Veja-se o Cap. XVI. dos *Numeros*. Core e os companheiros pretendião, que o povo não precisava de Superiores; mas o fim verdadeiro era entrarem elles na posse da superioridade, que agora tinhão Moysés e Aarão. Para mais claro signal da eleição de Aarão para o Sacerdocio, obrou Deos o milagre da vara, que floreceo em huma noite, referido no Cap. XVII.

[2] *Ibid.* Cap. XX. Que houve duvida, diz claramente o v. 12. do texto: em que consistio, não he tão claro; mas parece muito provavel, que della procedeo o segundo golpe descarregado na penha: *ferindo duas vezes a penha*, lemos no v. 11.

[3] *Ibid.* Cap. XXI. vv. 4 — 6.

[4] *Ibid.* vv. 6 — 9. A serpente de bronze, erguida no deserto para cura e remedio dos feridos, he outra figura notável de Jesus Christo arvorado na Cruz para remedio do genero humano. Elle mesmo o declara no Cap. III. *do Evangelho de S. João* vv. 14. 15. Como a serpente foi exaltada, foi elle exaltado: e como

34 Os Amorrheos não quizerão dar aos Israelitas a passagem pelas suas terras, que elles muito comedidamente lhes pedírão; e os Israelitas se abrírão caminho com a espada, vencendo e desbaratando os que se lhes oppunhão [1]. Og, Rei de Bassan, teve o mesmo successo, que os Amorrheos [2]. — Descidos aos campos de Moab, procurárão os Moabitas, que o seu Sacerdote, ou Vate Balaam amaldiçoasse a gente Hebrea, confiando desta invenção a propria victoria: mas a maldição pretendida trocou-se em benção e vaticinio das proezas e gloria de Israel [3]. — Convidados das filhas dos Moabitas, se misturárão com ellas muitos Hebreus, e adorárão, esquecidos do Deos Verdadeiro, os idolos de Moab [4]. Porém a sua incontinencia e idolatria forão punidas com grande severidade: brilhando neste caso com grande distincção o zelo de Moysés e o de Phinees [5]. — Moysés finalmente, depois de ter avistado a Terra promettida, e de fazer recaír em Josué a sua successão, fal-

os Israelitas feridos, olhando para a serpente, se remediavão, assim os que crerem com viva fé no Crucificado, serão salvos.

[1] Veja-se o Cap. XXI. dos *Numer.* vv. 21 — 32.

[2] *Ibid.* Cap. XXI. vv. 33 — 35.

[3] *Ibid.* Cap. XXII. XXIII. XXIV. Balaam annunciou a famosa Estrella de Jacob, e o Dominador, que devia sahir da sua linhagem. Comprehende de mais o seu vaticinio, muito notavel, as glorias e ruinas de Hebreus, Assyrios e Romanos.

[4] *Ibid.* Cap. XXV. Á incontinencia seguio-se a idolatria. Este vicio odioso não o he só pela culpa, que em si mesmo involve, mas pelo esquecimento de Deos e suas Leis, e pela adoração de objectos indignos e baixos, que traz sempre de comitiva.

[5] Vinte e quatro mil pessoas forão mortas por esta occasião. Phinees, filho de Eleazaro, e neto de Aarão, traspassou com o proprio punhal um Israelita e a mulher Madianita, com que se achava em acto torpe.

leceo de cento e vinte annos de idade, e por trinta dias foi pranteado de todo o Povo [1].

35 Commandado por Josué, e levando diante de si a Arca do Testamento, passou o Povo Hebreu ò Rio Jordão; onde se repetio nas aguas o mesmo prodigio de separação e consistencia, que no Mar Roxo [2]. — Foi investida e tomada a Cidade de Jerichó, cujos altos e fortes muros por si caírão, só porque forão rodeados pela Arca [3]. — Foi tomada a Cidade de Hai [4]. — E como outros Reis da mesma região acodissem a deter o progresso de Josué, a quem se tinhão dado os Gabaonitas, forão estes completamente vencidos junto de Gabaon: e o Sol, durante o conflicto, parou á voz, ou ordem de Josué pelo tempo, que era necessario para se consummar a victoria prodigiosa [5]. — Senhores os Israelitas da Terra promettida, foi esta partilhada entre as Tribus dos filhos de Jacob, menos Levi, e as dos filhos de José [6]. — Assentou o Povo acabada a

[1] Veja-se o *Deuteronom.* Cap. XXXI — XXXIV. A successão recahio em Josué por ordem Divina, declarada por Moysés no Cap. XXXI. v. 3.

[2] Vejão-se os primeiros tres Capitulos do Livro de *Josué*.

[3] *Ibid.* Cap VI. Na destruição de Jerichó foi exceptuada a Casa e familia de Raab, huma das ascendentes de Jesus Christo, que havia dado agazalho e livre sahida aos exploradores mandados d'antes por Josué, como refere o Cap. II.

[4] *Ibid.* Cap. VI. e VII. A primeira tentativa contra Hai não foi bem succedida em pena do furto commettido no espolio de Jerichó por Achan; mas como, procurando-se por sorteamento o réo, fosse achado e punido de morte, em mais venturosa tentativa foi a Cidade expugnada.

[5] *Ibid.* Cap. VIII. — XII. Os Gabaonitas ainda que se entregárão provárão primeiro meios fraudulentos de escapar á espada de Israel, e em pena ficárão sujeitos á servidão.

[6] Ibid. Cap. XIII. — XXIII. Á Tribu de Levi não coube territorio especial, e em compensação ficou recebendo as Deci-

sua larga peregrinação desde o Egypto: e por morte de Josué foi procedendo debaixo do governo de Capitães chamados *Juizes*; e no exercicio, mais ou menos fiel e exacto, das Leis do Senhor, communicadas por Moysés[1].

36 Não tardou muito que o Senhor, em pena de se inclinarem aos Deoses das Gentes, os entregasse á sujeição do Rei de Mesopotamia, a quem servírão por oito annos, e de cujas mãos os arrancou Othoniel, para isso eleito em seu Juiz[2]. — Dezoito annos estiverão pela mesma razão sujeitos aos Moabitas, e contra elles se movião tambem já os Philistheos: mas Aod quebrou o jugo de Moab, e as pretenções dos Philisteos forão por Samgar reprimidas com estragos dos contrarios[3]. — Novos crimes causárão huma calamitosa sujeição de vinte annos, em que estiverão á discrição d'ElRei Jabin: porém Debora e Barac por ultimo vencêrão em batalha e afugentárão o General de Jabin, por nome Sisara; e Jahel, mulher varonil, em cuja casa o destroçado e fugitivo General fôra procurar segurança, teve a resolução de lhe tirar por suas mãos a vida[4].

mas, ou *Dizimos* das terras das outras. A José propriamente couberão duas porções, dadas ás Tribus, de que os seus dois filhos forão os cabeças.

[1] As infidelidades forão muito repetidas, e tambem os castigos. Quando porém o sentimento da pena trazia os Israelitas á humiliação e arrependimento, desarmava-se a colera Divina, e provavão a protecção do seu braço. Esta susçitou em favor de seu Povo homens singulares, como forão Gedeão, Samsão, Samuel e outros varios.

[2] Veja-se o Livro dos *Juizes* Cap. III. vv. 1.—11.

[3] *Ibid.* vv. 12. até ao fim: a insurreição contra Moab principiou pela morte de Eglon, seu Rei, com hum punhal de Aod.

[4] *Ibid.* Cap. IV. Jabin era Rei de Chanaan em Asor. Lê-se no Cap. V. o nobre Cantico Eucharistico, que Debora e Barac entoárão depois da victoria.

37 De hum novo captiveiro em poder dos Madianitas, que durou sete annos, os libertou o valor de Gedeão, guiado por Deos de hum modo muito maravilhoso[1]. Em agradecimento quizerão fazer na sua pessoa e nas dos seus decendentes o Juizado hereditario; mas este homem raro recusou, contentando-se com a gloria de ter feito tão importantes serviços. — Por sua morte com tudo prevalceco seu filho Abimelech, havido em uma concubina: o qual tirando a vida a seus irmãos (que erão em grande numero)[2], menos Joatham, exercitou por algum tempo huma especie de Reinado sobre os Sichimitas: mas como estes se sublevassem, ainda que os reduzio por força, foi morto por occasião de huma ferida na cabeça, effeito do tiro de pedra, que huma mulher despedio do alto da torre, a que Abimelech estava proximo[3]. — Seguirão-se na ordem dos Juizes Thola e Jairo[4]. — Morto este ultimo, outra vez a impiedade entregou o Povo á sujeição dos Ammonitas e Philistheos por dezoito annos. Recobrárão independencia por força de armas, commandados por Jephte[5]; e conti-

[1] Veja-se o Livro dos *Juizes* Cap. VI. VII. VIII. Gedeão teve missão Divina; de cuja verdade elle se assegurou por varias tentativas, e entre ellas os milagres do vello de lãa já enxuto, estando á terra em roda humida, já humido, estando a terra em roda enxuta do orvalho da noite.

[2] Os filhos de Gedeão erão 70, além de Abimelech, havido em huma concubina de Sichem; donde procedeo, que Abimelech nas suas pretenções foi a principio favorecido pelos Sichimitas.

[3] *Ibid.* Cap. IX. A ferida da pedra foi mortal; mas Abimelech mandou ao seu Escudeiro, que a ferro lhe tirasse a vida, para se não dizer, que fôra morto por huma mulher.

[4] *Ibid.* Cap. X. vv. 1 — 5.

[5] *Ibid.* Cap. X. XI. XII. O prazer da victoria de Jephte foi perturbado pelo sacrificio lastimoso de sua filha em cumprimento de voto, que elle fizera na guerra. Cap. XI. vv. 34 — 40.

nuárão tranquillos no governo de Ebzon, Elon e Abdon [1]. — Como tornassem a idolatrar, forão de novo sujeitos aos Philistheos por quarenta annos, até que os desembaraçou o ultimo dos seus Juizes, Samsão; cuja valentia e proezas forão tão pasmosas, como forão lamentaveis as suas fraquezas e ultima ruina [2].

38 Reunio o Sacerdocio e governo politico, por morte de Samsão, Heli, descendente de Aarão por Ithamar [3]. A sua brandura, e particularmente a indulgencia com as paixões e desatinos de seus filhos, fizerão muito damno á Religião e ao Estado [4]. O Senhor o mandou avizar e ameaçar por seus Prophetas, e nomeadamente por Samuel, filho de Elcana, e mancebo, que servia de Ministro no Tabernaculo [5]. — Não fizerão fructo os avisos e vierão os ameaços a effeito, rompendo guerra desastrada entre os Philistheos e os Israelitas. No primeiro conflicto ficárão vencidos os ultimos: e como renovassem a guerra, trazendo temerariamente para os arraiaes a Area Santa como meio de victoria, foi a sua esperança confundida, e elles em segun-

[1] *Ibid.* Cap. XII. vv. 8 — 15.

[2] *Ibid.* Cap. XIII. XIV. XV. XVI. A historia deste homem he das mais curiosas e instructivas do Antigo Testamento. A súa fraqueza por huma mulher o levou a triste e abjecto captiveiro, a que elle pôz termo, sepultando-se nas mesmas ruinas com os seus barbaros inimigos.

[3] Eleazaro e Ithamar forão os dois filhos de Aarão; o Summo Sacerdocio andou, já na posteridade de hum, já na posteridade do outro.

[4] Veja-se o Livro I. *dos Reis* Cap. II. Desatinos de Sacerdotes não podem deixar de ser muito prejudiciaes á Religião; e os prejuizos á Religião do Estado communicão-se necessariamente ao Estado.

[5] Veja-se o Livro I. *dos Reis* Cap. II. III. No primeiro Cap. do mesmo Livro se póde ler a interessante historia de Samuel em seus principios.

do conflicto inteiramente destroçados[1]. Acabárão na batalha os dois filhos de Heli; a Arca mysteriosa ficou em poder do inimigo; e o triste velho cahio sem vida ao ouvir a noticia do desastre da Arca[2].

39. Por morte de Heli foi Sacerdote e Juiz o mesmo Samuel, que era, como se disse, Ministro do Tabernaculo[3]. — As durezas da sujeição aos Philistheos trouxerão os Israelitas ao reconhecimento das culpas, que a tinhão merecido, e particularmente ao arrependimento de suas idolatrias[4]. Foi ajudada a sua compuncção pela piedade sabia de Samuel; e por elle dirigidos, passárão a demonstrações e actos de penitencia[5]. — Os Philistheos, desconfiados e receosos, quizerão perturba-los a mão armada: mas a protecção Divina, inspirando e favorecendo os conselhos de Samuel, fez que os Israelitas vencessem todas as difficuldades.[6] — Obtiverão em fim a desejada independencia e desafogo; durante o qual, a sabedoria e a igualdade, com que Samuel distribuia a justiça, remediárão os males

[1] *Ibid.* Cap. IV. Os Israelitas esperavão da presença da Arca o mesmo prodigio, que em Jerichó; mas levando-a sem ordem do Senhor, o tentárão com menos reverencia, e o effeito foi, como era de esperar, o contrario, do que se promettião. A confiança temeraria em Deos he huma tentação, que de ordinario não fica sem castigo.

[2] *Ibid.* Cap. IV. O texto nota que o Summo Sacerdote cahio desmaiado ao nomear-se entre os desastres da batalha o captiveiro da Arca.

[3] A mãi de Samuel votou-o a Deos e seu especial serviço, ainda antes de o conceber; e com effeito, em chegando á idade propria, o entregou ao ministerio do Tabernaculo. Veja-se o Livro I. *dos Reis* nos citados Cap. I. — IV.

[4] Veja-se o Livro I. *dos Reis* Cap. VII.

[5] *Ibid.* vv. 3 — 6.

[6] *Ibid.* vv. 7 — 12.

passados, e restituírão a propria e bem assombrada face á Republica [1].

40 Crescendo os annos de Samuel, e não dando a indole e procedimento de seus filhos boa esperança de serem proprios para o governo do Povo [2]; entrou este em pensamentos e desejos muito anciosos de ter Reis, como as outras Nações [3]. — Repugnou logo, e fez prudentes ponderações o Propheta [4]. Porém como o desejo de ter Reis, como as outras Nações, não remittisse, e aliás recebesse ordem de Deos para condescender, ungio em Rei a Saul, filho de Cis, da Tribu de Benjamin, que estava bem longe de se suppor escolhido para tão sublime encargo [5]. — Depois de ungido, foi Saul, em solemne ajuntamento e por modo formal, designado pela sorte, e saudado por unanimes acclamações do Povo [6].

[1] *Ibid.* vv. 13. até ao fim. Os Philistheos fugírão desbaratados; os Israelitas recobrárão as Cidades perdidas; e continuárão sem molestia dos Philistheos e em paz com os outros Povos.

[2] Veja-se o I. Livro *dos Reis* Cap. VIII. Os filhos de Samuel declinárão para avareza, e por subornos pervertião os juizos.

[3] A imitação das outras Nações parece ser o motivo mais poderoso, mas não foi o unico allegado. Veja-se *ibid.* vv. 4. 5.

[4] *Ibid.* vv. 6 — 18. As repugnancias do Propheta fundavão-se no aggravo feito a Deos em tal pedido. Para os dissuadir, representou-lhes as molestias e damnos gravissimos, a que se sujeitavão, e que devião esperar do arbitrio dos Reis; e a indifferença, com que o Senhor em tal caso receberia as suas queixas.

[5] Saul ía muito por acaso procurando as rezes, que das manadas de seu pai se havião desencaminhado, quando Samuel o deteve e o ungio. Veja-e o Livro I. *dos Reis* Cap. IX. e X.

[6] O ajuntamento e sorteio fez-se em Maspha, onde Saul veio depois, e onde foi acclamado com as vozes: *Viva o Rei! Ibid.* X. vv. 17 — 24.

EPOCHA V.

Da Uncção de Saul ao Captiveiro de Babylonia.
2929 *até* 3399.

41 Entrou Saul a reinar, e houve-se de tal modo contra os inimigos exteriores, que estes começárão a respeitar Israel [1]. — Com tudo Saul desdisse de tão bons principios: deo provas de menos piedade e de avareza: fez pouco caso dos conselhos e admoestações de Samuel [2]. — Cahio em grave melancholia; e por esta occasião teve conhecimento de David, que foi chamado para com o toque da sua cithara distrahir, ou mitigar as tristezas do Rei [3]. — Reprovado entretanto por Deos Saul, e ungido David para Rei pelo mesmo Samuel, succedeo o desafio do gigante Goliath Philistheo, e a victoria prodigiosa, que David delle alcançou: a qual o fez tão estimado do Povo, como aborrecido de Saul [4]. — Moveo este contra David larga, activa e cruel perseguição; a que David só correspondeo, evitando-a por fuga, e em alguns casos usando com o seu perseguidor da mais heroica generosidade [5]. — Finalmente em outra guerra com os Philistheos foi Saul venci-

[1] Veja-se para a historia do reinado de Saul o Livro I. *dos Reis* Cap. XI — XXX.

[2] *Ibid.* Cap. XV.

[3] *Ibid.* Cap. XVI.

[4] *Ibid.* Cap. XVII. A relação desta batalha, ou deste duello maravilhoso, merece muita curiosidade.

[5] Em duas occasiões notaveis no ardor da perseguição teve em suas mãos a vida de Saul, e em ambas se contentou de tirar signaes, com que mostrasse depois a Saul, que não devia a vida, senão ao seu generoso respeito.

do, tres dos seus filhos mortos, e na propria pessoa reduzido o Rei a tamanho aperto, que a si mesmo se resolveo a tirar a vida [1].

42 Por morte de Saul, David, depois de vencidas algumas difficuldades e contradicções, foi reconhecido Rei por todas as Tribus, transferio para o monte Sião a Arca mysteriosa, que se achava na casa de Abinadab, e deo-se aos cuidados, que pedia o bom governo do Reino [2]. — Com alguns Reis estranhos fez alliança ; outros guerreou e abateo por valor e conselho. De modo que a Nação Israelitica teve em casa prosperidade, e grave consideração com os de fóra [3]. — Porém nem a prosperidade humana costuma ser de grande duração, nem a virtude, a que Deos a concede, he nos homens, ainda os melhores, tão segura, que não vacille e fraquêe com muita facilidade. Succedêrão ás prosperidades de David graves desastres, procedidos, em grande parte, de suas culpas. Seu filho Amnon foi morto por outro filho chamado Absalão [4]. Este rebellou-se contra seu Pai, e deo-lhe vivissimo cuidado e incommodo, até

[1] *Ibid.* Cap. XXXI. vv. 1 — 4. Sentindo-se mortalmente ferido, pedio ao seu escudeiro que lhe desse a morte, para o livrar das desattenções dos incircumcisos : e como o escudeiro se recusasse, diz a historia, elle mesmo *cahio fortemente sobre a sua espada.*

[2] Veja-se para a historia do reinado de David todo o Livro II. *dos Reis*, e o Livro III. Cap. I. II.

[3] Veja-se particularmente o citado Livro II. *dos Reis* Cap. VIII. O reinado de David e o de Salomão forão sem duvida o zenith de prosperidade e gloria politica dos Israelitas.

[4] Entre as culpas de David são particularmente notaveis o adulterio com a mulher de Urias e a morte aleivosa do marido : á orgulhosa enumeração do Povo he que se seguio a peste, que levou, segundo o texto Cap. XXIV., setenta mil homens. — Amnon commettêra estupro e incesto com sua irmãa Thamar ; mas nem Absalão tinha authoridade para o punir, nem os seus costumes e tenções erão melhores, que as de Amnon.

que miseravelmente acabou, fugindo de huma batalha, em que fôra destroçado. Sobreveio fome notavel. Declarou-se peste tão estragadora, que diminuio em pouco tempo muitos milhares dos seus vassallos [1]. A penitencia em fim, que attestão tantos e tão admiraveis Psalmos da sua composição, aplacou a ira do Senhor. Teve David socego, e depois de investir no Reino seu filho Salomão, falleceo aos setenta annos de sua idade [2].

43 Salomão, removidos os emulos e desaffeiçoados, confirmadas ou renovadas as allianças estrangeiras, principiou a reinar em paz, com especial sabedoria, e com gloria [3]. — No quarto anno do seu reinado acommetteo a magnificentissima e prodigiosa fabrica do templo de Jerusalem, que concluio dentro dos sete seguintes [4]. — A sua riqueza e prosperidade admira hoje nas relações da historia; a sua sabedoria admirou os contemporaneos: e de proposito veio vê-lo e ouvi-lo huma Rainha do Oriente [5]. — Porém a sensualidade, fogo ou incendio, que toma grandes forças do alimento de riquezas e magnificencias,

[1] As guerras civís com Absalão constão do Livro II. *dos Reis* Cap. XV — XVIII. A fome he referida *ibid.* Cap. XXI.; e a peste *ibid.* Cap. XXIV.

[2] David foi outro dos insignes sujeitos, com que se topa na historia do Povo escolhido. Bom Rei, grande Propheta, Poeta sublime. Teve fraquezas, tão pouco separaveis da humanidade, que até as houve, e graves, em hum homem, de cujo coração deo Deus o testemunho de ser moldado pelo seu. Grande desengano para a soberba; e grande advertencia para a cautela, que devemos oppor ás paixões ardentes, que são os maiores inimigos da virtude e da felicidade humana.

[3] Veja-se o Livro III. *dos Reis* Cap. I — IV., e Cap. IX. e X. No Cap. III. se refere o notavel julgado sobre o pleito das duas mulheres, que contendião ácerca da propriedade de hum filho.

[4] *Ibid.* Cap. V — VIII.

[5] *Ibid.* Cap X.

o corrompeo a ponto de cohabitar com mulheres gentias e de adorar pelo respeito dellas os seus Deoses mentirosos [1]. — O Senhor irritado o mandou ameaçar de gravissimas penas, até na sua posteridade; e tornado, segundo se presume, a melhor acordo, morreo: deixando hum documento, tão certo, como insigne, da facilidade, com que a mais alta sabedoria humana se enfatúa, e com que o mais entendido dos homens póde desatinar e desatina, se solta redea aos perversos e impetuosos affectos [2].

44 Desprezados os prudentes conselhos dos vassallos de maior idade e experiencia, enlevado das lisonjas e alvitres mais agradaveis dos aulicos moços, Roboão, *filho* de Salomão, empregou, logo ao abrir do seu reinado, severidade menos opportuna, com que apartou de si os animos, é facilitou o irremediavel scisma, que despedaçou o Reino [3]. — O ambicioso Jeroboão aproveitou-se das circumstancias, e separou-se, formando com dez Tribus o Reino de Israel; de sorte que ficárão só Benjamin e Judá pertencendo a Roboão: d'onde o seu especial districto se nomeou Reino de Judá [4]. — Nem com este desastre entrou em si Roboão, que continuou a reinar com pouca piedade; até que o Senhor entregou os Judéos aos Egypcios, que estragárão e assollárão o Reino, e chegárão a saquear o

[1] *Ibid.* Cap. XI.

[2] *Ibid.* Incontestaveis são a piedade e a sabedoria deste Rei famoso, e incontestaveis são a sua loucura e culto de falsas Divindades: e que provão tão enormes incoherencias, senão a fragilidade da sabedoria e virtudes humanas?

[3] Para a historia indicada em todo este §. veja-se o Livro III. *dos Reis* Cap. XII.—XV.

[4] Do Reino possuido pelos primeiros Monarchas formárão-se dois, o de Israel com dez Tribus e o de Judá com duas: então entrou a vogar o nome de Judeos, particularmente applicado ás duas Tribus Judá e Benjamin.

templo[1]. — Jeroboão em Israel foi impio ainda mais positivamente, querendo por politica afastar os seus vassallo do culto de Jerusalem, e arrancar o Divino Ministerio da posse dos Levitas, a quem substituio pessoas de muito baixa qualidade[2]. — Mas tanto, ou mais, do que os Egypcios havião feito aos Judeos, fizerão estes aos Israelitas no reinado de Abias, filho e successor de Roboão. E o scismatico Jeroboão acabou a vida, pouco depois que este duro castigo lhe foi infligido por mão dos Judeos[3].

45 Nadab, filho de Jeroboão e imitador da impiedade de seu pai, reinou hum anno, e foi morto por Baasa[4]. — Não foi melhor este Baasa, que reinou vinte e tres annos, e deixou no throno seu filho Ela. — Dois annos sómente reinou Ela: mas mostrou-se indigno neste curto espaço por toda a casta de vicios. Tirou-lhe a vida hum dos seus Officiaes militares, por nome Zambri[5]. — O matador não logrou por mais de sete dias o fructo do seu crime. Dois partidos de Israelitas se armárão, e marchárão contra elle: que desesperado de lhes poder fazer frente, pôz fogo ao Palacio, e se entregou ás mesmas chammas[6]. — Dos

[1] *Ibid.* Cap. XIV. vv. 25. 26. O Rei do Egypto, nesta occasião vencedor, he chamado Sesac na Escriptura; a sua incursão foi no anno quinto d'ElRei Roboão.

[2] Constão do Cap. XII. vv. 26 — 33. as impiedades e idolatrias de Jeroboão, e as considerações politicas, por que a ella, se determinou: *Construio capellas nas alturas*, diz o texto v. 31, *e pôz Sacerdotes dos ultimos do Povo, que não erão da geração de Levi.*

[3] A guerra de Abias com Jeroboão he apontada no Cap. XV. v. 7. — A morte de Jeroboão he referida no Cap. XIV. v. 20.

[4] Neste §. toca-se a historia dos Reis de Israel, que reinárão entre Jeroboão e Achab: sc. Nadab, Baasa, Ela, Zambri, se este deve ser contado no numero dos Reis, e Amri.

[5] Veja-se o Livro III. *dos Reis* no Cap. XIV. — XVI.

[6] *Ibid.* Cap. XVI. Os dois partidos seguião Amri e Thebni,

dois partidos contrarios a Zambri prevaleceo o que tinha por Capitão Amri; que por este modo veio a succeder a Zambri, e mais propriamente a Ela. Amri edificou Samaria, que fez assento da sua Côrte, e depois de reinar por doze annos, morreo, e teve por successor seu filho Achab [1].

46 Achab, filho de Amri e seu successor em Israel, foi impiissimo, e por isso notavel e desgraçado com toda a sua Casa. Jezabel, filha do Rei de Tyro, foi sua *mulher*, que o incitou mais á impiedade, e ao culto dos Deoses de Phenicia [2].— Primeira e segunda vez o acommetteo o Rei da Syria Benadad, mas sem damno, e antes com victoria de Achab. Alliando-se porém os Reis de Israel e Judá contra os Syros em outra occasião, Josaphat escapou com custo do conflicto, e Achab recebeo huma ferida, de que morreo [3]. — Teve este Rei impio grandes e repetidos debates com o Propheta Elias: nos quaes brilhou de modo eminente o zelo do Propheta, e o poder de Deos em o ajudar com prodigios [4]. — Entre as clamorosas injustiças do reinado de Achab se aponta especialmente a que practicou contra Naboth; o qual, recusando-se a vender ao Rei huma vinha, veio a perder a vinha e a vida por tramas de Jezabel, de seu natural mais crua ainda, do que Achab [5]. —

filho de Gineth. A Escriptura diz, que Zambri reinou por sete dias em Thersa.

[1] *Ibid.* No v. 23. se lê que reinou em Thersa por seis annos.

[2] Para a historia de Achab e Jezabel veja-se o Livro III. *dos Reis* Cap. XIV. — XXII., e o Livro IV. Cap IX.

[3] *Ibid.* Liv. III. Cap. XXII.

[4] A historia de Elias, illustrissimo Propheta, consta do Livro III. Cap. XVII. — XXI., e do Livro IV. Cap. I. e II.: neste ultimo he que se refere como foi arrebatado em hum carro de fogo á vista de Eliseu, seu discipulo e herdeiro de seu espirito.

[5] Este successo curioso he miudamente referido no Livro

Porém esta Rainha tão culpada recebeo a merecida pena, quando Jehu, ungido para Rei de Israel por Eliseu, a fez precipitar de huma janella, e cahindo feita pedaços, veio a servir aos cães de nutrimento [1].

47 Por morte de Achab reinou por pouco tempo seu filho Ochosias. Succedeo-lhe seu irmão Jorão, a quem Jehu, de quem fallámos, tirou a vida, e a sua mãi Jezabel, a todos os filhos de Jorão e a Ochosias, Rei de Judá [2]. — Ainda que Jehu foi ungido para Rei de Israel por Eliseu, discipulo e successor do espirito de Elias, e ainda que exterminou os idolos, não os exterminou de todo, e por esse motivo não mereceo inteira approvação [3]. — Seu filho Joachaz foi impio decidido: e Joás, filho de Joachaz, não foi melhor. Contendeo Joás em guerra com os Syros, e venceo-os em tres batalhas, como lhe vaticinára Eliseu [4]. — Jeroboão II., filho de Joás, reinou quarenta e hum annos, e não de todo sem fortuna. Zacharias, filho deste Jeroboão, não reinou senão dois mezes, porque foi morto

IV. Cap. XXI. Naboth repugnava com a razão de ser a vinha herança de seus maiores.

[1] A catastrofe de Jezabel he referida no Livro IV. Cap. IX. com energia maravilhosa: a particularidade e viveza das circumstancias horroriza ainda agora o leitor.

[2] Continua-se a historia dos Reis de Israel desde Achab: sc. Achab, Ochosias, Jorão, Jehu, Joachaz, Joás, Jeroboão II., Zacharias, Sellum, Manahem, Phaceas e Oseas.

[3] Para toda a historia desde Ochosias, filho de Achab, até ao captiveiro por Salmanasar, veja-se o Livro IV. *dos Reis* Cap. VIII. — XVIII. A desapprovação de Jehu e seus motivos aponta o Cap. X. vv. 31. 32.

[4] Consta a historia de Eliseu dos Cap. II. — VIII. e XIII.: no Cap. IV. he referido o memoravel successo da Sunamitis: o vaticinio, a que aqui se allude, e o seu complemento são referidos no Cap. XIII. vv. 14 — 19 e 25.

por Sellum; e nelle finalizou a posteridade de Jehu[1]. — Manahem, General do Reino, fez o mesmo a Sellum, e occupou o throno: mas investido pelos Assyrios, só pôde desembaraçar-se á força de grandes sommas de dinheiro[2]. — Phaceas, que tirou a vida ao filho de Manahem, e reinou por vinte annos, tambem vio o seu Reino acommettido por Theglathphalasar, que tomou Cidades, e levou os moradores captivos[3]. — Reinou depois de Phaceas o seu matador Oseas. E como pelo nono anno do seu reinado tentassem os Israelitas sacudir a dependencia dos Assyrios, veio Salmanasar contra elles, e tomou depois de dilatado cerco Samaria; levando o Povo Israelitico para lá do Euphrates, onde se perdeo em miseravel captiveiro[4].

48 Em Judá Abias, filho de Roboão, não foi mais santo, que seu pai; porém foi talvez mais resoluto. Proseguindo no empenho de recobrar as dez Tribus, tomou algumas Cidades, e fez a Jeroboão, como dissemos, graves damnos[5]. — Asa, filho de Abias, reinou quarenta e hum annos com rara piedade, pela qual esquecem algumas fra-

[1] No Cap. X. v. 30. Deos prometteo a Jehu que a sua posteridade reinaria até á quarta geração: e com effeito era quarta geração Zacharias, morto por Sellum, e filho de Jeroboão II.

[2] Chama a Escriptura Phul ao Rei dos Assyrios, que humilhou Manahem, e a quem este pagou mil talentos. Veja-se Cap. XV. vv. 19, 20.

[3] *Ibid.* v. 29.

[4] Este captiveiro de Israel he muito outro, que o de Judá em Babylonia. Os Israelitas forão transplantados para a Assyria, e Assyrios para Israel: e como Sacerdotes Israeliticos os viessem depois doutrinar, d'aqui procedêrão os erros dos Samaritanos, que misturavão a Lei com dogmas e practicas gentilicas. Veja-se *ib.* Cap. XVII. vv. 24. e seg.

[5] Toca-se neste §. a historia dos Reis de Judá entre Roboão e Joás: sc. Abias, Asa, Josaphat, Jorão marido de Athalia, e Ochosias, filho de Jorão e Athalia.

quezas suas. — Seu filho Josaphat ainda o venceo em piedade: e posto que commetteo o erro de se alliar com o impio Achab, Rei de Israel, e d'ahi lhe procedêrão desastres; com tudo em hum reinado de vinte e cinco annos deo grandes provas de verdadeiro zelo pela lei e culto de seus santos maiores [1]. — Jorão, filho mais velho e successor de Josaphat, foi tyrannico: e cazando com Athalia, filha de Achab, deo-se aos idolos e superstições. Em pena perdeo o que seu pai grangeára, e soffreo huma incursão dos Arabes, que devastárão o Reino, tomárão e matárão seus filhos, menos o mais moço; e elle falleceo com oito annos de reinado por effeito de huma cruel e larga molestia [2]. — Succedeo-lhe aquelle filho mais moço, que escapára ao ferro dos Arabes, nomeado Ochosias, que reinou hum anno, ou pouco mais [3].

49 Athalia, mãi do ultimo Rei de Judá Ochosias, morto por Jehu, tirou a vida a seus netos, para segurar o seu poder. Apenas escapou Joás, ainda menino, escondido no templo por traça de sua tia, esposa do Summo Sacerdote Joiada. A seu tempo o trouxe a publico, e o declarou Rei Joiada; com o que acabou a authoridade de Athalia, e tambem a vida, que lhe foi tirada violentamente [4]. — Joás houve-se bem no principio; mas por morte de Joiada degenerou; d'onde procedeo ser muito apertado em

[1] Para os reinados de Abias, Asa e Josaphat veja-se o Livro III. *dos Reis* Cap. XV. e XXII.

[2] Para os de Jorão e Ochosias veja-se o Livro IV. Cap. VIII. e IX.

[3] Ochosias tinha hido visitar Jorão de Israel, quando Jehu veio contra elle, e foi involvido no mesmo damno.

[4] Continua-se a historia dos Reis de Judá desde Athalia a Ezechias; sc. Athalia, Joás, Amasias, Ozias, Joatham, Achaz, Ezechias. Veja-se para todo este traço de historia o Livro IV. *dos Reis* Cap. XI. — XX.

guerra pelos Syros, e acabar ás mãos dos proprios servos [1]. — Seu filho Amasias misturou grandes qualidades com fraquezas. Por elle provocado Joás, Rei de Israel, tomou Jerusalem, e captivou o Rei: que por fim acabou por huma conjuração mesmo dos seus [2]. — Ozias, filho e successor de Amasias, foi pio, e fez florecer muito o Reino; mas querendo metter-se no exercicio das funcções Sacerdotaes, foi ferido de lepra, e por isso obrigado a deixar o governo a seu filho Joatham [3]. — Ainda que este excedeo mesmo seu pai em piedade, faltou com tudo a destruir os bosques e lugares altos, consagrados á idolatria; e em pena soffreo grandes males de guerra, movida pelos Syros e Phaceas de Israel. Acabou com dezeseis annos de reinado; e com outros tantos e trinta e seis de idade acabou seu filho Achaz, tão impio e perverso, que chegou a tirar do Templo o altar de Salomão, e a substitui-lo por altar gentilico. Os Syros e o Rei de Israel o vexárão tambem de modo, que foi obrigado a implorar com dadivas, promessas de tributo e baixezas servís a protecção dos Assyrios [4]. — Subio ao throno a piedade mesma na pessoa de Ezechias, filho de Achaz. Reinou largamente, e recebeo de Deos grandes favores. Os mais notaveis forão o desbarato do exercito de Sennacherib por hum Anjo exterminador, e prolongação da vida, em occasião de molestia mortal, por quinze annos [5].

50 Manassés, idolatra e sacrilego até á demencia e

[1] *Ibid.* Cap. XI. XII.

[2] *Ibid.* Cap. XIV.

[3] *Ibid.* Cap. XIV. XV. Liv. II. *dos Paralipomen.* Cap. XXVI. O IV. *dos Reis* chama a este Principe Azarias, e o II. *dos Paralipomen.* Ozias.

[4] Livro IV. *dos Reis* Cap. XV. XVI.

[5] *Ibid.* Cap. XVIII. — XX. O desbarato de Sennacherib consta do Cap. XIX. O retrocesso da sombra no relogio de Achaz, em signal da prorogação da vida, consta do Cap. XX.

furor, não podia ser mais dessemelhante de seu pai Ezechias. Desamparado de Deos, foi captivo para Babylonia, onde arrependido mereceo a liberdade e a restituição ao throno. Seu filho Amon não apprendeo das desgraças do pai; porém foi victima de huma conjuração, passados dois annos [1]. — Teve por successor Josias seu filho, Rei piissimo, e por isso famoso entre os mais famosos, e muito pranteado do Povo por sua morte, procedida de huma ferida, que recebêra, oppondo-se em campanha a Nechão, Rei do Egypto [2]. — Pouco se pareceo em costumes com Josias seu filho Joachaz; que o Rei do Egypto em fim de tres mezes levou captivo e preso, e que assim morreo. O mesmo Rei vencedor pôz em seu lugar Eliakim ou Joachim, outro filho de Josias: o qual sobrevindo Nabuchodonosor, foi por elle captivo, logo restituido, e em fim privado da vida, e até da sepultura [3]. — A Joachim succedeo no throno seu filho Jechonias; mas passados tres mezes foi forçado a entregar-se ao Rei de Babylonia. Como este porém quizesse deixar algum Rei proprio aos Judeos, que consentio que ficassem em Jerusalem, escolheo outro filho de Josias, mandando que se chamasse Sedecias. Este Sedecias por ultimo, por ter violado a fidelidade ao Conquistador, foi apanhado depois de hum cerco de Jerusalem por tres

[1] Continúa a serie dos Reis de Judá, successores de Ezechias: sc. Manassés, Amon, Josias, Joachas, Joachim até ao captiveiro, Jechonias e Sedecias. Os ultimos dois são por alguns preteridos; porque o primeiro foi Rei por huma tentativa mallograda e a despeito do conquistador: o segundo mais foi hum Prefeito ás ordens do conquistador, do que Rei. Para esta historia veja-se o Livro IV. *dos Reis* Cap. XXI. — XXV., e o Livro II. *dos Paralipomenos* Cap. XXXIII. — XXXVI.

[2] Livro IV. *dos Reis* Cap. XXII. XXIII.

[3] *Ibid.* Cap. XXIII. XXIV. Não se deve confundir com seu filho Jechonias, chamado tambem Joachim.

annos, obrigado a presencear a morte de seus filhos, e dos principaes do Reino, e privado dos olhos. E com esta miseravel tragedia acabou o Reino de Judá, e nelle a Monarchia, que principiára na pessoa de Saul[1].

EPOCHA VI.

Do Captiveiro de Babylonia até ao Nascimento de Jesus Christo. 3399 *até* 4004.

51 Para representar bem o triste estado dos Judeos em Babylonia, bastará dizer que estavão captivos em terra estrangeira. Com tudo o favor, com que o Rei de Babylonia distinguio Daniel, persuade que o tratamento dos seus naturaes pelos conquistadores seria hum pouco mitigado[2]. — A pezar disso, a vãa soberba de Nabuchodonosor, mandando fabricar e adorar a famosa Estatua, pôz em grande aperto a consciencia religiosa dos Judeos; que, ou havião de prevaricar obedecendo, ou provar a vingança de hum Rei infatuado e barbaro, de quem erão escravos[3]. —

[1] *Ibid.* Cap. XXIV. XXV., e o II. *dos Paralipomen. ibid.* Judith e a sua historia referem huns ao tempo posterior ao captiveiro, e outros com mais probabilidade ao anterior, pelo reinado de Manassés. Isaias foi contemporaneo de Ezechias; Jeremias de Joachim; Ezechiel vaticinou durante o captiveiro.

[2] Veja-se o Livro *de Daniel* Cap. II. Daniel interpretou ao Rei a estatua, com que elle sonhára, e que representava os quatro Imperios de Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.

[3] *Ibid.* Cap. III. He preciso não confundir esta estatua de Nabuchodonosor com a do seu sonho. Esta era toda de oiro: a do sonho era dos quatro metaes, oiro, prata, bronze e ferro, e acabava em barro, *ibid.* vv. 31 — 33.

Desprezárão esta vingança por fidelidade ao verdadeiro Deos os tres moços, lançados por isso na fornalha, mas defendidos prodigiosamente: prodigio, que devia servir tambem para certo allivio da sorte Judaica [1]. — Evilmerodach, filho e successor de Nabuchodonosor, certamente remittio da severidade de seu pai: e expressamente consta que usou especial humanidade e contemplação com aquelle Jechonias, que reinou entre seu pai Joachim e seu tio Sedecias [2].

52 Hum cunhado de Evilmerodach tirou-lhe a vida, e usurpou o throno: e em fim de quatro annos foi elle tractado da mesma maneira por hum neto, filho de filha de Nabuchodonosor, que a Escriptura chama Baltassar [3]. — Estava entretanto Daniel afastado da Côrte, ou por empregos, que o tinhão ausente, ou porque acabára o seu valimento [4]. — De qualquer modo, ou faltava de todo o favor, ou era menos efficaz para os seus compatriotas. E esta falta ou diminuição do favor de Daniel, juntamente com as agitações e revoluções politicas dos Babylonios, devião ter muito perniciosa influencia na oppressão dos Judeos [5].

[1] *Ibid.* Cap. III. Os moços, entregues ás chammas, passeárão entre ellas illesos, cantando o cantico *Benedicite*, que hoje he empregado pela Igreja nos Divinos Officios.

[2] Veja-se o Livro IV. *dos Reis* Cap. XXV. nos ultimos 4 versos. O comportamento de Evilmerodach foi verdadeiramente Real. Foi desencarcerado Jechonias, foi honrado, e provido do necessario sem quebra ou intermissão.

[3] O silencio da Escriptura ácerca da morte e successores immediatos de Evilmerodach, obriga os eruditos a recorrerem a outras fontes, que deixamos, por seguir com pontualidade o plano, que nos propozemos.

[4] Veja-se o Livro *de Daniel* Cap. V., d'onde bem se collige, que Daniel era desconhecido, e ao menos pouco lembrado na Côrte de Baltassar.

[5] Ainda os mesmos conquistadores devião soffrer muito das

53 Baltassar, vicioso e imprudente, mereceo morte violenta, e mereceo que o seu throno fosse preza de inimigos estranhos. Huma e outra coisa lhe foi annunciada na escriptura celebre, para cuja interpretação recorreo a Daniel [1]. — Medos e Persas invadírão e conquistárão Babylonia; e os Judeos passárão assim da sujeição dos Babylonios á dos conquistadores destes [2]. — Valeo muito Daniel com Dario Medo; e posto que a inveja o arrojou ao lago dos Leões, hum milagre o salvou; e continuou, se não cresceo, a sua privança com Dario [3]. — Cyro, Rei da Persia, veio por herança a ser tambem Rei da Media; de sorte que Medos e Persas formárão hum todo, conhecido depois com o titulo de Imperio dos Persas. A Cyro he que os Judeos devêrão a liberdade e renovação do Templo por hum Edicto, com que se concluírão setenta annos de captiveiro, contados desde o quarto anno d'ElRei Joachim [4].

54 Voltárão com Zorobabel os Judeos á sua patria, e tractárão logo de reedificar Jerusalem, renovar o exercicio das funções sagradas, e restituir o Templo [5]. — Os habitantes de Samaria, ou por emulação contra os Judeos,

vacillações do throno e de suas mudanças; que seria de captivos, contra quem devia laborar a suspeita de sua impaciencia e odio recondito?

[1] Veja-se o Livro *de Daniel* Cap. V. Baltassar vio dedos escrevendo na parede: e esta escriptura fatal da sua condemnação he que Daniel foi chamado para interpretar, e interpretou.

[2] A morte de Baltassar, e a successão de Dario, effeitos da invasão e conquista, constão do dito Cap. V. no fim.

[3] *Ibid.* Cap. VI. O texto declara que a privança de Daniel durou com Dario, e continuou com Cyro.

[4] Veja-se o Livro I. *de Esdras* Cap. I. Cyro deo aos Judeos liberdade de voltarem para a sua patria, mas não os isentou da sujeição dos Persas, de cujo Imperio ficárão formando huma Provincia.

[5] Veja-se o Livro I. *de Esdras*. Cap. II. Os Judeos não

ou de indignados pelo empenho, com que estes os evitavão, entrárão em odio declarado contra elles; odio, que durou até á destruição de huns e outros. Por effeito deste odio puzerão em obra todos os meios, que podião, para impedirem e demorarem as fabricas dos Judeos; de sorte que a do Templo não veio a concluir-se, senão já no reinado de Dario Hystaspes[1]. — Aos sete annos do de Artaxerxes Longimano he que Esdras adiantou a edificação de Jerusalem, deo fórma mais assentada á Republica, e melhor direcção aos costumes publicos[2]: e treze annos depois, durando o reinado do mesmo Artaxerxes, he que Nehemias aperfeiçoou tudo, e celebrou os Encenios[3].

55 Na sujeição dos Persas, e governo dos seus Summos Sacerdotes, forão continuando, até que em tempo de Dario Codomano a potencia Persica cedeo á de Alexandre de Macedonia, como a dos Babylonios havia cedido á dos Persas[4]. — Quando Alexandre cercava Tyro, requerêra dos Judeos certo auxilio, a que elles se recusárão: e por

voltárão logo todos; e provavelmente alguns delles ficárão para sempre nos paizes, a que forão levados captivos.

[1] *Ibid.* Cap. IV. — VI. Este odio foi notavel, e era igualmente activo em tempo de Jesus Christo; como se vê de varias passagens do Evangelho, e especialmente das ponderações, que junto do poço de Sichar fazia ao Salvador a mulher Samaritana. *Joan.* IV. 9.

[2] Livro I. *de Esdras* Cap. VII. e seg. e Liv. II. Cap. VIII. Esdras foi hum dos homens mais benemeritos da Religião e Republica Judaica, de que se conserva lembrança na historia daquelle Povo.

[3] *Ibid.* Liv. II. Cap. XII. Encenios ou dias festivos da Dedicação, differentes dos que celebrou Judas Machabeo, e de que se fallará em seu lugar.

[4] A este espaço se ha de referir a historia de Esther; bem que os doutos disputão muito sobre qual dos Principes Persas foi o Assuero, marido de Esther.

esta causa, expugnada Tyro, marchava o Conquistador contra Jerusalem, meditando terrivel vingança. Mas aplacou-o o Summo Sacerdote Jaddus, que sahio ao seu encontro, e delle obteve, que se contentasse de lhe guardarem os Judeos a mesma sujeição, que guardavão aos Persas [1]. Porém a generosidade ou politica de Alexandre não deo menos favor aos Samaritanos, a quem permittio fabricarem templo no monte Garizim. — A edificação deste templo provocou ainda mais a religião dos Judeos, e accrescentou a insolencia dos Samaritanos; tomando por ambos estes principios mais ardor a reciproca inimisade dos dois Povos.

56 Dividido por morte de Alexandre o Imperio Grego, formárão-se no Egypto e Syria dois Reinos, cujos Principes, igualmente ambiciosos, contendião entre si frequentes vezes. Nestas contendas erão sempre, ou por hum, ou por outro partido, envolvidos os Judeos, e soffrião grandes males. Começárão servindo aos Ptolemeos, Reis do Egypto [3]. — Passárão depois á sujeição dos da Syria em tempo de Antiocho Magno. Seleuco, successor deste, chegou a intentar o roubo dos thesouros do Templo, que foi atalhado

[1] Desde os tempos de Artaxerxes Longimano até quasi á morte de Alexandre falta noticia nos Livros Santos. Suppre-se com as relações de Flavio Josepho, historiador Judeo, e com alguns indicios de outros historiadores.

[2] Este odio ou inimisade fez a Providencia servir de argumento á verdade das Divinas Escripturas; pois que se achárão, sem embargo de tantas razões para o contrario, contestes os Livros Samaritanos e os Judaicos. Do mesmo modo que depois os Christãos se valêrão do testemunho dos Judeos, seus inimigos, para provar aos Gentios a verdade dos seus vaticinios.

[3] A tempos de Ptolémeo Philadelpho he que se attribue a traducção dos Livros Sagrados dos Judeos em lingua Grega, que se chama correntemente a *Versão dos setenta Interpretes.*

por hum prodigio [1]. — Porém no reinado de Antiocho, por alcunha Epiphanes ou *Illustre*, irmão e successor de Seleuco, cresceo gravissimamente a oppressão dos Judeos. A ambição de alguns delles, disputando entre si o Summo Sacerdocio, deo aos Syros occasião para se intrometterem mais especialmente nos seus negocios, e d'aqui nasceo hum estado de conflicto cruel, em que Epiphanes se mostrou altamente deshumano e perverso, e a miseria dos Judeos subio aos termos de desesperação [2].

57 Nestas circumstancias he que o zelo e valor de Mathathias o determinárão a pegar em armas, e a vagar com muitos companheiros, fazendo guerra á idolatria e apostasia [3]. — Consumio parte da vida neste heroico empenho; e por fim encarregou-o a Judas, o mais forte de seus filhos, nomeado Machabeo [4]. — Judas comprovou o acerto da escolha de seu pai; e desbaratando huma vez e

[1] Seleuco mandou a esta expedição hum seu Satellite por nome Heliodoro, a quem teve mão e fez castigar asperamente hum Cavalleiro miraculoso; de modo que Heliodoro ficou com vida pelos rogos do Summo Sacerdote.

[2] Veja-se o Livro I. *dos Machabeos*. Cap. I. Os ambiciosos contendores ácerca do Summo Sacerdocio não só o procuravão por dinheiro, mas até relaxavão por adulação as leis religiosas patrias, tractando de as affeiçoar aos dogmas e costumes gentilicos: d'onde procedia em fracos a prevaricação, em valerosos e generosos a perseguição e martyrio, e em todos perturbação e afflicção lastimosa.

[3] Veja-se o Livro I. *dos Machabeos* Cap. II. Mathathias foi cabeça da familia chamada dos Asmoneos e tambem Machabeos, a qual dominou em Judá até Herodes Magno; confirmando-se assim o ter Judá Capitães proprios até á vinda do Messias, como havia promettido Jacob no seu celebrado vaticinio.

[4] *Ibid.* vv. 49. e seg. Parece que a alcunha de Machabeo não tocava senão a Judas especialmente; mas he certo que entre os Christãos se applica a toda a familia.

contra os exercitos e Capitães de Antiocho, fez expiar o Templo profanado, e repetio a dedicação, que ficou em festividade annual [1]. — Fallecendo miseravelmente Epiphanes [2], e succedendo-lhe Antiocho Eupator, tractou Judas de se apossar da fortaleza de Sião; foi porém defendida por parte de Eupator, e Judas reduzido a termos de acceitar facilmente a paz, que lhe foi offerecida [3]. — Renovou-se a guerra com Demetrio, que succedeo a Eupator, e Judas ganhou illustre victoria sobre o General Nicanor, que acabou na batalha [4]. — Para vingar Nicanor e reparar o desastre, mandou novas tropas Demetrio; as quaes só com oitocentos homens encontrou e guerreou bizarramente Judas Machabeo. Foi esta porém a sua ultima proeza; porque neste mesmo recontro perdeo a vida [5].

88. A Judas succedeo seu irmão Jonathas, que não desdisse em valor e habilidade de seu pai e irmão [6]. Disputando entre si a Syria Demetrio e Alexandre Bala, Jonathas vio-se obrigado a seguir ora o partido de hum dos contendores, ora o do outro: porém nesta condição arriscada foi-lhe a fortuna contraria, porque atraiçoado *pelo*

[1] *Ibid.* Cap. III — V. A festa annual era a chamada dos Encenios, que se conservou na Liturgia Judaica em memoria desta Dedicação de Judas.

[2] *Ibid.* Cap. VI. Os remorsos de Antiocho pelas crueis rapinas, usadas com os Judeos, aggravárão terrivelmente os males da sua enfermidade e morte.

[3] *Ibid.* Cap. VI.

[4] *Ibid.* Cap. VII.

[5] *Ibid.* Cap. IX. Judas Machabeo foi propriamente hum heroe da patria e da Religião. Não era só valente e bom General; era tambem Politico, como se vê da alliança, que propoz e concluio com os Romanos. Cap. VIII. A sua morte foi muito lamentada, e na realidade foi huma calamidade publica.

[6] Veja-se para a historia de Jonathas o Liv. I. *dos Machab.* Cap. IX. v. 31 — XII.

mesmo partido, a que então se inclinava, perdeo a liberdade e a vida[1]. — Seu irmão Simão foi o successor de Jonathas. Pôz em estado muito florente os negocios Judaicos, alliou-se com os Romanos e Lacedemonios, e foi elle mesmo confirmado na authoridade e no Sacerdocio[2]. Mas acabou-se-lhe a prosperidade com a morte, aleivosamente dada a elle e a dous filhos seus pelo proprio genro entre as alegrias de hum banquete[3].

159. João Hyrcano, filho de Simão, foi Principe e Sacerdote por morte de seu pai. A principio foi muito apertado pelas armas de Antiocho Sidetes, e vio-se obrigado a acompanha-lo contra os Parthos[4]: morto porém Antiocho, e postos em grande perturbação os negocios do Reino da Syria, teve João lugar para hir dilatando os seus limites, e em guerra arrazou o templo de Garizim, e assolou Samaria[5]. — Fallecendo depois de vinte e seis annos de governo, ficou no seu lugar seu filho Aristobulo, que tomou o titulo de Rei. Mas durou pouco o reinado de Aristobulo, a quem succedeo seu irmão Alexandre Janneo[6]. — Ate

[1] *Ibid.* Cap. XII. desde o v. 41. Tryphon, com sêr de amizade e pretextando obsequios, o levou a Ptolemaida, onde o prendeo, e por fim lhe fez dar a morte.

[2] *Ibid.* Cap. XIII. — XVI.

[3] *Ibid.* Cap. XVI. A ambição do genro Ptolemeo o determinou a tão enorme crime; mas foi vão para os seus intentos, porque o poder continuou na descendencia de Simão.

[4] O Livro I. dos *Machabeos* acaba com a morte de Simão e successão de João Hyrcano: e com isto tem fim as noticias historicas, derivadas dos Livros Sagrados. As seguintes são recolhidas de historiadores.

[5] Garizim era o templo dos Samaritanos, contraposto ao de Jerusalem, e por isso muito abominado dos Judeos.

[6] Na familia dos Asmoneos este Aristobulo foi o primeiro, que tomou o titulo de Rei: reinou hum anno ou pouco mais.

xandre foi nos negocios domesticos Principe muito pouco digno de approvação; e nos externos logreu fortuna varia [1]. — Por testamento deixou o Reino a sua mulher Alexandra: a qual governou nove annos em muita paz, que deveo á sua discrição em seguir bons conselhos, e ao favor dos Romanos [2].

60. De Alexandre Janneo e Alexandra ficárão dois filhos, Hyrcano e Aristobulo, que tanto que morreo sua mãi, entrárão em viva e renhida competencia sobre o Principado. Por decisão do grande Pompeo, ficou superior Hyrcano. E posto que Aristobulo, e seus filhos Alexandre e Antigono por varias vezes e por varios modos tentassem desapossa-lo, Hyrcano, sustido pelos artificios e valias de hum Idumeo chamado Antipatro, conservou a authoridade [3]. — Para abrir o caminho da dignidade Real á sua descendencia, traçou e effeituou Antipatro o casamento de seu filho Herodes com a Princeza Mariamne. Ainda depois disto se commoveo Antigono, despojou Hyrcano, e obrigou Herodes a fugir para Roma: mas Herodes teve a destreza de se fazer declarar Rei pelos Romanos; e ajudado ora de M. Antonio, ora de Augusto, venceo todos os obstaculos, e veio a reinar em Jerusalem [4]. Para este estrangeiro pois

[1] Alexandre para os vassallos foi caprichoso, duro e até cruel: com os inimigos estrangeiros houve-se em alguns casos com determinação e valor; em outros padeceo grandes desares.

[2] Os Phariseos erão já seita dominante na Judea; Alexandra, aconselhada por seu marido, attrahio-os para si, e nelles achou util esteio ao seu poder.

[3] Antipatro, pelo que parece, era Rei, parecendo só vassallo ou Ministro de Hyrcano. Soube ganhar a vontade dos Romanos principaes do tempo, e por seu auxilio manteve a authoridade de Hyrcano, e antes a sua.

[4] Rei barbaro, até para com a sua familia; em cujas agitações e odio achou pena digna de sua tyrannia. He chamado Ma-

tinha passado o Sceptro de Judá, quando quasi no fim do seu reinado nasceo Jesus Christo em Belem [1].

FIM DO TOMO II.

gno, ou Grande por differença de successores do mesmo nome.

[1] O Nascimento de Jesus Christo he ao mesmo tempo o successo final da Historia da Igreja Hebrea, e o primordial da Historia da Igreja Christãa. Ao seu *Abbreviado* desta ultima dá em razão d'isso principio Dannenmayr por este memoravel e fausto acontecimento. Veja-se Period. I. Cap. I. §. IX.

INDICE.

FIM DO INDICE.

ERRATAS.

Pag.	*Lin.*	*Erros.*	*Emendas.*
3	16	demoravão	demorarão
28	31	*e caso*	*é caso*
117	22	Manoe l	Manoel
137	11	actos	altos
294	12	apreferencia,	, a preferencia
342	16	a condição	á condição
345	33	Manoel	Manoel,
350	32	Bourdalue	Bourdaloue
373	12	muito e avultados	muito avultados
385	17	tomada antes de assalto, que em regra e boa forma, já	tomada, antes do assalto que em regra e boa forma, que já
393	20	entrou	entro
400	32	justi ficarem	justificarem
411	24	cem	com
444	15	nome Ismael	nome de Ismael
448	15	Sichemitas	Sichimitas
449	8	Hebrou	Hebron
469	2	Vassallo	Vassallos